UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

HENRIQUE CANARY RODRIGUES

NOSTALGIA SOVIÉTICA:
MEMÓRIA E CULTURA NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA
(VERSÃO CORRIGIDA)

SÃO PAULO, 2021.

HENRIQUE CANARY RODRIGUES

**NOSTALGIA SOVIÉTICA:
MEMÓRIA E CULTURA NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA
(VERSÃO CORRIGIDA)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Pesquisa desenvolvida com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Bianchi

Coorientador: Prof. Dr. Daniel Aarão Reis

SÃO PAULO, 2021.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R696n Rodrigues, Henrique Canary
 Nostalgia soviética: memória e cultura na Rússia contemporânea / Henrique Canary Rodrigues; orientadora Maria de Fátima Bianchi - São Paulo, 2021.
 368 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Literatura e Cultura Russa.

 1. Nostalgia soviética. 2. Cultura russa. 3. Memória cultural. 4. União Soviética. I. Bianchi, Maria de Fátima, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do(a) orientador(a)

Nome do (a) aluno (a): Henrique Canary Rodrigues

Data da defesa: 06/10/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof^a Dr^a Maria de Fátima Bianchi

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO**, elaborado em atenção às sugestões dos membros da Comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08/11/2021

Prof^a Dr^a Maria de Fátima Bianchi

HENRIQUE CANARY RODRIGUES
NOSTALGIA SOVIÉTICA:
MEMÓRIA E CULTURA NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Bianchi | Coorientador: Prof. Dr. Daniel Aarão Reis

Banca examinadora:

Prof.(a) Dr.(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aprovado em: ____|____|____

AGRADECIMENTOS

A Valério Arcary e Suely Corvacho por terem plantado em mim a semente de uma ideia: voltar a estudar.

À professora Fátima Bianchi, que, muito mais do que uma orientadora, se tornou uma amiga e uma mentora.

Ao professor Daniel Aarão Reis pela minuciosa leitura e sugestões que ajudaram a tornar o trabalho mais fluido e a argumentação mais consistente.

Aos professores Bruno Gomide e Angelo Segrillo pelas valorosas observações feitas durante a banca de qualificação.

À professora Ekaterina Volkova Américo pelos gentis convites aos debates no Centro de Estudos Asiáticos (CEA-UFF), onde aprendi muito.

À professora Sônia Branco pela excelente disciplina *Fundamentos da modernidade russa: os intelectuais e o debate sobre literatura e realidade no Século 19*, que tanto me inspirou.

À professora Arlete Cavaliere pela oportunidade de contribuir com o projeto de extensão “Russo no Campus”.

Aos funcionários do DLO, da Secretaria de Pós-Graduação, da CCINT e da Secretaria de Cultura e Extensão, sempre tão gentis e tão importantes no processo de ensino e pesquisa.

Aos amigos do russo Priscila Nascimento Marques (agora docente da UFRJ!), Lucas Simone, Flávia Cristina Aparecida Silva e Rodrigo Alves do Nascimento pelas tardes de “medovik”, pela amizade, piadas e apoio.

Aos camaradas Gloria Trogo, Lucas Scaldaferri, Genilda Alves de Souza, André Freire, Ana Luísa Martins, Bernardo Lima, Vinicius Zapparoli, Alexandre de Oliveira Barbosa, Rodrigo Claudio, Gabriel Casoni, Caio Dias Garrido, Luisa D'Ávola, Mariana Caetano, Camila Lisboa, Pierre Alerrandro Fernandez, João Daniel Simões, Carolina Coltro e Felipe Demier pelo apoio incondicional ao projeto.

A meus pais Waldir da Silva Rodrigues e Maria Elvina Canary Rodrigues por terem incentivado em mim a curiosidade e a liberdade, e por apoiarem a ideia desde o início.

À minha irmã Juliane Canary Rodrigues por ser a minha melhor amiga.

A Patrícia por todo o amor e toda a compreensão.

RODRIGUES, Henrique Canary. **Nostalgia soviética: memória e cultura na Rússia contemporânea**. 2021. 368 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RESUMO

Desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, observa-se na Rússia um fenômeno que vários pesquisadores têm chamado de “nostalgia soviética”, ou seja, uma revalorização da experiência vivida pela Rússia entre 1917 e 1991. Essa visão romântica do passado penetra profundamente a sociedade russa contemporânea, influenciando fortemente a produção cultural do país, com uma multiplicidade de programas de TV, filmes, livros e outros produtos que remetem a uma visão positiva e sentimental do passado soviético, em oposição à visão negativa que predominou durante a década de 1990. Por meio da análise do programa televisivo *Namiédni – 1961-1991: Nacha era* (Trad.: *Recentemente – 1961-1991: Nossa era*), uma série documental sobre o passado soviético que foi ao ar na TV russa entre 1997 e 1998, a presente tese visa demonstrar que a nostalgia soviética surge como resultado mais ou menos espontâneo do desenvolvimento do país. O trauma das reformas liberalizantes da era Iéltsin fez com que as pessoas olhassem com outros olhos para o passado recente e passassem a revalorizar o período soviético. Mas a história não parou aí. No início dos anos 2000, com a ascensão de Pútín ao poder, o Estado russo entrou em cena e passou a se utilizar do sentimento nostálgico dos russos para promover uma “nova ideia nacional”, profundamente patriótica e nacionalista. Aquilo que era um mero lembrar se transformou em uma política cultural específica, voltada para o renascimento da grandeza passada. Nos termos em que coloca Svetlana Boym (2001), a *nostalgia reflexiva* (a saudade pura e simples) se transformou em *nostalgia restaurativa* (desejo de restauração do passado glorioso).

Palavras-chave: nostalgia soviética; cultura russa; memória cultural; União Soviética.

RODRIGUES, Henrique Canary. **Soviet nostalgia: memory and culture in contemporary Russia**. 2021. 368 pages. Thesis (PhD in Russian Culture and Literature) – University of São Paulo, São Paulo, 2021.

ABSTRACT

Since the late 1990s and the early 2000s, there has been a phenomenon in Russia that several researchers have called “Soviet nostalgia”, that is, a revaluation of the experience lived by Russia between 1917 and 1991. This romantic view of the past deeply penetrates contemporary Russian society, strongly influencing the country's cultural production, with a multiplicity of TV programs, films, books and other products that refer to a positive and sentimental view of the Soviet past, as opposed to the negative view that predominated during the 1990s. Through the analysis of the television program *Namiédni - 1961-1991: Nacha era* (Transl.: *Recently - 1961-1991: Our era*), a documentary series about the Soviet past that aired on Russian TV between 1997 and 1998, this thesis aims to demonstrate that Soviet nostalgia arises as a more or less spontaneous result of the country's development. The trauma of the liberalizing reforms of the Yeltsin era caused people to look at the recent past with new eyes and to revalue the Soviet period. But the story didn't stop there. In the early 2000s, with Putin's rise to power, the Russian state stepped in and started to use the Russians' nostalgic sentiment to promote a “new national idea”, deeply patriotic and nationalist. What was a mere remembering has become a specific cultural policy, aimed at the rebirth of past greatness. In the terms of Svetlana Boym (2001), *reflexive nostalgia* (pure and simple yearning) has been transformed into *restorative nostalgia* (desire to restore the glorious past).

Keywords: Soviet nostalgia; Russian culture; cultural memory; Soviet Union.

РОДРИГЕС, Энрике Канари. **Советская ностальгия: память и культура в современной России.** 2021. 368 стр. Диссертация (На соискание кандидатской степени по русской литературе и культуре) – Университет Сан-Паулу, 2021.

АННОТАЦИЯ

С конца 1990-х – начала 2000-х годов в России наблюдается явление, которое многие исследователи называют “советской ностальгией”, то есть, переоценка опыта, пережитого Россией в период с 1917 по 1991 год. Этот романтический взгляд на прошлое глубоко проникает в современное российское общество, сильно влияя на культурное производство страны, с множеством телепрограмм, фильмов, книг и других продуктов, которые относятся к положительному и сентиментальному взгляду на советское прошлое, в отличие от отрицательного взгляда, который преобладал в 1990-е. На основе анализа телевизионной программы *Намедни – 1961-1991: Наша эра*, документального сериала о советском прошлом, который транслировался по российскому телевидению в период с 1997 по 1998 г., эта диссертация призвана продемонстрировать, что советская ностальгия возникает как более или менее спонтанный результат развития страны. Травма либерализирующих реформ ельцинской эпохи заставила людей взглянуть на недавнее прошлое новыми глазами и переоценить советский период. Но на этом история не закончилась. В начале 2000-х, с приходом к власти Путина, российское государство стало вмешаться в дело и начало использовать ностальгические чувства россиян для продвижения “новой национальной идеи”, глубоко патриотической и националистической. То, что было просто воспоминанием, превратилось в особую культурную политику, направленную на возрождение былого величия. В терминах Светланы Бойм (2001) *рефлексивная ностальгия* (ностальгия в чистом виде) превратилось в *ресторативную ностальгию* (желание восстановить славное прошлое).

Ключевые слова: советская ностальгия; русская культура; культурная память; Советский Союз.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Incidência de casos de nostalgia entre soldados brancos da União.....	22
Tabela 2 – Incidência de casos de nostalgia entre soldados negros da União.....	22
Tabela 3 – Comparação dos principais indicadores econômicos e sociais no início e final dos anos 1990.....	64
Tabela 4 – Crescimento econômico e inflação por ano.....	65
Tabela 5 – Compreensão da população russa sobre democracia (1994).....	84
Tabela 6 – Pesquisas de opinião entre os cidadãos russos sobre os culpados pela Primeira Guerra da Tchetchênia.....	95
Tabela 7 – Relação com os anos 1990 em geral.....	106
Tabela 8 – Conceitos associados aos anos 1990 na memória coletiva dos russos.....	106
Tabela 9 – Como os anos 1990 aparecem na memória coletiva dos russos.....	107
Tabela 10 – Relação com a dissolução da URSS.....	117
Tabela 11 – Relação com a dissolução da URSS.....	118
Tabela 12 – Sentimentos relacionados com o adjetivo “soviético”.....	119
Tabela 13 – Principais associações com o adjetivo “soviético”.....	120
Tabela 14 – Razões do lamento pela dissolução da URSS.....	121
Tabela 15 – Possibilidade ou impossibilidade de reconstrução da URSS.....	124
Tabela 16 – Avaliação sobre a perestroika.....	125
Tabela 17 – Relação com as reformas dos anos 1980.....	126
Tabela 18 – Relação com Gorbachóv.....	126
Tabela 19 – Relação com Iéltsin.....	127
Tabela 20 – Relação com diferentes dirigentes pré-soviéticos, soviéticos e pós-soviéticos.....	141
Tabela 21 – Opinião sobre estabilidade mundial.....	142
Tabela 22 – Filmes que unem os russos.....	159
Tabela 23 – Canções que unem os russos.....	159
Tabela 24 – Fatos históricos que unem os russos.....	159
Tabela 25 – Atividades relacionadas ao centenário da Revolução de Outubro.....	232
Tabela 26 – Relação com a revolução como evento histórico.....	234
Tabela 27 – Relação dos russos com o feriado do Dia da Vitória.....	239
Tabela 28 – Forma de comemoração do Dia da Vitória entre os russos.....	240
Tabela 29 – Importância da vitória na Grande Guerra Patriótica para o país.....	241

Tabela 30 – Importância da contribuição dos países para a vitória na Segunda Guerra Mundial.....	241
Tabela 31 – Relação com a possível descoberta de fatos indesejáveis sobre a Grande Guerra Patriótica.....	243
Tabela 32 – Sentimentos, pensamentos e associações diante da Grande Guerra Patriótica.....	243
Tabela 33 – Utilização da vitória na Grande Guerra Patriótica para a educação patriótica da juventude.....	247

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – NOSTALGIA E MEMÓRIA.....	8
1.1 Nostalgia.....	8
1.1.1 O surgimento da nostalgia.....	8
1.1.2 A nostalgia no século 19.....	14
1.1.3 A nostalgia na Guerra Civil norte-americana.....	21
1.1.4 A nostalgia no século 20.....	25
1.1.5 Condições para o surgimento da nostalgia.....	27
1.1.6 Tipos de nostalgia.....	35
1.2 Memória.....	40
1.2.1 Função da memória.....	40
1.2.2 Caráter social da memória.....	44
1.2.3 Funcionamento da memória.....	48
1.2.4 Lembrança e esquecimento.....	51
1.2.5 Memória e história.....	56
1.2.6 Memória e cultura.....	60
CAPÍTULO 2 – AS BASES MATERIAIS DA NOSTALGIA REFLEXIVA NA RÚSSIA: OS “SELVAGENS 1990”.....	62
2.1 Pré-história da questão.....	63
2.2 Como se formou a Rússia de Iéltsin.....	67
2.3 A natureza geral das reformas.....	71
2.4 As privatizações.....	75
2.5 A crise econômica e social.....	78
2.6 A crise política.....	83
2.7 Os novos grupos sociais.....	86
2.8 A crise de 1998 e suas consequências.....	90
2.9 A Guerra da Tchetchênia.....	95
2.10 A mudanças no espaço: o caso de Moscou.....	97
2.11 Consequências gerais dos anos 1990.....	101
2.12 Consequências na memória coletiva.....	105
CAPÍTULO 3 – PANORAMA GERAL: A NOSTALGIA REFLEXIVA NA RÚSSIA.....	110
3.1 Antes da nostalgia soviética.....	110

3.2 A nostalgia soviética: a constatação do fenômeno.....	116
3.3 Razões da nostalgia soviética: trauma e crise de identidade.....	128
3.4 Características da nostalgia soviética.....	131
3.5 Objetos da nostalgia soviética.....	137
3.6 Onde se expressa a nostalgia soviética.....	143
3.7 Função da nostalgia soviética.....	158
3.8 A Segunda Guerra Mundial e o Regimento Imortal.....	160
3.9 Componente geracional.....	167
CAPÍTULO 4 – NAMIÉDNI 1961-1991 – NACHA ERA.....	170
4.1 Surgimento e história do programa.....	172
4.2 Formato e conteúdo do programa.....	177
4.3 A concepção de história em <i>Namiédni</i>	192
4.4 A visão de Parfionov sobre os “longos anos 1970”.....	198
4.5 A visão de Parfionov sobre a Rússia atual.....	205
4.6 Primeiras conclusões.....	208
CAPÍTULO 5 – NOSTALGIA RESTAURATIVA NA RÚSSIA	
CONTEMPORÂNEA: O PAPEL DO ESTADO.....	210
5.1 Em busca da “ideia russa”.....	213
5.2 O patriotismo como nova “ideia russa”.....	218
5.3 A política cultural e o novo conceito de cultura.....	222
5.4 Uma nova visão sobre a história.....	225
5.5 A Grande Guerra Patriótica como instrumento de Estado.....	237
5.6 O sentido geral da atual política de memória do Estado russo.....	250
5.7 Crítica à política de memória do Estado russo.....	254
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	258
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	266
ANEXO – FICHAS DE ANÁLISE DO PROGRAMA NAMIÉDNI.....	279

INTRODUÇÃO

Um menino soviético pergunta para a mãe:

– Mãe, *Lênin era bonzinho?*

– *Era* – responde a mãe.

– *E Stálin?*

– *Stálin era malvado.*

– *E Béria?*

– *Béria também era malvado.*

– *E Khruschóv?*

– *Que bobagem, menino, ficar perguntando 'bonzinho ou malvado?', 'malvado ou bonzinho?! Quando ele morrer, a gente vai saber!'*

Piada soviética do final dos anos 1950

Desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, observa-se na Rússia um fenômeno que vários pesquisadores (ZAVARCHÍNSKAIA, 2011) têm chamado de “nostalgia soviética”¹, ou seja, uma revalorização da experiência vivida pela sociedade russa entre 1917 e 1991. Essa nova visão – romantizada e sentimental – sobre o passado tem implicações em diversas áreas: da cultura à política, da diplomacia às relações interpessoais, do comércio à atividade legislativa.

Nos principais canais da TV russa, houve uma verdadeira explosão de programas em torno da temática soviética. O cinema russo dos últimos anos também tem refletido bastante o fenômeno, com dezenas de títulos dedicados à história do século 20, principalmente à Segunda Guerra Mundial. Renascem os feriados populares organizados pelo Estado que lembram em muito os festejos soviéticos, com sua decoração, sua música, suas danças e seus rituais. Pesquisas de opinião revelam que uma parte significativa dos russos encara com nostalgia a União Soviética e a maioria lamenta abertamente a sua dissolução. A linguagem dos telejornais parece reproduzir velhos jargões do período. O próprio comportamento dos líderes e os ritos do poder lembram o passado soviético. A nostalgia soviética penetra também o comércio de mercadorias. Renascem as marcas tradicionais de vodca, sorvete, suco, embutidos, iogurte, cerveja etc. Qualquer coisa que lembre “o cheiro e o gosto” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 29) da infância e juventude de milhões de russos. O mesmo acontece nos serviços. Cafés, bares e restaurantes adotam nomes como “URSS”, “Soviético”, “Nostalgia”, “Socialismo” e vários outros.

Levantamentos realizados pelo instituto Levada Tsentr, de Moscou, mapearam quais são,

¹ Do russo, “советская ностальгия” ou “ностальгия по советскому”. Também “ностальгия по СССР”.

exatamente, os objetos de nostalgia do povo russo. O resultado foi revelador. Em primeiro lugar, as pessoas sentem saudade das *grandes conquistas* da sociedade soviética, como as vitórias na corrida espacial e no esporte; em segundo, de aspectos isolados do *cotidiano*, como as “conversas na cozinha” (um costume tipicamente soviético) e as piadas; em terceiro, da *proteção social* oferecida pelo Estado, como a saúde e a educação gratuitas; em quarto, dos valores predominantes nas *relações pessoais*, como o espírito coletivo, a união pacífica e a amizade; em quinto, das conquistas *culturais*, como o cinema e o balé. No que diz respeito à identificação temporal da nostalgia soviética, o que predomina é a saudade da década de 1970, por ser ela considerada o período de maior estabilidade econômica e social na história da URSS, e também a época em que a produção de bens encontrou relativo florescimento, permitindo uma diversificação do consumo das famílias e um maior bem estar social.

Para a filósofa Natália Zaverchínskaia, não se trata de um renascimento político ou ideológico do comunismo, mas de um fenômeno essencialmente *existencial* e *humano*, de uma busca por ideias que possam preencher o vazio espiritual e moral deixado pela crise dos anos 1990:

[...] o cidadão da época pós-soviética, por se encontrar em uma atmosfera asfixiante de carência espiritual e déficit de ideais positivos, sente saudade dos valores soviéticos, que preenchiam a vida do cidadão soviético ao fornecer-lhe fé na razão, na liberdade e na irmandade de todas as pessoas. (ZAVERCHÍNSKAIA, 2011, p. 59)²

De um modo geral, podemos afirmar que a nostalgia soviética é a reação ao *trauma civilizacional*³ provocado pelo desmoronamento repentino de um modo de vida considerado estável e pela perda de enormes conquistas sociais por parte de uma parcela importante da população.

A memória dos anos passados coloca sobre a mesa o problema da *identidade nacional russa*. Esse problema penetra todas as esferas da vida do país, com grandes consequências no campo da cultura, sociedade, política interna e externa. Até o final da década de 1990, a tentativa de encontrar uma “ideia nacional” passava essencialmente pela reconstrução dos

² Para todos os livros, artigos, documentos, discursos e entrevistas que não sejam edições em português, a tradução é nossa. Cf. Referências bibliográficas.

³ Na presente tese, utilizaremos o conceito de civilização proposto por Norbert Elias em *O processo civilizador: uma história dos costumes*: “O conceito de 'civilização' refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos”. (ELIAS, 2011, p. 23)

vínculos culturais e civilizacionais com o passado tsarista. A “nova Rússia” de Iéltsin era, por um lado, a negação do passado soviético e, por outro, a reivindicação da história imperial. Não foi à toa o renascimento da bandeira tricolor ainda no final dos anos 1980 e da águia de duas cabeças no início dos anos 1990. Essa revalorização do “imperial” em oposição ao “soviético” teve sua expressão na produção cultural russa desse período. Tudo aquilo que era “soviético” adquiriu um sentido negativo, uma vez que simbolizava a relação do povo com o Estado burocrático, sua economia deficitária e seu sistema político antidemocrático. Essa realidade começou a mudar desde meados dos anos 1990, quando ficou evidente para a maioria da população russa que o liberalismo econômico e a democracia política de tipo ocidental não cumpriram as promessas feitas na época da perestroika e no início dos anos 1990. Desde então, observa-se na população um maior interesse pela história soviética, por sua cultura, sua estética e seus símbolos.

Observemos que outras sociedades que iniciaram a transição pós-capitalista, mas que tiveram seu modo de vida destruído pelos eventos do final da década de 1980 e início da década de 1990 também passam por um processo similar ao da nostalgia soviética. Basta citar os fenômenos da “Iugonostalgia” (nostalgia da Iugoslávia) e da “Ostalgia”⁴ (nostalgia da Alemanha Oriental). Esse mesmo processo é vivido em países como Albânia e Bulgária (TODOROVA; GILLE, 2010).

O fator geracional também incide sobre o fenômeno nostálgico: por um lado, ainda estão vivos aqueles que viveram a maior parte de suas vidas na URSS, que dedicaram a ela seus melhores anos e viveram o período de maior estabilidade do país e que hoje se encontram, em sua maioria, em uma situação social e econômica difícil (aposentados, pensionistas, veteranos de guerra); por outro, entra em cena uma geração mais jovem, nascida no final dos anos 1970, que viveu sua infância na URSS, mas que teve destinos muito diferentes do ponto de vista social e econômico e que se encontra hoje no auge de sua vida ativa. Os indivíduos dessa geração não têm nenhuma outra identidade comum, a não ser o fato de terem sido a última geração de crianças soviéticas e de terem apenas uma fraca lembrança das dificuldades enfrentadas nos anos 1980. De uma maneira ou de outra, o “soviético” permanece como uma identidade comum capaz de unir, até certo ponto, uma sociedade fragmentada pelas contingências da vida contemporânea e pela incerteza sobre o futuro.

A presente tese busca analisar o fenômeno da nostalgia soviética em seu contexto cultural, econômico, político e social. Nossa hipótese consiste no seguinte: a nostalgia soviética surge no

⁴ Do alemão Ost (leste) + Nostalgie (nostalgia).

final dos anos 1990 como resultado mais ou menos espontâneo do desenvolvimento do país. O trauma das reformas liberalizantes da era Iéltsin (queda brutal do nível de vida da população) fez com que as pessoas olhassem com outros olhos para o passado recente e passassem a revalorizar o período soviético na memória coletiva. Mas a história não parou aí. No início dos anos 2000, com a ascensão de Pútín ao poder, o Estado russo entrou em cena e passou a se utilizar do sentimento nostálgico dos russos para promover uma “nova ideia nacional”, profundamente patriótica e nacionalista. Aquilo que era um mero lembrar se transformou em uma política cultural específica, voltada para o renascimento da grandeza passada. Nos termos em que coloca Svetlana Boym (2001), a *nostalgia reflexiva* (a saudade pura e simples) se transformou em *nostalgia restaurativa* (desejo de restauração do passado glorioso).

O presente trabalho está dividido da seguinte forma:

O Capítulo 1, essencialmente teórico e histórico, é composto de duas partes. Na primeira, tratamos do conceito de nostalgia em si, sua história e desenvolvimento. Nos interessa também aí a distinção entre *nostalgia reflexiva* e *nostalgia restaurativa*, dado que essa diferenciação terá grande importância na demonstração de nossa hipótese. Utilizaremos sobretudo os trabalhos da pesquisadora russo-norte-americana Svetlana Boym e seu já clássico *The future of nostalgia*. A segunda parte do capítulo está dedicada ao problema da memória, fundamentalmente o caráter social da mesma. Para tanto, utilizaremos as elaborações de Maurice Halbwachs e sua obra de referência *A memória coletiva*. Veremos sob quais condições os grandes grupos humanos lembram e esquecem determinados fatos e como a cultura se constitui, principalmente, em um espaço de memória comum. Trataremos também do chamado “movimento senoidal da memória” (ondas de lembrança e esquecimento observadas em escala social), conceito proposto pelo semioticista da cultura Iuri Lotman (1992, p. 201) e que ajuda a explicar nosso ponto de vista.

O Capítulo 2 trata das bases materiais para o surgimento da nostalgia soviética, quer dizer, da crise social, política e econômica que se abateu sobre a Rússia ao longo dos anos 1990, fruto das reformas liberalizantes de Iéltsin. Estudaremos como essas mudanças se manifestam nos fenômenos da memória. Veremos como a nova memória sobre a União Soviética se forma, em muito, como oposição ao trauma dos “selvagens 1990”. Nesse capítulo utilizaremos algumas elaborações contidas em *O Capital*, de Karl Marx, e em *A revolução traída*, de Leon Trótski, que nos ajudarão a entender o processo de transformação social que resultou no surgimento de uma sociedade capitalista a partir de uma economia planificada não-capitalista. Também nos será de grande ajuda o livro *A restauração na Rússia*, do sociólogo russo Boris Kagarlitski.

O Capítulo 3 introduz efetivamente o tema da nostalgia soviética. A partir da análise da produção cultural russa dos anos 1990, 2000 e 2010, veremos as características e consequências mais imediatas da nostalgia soviética no imaginário popular. Analisaremos as pesquisas de opinião que nos ajudam a entender o que pensa o russo médio sobre o passado soviético e como isso se expressa em seu entendimento sobre o presente e o futuro do país. Nesse capítulo, teremos como uma importante fonte os institutos russos que realizam periodicamente pesquisas de opinião sobre temas relacionados ao passado soviético. Nesse requisito, podemos citar o Centro Pan-Russo de Pesquisas de Opinião Pública (VTsIOM)⁵ e o Levada-Tsentr⁶.

O Capítulo 4 está dedicado à análise do programa *Namiédni – 1961-1991: Nacha era* (Trad.: *Recentemente – 1961-1991: Nossa era*)⁷, produzido e apresentado pelo jornalista Leonid Parfiônov entre 1997 e 1998 no canal russo NTV. Tal análise se justifica pelo fato de que essa série documental foi uma das primeiras e mais importantes manifestações da nostalgia soviética na cultura russa. O projeto tinha como objetivo reconstruir, na forma de um documentário, os últimos 31 anos da história soviética. Porém, ao invés de abordar a política e a economia, como é comum nas séries documentais históricas, Parfiônov decidiu relembrar a moda, a música, o estilo de vida, a cultura, a literatura, o cotidiano e outros aspectos familiares do período soviético. Assim, *Namiédni* tornou-se uma espécie de paradigma de como o período soviético deveria ser lembrado pelos russos. *Namiédni* pode ser considerado uma manifestação típica da nostalgia *reflexiva*. Além disso, teve enorme influência na TV russa dos anos 1990 e 2000. Veremos também algumas das concepções de Leonid Parfiônov sobre o passado soviético, bem como seus pontos de vista sobre a Rússia contemporânea. Tudo isso nos ajudará a caracterizar melhor a nostalgia reflexiva típica dos anos 1990 e início dos anos 2000. Para a análise do programa, utilizaremos os conceitos elaborados pelo teórico inglês da comunicação Raymond Williams em seu clássico *Televisão: tecnologia e forma cultural*.

Como dito acima, *Namiédni* é considerado um marco no fenômeno da nostalgia soviética. Buscaremos analisar o papel desse projeto sobre a memória coletiva da sociedade russa: a evolução do programa ao longo do tempo, seu conteúdo, sua estética, a repercussão na imprensa, as lembranças resgatadas, outros programas a que deu origem (“*spin-offs*”), a influência sobre outras áreas da cultura e dos costumes. O impacto de *Namiédni* pode ser comprovado pelo fato de que, desde sua estreia, em 1997, ele já foi reprisado quatro vezes na TV russa (2011-2012, 2012-2013, 2014-2016 e 2017). Além disso, deu origem a uma coleção (8 tomos) de livros ilustrados sobre a história cultural da

⁵ Em russo, Всероссийский Центр Изучения Общественного Мнения.

⁶ Em russo, Левада-Центр.

⁷ Em russo, Намедни – 1961-1991: Наша эра

URSS entre 1961 e 1991 e a outras séries televisivas similares, também dedicadas ao resgate da cultura e da memória soviéticas. O projeto *Namiédni* é objeto constante de debates em fóruns, teses, livros e artigos acadêmicos. Utilizaremos ainda como fontes entrevistas e artigos de Leonid Parfiônov, bem como nos apoiaremos na análise de especialistas.

Por fim, o Capítulo 5 se dedica a demonstrar como a nostalgia *reflexiva* é transformada em nostalgia *restaurativa* pela ação da política cultural e de memória implementada pelo Estado russo a partir do início dos anos 2000. Analisaremos o desenvolvimento da “ideia russa” desde o século 19 até o presente momento e como a nova política cultural russa se apoia na nostalgia soviética para formar um certo consenso social e político em torno de Pútín. Veremos o papel das comemorações da vitória na Segunda Guerra Mundial como um dos componentes centrais da nova política patriótica do Estado russo. Nosso objetivo aí será vislumbrar a metamorfose da nostalgia reflexiva em nostalgia restaurativa. Para tanto, nos apoiaremos em artigos, discursos e declarações de membros do Estado, principalmente do próprio Vladimir Pútín, bem como em alguns documentos oficiais.

É importante alertar para o fato de que o autor da presente pesquisa foi também participante ativo de alguns dos eventos aqui descritos. Cheguei à Rússia em agosto de 1996, apenas cinco anos após o colapso da União Soviética, e lá permaneci até 2003. Testemunhei, pelo menos em parte, o surgimento da “nova Rússia” e a ascensão de Pútín ao poder. Estive junto com os mineiros de Vorkuta na Ponte Corcunda quando eles decidiram que era hora de derrubar Iéltsin em 1998; junto com a juventude russa, protestei em frente à embaixada norte-americana em Moscou em 1999, quando a OTAN bombardeou a Sérvia; assisti desde a Praça Vermelha ao primeiro discurso de Vladimir Pútín como presidente interino da Federação Russa na noite de 31 de dezembro de 1999; vi o surgimento e o crescimento do sentimento nostálgico na sociedade russa a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Nas conversas que tinha naqueles tempos, era cada vez mais frequente a reivindicação de “renascimento da URSS” (“Возрождение СССР”). Essa era a palavra de ordem mais comum na boca de ativistas políticos e colegas de universidade, bábuchkas e desempregados, aposentados e intelectuais. Desde então, nunca desisti de tentar entender esse processo. Assim, este trabalho é, também, uma espécie de prestação pessoal de contas, uma tentativa de organizar certas memórias e produzir algum conhecimento. Não possuo a pretensão de uma pesquisa definitiva. Desejo apenas ter feito um trabalho intelectualmente honesto, que esteja de acordo com as boas práticas da investigação em ciências humanas.

A presente tese pretende-se interdisciplinar. Recorri à história, à sociologia, à psicanálise, à economia política, à teoria da comunicação e à semiótica, talvez nem sempre com o mesmo grau de

sucesso. De qualquer forma, espero que esse procedimento ajude no esclarecimento do problema proposto e na comprovação da hipótese levantada.

Em anexo ao texto básico, seguem 31 fichas de análise do programa *Namiédni*, uma para cada episódio (1961-1991). Tais fichas, que analisam o fluxo temático do seriado, dão uma visão detalhada dos assuntos abordados pelo programa e ajudam a compreender como ele influenciou o fenômeno nostálgico na Rússia.

CAPÍTULO 1

NOSTALGIA E MEMÓRIA

*O médico perguntou:
– O que sentes?
E eu respondi:
– Sinto lonjuras, doutor. Sofro de distâncias.*

Denison Mendes, *Bonsais Atômicos*

1.1 NOSTALGIA

1.1.1 O SURGIMENTO DA NOSTALGIA

A saudade, em especial a saudade do lar, é parte fundamental das experiências subjetivas do gênero humano. Por um lado, o comportamento nômade parece ter sido impulsionado pela seleção natural como o mais apropriado para a preservação de grupos e populações de *homo sapiens* ao longo de todo o paleolítico. As mudanças climáticas abruptas e a profunda dependência do homem em relação à natureza na aurora de nossa espécie fizeram com que a migração se tornasse, em muitos casos, a melhor alternativa de sobrevivência. Mais tarde, esse ímpeto desbravador foi incorporado à cultura, e passou a ser transmitido às novas gerações por meios também culturais (SAGAN, 1994). Por outro lado, até onde o registro histórico nos permite julgar, de onde quer que saísse e para onde quer que fosse, o homem parece nunca ter deixado de sonhar com o regresso à sua terra natal. Na mitologia e na literatura universais, as grandes histórias de viagens e aventuras convivem quase sempre com o desejo ou sonho de retorno do herói. Menções a esse sentimento são encontradas em textos produzidos desde a Antiguidade, sendo a *Odisseia* de Homero o mais famoso deles, ainda que possamos citar também a *Bíblia*, os poemas do exílio de Ovídio (43 a.C.-17 ou 18 d.C.) e vários outros (SEDIKIDES et al., 2008).

Apesar de ser um sentimento muito antigo, a saudade não foi objeto específico da literatura, da ciência ou da história até a Modernidade. Isso é assim porque a própria subjetividade humana só se tornou consciente de si mesma com a Modernidade. Se, por um lado, a saudade é um sentimento que atravessa todas as eras históricas, por outro, a *reflexão sobre a saudade* é específica da Modernidade. Na *Odisseia*, por exemplo, sabemos que Ulisses tem saudade, mas isso nos é informado principalmente por seus atos. Seu mundo

interior permanece fora do horizonte da narrativa e chega até nós apenas indiretamente (DAHL, 2016).

A saudade do lar e o desejo de retorno adquiriram uma dimensão impossível de ser ignorada pelo registro histórico a partir das grandes guerras da Era Moderna, devido ao deslocamento de enormes contingentes de soldados por longos períodos e para territórios extremamente distantes, segundo critérios da época. Durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), entre os soldados espanhóis que lutavam na região de Flandres, observou-se o que se chamou de *mal de corazón* (DIEGO; OTS, 2014), uma espécie de antecessor direto da nostalgia, mas que não gerou, naquele momento, nenhuma reflexão científica importante.

O termo nostalgia é a junção de duas palavras de origem grega: νόστος (*nóstos* – “volta, caminho, marcha, viagem”) e άλγος (*álgos* – “dor, sofrimento”) (ISIDORO PEREIRA, 1984). Seria, portanto, a dor provocada pelo desejo de retornar ao lar, pressupondo-se a impossibilidade de fazê-lo por algum motivo. A palavra foi proposta pela primeira vez pelo estudante suíço de medicina Johannes Hofer (1669-1752), em uma tese denominada *Dissertatio Medica de Nostalgia oder Heimweh* (*Dissertação Médica de Nostalgia ou Saudade do Lar*), apresentada à Universidade da Basileia em 22 de junho de 1688 para a obtenção do grau de médico (STAROBINSKI, 1961 apud DIEGO; OTS, 2014).

Observemos de início que a segunda parte do título da dissertação de Hofer (*oder Heimweh*) está em alemão, uma vez que essa palavra (*Heimweh* – saudade do lar) já era corrente na Suíça do século 18 e Hofer desejava justamente propor um termo alternativo a esse (DIEGO; OTS, 2014). A tese de Hofer analisava, a partir de relatos de terceiros, trazidos do campo de batalha, quatro casos de mercenários suíços que serviam na França e na Alemanha acometidos da estranha doença, e reunia ainda uma série de observações clínicas de pacientes civis (ANDERSON, 2010, p. 252).

Hofer observou que a enfermidade se manifestava, primeiro, em uma mudança de comportamento do paciente, o que poderia ser considerado um pródromo da doença: rejeição dos costumes estrangeiros, tendência ao isolamento, uma sensação exacerbada de injustiça, frustração e uma propensão a enaltecer a terra natal e desdenhar outras culturas e países (DIEGO; OTS, 2014). Hofer notou também que os soldados suíços ficavam emotivos com o soar dos sinos das vacas no campo e alguns pediam insistentemente a seus superiores sopa e leite da região dos Alpes (DAHL, 2016). A rigor, qualquer objeto ou cena poderia desencadear uma crise nostálgica. Como observa Svetlana Boym (2001, p. 4), “[...] sopas maternas

rústicas, leite integral do campo e melodias folclóricas dos vales alpinos eram particularmente capazes de detonar uma reação nostálgica nos soldados suíços”.

A partir daí, uma série de sintomas se manifestavam: apatia, pesadelos, tristeza profunda, insônia, obsessão com a ideia do lar, angústia, letargia, alucinações, soluços durante o sono, problemas digestivos, interrupção do fluxo menstrual em mulheres, perda de apetite, fraqueza, febre, dificuldade de respirar, diarreia, problemas pulmonares, lesões espontâneas, arritmia cardíaca, recusa a se alimentar, perda de peso, sede insaciável, edema cerebral (DIEGO; OTS, 2014). Nos casos mais graves, o paciente vinha a óbito, principalmente devido à recusa à alimentação. Em outros casos, os doentes fugiam para retornarem às suas regiões e, uma vez capturados, eram punidos com a pena de morte (DAHL, 2016).

Svetlana Boym (2001, p. 3-4) sintetiza assim a questão:

Dizia-se que a nostalgia produzia “representações errôneas” que levavam o doente a perder contato com o presente. A saudade da terra natal tornava-se sua única obsessão. O paciente apresentava “um semblante abatido e sem vida” e “indiferente em relação a tudo”, confundindo passado e presente, realidade e eventos imaginários. [...] Nesse sentido, a nostalgia era similar à paranoia.

Jamais se chegou a um acordo sobre a origem ou *locus* da doença (BOYM, 1999). As hipóteses iam desde demônios que habitavam o cérebro até o tilintar dos sinos das vacas, que supostamente afetavam o labirinto e as células cerebrais (SEDIKIDES et al., 2008). Hofer, por sua vez, inclinava-se para a hipótese de que o distúrbio se originava no mesencéfalo (ANDERSON, 2010, p. 252), região do cérebro que é responsável pelas funções de visão, audição e movimentos do corpo, entre outras. Daí as tonturas, a sensibilidade a certos ritmos ou ruídos e o descontrole de algumas funções fisiológicas que caracterizavam a enfermidade. Hofer notou ainda que as pessoas mais propensas a contrair o mal eram os jovens de ambos os sexos que haviam vivido uma vida isolada com poucas relações sociais (DIEGO; OTS, 2014). Como tratamento, propunha limpeza estomacal, visitas aos Alpes, sangria (inclusive com sanguessugas), ópio e até mercúrio. Caso nenhum desses tratamentos funcionasse, uma dispensa definitiva do exército era admissível (SEDIKIDES et al., 2008).

A denominação da nova doença identificada por Hofer constitui um capítulo à parte, pois implica um debate não apenas no terreno da nosotaxia propriamente dita, mas também uma discussão filosófica e histórica. Antes da publicação da tese de Hofer, outros termos já haviam sido propostos, como *pothopatridalgia*, *nostomania* e *philopatridomania*, sendo que

nenhum deles chegou a se tornar corrente nos meios científicos. Além disso, existiam termos leigos que circulavam em distintos idiomas, como os já citados *Heimweh* alemão e o *mal de corazón* espanhol, além do francês *maladie du pays* (DIEGO; OTS, 2014). A limitação de todas essas expressões é que nenhuma delas era suficientemente *universal* para abarcar a novidade do fenômeno. Ao contrário, eram termos *de um povo específico* em referência à saudade que sentiam *de um país específico*. É importante lembrar (essa ideia será retomada mais adiante) que nos encontramos no período de consolidação dos Estados nacionais, com suas características nacionais particulares. Assim, a saudade que o espanhol sentia da Espanha era diferente da saudade que o francês sentia da França e que o suíço sentia da Suíça, o que implicava uma dificuldade adicional (cultural) na tradução desses termos. Ao afastar-se das palavras já existentes, a proposta de Hofer adquiriu uma universalidade e uma força que nenhuma proposta anterior tivera. Como observa agudamente Svetlana Boym (2017, p. 153): “A palavra nostalgia, a despeito de suas raízes gregas, não teve origem na Grécia antiga. Nostalgia é apenas falsamente grega, ou *nostalgicamente grega*” (grifo nosso). Em outras palavras, Hofer colocou no próprio termo que inventou um pouco do fenômeno que buscava representar.

Eis como o médico suíço justifica sua escolha:

[...] pensando sobre o nome mais conveniente para essa definição, me ocorreu a palavra nostalgia, grega em sua origem e composta de duas partes: *nostos*, retorno para a terra natal; e *algos*, sofrimento ou aflição. Dessa forma, a nostalgia descreve a melancolia que se origina do desejo de alguém de retornar à sua pátria. (HOFER, 1934, p. 380-381)

A tese de Hofer, elaborada quando o autor tinha 19 anos, permaneceu por muito tempo como a mais importante contribuição ao tema e uma referência obrigatória para uma série de áreas que viriam a se desenvolver mais tarde, como a psiquiatria forense e outras. A força de sua tese residia no fato de que ela era muito mais do que uma descoberta casual ou a feliz escolha de uma nova denominação para um velho fenômeno. A tese de Hofer era a expressão (ainda não totalmente consciente) de um novo fenômeno característico da Modernidade. Como assinala Natali (2004, p. 10), “[...] algo novo – um novo modo de sentir ou um novo modo de pensar sobre um velho sentimento – estava entrando no mundo”.

Svetlana Boym expressa essa mesma ideia em termos de expansão de uma experiência antes restrita a determinadas camadas da sociedade e que agora, com o surgimento dos

Estados nacionais e com a mobilização de grandes massas populares (principalmente camponesas) para guerra, adquiria uma dimensão verdadeiramente massiva, afetando assim todo o tecido social:

Ao contrário da melancolia, que era considerada uma enfermidade de monges e filósofos, a nostalgia era uma doença mais “democrática”, que ameaçava contaminar soldados e marinheiros deslocados para longe de suas casas, bem como muita gente do campo que começava a se mudar para as cidades. A nostalgia não era meramente uma ansiedade individual, mas uma ameaça pública que revelava as contradições da Modernidade e adquiria uma importância política cada vez maior. (BOYM, 2001, p. 5)

Em 1710 a dissertação de Hofer foi republicada por Theodor Zwinger III (1658-1724) nos *Fasciculus Dissertationum Medicarum Selectorium*, mas com algumas modificações, inclusive no título, onde a palavra nostalgia foi substituída por pothopatridalgia. Zwinger também agregou um estudo de caso e uma análise da melodia suíça *Kühreihen* ou *Ranz des Vaches*, que, segundo ele, costumava provocar episódios de nostalgia nos soldados suíços. Finalmente, em 1934, o trabalho do médico suíço foi traduzido ao inglês por Carolyn Kiser Anspach para o *Bulletin of the Institute of History of Medicine* (DIEGO; OTS, 2014).

Tomando-se o conceito de Hofer, é interessante analisar, ainda que rapidamente, o caso do Brasil. Num país construído sobre a base do tráfico de homens e mulheres escravizados, que junto com isso abrigou refugiados da pobreza e das guerras europeias do século 19 e que conta com uma grande migração interna, sobretudo das regiões norte e nordeste para o sul e sudeste, a saudade e o sonho de retorno são parte integrante da cultura, e também aqui adquiriram traços de enfermidade. Os africanos escravizados criaram uma palavra específica para essa doença: *banzo*, em kimbundu. Em 1793, em um trabalho apresentado à Real Academia das Ciências de Lisboa, o advogado Luis Antonio de Oliveira Mendes assim formulou (ao que parece pela primeira vez na literatura científica em língua portuguesa) os traços gerais da doença que acometia a população africana submetida à escravidão no Brasil (a pontuação original foi preservada):

Uma, e das principais moléstias crônicas, que sofrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva à sepultura, vem a ser o *banzo*. O *banzo* é um ressentimento entranhado por qualquer princípio, como por exemplo: a saudade dos seus, e da sua pátria; o amor devido a alguém; à ingratidão, e aleivosia, que outro lhe fizera; a cogitação profunda sobre a perda da liberdade; a meditação continuada da aspereza com que os tratam; o mesmo

mau trato, que suportam; e tudo aquilo que pode melancolizar. É uma paixão da alma, a que se entregam, que só é extinta com a morte: por isso disse que os pretos africanos eram extremosos, fiéis, resolutos, constantíssimos, e susceptíveis no último extremo do amor, e do ódio. (MENDES, 2018, p. 370)

A tese de Hofer permaneceu como uma hipótese exclusivamente médica durante todo o século 18 e uma parte do século 19, quando então produziu-se um deslocamento na compreensão do fenômeno. Esse deslocamento (que será abordado mais adiante) foi de alguma forma antecipado por Jean Jaques Rousseau (1712-1778) ainda no século 18. Em 1768, Rousseau publica o seu *Dictionnaire de Musique*. No verbete mais importante (*Musique*), o filósofo francês inclui uma análise da melodia típica suíça *Ranz des Vaches* (grafada então como *Rans-des-Vaches*), onde afirma:

Eu reúno na mesma categoria a famosa *Rans-des-Vaches*, essa famosa melodia, tão querida pelos suíços que chegou a ser proibida, sob pena de morte, de ser tocada por suas tropas, pois ela fazia cair em prantos, desertar ou morrer àqueles que a escutavam, de tanto que animava neles o desejo fervoroso de rever sua terra. Nós buscaríamos em vão, nessa melodia, as notas enérgicas capazes de produzir efeitos tão impressionantes. Esses efeitos, que não acontecem com os estrangeiros, vêm apenas do hábito, das lembranças, das milhares de circunstâncias que, recontadas por essa melodia àqueles que a escutam, e que os fazem lembrar de seu país, de seus antigos gostos, de sua juventude e de todo seu modo de vida, inspiram neles o amargo temor de terem perdido tudo isso. Assim, a música não faz nada enquanto música, mas sim enquanto signo memorativo. Essa melodia, ainda que seja a mesma, não produz mais, hoje em dia, os mesmos efeitos que produzia antes entre os suíços: já que, tendo perdido o gosto por sua antiga simplicidade, eles não mais sentem sua falta quando ela lhes é lembrada. Isso tanto é certo, que não é em sua ação física que se deve buscar os grandes efeitos dos sons sobre o coração humano. (ROUSSEAU, 1768, p. 317)

Deixemos de lado, por enquanto, a impressionante informação trazida por Rousseau de que a simples reprodução da *Ranz des Vaches* entre os soldados suíços era passível de punição com a pena de morte, pois não há outras fontes que o confirmem. O mais importante aqui é a opinião por ele expressa de que o efeito nostálgico provocado pela *Ranz des Vaches* não é de natureza fisiológica, como seria, por exemplo, aquele provocado por um som muito alto ou em uma frequência agressiva ao ouvido humano, mas sim de natureza espiritual. Trata-se, muito mais do que de uma ação direta, de uma ação *indireta*, de uma determinada *relação* feita pelo cérebro humano entre a canção escutada e o passado distante. É, portanto, como o

diz claramente Rousseau, um fenômeno *mnemônico* (da memória), e não fisiológico. Dessa forma, há uma ampliação do conceito de nostalgia, que no trecho acima citado significa uma saudade não apenas de um *lugar*, mas sobretudo de um *tempo* distante: a infância, a juventude etc. Por fim, Rousseau agrega mais um elemento: a nostalgia manifesta-se principalmente onde existe também o *medo da perda*, a angústia da possibilidade de nunca mais voltar ao lugar ou ao tempo perdidos. Assim, o conceito de nostalgia aqui desenvolvido pelo filósofo suíço (embora ele não use diretamente essa palavra, mas refere-se claramente a ela, pois analisa justamente uma melodia que havia sido objeto dos estudos médicos sobre a nostalgia) aproxima-se bastante do seu conceito contemporâneo, que há muito tempo deixou o âmbito da medicina e da fisiologia para adentrar no terreno da literatura, da filosofia e das ciências humanas em geral.

1.1.2 A NOSTALGIA NO SÉCULO 19

O primeiro quartel do século 19 forneceu para os estudiosos da nostalgia como enfermidade física um campo praticamente infindável de estudo e experimentação. As Guerras Napoleônicas significaram uma ampliação do esforço militar de várias nações, deslocando para toda a Europa, Mar do Norte, Mar Mediterrâneo, Norte da África e América grandes contingentes de soldados. Além disso, a própria natureza desse conjunto de guerras está ligada ao *nacionalismo*, portanto, à exacerbação de um sentimento de pertencimento à terra, identidade e cidadania. Assim, estavam dadas todas as condições para que a nostalgia se manifestasse com grande força ao longo desses conflitos.

Segundo Filiberto Fuentesnebro de Diego e Carmen Valiente Ots (2014), um surto de nostalgia se abateu sobre o exército francês no final do século 18 e início do século 19, resultando em uma onda de deserções. Também nesse período começam a ser publicados os primeiros estudos e observações médicas feitas diretamente no campo de batalha (lembremos que a tese de Hofer se baseava em relatos de terceiros), o que coloca o problema da nostalgia em um novo patamar (DIEGO; OTS, 2014). A primeira tese escrita e defendida em francês sobre o tema foi a de Denis Guerbois (1775-1838), cirurgião de campanha que serviu na região do Reno e na Itália, defendida em 1803 e que se chamava *Essai sur la nostalgie, appelée vulgairement maladie du pays* (DIEGO; OTS, 2014). Em seu trabalho, Guerbois defendia a tese de que a cura para a nostalgia residia em reacender no paciente a esperança de

que ele voltaria a ver sua terra natal e permitir, em certos casos, um afastamento temporário para uma visita à região de origem (DIEGO; OTS, 2014).

No mesmo período, Ducrest de Lorgerie, médico francês que serviu junto ao Exército Napoleônico, publicou uma tese similar, na qual dividia a nostalgia em três fases, sendo a primeira caracterizada principalmente por uma espécie de fraqueza geral, a segunda pela ação nostálgica (discurso, tentativa de fuga etc.), e a terceira pela morte, que poderia ocorrer devido à debilidade do corpo (DIEGO; OTS, 2014).

Dominique Jean Larrey (1766-1842), que também serviu na *Grande Armée*, além de aceitar a divisão da doença em três estágios, como propunha Lorgerie, associava a nostalgia a um distúrbio do sistema linfático e ao clima frio e úmido (DIEGO; OTS, 2014). Para Larrey era isso que explicava que os episódios nostálgicos se concentrassem, sobretudo, nos meses de outono e inverno. Larrey fez ainda uma importante observação: notou que a memória dos doentes era distorcida pela doença, pois os soldados tendiam a esquecer a pobreza e as mazelas das terras de onde tinham partido. A ideia de uma doença que se desenvolve em três fases, sendo a terceira o desenlace fatal, parece ter sido bastante corrente entre os médicos que se dedicaram ao assunto ao longo do século 19. Essa mesma abordagem foi defendida, por exemplo, por Joaquim Manuel Macedo em sua tese *Considerações sobre a nostalgia*, defendida em 1844 na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MACEDO, 1844).

Uma das questões debatidas ao longo de todo o período das Guerras Napoleônicas era a diferenciação entre os sintomas reais e os fingidos, já que uma das solicitações frequentes dos enfermos era a de baixa do exército. Nesse âmbito, concluiu-se que os médicos de campanha deveriam, regra geral, confrontar as queixas subjetivas do paciente com os sintomas clinicamente mensuráveis, como a variação de peso, o ritmo cardíaco e o comportamento do intestino (DIEGO; OTS, 2014).

Mas a guerra nacional de grandes proporções não foi a única novidade do século 19. Muitas outras transformações foram observadas nesse período e influenciaram no desenvolvimento do conceito de nostalgia e sua posterior ampliação. Uma dessas novidades foi o estabelecimento de uma nova relação com o passado, a partir de grandes descobertas históricas, arqueológicas, linguísticas etc. Essas descobertas resultaram tanto em uma ampliação geral dos conhecimentos sobre o passado quanto em sua imobilização em acervos museológicos, documentais e outros.

Como nos lembra Svetlana Boym (2017, p. 158-159):

Na metade do século 19, a nostalgia institucionalizou-se em museus nacionais e provinciais, instituições patrimoniais e monumentos urbanos. O passado não era mais desconhecido ou desconhecível. O passado tornou-se “patrimônio”. O ritmo acelerado da industrialização e modernização aumentou a intensidade do desejo popular por ritmos mais lentos do passado, por coesão social e tradição. Porém, essa obsessão com o passado revelou um abismo de esquecimento e acabou surtindo efeito inverso à sua própria preservação. Como sugeriu Pierre Nora, lugares de memória, ou *lieux de mémoire*, são institucionalmente criados quando os meios de memória, os *milieux de mémoire*, desaparecem (NORA 1989, p. 7-24). É como se o ritual comemorativo pudesse ajudar a compensar a irreversibilidade do tempo.

No plano prático-político, a disseminação dos museus liga-se à necessidade de acionar meios de coesão nacional, reconstituindo ou mesmo “inventando” passados a serem reverenciados. Já no terreno subjetivo-existencial, essa espécie de “museificação do passado”, forma específica através da qual se dá a obsessão pela história na metade do século 19, revela, por um lado, um *esquecimento coletivo* que precisa ser compensado por uma rede de museus e outras instituições memorativas. Por outro lado, o museu é, por si só, a própria imagem do estático, em oposição ao ritmo acelerado que adquire a vida urbana nesse período. Por isso, a lembrança ocorre pela via da captura e imobilização do passado, o que remete o sujeito não apenas a outro tempo, mas também a *outro ritmo de vida*, tão “perdido para sempre” quanto a sua infância ou juventude. Assim, a relação com o passado muda, entre outras coisas, porque o próprio passado muda. As memórias, antes comunicáveis pela via oral, por mitos ou através de uns poucos registros históricos, se transformam agora em coisas palpáveis, em objetos recuperados pela ciência. A lembrança imaterial perde espaço para a “herança”, que precisa ser preservada e transmitida às novas gerações. O século 19 é o século da busca por civilizações perdidas, uma espécie de “boom da memória” (esse conceito será retomado mais adiante, quando falarmos da Rússia contemporânea), e o mais importante: é o tempo de uma nova sensibilidade, ainda não totalmente definida, para com o passado.

Além disso, o século 19 se caracterizou também pela ampliação da indústria na Europa e suas consequências: aprofundamento da decadência da vida rural em benefício do crescimento das cidades e uma espécie de “aceleração geral do tempo”, que passava a ser contado agora não mais em termos de ciclos naturais, mas pelo frio cronômetro da fábrica e pelo relógio da cidade.

Maria Rita Kehl (2009, p. 125-126) descreveu esse processo de aceleração geral do

tempo ao abordar o problema da depressão no século 21:

Em uma sociedade predominantemente agrária, havia uma lentidão nos atos e nas atividades da vida cotidiana que marcavam uma temporalidade mais distendida. Somente no fim da Idade Média o desenvolvimento das cidades, marcado pela intensificação da produção artesanal e das trocas comerciais, começaria a exigir uma outra relação dos homens com o tempo. [...]

Durante os séculos 14 e 15, novos relógios, ainda desprovidos dos ponteiros dos minutos, começam a ser instalados não mais nas torres das igrejas, mas nas das prefeituras municipais, e marcando “uma verdadeira revolução na percepção do tempo social”. O tempo do comércio, com suas exigências próprias, foi aos poucos substituindo o tempo da Igreja. De lá para cá, o tempo humano nunca mais deixaria de ser contado em dinheiro. Quatro séculos depois da invenção dos primeiros relógios, a Revolução Industrial passaria a regular o tempo em função do trabalho mecânico, isto é, da produtividade. [...]

Se existe uma relação entre o estado subjetivo que os antigos chamavam de melancolia e a percepção do tempo [...], essa relação se expressa de maneira dramática na lentidão dos depressivos contemporâneos, incapazes de atender à urgência das demandas do Outro.

No terreno da cultura, o século 19 corresponde ao ascenso do romantismo, com sua ênfase no indivíduo e na exacerbação do sentimento, além da idealização e valorização do sofrimento. Como resultado, a melancolia, esse luto patológico “em que o apego à marca mnêmica do objeto perdido parece não ter fim” (KEHL, 2009, p. 204), assume as funções de uma espécie de “mal do século”, criando uma série de variantes e manifestações particulares de si mesma. Uma dessas manifestações particulares da melancolia é a nostalgia. Por isso, podemos afirmar que a nostalgia enquanto emoção histórica que não se confunde com um mal fisiológico nasce exatamente com o romantismo.

Em um terreno mais prático da vida europeia, o século 19 caracteriza-se por um importante movimento migratório em direção aos Estados Unidos e à América Latina, devido à pobreza e às guerras europeias. Esse fenômeno, que cria nos países de destino uma massa de “deslocados” comparável à das grandes guerras, resulta também em nostalgia. Nesse caso, o sentimento nostálgico deve-se à quase certeza que os refugiados têm de que nunca mais tornarão a ver sua terra natal. Cumpre notar também que a experiência nostálgica para um imigrante tende a ser diferente daquela vivida por um soldado. Svetlana Boym (2001, p. XV) assim sintetizou essa diferença:

[Para o imigrante] [...] a nostalgia era um tabu: era como o dilema da esposa de Ló, um medo de que olhar para trás poderia paralisá-lo para sempre,

transformá-lo em uma estátua de sal, um monumento deplorável à sua própria dor e à futilidade da partida. [...] De alguma forma, quanto mais profunda a perda, mais difícil era demonstrar publicamente o luto.

Todas essas transformações na vida cultural, econômica, social e política provocaram uma mudança também no próprio conceito de nostalgia. A partir principalmente da segunda metade do século 19, a nostalgia deixa de ser vista como um mal físico e passa a ser encarada como uma variante da melancolia, uma via de escape de uma cultura alienante e opressora que vai pouco a pouco se consolidando na Europa (DIEGO; OTS, 2014).

Para Natali (2004, p. 11), já na metade do século 19 a palavra nostalgia deixou de ser associada a uma condição médica. No entanto, o termo não apenas continuou existindo como adquiriu um novo fôlego, desenvolvendo-se agora no campo das ciências humanas e sociais. Nesse novo terreno, sua principal função era descrever a condição daqueles que, devido à aceleração do tempo histórico característica da Modernidade, não conseguiam se adaptar às condições do presente, ansiando por um passado (já não mais ou necessariamente um país) perdido.

Anderson (2010, p. 250) observa que o sujeito nostálgico não necessariamente diferencia a saudade de um lugar da saudade de um tempo. Para o sujeito nostálgico, tempo e lugar são apenas dimensões distintas de um mesmo sentimento. O lar é o espaço onde as memórias do passado ocorrem, da mesma forma que o passado é o tempo onde o velho lar se encontra: “[...] o lar é um conglomerado de memórias e sensações, é o conhecimento e a familiaridade do local; o lar articula o pertencimento e os nossos sentimentos em relação à sua configuração, seu entorno, seu conforto e segurança”.

Assim, nesta nova compreensão, não é necessário que uma pessoa tenha se deslocado no espaço para sentir nostalgia. O mero passar do tempo é suficiente para provocar o sentimento, uma vez que o entorno muda tão rapidamente que a cada momento aparece como um lugar novo, distante e alheio: “[...] a sociedade moderna aparece como um país estrangeiro, a vida pública como emigração do idílio familiar, a existência urbana como um exílio permanente” (BOYM, 2001, p. 24). Como resultado lógico, o passado em seu conjunto aparece como o tempo de uma felicidade perdida, para onde não se pode mais voltar. Como observou Lukács (2000, p. 25):

Afortunados os tempos para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina. Tudo lhes é novo e no entanto familiar, aventuroso e no entanto próprio. O

mundo é vasto, e no entanto é como a própria casa, pois o fogo que arde na alma é da mesma essência que as estrelas.

Aqui, é importante mencionar uma aparente contradição: se a nostalgia deixou de ser considerada uma doença e se deslocou para o terreno da literatura e das artes, por que, ainda assim, continuou sendo considerada um *mal*? Marcos Piason Natali chama a atenção para o fato de que há uma mudança não apenas histórica, mas também filosófica implicada na Modernidade e que faz com que a nostalgia continue a ser vista como uma enfermidade, porém da alma. Essa mudança tem a ver com a visão moderna sobre *história* e *progresso* e a relação entre esses dois termos. Segundo ele, “[...] somente depois de a história ser entendida como necessariamente emancipatória, progressiva e racionalmente compreensível é que o apego pelo passado pôde ser condenado como um obstáculo irracional” (2004, p. 11). Isso explica o sentido negativo que a ideia de nostalgia adquire nas ciências humanas inspiradas pela Modernidade e pela razão iluminista.

Essa nova filosofia da história, inspirada sobretudo em Kant e Hegel, tem raízes materiais muito concretas. A Revolução Francesa intensificou a sensação de que a história humana, a despeito de sua forma, tem como conteúdo o avanço do progresso, da razão e da liberdade. A ideia da volta do messias ou do Juízo Final, predominantes na Idade Média, foi substituída pela ideia do triunfo da razão e da vitória da liberdade. Segundo essa ideia, toda atividade humana, desde a política até a economia e as artes, deve voltar-se para o futuro e só adquire algum sentido em conexão com esse futuro. Nesse contexto, a nostalgia é um obstáculo à realização do futuro, e exatamente por isso, um *mal*.

A filosofia marxista, embora se diferencie da filosofia kantiana e hegeliana em uma série de outros pontos, incorporou em seu arcabouço teórico a noção de história como progresso. Porém, o progresso marxiano nada tem a ver com a ideia abstrata de triunfo da razão. Para Marx, a história é progresso porque seu conteúdo é o avanço do domínio do homem sobre a natureza e o desenvolvimento positivo das forças produtivas da humanidade. Nesse sentido, a prevalência da razão no futuro (o triunfo do comunismo) é apenas consequência da atividade consciente do homem, impulsionada pela necessidade material e pela luta de classes. Ainda assim, trata-se de progresso. Toda a teoria marxista é orientada em direção ao futuro e tende à condenação de toda nostalgia. Em uma passagem bastante conhecida do *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Marx (2011, p. 25-29) assim expõe sua visão de revolução e progresso:

A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial. [...]

Não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social do século 19 pode colher a sua poesia. Ela não pode começar a dedicar-se a si mesma antes de ter despedido toda a superstição que a prende ao passado. As revoluções anteriores tiveram de recorrer a memórias históricas para se insensibilizar em relação ao seu próprio conteúdo. A revolução do século 19 precisa deixar que os mortos enterrem os seus mortos para chegar ao seu próprio conteúdo.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que todo o *18 Brumário* é dedicado à ideia da impossibilidade da repetição da história, a não ser como farsa. Em uma outra passagem, desta vez do *Manifesto Comunista*, Marx (2005, p. 42-43) explica ainda mais claramente sua visão sobre o passado:

A burguesia desempenhou na História um papel eminentemente revolucionário.

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus “superiores naturais”, para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do “pagamento à vista”. Afogou os fervores sagrados da exaltação religiosa, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. [...]

A burguesia revelou como a brutal manifestação de força na Idade Média, tão admirada pela reação, encontra seu complemento natural na ociosidade mais completa. Foi a primeira a provar o que a atividade humana pode realizar: criou maravilhas maiores que as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos, as catedrais góticas; conduziu expedições que empanaram mesmo as antigas invasões e as Cruzadas. [...]

Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se consolidarem. Tudo que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens.

No trecho acima, Marx capta as duas causas fundamentais da nostalgia como enfermidade social da Modernidade: a irreversibilidade do tempo e sua aceleração. Para ele, a

obra realizada pela burguesia é não apenas progressiva em relação ao feudalismo, mas também irreversível, e os sonhos de se fazer a roda da história girar em sentido contrário não passam de quimeras românticas com conteúdo reacionário.

De passagem, diremos que, se no início do século 21 os marxistas são acusados de permanecerem atrelados ao passado, isso não era assim na metade do século 19, quando o socialismo estava associado justamente à noção de futuro. Nesse sentido, a proposta marxista se enquadra perfeitamente nos marcos da Modernidade, contra a qual se debate a nostalgia.

1.1.3 A NOSTALGIA NA GUERRA CIVIL NORTE-AMERICANA

Mas o século 19 não foi homogêneo em todo o globo terrestre. Nos Estado Unidos, a nostalgia, mesmo na segunda metade do século 19, continuou a ser entendida e estudada como uma doença do corpo. Isso ocorreu devido à Guerra Civil norte-americana, que deslocou enormes contingentes de soldados a milhares de quilômetros de distância de suas regiões de origem. O conflito entre os Confederados e a União forneceu as condições para que o fenômeno da nostalgia fosse analisado em uma escala inédita por psiquiatras, clínicos e cirurgiões. Os dados obtidos a partir desses estudos superam em muito tudo o que foi produzido durante as Guerras Napoleônicas.

Evidentemente, a Guerra Civil norte-americana abria a possibilidade de estudos em diversos campos da psiquiatria. Ainda assim, o estudo da nostalgia parece ter se destacado como um dos mais profícuos. Segundo Deutsch (1944, p. 367), de todas as observações realizadas ao longo da guerra, “[...] as mais interessantes, talvez, tenham sido as observações clínicas dos oficiais médicos sobre objetos como a nostalgia, a simulação de doenças e a triagem psiquiátrica”.

É preciso dizer também que nos Estados Unidos o fenômeno da nostalgia já havia sido observado durante a Guerra de Independência (1775-1783), mas não foi objeto de estudos, uma vez que não era ainda reconhecida como uma enfermidade (ANDERSON, 2010, p. 252). Quase um século mais tarde, a Guerra Civil arrancou cerca de 3 milhões de pessoas de seus lares e jogou-as nas estradas e campos de batalha, criando assim as condições necessárias para um levantamento quantitativo (MATT, 2012).

Como observa Susan Matt⁸ (2007 apud ANDERSON, 2010, p. 252):

⁸ MATT, S. J. You Can't Go Home Again: Homesickness and Nostalgia in U.S. History. **Journal Of American History**, [s.l.], v. 94, n. 2, p. 469-497, 1 set. 2007.

A adoção da palavra “nostalgia” para descrever sentimentos de saudade do lar era um sinal da grande legitimidade que alcançou a condição [...]. Foi somente durante a Guerra Civil que [a nostalgia] tornou-se um diagnóstico médico comum nos Estados Unidos. Talvez porque esse sentimento era tão disseminado entre os soldados e porque eles pareciam senti-lo mais intensamente do que os civis nos tempos de paz, a palavra e o diagnóstico pegaram”.

A nostalgia atingiu os dois lados da guerra, mas entre os soldados da União os casos foram melhor documentados. Discutia-se quais populações estavam mais propensas, embora nunca se tenha chegado a um consenso sobre esse tema, bem como a relação entre nostalgia e doenças venéreas, nostalgia e hábitos sexuais, nostalgia e álcool, nostalgia e tabaco etc. (MATT, 2012). Segundo Svetlana Boym (2001, p. 6), “[e]ntre os americanos, os mais suscetíveis à nostalgia eram os soldados dos distritos rurais, em particular os fazendeiros, enquanto os comerciantes, mecânicos, navegadores e condutores de trem da mesma região ou cidade tinham maiores probabilidades de resistir à doença”.

Baseado nos dados que J. K. Barnes publicou em *Medical and Surgical History of the War of the Rebellion, 1861-65*, Anderson (2010, p. 258) montou as seguintes tabelas da evolução dos casos de nostalgia e mortes decorrentes entre soldados da União, tanto brancos quanto negros:

Ano	Casos registrados (soldados brancos)	Mortes	Mortes por 1.000 soldados em campo
1861 ⁹	65	0	1,56
1862	572	1	2,05
1863	2057	12	3,35
1864	1212	16	1,96
1865	1110	24	1,93
1866	197	5	1,99

Tabela 1 – Incidência de casos de nostalgia entre soldados brancos da União

Para os soldados negros, os dados coletados são mais limitados:

Ano	Casos registrados (soldados negros)	Mortes	Mortes por 1.000 soldados em campo
-----	-------------------------------------	--------	------------------------------------

⁹ Dados de apenas 2 meses (maio e junho).

1864	146	9	3,32
1865	135	5	1,62
1866	53	2	0,96

Tabela 2 – Incidência de casos de nostalgia entre soldados negros da União

Como se vê pelas tabelas acima, ao final da Guerra Civil, cerca de 5500 soldados da União haviam sido diagnosticados com nostalgia e pelo menos 74 haviam morrido. Evidentemente, por se tratar de uma doença ainda pouco estudada no país, não havia consenso em relação aos critérios para o diagnóstico. Por isso, o número total de casos durante a guerra, ainda que tenha sido corretamente fixado no registro histórico, deve ser considerado como uma base aproximada. Além do mais, como há variação no número de soldados em campo em cada ano, o número absoluto de casos não representa com exatidão a taxa de incidência da moléstia entre as tropas. Nesse sentido, é interessante observar a correlação entre as mortes e o número de soldados em campo em cada ano da guerra. Evidentemente, não se pode comparar a quantidade de mortes por nostalgia com a de mortes por tifo, disenteria ou por ferimento em combate. Ainda assim, são números bastante significativos para uma doença psiquiátrica e revelam muito das condições em que se dava o recrutamento e a manutenção dos exércitos.

Deve-se notar ainda que há uma relação entre a nostalgia e outras enfermidades, pois os soldados acometidos de outras doenças se tornavam mais suscetíveis à nostalgia. E o contrário: soldados com nostalgia tendiam a desenvolver outras enfermidades, devido à debilidade geral do organismo (MATT, 2012).

Não havia também consenso sobre as causas da doença. Alguns médicos atribuíam a enfermidade às cartas que os soldados recebiam de suas casas. Outros, ao contrário, viam a troca de correspondência como uma terapia, capaz de atenuar os sintomas e, em alguns casos, até mesmo curar a doença. Observou-se também que festas e feriados eram fatores detonadores de episódios de nostalgia (MATT, 2012).

Como forma de combater a enfermidade, alguns médicos optavam por dispensar temporariamente os doentes para suas regiões de origem. Nos casos mais graves, poderia ocorrer a baixa definitiva do exército (MATT, 2012). Outros ainda apelavam ao controle comportamental como forma de conter o desenvolvimento da doença e por isso canções nostálgicas como *Home, sweet home* foram proibidas em alguns regimentos (MATT, 2012).

Essa canção, com letra de John Howard Payne (1791-1852) e melodia de Sir Henry

Rowley Bishop (1786-1855), provocava muitas vezes entre os soldados norte-americanos os mesmos efeitos nostálgicos de apatia e tristeza que a *Ranz des Vaches* provocava entre os mercenários suíços dos séculos 17 e 18. A letra, transcrita por Osbourne Oldroyd (2015, p. 14) para a coletânea *The Good Old Songs We Used to Sing – '61 to '65*, publicada pela primeira vez em 1902, dizia:

Ainda que possamos andar entre prazeres e palácios,
 Por muito humilde que seja, não há lugar como a nossa casa;
 Um encanto dos céus parece nos fascinar lá,
 Que, procurado no mundo, não é encontrado em nenhum lugar,
 Lar, nosso lar, doce, doce lar;
 Não há lugar como o nosso lar
 Oh, não há lugar como o nosso lar

Contemplo a lua enquanto piso a sombria selva,
 E sinto que minha mãe pensa agora em seu filho
 Ao olhar aquela lua da porta de sua casinha
 Através das trepadeiras, cujo perfume não mais me confortará
 Lar, nosso lar, doce, doce lar;
 Não há lugar como o nosso lar
 Oh, não há lugar como o nosso lar

A um exilado do lar, o esplendor ofusca em vão
 Oh, dê-me minha humilde casinha com teto de palha
 Os pássaros que, cantando alegremente, vinham ao meu chamado;
 Dê-me estes, e aquela paz de espírito, mais cara que tudo
 Lar, nosso lar, doce, doce lar;
 Não há lugar como o nosso lar
 Oh, não há lugar como o nosso lar

Um dos estudiosos que mais se dedicou ao tema da nostalgia durante a Guerra Civil norte-americana foi o cirurgião DeWitt C. Petters, que abordou a questão de um ponto de vista puramente psicossomático e apontou as condições gerais que levaram ao que se poderia chamar de um surto de nostalgia nos primeiros anos da guerra:

Os regimentos foram formados em um dia ou uma semana. Muitos, impelidos pelo mais nobre dos motivos, deixaram suas ocupações diárias sem pensar no futuro. Pais deixaram suas famílias; maridos, as suas esposas; jovens, os seus amores [...]. Mas a dura tarefa e o trabalho árduo da vida do soldado dissiparam o entusiasmo, ainda que provocado pelo melhor dos motivos. Em breve veio a vontade de voltar para casa, o tempo que eles esperavam estar ausentes havia passado; seus negócios estavam sendo afetados; suas famílias os queriam em casa; eles quiseram novamente o conforto ao qual tinham se acostumado: uma boa cama, uma lareira alegre e as delícias da mesa. E agora, como nossos exércitos são recrutados entre

homens sem vontade, até mesmo conscritos ou pagos com enormes recompensas, nenhum deles está animado pelo patriotismo ou pela coragem dos primeiros voluntários, e nós temos todas as condições necessárias para a produção da nostalgia. (apud DEUTSCH, 1944, p. 375-376)

Do acima exposto, concluímos que a Guerra Civil norte-americana foi o último grande laboratório de observação da nostalgia como categoria clínica. Evidentemente, essa enfermidade voltou a se manifestar em períodos posteriores, inclusive durante enfrentamentos militares de grandes proporções, mas já não era encarada como uma doença do corpo, mas sim do espírito, portanto, um objeto da filosofia, da literatura e das artes. É justamente no sentido que adquire no século 20 que a nostalgia nos interessa como objeto da presente tese.

1.1.4 A NOSTALGIA NO SÉCULO 20

Filiberto Fuentenebro de Diego e Carmen Valiente Ots (2014) assinalam que a nostalgia, antes de se tornar definitivamente um objeto das ciências humanas, foi ainda por um curto período pesquisada na medicina forense, particularmente na tese de Karl Theodor Jaspers (1883-1969), *Heimweh und Verbrechen (Nostalgia e Crime)*, defendida na Escola de Medicina de Heidelberg em 1909. Em sua dissertação, que tomou como base o registro criminal francês e alemão do século 19, o autor analisa a nostalgia como motivação para crimes violentos. Jaspers estudou particularmente casos em que jovens moças pobres eram retiradas de suas famílias e enviadas para cuidar de outras crianças e adolescentes em residências de classe média. Quando isso ocorria, muitas vezes o resultado era depressão, angústia, silêncio, crises de choro e tentativas de fuga. A recaptura e o reenvio para as famílias receptoras resultava em agravamento dos sintomas e, nos casos mais extremos, justamente os estudados por Jaspers, no assassinato das crianças pelas jovens que estavam acometidas da doença. A partir daí, Jaspers concluiu que a nostalgia era um distúrbio da puberdade e adolescência, um tipo específico de hebefrenia (DIEGO; OTS, 2014).

De uma forma geral, no entanto, o século 20 corresponde, já desde o seu início, a uma viragem nos estudos da nostalgia. Por um lado, o novo século intensificou o problema do sofrimento psíquico relacionado à nostalgia, principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial, pois aos grandes contingentes de soldados deslocados agregou-se ainda uma massa de refugiados e prisioneiros que nenhuma das guerras anteriores havia visto. Por outro, a nostalgia deixou de interessar os clínicos, psiquiatras e cirurgiões, e os registros da doença

diminuíram brutalmente. Segundo Melissa Dahl (2016), na Primeira Guerra Mundial, houve apenas 1 registro de morte causada por nostalgia, o que revela muito mais uma nova relação com o fenômeno por parte do corpo médico e comando dos exércitos do que a inexistência em si do fato.

O século 20 corresponde também a uma nova relação com a nostalgia por parte dos próprios sujeitos nostálgicos. Segundo Sedikides et al. (2008), no final do século 20 se estabeleceu mais solidamente a diferença entre a nostalgia e a simples saudade do lar. Quando submetidos a testes psicológicos, adultos relacionavam o termo nostalgia muito mais com palavras como *calor*, *tempos antigos* e *infância* do que com *lar*. Esse fato possui uma importância particular porque revela que a nostalgia já não pode ser resumida à saudade de um lugar. Antes disso, *é a saudade de um tempo*. Essa transição parece ter se consolidado com as grandes catástrofes do século 20. Após as guerras e grandes reviravoltas históricas das quais o século 20 foi repleto, a nostalgia surgia sempre como uma tentativa de reconstruir não o lar (porque nem sempre essas catástrofes significavam deslocamentos), mas sobretudo o *tempo* feliz. O século 20 confirmou a tese de Walter Benjamin de história como destruição e de progresso como força avassaladora, fria e impessoal que arrasta a tudo e a todos:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 1987, p. 226)

A história do século 20 foi essencialmente ruptura, muito mais do que continuidade e pertencimento. Por isso, em busca de restabelecer (ou ao menos entender) os laços rompidos, homens e mulheres nascidos e criados em meio a catástrofes já não temem serem transformados em sal, voltam suas costas para o futuro e olham para o passado. Alguns o fazem apenas para lembrar, outros acreditam poder revivê-lo novamente. Tal é a essência do fenômeno conhecido hoje como nostalgia.

1.1.5 CONDIÇÕES PARA O SURGIMENTO DA NOSTALGIA

O trauma generalizado pelo qual passou a sociedade no século 20 transformou a nostalgia, pela primeira vez na história, em um fenômeno de massas. Diferentemente do que ocorreu em outras épocas históricas, a nostalgia do nosso tempo tem o potencial de abarcar amplas camadas da sociedade, devido aos meios de difusão da cultura. Comparando o encantamento pelo passado existente nos dias de hoje com o Renascimento, o historiador Arnold Gehlen (2017, p. 150) observa:

A redescoberta da Antiguidade, que nunca foi inteiramente esquecida, mas que por assim dizer foi posta na ordem do dia, era uma coisa da elite, que dizia respeito à nobreza, aos filólogos e poetas, aos artistas e mecenas endinheirados; a maior parte do povo, mesmo em Florença, manteve-se alheia.

Mas apesar de sua importância no mundo contemporâneo, não é possível afirmar que a nostalgia seja uma característica universal de todas as sociedades, nem mesmo de todas as sociedades que passaram por transformações abruptas (SMÔLINA, 2009, p. 55). Nesse sentido, a própria Rússia pós-revolucionária é um exemplo, já que, mesmo depois da reviravolta da Primeira Guerra Mundial e da Revolução de Outubro, as pessoas continuavam olhando para o futuro com mais entusiasmo do que para o passado. A nostalgia se estabelece, portanto, não sob quaisquer condições, mas sob condições determinadas. Que condições são essas?

Nesta parte do primeiro capítulo, nos apoiaremos sobretudo em Svetlana Boym (1966-2015), que foi pesquisadora da Universidade da Harvard e escreveu uma série de livros e artigos sobre estética e cultura pós-soviética e, em especial, sobre nostalgia e vida cotidiana. Seu livro *The future of nostalgia*, que ainda aguarda uma tradução para o português,¹⁰ é uma referência nos estudos desse tema entre pesquisadores do mundo inteiro.

A primeira observação importante que nos faz Boym em seu livro diz respeito à diferença entre o século 20 e o século 21 em termos de relação da sociedade com a nostalgia. A autora afirma que o século 20 começou com utopia e terminou em nostalgia, enquanto o século 21 já começou com nostalgia (2001, p. XIII). Isso é assim porque, apesar de seus

¹⁰ Em 2017, a revista *História da Historiografia* publicou em português o artigo de Svetlana Boym “Mal-estar na nostalgia”, que consiste, de fato, em um resumo de seu livro: BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, n. 23, p. 153-165, abr. 2017. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236/678>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

horrores, a Primeira Guerra Mundial resultou em uma revolução popular movida por um projeto de futuro que encheu de esperança o coração de milhões de homens e mulheres na Europa e no mundo inteiro. Trótski, que esteve no centro prático desse projeto transformador, talvez tenha sido quem melhor expressou esse otimismo político e social que predominou no início do século 20. Em um artigo para o *Vostótchnoe Obozrênie (Panorama Oriental)* de 17 de fevereiro de 1901, em seu estilo grandiloquente característico, escreveu:

Dum spiro spero! Enquanto eu respirar, terei esperança! – exclama o otimista do futuro. [...]

O século 19 satisfez, sob muitos aspectos, e em aspectos ainda mais numerosos desapontou, as esperanças do otimista. Obrigou-o a transferir a maioria de suas esperanças para o século 20. Sempre que o otimista se via frente a um fato atroz exclamava: – O quê, isto pode acontecer no umbral do século 20! Quando traçou retratos maravilhosos do futuro harmonioso, ele os colocou no século 20.

Agora o século 20 chegou! O que trouxe, logo de início?

Na França – a espuma envenenada do ódio racial; na Áustria – a luta nacionalista dos chauvinistas burgueses; na África do Sul – a agonia de um pequeno povo, que é assassinado por um gigante; na própria ilha “livre” – hinos triunfais à ambição vitoriosa dos corretores; “complicações” dramáticas no Oriente; rebelião das massas populares famintas na Itália, Bulgária, Romênia... Ódio e morte, fome e sangue...

Parece que o novo século, esse recém-chegado gigantesco, empenhou-se no momento mesmo de seu aparecimento, em colocar o otimista num pessimismo absoluto e num nirvana cívico.

– Morte às utopias! Morte à fé! Morte ao amor! Morte à esperança!, grita o século 20, em salvas de fogo e no troar dos canhões.

– Rende-te, sonhador patético. Eis-me aqui, o teu esperado século 20, o teu “futuro”.

– Não, responde o otimista sem se deixar vencer. – És apenas o presente.
(apud DEUTSCHER, 1984, p. 66-67)

Esse cenário descrito por Trótski é o oposto daquele que presenciamos no início do século 21, quando a utopia que alimentara as esperanças do século precedente se encontra derrotada. Se é verdade que o início do século 21 não viu nenhuma catástrofe sequer comparável à da Primeira Guerra Mundial, também é verdade que não existem mais sonhos sonhados em grande escala, na escala das classes sociais, na escala das nações. O individualismo competitivo e a ameaça global de uma catástrofe natural de grandes proporções e resultados irreversíveis predominam na consciência média, afetando todas as manifestações sociais. O resultado é que o passado aparece como algo muito mais atrativo do que qualquer futuro que se possa vislumbrar.

Sobre a definição geral do fenômeno, Svetlana Boym (2001, p. 8) afirma:

[A] nostalgia moderna é um luto pela impossibilidade do retorno mítico, pela perda de um mundo encantado com fronteiras claras e valores; poderia ser a expressão secular de uma saudade espiritual, a nostalgia por um absoluto, um lar que é tanto físico quanto espiritual, a unidade edênica do tempo e do espaço antes de se adentrar à história.

Ou seja, a nostalgia se explica muito mais pelo *presente* do que pelo passado, pois ela não é a mera saudade de um tempo que não volta mais (já que todos os momentos, uma vez passados, não voltam mais), mas sim o *luto* causado por essa impossibilidade de retorno.

Para que a nostalgia se estabeleça, é preciso, entre outras condições, que a sociedade tenha passado por um trauma, que esse trauma tenha dado origem a um presente indesejável e que as pessoas tenham perdido (pelo menos até certo ponto) a esperança no futuro.

O pesquisador finlandês Arto Mustajoki (2009, p. 209-210) sistematizou as condições necessárias para que a nostalgia surja em um determinado sujeito. Segundo ele, uma pessoa sente nostalgia por um determinado objeto “X” quando:

1. X está ausente no presente momento [...].
2. X encontra-se não muito perto e não muito longe, para que seja lembrado [...].
3. X é parte do passado desta pessoa ou está na memória coletiva desta sociedade [...].
4. Os aspectos negativos de X foram esquecidos, e os positivos passaram ao primeiro plano [...].
5. O sujeito considera que X foi melhor do que o que existe agora [...].
6. O sujeito entende ou sente que X não irá retornar [...].

Analisemos agora essa passagem mais detalhadamente.

A primeira condição parece-nos auto-evidente, já que não é lógico sentir nostalgia em relação a um objeto presente, e por isso não vamos nos deter neste ponto específico. Trata-se, na verdade, de uma *pré-condição*.

Já a segunda condição requer alguns comentários. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que Mustajoki refere-se a distâncias *temporais*, não espaciais. Para que se sinta nostalgia por um objeto, é preciso que ele se encontre a uma distância “média” do sujeito. Não se pode, por exemplo, sentir nostalgia pelo Império Romano ou pelas Cruzadas. Também não se pode sentir nostalgia por algo que aconteceu há um mês atrás. Chamamos a atenção para esse aspecto, pois ele será retomado mais adiante, quando passarmos à análise concreta da nostalgia soviética. Então, trataremos de estabelecer a “distância” temporal dos eventos, e

esse conceito de Mustajoki nos será de extrema utilidade.

A terceira condição será mais desenvolvida quando analisarmos a memória, particularmente a diferença entre memória individual e memória coletiva. Por agora, diremos apenas que esse terceiro item é o desenvolvimento lógico do segundo. Da mesma forma que não faz sentido sentir nostalgia pelo Império Romano, também não faz sentido um norte-americano sentir nostalgia pela ditadura de Franco ou pelo governo de François Mitterrand. A nostalgia sempre diz respeito a um tempo íntimo, quer do indivíduo, quer da sociedade em que ele vive.

Na quarta condição, temos uma sistematização do que havia sido observado ainda por Larrey¹¹ em relação aos soldados da *Grande Armée* de Napoleão: a nostalgia provoca uma *alteração na memória*, onde os pontos negativos do passado são esquecidos ou diminuídos frente aos positivos. A diferença é que Larrey define a distorção da memória como um *efeito* da doença chamada nostalgia, enquanto Mustajoki a define como uma *condição* necessária. De uma forma ou de outra, deve-se admitir que essa distorção está presente na nostalgia, o que nos leva à quinta condição, que é apenas a conclusão lógica da quarta.

A sexta condição tem também para nós uma grande importância. Para que a nostalgia se estabeleça, é fundamental que o sujeito entenda ou sinta (ou seja, pode ser uma percepção instintiva) que aquele objeto não mais retornará. É a noção dessa impossibilidade de retorno que provocará o luto da nostalgia, ainda que o sujeito se proponha a ações com vistas à restauração do passado (veremos essa última variante mais adiante, quando nos debruçarmos sobre os tipos de nostalgia).

Ainda que a sistematização de Mustajoki seja de enorme utilidade, ela não contempla todas as condições de surgimento da nostalgia, pois deixa de lado a existência do trauma e a aceleração do tempo, condições também essenciais para o surgimento da nostalgia.

Freixo, Abreu e Mata precisaram essa relação entre nostalgia e trauma. A nostalgia necessita de um trauma (que geralmente vem sob a forma de perda – de um estado de bem-estar social, da estabilidade política etc.) para se realizar. Mas ela própria não é o trauma. Ao contrário, ela é um recurso contra os malefícios do trauma e uma possibilidade de superá-lo ou ao menos conviver com ele:

Ao contrário do que se convencionou a respeito do conceito de trauma, entendido como uma ferida aberta e uma dor que não passa, um “passado”

¹¹ Cf. ponto 1.1.2 do presente capítulo.

que insiste em não passar, a nostalgia não carece de “tratamento”. Ela não precisa ser trabalhada, reprimida ou sublimada, pois trata-se de um sentimento distinto da dor traumática, ela representa uma melancolia que, paradoxalmente, se sente com algum prazer. (2017, p. 139)

A nostalgia surge ainda quando há uma aceleração geral do tempo, que faz o passado desaparecer mais rapidamente do que pareceria normal a certas camadas sociais ou gerações. Ao ver desaparecer o seu antigo modo de vida, o sujeito nostálgico tem a impressão de que sua memória também está desaparecendo. E como somos definidos, entre outras coisas, pela memória que guardamos dos eventos de nossas vidas, então tem-se a impressão de estar morrendo um pouco junto com aquele passado que desaparece. Segundo Maria Rita Kehl (2009, p. 130), o mundo contemporâneo hipertrofiou uma função bastante limitada do psiquismo humano – a atenção consciente –, diminuindo drasticamente o trabalho de reflexão sobre o futuro e o passado:

Apesar dessa limitação quanto ao conteúdo dos estímulos que consegue integrar, a atenção consciente é provavelmente a função mais solicitada no mundo contemporâneo. É ela quem ata o psiquismo ao eterno presente, vivido não como fruição do corpo e da mente em repouso, mas como prontidão e antecipação permanente do futuro próximo que se representa (e se esgota) no instante seguinte. Embora essencial, a função da atenção consciente representa apenas uma fração muito pobre do trabalho psíquico, assim como é psicologicamente pobre o presente, tempo da ação orientada pela atenção e vigiada pela consciência.

Assim, a nostalgia pode ser considerada uma forma de resistência contra essa aceleração que provoca sofrimento psíquico, uma tentativa de permanecer mais um pouco em companhia do próprio passado, de suas próprias lembranças. É um rito de despedida daqueles que não se adaptam ao presente e morrem um pouco a cada dia, junto com suas memórias e o seu próprio passado. Como afirma Irina Vêpreva (2009, p. 225), “[a] nostalgia harmoniza e estetiza o passado, permitindo que a pessoa se despeça dele com dignidade. Em períodos de transição, a nostalgia cumpre uma função curativa, uma vez que compensa a sobrecarga psicossocial”.

Outra característica da nostalgia é que ela, segundo Svetlana Boym, não apenas é fruto, mas constitui também uma espécie de resistência contra a aceleração do tempo (2001, p. XV, grifo nossos): “À primeira vista, [...] é a saudade de um lugar, mas na verdade é o anseio por um tempo diferente – o tempo da nossa infância, os ritmos mais lentos dos nossos sonhos. Em um sentido mais amplo, a nostalgia é uma *rebelião contra a moderna ideia de tempo*, o tempo

da história e do progresso” (Essa ideia da diferença entre o tempo da memória e o tempo da história será retomada mais adiante, quando analisarmos a diferença entre memória e história). Ao observarmos a sociedade contemporânea, vemos essa “rebelião contra a moderna ideia de tempo” em toda a parte, inclusive em áreas bastante banais do cotidiano: no “slow food”, no “feito a mão”, no “feito em casa”, no “faça você mesmo” e em muitos outros aspectos da vida. As mercadorias que, ao invés de acelerar, *diminuem* o ritmo de nossas vidas compõem toda uma área específica e altamente lucrativa da economia capitalista, certamente uma área menor do que a daquelas que nos “aceleram”, mas mesmo assim bastante significativa e com enorme potencial. De alguma forma, sente-se que, como dizia Antônio Cândido, “o tempo é o tecido da nossa vida”, e que em nossa sociedade ele foi excessivamente acelerado. Por isso, tenta-se ao menos diminuir o ímpeto de suas engrenagens. Isso não quer dizer que o imperativo “tempo é dinheiro” tenha deixado de existir. Tanto existe e é dominante, que a nostalgia é o seu fruto mais legítimo.

Arnold Gehlen corrobora essa visão de Svetlana Boym. Para ele:

Há uma consequência repugnante do atual estado de coisas, uma repugnância que nos abre para o efeito magnético do passado. Os choques que nos chegam pela mídia, o agitado ritmo temporal, a excitante política diária, a coerção infinita das compras e a falta de credibilidade de solenes declarações públicas com seus subterfúgios fugazes – isso tudo se desdobra numa energia repugnante, e então percebemos que ocupar-se com o período anterior à guerra, mais do que um valor de relaxamento, tem um valor de orientação. (2017, p. 148)

Para o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), o problema do tempo na sociedade contemporânea complica-se ainda mais devido à contradição entre a homogeneidade da medida do tempo *versus* a heterogeneidade da vida real. Halbwachs chama a atenção para o fato de que o tempo, independentemente do seu ritmo (lento ou acelerado) é dividido sempre em intervalos iguais: todos os minutos são iguais entre si, todos os dias são iguais entre si etc. No entanto, as relações sociais, pessoais, os estados psíquicos etc. têm a sua própria temporalidade, que não é necessariamente homogênea: o tempo do consumo é diferente do tempo do trabalho, o tempo do amor é diferente do tempo do desamor etc. Além disso, o tempo do *meu* consumo é diferente do tempo do consumo de meu vizinho, o tempo do *meu* amor é diferente do tempo do amor de meu colega etc. (é o que Halbwachs chama de “durações”). Assim, o ser social vê-se obrigado a adaptar os ritmos de sua vida (suas

durações) às divisões abstratas do tempo, a encaixar uma enorme diversidade de processos heterogêneos em um único tempo homogêneo. Em suas próprias palavras:

[...] por um lado, haveria tantas durações quantos indivíduos e, por outro lado, um tempo abstrato que a todos compreenderia. Esse tempo é vazio, talvez não seja senão uma ideia. As divisões que traçamos nos pontos em que muitas durações individuais se cruzam não se confundem com os estados, que observamos serem simultâneos. Não poderia haver nessas divisões nada senão o tempo que elas dividem, concebido como um meio homogêneo, como uma forma privada de matéria. Que gênero de realidade podemos atribuir a essa forma e, principalmente, como ela pode servir de contexto para os acontecimentos que nela situamos? (HALBWACHS, 2006, p. 124)

A definição de nostalgia não seria completa se não analisássemos sua relação com o progresso, que é o objetivo racionalmente estabelecido pela Modernidade (ainda que nem sempre praticamente atingido). Além disso, o progresso inclui também um aspecto tecnológico, que também deve ser dissecado, já que a aceleração geral do tempo na Modernidade é resultado não apenas da intensificação de processos políticos e sociais, mas também da implementação de certas técnicas (possibilidade de acessar virtualmente vários lugares e pessoas etc.). Tempo, progresso e técnica combinam-se, assim, em um complexo emaranhado, onde causas e efeitos confundem-se frequentemente.

De início, é importante observar que os recursos tecnológicos do presente, como a internet e a telefonia móvel, ao mesmo tempo em que expandiram o horizonte de muitas comunidades, acentuando sua sensação de pertencimento a uma certa universalidade, acabaram expressando também uma demanda por espaços íntimos que estavam ou estão em vias de desaparecer. Não é por acaso que as redes sociais tentam criar uma sensação (frequentemente falsa) de intimidade entre seus usuários, com algoritmos de debates que os mantêm presos em círculos restritos, conversas em separado (*inbox*), testemunhos pessoais, pequenas figuras padronizadas (*smiles*) que expressam sentimentos etc. Trata-se, exatamente, de *recriar uma intimidade perdida*, incompatível (ou ao menos contraditória) com o mundo tecnológico tal como ele se estabeleceu. Pode-se citar também como exemplo o fato de que o *google maps* permite “andar” praticamente por qualquer rua do mundo, mas é frequentemente usado para “andar” pela rua do próprio usuário ou pelas ruas de sua infância, para rever lugares já conhecidos, perceber como mudaram etc. A tecnologia, assim, serve tanto à universalidade, quanto à sensação (em geral falsa) de intimidade, e nesse segundo sentido liga-se à nostalgia.

Mais uma vez, recorremos a Svetlana Boym (2001, p. XIV):

O sentimento de ambivalência permeia a cultura popular no século 21, onde os avanços tecnológicos e os efeitos especiais são frequentemente usados para recriar visões do passado, desde o naufrágio do *Titanic* até os gladiadores morrendo e dinossauros extintos. De alguma forma, o progresso não curou a nostalgia, mas a exacerbou. Da mesma maneira, a globalização encorajou o fortalecimento dos laços locais. Em oposição ao nosso encantamento pelo espaço cibernético e pela aldeia global virtual, há uma epidemia não menos global de nostalgia, um anseio efetivo por uma comunidade que tenha uma memória comum, uma saudade da continuidade em um mundo fragmentado. A nostalgia inevitavelmente reaparece como um mecanismo de defesa em um tempo de ritmos de vida acelerados e de reviravoltas históricas.

Refazendo o exercício de Svetlana Boym e recorrendo também à cultura popular de massas, podemos observar que há muitos filmes sobre viagem no tempo, mas os que fazem mais sucesso são sempre aqueles em que o herói retorna ao passado (*De volta para o futuro*, *Em algum lugar do passado*, *O homem do futuro*, *X-Men: Dias de um futuro esquecido* etc.), exatamente porque o passado é um lugar conhecido e porque “sabe-se” exatamente o que é preciso “consertar” na linha do tempo para que esse passado chegue até nós na forma de um novo presente. Como observa Zygmunt Bauman (2017, p. 58-59):

[...] o número de turistas ansiosos por visitar o país estrangeiro do futuro decaiu com celeridade, e hoje está limitado aos mais otimistas e aventureiros (e, segundo alguns, aos mais alegres e despreocupados). O número de pessoas que se apressam em viajar para lá na esperança de encontrar o futuro repleto de experiências mais prazerosas que as dos sucessivos presentes superados tem caído ou parece estar caindo ainda mais depressa; nossos filmes e romances de ficção científica são cada vez mais catalogados nas seções de filmes de terror e literatura gótica.

Por fim, analisemos a relação entre nostalgia, utopia e história. Por um lado, a nostalgia opõe-se aos projetos utópicos, já que tenta convencer o ser humano a voltar as costas para o futuro e olhar permanentemente para o passado. Por outro lado, ela mesma possui, também, uma dimensão utópica, já que o *nostos* pelo qual anseia jamais existiu tal qual imaginado, sendo portanto um “não-lugar”, porém projetado no passado, ao invés do futuro.

Segundo Gehlen (2017, p. 146-147):

Quando a realidade não confirma ou até mesmo contradiz nosso incansável impulso por um “mais além”, ainda assim resta uma última alternativa –

evadir no tempo e povoar a própria fantasia com imagens de felicidade. Quando este processo se volta para o futuro, surgem as utopias, que como que reificam magníficas situações vindouras para nós. A utopia haure seus elementos constitutivos somente a partir do presente, mas é de forma seletiva que ela edifica um belo edifício, ainda que destituído de fundamentos. [...] Quando, porém, a fantasia de felicidade brilha retrospectivamente é que chegamos, enfim, à nostalgia.

Assim, a nostalgia é um retrato distorcido do passado, e por isso não consegue explicá-lo. Esse conceito será decisivo mais adiante, quando analisarmos a nostalgia soviética. Não se pode compreender o que aconteceu perguntando ao ser nostálgico. Memória e história são substâncias distintas, e frequentemente não coincidem. A possibilidade de saber realmente *o que aconteceu, como aconteceu e por que aconteceu* permanece no âmbito da história, e é uma tarefa do historiador. Mas a nostalgia revela algo importante: a *relação* do ser humano com o seu passado. Exatamente por isso, ela possui um enorme valor científico: porque essa relação (por mais irracional que seja) pode ser entendida *racionalmente* pelo historiador, embora neste caso sejam necessários outros instrumentais além daqueles fornecidos pela ciência histórica. É por isso que os melhores estudos sobre nostalgia são interdisciplinares.

Como nos lembra Svetlana Boym (1995, p. 285):

[...] a nostalgia parece ser hostil à tarefa tradicional do historiador: ao invés de reconstruir a cronologia dos eventos, o ser nostálgico deseja esquecê-los ou reescrevê-los, desafiar a progressão linear do tempo. [...] Por outro lado, [a nostalgia] ajuda [o historiador] a entender a relação das pessoas com a experiência vivida ou imaginada e a paixão para com as coisas do passado, porque a maioria de nós experimenta a história como nostalgia.

Como dissemos mais acima, a saudade do lar (ou dos tempos idos, no caso da nostalgia) é parte das experiências subjetivas do gênero humano. Nesse sentido, constituem um importante objeto ou meio para a compreensão racional dessa experiência. Ao historiador, cientista social, crítico e pensador devem ser caras as palavras de Terêncio (cerca de 185 a.C.-159 a.C.), repetidas certa vez por Marx em um questionário que preencheu para sua filha Laura, em que esta lhe perguntava qual era sua máxima favorita: “*Homo sum, humani nil a me alienum puto.*” (Sou humano, nada do que é humano me é estranho). É exatamente com esse espírito que encaramos o presente trabalho.

1.1.6 TIPOS DE NOSTALGIA

Partindo da própria etimologia da palavra, Svetlana Boym propõe classificar a nostalgia em dois tipos: nostalgia restaurativa (*restorative nostalgia*), que enfatiza o *nostos*, ou seja, o lugar (ou o tempo) ansiado, e a nostalgia reflexiva (*reflective nostalgia*), que enfatiza a *algia*, quer dizer, a dor do querer voltar. Segundo a autora, a diferença entre esses dois tipos consiste em que:

A nostalgia restaurativa coloca a ênfase no *nostos* e propõe reconstruir o lar perdido e preencher as lacunas da memória. A nostalgia reflexiva nutre-se da *algia*, da saudade e da perda, do processo imperfeito do lembrar. Os seres nostálgicos da primeira categoria não se veem como nostálgicos; eles acreditam que o seu projeto trata da verdade. Esse tipo de nostalgia caracteriza o renascimento nacional e nacionalista ao redor do mundo, que se empenha na reconstrução antimoderna e mitológica da história por meio de um retorno aos símbolos e mitos nacionais e, ocasionalmente, na divulgação de teorias da conspiração. A nostalgia restaurativa se manifesta na reconstrução total dos monumentos do passado, enquanto a nostalgia reflexiva se detém nas ruínas, na pátina do tempo e da história, nos sonhos de um outro lugar e um outro tempo. (BOYM, 2001, p. 41)

Ou seja, a classificação de Boym diz respeito principalmente aos objetivos que o ser nostálgico se coloca. Mas a partir daí identifica-se uma grande diferença entre as duas variantes. Ao propor a restauração de um passado que não pode mais voltar, a nostalgia restaurativa inclina-se para o conservadorismo¹² e busca aprovação social para um determinado projeto de restauração, baseado nas supostas tradições e na suposta herança comum que precisa ser resgatada ou preservada. A nostalgia reflexiva, ao contrário, é fundamentalmente individual e não busca nenhum objetivo, a não ser a própria reflexão. Por isso ela não exclui o pensamento crítico e a autoironia, já que entende o impasse de sua própria situação¹³. A nostalgia restaurativa retira sua energia do *nostos*: a grande pátria, a era de ouro, os monumentos virtuosos, o heroísmo e o sacrifício nacional. A nostalgia reflexiva, ao contrário, retira sua energia do próprio caminho ao invés do objeto. É a nostalgia das velhas cartas, das lembranças em caixinhas empoeiradas, dos cheiros da infância.

Para entender melhor a nostalgia restaurativa, recorreremos a Eric Hobsbawm. Apesar de não se referir diretamente ao fenômeno nostálgico, o historiador britânico de fato aborda-o

¹² Ainda que, em situações específicas, possa impulsionar projetos progressivos, como na unificação italiana.

¹³ Nesse sentido, é interessante observar a evolução do conceito em Boym. Em seu livro *Common places*, publicado em 1995, ela propunha outra nomenclatura, que enfatizava exatamente o caráter irônico da nostalgia reflexiva: “Deve-se distinguir dois tipos de nostalgia: *utópica* (reconstrutiva e totalizante) e *irônica* (inconclusiva e fragmentária)” (BOYM, 1995, p. 284).

em seu livro *A invenção das tradições*. Para ele, a febre tradicionalista que caracterizou o século 20 é fruto de um certo “vácuo” provocado pela negação das tradições por parte do liberalismo radical no século 19. Como resultado, esse “vácuo” existencial passou a ser preenchido por tradições inventadas, que não dispunham de continuidade histórica real, mas que precisavam ser criadas, com vistas a restabelecer os vínculos sociais e políticos, abalados pelas transformações abruptas ocorridas na Europa naquele período. Muitas das tradições originais haviam se perdido para sempre ou não serviam ao propósito de fortalecimento dos laços entre os cidadãos, e exatamente por isso tinham de ser inventadas. Para Hobsbawm, a existência de tradições inventadas é um importante indício de que a sociedade em questão passou por algum tipo de trauma, que provocou a destruição das tradições reais. Exatamente por isso, as tradições inventadas são muito úteis ao historiador. Não porque representem o passado tal como ele foi, mas sim porque apontam problemas que, de outra forma, seriam muito mais difíceis de serem detectados.

Segundo Hobsbawm e Ranger (2015, p. 15), a própria necessidade de se “manter as tradições”, tão enfatizada pelos movimentos tradicionalistas, já é uma demonstração de que a verdadeira tradição foi rompida e exatamente por isso necessita de um esforço consciente e concentrado para ser revivida:

[...] o próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sejam eles “tradicionalistas” ou não, já indica essa ruptura. Tais movimentos, comuns entre os intelectuais desde a época romântica, nunca poderão desenvolver, nem preservar um passado vivo [...]; estão destinados a se transformarem em “tradições inventadas”.

Evidentemente, todas as tradições inventadas tomam como base elementos da tradição verdadeira, mas o fazem apenas com o objetivo de obter maior legitimidade. Quanto mais elementos a tradição inventada tiver em comum com a verdadeira tradição (ou quanto mais se acredite que tenha), tanto mais força terá.

As tradições inventadas são importantes na medida em que a racionalidade moderna parece ter entrado em crise, e os argumentos irracionais (“nós *versus* eles”, “povo escolhido”, “vontade divina” etc.) ganham cada vez mais peso na defesa da ordem vigente. Nesse sentido, as tradições inventadas reforçam a suposta naturalidade e continuidade de determinada estrutura política ou social, servindo com isso à legitimação dos poderes estabelecidos, que sempre encontrarão suas raízes na suposta tradição. Como observam Hobsbawm e Ranger

(2015, p. 17):

[As tradições inventadas] parecem classificar-se em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Embora as tradições dos tipos b) e c) tenham sido certamente inventadas (como as que simbolizam a submissão à autoridade na Índia britânica), pode-se partir do pressuposto de que o tipo a) é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma “comunidade” e/ou as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a “nação”.

Apesar de muitas vezes construir um discurso coerente internamente, a nostalgia restaurativa (ou a tradição inventada) não possui embasamento histórico. Em primeiro lugar, porque nenhuma cultura humana é imutável ao longo da história. Ao contrário, os costumes surgidos espontaneamente ao longo da história se caracterizam exatamente pelo fato de que mudam ao longo do tempo, sendo portanto, eles próprios, muito menos conservadores e mais instáveis do que as suas cópias “reconstruídas”. Como observa Svetlana Boym (2001, p. 42), “[as] novas tradições se caracterizam por um grau de formalização simbólica e ritualização maior do que os costumes camponeses reais a partir dos quais elas foram padronizadas”.

No entanto, para a nostalgia restaurativa, o desaparecimento das tradições deve-se não aos processos mais ou menos inevitáveis da história, mas sim ao “roubo” das tradições ou à “traição” dos valores por parte de uma conspiração (interna ou externa). Esse elemento é importante porque reforça ainda mais o caráter unificador do discurso nostálgico restaurativo. Ao “manter viva” ou recuperar a tradição perdida, ao restaurar a “era de ouro”, estaremos não apenas recuperando a identidade de nosso povo, nosso verdadeiro espírito nacional, mas também resistindo à conspiração que quer nos destruir:

A nostalgia restauradora se caracteriza por duas tramas principais: a restauração das origens e a teoria da conspiração. A visão de mundo conspiratória reflete a nostalgia por uma cosmologia transcendental e uma concepção pré-moderna simples do bem e do mal. Essa visão de mundo se baseia em um enredo transistórico único, um confronto maniqueísta entre o bem e o mal e a inevitável expiação do inimigo mítico. A ambivalência, a complexidade da história, a variedade de evidências contraditórias e a especificidade das circunstâncias modernas são assim apagadas, e a história moderna é vista como a realização de uma antiga profecia. Adeptos extremistas da teoria da conspiração imaginam que a casa está sempre sob

cerco, exigindo a defesa contra o inimigo conspirador. (BOYM, 2017, p. 160)

Assim, a nostalgia restaurativa tem alimentado projetos conservadores de todo tipo, como o nacionalismo, o ultra-nacionalismo, os Estados teocráticos etc. Isso não quer dizer, evidentemente, que todas as nostalgias restaurativas estejam de acordo entre si. Ao contrário, ao dividir o mundo entre “nós e eles”, a nostalgia restaurativa tende a incluir no grupo do “eles” todas as outras nostalgias restaurativas, que aparecem para ela como apenas mais uma conspiração de infiéis e traidores, uma versão distorcida da “verdadeira” tradição (BOYM, 2017, p. 162).

Ao lado da nostalgia restaurativa (mas não necessariamente oposta a ela) está a nostalgia reflexiva. Segundo Svetlana Boym (2017, p. 159), esse tipo de nostalgia:

[...] não segue uma trama única, mas sim explora formas de ocupar muitos lugares simultaneamente e de imaginar diferentes fusos horários. Ama os detalhes, não os símbolos. Na melhor das hipóteses, ela pode apresentar desafios criativos e éticos, não apenas de pretexto para melancolias noturnas. Essa tipificação da nostalgia permite-me distinguir entre, por um lado, a memória nacional baseada em uma única versão da identidade nacional e, por outro, a memória social, que consiste em quadros coletivos que marcam, mas não definem, a memória individual. A retórica da nostalgia restauradora não trata do “passado”, mas antes de valores universais como família, natureza, pátria, verdade. A retórica da nostalgia reflexiva trata de viver o tempo fora do tempo e de aproveitar o presente fugaz.

Como se vê, a nostalgia não possui um valor positivo ou negativo em si mesma: “Um indivíduo em separado pode experimentar uma gama de sentimentos nostálgicos diferentes, e às vezes bastante agudos, mas para a sociedade de conjunto esse fato é bastante inofensivo” (MUSTAJOKI, 2009, p. 217). O efeito concreto desse sentimento sobre a sociedade depende do tipo específico de nostalgia de que se está falando. Para Boym, já que a nostalgia é uma realidade inescapável da Modernidade, a tarefa consistiria em aproveitar o potencial crítico e criativo da nostalgia reflexiva, opondo-a à nostalgia restaurativa. O ideal do ser nostálgico é não deixar que sua nostalgia lhe seja entregue pronta, mas construí-la e vivê-la ele próprio.

Por fim, cabe ressaltar que a nostalgia, ainda que olhe para o passado, tem impacto direto tanto sobre o presente quanto sobre o futuro. Sobre o presente porque o ser nostálgico encara o momento atual pelas lentes do passado. Com isso, transforma o sentimento nostálgico em um elemento organizador da cultura do presente. Como assinala Tatiana

Chmeliôva (2011, p. 82), “[...] a nostalgia se manifesta não apenas como humor, mas também como elemento 'organizador' de uma série de eventos, ainda que sem esgotar a vida cultural contemporânea, mas pelo menos caracterizando-a no sentido que nos interessa” (esse elemento será mais desenvolvido quando tratarmos da memória coletiva segundo a concepção de Iuri Lotman). Finalmente, a nostalgia incide sobre o futuro porque, mesmo que o ser nostálgico não o queira, o único tempo realmente existente é o presente, que por sua vez prepara o futuro. Por isso, as projeções que o ser nostálgico faz em relação ao passado acabam influenciando suas decisões sobre o futuro (esse tema será melhor tratado quando abordarmos o uso político da nostalgia). De um modo geral, como assinala mais uma vez Svetlana Boym (2001, p. XVI), “[as] fantasias sobre o passado determinadas pelas necessidades do presente têm impacto direto na realidade futura”. Fecha-se, assim, o círculo.

A distinção entre nostalgia reflexiva e nostalgia restaurativa é decisiva para entender o atual fenômeno nostálgico na Rússia. Trata-se exatamente de compreender como a nostalgia reflexiva transforma-se em nostalgia restaurativa e quais as consequências dessa transformação.

1.2 MEMÓRIA

1.2.1 FUNÇÃO DA MEMÓRIA

A memória é objeto de estudo de inúmeras disciplinas das ciências biológicas e humanas. Não pretendemos, nos marcos deste trabalho, aprofundar todos os aspectos do tema. Não abordaremos, por exemplo, a memória enquanto objeto da neurologia, o que implicaria em um estudo dos seus mecanismos fisiológicos e representaria um desvio de nosso objetivo. Nosso propósito é estudar a memória enquanto parte da realidade social. Depois, analisaremos como essa memória incide sobre a cultura (como produz cultura). Embora rejeitemos a ideia de que a sociedade é uma mera soma de individualidades, deve-se admitir que, no terreno do estudo da memória, a sociologia se apoia, em grande medida, na psicanálise. Isso é assim porque o próprio objeto da psicanálise não é a individualidade em seu estado puro, abstrato, e sim em conexão com todo o meio circundante. Mesmo quando a psicanálise analisa a relação do indivíduo consigo mesmo, toma esse indivíduo como um ser social, e portanto portador de valores e impulsos determinados, também, socialmente.

Maria Rita Kehl (2009, p. 127) afirma o seguinte sobre a memória:

É ela quem nos dá alguma medida, tanto individual quanto coletiva, do fio do tempo, e estabelece uma consistente impressão de continuidade entre os infinitos instantes que compõem uma vida. [...] É a memória que confere uma permanência imaginária a essa forma negativa do tempo, que é o passado. A função da memória [...] é essencial para manter nosso sentimento imaginário de *identidade* ao longo da vida; ela funciona como garantia de que algo possa se conservar diante da passagem inexorável do tempo que conduz tudo o que existe em direção ao fim e à morte.

Para Kehl, portanto, a memória está ligada à ideia de *identidade*, sobrevivência e permanência. A princípio, pareceria que a identidade aqui referida é apenas do indivíduo consigo mesmo ao longo do tempo. Mas isso não é verdade. É interessante observar, por exemplo, que logo no início do trecho a autora chama a atenção para o fato de que a memória nos dá a medida “tanto individual quanto coletiva” de continuidade temporal. Isso quer dizer que a memória permite tanto ao indivíduo quanto ao coletivo reconhecer a si mesmo ao longo do tempo. E o que é muito importante para o nosso trabalho: permite ao indivíduo se reconhecer *como membro de um coletivo*. Dessa forma, a memória opera ao mesmo tempo em três planos distintos: individual, coletivo e individual-coletivo.

Essa ideia de memória como uma espécie de cimento que solidifica a relação de pertencimento é confirmada por Maurice Halbwachs. Segundo ele:

No momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. A história, como já dissemos, deixa passar esses intervalos em que aparentemente nada acontece, em que a vida se limita a se repetir, sob formas um tanto diferentes, mas sem alteração essencial, sem ruptura nem perturbação. (2006, p. 108)

Como se vê, para Halbwachs, a memória coletiva não se confunde com a *história* de um povo. Em um certo sentido, são até mesmo opostas. Para ele, memória é *continuidade*, *permanência*, enquanto a história representa os momentos de *mudança* e grandes reviravoltas. A história se interessa pelas mudanças: tanto aquelas provocadas pelas grandes batalhas, por atos heroicos e incomuns, quanto aquelas ocorridas na longa duração (Braudel), as mudanças moleculares, sem datas precisas, sem ações heroicas e sem lideranças visíveis. Já a memória grava como elemento central exatamente aquilo que a história deixa de lado: “os intervalos

em que aparentemente nada acontece”¹⁴. Mas são exatamente esses intervalos que constituem a unidade de uma cultura. É claro que a memória fixa também as transições e reviravoltas, que às vezes adquirem grande importância para o sujeito que lembra, mas não é aí que reside sua função primordial. Graças à memória, uma nação pode passar por grandes transformações e ainda assim identificar a si mesma como algo que permanece no tempo. Dessa forma, a existência de uma cultura coincide com a existência de uma memória. Mais do que isso, uma cultura se considera viva enquanto lembra de si mesma. Como afirma Paul Zumthor (apud FERREIRA, 1994/1995, p.117): “Uma cultura concebe-se a si própria como existente, identificando-se com as normas constantes da própria memória”. A conclusão lógica do exposto acima é que, até certo ponto, cultura é memória, pois a cultura está repleta de signos capazes de despertar lembranças (sentimento de pertencimento) nos membros da sociedade. Nas palavras de Iuri Lotman (2000, p. 617): “A função graças à qual um elemento significativo pode cumprir um papel mnemônico é chamada de simbólica. Adiante, chamaremos de símbolos todos os signos que possuem a capacidade de concentrar em si, preservar e reconstruir a memória sobre seus contextos passados”. Esse tema será retomado um pouco mais adiante, quando analisarmos os mecanismos de funcionamento da memória. Por ora, lembremos apenas as palavras de Svetlana Aleksievitch (2016, p. 21), que, ao definir a característica fundamental do homem soviético, apelou exatamente à memória comum: “Éramos pessoas com uma única memória comunista. Vizinhos de memória”. Ou seja, segundo essa concepção, muito mais do que a *história em comum*, é a *memória em comum* que define a unidade de um povo e de uma cultura. Para Lotman (2000, p. 616), inclusive, a memória precede até mesmo a linguagem: “Sem uma memória comum, não é possível ter uma linguagem comum”.

Se memória e história se contrapõem enquanto conceitos, não o fazem na prática, enquanto função. A memória é necessária exatamente porque existe história, ou seja, porque toda sociedade passa por transformações ao longo do tempo. Se as sociedades possuísem apenas história, não reconheceriam a si mesmas no intervalo de algumas poucas gerações. A memória não nega ou esconde as mudanças. Ao contrário, ela existe exatamente para fixar a continuidade *em meio às mudanças*. Mais uma vez, Maurice Halbwachs (2006, p. 152-153) explica:

¹⁴ Há também, evidentemente, a memória das grandes datas, tendencialmente mítica e atendendo a certas solicitações políticas e culturais. Nesse ponto específico, memória e história se confundem. Abordaremos esse tema mais detalhadamente, quando analisarmos o uso político da memória e a transformação da nostalgia reflexiva em nostalgia restaurativa.

[...] quando em uma sociedade que se transformou subsistem vestígios do que primitivamente foi, os que a conheceram em seu estado primeiro também podem fixar sua atenção nos vestígios antigos que lhe proporcionam o acesso a um outro tempo e um outro passado. [...] [A] subsistência desses vestígios basta para explicar a permanência e a continuidade do tempo próprio para essa sociedade antiga e para que nos seja possível nela penetrar pelo pensamento a qualquer momento.

Assim, a memória funciona também como uma espécie de refúgio, para onde podemos voltar nossos pensamentos em meio às mudanças turbulentas da história. A memória fornece, portanto, *consolo* para aqueles que não se adaptam à história.

Exatamente porque as turbulências da história parecem superar em muito a capacidade da mente humana de adaptar-se às mudanças, a memória, com sua sensação de continuidade, pertencimento e identidade, tem adquirido uma importância tão grande em nossos dias. Segundo o historiador Enzo Traverso (2012, p. 12) “[...] a memória tende a tornar-se o vetor de uma 'religião civil' do mundo ocidental, com o seu sistema de valores, crenças, símbolos e liturgias”. Trótski (2017, p. 17), personagem central de uma das maiores reviravoltas do século passado, reflete em sua autobiografia essa necessidade de encontrar um ponto de referência em meio às transformações da história, sendo esse ponto de referência o próprio sujeito que lembra:

Nossa época está repleta de livros de memórias, talvez mais do que nunca. É porque se tem muito a contar. O interesse que suscita a história contemporânea é tanto maior, quanto mais dramática é a época, quanto mais ela é rica em reviravoltas. A arte da paisagem não poderia ter nascido no Saara. Tempos “intercruzados”, como o nosso, criam a necessidade de olhar o dia de ontem, dia já distante, com os olhos daqueles que estiveram ativamente envolvidos nos eventos. Assim se explica o enorme desenvolvimento da literatura de memória desde a última guerra.

Ou seja, a memória (e, com ela, o sentimento de pertencimento) é particularmente requisitada após as grandes reviravoltas históricas, exatamente porque a sociedade teme esquecer o dia de ontem, “dia já distante”, e com isso perder de vista sua própria identidade. Daí a intensidade com que proliferam, segundo o relato de Trótski, as obras memorialísticas nos períodos como o que sucedeu a Revolução Russa. A memória busca reerguer (pelo menos parcialmente) as pontes explodidas pela história.

Além disso, a memória cumpre a função de marcar a passagem do tempo. Essa função

parece ser óbvia e natural, e por isso secundária, mas não o é. Sem a memória, as sociedades perderiam a noção de passado, pois este seria um mero aglomerado de datas e feitos sem sentido, equidistantes entre si, e elas viveriam um eterno presente. A esse respeito, Halbwachs (2006, p. 155) observa:

Sem a memória e fora de momentos em que nos lembramos, como teríamos a consciência de estar no tempo e nos transportarmos na duração? Quando nos absorvemos em nossas impressões, quando as seguimos à medida que aparecem e depois desaparecem, nos confundimos com um momento da duração, depois com um outro – mas como imagináramos o tempo em si, ou seja, o contexto temporal que abrangeria ao mesmo tempo esse momento e muitos outros?

A vivência de um eterno presente indica, portanto, uma falha no funcionamento da memória social. Por incrível que pareça, esse não é um fenômeno raro. Ele parece ser uma característica de algumas sociedades do Novo Mundo que, sem se deterem por demasiado no passado, constroem sua civilidade prioritariamente sobre a contemporaneidade. Foi o que notou Claude Lévi-Strauss (1988, p. 98) em sua passagem pelo Brasil e pelos Estados Unidos na primeira metade do século 20:

Quando visitei Nova York e Chicago em 1941 ou quando cheguei a São Paulo em 1935, me impressionou em primeiro lugar não o novo, mas sim a precocidade dos estragos do tempo. Não fiquei surpreso de que a essas cidades faltassem dez séculos; me impressionou verificar que muitos de seus bairros tivessem já cinquenta anos, e que sem nenhuma vergonha dessem amostras de um tal decaimento, já que, em suma, o único adorno ao qual poderiam pretender era o de uma juventude, fugidia para eles tanto quanto para os seres vivos.

Lévi-Strauss refere-se ao fato de que algo aparece como “velho” exatamente quando a memória não busca manter esse objeto vivo espiritual e fisicamente. O desleixo para com a memória, a vivência de um eterno presente (tão fugidio para as sociedades quanto para os seres vivos) tem como consequência a destruição do passado e o seu esquecimento ou desprezo em benefício do presente. É, portanto, um distúrbio da memória coletiva.

1.2.2 CARÁTER SOCIAL DA MEMÓRIA

Abstraindo-se o aspecto puramente fisiológico da questão, devemos nos perguntar: por que lembramos? A memória, uma vez que constitui também um processo neural, pareceria

algo puramente individual; e a memória coletiva, a mera coincidência no tempo e no espaço das várias memórias individuais. No entanto, isso não é assim. A própria memória enquanto memória é um processo social, tanto em sua origem (registro do fato), quanto em sua conservação e no acesso que se faz dela (rememoração individual ou coletiva).

Maurice Halbwachs (2007, p. 28) parte de uma constatação tão simples quanto reveladora: “[...] se observarmos como nós lembramos algo, teremos que reconhecer que a maioria das lembranças, sem dúvida, surge quando delas nos lembram parentes, amigos e outras pessoas”. Ou seja, na maioria das vezes, as lembranças são ativadas por impulso *externo*. Esse impulso pode adquirir várias formas: nos vemos obrigados a responder a alguma pergunta, nos encontramos em alguma situação, vemos uma cena, sentimos um cheiro, ouvimos uma música etc. Nenhum desses impulsos tem origem no próprio ser que lembra. Ao contrário, são estímulos externos (sociais) que fazem o indivíduo lembrar.

Mas o caráter social da memória não se manifesta apenas no impulso que faz lembrar. O próprio *conteúdo* do que é lembrado possui um caráter social. Primeiro, porque a lembrança acionada geralmente diz respeito a uma situação coletiva que interessa a outros (daí o interesse, a pergunta feita por alguém etc.). Segundo, porque o acesso às lembranças é feito na qualidade de membro de um coletivo. Como afirma Halbwachs (2007, p. 28), “[...] ao responder às perguntas de outras pessoas, nós nos colocamos no ponto de vista delas e analisamos a nós mesmos como membros do mesmo grupo ou dos mesmos grupos que elas”.

Mais do que isso, a lembrança, em certos casos e até certo ponto, não só é demandada como também é *fornecida* pelo coletivo, cabendo ao indivíduo apenas confirmá-la:

Não é preciso procurar muito onde elas [as lembranças] estão, onde estão guardadas em meu cérebro ou em algum canto da minha mente ao qual apenas eu tenho acesso, já que os outros me lembram delas desde fora e os grupos aos quais eu pertencem em qualquer momento *me fornecem os meios para reconstruí-las*, bastando que para isso eu me dirija a eles e, pelo menos temporariamente, adote o seu modo de pensar. (HALBWACHS, 2007, p. 28, grifo nosso)

Evidentemente, o processo descrito acima não exclui a existência de memórias puramente individuais. Mas ele explica por que os fatos mais facilmente lembrados são aqueles vividos pelo coletivo. Uma vez que essas lembranças existem não apenas para nós, mas também para os outros membros da sociedade, podemos acessá-las muito mais facilmente, como se pertencessem a algum banco coletivo de memórias.

Ao contrário, aquilo que foi vivido por apenas uma pessoa torna-se muito mais difícil de ser lembrado, primeiro porque será uma lembrança pouco demandada pela sociedade (já que somente o sujeito que viveu aquela situação sabe de sua existência), segundo, porque o caminho para sua recuperação será puramente individual e nele o indivíduo não contará com a ajuda do coletivo.

No entanto, Halbwachs (2007, p. 71) chama a atenção para o fato de que nenhuma lembrança é absolutamente individual, já que não há nenhuma situação em que o ser humano se encontre absolutamente só, ou seja, totalmente livre da influência da sociedade que o formou:

Qualquer lembrança, por mais pessoal que seja, está ligada a todo um complexo de conceitos conhecidos por muitas outras pessoas além de nós, a diferentes personalidades, grupos, lugares, datas, palavras e formas verbais, bem como a julgamentos e ideias, ou seja, a toda a vida material e espiritual da sociedade à qual nós pertencemos ou pertencíamos antes.

Essa ideia da impossibilidade de um isolamento completo da sociedade (e portanto do caráter fundamentalmente social de toda e qualquer ação ou lembrança) é desenvolvida também por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844. Depois de afirmar que a oposição entre indivíduo e sociedade não tem nenhum sentido prático, explica:

A atividade social e a fruição social de modo algum existem *unicamente* na forma de uma atividade *imediatamente* comunitária e de uma fruição *imediatamente* comunitária [...].

Posto que também sou *cientificamente* ativo etc., uma atividade que raramente posso realizar em comunidade imediata com outros, então sou ativo *socialmente* porque [o sou] enquanto *homem*. Não apenas o material da minha atividade – como a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha *própria* existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social. (MARX, 2004, p.107, grifos do autor)

Ou seja, mesmo a memória mais “íntima” deve ser considerada social: porque foi produzida, demandada ou acessada socialmente, como mínimo por meio da linguagem, que é o produto social por excelência. E por último, mas não menos importante: porque o próprio ser que lembra é um ser social.

Para Halbwachs (2006, p. 43), o caráter social da memória é comprovado também pelo fato de que as lembranças só passam a ser fixadas no intelecto humano a partir do momento

em que nos tornamos seres sociais plenos, o que explicaria a dificuldade em lembrar situações e fatos da primeira infância:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social.

Isso quer dizer que as lembranças, ao contrário do que às vezes parece, não são apenas cenas ou fatos isolados, mas *relações*, e que, como relações, são fundamentalmente sociais e por isso só podem ser fixadas efetivamente na memória depois que o ser em questão tornou-se um ser social.

Para entender melhor o mecanismo de funcionamento da memória, é preciso entender também por que lembramos exatamente aquilo que lembramos e não outra coisa. Para Halbwachs, nós lembramos principalmente *aquilo que é importante para nos tornar membros de um determinado coletivo*. Quanto mais minhas memórias confirmam a memória coletiva, maior a sensação de pertencimento ao grupo, mesmo que, para isso, o passado precise ser alterado para atender as demandas do presente: “[...] [As lembranças] servem como um instrumento que a memória coletiva usa para reconstruir as imagens do passado que, no presente momento, concordam com as ideias dominantes de dada sociedade” (HALBWACHS, 2007, p. 30).

Por fim, é importante notar que, muitas vezes, quando parece que estamos lembrando algo, na verdade, estamos deixando que os outros membros do coletivo reconstruam em nossa memória as lembranças que mais tarde utilizaremos em nossas relações sociais. É justamente esse tipo de “colaboração” que torna os membros do coletivo mais próximos uns dos outros, pois todos participam de um trabalho em conjunto, que é a construção das lembranças referentes a um passado comum:

Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer um esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmo eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós.

(HALBWACHS, 2006, p. 29-30)

Assim, por diferentes vias, a memória funciona como um importante fator de coesão social, permitindo aos membros de uma sociedade sentirem-se coparticipantes de uma obra comum, a partir da qual geram-se as mesmas experiências e, num momento posterior, as mesmas lembranças.

1.2.3 FUNCIONAMENTO DA MEMÓRIA

Mais acima, afirmamos que a memória coletiva não é a mera soma das memórias individuais, mas sim uma realidade própria. Isso resolveria o problema de como a co-memoração *não* ocorre: ela não poderia ser a mera soma das memorações individuais. Mas então como exatamente ocorre o processo de co-memoração? Como se forma uma memória coletiva que é aceita pela maioria dos membros da sociedade, ainda que cada um desses membros estivesse em um lugar diferente, ocupasse uma posição distinta diante dos eventos que então aconteceram etc? Para Iuri Lotman (2000, p. 389), a co-memoração ocorre graças ao trabalho de um intelecto coletivo, que existe como realidade à parte e não se confunde com a soma dos intelectos individuais:

O aparato intelectual humano individual não é um monopolista no trabalho do pensamento. Os sistemas semióticos, cada um em separado e todos eles na unidade integrada da semiosfera, ao mesmo tempo e com toda a profundidade da memória histórica, realizam operações intelectuais, guardam, processam e aumentam o volume de informação. O pensamento está dentro de nós, mas nós estamos dentro do pensamento, da mesma forma que a linguagem é gerada pela nossa consciência e depende diretamente dos mecanismos do cérebro, mas nós estamos dentro da linguagem.

Ou seja, também no caso da memória, há uma relação dialética entre indivíduo e sociedade. O indivíduo nasce em uma sociedade que já possui uma memória coletiva. Essa memória, evidentemente, assume uma forma específica em cada indivíduo, pois cada indivíduo passará por experiências diferentes ao longo da sua vida, mas suas memórias individuais tendem a se enquadrar nos marcos da memória coletiva geral, que é operada pelo intelecto coletivo¹⁵. Quando a memória individual é incompatível com a memória coletiva,

¹⁵ Convém recordar também que, além da memória coletiva geral e da memória individual, há a memória de grupos: corporações, classes, estratos, famílias etc. Essas memórias coletivas, embora refiram-se a grupos menores, tendem a funcionar segundo as mesmas leis que regem o funcionamento da memória coletiva geral.

isso quer dizer apenas que o indivíduo em questão pertence a um outro grupo de memória (uma nacionalidade oprimida, um partido político, uma etnia etc.). Neste caso, suas lembranças são diferentes das do resto da sociedade. Mesmo assim, ele expressa uma memória coletiva, ainda que de um grupo mais restrito.

Abordemos agora uma questão que será de grande importância quando passarmos à análise concreta da nostalgia soviética: por que muda a relação de uma sociedade com seu próprio passado? Por que, em uma determinada época, determinados fatos são lembrados de determinada forma (digamos, positivamente) e em uma época posterior esses mesmos fatos são lembrados de uma outra forma (digamos, negativamente)? Para Lotman, isso ocorre porque os fatos são também símbolos que comportam certo número de significados. Fatos mais recentes constituem símbolos mais complexos, pois aparecem com mais detalhes para o sujeito e por isso mesmo comportam um número mais *limitado* de significados (permitem poucas interpretações). Para exemplificar, diremos que um simples círculo com dois pontos e um traço pode ser facilmente associado a qualquer rosto humano. Inversamente, quanto mais detalhes coloco neste desenho, mais complexo ele se torna, e por isso menos associações permite. Ocorre, portanto, que, à medida que os fatos se deslocam para cada vez mais longe no passado, tornam-se símbolos mais simples (seus detalhes deixam de aparecer) e com isso passam a abarcar mais significados. Por isso, fatos mais antigos podem ser mais livremente interpretados (por exemplo, podem ser interpretados positivamente por um grupo e negativamente por outro) e servirem a distintas (às vezes contraditórias) demandas sociais. Nas palavras do próprio Lotman (2000, p. 617):

Do ponto de vista do nível de concentração da memória cultural, é útil lembrar as palavras de Victor Turner sobre a divisão dos símbolos em simples e complexos. Como símbolos simples, Turner cita as formas espacial-geométricas, sonoras e gestuais mais arcaicas e outras; como complexas, os símbolos culturais e culturais mais elaborados. Ao mesmo tempo, ele observa que os primeiros possuem um conteúdo mais complicado e de muitas camadas, capaz de mudar de significado a depender do contexto, enquanto os segundos, em geral, possuem uma semântica constante e de uma única camada. Dessa forma, segundo Turner, os símbolos simples possuem muito mais capacidade significativa (e, do nosso ponto de vista, mais capacidade de armazenamento de memória cultural) do que os complexos: “Não há nada de incomum no fato de que as formas simbólicas complexas, por exemplo as estátuas ou lanternas, contenham significados simples, ao mesmo tempo em que as formas simples, por exemplo sinais desenhados com argila branca ou vermelha (lembremos que Turner trabalha com material africano, I. L.) podem ser em mais alto grau multi-significativas praticamente em qualquer situação ritualística na qual elas sejam utilizadas.

A forma simples, que representa determinada cor, traço, textura ou contraste que podem ser encontrados na experiência de qualquer um [...], pode conectar, de forma literal ou metafísica, uma grande quantidade de fenômenos e conceitos. Ao contrário, a forma complexa – em termos de percepção sensorial – já está marcada por muitos contrastes e isso reduz e limita sua missão.

Sem nos adiantarmos muito no tema, diremos que é exatamente esse conceito que permite entender como o passado soviético pode ser interpretado de forma tão distinta por membros de uma mesma sociedade, e por que foi necessário que se passasse um certo tempo até que esse período pudesse reaparecer sob nova luz¹⁶. Por exemplo, a bandeira vermelha ou a foice e o martelo aparecem hoje como símbolos muito mais simples do que foram no período soviético e comportam por isso muito mais significados do que o estritamente ideológico: podem representar o passado heroico, uma infância feliz, a vitória na Segunda Guerra Mundial etc.

Halbwachs coloca essa mesma questão, ainda que sob um ângulo um pouco distinto, quando analisa a relação entre vida individual e fatos históricos. Para o sociólogo francês, à medida que o tempo passa, os fatos históricos, por mais significativos que sejam no momento em que ocorreram, perdem importância própria e assumem cada vez mais o papel de marcadores dos fatos de nossa própria vida: “Um acontecimento só toma lugar na série de fatos históricos algum tempo depois de ter ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais” (HALBWACHS, 2006, p. 75). É por isso que, passados muitos anos, podemos dizer que “tal coisa (por exemplo, uma viagem de férias) aconteceu durante o governo Brêjniev”. O governo Brêjniev, neste caso, assume um novo significado: não é mais apenas o governo Brêjniev que aplicou essa ou aquela política no país, mas tornou-se também um marco para os fatos de minha vida pessoal. Se usássemos as palavras de Lotman, diríamos que tornou-se um símbolo mais simples e por isso passou a comportar um significado a mais, além do significado estrito que teve quando nós o vivemos. No entanto, é preciso lembrar que o governo Brêjniev continua sendo o governo Brêjniev, quer dizer, um governo que aplicou determinada política em um determinado período da história do país. Mas eu o lembro agora de uma outra forma, talvez distinta da forma que eu o vivi. É por isso que a memória não pode ser igualada à história. Retomaremos essa diferença mais adiante.

¹⁶ Evidentemente, o tempo necessário à ampliação da capacidade significativa dos símbolos não é exato, nem pode ser determinado de antemão. Depende, entre outros fatores, das experiências e das orientações prevalecentes numa sociedade.

Ainda que o exposto acima seja verdadeiro, não explica por que um fato negativo pode, depois de muito anos, apresentar-se em nossa memória em cores muito mais positivas do que aquelas que possuía quando ocorreu. E vice-versa: ser lembrado de forma muito mais negativa do que foi vivido. Isso ocorre porque o passado nunca é totalmente reconstruído em nossa memória. Nosso pensamento se dirige *diretamente* ao ponto demandado, sem percorrer todo o caminho do presente em direção ao passado. Isso faz com que muitos detalhes sejam omitidos, o que pode mudar a relação com o fato (de negativa para positiva e vice-versa). Nas palavras de Maurice Halbwachs (2006, p. 152):

Para encontrar uma cidade antiga no labirinto das ruas novas que pouco a pouco a circundaram e transformaram, as casas e monumentos que ora descobriram e apagaram bairros antigos, ora encontraram seu lugar no prolongamento e no intervalo das construções de outrora, não voltamos do presente ao passado seguindo em sentido inverso e de modo contínuo a série de obras, demolições, traçados de vias etc. que modificaram progressivamente a aparência desta cidade. Para reencontrar as vias e monumentos antigos, conservados ou desaparecidos, nós nos guiamos pelo plano geral da cidade antiga, nos transportamos para ela em pensamento, o que sempre é possível para os que nela viveram, antes que houvessem ampliado e reconstruído os velhos bairros, e pelos pedaços de muros que permaneceram de pé, essas fachadas de um outro século, esses trechos de rua guardam seu significado de outrora.

Ou seja, para lembrar de um fato que ocorreu durante o governo Brêjniev, eu não preciso necessariamente lembrar tudo o que significou para mim ou minha família o governo Brêjniev. Posso lembrar apenas o fato que me interessa (a viagem de férias), sem ter que reviver em lembrança todos os traumas do passado. Esse mecanismo possui, por isso mesmo, uma enorme utilidade. Sem ele, toda lembrança carregaria consigo os traumas do período correspondente, provocando instabilidade e impedindo o saudável funcionamento da sociedade e de sua memória coletiva.

1.2.4 LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO

Segundo o historiador italiano Enzo Traverso, a atual obsessão memorialista é fruto exatamente da dificuldade que tem a sociedade contemporânea de lembrar. O ritmo da sociedade moderna e suas tragédias provocam uma crise na capacidade de transmissão de experiências que, por isso mesmo, precisam ser resgatadas por meio de um esforço

concentrado: “[...] a obsessão memorial dos nossos dias é um produto do declínio da experiência transmitida num mundo que perdeu as suas referências, desfigurado pela violência e atomizado por um sistema social que apaga as tradições e fragmenta as existências” (TRAVERSO, 2012, p. 14).

Em seu artigo “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin aborda o problema das consequências do trauma da aceleração do tempo sobre a capacidade humana de lembrar e, consequentemente, de narrar. Referindo-se ao impacto da Primeira Guerra Mundial sobre os soldados que voltavam dos campos de batalha, o ensaísta alemão afirma:

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos dos campos de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1987, p. 198)

Lotman, por sua vez, coloca o problema de uma forma um pouco distinta (ainda que não contraditória). Para ele, a relação entre lembrança e esquecimento em uma dada sociedade é determinada pela mudança dos códigos culturais que indicam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido em cada momento histórico:

Cada cultura define o seu paradigma sobre o que deve ser lembrado (i. e. preservado) e o que deve ser esquecido. Este último é eliminado da memória do coletivo e “como que deixa de existir”. Mas mudam os tempos, os sistemas dos códigos culturais, e muda o paradigma lembrança-esquecimento. Aquilo que era declarado verdadeiramente-existente pode acabar “como que inexistente” e destinado ao esquecimento, e o não-existente pode tornar-se existente e significativo. Estátuas da Antiguidade eram encontradas também antes da Renascença, mas eram descartadas e destruídas, e não preservadas. A iconografia russa medieval era, evidentemente, conhecida ainda nos séculos 18 e 19. Mas como arte de alto nível e valor cultural ela entrou na consciência da cultura pós-petrina apenas no século 20. (LOTMAN, 1992, p. 201-202)

A primeira coisa a se observar é que Lotman fala de um esquecimento temporário, dado que os objetos do passado não deixam de existir realmente, e sim tornam-se *como que* inexistentes (“как бы”, no original em russo). Lotman chama essas ondas de lembrança-esquecimento de *movimento senoidal da memória* (1992, p. 201) e afirma que essa é uma característica tanto da sociedade russa, quanto europeia. No caso da Rússia, dá como exemplo a relação com Púchkin ao longo dos séculos 19 e 20:

[...] a diminuição da importância de Púchkin para o leitor russo dos anos 1840-1860, o crescimento de sua importância em 1880-1900, a diminuição em 1910-1920 e o crescimento em 1930 e nos anos seguintes; a alternância entre o “descarte do navio da contemporaneidade” e a “elevação a um pedestal” é o tipo mais simples de alternância entre “esquecimento” e “lembrança”. (LOTMAN, 1992, p. 201)

Por sua parte, a Europa também teria passado pelas mesmas ondas de lembrança-esquecimento, expressas na relação da Modernidade com as distintas formas de arte e cultura do passado:

A atualização geral de todas as formas de arte arcaica, que incluiu não apenas a Idade Média, mas também o Neolítico, tornou-se um traço característico da memória cultural europeia da segunda metade do século 20. Ao mesmo tempo, a desatualização (“como que esquecimento”) atingiu o paradigma cultural que inclui a arte antiga e renascentista. (LOTMAN, 1992, p. 201)

Embora toda cultura passe por períodos de esquecimento, deve-se assinalar que a cultura, em geral, se dirige *contra* o esquecimento (FERREIRA, 1994/1995, p. 117). Essa noção é comprovada pela própria etimologia da palavra. Segundo Terry Eagleton (2011, p. 10), “A raiz latina da palavra 'cultura' é *colere*, o que pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger”. A cultura relaciona-se, portanto, com *preservação e cultivo* e, por essa via, com a memória. Cultivar é preservar algo vivo, lembrar, manter um determinado modo de vida, entre muitas outras acepções. O esquecimento, por outro lado, tende a ser negativo para uma cultura, pois “[...] é um mecanismo explorado por uma instituição hegemônica, tendo em vista excluir da tradição os elementos indesejáveis da memória coletiva” (FERREIRA, 1994/1995, p. 117).

Nesse sentido, o esquecimento equivale à destruição da própria cultura, pois os objetos da cultura (incluindo aí as memórias) carregam consigo uma série de informações que

perdem-se ao serem excluídas da memória coletiva: “Por um lado, eles (os objetos da cultura) servem a objetivos práticos e, por outro, concentrando em si a experiência da atividade de trabalho precedente, eles se constituem como um meio de conservação e transmissão de informações” (LOTMAN, 2010, p. 32). É por isso que o esquecimento coletivo aparece como tragédia perante uma geração que vê seu modo de vida desaparecer no esquecimento.

Dentro de uma cultura, as distintas gerações cumprem distintos papéis no movimento senoidal da memória (curvas de lembrança-esquecimento). As antigas gerações tendem à lembrança e preservação, enquanto as novas gerações tendem à negação das velhas memórias e à construção de novas. Entre outros fatores, a luta entre esses dois princípios opostos determina o destino de cada lembrança em um determinado momento histórico. Ou, dito de outra forma, nos período em que as velhas gerações cumprem o papel mais ativo, as memórias tendem a se preservar, enquanto “[...] nas épocas voltadas para a ruptura da memória, o período de idade ativa 'rejuvenesce’” (LOTMAN, 2000, p. 617). Esse tema será retomado mais adiante, quando analisarmos o papel de cada geração no fenômeno da nostalgia soviética e a oposição que teve lugar, por exemplo, entre as antigas e as novas gerações nos anos 1990 na Rússia (as “bábuchkas” como símbolos do passado soviético que deveria ser superado e os “novos russos” como símbolos da contemporaneidade etc.).

Resta ainda uma última e decisiva questão em termos de funcionamento da memória coletiva, a saber, a relação entre o passado que *realmente* existiu e o passado *representado* pela memória. Esses dois passados não necessariamente coincidem, exatamente porque a história (passado que realmente existiu) não necessariamente coincide com a memória (passado representado). Segundo Iuri Lotman, a memória trata não exatamente de recuperar o passado, mas sim de *reconstruí-lo*. E o faz a partir das demandas (códigos culturais) do presente. Por isso, o passado ressurgue na memória *adaptado* ao presente, incorporando inclusive em sua estrutura alguns elementos desse presente que a memória não conseguiu reconstruir a partir dos eventos originais. Por exemplo, se lembro de uma conversa com um amigo, mas não lembro o local exato dessa conversa, minha memória tratará de preencher esse vazio com dados que estejam à sua disposição. Dessa forma, fragmentos do presente podem ser transportados acidentalmente para o passado, distorcendo seu sentido original. Em outras palavras, cada presente *gera* um novo passado, e esse passado, uma vez produzido, passa a incidir sobre o presente:

Para representar a capacidade da memória na forma de uma metáfora, provavelmente a imagem menos adequada aqui seja a de uma biblioteca, nas prateleiras da qual estão distribuídos livros, ou mesmo a de um computador, em cuja memória sejam inseridos alguns dados, por maior que seja a quantidade. Mais provavelmente, a memória possa ser representada por um *gerador* que *recria* o passado, um gerador que, a partir de certos impulsos, tem a capacidade de gerar uma realidade *imaginada* e deslocar a consciência para o passado. Essa capacidade é parte do processo geral de raciocínio e inseparável dele. As relações mútuas entre a memória cultural e sua autorreflexão constroem-se como um diálogo constante: alguns textos de certas camadas mais antigas cronologicamente são introduzidos na cultura, interagindo com seus mecanismos contemporâneos; geram uma imagem do passado histórico que é transportada pela cultura para o passado e depois, já como participante igualitário do diálogo, *age sobre o presente*. Porém, à luz do presente transformado, o passado também muda sua aparência. (LOTMAN, 2000, p. 388, grifos nossos)

Como se vê, passado e presente se influenciam mutuamente, tanto porque as demandas do presente criam na memória coletiva um passado que não necessariamente existiu, quanto porque a memória (verdadeira ou falsa) incide sobre o presente por meio de valores, tradições e objetos.

Enzo Traverso faz um interessante resumo sobre a forma como o passado é reconstruído de diferentes maneiras, a depender dos códigos culturais do presente:

A memória é uma construção, sempre filtrada por conhecimentos adquiridos posteriormente, pela reflexão que se segue ao acontecimento, por experiências que se sobrepõem à primeira e modificam a recordação. O exemplo clássico é, uma vez mais, o dos sobreviventes dos campos nazis. Muitas vezes, o relato da permanência em Auschwitz por um ex-deportado judeu e comunista modifica-se consoante a sua relação com o Partido Comunista. Durante os anos 1950, antes da ruptura com o Partido, coloca a sua identidade política em primeiro plano ao apresentar-se como um deportado antifascista. Depois, durante os anos 1980, consumada a ruptura, considera-se em primeiro lugar um deportado judeu, perseguido como judeu e testemunha do aniquilamento dos judeus na Europa. Bem entendido, seria absurdo distinguir entre dois testemunhos prestados pela mesma pessoa em dois momentos diferentes da sua vida, elegendo um como falso e outro como verdadeiro. Os dois são autênticos, mas cada um deles ilumina uma parte da verdade filtrada pela sensibilidade, pela cultura e também, poderia acrescentar-se, pelas representações identitárias, ou mesmo ideológicas, do presente. Resumindo, a memória, individual ou colectiva, é uma visão do passado que é sempre filtrada pelo presente. (TRAVERSO, 2012, p. 23-24)

Halbwachs vai no mesmo sentido, ao falar de uma adaptação da memória às necessidades e impulsos do presente:

[...] quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas. Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. (HALBWACHS, 2006, p. 29)

Tanto o presente invade permanentemente o passado, por meio da memória, quanto o passado invade o presente, atualizando o sistema de códigos e a forma de lê-los. É exatamente esse trânsito permanente e de mão dupla entre passado e presente que dá a impressão de continuidade da cultura, pois tanto o passado quanto o presente tornam-se acessíveis a todos os membros do coletivo: “Os estados passados da cultura lançam permanentemente seus destroços em direção ao futuro: textos, fragmentos, nomes e monumentos específicos. Cada um desses elementos possui seu volume de 'memória', cada um dos contextos nos quais eles se integram atualiza sua profundidade em certa medida” (LOTMAN, 2000, p. 621).

De um modo geral, o que ocorre é que a memória coletiva, ao trazer o passado para o presente, acaba atuando “contra o tempo”, ou seja, impede (em um certo sentido e até certo ponto) a passagem natural do tempo. Manter um objeto vivo na memória coletiva significa impedir que esse objeto “passe”, significa tornar o passado parte do presente e até mesmo do futuro:

A memória cultural, entendida como mecanismo criativo, é não apenas pancrônica, mas enfrenta o tempo. Ela preserva o passado como porvir. Do ponto de vista da memória [...], o passado não passou. Por isso, o historicismo no estudo da literatura, na forma como ele foi construído primeiro pela teoria hegeliana da cultura e depois pela teoria positivista do progresso, é, de fato, anti-histórico, uma vez que ignora o papel ativo da memória na criação de novos textos. (LOTMAN, 1992, p. 201)

A primeira consequência desse fato é que criam-se enormes dificuldades para o historiador, pois o passado permanece como uma ferida viva no seio da sociedade, impedindo muitas vezes um julgamento minimamente objetivo. A segunda consequência é que o “novo” pode surgir (e tantas vezes surge) do passado distante, o que coloca por terra a visão historicista (de desenvolvimento linear) a que se refere Lotman.

1.2.5 MEMÓRIA E HISTÓRIA

Devemos agora elucidar a importante questão da relação entre memória e história, à

qual nos referimos mais acima. Esse tema é importante, dada a frequente confusão entre esses dois termos, tanto no cotidiano quanto na literatura científica. Ambas, memória e história, referem-se ao passado, mas cada uma analisa um objeto distinto ou de maneira distinta. Segundo a historiadora Olga Leôntieva (2011, p. 7), “[...] [a] essência do 'paradigma da memória', que se formou no marco da antropologia histórica, consiste em que o objeto de estudo é não o fato histórico ou o fenômeno como tal, mas a memória sobre ele, que vive na consciência da sociedade”. Ou seja, o estudo da memória não busca necessariamente a verdade do fato (objeto da história), mas a verdade da *imagem* sobre o fato. Evidentemente, o estudo sobre a memória deve ser crítico e marcar os pontos em que a memória se distancia da história (da verdade do fato histórico), mas essa é uma tarefa secundária em comparação com seu objetivo principal: saber *o que* as pessoas lembram, entender *por que* elas lembram da forma que lembram e *como* essas lembranças afetam seu presente.

Enzo Traverso observa, no entanto, que essa separação estrita entre memória e história é relativamente recente. Mais especificamente, é fruto do século 20 e da crise do historicismo clássico, bem como do desenvolvimento de uma série de disciplinas auxiliares, como a psicanálise, a linguística, a semiótica e outras. Essa combinação de fatores acabou contribuindo para destacar o estudo da memória como um ramo separado da história. Até então, a memória era considerada o substrato subjetivo da história, ou seja, seu estudo era subordinado ao estudo do fato histórico em si. No entanto, se observarmos mais atentamente, veremos que a própria história nasceu da memória:

História e memória nascem de uma mesma preocupação e partilham o mesmo objeto: a elaboração do passado. No entanto, existe uma “hierarquia” entre as duas. De acordo com Paul Ricoeur, a memória possui um estatuto *matricial*. A história é um relato, uma escrita do passado segundo as modalidades e as regras de um ofício – de uma arte ou, com muitas aspas, de uma “ciência” – que tenta responder a questões suscitadas pela memória. A história nasce, portanto, da memória, libertando-se desta ao colocar o passado à distância, ao considerá-lo, segundo a expressão de Oakeshott, como “um passado em si”. A história acaba, enfim, por fazer da memória um dos seus domínios de investigação, como prova a história contemporânea. Também chamada de “história do tempo presente”, a história do século 20 analisa o testemunho dos atores do passado e integra o relato oral nas suas fontes, a par dos arquivos e de outros documentos materiais ou escritos. Em suma, a história nasce da memória, de que é uma das dimensões, e posteriormente, adaptando uma postura auto-reflexiva, transforma a memória num dos seus *objetos*. (TRAVERSO, 2012, p. 21-22)

Observemos, portanto, que a principal diferença entre memória e história diz respeito à

relação objetiva-subjetiva com o fato histórico. A memória coletiva é uma espécie de reconstrução mágica do passado, enquanto a história é objetiva e racional. A história implica um olhar exterior sobre os fatos, ao passo que a memória supõe uma relação de interioridade e vivência. A memória traz o passado para o presente, enquanto a história analisa os fatos em seu próprio contexto pretérito. Traverso (2012, p. 22-23) continua:

Tirando a sua força da experiência vivida, a memória é eminentemente *subjetiva*. Fica ancorada aos factos a que assistimos, dos quais fomos testemunhas, ou mesmo atores, e às impressões que deixaram no nosso espírito. A memória é qualitativa, singular, pouco preocupada com comparações, com a contextualização, ou com generalizações. Quem a transporta não necessita de apresentar provas. O relato do passado prestado por uma testemunha – sempre que não seja um mentiroso consciente – será sempre a sua verdade.

Para Halbwachs, por um lado, existem muitas memórias coletivas, uma vez que cada grupo social pode encarar um determinado fato de forma distinta. Isso faz com que não haja sentido em buscar a verdade de uma memória. Por outro lado, só existe uma história e faz todo o sentido buscar a sua verdade: “A história pode se apresentar como a memória universal da espécie humana. Contudo, não existe nenhuma memória universal. Toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço” (HALBWACHS, 2006, p. 106).

Outra diferença significativa entre história e memória diz respeito à hierarquia dos fatos. Exatamente porque trata os eventos de maneira objetiva, para a história, todos os acontecimentos são igualmente dignos de serem fixados e relatados. É a crítica histórica que tratará, mais tarde, de estabelecer uma hierarquia entre eles. Para a memória, ao contrário, a hierarquia entre os fatos existe *a priori*, pois cada fato afetou de maneira distinta o grupo em questão e por isso mesmo fixa-se na memória já de acordo com uma certa hierarquia (HALBWACHS, 2006, p. 106).

Como resultado, podemos afirmar que a memória possui uma grande capacidade unificadora, enquanto a história tende a ser um divisor. A memória diz respeito àquilo que os grandes grupos viveram e sentiram¹⁷, enquanto a história almeja uma relação equidistante e objetiva com os fatos do passado. Por isso, a memória, muito mais do que história, tem sido utilizada como arma política para a conquista ou manutenção da hegemonia de um determinado grupo sobre o conjunto da sociedade.

Maurice Halbwachs (2006, p. 101) assim resume o tema:

¹⁷ Isso, evidentemente, não anula o fato de que existem memórias conflitantes dentro de um mesmo grupo.

De tudo o que foi dito antes, concluímos que a memória coletiva não se confunde com a história e que a expressão *memória histórica* não é muito feliz, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral, a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la. A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança.

Pelo exposto até aqui, pareceria que memória e história existem em separado, sem qualquer jogo de influência mútua. Isso, no entanto, não é assim. Por um lado, a memória influencia a história, pois o historiador também faz parte de determinados grupos que detêm certas memórias. Essas memórias inevitavelmente influenciam na crítica feita pelo historiador dos documentos históricos. Por outro lado, a história também incide sobre a memória, porque sempre misturamos aos fatos que realmente vivemos aqueles que são parte da história, que aprendemos nos livros e que passaram pelo crivo da crítica histórica. Segundo Traverso (2012, p. 33), “[...] as recordações são constantemente elaboradas por uma memória inscrita no espaço público, submetidas aos modos de pensar coletivos, mas também influenciadas pelos paradigmas especializados da representação do passado”. Halbwachs (2006, p. 74) se refere ao mesmo fenômeno ao afirmar que a relação do historiador com a história nunca é totalmente exterior, embora se pretenda enquanto tal: “Se o ambiente social passado subsistisse para nós somente em tais representações históricas e se, de um modo geral, contivesse apenas datas associadas a acontecimentos definidos em termos gerais ou recordações abstratas de acontecimentos, a memória coletiva permaneceria muito exterior a nós”.

Por fim, deve-se observar que a história incide sobre a memória pelo simples fato de que mudanças históricas abruptas provocam alterações nos grupos de memória: desfazem as certezas que certos grupos tinham sobre o passado, geram novas visões, dividem os grupos anteriormente existentes por critérios antes imprevistos etc. A esse respeito, Halbwachs (2006, p. 108) afirma:

É o tempo decorrido, durante o qual nada o modificou profundamente, que ocupa o maior espaço em sua memória. Os eventos que ocorreram na família e os diversos caminhos e descaminhos de seus membros, sobre os quais insistiríamos se fôssemos escrever a história dessa família, para ela retiram todo o sentido daquilo que permite ao grupo de parentes mostrar que ele tem realmente uma característica própria, distinta de todos os outros, e praticamente não muda. Se, ao contrário, o acontecimento, a iniciativa de um ou de alguns de seus membros ou, enfim, se circunstâncias exteriores introduzissem na vida do grupo um elemento novo, incompatível com seu passado, surgiria um outro grupo, dotado de memória própria, em que subsistiria apenas uma lembrança incompleta e confusa do que precedeu a crise.

Sem nos aprofundarmos no assunto, diremos apenas que é exatamente esse fenômeno que permite que exista na Rússia contemporânea distintos grupos com distintas memórias a respeito do passado soviético. Tais grupos de memória formam-se a partir dos grandes fatos históricos, tais como a perestroika, a glasnost, a decadência dos anos 1990 etc.

1.2.6 MEMÓRIA E CULTURA

Neste último tópico, devemos analisar a relação entre memória e cultura. Essa é a chave que utilizaremos para analisar, mais tarde, a relação entre a nostalgia soviética (um fenômeno da memória) e a cultura russa contemporânea.

Começemos por reafirmar algo que dissemos mais acima: em um certo sentido, cultura é memória. Iuri Lotman (1992, p. 200) assim coloca a questão:

[...] a cultura é um intelecto coletivo e uma memória coletiva, ou seja, um mecanismo supra-individual para preservação e transmissão de algumas mensagens (textos) e para a produção de novas. Nesse sentido, o espaço da cultura pode ser definido como espaço de uma certa memória coletiva, quer dizer, um espaço nos limites do qual alguns textos comuns podem ser preservados e atualizados.

Ou seja, memória e cultura combinam-se para gerar, preservar e atualizar textos, a tal ponto que uma não pode ser pensada sem a outra. Ao assumir não apenas as funções de preservação, mas também de construção e atualização de textos, a memória coletiva ocupa uma das posições principais em qualquer cultura.

É por isso que a luta cultural tem como um de seus principais campos de batalha a

memória. Esse tema será retomado mais adiante quando analisarmos a atual política cultural do Estado russo e como esse Estado transforma a nostalgia reflexiva em nostalgia restaurativa. Por ora, diremos apenas que o controle sobre os mecanismos e o conteúdo da memória equivale ao controle sobre os mecanismos e o conteúdo da cultura. Controlar a forma como os membros de um coletivo veem o passado equivale a controlar sua visão de mundo, seu comportamento hoje. Como assinala Jerusa Pires Ferreira (1994/1995, p. 118), “[...] a história intelectual da humanidade [...] se pode considerar uma luta pela memória”.

Por fim, qual o papel do indivíduo nesta construção? Como ele participa da construção dos textos? Para Lotman (1992, p. 200), a memória cultural é um espaço comum, porém diverso, que pressupõe distintos níveis de heterogeneidade e idiossincrasia:

A memória cultural é não apenas unitária, mas também diversa internamente. Isso significa que sua unidade existe somente em um certo nível e pressupõe a existência de “dialetos da memória” particulares, que correspondem à organização interna dos coletivos que compõem o mundo de tal cultura. A tendência à individualização da memória é o segundo polo de sua estrutura dinâmica.

Chamamos a atenção para o fato de que, para Lotman, a memória possui uma “estrutura dinâmica”, ou seja, está sujeita às influências do tempo, dos grupos, dos indivíduos e suas ideias. Isso quer dizer que novas memórias podem surgir a partir desses grupos ou indivíduos e essas novas memórias podem incidir sobre o espaço geral da cultura. É isso que explica, por exemplo, que, dentro da sociedade russa, tenha surgido um grupo de pessoas com uma memória específica sobre a União Soviética, e que essa memória (antes restrita a pequenos círculos) tenha se tornado tão importante atualmente. Qual foi a base objetiva (histórica) dessa transformação? É o que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

AS BASES MATERIAIS DA NOSTALGIA REFLEXIVA NA RÚSSIA: OS “SELVAGENS 1990”

*Se a vida te enganar,
Não te zangues, não fiques triste!
Em dia infeliz, transige:
O dia da alegria, crê, virá.
O coração no futuro jaz;
O presente é desolado:
Tudo passa, tudo é fugaz;
E quando passa, é estimado.*

A. S. Púchkin, *Se a vida te enganar*

Por que uma parte significativa da população russa sente saudade da URSS? Não é possível entender o fenômeno da nostalgia soviética sem entender o que foram os anos 1990 para a Rússia e seu impacto sobre a memória coletiva da sociedade. Se é verdade que a historiografia russa novamente discute sobre esse tema, reavaliando a todo o momento o real significado de um período tão contraditório, também é verdade que na memória coletiva da população russa os anos 1990 aparecem sob um signo essencialmente negativo. Essa visão, já bastante consolidada, sobre a última década do século 20 molda, por contraste, a relação de uma parte da população russa com o período soviético e determina as características mais gerais do que chamamos *nostalgia soviética*.

O adjetivo russo “likhoi” (лихой) é de difícil tradução. Em Voinova et al. (1989, p. 263) encontramos os correspondentes “mau”, “malvado”, “cruel”, “duro”, “penoso”, “impetuoso”, “violento”, “temerário”, “criminal” (uso arcaico), entre outros. Em 2001, em seu romance *Cassandra*, o escritor Mikhail Veller empregou, ao que parece pela primeira vez, a expressão “likhie 90-e” (em tradução livre, “selvagens 1990”) para se referir ao período. A expressão logo se tornou célebre, imprimindo à década de 1990 uma marca que tem sido, pelo menos até agora, muito difícil de apagar¹⁸. No imaginário popular russo, os anos 1990 estão associados à decadência econômica, social e moral, a uma baixa radical da autoestima nacional, à disseminação do consumo de drogas e das doenças venéreas, ao avanço da criminalidade, ao perigo de desintegração do país, ao sucateamento do exército e dos serviços comunais.

Evidentemente, o retrato dos anos 1990 como um período exclusivamente negativo não

¹⁸ Cf. VELLER, Mikhail. **Kak vsio natchinalos (Entrevista)**. 2016. Disponível em: <https://tvrain.ru/lite/teleshov/kak_vse_nachinalos/veller-406239/>. Acesso em: 30 out. 2018.

é indiscutível. Esse exatamente é o debate que ocorre hoje na historiografia russa (Cf. KOROTKÊVITCH, 2004) . Mas o que nos interessa aqui, mais do que a história, é a *memória* sobre o período. Nosso objetivo no presente capítulo não é descrever exaustivamente os fatos, mas indicar alguns elementos que ajudaram a formar a imagem dos anos 1990 no imaginário popular russo.

2.1 PRÉ-HISTÓRIA DA QUESTÃO

O problema do retorno ao capitalismo nas chamadas “sociedades de transição” se apresentou de maneira prática, pela primeira vez na história, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 na Europa Oriental e URSS. Mas do ponto de vista teórico, esse problema já havia sido analisado por muitos autores ao longo do século 20. Entre esses autores, destaca-se Trótski e seu clássico *A revolução traída*, de 1936. Indo na contramão da maioria esmagadora das análises marxistas daquele período, o dirigente da Revolução Russa não apenas dizia que a restauração do capitalismo na URSS era possível, como era inclusive a hipótese mais provável em médio e longo prazo, dada a impossibilidade de construção de uma sociedade socialista em um único país. Trótski previu também (o que é o mais interessante para nossa análise) que a restauração do capitalismo na Rússia acarretaria uma *catástrofe* econômica e social de proporções inéditas, jogando aquela que era uma das economias mais desenvolvidas do mundo em uma crise sem precedentes. Um pouco mais tarde, em 1937, Trótski (2011, p. 243-244) afirmou: “A vitória dos Estados imperialistas não significaria somente a destruição da nova 'classe' exploradora soviética, mas também das novas formas de produção e, portanto, a queda de toda a economia soviética ao nível de um capitalismo atrasado e semicolonial”. No já referido *A revolução traída*, chegou a prever algumas consequências concretas da volta ao regime capitalista:

A queda do regime soviético causaria inevitavelmente o colapso da economia planificada e, assim, a abolição da propriedade estatal. O elo obrigatório entre os trustes e as fábricas se romperia. As empresas mais favorecidas seriam entregues a si próprias; poderiam tornar-se sociedades por ações ou adotar qualquer outra forma transitória de propriedade, por exemplo a participação dos operários nos lucros. Os kolkhozes se desagregariam de imediato, de forma ainda mais fácil. Assim, a queda da ditadura burocrática atual, sem a sua substituição por um novo poder socialista, significaria a volta ao sistema capitalista com uma baixa catastrófica da economia e da cultura. (TRÓTSKI, 1991, p. 208)

Note-se que Trótski fala de uma “baixa *catastrófica* da economia e da cultura”. Ou seja, para ele, não seria possível restaurar o capitalismo sem uma profunda crise econômica e social que jogaria a URSS “ao nível de um capitalismo atrasado e semicolonial”. É interessante notar também que Trótski refere-se à ruptura do “elo obrigatório” entre os trustes e as fábricas, bem como ao fato de que as empresas se veriam “entregues a si próprias” e poderiam tornar-se “sociedades por ações”. Não nos interesse aqui analisar detalhadamente cada uma dessas previsões e como se realizaram nos anos 1980 e 1990. Diremos apenas que todos esses elementos tiveram lugar na perestroika de Gorbachóv e nas reformas implementadas por Iéltsin já depois da dissolução da URSS.

O que foi, concretamente, essa “baixa *catastrófica* da economia e da cultura”? Alguns números comparativos da situação da Federação Russa no início e no final dos anos 1990 nos ajudam a entender a dimensão do problema:

	1992	1999	Variação
PIB (em dólares) – Fonte BM	460 bilhões	191 bilhões	–59%
Produção industrial (em dólares)	315 bilhões	155 bilhões	–51%
População	148 milhões	146 milhões	–2%
População economicamente ativa	75 milhões	67 milhões	–11%
Mortalidade em 100.000 habitantes	1.216	1.357	+11%
Total de desempregados	3,8 milhões	8,9 milhões	+134%
Desempregados sobre a população economicamente ativa (em %)	5%	13%	+160%
Participação da Rússia na produção industrial mundial (em %)	4,6%	1,8%	–61%
Expectativa de vida	67,8 anos	67,7 anos	–1%
Instituições pré-escolares (berçários e jardins de infância)	81.999	56.608	–31%
Orfanatos	577	1.122	+94%
Instituições de ensino	70.499	69.613	–1,3%
Instituições médicas	12.600	11.100	–12%
Número de leitos sobre 10.000 habitantes	130,6	117,3	–10%
Adoecimento (número de diagnósticos registrados)	91,2 milhões	97, 7 milhões	+7%
Visitas ao teatro	44, 2 milhões	27,6 milhões	–38%
Visitas a museus	95 milhões	66,8 milhões	–30%

Suicídios por 100.000 habitantes	31,1	35,3	+13%
----------------------------------	------	------	------

Tabela 3 – Comparação dos principais indicadores econômicos e sociais no início e final dos anos 1990. Fonte: Serviço Federal de Estatística Nacional (Roskomstat).

A tabela acima possui como única fonte o Serviço Federal de Estatística Nacional (Roskomstat), órgão oficial do Estado russo. Optamos por essa metodologia para evitar o choque entre dados oriundos de distintas fontes. No entanto, poderíamos agregar, por exemplo, a tabela montada pelo pesquisador Angelo Segrillo, que comparou os dados relativos ao crescimento econômico e à inflação ao longo de toda a década de 1990:

Ano	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Crescimento	–4%	–9%	–19%	–8,7%	–12,7%	–4,1%	–3,5%	+0,8%	–4,6%
Inflação	14%	150%	2.580%	840%	307%	198%	48%	14,6%	27,8%

Tabela 4 – Crescimento econômico e inflação por ano. Fontes: Narodnoe Khoziaistvo SSSR e Economist Intelligence Unit Country Report (apud Segrillo, 2000, p. 145).

De todos os dados levantados, chamam mais atenção, evidentemente, aqueles relativos à evolução do PIB, que caiu nada menos do que 59% em apenas 7 anos. Se não houvesse nenhum outro número, esse único dado seria o suficiente para se ter uma ideia do grau de empobrecimento da população em tão curto intervalo de tempo. Para piorar, não está contabilizado, por exemplo, o grau de concentração de riqueza, que também aumentou enormemente desde o início até o final dos anos 1990. Se agregarmos aos dados sobre o PIB os números relativos ao aumento da inflação, que refletem a corrosão dos salários e aposentadorias, pode-se ter uma ideia mais precisa da “baixa catastrófica” a que se referia Trótski. A partir dessa única combinação de dados, todo o quadro revelado pelo Roskomstat torna-se compreensível: desde o número de visitas a museus, passando pelo aumento da mortalidade em geral e chegando até o número de suicídios ocorridos no país. O único indicador que parece ter uma piora pouco significativa é o da expectativa de vida, que passou de 67,8 anos para 67,7. Mas mesmo nesse caso, há uma explicação para que a queda tenha sido pequena. Ocorre que nesse período a Federação Russa estava ainda colhendo os frutos positivos de uma campanha antialcoolismo feita nos anos 1980 (VICHNIËVSKI, 2000). Isso quer dizer que a curva “esperada” da expectativa de vida, dadas as condições socio-econômicas da Rússia, “deveria” ser bem mais acentuada, e só não o foi graças à campanha de conscientização feita no período soviético. Resulta, portanto, que o índice de expectativa

de vida é uma exceção que apenas confirma a regra de um quadro amplamente desolador.

A rigor, a brutalidade da restauração capitalista na Rússia não deveria nos surpreender. Historicamente, o estabelecimento do modo de produção capitalista, onde quer que tenha ocorrido, sempre acarretou uma enorme violência e empobrecimento da população. O fato de que na Rússia o capitalismo tenha surgido sobre a base de uma economia industrial, estatal e planificada apenas aumenta o grau de violência e saqueio, uma vez que se tratava não de construir algo novo a partir da pequena propriedade, mas de 1) apropriar-se de uma riqueza já existente e que pertencia ao Estado e 2) sobre a base desta apropriação, criar uma massa de despossuídos que seriam forçados a vender sua força de trabalho no novo mercado capitalista.

Como assinala Marx (2013, p. 786, grifo nosso):

O processo que cria a relação capitalista não pode ser senão o processo de separação entre o trabalhador e a propriedade das condições de realização de seu trabalho, processo que, por um lado, transforma em capital os meios sociais de subsistência e de produção e, por outro, converte os produtores diretos em trabalhadores assalariados. A assim chamada acumulação primitiva não é, por conseguinte, mais do que o processo histórico de *separação entre produtor e meio de produção*.

E mais adiante:

[...] é preciso que duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias se defrontem e estabeleçam contato; de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que buscam valorizar a quantia de valor de que dispõem por meio da compra de força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, por conseguinte, vendedores de trabalho. (MARX, 2013, p. 786)

Assim, a violência e a miséria oriundas da restauração capitalista na Rússia não foram um “efeito colateral” indesejado, e sim parte fundamental do processo. Restaurar o capitalismo significava, entre outras coisas, criar uma massa de homens e mulheres que não teriam acesso aos meios de produção e que seriam obrigados a vender sua força de trabalho no mercado. Essa legião de despossuídos só poderia surgir no mundo fruto de uma “baixa catastrófica da economia e da cultura”¹⁹.

Evidentemente, o discurso “reformador” enfatizava apenas um lado da questão: o

¹⁹ Mesmo durante o período soviético a classe trabalhadora já vendia a sua força de trabalho para sobreviver, mas o fazia em condições muito particulares, dado que o único comprador dessa força de trabalho era o Estado. Além disso, não se tratava de uma relação de mercado, uma vez que o pleno emprego era garantido.

enriquecimento que deveria se originar das reformas capitalistas. Mas esse enriquecimento (compreendido essencialmente como acesso aos bens de consumo), em todos os lugares onde o capitalismo se estabeleceu como modo de produção dominante, foi sempre o outro lado de uma ampla e poderosa avalanche de empobrecimento. Mais uma vez, Marx (2013, p. 787) explica:

Na história da acumulação primitiva, o que faz época são todos os revolucionamentos que servem de alavanca à classe capitalista em formação, mas, acima de tudo, os momentos em que grandes massas humanas são despojadas súbita e violentamente de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como proletários absolutamente livres.

O resultado final de todo esse processo é que “de sua idade de ouro, [...] a classe trabalhadora [...] decaiu, sem qualquer fase de transição, à idade de ferro” (MARX, 2013, p. 790). Eis um traço fundamental do que se costuma chamar “reformas”.

Do dito acima, não se conclui de forma alguma que o processo de restauração capitalista na URSS foi idêntico ao processo de instauração da ordem capitalista a partir das sociedades pré-capitalistas. Ao contrário, enfatizamos apenas que existem alguns traços externos comuns muito importantes, como a violência e o empobrecimento da população. No entanto, em seu conteúdo, são processos distintos. A essência da restauração capitalista na URSS consistiu no surgimento de uma classe capitalista privada, formada a partir da pilhagem da propriedade estatal. Esta nova classe de capitalistas encontrou disponível no mercado de trabalho uma classe trabalhadora despossuída e sem garantias sociais, dando assim início ao ciclo de acumulação típico do capitalismo.

2.2 COMO SE FORMOU A RÚSSIA DE IÉLTSIN

A nova Rússia, capitalista e “independente”, surgiu das entranhas da URSS em um processo tão rápido quanto surpreendente, em primeiro lugar para o próprio povo, que, segundo todas as evidências, não desejava nem esperava tal desfecho. Segundo Kagarlitski (2000, p. 6), a nova Rússia lembra em muito a Alemanha de Weimar, dadas as condições de colapso do Estado em que ambas formações surgem e a crise social e econômica em que vivem mergulhadas:

A Rússia de Iéltsin se forma como Estado ao longo de alguns meses, de agosto a dezembro de 1991. O Partido Comunista da União Soviética se dissolve, no lugar da *nomenklatura* partidária surgem políticos “democratas” de diversos naipes, que, em 1989 ou 1990, venceram nas eleições livres aos soviets (outra coisa é o fato de que muitos “democratas” são oriundos dessa mesma *momenklatura*). Depois do acordo sobre a liquidação da URSS, assinado por Iéltsin na floresta da Bielovieja em dezembro de 1991, esse Estado existe não apenas “de facto”, mas também “de jure”. Por analogia com a Alemanha de Weimar, o Estado surgido sob Iéltsin pode ser chamado de *Rússia de Bielovieja*.

De qualquer maneira, cabe observar que as origens do desmonte da URSS se encontram em um período muito anterior ao de Iéltsin. Uma análise mais aprofundada revela que as bases para a crise que explodiu na segunda metade dos anos 1980 foram estabelecidas ainda durante o governo Brêjniev, na chamada época da *estagnação* (застой). Nesse período, conhecido tanto pela estabilidade política, quanto pela desaceleração econômica, ocorre, por um lado, uma profunda *alienação* entre os poderes estabelecidos e a sociedade (SOKOLÔV; TIAJÊLNIKOVA, 1999) e, por outro, estabelecem-se as bases de uma nova relação com o consumo:

Durante o governo de Leonid Brêjniev, a principal palavra de ordem da URSS foi a “estabilidade”. Essa “estabilidade” foi obtida às custas da renúncia em buscar novos caminhos de desenvolvimento. O novo contrato social pressupunha que a população renunciasse à exigência de ampliação das liberdades civis em troca do aumento do consumo. A propósito, isso estava totalmente de acordo com as ideias inseridas no programa do PCUS, aprovado no XXII Congresso, já que lá o “comunismo” era descrito unicamente sob a forma de um paraíso consumista, um tipo de supermercado gigante norte-americano, de onde cada cidadão soviético poderia levar grátis e livremente tudo o que satisfizesse as suas “sempre crescentes necessidades”. O culto do consumo inserido no sistema, orientado para o aumento permanente da produção, deveria estabilizar esse mesmo sistema, dar-lhe novos estímulos, mas na verdade acabou decompondo-o. Justamente naquele momento foram estabelecidas as bases da atual corrupção, inclusive não apenas nas altas esferas, mas em todos os estratos da sociedade²⁰. (KAGARLITSKI, 2000, p. 23)

A afirmação acima é confirmada por recentes pesquisas de opinião realizadas na Rússia e que demonstram que o período pelo qual os russos mais sentem nostalgia é, exatamente, a era Brêjniev²¹. Além da estabilidade política, os anos 1970 se caracterizam por serem a época

²⁰ Isso não exclui, evidentemente, que os “valores socialistas” tradicionais, como a solidariedade internacional e a igualdade, fossem constantemente lembrados.

²¹ Cf., por exemplo, <http://bd.fom.ru/report/map/dd064934>. Acesso em: 21 nov. 2018.

em que a produção de bens encontrou relativo florescimento, permitindo uma maior diversificação do consumo das famílias. Esse tema será desenvolvido mais adiante, quando procedermos à análise concreta do fenômeno da nostalgia soviética e determinarmos sua localização no tempo.

A crise vivida pela sociedade soviética ao longo dos anos 1980 significou também o enriquecimento de uma parte da burocracia e sua transformação em uma nova casta enriquecida. Esse processo foi percebido por uma parcela da população com um misto de indignação e decepção, o que por sua vez provocou um enorme desconforto social.

Apesar da insatisfação existente, os fatos parecem comprovar a hipótese de que a população soviética clamava, em primeiro lugar, por reformas *dentro do sistema existente*. Em seu início, a própria perestroika era apresentada não como um plano de restauração capitalista, mas sim como uma forma de fortalecer o socialismo, um “retorno a Lênin” etc. Segundo o próprio Gorbachóv:

No Ocidente há diversas interpretações da perestroika, inclusive nos EUA. Existe o ponto de vista de que foi necessária devido ao estado desastroso da economia soviética e que significa o desencanto com o socialismo e uma crise de seus ideais e fins últimos. Nada poderia estar mais longe da verdade, sejam quais forem os motivos ocultos de tal interpretação.

A perestroika, naturalmente, foi em grande parte incentivada por nossa insatisfação com o rumo que as coisas estavam tomando em nosso país nos últimos anos. Mas foi muito mais inspirada pela consciência de que o potencial do socialismo não tem sido utilizado totalmente. (GORBATCHEV²², s.d., p. 9)

Aqui não importam tanto as verdadeiras intenções da perestroika, o que demandaria uma análise específica, mas sim a forma como ela era apresentada publicamente: uma grande *reforma*, que deveria preservar o sistema socialista e, mais ainda, o Estado soviético. No mesmo sentido, expressou-se aquele que foi considerado o “cérebro” da perestroika, Aleksandr Iákovlev (1991 apud HERNÁNDEZ, 2008, p. 224), que afirmou: “Se hoje em dia continuamos citando Lênin, é para ter uma certa credibilidade diante da opinião pública”²³. Como observa Angelo Segrillo (2000, p. 20), “[...] em nenhum momento era posto em causa o conceito de socialismo. Ao contrário, mantinha-se uma confiança otimista de que 'quanto mais democracia, mais socialismo'”.

O desejo (pelo menos por parte dos cidadãos comuns) de apenas *reformular* a União

²² Grafia original mantida.

²³ IÁKOVLEV, Aleksandr. **Lo que queremos hacer con la Unión Soviética**. s.l.: Alianza Editorial, 1991. 208 p.

Soviética (e não acabar com ela) foi confirmado no plebiscito realizado em 17 março de 1991. No auge da crise de desabastecimento, foi perguntado à população: “Você considera necessária a manutenção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na forma de uma federação renovada de repúblicas soberanas e igualitárias, onde serão garantidas integralmente as liberdades e os direitos dos cidadãos de qualquer nacionalidade?” O plebiscito teve uma participação recorde de 148 milhões de pessoas, sendo que 76% (113 milhões) manifestaram-se pela manutenção da URSS. Apesar da votação esmagadora pelo “sim”, o plebiscito não deu, naquele momento, clareza à situação, pois cada força política interpretou o resultado a seu modo. Por um lado, Gorbachóv aproveitou o resultado da consulta para intensificar os esforços na preparação do texto do novo Acordo da União. Por outro, Iéltsin, presidente da Rússia e defensor da linha “Peguem o tanto de soberania quanto possam engolir”²⁴, adquiria cada vez mais autoridade e prestígio, o que dificultava a renovação do Acordo da União. Além disso, deve-se admitir que a pergunta do plebiscito foi formulada de maneira vaga o suficiente para permitir mais de uma interpretação. Como observam Sokolôv e Tiajêlnikova (1999, p. 374):

De fato, o que poderia significar a expressão “federação renovada”? Como, concretamente, se propunha garantir nela “as liberdades e os direitos dos cidadãos de qualquer nacionalidade”? E por fim, pode-se, de um modo geral, perguntar aos cidadãos de um país se eles consideram necessária a preservação de seu próprio Estado?

É importante lembrar também que o plebiscito não foi realizado em várias repúblicas não-russas. E nas que foi, votaram basicamente os russos. Ainda assim, parece bastante razoável supor que mesmo em seus últimos dias, a União Soviética ainda representava para a maioria esmagadora da população russa algo que deveria ser preservado, e não destruído²⁵.

E no entanto, poucos meses depois do plebiscito de março de 1991, a URSS foi dissolvida e as 15 repúblicas que a constituíam passaram a levar uma vida independente. Isso ocorreu de forma fundamentalmente pacífica, sem que a população russa (que votara majoritariamente pela manutenção da URSS) tenha se levantado contra. A população

²⁴ No original: “Берите столько суверинетета, сколько сможете проглотить”. A frase foi dita por Iéltsin em 06 de agosto de 1990 durante um discurso em Kazan. Mais tarde, foi repetida por ele em Ufá, tornando-se célebre.

²⁵ Em 2016 o VTsIOM fez uma pesquisa em que reproduzia a pergunta feita no plebiscito de 1991. Desta vez, 64% dos entrevistados se manifestaram pela preservação da URSS, enquanto 20% disseram que, se o plebiscito ocorresse hoje, votariam pelo fim da União Soviética. Além disso, 16% não souberam responder. Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=266>. Acesso em: 28 jan. 2019.

simplesmente conformou-se e, em sua maioria, decidiu olhar para frente e dar o caso por encerrado. Poderíamos parafrasear Karl Marx dizendo que predominou a ideia de que “os cidadãos da URSS não têm nada a perder, a não ser suas correntes”. Na verdade, havia muito a perder, e muito foi perdido, ainda que outras coisas tenham sido alcançadas. Mas no limiar da última década do século 20, ninguém sabia o que estava por vir.

2.3 A NATUREZA GERAL DAS REFORMAS

A ideia de reformas econômicas que combinem o planejamento socialista com elementos do mercado capitalista possui uma longa história na URSS, começando nos anos 1930, passando pelas reformas tentadas por Kosígin e encerrando com Gorbachóv. Nesse sentido, desde pelo menos 1987, dentro da URSS enfrentavam-se os adeptos de um plano moderado e paulatino, representados pelos órgãos de poder da União, e os partidários de um plano radical, que em geral se aglomeravam nos governos das repúblicas. Enquanto os moderados permaneciam sem uma estratégia e táticas claras, o centro do plano radical residia no processo de privatizações, que, embora apresentado sempre como uma resposta racional a uma necessidade imperiosa, nunca passou muito de uma “divisão e devoramento sem princípios da herança soviética” (SOKOLÔV; TIAJÊLNIKOVA, 1999, p. 397). O objetivo fundamental nunca foi o estabelecimento de um capitalismo rico e desenvolvido, mas simplesmente de um capitalismo. E a forma mais simples de estabelecê-lo era justamente apropriar-se da riqueza já existente com o objetivo de criar uma nova classe proprietária, oposta socialmente à massa dos trabalhadores. Isso era muito mais fácil do que criar novas riquezas. O efeito colateral desse caminho foi o surgimento de um capitalismo desigual, periférico e dependente, e o deslocamento da Rússia de uma posição central no sistema mundial de Estados para uma posição secundária. Segundo Kagarlitski (1993, p. 10):

Foi-nos prometido o capitalismo, e nós o tivemos. As pessoas comuns e as hordas de líderes, todos tinham visões de ricas vitrines das lojas de Paris, esquecendo-se dos desempregados famintos de cidades como Lima e São Paulo. O avião decolou e parte do público ainda acredita que ele vá aterrissar em Paris ou Estocolmo. Só que, na verdade, a rota foi programada para o Brasil, ou mesmo para a Nigéria, porque aquela empresa aérea e aquele tipo de avião não voam para a Europa Ocidental de maneira alguma. É verdade que alguns atingirão sua meta, e viverão em Moscou como se estivessem em Paris – mas às custas dos que estarão vivendo como na América do Sul ou na África.

Concordamos com Kagarlitski quando este afirma que o termo mais apropriado para designar o processo vivido pela Rússia nos anos 1990 é *restauração*. Em primeiro lugar, por ser um conceito comumente utilizado na ciência histórica, sempre que nos referimos à reconstrução de um regime político ou social que existira no passado e que, por qualquer razão que seja, volta à cena. Em segundo, porque no caso específico da Rússia, esse termo estabelece a necessária conexão entre os eventos da era Iéltsin e aqueles que, no fundo, lhe deram origem: a Revolução Socialista de Outubro de 1917. O termo *restauração* indica que restabeleceu-se na Rússia um sistema *antigo*, que já havia existido no país há cerca de 70 anos. Com isso, temos também uma dimensão mais precisa do retrocesso histórico aí contido:

A especificidade das reformas econômicas na Rússia residia no fato de que as “velhas” estruturas, por seu nível técnico e organizativo, eram muito superiores às “novas”. O setor estatal das sociedades “comunistas”, apesar de toda a sua fraqueza, distinguia-se por um alto e amplamente reconhecido nível técnico e podia, pelo menos em algumas esferas, concorrer com sucesso com o Ocidente. (KAGARLITSKI, 2000, p. 52-53)

O termo “restauração capitalista” não significa que a Rússia dos anos 1990 possa ser igualada à Rússia pré-revolucionária. Evidentemente, tratam-se de duas formações econômico-sociais distintas, ou seja, sociedades com características concretas e mecanismos próprios. Ainda assim, nos dois casos temos o capitalismo como modo de produção predominante. É nesse sentido que o termo “restauração” deve ser entendido.

Ainda que reflita o conteúdo do que ocorreu, o termo *restauração* não dá conta de expressar a *forma* do processo, ou seja, o grau de *violência* empregado na restauração das relações capitalistas. Aqui, o termo *violência* não deve ser entendido apenas como enfrentamento sangrento, mas como uma mudança abrupta, radical, não-negociada, imposta desde cima, inesperada e que gera resistência nas camadas mais baixas da sociedade. Assim, a restauração capitalista não só foi violenta, como representou inclusive uma *escalada de violência*. Os “reformadores” liberais se radicalizavam na mesma proporção do fracasso das medidas aplicadas, gerando assim um círculo vicioso que só terminaria com a falência completa de toda a linha reformadora, em 1998:

O fato da liberação dos preços ao consumidor, em janeiro [de 1992], não ter trazido logo um equilíbrio na situação do abastecimento, ao invés de diminuir, aumentaria sua convicção [de Iegor Gaidar, ministro da Economia e Finanças da Rússia] de que este era o caminho certo. Dizia que o mercado

russo não entrava em equilíbrio devido a ser dominado por grandes companhias monopolistas que impediam a livre concorrência. A solução seria partir para uma privatização acelerada a fim de desmonopolizar e incentivar a concorrência com as antigas e novas empresas. (SEGRILLO, 2000, p. 75)

Sokolôv e Tiajêlnikova (1999, p. 393) corroboram esse ponto de vista quando afirmam:

A realização das reformas na Rússia foi confiada aos elementos mais radicais, que revelaram uma completa incapacidade de utilizar o potencial científico, produtivo e intelectual da sociedade soviética em conformidade com as exigências da atualidade. A realização das reformas ficou nas mãos dos liberais-democratas mais decididos e de orientação ocidental, que negavam completamente a experiência soviética.

Ao se depararem com o radicalismo e a insistência dos neoliberais em aplicar um plano de reformas extremamente violento, os adeptos mais moderados das reformas estavam inclinados a ver na política dos radicais uma espécie de “reincidência do bolchevismo”. Sokolôv e Tiajêlnikova (1999, p. 394) observam com certa ironia: “Os netos dos comissários bolcheviques revelaram uma espécie de bolchevismo às avessas. O que no Ocidente levou-se séculos para fazer, eles tentaram realizar de uma única vez, ou em 500 dias”. Dentre todos os reformadores, certamente o mais radical era Iegor Gaidar. Sobre ele, Vladimir Pastukhov²⁶ (apud KAGARLITSKI, 2000, p. 100) faz uma interessante comparação:

Em muitos aspectos, Gaidar foi realmente um “achado”. Sem a vaidade de Burbúlis²⁷, sem a sede de poder de Chakhrai²⁸ e sem o egoísmo de muitos de seus comandados, ele era um novo bolchevique “puro”. De alguma forma, lembrava Bukhárin, e poderia ser chamado sem dúvida de “o mais querido do partido”, se tal organização existisse²⁹.

²⁶ Pastukhov V. **Tri vremeni Rossii**. Moscou: Polis-Rospen, 1994, p. 126-127.

²⁷ Figura importante ao longo de todo o período da perestroika, Guennadi Burbúlis foi o primeiro e único secretário de Estado da RSFSR (República Socialista Federativa Soviética da Rússia) entre 1991 e 1992, vice-presidente do governo da RSFSR (1991-1992) e secretário de Estado da Federação Russa (1992). Na qualidade de secretário de Estado da RSFSR, colocou sua assinatura sob o Tratado de Bielovieja (8 de dezembro de 1991), que pôs fim prático à URSS.

²⁸ Serguei Chakhrai foi vice-presidente do governo da Federação Russa entre 1994 e 1996 e um dos autores da Constituição da Federação Russa.

²⁹ Refere-se ao famoso trecho da “Carta ao Congresso”, documento popularmente conhecido como “Testamento Político de Lênin”. Nesta série de notas, ditadas por Lênin às suas secretárias no final de 1922 e início do 1923, já quando se encontrava muito debilitado por dois acidentes vasculares cerebrais, o líder bolchevique faz uma série de considerações estratégicas sobre o futuro da URSS e do partido bolchevique e caracteriza alguns membros do Comitê Central. Sobre Nikolai Bukhárin, afirma: “Bukhárin não é só um valiosíssimo e grande teórico do partido, mas também, além disso, é considerado legitimamente o mais querido de todo o partido. Porém, suas concepções teóricas muito dificilmente podem qualificar-se de inteiramente marxistas, pois há nele algo escolástico (jamais estudou e creio que jamais compreendeu por completo a dialética)” (LÊNIN, 2012, p.

A partir de meados dos anos 1990, quando ficou evidente para todos que as reformas eram irreversíveis, o VTsIOM começou a realizar pesquisas para saber a relação das pessoas com as reformas e seus resultados. Ao responder à pergunta “Com o que você relaciona o conceito de 'economia de mercado'?”, 54% dos russos responderam “com aumento dos preços”, 34% relacionavam “com a divisão entre pobres e ricos” e 23% “com a queda do nível de vida” (apud POPÓV, 2015).

A ideia de que a economia de mercado premiaria os indivíduos mais dinâmicos era reconhecida por parte significativa da população, mas não apoiada. Na metade dos anos 1990 ainda predominava entre os russos a compreensão de que a justiça social é mais importante do que o sucesso individual. À pergunta “Você apoiaria uma reforma econômica em que as pessoas de maior energia e iniciativa tivessem sua renda triplicada, enquanto a renda de todos os outros subisse apenas alguns pontos percentuais?”, 35% das pessoas responderam que sim, enquanto 65% disseram que não concordariam (apud POPÓV, 2015).

Nenhuma exposição das reformas na Rússia poderia ser completa sem analisarmos minimamente a personalidade do homem que as encabeçou como líder político, Boris Iéltsin. Visto como um dirigente forte em oposição ao fraco Gorbatchóv, Iéltsin parece ter captado melhor do que ninguém o profundo giro na consciência da maioria da população, ocorrido no final dos anos 1980, quando a ideia do socialismo perdeu definitivamente espaço para a proposta de uma economia de mercado. Iéltsin tornou-se popular porque encarnou, em um certo momento, a coragem de se revoltar contra uma ordem considerada injusta, a crítica contundente ao burocratismo, aos privilégios das camadas dirigentes, à ineficiência do sistema etc. No entanto, sua sintonia com os humores do povo tinha um lado negativo. Segundo Kagarlitski (2000, p. 137-138),

Iéltsin era a encarnação ideal das características mais repulsivas da alma russa, dos traços mais vergonhosos do caráter da nação: a irresponsabilidade, a esperança de um “talvez”³⁰, a ignorância, a grande grosseria nacional combinada com a adoração dos mais fortes, a complacência absolutista misturada com um complexo de inferioridade em relação ao Ocidente. Em resumo, tudo aquilo que sempre atrapalhou o progresso, que é incompatível com a cultura europeia e com a liberdade, que sempre dificultou o sucesso da modernização do país. [...] Exatamente por isso, a intelectualidade liberal-ocidentalista gostava tanto de Iéltsin. Pois ele era o ideal do líder popular: uma pessoa completamente distante de qualquer civilização, mas

75).

³⁰ No original, “авось”.

pronta para realizar com mão de ferro as reformas propostas por seus conselheiros “civilizados”. Algo semelhante a um bárbaro domesticado.

Tudo parece indicar que os deméritos de Iéltsin, muito mais do que seus méritos, o qualificavam para conduzir a restauração capitalista na Rússia durante os “selvagens 1990”. A violência do processo, a necessidade de relações servis para com os investidores e líderes ocidentais, o desprezo pela reação popular à reformas liberalizantes – tudo isso exigia um dirigente como Iéltsin, o guia genial e grande timoneiro do novo partido bolchevique antissoviético e neocapitalista.

2.4 AS PRIVATIZAÇÕES

Com o fim definitivo da URSS e a vitória de Iéltsin sobre Gorbatchév, não restavam mais dúvidas sobre qual caminho seguir rumo a uma economia de mercado. O centro do plano de restauração capitalista passava pelo processo de privatizações. Apesar do importante papel que cumpriram as *cooperativas privadas*, surgidas ainda em 1988, durante a perestroika, elas eram insuficientes. Nenhum capitalismo moderno pode se basear apenas na pequena e média propriedade. Na melhor das hipóteses, as cooperativas criaram uma camada de comerciantes interessado nos “negócios”, e que constituíam uma importante base de apoio político para o verdadeiro plano de restauração: a venda das estatais. O plano de privatizações na Rússia foi o maior da história, o que não é de se admirar, dadas as dimensões da economia soviética e seu caráter totalmente estatal (pelo menos nas cidades, já que no campo predominavam as fazendas coletivas). A primeira fase das privatizações, que foi até junho de 1993, resultou na venda de cerca de 200 mil empresas estatais, principalmente de pequeno porte e que atuavam no setor de comércio e serviços (restaurantes, lojas, salões de beleza, pequenos mercados etc.). A partir de 1993, com a entrada em cena dos *vouchers*, o processo foi acelerado, e mais 7.500 empresas foram privatizadas, colocando cerca de 8 milhões de pessoas no mercado capitalista de força de trabalho. Ao final dessa segunda etapa, em 1994, aproximadamente 70% de todas as empresas industriais do país haviam sido privatizadas e quase 40 milhões de russos possuíam algum tipo de ação ou título de privatização. Para se ter uma ideia, isso é mais do que a proporção de investidores existentes, por exemplo, nos Estados Unidos. Apesar do governo ter retido o controle de importantes empresas estratégicas, pode-se afirmar que o processo de privatização alcançou seus objetivos (SEGRILLO, 2000, p. 77).

A distribuição massiva de *vouchers* não fez surgir na Rússia, pelo menos naquele momento, uma classe média assalariada, proprietária e investidora, como nos Estados Unidos. Isso foi assim porque rapidamente os *vouchers* foram se acumulando em algumas poucas mãos, que souberam especular e aguardar o momento certo para utilizá-los. A cotação alegada de “2 carros populares para cada *voucher*” logo se transformou, de fato, em uma cotação de cerca de “3 garrafas de vodka por *voucher*”, acentuando a percepção das pessoas comuns de que todo o plano de privatizações não passava de um grande roubo. As operações fraudulentas com os *vouchers* levaram Anatoli Tchubais, chefe do Comitê Estatal de Propriedade, a declarar que

Nós não podíamos escolher entre uma privatização “honesta” e uma “desonesta” porque uma privatização honesta exigiria regras claras estabelecidas por um Estado forte que garantisse a observância das leis. No início dos anos 1990 nós não tínhamos nem Estado, nem leis. Os serviços de segurança do país e a polícia estavam do outro lado das barricadas. Eles tinham sido educados pelo Código Penal soviético, que previa de três a cinco anos de prisão por atividade comercial privada. Nossa escolha era entre um comunismo bandido e um capitalismo bandido. (apud OSTRÓVSKI, 2004)

Interessante observar que a compreensão popular sobre a natureza das privatizações coincidia, pelo menos em parte, com a avaliação a posteriori feita por Tchubais. No verão de 1992, 44% dos entrevistados em uma pesquisa realizada pelo Centro Pan-Russo de Estudos de Opinião Pública afirmavam que a privatização por *vouchers* era uma “enganação” e apenas 15% viam no sistema de *vouchers* um passo para que “cada um possa se tornar proprietário” (apud POPÓV, 2015).

Outro dado interessante diz respeito ao fato de que na metade dos anos 1990 cerca de 15% da população economicamente ativa já estava empregada no setor privado, 10% complementavam sua renda com alguma atividade privada e outros 10% planejavam fazê-lo no curto prazo. Ainda assim, mais da metade dos adultos consideravam que o melhor para a economia era o controle estatal socialista e 3/5 gostariam que a economia voltasse a funcionar como funcionara até 1985 (apud POPÓV, 2015).

Para Kagarlitski, não se pode afirmar que o dinheiro e a propriedade acumulados nos anos 1990 pelos “novos russos” tenham se tornado efetivamente capital, já que “[...] um traço característico do capital é a sua capacidade de auto-crescimento, e da empresa capitalista é a capacidade de reprodução ampliada (diferentemente da empresa feudal)”. Segundo o pesquisador russo, no início dos anos 1990 na Rússia não havia nada disso. Para ele, o que

surgiu na Rússia nesse período foi um tipo de economia extensiva, baseada unicamente na ampliação permanente do espaço, quer dizer, na apropriação permanente de novos recursos originalmente pertencentes ao Estado:

Os economistas diziam que a privatização criaria um estímulo ao trabalho, à concorrência, que aumentaria a eficácia da economia. Os homens práticos do governo entendiam o fundo da questão muito melhor. Se não alimentarmos os negócios às custas da privatização, eles ameaçam ruir. Por isso, só se podia ir para frente: terminou a propriedade do PCUS – tomemos a propriedade estatal; começou a secar a propriedade estatal – tomemos a dos sindicatos. Assim faziam os povos primitivos: quando o pasto desaparecia, ocupavam o do vizinho por meio da guerra. (KAGARLITSKI, 2000, p. 105)

Fernando Haddad (1992, p. 11) vai no mesmo sentido ao afirmar que, em períodos de transição, a riqueza, embora assuma algumas formas capitalistas, não pode ser considerada capital no sentido pleno da palavra:

Neste período [de transição], a acumulação de capital depende de condições impostas pela força, isto é, o capital primitivo é capital na medida em que as condições de sua valorização estão garantidas, ainda que coercitivamente; e não é capital, na medida em que o capital ainda não é um sujeito automático que cria os pressupostos de sua reprodução.

Essa afirmação está em perfeita sintonia com a definição de acumulação primitiva dada por Marx em *O Capital*. E o mais importante: reflete o verdadeiro mecanismo de acumulação primitiva que teve lugar na Rússia nos anos 1990, qual seja, o roubo puro e simples, a apropriação violenta, a fraude e a coerção. Dessa forma, a privatização tornou-se não apenas a forma prioritária de acumulação de capital; ela tornou-se *a própria base da vida econômica*. Os negócios parasitários, incapazes de criar qualquer coisa, precisavam conquistar e utilizar cada vez mais novos recursos. Nisso reside o segredo da dimensão das privatizações, seu ritmo e seus caminhos, ao mesmo tempo em que os economistas constatavam (e o povo sentia), em unanimidade quase completa, o fracasso da iniciativa.

De uma forma geral, as privatizações resultaram na falência de ramos inteiros da economia e na transformação da Rússia, de um país basicamente soberano e autossuficiente, em uma economia exportadora de matérias-primas, dependente de investimentos externos e das flutuações do mercado mundial:

A privatização da economia abriu espaço para a pilhagem das empresas

estatais feita pelos “empreendedores”. Mas o cálculo de que as empresas privatizadas, uma vez que tivessem um “verdadeiro dono” se tornariam a locomotiva de uma nova e florescente economia capitalista estava totalmente errado. O ramo que mais se adaptou às novas condições foi a indústria primária, mais especificamente o complexo gaso-petrolífero, criado, diga-se de passagem, no período soviético, e alguns outros, cuja produção encontrou demanda no mercado internacional. A saída do Estado da regulação da economia resultou em consequências mortais para ramos e regiões inteiras do país, cuja manutenção se baseava na ajuda estatal. (SOKOLÔV; TIAJÊLNIKOVA, 1999, p. 398)

A catástrofe econômica que resultou do desmantelamento da propriedade estatal deveria necessariamente se expressar em termos de consciência social e relação com o processo de privatização, que passou a ser cada vez mais rejeitado. Da mesma forma, as figuras “reformadoras” como Anatoli Tchubais e Iegor Gaidar passaram a ocupar um espaço negativo no imaginário de milhões de russos, que começaram a vê-los como simples representantes dos oligarcas, “novos russos” e capitalistas internacionais.

2.5 A CRISE ECONÔMICA E SOCIAL

A crise econômica que se abateu sobre a Rússia no início dos anos 1990 ainda carregava consigo características da crise da perestroika, principalmente no que dizia respeito à escassez de produtos. Desapareceram mercadorias como sabão em pó, sabonete, açúcar, cadernos escolares, manteiga, roupa de cama. O mercado ilegal, principalmente baseado nas cooperativas privadas, assumiu as funções de mercado legal, sem que isso fosse acompanhado de uma queda correspondente dos preços. O mecanismo de agiotagem consistia na compra em grande escala desses produtos pelas cooperativas e posterior especulação com o desabastecimento. Ao mesmo tempo, proliferavam os *tchelnoki*, atravessadores que traziam produtos principalmente da Polônia e outros países do Leste Europeu. No início de 1990, para se ter uma ideia, das 1101 mercadorias consideradas essenciais, apenas 56 estavam disponíveis nas prateleiras dos mercados (SOKOLÔV; TIAJÊLNIKOVA, 1999, p. 367).

Já nesse período, os ideólogos das reformas se questionavam sobre o destino de sua empreitada, uma vez que o sucesso da restauração capitalista dependia em grande medida de como se comportaria a economia mundial nos próximos anos: seria o mercado mundial capaz de absorver a Rússia em condições que não provocassem uma nova explosão social? Essa pergunta permanecia em aberto no início dos anos 1990 e o jornal novaiorquino *The Nation*,

como que prevendo os eventos que ocorreriam quase uma década depois, se perguntava abertamente:

O que acontecerá se o mundo passar por outro severo revés econômico, como o de meados dos anos 1970, ou por uma crise ainda mais grave, na escala da Grande Depressão? Que decepção estaria reservada para milhões de pessoas na Europa Oriental se a sua fé no Deus-Mercado sofresse o mesmo desastre que sua fé no Deus-Partido Comunista? (apud KAGARLITSKI, 1993, p. 17)

Esse alerta de *The Nation* é especialmente interessante porque a crise de 1998 teve como resultado, entre outros fatores, exatamente a perda da fé no “Deus-Mercado” e o apoio massivo por parte da população a um novo curso econômico e social, que será analisado mais adiante.

A crise econômica do início dos anos 1990 tem uma de suas raízes na desorganização provocada pela ruptura das ligações econômicas entre as repúblicas. A planificação e a centralização econômica criaram economias regionais altamente especializadas, onde cada região dependia do conjunto, e não poderia viver (pelo menos dignamente) sem ser parte de um todo maior:

O crescimento da economia da antiga URSS em 1991 tinha sido de 8% *negativos*, como se houvesse entrado em guerra ou sofrido algum cataclismo natural. Este decréscimo, em grande parte, provinha da perda de laços e comunicação na cadeia produtiva entre as diferentes repúblicas que estavam se separando. A União Soviética sempre tivera uma estrutura econômica muito integrada, favorecendo as economias de escala, com regiões especializadas na feitura de certos produtos para *toda* a antiga União. No momento em que estas regiões se separaram, eram inevitáveis os “gargalos” e interrupções na cadeia produtiva de diferentes artigos. (SEGRILLO, 2000, p. 73)

Além disso, as antigas empresas soviéticas se viram diante de uma realidade muito simples para uma economia capitalista, mas que elas jamais haviam enfrentado: a *concorrência*, inclusive contra corporações monopólicas estrangeiras bem organizadas e com enorme experiência no mercado. Por sua vez, a liberalização dos preços provocou a quebra de todo o sistema financeiro soviético. Sobre suas ruínas, começaram a surgir novas formações monstruosas – pirâmides financeiras, bancos fictícios e não confiáveis e outras instituições do tipo. Ocorreu a lavagem do dinheiro oriundo da criminalidade e a destruição das relações produtivas características da economia soviética. Os fundos essenciais da gigantesca indústria

soviética perderam qualquer apoio e sofreram um desgaste físico e moral. As fontes de arrecadação do orçamento sofreram uma queda. O Estado começou a buscar fontes complementares e continuou a dinâmica de endividamento iniciada por Gorbachóv (SOKOLÔV; TIAJÊLNIKOVA, 1999, p. 397).

Ao analisarmos mais de perto a década de 1990, observamos que a economia russa, embora em decadência constante, vai adquirindo cada vez mais uma espécie de pseudo-estabilidade. Essa pseudo-estabilidade foi conquistada graças a uma política de endividamento sempre crescente, que impedia a efetiva recuperação da capacidade produtiva do país, ao mesmo tempo em que adiava para o futuro a explosão de todo o sistema:

Os juros internos subiriam de maneira incrível, para atrair o fluxo de dólares (capital estrangeiro) necessário para manter a cotação do rublo.

Os resultados desta política estavam dentro do figurino. Com o tempo, a inflação caiu e relativa estabilidade de preços foi alcançada. Entretanto, os juros elevadíssimos e a competição de mercadorias estrangeiras, que entravam no país com tarifas de importação baixas, impediam o setor industrial russo de retomar o crescimento. Ao contrário, na maior parte da década, a economia *decreceu* (!) a cada ano. (SEGRILLO, 2000, p. 83)

Assim, ao longo de praticamente toda a década de 1990, a Rússia compensou a destruição da indústria nacional por meio da entrada relativamente estável de dólares, tanto pela via da exportação de petróleo e gás a altos preços (os anos 1990 observaram um aumento da demanda internacional por essas *commodities*), quanto emitindo títulos estatais de alto rendimento, que atraíam os especuladores internacionais. Dessa forma, apesar das enormes distorções que essa política provocava em médio e longo prazo, o país conseguiu manter uma balança comercial positiva ao longo da década, com um superávit médio anual que chegou a 20,7 bilhões de dólares no período 1995-1997 (SEGRILLO, 2000, p. 106).

Para Sokolôv e Tiajêlnikova, o principal efeito dessa política foi a desindustrialização do país, cujas consequências iam muito além da economia, acarretando uma espécie de lumpenização generalizada que abarcava tanto as camadas mais altas (oligarcas, mafiosos e novos russos), quanto as mais baixas da população (desemprego estrutural, roubo das empresas por parte de seus funcionários, complemento do salário com produção agrícola própria etc.):

Uma das ideias mais perigosas do processo de reformas do país é da desindustrialização, que recebeu até mesmo justificação teórica no

argumento de que a indústria soviética produzia um “lixo que ninguém precisa”. É claro que se pode discutir se a produção era necessária ou não, em quais quantidades e volume. Mas o principal, e onde reside o perigo de tal concepção, foi a destruição injustificada e inédita de uma indústria, cuja construção exigiu enormes esforços, onde foi colocada uma enorme quantidade de sacrifícios e privações. Por mais que a economia soviética fosse atrasada, ela era formadora para a sociedade, e a sua destruição trouxe consigo uma catástrofe social jamais vista. (SOKOLÔV; TIAJÊLNIKOVA, 1999, p. 398)

Sem nos determos nesse assunto agora, diremos apenas que a destruição da indústria soviética teve profundas consequências psicológicas sobre uma parte importante da classe trabalhadora, que identificava a sua própria história com a história dessas empresas. Para essas pessoas, não se tratava apenas da perda de uma unidade produtiva ou de uma fonte de renda, mas do desaparecimento de todo o seu passado, de suas memórias, do sentido de suas vidas.

Como dissemos mais acima, os anos 1990 na Rússia podem ser divididos em duas etapas distintas. O primeiro período, que vai de 1991 até 1994 corresponde à primeira etapa das reformas e se caracteriza pelo processo de privatizações e pela profunda instabilidade política, social e econômica, fruto da imaturidade dos mecanismos capitalistas do país. Corresponde a esse período o bombardeio do parlamento por Iéltsin, com a posterior imposição de uma nova Constituição feita sob sua encomenda, bem como a violenta luta pela propriedade privatizada, que se expressava no fenômeno da máfia e da criminalidade em geral. O segundo período vai de 1994 até 1999 e se caracteriza por uma contínua (ainda que frágil) estabilização política, nos marcos da continuidade da decadência econômica e do aumento da dependência do país em relação aos mecanismos do mercado internacional (mercado de *commodities* e investimentos especulativos estrangeiros). Segundo os prognósticos oficiais, durante a primeira etapa das “reformas” deveriam se manifestar suas consequências mais negativas (a queda do nível de vida, aumento das exigências sobre os trabalhadores, a desorganização da economia etc.). Em compensação, na segunda etapa deveriam aparecer com toda a força “as vantagens do mecanismo mercantil”. Na vida real, foi o contrário. Nos primeiros momentos as pessoas sentiram algumas mudanças positivas: acabou o déficit crônico, surgiram mercadorias estrangeiras de qualidade (sobretudo em Moscou e São Petersburgo). Isso permitiu que os primeiros dois anos de reformas tenham sido captados pela consciência popular como um “sacrifício necessário” à entrada na Rússia na economia de mercado e, conseqüentemente, no Primeiro Mundo (KAGARLITSKI, 2000, p.

218). O quadro geral do primeiro período, no entanto, seguia sendo o de uma enorme crise. Como observa Angelo Segrillo (2000, p. 81):

Os resultados continuaram sendo uma queda sensível no nível de vida da população. A inflação disparou, atingindo a astronômica taxa de 2.580% naquele ano [1992] [...]. A Rússia avançava a passos largos rumo ao capitalismo, mas a um custo altíssimo: a “terapia de choque” de Gaidar parecia ter-se transformado num “choque sem terapia”. A política de abertura do comércio avassalava o mercado interno com mercadorias importadas, frequentemente de qualidade superior às russas, mas, em compensação, as indústrias do país sofreriam uma queda brutal devido à concorrência estrangeira, à queda do poder aquisitivo da população etc. [...] Em 1992 o Produto Interno Bruto da Rússia decresceu em 19% (uma taxa semelhante às destruições das grandes guerras!).

Uma particularidade das relações trabalhistas na época pós-soviética era a dívida crônica no pagamento de salários. Esse fenômeno ocorreu no setor estatal e nas empresas privadas, tanto nas recém-fundadas quanto nas privatizadas. As empresas pertencentes ao capital estrangeiro não eram uma exceção, embora nelas o número de casos fosse menor (KAGARLITSKI, 2000, p. 220). A epidemia das dívidas salariais se espalhou por todas as regiões e ramos da economia, aprofundando o quadro de desagregação social. Em outras ex-repúblicas soviéticas observou-se uma situação análoga – no Cazaquistão, na Ucrânia e em menor escala na Belarus. Em junho de 1998, quando a Rússia foi tomada por uma onda de protestos massivos, o valor total da dívida no país atingia 69,9 bilhões de rublos (ou seja, cerca de 6,5 bilhões de dólares), sendo que apenas no ramo industrial a dívida era de 56,4 bilhões de rublos. Os ramos financiados pelo orçamento público (ou seja, saúde, educação etc.) correspondiam a 17,8% do total da dívida.

Em uma situação na qual a administração das empresas não conseguia pagar os operários, ela não podia também evitar que eles usassem o maquinário das fábricas para produzir objetos para seu uso pessoal ou para a troca. Tal produção “informal” não era contabilizada em nenhum lugar, mas os prejuízos – total ou parcialmente – acabavam recaindo nos ombros do setor formal. Dessa maneira, os produtores “oficiais” subsidiavam indiretamente a economia informal, mas isso ainda era mais barato e mais simples para eles do que pagar aos operários todo o custo de sua força de trabalho (KAGARLITSKI, 2000, p. 219).

Ao mesmo tempo em que a classe trabalhadora tradicional se desagregava socialmente fruto do não-pagamento crônico dos salários, aumentava a diferenciação entre as regiões.

Desde o início dos anos 1990, graças ao caráter especulativo dos investimentos atraídos, observou-se uma hiperconcentração de capital (principalmente financeiro) em Moscou, com o correspondente empobrecimento das cidades periféricas. O contraste entre a rica Moscou e a província miserável tornou-se um importante fator de desconforto social, que explodiria com força em 1998, na chamada “Guerra dos Trilhos”:

Tal florescimento, no entanto, observou-se apenas em algumas cidades que se tornaram “centros” do sistema. No que diz respeito à “periferia”, lá reinava o esvaziamento e a miséria. Em Moscou acabou se concentrando cerca de 80% do capital financeiro, cerca de 12% ia para São Petersburgo e apenas 8% para todo o resto do país. E mesmo esse capital restante, como é fácil supor, era dividido de maneira extremamente desigual. Em 1998, 21,7% da população do país, segundo dados oficiais, possuía rendimentos abaixo do mínimo necessário. Em compensação, 10% da população – a maior parte vivendo na capital e em grandes centros de negócios – recebia cerca de 1/3 de toda a renda nacional. (KAGARLITSKI, 2000, p. 285)

De um modo geral, as consequências sociais das reformas resultaram avassaladoras, o que mais cedo ou mais tarde deveria resultar em crise política.

2.6 A CRISE POLÍTICA

Os anos 1990 significaram para os russos não apenas decadência e crise econômica e social, mas também uma profunda decepção no terreno da política, em particular com a própria ideia de democracia, que muito rapidamente passou a ser associada à ausência de garantias, aumento da criminalidade e impunidade. Apesar da sociedade ter atingido um grau de liberdade muito maior do que aquele que havia no período soviético, muito do que foi prometido pela política da glasnost (“transparência”) não se cumpriu de fato. Mais do que isso, o regime político conheceu um relativo endurecimento após o bombardeio do parlamento em 1993. A nova Constituição de Iéltsin garantia ao presidente poderes quase autocráticos, desfazendo em muito o sonho de liberdade, democracia e autogoverno dos anos anteriores. Combinados, esses fatores parecem ter determinado uma mudança na relação da população com a democracia ao longo da década: ou como algo que simplesmente não existia no país, ou como um regime que carregava consigo, invariavelmente, a injustiça social. Tanto é assim, que na segunda metade da década (principalmente a partir da crise de 1998) não era raro que a

democracia fosse chamada de “dermocrazia”, algo como “merdocrazia”, em tradução livre³¹.

Não era essa, evidentemente, a expectativa dos russos no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando a ideia da democracia ainda dominava o imaginário popular. Em meados dos anos 1990, a democracia ainda era o regime político mais reivindicado pelos russos, mas a compreensão do que significava exatamente democracia era bastante desigual. Em enquête realizada em 1994 pelo Birô de Pesquisas Sociais Aplicadas, revelou-se o seguinte quadro:

Pergunta: O que significa para você viver em um Estado democrático? (permitido mais de uma resposta)	
Segurança no dia de amanhã	38%
Viver bem materialmente	31%
Observância dos direitos humanos, respeito à individualidade	24%
Viver em paz e harmonia	23%
Um Estado governado pelo povo, onde o povo vive bem	20%
Igualdade de todos os cidadãos	11%
Um Estado de direito	9%
Viver como antes da perestroika	8%
Ausência de corrupção	7%
Liberdade dos cidadãos	7%
Possibilidade de participar em eleições livres	4%

Tabela 5 – Compreensão da população russa sobre democracia (1994). Fonte: Birô de Pesquisas Sociais Aplicadas (apud Popóv, 2015).

Note-se que a compreensão do cidadão comum sobre a democracia estava, na metade dos anos 1990, muito mais associada à estabilidade econômica e social do que aos direitos civis e políticos.

Para Kagarlitski, a baixa densidade da democracia na Rússia está relacionada à localização periférica e atrasada que o país assumiu logo após a restauração. Tal abordagem nos parece muito mais interessante do que aquelas que apelam a uma espécie de “essência” do povo russo, que seria incapaz, supostamente, de conviver por muito tempo com um regime democrático e demandaria sempre um “paizinho tsar” para governá-lo e dominá-lo. Ao contrário, a aspiração por democracia parece ter sido uma constante na história russa, mesmo

³¹ Do russo “дерьмо” [dermô] (merda).

antes do período soviético, começando pela tradição dezembrista, passando por todo o século 19, pela revolução de 1905, pela Revolução de Fevereiro, pelo duplo poder representado pelos soviets, pela luta da Oposição de Esquerda em defesa da restauração da democracia proletária no partido, pelo degelo e pela própria glasnost. Como nos explica Kagarlitski (2000, p. 39),

A democracia pós-comunista resultou tão “subdesenvolvida” e “atrasada” quanto o capitalismo local. Mas aqui também a questão não está na ausência de tradições ou falta de tempo. Os dois fenômenos têm a mesma explicação: depois de 1989, as sociedades da Europa Oriental se integraram definitivamente no sistema-mundo capitalista na qualidade de periferia.

Além disso, ao invés de estabilização política, os anos 1990 foram testemunhas de uma luta desenfreada entre castas, empresários e esferas do poder. Essa luta nada mais era do que a expressão superestrutural da luta pela propriedade privatizada e pelo controle do Estado que detinha a propriedade ainda não privatizada, mas prestes a ser colocada à venda. Esse fator influenciou na qualidade do regime político, criando uma democracia anêmica, de baixa intensidade e incapaz de compensar, com suas liberdades, o sofrimento social e econômico:

Predominou não o compromisso, mas sim a tentativa de sujeitar um poder ao outro, tentativa essa realizada com o apoio silencioso do Ocidente ao estabelecimento de uma “ditadura democrática”. Tudo isso terminou no bombardeio da “Casa Branca”³² e na promulgação de uma nova Constituição “sob o controle de Iéltsin”. (SOKOLÓV; TIAJÉLNIKOVA, 1999, p. 406)

À medida que Iéltsin consolidava seu regime, ficava cada vez mais claro que o que havia ocorrido em 1991 fora uma mera mudança de governo, e não uma revolução democrática. Não era raro nesse período a referência a Iéltsin como “Boris I”. A famosa matriochka em que um novo governante sai de dentro de um antigo, vendida como souvenir nas tendas turísticas, é apenas a expressão lúdica do tipo de câmbio que havia tido lugar na Rússia. Ou pelo menos era assim que a população compreendia. A deposição de Gorbatchév ou o fim do monopólio do PCUS não eliminara o caráter autoritário do Estado:

A decisão tomada pelos príncipes, reunidos numa *datcha* do governo na floresta de Bielovieja, em princípio, afetava somente Gorbatchév. A presidência foi abolida. Sem presidente, nada de país. Sem Gorbatchév, nada de URSS. O presidente renunciou, e a bandeira vermelha foi retirada do

³² Assim era chamado, popularmente, o prédio onde funcionava o Soviet Supremo da Rússia em 1993.

Krémlin. Em outras palavras, eles removeram do castelo o estandarte pessoal do imperador e hastearam o pavilhão do príncipe. (KAGARLITSKI, 1993, p. 8-9)

Assim, o balanço final (pelo menos na consciência média da população) era de que tudo havia mudado para pior: de um lado a crise econômico-social e a evidente decadência civilizacional e, de outro, a permanência de um regime oligárquico-burocrático que não entregou as liberdades prometidas nos heroicos anos 1980. As únicas liberdades visíveis na segunda metade dos anos 1990 eram a de procurar emprego, a de vender bugigangas na saída do metrô de Moscou e a de ver os jovens morrerem na Tchetchênia.

2.7 OS NOVOS GRUPOS SOCIAIS

As transformações econômicas ocorridas na Rússia nos anos 1980 e 1990, devido à sua profundidade, deveriam necessariamente se expressar no terreno social, quer dizer, na composição das classes, no surgimento de novos grupos, desaparecimento de antigos etc. É importante observar desde já que alguns desses novos grupos sociais não apenas não sofriam as consequências da crise, como inclusive se beneficiavam dela, o que fazia aumentar o mal estar social que se verificou no país, sobretudo na segunda metade da década de 1990.

A principal transformação social do final dos anos 1980 e início dos anos 1990 foi o surgimento de uma nova classe proprietária, composta principalmente por membros da antiga *nomenklatura*. Essa possibilidade de mutação social de uma classe em outra fora prevista por Trótski em seu clássico *A revolução traída*. Para o organizador do Exército Vermelho, cedo ou tarde (muito provavelmente mais cedo do que tarde, pensava Trótski), a burocracia buscaria consolidar seus privilégios semi-legais por meio de sua própria transformação em uma nova classe possuidora:

Não podemos contar com que a burocracia renunciará voluntária e pacificamente em favor da igualdade socialista. Como se sabe, apesar dos graves inconvenientes dessa operação, ela restabeleceu as patentes e as condecorações; será, pois, inevitavelmente necessário que procure apoio nas relações de propriedade. Alguém pode argumentar que pouco importa ao grande burocrata qual a forma de propriedade, desde que garantidos os seus rendimentos. Mas isto é ignorar a instabilidade dos direitos do burocrata e o problema de seus descendentes. [...] Os privilégios valem apenas metade se eles não podem ser transferidos aos filhos de cada um. Ora, o direito de herança é inseparável do direito de propriedade. Não basta ser diretor de truste, é necessário ser acionista. A vitória da burocracia nesse setor decisivo

faria dela uma nova classe possuidora. (TRÓTSKI, 2005, p. 227)

O fato da burocracia conduzir o processo restauracionista garantia que ela não ficaria de fora da partilha da propriedade, o que não estaria garantido caso essa partilha fosse conduzida por uma potência estrangeira ocupante, por exemplo (tal possibilidade esteve colocada durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha nazista chegou muito perto de vencer a guerra no fronte oriental e ocupar o território da URSS). Por isso era tão importante para a burocracia ter a iniciativa e dar o primeiro passo em direção ao capitalismo. De outra forma, um novo colapso social, econômico ou militar poderia minar sua condição de casta privilegiada. Segundo Trótski, era particularmente importante o fato de que o privilégio burocrático, apesar de todos os benefícios que pais bem posicionados pudessem obter para seus filhos, não era oficialmente transmissível por herança. Isso dava certa instabilidade ao modo de vida burocrático e pressionava pela restauração ampla e aberta. Além disso, a economia soviética havia realmente entrado em uma crise crônica, da qual seria muito difícil sair sem uma catástrofe social que significasse uma nova destruição de forças produtivas. Tal catástrofe achou-se e era muito mais vantajosa para a burocracia do que uma nova guerra – era a restauração capitalista:

A velha *nomenklatura* resolveu sua própria crise às custas da destruição do sistema. Ela tentou preservar as suas posições transformando poder em dinheiro, para depois, com ajuda do dinheiro, manter o poder. A elite comunista começou a se aburguesar muito antes de 1989. O fim do bloco oriental deu a ela a possibilidade de declarar-se abertamente burguesia. (KAGARLITSKI, 2000, p. 32)

Interessante observar que a nova classe possuidora tentou apagar de todas as maneiras possíveis o rastro que a conectava com a antiga *nomenklatura*. Ao invés disso, a nova burguesia decidiu se apresentar como nada mais nada menos do que herdeira da antiga nobreza e dos antigos mercadores russos do período pré-revolucionário. Isso lhe conferia, aparentemente, mais legitimidade do que se ficasse evidente sua relação com a decrépita burocracia do PCUS:

[...] à *nomenklatura* não restava mais nada a não ser tentar apresentar-se como herdeira legítima das antigas classes dominantes. Por toda a parte surgiram “assembleias aristocráticas”, “círculos de cossacos”, “uniões de descendentes de mercadores”, onde se reuniam antigos funcionários da Juventude Comunista, chefes locais e jovens carreiristas, vestindo fraques e

antigos uniformes. (KAGARLITSKI, 2000, p. 109)

O fato da burocracia ter se transformado em burguesia não significa que o Estado surgido na nova Rússia fosse menos burocrático do que no período soviético. Ao contrário, o número de funcionários na Rússia de Iéltsin de 1993 era maior do que na União Soviética de Brêjniev, embora tanto a população, quanto a produção, o consumo, o orçamento militar e as dimensões da ação do Estado tivessem diminuído (KAGARLITSKI, 2000, p. 96).

A radiografia social da nova Rússia era mais ou menos a seguinte: os pequenos comerciantes, mafiosos comuns e donos de pequenas empresas constituíam o elo mais baixo da hierarquia lúmpen-burguesa, uma espécie de “sub-elite” urbana, vulgar e arrogante, mas ao mesmo tempo com forte iniciativa social, política e econômica. Uma parte significativa desses pequenos comerciantes provinha das séries finais das instituições de ensino superior, às vezes eram pequenos funcionários da Juventude Comunista e do partido e até operários que, de alguma forma, aprenderam a “fazer negócio” (“делать бизнес”) nas novas condições. Um nível mais alto na hierarquia era ocupado pelos “novos russos”, que, em geral, exerciam cargos intermediários nas empresas mistas ou nas novas médias e grandes empresas privadas, executivos do sistema financeiro, do setor de marketing, importadores, diretores de fundos de investimento e similares:

Os “novos russos” começaram a andar pelas ruas em Mercedes e BMW's luxuosas e novinhas em folha. No Ocidente, esses carros, regra geral, pertencem às empresas e servem às necessidades corporativas. Mas na Rússia era diferente. Em 1993 apenas em Moscou foram vendidas mais Mercedes e BMW's de alta classe do que em toda a Europa Ocidental. [...] [Os novos russos] lotavam as cafeterias e restaurantes, onde uma xícara de café custava mais do que o salário médio quinzenal de um operário. Iam ao teatro, mas somente se o ingresso custasse mais do que um “lunch” em um restaurante caro. Estavam sempre dispostos a ajudar os pobres, desde que a imprensa divulgasse. O corte de cabelo “a la Schwarzenegger”, com a franja arrepiada, embelezava a cabeça. Mas o melhor mesmo era raspar. Vestiam blazer framboesa, calças verdes e gravatas incrivelmente coloridas, compradas nas lojas mais caras de Paris ou Nova York. Somente o “novo russo”, uma vez no estrangeiro, de milhares de objetos postos à venda, podia com total precisão comprar sempre o de mais mau gosto. Se Pierre Cardin tivesse uma má ideia e fizesse um terno feio, pode-se ter certeza de que no dia seguinte esse terno estaria enfeitando o homem de negócios russo. A capacidade de escolher o pior do melhor era um tipo de instinto do “novo russo”. (KAGARLITSKI, 2000, p. 101-102)

O “novo russo” se tornou a figura dominante da primeira metade da década, atraindo

com isso o ódio e o desprezo de uma parte significativa da população, que identificava o sucesso desses poucos com o fracasso da ampla maioria. Surgiram centenas de piadas a respeito da estupidez e arrogância desse tipo, que logo se transformou em uma caricatura nacional, no símbolo do fracasso de um sonho que era de todos, mas que fora apropriado por alguns:

Enquanto isso, no marco de uma queda profunda da produção, o negócio russo prosperava. Os partidários do capitalismo se alegravam com vivacidade, embora o florescimento dos empresários não contribuisse de forma alguma com a recuperação da economia. A maioria dos “cidadãos russos”, tornados miseráveis e amargurados, apenas odiava cada vez mais seus pares de sucesso, comemorando quando algum empresário bêbado enfiava sua luxuosa “Mercedez” em um muro de concreto, ao invés de passá-la por um portão. (KAGARLITSKI, 2000, p. 103-104)

Apesar de sua importância social, os “novos russos” estavam muito distantes da tradicional classe média, cuja função é oferecer estabilidade ao tecido social. A ganância e a falta de escrúpulos, embora necessários, não são condição suficiente para a construção de uma moderna sociedade capitalista. Era preciso algo mais. Nesse sentido, uma diferença importante do período 1994-1999 em relação ao anterior foi o surgimento de algo similar a uma nova classe média. Já não eram os “novos russos” com seus negócios escusos, nem os “aproveitadores” (“халевщики”) reunidos em torno da incrível pirâmide financeira MMM. O que aconteceu foi que o crescimento da demanda em serviços para os ricos cumpriu um papel decisivo no desenvolvimento da nova camada média. Para certificar-se desse fato, bastava passear um pouco pelas lojas, onde já não somente os “novos russos” compravam, ou observar as ruas, onde, ao lado das luxuosas “Mercedez”, surgiu uma enorme quantidade de carros, não tão caros, mas bastante razoáveis. Os representantes da nova classe média compravam computadores, se conectavam à internet, assinavam revistas de moda, viajavam aos balneários da Turquia, Egito, Tunísia e Mar Negro, girando assim uma enorme roda intermediária na economia e cumprindo um papel de colchão social similar àquele que seus pares cumprem nas sociedades capitalistas mais tradicionais (KAGARLITSKI, 2000, p. 196-197).

Na base da pirâmide social estavam os pequenos funcionários públicos, operários, professores, membros de kolkhozes, empregados do comércio e do setor bancário, estudantes universitários que dependiam das bolsas estatais, aposentados, pensionistas, veteranos de

guerra e outros setores cuja renda mal permitia o pagamento dos serviços comunitários e a aquisição de itens básicos de alimentação.

No extremo oposto da pirâmide, principalmente a partir da segunda metade da década, começou a tomar corpo um novo grupo social, até então desconhecido na nova Rússia – os oligarcas:

Os oligarcas se diferenciavam dos “novos russos” não apenas pelo tamanho de sua fortuna. Muito mais importante era a relação orgânica com o poder. Os oligarcas, escreveu o analista de uma revista de negócios de Moscou, são capitalistas que “dependem total e completamente do Estado”. Eles são incapazes de se tornar investidores estratégicos, uma vez que não têm “nem dinheiro próprio, nem um histórico de crédito digno”. Se na primeira etapa da privatização o Estado, teoricamente, renunciava à propriedade, na segunda, a estatização ocorreu de uma nova maneira: não às custas de nacionalizações, e sim graças à fusão entre a burocracia estatal e o capital oligárquico, que já não podiam mais viver um sem o outro. (KAGARLITSKI, 2000, p. 279)

O novo fenômeno social era associado a figuras que acabaram conhecidas no mundo inteiro, como Boris Berezôvski, Mikhail Khodorkôvski, Vladimir Gusínski, Aleksandr Smolênski, Mikhail Friedman, Vladimir Potánin, Roman Abramôvitch e outros. A tal ponto os grandes negócios estavam fundidos com o poder, que muitos especialistas classificam a Rússia da segunda metade dos anos 1990 como um *Estado oligárquico*, dado o grau de interdependência entre as estruturas de poder e os altos negócios. Assim como ocorreu com os “novos russos” na primeira metade dos anos 1990, também os oligarcas passaram a ser odiados pela população, principalmente pelo seu envolvimento em casos de corrupção. Quando Vladimir Pútín iniciou sua cruzada contra uma parte da oligarquia russa, no início dos anos 2000, a população comemorou fortemente, vendo nos processos judiciais abertos contra os oligarcas uma espécie de justiça divina.

De um modo geral, os anos 1990 se caracterizam, do ponto de vista da psicologia de massas, pelo aumento do ressentimento da base da pirâmide social em relação ao topo. Ao invés de estabilidade social, o resultado do chamado ao enriquecimento feito pelos reformadores em meados dos anos 1980 foi o aumento da desigualdade e da tensão política, que explodiria com força em 1998 no marco de uma nova crise econômica.

2.8 A CRISE DE 1998 E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A crise de 1998 marcou profundamente a história da nova Rússia. Por um lado, foi o desenlace mais ou menos inevitável de uma linha de reformas econômicas e sociais que já vinha demonstrando seus efeitos nocivos desde o início da década. Por outro, ao levar o país até o fundo do poço, foi também um ponto de inflexão e o início de um importante movimento de recuperação, não apenas econômica, mas também de prestígio das estruturas de poder. Ao final da crise, contraditoriamente, a população deu um voto de confiança no novo governo montado por Iéltsin, o que permitiu uma saída mais ou menos indolor de uma situação que antes parecia completamente perdida.

De um modo geral, o colapso de agosto de 1998 se explica pela incapacidade do Estado de cumprir uma série de compromissos financeiros assumidos ao longo da década. A crise foi, fundamentalmente, uma explosão da dívida pública, com a consequente moratória de uma parte significativa das dívidas interna e externa.

Já no verão de 1998, metade das empresas do país eram deficitárias, e mantinham-se através de um processo permanente de endividamento. A dívida salarial no país cresceu cerca de 60%. Junto com isso, 11% da população economicamente ativa estavam, de fato, sem trabalho e a maior parte não recebia nenhum tipo de auxílio (KAGARLITSKI, 2000, p. 287-288). Até mesmo aqueles que deveriam contar com a ajuda oficial (cerca de um 1/4 do total de desempregados) não recebiam no prazo. O fundo estatal de desemprego não tinha recursos, os benefícios atrasavam em seis meses ou mais. A arrecadação caíra brutalmente, já que não havia de quem ou do que cobrar impostos. O mês de agosto foi realmente catastrófico: a queda na produção industrial foi de 11,5% em relação ao mesmo período do ano anterior, e a produção agrícola caiu 22,9%.

Para Segrillo (2000, p. 108), o fundo da questão residia no fato de que a desindustrialização da primeira metade da década causara uma diminuição insuportável na arrecadação de impostos, o que impedia o governo de cumprir com suas obrigações:

Para manter o rublo estável, o governo russo determinava as taxas de juros mais altas do mundo para atrair capital estrangeiro, e se endividava interna e externamente. Após o *crash* das bolsas da Ásia, o custo para manter tal política aumentou muito. Os voláteis capitais estrangeiros de curto prazo estavam desconfiados da segurança dos mercados emergentes e a única maneira de mantê-los era elevando a taxa de juros a níveis ainda mais altos, “irresistíveis”.

Em maio-junho de 1998 começaram as manifestações massivas de operários da

indústria da mineração exigindo o pagamento dos salários atrasados, mas que logo avançaram para a exigência de renúncia de Iéltsin. Havia aqui um fator psicológico importante envolvido, já que os mineiros tinham sido, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, uma importante base de apoio de Iéltsin contra Gorbachóv. O fato de que uma base tão tradicional se virasse contra o governo ampliou o efeito social das manifestações, que logo adquiriram a forma de bloqueio das estradas de ferro (interrupção do tráfego de trens), já que a greve tradicional (paralisação da produção) era inócua. A assim chamada “Guerra dos Trilhos” ganhou também contornos de um enfrentamento da província pobre e abandonada contra o centro privilegiado. Os cortes das vias de ferro contaram com a simpatia da população ao ameaçar isolar Moscou e impedir a chegada de mercadorias e produtos alimentícios à capital. Dado que o isolamento real de Moscou era impossível, mineiros do país inteiro, organizados nos sindicatos independentes, resolveram se dirigir à cidade, acampar em frente à Casa do Governo (antigo prédio do Soviet Supremo, bombardeado por Iéltsin em 1993) e exigir *in loco* a renúncia do presidente:

A resposta política ao governo foi a “Guerra dos Trilhos”, declarada no verão de 1998. Tendo perdido as esperanças, os operários começaram a interromper as maiores artérias férreas do país. Essa forma de luta revelou-se surpreendentemente eficaz. Os prejuízos milionários sofridos pelo Estado e pelos ramos exportadores da economia obrigaram o governo a ceder. A situação do pagamento dos salários no setor da mineração melhorou. De julho a outubro, na Ponte Corcunda, junto à Casa do Governo, permaneceu um piquete de mineiros que exigia a saída do presidente Iéltsin. Os líderes do NPG³³, que antes apoiavam as reformas liberais, começaram a xingar o capitalismo e fazer discursos revolucionários. Os sindicatos de Vorkuta exigiam a nacionalização da indústria mineradora. Se em 1991 os sentimentos liberais eram mais fortes exatamente entre os mineiros, em 1998 os sociólogos já observavam de comum acordo “o fim do liberalismo mineiro”. No final dos anos 1990, uma oposição crescente se observava também nos sentimentos dos gerentes de baixo escalão. A preservação do modelo neoliberal era entendida por eles como uma ameaça à própria existência da indústria. (KAGARLITSKI, 2000, p. 247)

É importante ter em consideração que na Rússia a figura do chefe de Estado é separada da figura do chefe de governo nas pessoas do presidente e primeiro-ministro, respectivamente. Trata-se de um importante mecanismo de preservação da figura do presidente, que costuma se distanciar do primeiro-ministro nos momentos de crise e com isso poupar a sua própria imagem. Dessa vez, a crise atingira em cheio Iéltsin, que já havia algum tempo era visto como

³³ Независимый Профсоюз Горняков (Sindicato Independente dos Mineiros)

uma figura fraca e corrupta, que precisava ser afastada.

A “Guerra dos Trilhos” e a moratória da dívida, em agosto de 1998, não levaram à renúncia de Iéltsin, mas resultaram em uma mudança profunda no governo, em primeiro lugar com a substituição de Serguei Kiriênko, um jovem economista liberal, no posto de primeiro-ministro, por Ievgueni Primakov, até então ministro das Relações Exteriores e que havia sido uma figura importante no aparato do PCUS.

Dessa vez não se tratava de uma mera mudança de forma. O governo Primakov passou a aplicar uma política que era realmente diferente da que vinha sendo aplicada até então. Apesar do chamado feito pelos meios de comunicação para que a Rússia passasse uma segunda vez pela terapia de choque e de liberalização segundo a receita do Fundo Monetário Internacional, era totalmente evidente que as forças políticas que tentavam levar o país por esse caminho estavam totalmente desmoralizadas e sua base social estava minada. A crise de 1998 levou os setores médios à falência e colocou os oligarcas à beira da destruição financeira. A única saída real era uma política voltada para o renascimento da indústria, e a única força capaz de realizar essa tarefa era o Estado.

Para Kagarlitski (2000, p. 292),

O governo de Ievgueni Primakov, surgido de início como um acordo entre os comunistas e a fração de centro-direita do parlamento, tornou-se rapidamente um governo de centro-esquerda. Os políticos de direita ou abandonaram o governo ou se viram subordinados aos representantes da esquerda – o vice-primeiro-ministro Iuri Masliukov e o chefe do Banco Central Viktor Geráschenko. Ao mesmo tempo, o governo se colocava como uma força independente também em relação à direção do Partido Comunista. [...] A maioria da população, indignada com o resultado do governo dos liberais e descrente dos comunistas, colocou suas esperanças no gabinete de Primakov. Os índices de popularidade do primeiro-ministro cresceram rapidamente. Outra questão é se o governo podia ou não cumprir o que se esperava dele. O objetivo oficial do governo foi anunciado: “apoio à população, reorientação do mercado em benefício do social, renascimento da economia real³⁴ e, sobre essa base, aceleração do restabelecimento da competitividade da Rússia. O gabinete prometeu fortalecer a regulação estatal, garantindo, ao mesmo tempo, que “não haveria instabilidade”. Não haveria também redistribuição da propriedade, “nem na forma de aceleração indiscriminada das falências, nem na forma de nacionalização generalizada”.

Em geral, as ações de Primakov eram opostas ao liberalismo tradicional de Iéltsin e incluíam uma série de mecanismos impensáveis até então, como controle de preços e salários,

³⁴ Em oposição à economia especulativa.

indexação de pensões e aposentadorias, um plano de retomada das obras públicas e um maior rigor no processo de privatização, com ênfase no aumento da rentabilidade das empresas ao invés da simples venda de ativos. Elaborou-se também um plano de ação fiscal, de forma a estabilizar as entradas do orçamento do Estado (SEGRILLO, 2000, p. 116).

O efeito quase imediato das medidas do governo Primakov foi o crescimento da economia russa e a valorização do rublo. Ao mesmo tempo, o início da recuperação econômica no sudeste asiático permitiu que a Rússia continuasse vendendo petróleo e aço no mercado internacional a preços bastante competitivos. Muitas empresas ocidentais, que antes traziam bens de consumo para a Rússia, começaram a organizar sua produção no país, usando para isso a força de trabalho extremamente barata disponível. O desemprego diminuiu rapidamente, os salários e aposentadorias começaram a recuperar o poder de compra e a economia voltou a crescer de maneira mais equilibrada.

Do ponto de vista político, o efeito mais profundo da crise de 1998 (e que é particularmente importante para nossa análise da nostalgia soviética) é que voltou à ordem do dia o problema do “governo forte”. Em primeiro lugar porque a saúde física de Iéltsin o havia transformado, aos olhos de uma parte importante da população, em um figura frágil e incapaz de governar com a força necessária. Além da debilidade física, a complacência de Iéltsin para com os oligarcas e a corrupção também era encarada como um sinal de fraqueza pessoal. Por outro lado, o próprio Primakov, embora ocupasse já há alguns anos um posto essencialmente político como ministro das Relações Exteriores, era ele próprio um “silovik”, ou seja, um membro das forças de segurança do Estado, pois havia dirigido o Serviço de Inteligência Estrangeiro entre 1991 e 1996. Além disso, suas ações foram consideradas, em muitos momentos, ações de força, como em março de 1999, quando, ao ser informado pelo vice-presidente norte-americano Al Gore que os Estados Unidos poderiam começar o bombardeio a Iugoslávia a qualquer momento, ordenou o retorno para a Rússia de seu avião, que se encontrava sobre o Oceano Atlântico em direção a Washington para uma visita.

Assim, o final da década de 1990 é marcado tanto por uma sensível melhora da situação econômica e social, quanto por um aumento da autoestima nacional russa. Depois que os bombardeios contra a Iugoslávia por parte dos Estados Unidos começaram, em março de 1999, milhares de jovens russos se concentraram em frente à Embaixada dos Estados Unidos em Moscou para protestar e jogar ovos podres contra o prédio. Tal ato, impensável até então, era um sinal de que a população russa não aceitaria mais ser humilhada diante do mundo. Um

importante deslocamento na consciência nacional havia ocorrido. Restava saber quem colheria os frutos.

2.9 A GUERRA DA TCHETCHÊNIA

A Primeira Guerra da Tchetchênia (dezembro de 1994 – agosto de 1996) foi um dos principais fatores agravantes da crise política que se abateu sobre o país na década de 1990. Concebida como uma operação militar de curta duração que visava restabelecer a ordem constitucional na auto-proclamada República Tchetchena da Itchkeria, a campanha do Exército Russo, ao se deparar com uma violenta resistência por parte dos rebeldes separatistas, logo se transformou em um conflito sangrento que vitimou cerca de 50.000 civis, de 4.000 a 5.000 soldados das forças federais (os dados variam) e cerca de 3.000 soldados das forças separatistas, além de 19.000 soldados das forças federais feridos e 1.200 desaparecidos ou capturados (MEMORIAL, 2004).

A relação da população russa com a Primeira Guerra da Tchetchênia, apesar de variações quantitativas em diferentes pesquisas, nunca foi de apoio, e inclusive piorou ao longo do tempo. Segundo o VTsIOM, em março de 1995, 70% dos russos consideravam que a Tchetchênia era parte da Rússia e que por isso o governo deveria estabelecer a ordem na república (VTsIOM, s. d.). No entanto, a pesquisa não vinculava essa consideração de pertencimento territorial ao apoio às ações militares impetradas pelo Exército Russo. Ao contrário, em pesquisa específica sobre as ações de força, foi revelado (na mesma época – fevereiro de 1995) o seguinte quadro: à pergunta “Que tipo de ação em relação à Tchetchênia você estaria disposto a apoiar?”, apenas 30% dos entrevistados responderam “ações decisivas”, enquanto 40% se manifestaram pela “busca de uma resolução pacífica do problema” e outros 40% foram ainda mais longe, declarando abertamente que a única saída era a “renúncia às ações de força e retirada das tropas federais da região”³⁵.

Particularmente interessantes são as pesquisas de opinião que expressam a compreensão dos cidadãos russos a respeito dos culpados pela guerra. Nesse sentido, duas outras pesquisas do VTsIOM revelaram o seguinte:

Pergunta: “Quem é, na sua opinião, o principal responsável pelo	Jan. 1995	Jan. 1996
--	------------------	------------------

³⁵ https://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=429&q_id=34557&date=20.02.1995. Acesso em: 17 nov. 2018.

derramamento de sangue na Tchetchênia?”		
Presidente Iéltsin	38%	41%
Conselheiros do presidente Iéltsin	5%	7%
Ministros militares	9%	11%
Ministros responsáveis pela questão nacional	3%	1%
Comando militar das forças federais	3%	4%
Políticos russos que se opõem à ação militar	1%	2%
Governos e organizações estrangeiras	0%	1%
Dudáiev (líder tchetcheno)	26%	14%
Combatentes tchetchenos	2%	4%
Caráter nacional dos tchetchenos	2%	3%
Outros / Ninguém em especial	11%	12%

Tabela 6 – Pesquisas de opinião entre os cidadãos russos sobre os culpados pela Primeira Guerra da Tchetchênia. Fonte: Base de dados do VTsIOM³⁶.

Note-se que em 1995 58% dos entrevistados atribuíam a culpa pelo derramamento de sangue a algum escalão das autoridades federais, sendo que em 1996 esse percentual cresceu para 64%, ao mesmo tempo em que caiu de 26% para 14% o percentual de entrevistados que considerava o presidente da Tchetchênia, Djokhar Dudáiev, responsável pela violência do conflito. Apenas esses dados são o suficiente para demonstrar o baixo nível de apoio da população às ações empreendidas pelo governo russo e a preferência por uma saída negociada.

Além disso, ficava cada vez mais evidente para a população a completa incapacidade do Exército Russo de lidar com o conflito. Kagarlitski (2000, p. 204) assim descreve a situação das forças federais no início das ações contra os rebeldes tchetchenos:

A incapacidade de combate do exército – desmoralizado, mal instruído e sem entender absolutamente por que é preciso lutar contra cidadãos do próprio país – era complementada com a corrupção no comando militar. Os soldados iam ao combate sob a mira das metralhadoras das tropas especiais, desertavam, saqueavam, recusavam-se a cumprir ordens. Nessa mesma época, chegaram à imprensa informações sobre oficiais que haviam estabelecido relações comerciais com o inimigo, sobre membros do alto escalão que vendiam aos insurgentes armas e munição e às vezes entregavam os próprios soldados como reféns. As tropas invernavam a céu aberto. O dinheiro destinado à reconstrução da economia nas regiões controladas pelo

³⁶ https://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=446&q_id=35137&date=10.01.1995 e https://wciom.ru/zh/print_q.php?s_id=448&q_id=35197&date=30.01.1996. Acesso em: 17 nov. 2018.

exército era roubado sem piedade. Os tanques atolavam nos pântanos. Já nos primeiros dias de combate vários coronéis se entregaram. Alguns comandantes se demitiram. Após os primeiros enfrentamentos com os tchetchenos, o agrupamento que se dirigia a Grozni vindo do leste cessou a ofensiva e cavou trincheiras. Os moradores das localidades próximas com mais senso prático roubaram parte dos transportes blindados para usá-los na agricultura. Soldados e oficiais começaram a confraternizar com a população. Os soldados e oficiais começaram a aparecer com frequência nos mercados da periferia de Grozni, onde os sitiados os alimentavam e ofereciam cigarros. Os especialistas militares chamaram com ironia a operação na Tchetchênia de “Tempestade no Pântano”³⁷. Por fim, as miras a laser “ultra-precisas” frequentemente estragavam, as bombas e foguetes erravam seus alvos – às vezes em vários quilômetros –, caindo em repúblicas russas vizinhas à Tchetchênia.

Como se vê, não se tratava apenas de insucessos militares ocasionais, mas de um verdadeiro processo de decomposição, que apenas encontrava no exército a sua expressão mais cruel, visível e concentrada.

Sem vislumbrar qualquer possibilidade de uma vitória militar no curto prazo e às vésperas de uma eleição presidencial, Iéltsin decidiu encerrar a ofensiva. Em 31 de agosto de 1996, o general Aleksandr Lêbed, em nome do Conselho de Segurança da Federação Russa, e Aslan Maskhádiv, em nome da República Tchetchena da Itchkeria, assinaram um termo de cessar fogo na cidade de Khasaviurt, no Daguestão. Pelo texto acordado, as tropas russas se retirariam da Tchetchênia e a resolução sobre o problema do status da república ficaria adiada para dezembro de 2001. A “questão tchetchena” permaneceria como uma ferida aberta na sociedade russa, até ser recolocada na mesa em 1999, já sob o governo de Vladimir Pútín.

2.10 AS MUDANÇAS NO ESPAÇO: O CASO DE MOSCOU

No primeiro capítulo vimos como se configura a memória coletiva sobre eventos e períodos dentro de uma determinada cultura. Agora, devemos analisar um fator específico conformador dessa memória: o espaço. Para Svetlana Boym (2001, p. 258), espaço, memória e nostalgia estão intimamente relacionados, pois

[o local] não é mais um lugar específico ao qual a pessoa pertence, mas sim um contexto social [...]. Ainda assim, a nostalgia depende da materialidade do lugar, das percepções sensoriais, cheiros e sons. Eu não conheço nenhuma

³⁷ Em referência à operação “Tempestade no Deserto”, realizada pelo exército norte-americano no Kuwait em 1991.

nostalgia por uma página de internet³⁸; por isso, o objeto da nostalgia é precisamente o mundo não-virtual de baixa tecnologia. Neste caso, o lugar não é apenas um contexto, mas também uma sensação lembrada e os escombros materiais da vida passada.

Ou seja, a memória (e, a partir delas, a nostalgia) não ocorre no vazio, mas sim sempre dentro de algum cenário, uma “paisagem memorial” (BOYM, 2001). Nem sempre lembramos exatamente onde algo ocorreu, mas as lembranças mais ricas são exatamente aquelas que incluem o cenário, que, como afirma Svetlana Boym, é muito mais do que um cenário, sendo também um contexto social enriquecedor das sensações memoriais.

Maurice Halbwachs (2006, p. 170) vai além ao afirmar que “[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial”. Para o sociólogo francês, as cenas lembradas pelos grupos humanos incluem necessariamente o cenário em que ocorreram: “[...] a maioria dos grupos [...] esboça de algum modo sua forma sobre o solo e encontram suas lembranças coletivas no contexto especial assim definido” (HALBWACHS, 2006, p. 187-188). Mais do que isso, a existência de um espaço comum é uma condição necessária à conformação de uma memória coletiva: “Os habitantes de uma cidade ou de um bairro formam uma pequena comunidade, porque estão reunidos em uma mesma região do espaço. Desnecessário dizer que esta é apenas uma condição da existência desses grupos, mas uma condição essencial e muito aparente” (HALBWACHS, 2006, p. 165). Outro elemento importante a ser fixado logo de início é que o grupo social, por um lado, molda o espaço “à sua imagem e semelhança”, ou seja, transmite ao espaço suas características de grupo, sua cultura, sua estética etc. Por outro lado, uma vez estabelecido um espaço comum, este passa a atuar sobre o próprio grupo, transmitindo-lhe parte de suas características. O homem é tanto criatura, quanto criador do meio. Assim, todas as mudanças no grupo acarretarão mudanças no espaço e vice-versa: “Quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem. O grupo se fecha no contexto que construiu” (HALBWACHS, 2006, p. 159).

Sendo assim, cabe perguntar: Quais são os efeitos das mudanças espaciais sobre a memória coletiva? Como fixar na memória um objeto (espaço) que permanece em perceptível mudança ao longo do tempo?

³⁸ Apesar da afirmação de Svetlana Boym ser verdadeira em um sentido geral (relação entre nostalgia e espaço), o exemplo escolhido pela negativa (inexistência de nostalgia em relação a uma página de internet) não faz mais sentido hoje. Desde alguns anos, analistas vem debatendo o interessante fenômeno da nostalgia por páginas ou programas como Orkut, MSN, ICQ e outros. Ver: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/fim-do-orkut-gerou-onda-de-nostalgia-na-web-em-2014-18122014>. Acesso em: 16 jan. 2019.

A primeira coisa a se observar é que o espaço é um dos fatores mais eficientes em transmitir ao indivíduo a sensação de estabilidade e pertencimento: “[...] as imagens habituais do mundo exterior são partes inseparáveis do nosso eu. [...] Nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto” (HALBWACHS, 2006, p. 157). No entanto, é preciso admitir que o espaço muda todo o tempo: compramos uma estante nova, pintamos uma parede, mudamos a configuração dos móveis. Como garantir a estabilidade da memória nesses casos? Halbwachs resolve essa questão afirmando que o espaço urbano, muito mais do que o espaço doméstico, é o verdadeiro cenário da memória coletiva. Isso é assim porque o espaço urbano, apesar de também mudar com o tempo, o faz em uma velocidade muito menor do que o espaço doméstico:

Os diversos bairros de uma cidade e as casas em uma quadra têm uma localização fixa e também estão presos ao solo, como as árvores, os rochedos, uma colina ou um planalto. Por isso o grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto a aparência das ruas e das construções permanece idêntica; existem poucas formações sociais ao mesmo tempo mais estáveis e de duração mais segura. (HALBWACHS, 2006, p. 160)

É necessário acrescentar que as transformações espaciais na União Soviética (por exemplo, o espaço urbano), sobretudo a partir dos anos 1960, quando se deu por encerrada a reconstrução do pós-guerra, eram ainda mais lentas do que no Ocidente capitalista. Isso se explica porque uma parte importante das transformações urbanas são provocadas por deslocamentos massivos de capital para os investimentos mais lucrativos do momento, o que não ocorria na URSS, onde imperava a planificação socialista. Além disso, na URSS não havia livre circulação de mão de obra, o que também permitia que o espaço urbano mudasse em um ritmo mais lento. Por isso, até mais do que o Ocidente, o espaço urbano na URSS era a imagem da estabilidade social e do pertencimento cultural.

Dito tudo isso, devemos analisar concretamente: Quais foram as principais mudanças espaciais ocorridos na Moscou nos anos 1990 (para tomar o exemplo apenas de uma cidade) e quais foram as consequências dessas transformações na memória coletiva do povo?

De uma maneira geral, os anos 1990 foram uma época de construção impetuosa em Moscou (ORLÔV et al., 2006). Em curto prazo foi reconstruída a Catedral de Cristo Salvador, erguida em homenagem à vitória das tropas russas na Guerra Patriótica de 1812 e demolida em 1931 para dar lugar ao Palácio dos Soviéticos. As obras do palácio, no entanto, não foram

sequer iniciadas, e o espaço acabou por abrigar uma piscina pública durante o período soviético. Foi reconstruído o Portão da Ressurreição, que dá acesso à Praça Vermelha e que fora desmontado no final dos anos 1920 e início dos anos 1930. A “Casa Branca”, antiga sede do Soviete Supremo, bombardeada por Iéltsin em 1993, foi restaurada. Começaram as obras para a construção do anel rodoviário em torno de Moscou, o MKAD. Surgiram os primeiros arranha-céus típicos dos grandes centros capitalistas. Na Praça Manejnaia, ao lado da Praça Vermelha, começou a construção do maior shopping center subterrâneo da Rússia, o Centro de Comércio e Lazer “Okhotni Riad”. Em 1995 foi inaugurado na colina Poklonnaia o complexo memorial Parque da Vitória, em homenagem à vitória da Rússia na Grande Guerra Patriótica de 1941-1945. O complexo ocupa uma área de 135 hectares e conta com um museu central, um obelisco de 140 metros de altura, uma igreja ortodoxa, uma mesquita, uma sinagoga, um complexo de fontes artificiais, vários monumentos e uma exposição de tecnologia militar pesada (tanques, aviões, canhões etc.).

O desenvolvimento do comércio transformou até mesmo as áreas da cidade em que não houve construções ou restaurações de grande porte. Surgiram milhares de quiosques de lata e alvenaria em todas as principais ruas e avenidas. Os prédios se encheram de outdoors, provocando uma sensação de sufocamento e poluição visual. Os engarrafamentos tornaram-se parte da paisagem cotidiana, sem qualquer perspectiva de resolução do problema. Alguns parques, ginásios e áreas livres foram ocupados por feiras permanentes de todo o tipo de produtos, principalmente alimentação e vestuário. Os enormes pavilhões da Exposição das Conquistas da Economia Popular (VDNKh) foram ocupados pelo comércio de computadores e casacos de pele, e o avião de passageiros que era parte da exposição permanente foi adaptado para servir de restaurante aos turistas. As ruas do centro foram invadidas por mendigos e cachorros sem dono. No período noturno, alguns locais se consolidaram como pontos fixos de prostituição. Moscou se tornou uma típica metrópole europeia, uma cidade relativamente desorganizada e apertada, perdendo muito de seu charme asiático. Os prédios que não representavam interesse histórico ou comercial entraram em um processo de acelerada decadência e as ruínas urbanas se multiplicaram. A desigualdade social se tornou cada vez mais visível. Nas feiras, mulheres idosas complementavam suas aposentadorias vendendo pão, vodka, flores ou conservas. No centro da cidade, uma juventude bem vestida aproveitava os vários encantos que a nova Moscou oferecia.

Svetlana Boym (2001, p. 94) assim descreve a Moscou de meados dos anos 1990:

O período entre 1995 e 1998 foi a Era de Ouro de Moscou, resultado do que era visto então como um “milagre econômico”. Na época, Moscou era um dos destinos mais emocionantes do mundo. Para um visitante estrangeiro encantado, a capital russa unia um festival permanente de diversão e de consumo exibicionista, com bistrôs russos e McDonald's, Mercedes Bens e BMW's andando por toda a parte com seus motores barulhentos, cassinos lotados, “garotas sem complexos” vestindo as minissaias mais curtas e outdoors prometendo satisfação imediata. Tendo construído sua própria mini Torre Eiffel e seu próprio Empire State Building no Parque Gorki, bem como o gigantesco monumento a Pedro, o Grande, e a maior catedral neobizantina do mundo, Moscou devorava os sonhos de outras cidades, como Paris, Nova York, São Petersburgo, Constantinopla, Roma e Hong Kong. Aqui você podia viajar 1001 noites em uma. Tudo parecia possível. A própria cidade era como um enorme cassino, onde se podia passar a vida apostando.

Assim, em poucos anos, toda uma paisagem memorial foi apagada da face da Terra. “Москва не узнать” (“Moscou está irreconhecível”), queixavam-se os moscovitas. Esse fato tinha que se expressar em um aumento do mal-estar social e até mesmo em uma certa melancolia, dada a sensação de que todo um conjunto de memórias pessoais e coletivas havia sido roubado:

Aquele morador – de cujo pequeno universo faziam parte essas velhas paredes, essas casas decrépitas, essas travessas obscuras e esses becos sem saída, cujas lembranças se prendem a essas imagens agora apagadas para sempre – sente que toda uma parte sua morreu com essas coisas e lastima que não tenham durado pelo menos o tempo que lhe resta de vida. (HALBWACHS, 2006, p. 164)

Os russos olhavam para o seu país e não o reconheciam, olhavam para suas cidades e não as reconheciam, olhavam para si mesmos e não se reconheciam. Em um misto de luto, negação e auto-flagelo, perguntavam a si mesmos: “Что с нами не так?” (“O que há de errado conosco?”). E, sem saber a resposta, engoliam a raiva e se resignavam.

2.11 CONSEQUÊNCIAS GERAIS DOS ANOS 1990

Para Sokolôv e Tiajêlnikova (1999, p. 384-385), a chave para a interpretação da década de 1990 reside na compreensão sobre a importância do processo de modernização na história da Rússia. Nesse sentido, o regime socialista não deve ser reduzido a um despotismo político em oposição à democracia ocidental. Antes disso, a planificação socialista e a economia

nacionalizada foram um tipo específico de modernização, ao lado de outros, como as reformas petrinas. Nisso, exatamente, reside a essência do período soviético.

Ao longo dos anos 1990, essa perspectiva foi perdida de vista e a necessidade de acabar de vez com o “sovok”³⁹ acabou passando ao primeiro plano. Como resultado, a sociedade adotou uma série de medidas que iam no sentido inverso da modernização, sempre com a justificativa de combater o despotismo e se aproximar do Ocidente. Assim, sob a aparência de uma modernização (entendida sempre como superação do passado soviético), o que ocorreu durante os anos 1990, na verdade, foi uma espécie de “arcaização” da sociedade, pelo menos em suas formas econômicas e sociais. Kagarlitski (2000, p. 370) assim explica esse processo:

A restauração na Rússia destruiu não somente e não tanto a estrutura burocrática (característica do stalinismo), quanto os elementos do socialismo que existiam na sociedade soviética. Ela foi legitimamente acompanhada pela desmodernização do país. Um outro paradoxo revelado ao longo da era Iéltsin consiste em que, apesar de todo o seu autoritarismo e hostilidade em relação aos valores ocidentais (ou, talvez, exatamente por isso), o “comunismo” soviético revelou-se a ideologia de modernização mais eficaz surgida na história da Rússia.

Assim, a década de 1990 é atravessada por uma profunda contradição: por um lado, justamente a diminuição do ritmo de crescimento da economia e o crescente atraso tecnológico em relação ao Ocidente eram apresentados como sintomas mais importantes da crise que afligia a sociedade soviética e justificavam (na perspectiva dos “reformadores”) a perestroika. Por outro, ao restaurar o capitalismo, a Rússia acabou suportando, ao longo de toda a década, uma queda muito maior, tornando-se ainda mais atrasada e dependente econômica e tecnicamente do Ocidente. O sonho de romper o isolamento e ser parte da grande comunidade de países europeus terminou com a dissolução até mesmo das ligações econômicas e culturais que existiam entre os vizinhos mais próximos. Como conclui Kagarlitski, (2000, p. 91), os povos do Leste Europeu, “[...] que acreditavam sinceramente que os estavam esperando no 'clube' dos países ricos ocidentais, de repente sentiram na pele o que significa pertencer ao Terceiro Mundo”.

É importante lembrar também que o fracasso das reformas liberalizantes não se restringiu à Rússia. O final dos anos 1990 e início dos anos 2000 coincide com a falência do modelo neoliberal em uma série de países, como Brasil, Argentina, Equador, Colômbia, Venezuela e Sudeste Asiático:

³⁹ Trata-se de uma forma pejorativa de referir-se à União Soviética. Literalmente “pá de lixo” em russo.

A falência do modelo neoliberal colocou na ordem do dia a questão das alternativas. A crise russa é apenas parte da falência global do modelo econômico neoliberal. A queda do rublo imediatamente se refletiu em Wall Street. A instabilidade nos mercados financeiros mundiais provocou mudanças na política econômica da maioria dos países. Todos os recentes “medalhistas” do Fundo Monetário Internacional vivem tempos difíceis. Não apenas a produção cai e o desemprego cresce, mas também a famosa “estabilização financeira” transformou-se em uma crise da moeda nacional similar àquela que observamos na Rússia. Em outras palavras, por mais que se implementem as “reformas” de maneira “consequente”, os resultados são sempre os mesmos. Depois da Rússia veio o Brasil e na fila estava a Argentina. Os Estados latino-americanos mais fracos rapidamente desvalorizaram suas moedas. (KAGARLITSKI, 2000, p. 291)

Do ponto de vista diretamente econômico, o resultado fundamental dos anos 1990 é que a Rússia se transformou, de um país de economia diversificada e em muito autossuficiente, em uma economia exportadora de matérias-primas e dependente da tecnologia ocidental. A debilidade na produção de bens de consumo, problema histórico da economia soviética, não se tornou menos aguda com as reformas dos anos 1990. Ao contrário, se acentuou. Isso ocorreu porque a única forma da indústria russa se tornar competitiva no mercado internacional era através de investimentos massivos, e esses recursos simplesmente não estavam disponíveis ao longo dos anos 1990. Por outro lado, a exportação de petróleo e gás dependia muito menos da eficácia da produção, e podia ser realizada de forma mais ou menos competitiva mesmo contando apenas com a velha tecnologia soviética. No entanto, é preciso lembrar que mesmo no terreno da extração e exportação de *commodities*, o nível tecnológico deixava muito a desejar, o que provocava enormes perdas de matéria-prima ao longo do processo. Na verdade, a Rússia só conseguiu manter sua balança positiva devido à crescente demanda da economia mundial por combustível e à estabilidade dos preços do petróleo durante os anos 1990. A impossibilidade de manter esse equilíbrio no longo prazo se expressou exatamente na crise de 1998. Estava colocada em caráter inapelável a questão do fortalecimento da indústria nacional.

Havia portanto, no final dos anos 1990, profundas razões econômicas e objetivas para que o plano neoliberal não fosse adiante. Mas estava presente também o fator subjetivo. Da mesma forma que a economia não suportava mais uma política econômica esbanjadora de recursos, as pessoas comuns pareciam ter chegado ao limite em sua disposição de serem humilhadas em seu próprio país e diante do mundo. Era o fim de fato do governo Iéltsin,

ainda que formalmente lhe restasse cerca de um ano e meio de mandato. Mas já sob Primakov, a Rússia começava a se transformar:

A guerra nos Bálcãs revelou a dimensão do sentimento anti-americano na sociedade russa, sobretudo entre a geração mais jovem, que, por inércia, continuava sendo considerada pelos jornalistas do Ocidente como um apoio para as reformas neoliberais. A razão disso não era a solidariedade para com os “irmãos eslavos” e menos ainda a fé ortodoxa – a maioria dos jovens na Rússia não sabe nem fazer o sinal da cruz corretamente. A guerra na Iugoslávia apenas deu a eles a oportunidade de expressar aquilo que eles há muito tempo pensavam. [...] O governo Primakov captou com maestria a mudança dos humores. (KAGARLITSKI, 2000, p. 305)

Assim, o nacional-conservadorismo de Vladimir Pútín foi o desenlace lógico e inevitável da era ieltsiniana de reformas liberais. Já não era mais possível estabilizar o sistema com apelos à livre iniciativa e à economia de mercado, e nem mesmo à democracia liberal. Ao invés disso, a sociedade começou a buscar o “homem forte” capaz de resolver o impasse. Como observa Segrillo (2000, p. 118), é sintomático o fato de que os três primeiros-ministros nomeados por Iéltsin depois da crise de 1998 pertencessem às estruturas das forças de segurança do Estado⁴⁰: “Este perfil de *homens fortes* dos governantes representava uma tentativa de preencher o imaginário da população que, pelas pesquisas, sentia-se insegura, via o governo como impotente para mudar a situação e ansiava por 'ordem na casa'”.

Zdravomíslav (2000, p. 32) corrobora esse ponto de vista ao afirmar que

[...] a utilização da violência como método de resolução de conflitos começou a se transformar num fator autônomo da política. Nesse contexto, era lógica a promoção consecutiva de três dirigentes das estruturas das forças de segurança ao posto de primeiro-ministro do país. Mas ao mesmo tempo, esse fator tornou-se extremamente importante para a sociedade. O crescimento da importância dos “siloviki” na política significa uma correção no vetor da democracia no sentido da militarização da administração e do autoritarismo.

Dessa forma, também parecia lógica a renúncia de Iéltsin, anunciada em 31 de dezembro de 1999, quando Vladimir Pútín já havia se consolidado no cargo de primeiro-ministro e era o favorito nas eleições presidenciais que deveriam ocorrer em julho de 2000⁴¹.

⁴⁰ Ievgueni Primakov havia sido chefe do Serviço de Inteligência Estrangeiro entre 1991 e 1996, antes de assumir o Ministério das Relações Exteriores. Serguei Stepachin chefiara o Serviço de Contraineligência, a FSB (Serviço Federal de Segurança, órgão que sucedeu à KGB) e o Ministério da Justiça. Vladimir Pútín tinha sido diretor geral da FSB e chefe do Conselho de Segurança da Federação Russa.

⁴¹ Devido exatamente à renúncia de Iéltsin, acabaram ocorrendo em 26 de março de 2000.

Ainda que Pútín tivesse sido escolhido por Iéltsin como seu sucessor, todos sabiam que seria necessária uma mudança mais ou menos radical de curso. O que não se sabia com certeza era qual seria o sentido dessa mudança.

2.12 CONSEQUÊNCIAS NA MEMÓRIA COLETIVA

Em 1991 desapareceu da face da Terra um Estado que equivalia a 1/6 da superfície terrestre e que era o lar de 293 milhões de pessoas. O impacto da perda foi minimizado, no primeiro momento, pela sensação de liberdade e pela esperança de que um futuro próspero aguardava a todos. Mas a decadência geral que se observou na década de 1990 desfez essas esperanças e trouxe à tona a dura realidade da desregulamentação neoliberal, do conflito étnico, do desemprego, da desigualdade social, da corrupção e da criminalidade desenfreada. Uma decepção tão abrupta teria necessariamente efeitos sobre o imaginário da população, que, muito rapidamente, começou a perceber que a troca “proteção social e estabilidade por liberdade política e econômica” tinha sido um engano.

Percebendo essa tendência, desde 1992, o Fundo de Opinião Pública (FOM) realiza pesquisas de opinião para saber a relação da população russa com o fim da União Soviética. Em 1992, primeiro ano da pesquisa, à pergunta “Pessoalmente, você lamenta ou não lamenta que a União Soviética tenha se desintegrado?”, 69% dos entrevistados responderam que lamentavam, enquanto 32% não lamentavam e 0% não soube responder. Apenas cinco anos depois, em 1997, 84% das pessoas declararam lamentar o fim da URSS, enquanto somente 15% não lamentavam e 1% não sabia responder. O pico dessa tendência ocorreu dois anos depois, em 1999, exatamente no último ano de governo Iéltsin, quando nada menos que 85% dos respondentes confessaram lamentar a desintegração da URSS, ao passo que 11% não lamentavam e 4% não sabiam⁴².

Outras pesquisas de opinião nos ajudam a entender melhor o problema. Em 2015 o VTsIOM fez uma pesquisa em que perguntava: “O período dos anos 1990 foi marcado por importantes mudanças. Quais sentimentos você experimenta em relação aos anos 1990?” (Pergunta aberta, qualquer quantidade de respostas). Os resultados foram⁴³:

⁴² FOM (Rússia). **O raspade SSSR**. Disponível em: <<https://fom.ru/Proshloe/11314>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

⁴³ <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=197>. Acesso em: 28 jan. 2019.

Pergunta: “O período dos anos 1990 foi marcado por importantes mudanças. Quais sentimentos você experimenta em relação aos anos 1990?”	Total
Negativos	53%
Neutros	10%
Positivos	18%
Outros	7%
Não souberam responder	25%

Tabela 7 – Relação com os anos 1990 em geral. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Na mesma pesquisa, o VTsIOM buscou precisar essa relação, ao perguntar aos entrevistados: “Com quais dos seguintes conceitos você relaciona os anos 1990 na Rússia?” (Pergunta aberta, máximo de 3 respostas). Nesse caso, os resultados foram⁴⁴:

Pergunta: “Com quais dos seguintes conceitos você relaciona os anos 1990 na Rússia?”	Total
Criminalidade	50%
Desagregação	39%
Pobreza	34%
Corrupção	30%
Impunidade	26%
Decadência	19%
Guerra	12%
Fim do déficit de mercadorias	10%
Democracia	7%
Liberdade	5%
Liberdade de ir e vir	5%
Possibilidades infundáveis	4%
Abertura	3%
Outro	3%
Não souberam responder	4%

Tabela 8 – Conceitos associados aos anos 1990 na memória coletiva dos russos. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, os conceitos negativos somam 210%, enquanto os conceitos positivos

⁴⁴ <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=197>. Acesso em: 28 jan. 2019.

somam 34% (A soma total é maior do que 100% porque foram permitidas até 3 respostas).

O quadro fica bastante interessante também quando se pede aos entrevistados que detalhem o que exatamente aconteceu de ruim nos anos 1990 na Rússia. Nesse caso, a pergunta foi “O que de ruim e prejudicial ocorreu na Rússia nos anos 1990, quais foram os grandes males e fracassos na vida do país?” (Pergunta aberta, qualquer quantidade de respostas). O resultado, nesse caso, foi⁴⁵:

Pergunta: “O que de ruim e prejudicial ocorreu na Rússia nos anos 1990, quais foram os grandes males e fracassos na vida do país?”	Total
Desintegração da URSS	24%
Banditismo, criminalidade	8%
Crise, destruição da economia, inflação	5%
Fechamento das fábricas, falência da agricultura	4%
Duas moratórias (1992 e 1998)	4%
Pobreza, miséria, queda do nível de vida	4%
Roubalheira, roubaram o país	3%
Perestroika	3%
Privatização	3%
Golpe ⁴⁶	3%
Campanha militar na Tchetchênia	3%
Desemprego	3%
Mudança do governo, golpe	2%
Inflação	2%
Desvalorização do rublo	2%
Déficit, talões	2%
Guerra	2%
Destruição	2%
Iéltsin no poder	1%
Entregaram tudo em mãos privadas	1%
Corrupção	1%
Atraso no pagamento de salários e pensões	1%
Vivíamos mal, havia muitos problemas	1%

⁴⁵ <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=197>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁴⁶ Refere-se ao golpe de agosto de 1991.

Outros países interferiam na nossa política (EUA)	1%
Assassinatos em massa	1%
Instabilidade	1%
Catástrofes (terremotos, Tchernobil, Submarino Kursk)	1%
Destruição do Exército	1%
Decisões equivocadas do governo, sistema administrativo ruim	1%
Atentados terroristas	1%
Confusão, arbitrariedade, ausência de leis	1%
Tudo era ruim	1%
Fome	1%
Outro	5%
Isso não existia	1%
Não soube responder	28%

Tabela 9 – Como os anos 1990 aparecem na memória coletiva dos russos. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, a desintegração da URSS é, disparado, o principal fator negativo do período, agregando quase 1/5 das respostas.

Evidentemente, o que ocorreu entre 1989 e 1991 na Europa Oriental em geral e na Rússia em particular foi uma vitória estratégica do capitalismo. Mas os efeitos dessa vitória não foram nem de longe aqueles esperados pelos seus ideólogos. Para muitos (inclusive não somente para os representantes das gerações mais velhas), o passado soviético acabou se consolidando na memória como um tipo de “era dourada”, um “paraíso perdido” a ser recuperado. Ou, pelo menos, lembrado com carinho.

Como explica Zdravomíslav (2000, p. 31):

É claro que o sistema soviético possui muitos defeitos (sobretudo do ponto de vista dos critérios que hoje são considerados como “norma”), mas não deve-se esquecer o fato de que esse sistema construiu fortes estímulos de desenvolvimento da sociedade e canais de socialização do indivíduo que foram eficazes em seu tempo. Não se tem em vista aqui a justificação do Gulag, mas sim o respeito pela memória de várias gerações de homens e mulheres, para os quais “a construção do socialismo e a defesa da Pátria” eram o conteúdo da vida.

Assim, no final dos anos 1990, estavam reunidas as condições objetivas e subjetivas para o desenvolvimento de um novo fenômeno da memória coletiva e que é o objetivo

específico do presente trabalho: a nostalgia soviética.

CAPÍTULO 3

PANORAMA GERAL: A NOSTALGIA REFLEXIVA NA RÚSSIA

*Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança...mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...
Ai! Tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!*

Mario Quintana

No presente capítulo, discutiremos de que forma a nostalgia reflexiva se desenvolve na Rússia como um fenômeno essencialmente espontâneo, sem qualquer plano pré-concebido ou intervenção estatal, devido apenas ao desenvolvimento das relações sociais e culturais após o fim da União Soviética em 1991. Isso será decisivo para analisarmos, mais tarde, a transformação da nostalgia reflexiva em nostalgia restaurativa.

3.1 ANTES DA NOSTALGIA SOVIÉTICA

Como afirmamos no Capítulo 1, a saudade do lar é parte fundamental da experiência humana; e a nostalgia, produto da aceleração do tempo histórico, é um traço comumente encontrado nas sociedades urbanas industriais das idades Moderna e Contemporânea. Nesse sentido, a Rússia não é exceção. A saudade do lar, a vontade de voltar aos tempos idos da infância e juventude podem ser encontrados ao longo de toda a história cultural da Rússia. No entanto, como se sabe, a Rússia apresenta um desenvolvimento tardio em relação ao Ocidente. Sua industrialização começou apenas na segunda metade do século 19, a servidão só foi abolida em 1861 e o país permaneceu patriarcal e agrário, como mínimo, até o final dos anos 1920. Fruto desse atraso social relativo, a nostalgia como fenômeno culturalmente significativo surgiu e se desenvolveu na Rússia também muito tempo depois da Europa Ocidental.

Na Rússia, o fenômeno nostálgico, ainda que apresente uma série de especificidades em relação ao Ocidente, também está ligado à guerra. Foi somente com a Guerra Patriótica de

1812 que a nostalgia se apresentou como um fator cultural digno de nota, aparecendo com cada vez mais frequência na literatura, no teatro e nas artes em geral. Segundo Orlando Figes (2018, p. 166),

Comparados aos pais, os nobres russos que cresceram depois de 1812 deram valor mais alto à infância. Essa atitude levou muito tempo para mudar, mas já em meados do século 19 pode-se perceber uma nova veneração da infância por parte dos memorialistas e escritores que recordaram a sua criação depois de 1812. Essa nostalgia da época da infância se fundiu à nova reverência pelos costumes russos que tinham conhecido quando pequenos por meio dos servos domésticos dos pais.

Cabe lembrar que não apenas a invasão napoleônica, mas também a Revolta Dezembrista marcou a “geração de 1812”. Ao levante de 1825 seguiu-se o recrudescimento do regime político e da censura, o exílio e as execuções. Esses fatores aumentaram ainda mais, na memória da nobreza e da *intelligentsia*, a importância dos tempos passados e deixaram importantes marcas na literatura russa do século 19. O regime de Nicolau I foi considerado, até certo ponto, uma ruptura traumática devido à repressão contra a nobreza revolucionária. Nesse contexto, era inevitável que essa mesma nobreza recorresse ao sentimento nostálgico como refúgio de um presente indesejado. Como exemplos de obras que remetiam nostalgicamente à infância como um tempo de coisas belas, podemos citar *Infância* (1852), *Adolescência* (1854) e *Juventude* (1857) de Tolstói, *Anos de infância* (1856), de Aksákov, e *Passado e pensamentos* (1852-1868), de Herzen.

Para Orlando Figes (2018, p. 177), essas e outras obras não apenas se referiam à infância de um modo geral, mas a mitificavam, o que nos permite classificar tais abordagens como nostálgicas:

O modo como esses russos escreveram sobre a infância também foi extraordinário. Todos invocaram um mundo lendário (as memórias de Aksákov foram deliberadamente estruturadas como um conto de fadas) que misturava mito e lembrança, como se não se contentassem em recordar a infância e sentissem a necessidade mais profunda de recuperá-la, mesmo que tivessem de reinventá-la.

Na Rússia do final do século 19 e início do século 20, a nostalgia foi um recurso cultural, mas também político, utilizado tanto pelos poderosos quanto por aqueles que lutavam contra o poder estabelecido. Olga Leôntieva chama a atenção para o fato de que esse

período coincide com o estabelecimento da sociedade civil russa. Nesse sentido, o aumento do interesse pelo passado refletia, entre outras coisas, uma tentativa de resolver a crise de identidade da nação. A segunda metade do século 19 foi marcada por uma luta entre distintas concepções de sociedade que apelavam ao passado como forma de fundamentação: por um lado, o embate entre as concepções ocidentalista e eslavófila e, por outro, entre populistas e marxistas. Segundo a autora,

As discussões tensas e apaixonadas sobre o passado histórico foram um sintoma do processo de formação de diferentes projetos de identidade coletiva: os contemporâneos entendiam que a sociedade, desigual no plano nacional, social e cultural, precisa de uma ideia unificadora, mas encontrar essa ideia não era fácil. (LEONTIEVA, 2011, p. 19)

Cada uma dessas concepções olhava para o passado para justificar seu projeto de futuro, o que fez com que o passado russo fosse, pelo menos desde esse período, uma arena de luta política e ideológica. De um modo geral, pode-se afirmar que a própria crítica social adquiriu, em certos momentos, a forma de uma abordagem fantástica do passado histórico:

O recuo para o país das maravilhas russo foi uma tendência geral nas últimas décadas do século 19, quando o aumento da censura no reinado de Alexandre III e nos primeiros anos de Nicolau II tornou difícil para a escola realista usar a arte para fazer comentários sociais ou políticos. (FIGES, 2018, p. 260)

Não apenas o pensamento crítico, mas o próprio poder de Estado recorreu ao passado como forma de luta pelo presente:

Os Románov recuavam para o passado na esperança de que este os salvasse do futuro. Nicolau, em particular, idealizava o reinado de Aleksei no século 17. Via-o como a época áurea do domínio paternal em que o tsar governava numa união mística como o povo ortodoxo, sem ser perturbado pelas complicações do Estado moderno. (FIGES, 2018, p. 260)

Segundo A. S. Tchikicheva (2009, p. 270), a cultura russa está inclinada à produção social de mitos em geral e à nostalgia em particular. Isso está relacionado, sobretudo, com o fato de que o desenvolvimento da cultura na Rússia se deu por saltos e frequentemente o vetor de desenvolvimento mudava de uma época para outra. Esse avanço por saltos, que a cada momento negava o passado imediato e recorria aos mitos de um tempo distante, levou Iuri Lotman a formular sua ideia de *estrutura cultural binária*, que deveria ser aplicada à Rússia,

dada essa particularidade de seu desenvolvimento. Segundo o autor, o desenvolvimento cultural da Rússia se diferenciava daquele ocorrido na Europa Ocidental, entre outras coisas, pelo fato de que na Rússia a ruptura predominava sobre a continuidade, enquanto na Europa Ocidental o peso maior recaía sobre a continuidade, mesmo onde e quando as mudanças aconteciam:

Essa capacidade da cultura surgida sobre a base do Império Romano de preservar a imutabilidade nas mudanças e de fazer da imutabilidade a forma da mudança deixou sua marca nas propriedades fundamentais da cultura da Europa Ocidental. Até mesmo as tentativas de reconstrução absoluta de todo o espaço vital, como a utopia religiosa-social de Cromwell ou a eclosão da ditadura jacobina, em essência, abarcaram apenas esferas bastante limitadas da vida. O próprio Karamzín notou que, ao mesmo tempo em que na Assembleia Nacional e nos teatros as paixões fervilhavam, nas ruas parisienses da região do Palais Royal se vivia uma vida alegre e distante da política.

A cultura russa, com sua estrutura binária, caracteriza-se por uma auto-avaliação totalmente diferente. Até mesmo onde a pesquisa empírica encontra processos multi-fatoriais e graduais, no nível da auto-consciência nós nos deparamos com a ideia da destruição completa e incondicional do desenvolvimento anterior e do nascimento apocalíptico do novo. [...]

Isso, no entanto, não é o resultado da falta de compreensão de alguém, e sim uma dura imposição da estrutura cultural binária. (LOTMAN, 2000, p. 147-148)

Para Lotman, esse binarismo cultural russo induzia à nostalgia, uma vez que as rupturas tendiam a opor “nós” e “eles” (os partidários e adversários das rupturas), sendo o passado comum o principal fator de unificação do sujeito “nós”.

Piotr Tchaadáiev, por sua vez, chamava a atenção para o fato de que a Rússia só teria direito ao futuro se fosse capaz de resgatar o seu próprio passado do esquecimento. Para ele, a sociedade russa sofria de uma espécie de amnésia coletiva, na qual a memória era constantemente abandonada, criando um país sem passado. Em sua famosa “Primeira carta filosófica”, afirma:

Os povos vivem apenas em função das fortes impressões dos tempos passados guardadas em suas mentes e pelas relações com outros povos. É assim que cada indivíduo sente sua ligação com toda a humanidade.

Em que consiste a vida de uma pessoa, diz Cícero, se a memória de tempos antigos não liga o presente ao passado? E nós, que viemos ao mundo como filhos bastardos, sem herança, sem ligação com as pessoas que nos precederam na Terra, não guardamos no coração nenhuma das lições deixadas mesmo antes de nosso surgimento. É necessário que cada um de nós tente por si só reatar o fio do parentesco rompido. O que em outros

povos é apenas hábito, instinto, vemo-nos obrigados a cravar em nossas cabeças a golpes de martelo. Nossas lembranças não vão além do dia de ontem; é como se fôssemos estranhos a nós mesmos. Desfilamos no tempo em forma tão inacreditável que, à medida que avançamos, o passado desaparece para nós irresistivelmente. (TCHAADÁIEV, 2013, p. 72)

A Revolução Russa de 1917 diminuiu o ímpeto de discussão ao redor do passado russo, uma vez que o marxismo, como projeto utópico, tem seu vetor voltado para o futuro. Nesse sentido, a Revolução de Outubro resolveu provisoriamente o problema da identidade russa ao colocar o país na vanguarda da revolução proletária mundial. Era nisso que deveria consistir sua missão histórica, muito mais do que no renascimento de um passado considerado pelos marxistas como fundamentalmente opressivo e vergonhoso. Segundo Arnold Gehlen (2017), a ausência de nostalgia é uma característica comum dos países onde triunfaram revoluções socialistas no século 20. Tal ocorreu também com a Rússia soviética.

A nostalgia voltou à cena cultural russa devido ao exílio de intelectuais e políticos adversários do poder bolchevique, que se viram fora dos limites de sua terra natal e por isso mesmo condenados a uma profunda nostalgia dos tempos passados. Como observa Orlando Figes,

A nostalgia é uma saudade de particularidades, não a devoção a uma pátria abstrata. Para Nabôkov, a “Rússia” estava contida nos seus sonhos de verão da infância na propriedade da família: procurar cogumelos na floresta, caçar borboletas, o ranger da neve. Para Stravínski eram os sons de Petersburgo que ele também recordava da infância: os cascos de cavalo e as rodas de carroça nas pedras do calçamento, os gritos dos vendedores de rua, os sinos da Igreja de São Nicolau e a agitação do Teatro Mariinski, onde a sua *persona* musical começou a se formar. Enquanto isso, a “Rússia” de Tsvetáieva era conjurada pela imagem mental da casa do pai em Moscou, na alameda dos Três Lagos. (FIGES, 2018, p. 633)

Não se deve esquecer, no entanto, que a nostalgia dos exilados do século 20 não foi unicamente reflexiva, ou seja, não teve como único objetivo a lembrança e a reflexão contemplativa. Ao ser fruto de um cataclismo político, social e militar, a nostalgia dos exilados não poderia deixar de refletir os desejos de restauração da velha ordem, sendo portanto, também, para mantermo-nos nos marcos do conceito de Svetlana Boym, nostalgia *restaurativa*, portadora de uma suposta verdade e ser instaurada:

As comunidades de russos emigrados eram colônias compactas unidas pela herança cultural. A primeira geração de exilados russos depois de 1917 unia-

se, basicamente, pela esperança e pela convicção de que a União Soviética não duraria e que acabariam retornando para a Rússia. Comparavam sua situação com a dos exilados políticos do século 19, que foram para o exterior combater o regime tsarista na liberdade relativa da Europa e depois voltaram para a terra natal. [...] Consideravam sua tarefa preservar as antigas tradições do estilo de vida russo – educar os filhos em escolas de língua russa, manter viva a liturgia da Igreja russa e ostentar os valores e conquistas da cultura russa no século 19 – para que pudessem restaurar todas essas instituições quando voltassem para casa. Viam-se como guardiões do verdadeiro modo de vida russo que estava sendo corroído pelo regime soviético. (FIGES, 2018, p. 644)

Devido à rigidez do regime político, o passado nunca chegou a ser uma arena de debates na URSS. Desde que a democracia inicial dos soviets e a anarquia cultural dos primeiros anos foram suprimidas, cada período histórico deveria conter uma única versão dos fatos, a oficial. Se essa versão oficial mudava de tempos em tempos, isso era um problema secundário. O importante era que se tratava da versão devidamente autorizada. “Na URSS o futuro é certo. Já o passado... Esse é imprevisível...” brincavam os russos. Esse quadro começou a mudar com a *glasnost*, a partir da metade dos anos 1980, quando a própria direção do PCUS colocou o passado como um problema em aberto, que deveria ser discutido por toda a sociedade. É nesse período que surgem duas importantes organizações sociais independentes do Estado: a Frente Nacional-Patriótica “Pamiat” (“Memória”), de orientação monarquista, conservadora, antissemita, ortodoxa e anticomunista, e a Sociedade Memorial, fundada pelo famoso físico Andrei Sákharov, de orientação liberal e democrática. A seu modo, cada uma dessas organizações se dedicou a resgatar o que consideravam ser a “verdadeira história” da Rússia, trazendo assim o debate histórico à cena pública. Durante a *glasnost* e nos primeiros anos da década de 1990, realizam-se pesquisas históricas e historiográficas independentes, publicam-se livros, abrem-se arquivos, debate-se na TV, reabilitam-se figuras antes condenadas pela consciência coletiva. O passado é revisado e dele tiram-se novas conclusões. As obras primas de Andrei Tarkóvski “O Espelho” (1975) e “Nostalgia” (1983) já haviam adiantado esse movimento de reflexão sobre o passado.

Apesar de sua evidente importância, a polêmica sobre o passado não ocupou tanto a imaginação dos russos neste período quanto os debates sobre o futuro. Tanto a *perestroika* quanto a *glasnost* eram basicamente debates sobre os novos rumos que a sociedade deveria adotar. Depois do fim da URSS, passou a predominar no imaginário popular uma negação do passado soviético, que começou a ser visto como “sovok”, superado e até vergonhoso.

Mas como viver sem passado? Até o final dos anos 1990 e mesmo início dos anos 2000,

predominava a tentativa de construir um ideal nacional restabelecendo os vínculos com o passado tsarista em oposição ao passado soviético (MORABITO, 2013, p. 61). Datam desse período filmes como “O Barbeiro da Sibéria” (Dir. Nikita Mikhalkov, 1998) “Taurus” (Dir. Aleksandr Sokúrov, 2001), “A Arca Russa” (Dir. Aleksandr Sokúrov, 2002), que buscavam desconstruir o passado soviético e apelavam ao período imperial como a verdadeira história russa, apenas interrompida pela Revolução de 1917. Nessa mesma época, começa a transformação espacial das principais cidades russas, com a restauração de templos e igrejas ortodoxas, inauguração de monumentos aos tsares e outras figuras ligadas ao passado imperial: reconstrução da Igreja de Cristo Salvador em Moscou, monumento a Pedro, o Grande em Moscou etc.

Não é de se admirar que a visão predominante sobre o passado russo nesse período fosse quase caótica. A primeira metade dos anos 1990 foi um período de intensas e dolorosas transformações, que não abriam muito espaço para a reflexão sobre o dia de ontem. Como nos lembra Svetlana Boym (2001, p. 150),

Durante os primeiros anos da *glasnost* e da *perestroika* e depois da queda da União Soviética o ritmo da vida era tão acelerado que não havia tempo para retrospectão. A vida era mais interessante que a ficção, o presente era mais interessante do que o passado e também o futuro. O passado recente foi alegremente esquecido. Os tempos de Brêjniev e Andrôpov, que haviam se encerrado apenas alguns anos antes da *perestroika*, naquela época pareciam pertencer a outra era.

Foi somente com a falência do projeto “reformador” de Iéltsin, quando o presente se demonstrou indesejável, que o passado soviético voltou a se apresentar perante a consciência de milhões de pessoas envolto em sentimentos nostálgicos. É quando se pode falar, efetivamente, do surgimento da nostalgia soviética.

3.2 A NOSTALGIA SOVIÉTICA: A CONSTATAÇÃO DO FENÔMENO

Começemos pelo fundamental, que é a constatação do fato, sem o quê todo o edifício de nossa argumentação desmoronaria. Existe realmente uma nostalgia soviética? Alguns dados objetivos coletados pelos institutos de pesquisa russos podem jogar alguma luz sobre essa questão.

Desde março de 1992, o Instituto de Pesquisas Levada-Tsentr, sediado em Moscou, realiza pesquisas anuais de opinião sobre a relação dos cidadãos russos com a dissolução da URSS. Todos os anos é feita a mesma pergunta, que soa assim: “Você lamenta a dissolução da URSS?” (“Сожалеете ли Вы о распаде СССР?”). A pesquisa admite uma única resposta e as séries acumuladas desde março de 1992 apresentam os seguintes resultados⁴⁷:

Pergunta: “Você lamenta a dissolução da URSS?” (Levada-Tsentr)			
Data	Sim	Não	Não soube responder
Nov. 2018	66%	25%	9%
Nov. 2017	58%	26%	16%
Nov. 2016	56%	28%	16%
Mar. 2016	56%	28%	16%
Nov. 2015	54%	37%	9%
Nov. 2014	54%	28%	18%
Dez. 2013	57%	30%	13%
Dez. 2012	49%	36%	15%
Nov. 2011	53%	32%	16%
Nov. 2010	55%	30%	16%
Nov. 2009	60%	28%	12%
Nov. 2008	60%	30%	10%
Nov. 2007	55%	36%	10%
Nov. 2006	61%	30%	9%
Nov. 2005	65%	25%	9%
Dez. 2004	68%	26%	6%
Dez. 2002	68%	25%	7%
Dez. 2001	72%	21%	7%
Dez. 2000	75%	19%	6%
Mar. 1999	74%	16%	10%
Ago. 1994	66%	19%	15%
Mar. 1993	63%	23%	14%
Mar. 1992	66%	23%	11%

⁴⁷ Fonte: <https://www.levada.ru/2018/12/19/nostalgiya-po-sssr-2/>. Acesso em: 29 jan. 2019.

Tabela 10 – Relação com a dissolução da URSS. Evolução anual. Fonte: Base de dados Levada-Tsentr.

É importante fazer alguns comentários em relação à tabela acima. Em primeiro lugar, cabe observar que atualmente (os últimos dados são de novembro de 2018) o número de russos que lamenta o fim da URSS atingiu o maior patamar dos últimos 14 anos (68% em dezembro de 2004 contra 66% em novembro de 2018). Esse dado é digno de nota porque já desde alguns anos, a tendência a lamentar o fim da URSS parecia apresentar uma dinâmica de queda, chegando ao mínimo de 49% em dezembro de 2012. E no entanto, o aumento do número dos que responderam “Sim” foi significativo de 2017 para 2018 (58% para 66%, o que extrapola em muito a margem de erro da pesquisa). A outra observação é que o recorde de resposta positivas ocorreu no ano 2000 (75%), exatamente no primeiro ano do primeiro mandato de Vladimir Pútín, o que será objeto de uma discussão mais detalhada à frente. O fato é que essa única pesquisa seria o suficiente para provar a existência da nostalgia soviética como um fenômeno sociologicamente significativo na Rússia contemporânea.

Além do Levada-Tsentr, o VTsIOM também realiza, já há alguns anos, uma pesquisa similar. Neste caso, a pergunta é exatamente a mesma e possuímos os dados dos seguintes anos⁴⁸:

Pergunta: “Você lamenta a dissolução da URSS?” (VTsIOM)			
Data	Sim	Não	Não soube responder
2016	63%	23%	14%
2012	56%	33%	11%
2006	68%	25%	7%
2005	66%	23%	11%
2002	65%	27%	8%

Tabela 11 – Relação com a dissolução da URSS. Evolução anual. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, os dados do VTsIOM são ainda mais taxativos do que os do Levada-Tsentr (com exceção do ano de 2002), o que confirma que estamos lidando com um fenômeno real,

⁴⁸ Fontes: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=497>. Acesso em: 28 jan. 2019; <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=2440>. Acesso em: 28 jan. 2019; <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=2778>. Acesso em: 28 jan. 2019; <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=1157>. Acesso em: 28 jan. 2019.

que se mantém como um dado sociológico significativo já há pelo menos 26 anos (1992-2018).

De forma indireta, a nostalgia soviética pode ser comprovada também por outra pesquisa realizada pelo VTsIOM em 2010⁴⁹. A pergunta feita era “Que sentimentos você experimenta ao ouvir o adjetivo 'soviético'”? e o quadro obtido foi o seguinte (a pergunta era fechada, mas com a possibilidade de até duas respostas):

Pergunta: “Que sentimentos você experimenta ao ouvir o adjetivo 'soviético'?”	Total
Nostalgia	31%
Orgulho	18%
Aprovação	17%
Indiferença	13%
Gratidão	13%
Encantamento	10%
Esperança	10%
Decepção	6%
Condenação	3%
Ceticismo	3%
Medo, pavor	2%
Vergonha, culpa	2%
Ódio, fúria	1%
Não soube responder	13%

Tabela 12 – Sentimentos relacionados com o adjetivo “soviético”. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, os sentimentos positivos somam 99%, enquanto os negativos somam 17%. Por outro lado, a indiferença e a dificuldade em responder somam 26% (total de 142%, já que nem todos os entrevistados marcaram as duas opções a que tinham direito). Mais interessante ainda é o fato de que 31% dos entrevistados optaram pela alternativa “nostalgia”, ou seja, têm plena consciência da relação nostálgica que estabeleceram com o objeto em questão.

A mesma relação é comprovada pela negativa. Durante a entrevista acima referida, foi perguntado aos entrevistados: “Você acha admissível a utilização do adjetivo 'antissoviético' para nomes de hotéis, restaurantes e outros empreendimentos de utilização pública?” (Questão fechada, apenas uma resposta). Aqui os resultados foram: 69% dos entrevistados

⁴⁹ Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=2060>. Acesso em: 28 jan. 2019.

consideravam inadmissível a utilização do adjetivo “antissoviético”, enquanto 14% achavam admissível e 17% tiveram dificuldade em responder.

Estabelecido o fato em si, podemos começar a fazer outras perguntas aos números. Uma delas é: por que houve uma retomada do sentimento nostálgico de 2017 para 2018? Para responder a essa pergunta, precisamos entender primeiro do quê exatamente os russos sentem saudade quando se referem à União Soviética. Ainda na entrevista acima citada, foi perguntado: “Com o que você associa a palavra 'soviético'?” (Questão aberta, qualquer quantidade de respostas). Os resultados foram:

Pergunta: “Com o que você associa a palavra 'soviético'?”	Total
Lembranças e associações boas e prazerosas	14%
Ordem na vida, no país, estabilidade, confiança no dia de amanhã	11%
Um grande país e uma grande potência	9%
URSS	8%
Ideologia, propaganda, comunismo	7%
Minha infância e juventude	7%
Nostalgia, saudade do passado	6%
Saúde, educação, moradia e lazer gratuitos	4%
Amizade dos povos, união das nações	4%
Pântano, estagnação, mesmice	3%
Déficit de mercadorias, filas, talões	3%
Humanidade, respeito mútuo, bondade	3%
Dirigentes do Estado	2%
Inexistência de desemprego	2%
Igualdade geral, justiça	2%
Homem soviético	2%
Gagárin, cosmos	1%
Manifestações nos feriados, comemoração coletiva das festas	1%
Um passado esquecido, um período da história	1%
Sorvete, picolé, champanhe ⁵⁰	1%
Repressão, totalitarismo	1%
Sábados comunistas, trabalho nas obras do Estado	1%

⁵⁰ A saudade de produtos alimentícios específicos, típicos do período soviético, é um fenômeno de grande importância dentro do estudo geral da nostalgia soviética e será tratado com mais detalhes mais adiante.

Guerra Fria, armas nucleares	Menos de 1%
Outro	1%
Não soube responder	30%

Tabela 13 – Principais associações com o adjetivo “soviético”. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, predominam as respostas que associam a palavra “soviético” à estabilidade política e social (“Ordem na vida, no país, estabilidade, confiança no dia de amanhã”, “Um grande país e uma grande potência”, “Saúde, educação, moradia e descanso gratuitos”, “Inexistência de desemprego” e “Igualdade geral, justiça”). Exatamente por isso, especialistas estão inclinados a acreditar que a retomada do sentimento nostálgico em 2018 está associada, por um lado, às dificuldades que a Rússia tem encontrado em superar os baixos índices de crescimento econômico dos últimos anos, bem como (e provavelmente este é o fator principal) à aprovação da Reforma da Previdência pelo governo Pútín, fato que tem causado um considerável desconforto social e político no país⁵¹. Ao que tudo indica, a população tem associado a realização de reformas como a da Previdência com o desmonte do Estado de Bem-Estar Social, principal fator ao qual a URSS está associada na memória coletiva.

Essa associação pode ser comprovada quando se pergunta à população as razões do lamento pelo fim da União Soviética. Neste caso, temos os seguintes resultados⁵²:

Pergunta: “Por que você lamenta a dissolução da URSS?” (2018)	Respostas
Foi destruído um sistema econômico único	52%
As pessoas perderam o sentimento de pertencimento a uma grande potência	36%
Cresceu a desconfiança mútua, a brutalidade	31%
Foram destruídas as relações entre parentes e amigos	24%
Perdeu-se o sentimento de que em qualquer lugar estávamos “em casa”	24%
Ficou difícil viajar livremente, descansar	13%
Outro	4%
Não soube responder	2%

Tabela 14 – Razões do lamento pela dissolução da URSS. Fonte: Base de dados Levada-Tsentr.

Como se vê, as respostas que se concentram no fator econômico e social também aqui são majoritárias, agregando um total de 88% das respostas (“Foi destruído um sistema

⁵¹ Ver: <https://www.levada.ru/2018/12/19/chislo-sozhaleyushhih-o-raspade-sssr-dostiglo-maksimuma-zadesyatiletie/>. Acesso em: 29 jan. 2019.

⁵² Fonte: <https://www.levada.ru/2018/12/19/nostalgiya-po-sssr-2/>. Acesso em: 29 jan. 2019.

econômico único” + “As pessoas perderam o sentimento de pertencimento a uma grande potência”). Assim, podemos concluir que a União Soviética tende a aparecer na memória coletiva da população como um tempo-lugar associado não apenas à infância e à juventude, períodos naturalmente mais felizes da vida de qualquer pessoa, mas também como uma formação econômica e social que, a despeito de seus problemas, fornecia estabilidade política, econômica e social para seus cidadãos, que, diferente do que acontece hoje, tinham “confiança no dia de amanhã”.

Tanto a literatura quanto a pesquisa em ciências humanas têm registrado o fenômeno da nostalgia soviética. Em seu livro *O fim do homem soviético*, a ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura Svetlana Aleksievitch (2016, p. 29) assim descreve esse retorno do “soviético”:

Há um novo apelo pela União Soviética. Pelo culto a Stálin. Metade dos jovens de dezenove a trinta anos considera Stálin “um grande político”. Num país em que Stálin aniquilou mais pessoas do que Hitler, um novo culto a Stálin?! Tudo que é soviético está de novo na moda. Por exemplo, os cafés “soviéticos”, com nomes soviéticos e comida soviética. Apareceram doces “soviéticos” e *kolbassá*⁵³ “soviética”, com o cheiro e o gosto que conhecíamos desde a infância. E, claro, a vodka “soviética”. Na televisão, dezenas de programas, e na internet dezenas de sites de nostalgia “soviética”. Você pode visitar como turista os campos stalinistas – Solovki, Magadan. O anúncio afirma que, para uma sensação plena, você vai receber um macacão de campo, uma picareta. Mostram os barracões restaurados. E no fim organizam uma pescaria... Ideias antiquadas estão de volta: do Grande Império, da “mão de ferro”, do “caminho peculiar da Rússia”... Restituíram o hino soviético, existe um Komsomol, só que ele se chama *Náchi*⁵⁴, existe o partido do poder, que copia o partido comunista. O presidente tem o mesmo poder do secretário-geral. Absoluta. Em vez do marxismo-leninismo, a Igreja ortodoxa... [...] Chegou a época do *second-hand*.

O termo em inglês “second-hand” é particularmente importante para entender o raciocínio de Aleksievitch. “*O fim do homem soviético*” é uma tradução não-literal do título original do livro. A tradução literal seria “A hora do second-hand” (Время секунд хэнд), em referência às lojas de artigos de segunda mão, muito populares na Rússia pós-soviética. Para Aleksievitch não se trata tanto de um “retorno ao soviético”, quanto de uma *reciclagem* do velho soviético, feita especialmente para o uso massivo e alienação da população. As lojas de second-hand dos anos 1990 ofereciam aos russos roupas e outros artigos que já haviam caído

⁵³ Um embutido de carne, de tipo salame ou mortadela, muito característico do período soviético e que era associado à fartura.

⁵⁴ Em russo, “Os nossos”.

em desuso em outros países, principalmente Europa e Estados Unidos. Essas lojas acabaram associadas, no imaginário popular, a algo barato, ultrapassado e em geral de baixa qualidade. Eis o sentido da “época do *second-hand*” a que se refere a autora.

No campo das pesquisas em humanidades, I. A. Govorúkhina, P. L. Kamínski e V. A. Sukhánov (2011, p. 374) sustentam um ponto de vista similar quando escrevem:

De início na Rússia cantaram o antigo hino soviético com uma nova letra. A velha canção sobre o que mais importa⁵⁵. Depois veio até nós a “Rússia Unida”, o partido do poder que lembra o PCUS. Depois começou a se desenhar um “novo Komsomol”, o “Caminhando juntos”, “Os nossos”, “Guarda Jovem”. Os programas televisivos de notícias tornaram-se rigorosos, e a âncora do Primeiro Canal, Katia Andréieva, em blusas completamente abotoadas e um pouco fora de moda começou a lembrar a locutora Anna Chatílova⁵⁶. Os altos funcionários do Estado, que na época de Iéltsin apertavam as mãos uns dos outros como verdadeiros homens de negócio, de repente começaram a se beijar incontrolavelmente, do fundo do coração, como na época de Brêjniev. A se condecorar: as ordens, os títulos, as patentes voltaram a gozar de respeito. Além disso, os funcionários começaram a imitar o chefe superior, como sempre ocorria entre a *nomenklatura* soviética. Eles agora têm labradores, esquis de montanha, levam uma vida saudável como Pútín, e nas garagens mantêm antigos “Zaporojets” e “Volgas” iguais aos do presidente.

O Estado russo contemporâneo, em sua essência, representa uma cópia do Estado soviético: os partidos, as organizações, a composição – tudo altamente conhecido e próximo para as pessoas daquele tempo. A novidade do atual Estado russo talvez seja mais de caráter decorativo, e se tirarmos todas as inovações introduzidas desde o fim da União Soviética, é fácil encontrar a estrutura estatal soviética, apesar das bases econômicas e das novas figuras à frente do país.

Svetlana Boym faz uma interessante análise do quanto a palavra “velho” (“старый”) tornou-se vendável a partir de meados dos anos 1990. Logo após o fim da União Soviética, na primeira metade dos anos 1990, houve um esforço consciente por parte da indústria do marketing em associar os produtos anunciados com a ideia do “novo” e da “nova Rússia”. Com a falência desse “novo”, ou seja, do projeto reformador de Iéltsin, o “velho” passou a ocupar um posição de mais destaque no imaginário popular e, por isso mesmo, também no marketing. “Velho” tornou-se sinônimo de bom, original, verdadeiramente russo, durável, de qualidade etc.

⁵⁵ Referência irônica ao programa televisivo “Старые песни о главном” (“Velhas canções sobre o que mais importa”), um programa musical nostálgico que foi ao ar na TV russa nos anos 1990 e que se dedicava a lembrar as velhas canções soviéticas.

⁵⁶ Anna Chatílova foi uma famosa apresentadora de rádio e TV dos tempos soviéticos.

[...] examinando a imprensa, a mídia e o discurso público, é possível discernir uma mudança gradual que ocorreu em algum momento em meados dos anos 1990. De repente, a palavra “velho” se tornou popular e comercialmente viável, promovendo mais bens do que a palavra “novo”. Um dos CD’s mais vendidos no mercado russo chamava-se “Velhas canções sobre o que mais importa”, e um dos programas de TV mais assistidos chamava-se “Velho apartamento”⁵⁷. “Velho” aqui refere-se a uma imagem a-histórica dos bons e velhos tempos, quando todos eram jovens, em algum momento antes da grande mudança. (BOYM, 2001, p. 65)

Estabelecido o fato da nostalgia em si, é importante definir de que tipo de nostalgia estamos falando especificamente. Como mencionado no Capítulo 1, adotamos a classificação proposta por Svetlana Boym, que divide o sentimento nostálgico em dois subtipos: a nostalgia reflexiva, voltada para a reflexão, a lembrança e a autoironia; e a nostalgia restaurativa, que, como o nome sugere, não se contenta com a lembrança e pretende restabelecer uma velha ordem de coisas. Nesse sentido, é interessante analisar a pesquisa realizada pelo VTsIOM nos anos de 2006 e 2016 sobre a possibilidade de restauração da União Soviética. A pergunta feita foi: “Em sua opinião, hoje é possível ou impossível reconstruir uma união das antigas repúblicas da URSS?” (Pergunta fechada, uma única resposta). O resultado foi o seguinte⁵⁸:

Pergunta: “Em sua opinião, hoje é possível ou impossível reconstruir uma união das antigas repúblicas da URSS?”	2006	2016
Sem dúvida, possível	6%	7%
Provavelmente possível	18%	16%
Provavelmente impossível	42%	26,5%
Sem dúvida, impossível	27%	41,5%
Não responderam	7%	9%

Tabela 15 – Possibilidade ou impossibilidade de reconstrução da URSS. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, de 2006 para 2016 o número de pessoas que têm certeza da impossibilidade de reconstrução da URSS subiu de 27% para 41,5%. Esse aumento se deu basicamente às custas daqueles que antes ainda tinham dúvidas sobre essa impossibilidade. Daí concluímos que, por um lado, embora encontremos os dois tipos de nostalgia entre os

⁵⁷ Poderíamos acrescentar aqui a marca de cerveja “Velho moedor” (“Старый мельник”), muito popular nos anos 1990.

⁵⁸ Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=497>. Acesso em: 28 jan. 2019.

russos (restaurativa e reflexiva), a nostalgia reflexiva é predominante em relação à restaurativa. Isso quer dizer que as pessoas sentem profunda saudade e lamentam do fundo de seus corações o fim do velho sistema, mas não necessariamente pretendem restaurá-lo. Ao contrário, se contentam com o vivência da dor e do lembrar. Mais tarde, veremos como o Estado russo se apoia nesse sentimento para promover a nostalgia restaurativa, portadora de uma suposta verdade e de um projeto político.

A relação essencialmente positiva dos russos para com o período soviético não significa apenas a negação do presente em benefício do passado em geral. Ela se expressa também, simetricamente, em uma relação ou opinião negativa a respeito daquele período específico do passado que foi marcado pela deterioração das principais conquistas da civilização soviética. Ou seja, uma relação negativa com todo o período da perestroika, seus personagens e também com os anos 1990, durante os quais se tornaram ainda mais visíveis as consequências negativas da dissolução da URSS.

Entre 2002 e 2015, o VTsIOM perguntou algumas vezes aos russos: “Se falarmos em perspectiva histórica, você acha que a época da perestroika trouxe para a Rússia mais coisas boas ou mais coisas ruins?” (Pergunta fechada, uma resposta). O resultado foi⁵⁹:

Pergunta: “Se falarmos em perspectiva histórica, você acha que a época da perestroika trouxe para a Rússia mais coisas boas ou mais coisas ruins?”	2002	2005	2010	2013	2015
Mais coisas boas	20%	27%	26%	21%	30%
Mais coisas ruins	63%	54%	53%	59%	55%
Não soube responder	17%	20%	21%	20%	15%

Tabela 16 – Avaliação sobre a perestroika. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Interessante observar que o número de pessoas que considera que a perestroika trouxe mais coisas ruins do que boas vem caindo ao longo do tempo. Ainda assim, permanece como sentimento majoritário, com 55% das respostas. Em uma série de outras entrevistas, os pesquisadores buscaram detalhar o que os russos entendem por “mais coisas ruins”. Nesse caso, a pergunta feita foi “Aponte os principais resultados, em sua opinião, das reformas iniciadas no país em 1985” (Pergunta fechada, máximo de 5 respostas), e o resultado obtido foi o seguinte⁶⁰:

⁵⁹ Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=21>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁶⁰ Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=21>. Acesso em: 28 jan. 2019.

Pergunta: “Aponte os principais resultados, em sua opinião, das reformas iniciadas no país em 1985”	1995	1996	1998	1999	2000	2010	2015
Crescimento da incerteza no dia de amanhã	51%	48%	49%	59%	50%	46%	38%
Crescimento do caos e da confusão na administração do país	62%	52%	52%	66%	52%	35%	35%
Crise das relações entre nacionalidades	38%	31%	35%	38%	34%	30%	33%
Aprofundamento da crise econômica	37%	27%	36%	53%	38%	23%	28%
Enfraquecimento da capacidade de defesa do país	31%	24%	29%	46%	32%	21%	24%
Começo da renovação econômica do país	9%	11%	13%	7%	9%	21%	20%
Ampliação dos direitos políticos e liberdades	12%	10%	14%	12%	11%	17%	16%
Aumento da atividade política e econômica das pessoas	11%	10%	10%	10%	10%	14%	14%
Fortalecimento das posições internacionais do país	8%	6%	6%	2%	4%	18%	14%
Renascimento nacional dos povos que vivem no país	9%	6%	5%	5%	4%	11%	11%
Outros	2%	0%	1%	2%	1%	2%	1%
Não soube responder	0%	7%	9%	2%	11%	13%	15%

Tabela 17 – Relação com as reformas dos anos 1980. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se percebe, em qualquer ano que se analise, as respostas negativas somam um percentual maior do que as respostas positivas (158% de elementos negativos contra 75% de elementos positivos em 2015). Novamente, o ápice de respostas negativas ocorre no final do governo Iéltsin-início do governo Pútín (262% contra 36% em 1999).

O que vale para a perestroika, vale também para seu principal personagem, Mikhail Gorbachóv. Em 2011, o VTsIOM perguntou aos russos: “Hoje as opiniões sobre o governo de Gorbachóv se dividem. Lembre, por favor, o que de ruim, em sua opinião, Mikhail Gorbachóv fez pelo país enquanto se encontrava na posição de presidente” (Pergunta aberta, qualquer quantidade de respostas). O resultando foi o seguinte⁶¹:

Pergunta: “Hoje as opiniões sobre o governo de Gorbachóv se dividem. Lembre, por favor, o que de ruim, em sua opinião, Mikhail Gorbachóv fez	2011
---	-------------

⁶¹ Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=1734>. Acesso em: 28 jan. 2019.

pelo país enquanto se encontrava na posição de presidente”.	
Destruiu a URSS	31%
Começou a campanha antiálcool	7%
Levou o país à decadência (economia, exército, sociedade etc.)	5%
Iniciou a perestroika	4%
Desordem no país	3%
Introduziu o sistema de talões (déficit de mercadorias)	3%
Não terminou nada que começou	2%
Vendeu o país ao Ocidente	2%
Avaliação geral negativa de sua gestão	2%
Enviou tropas para o Afeganistão	1%
Não conseguiu segurar o crescimento do desemprego	1%
Não soube responder	51%

Tabela 18 – Relação com Gorbachóv. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como indica a tabela acima, a memória coletiva sobre Mikhail Gorbachóv é essencialmente negativa, sendo que o principal fator pelo qual ele é lembrado continua sendo “a destruição da URSS”.

Não apenas a figura de Gorbachóv e os anos da perestroika aparecem na memória coletiva dos russos como negativos, mas também o período posterior e a figura de Iéltsin, cujo governo está associado à conclusão das reformas iniciadas na perestroika e principalmente às privatizações, à criminalidade e à crise econômica dos anos 1990⁶²:

Pergunta: “Falemos agora sobre o primeiro presidente da Rússia, Boris Iéltsin. Iéltsin comandou a Rússia em uma época difícil para o país. Como você avaliaria o papel dele em relação a esse fato? (Pergunta fechada, uma única resposta)	2007	2016
Como presidente, Iéltsin fez tudo o que pôde para tirar a Rússia da crise	13%	6%
Iéltsin tentou tirar o país da crise, mas cometeu muitos erros	45%	34%
O próprio Iéltsin e seu círculo próximo são culpados do país ter entrado em uma crise tão profunda	36%	50%
Não soube responder	6%	10%

Tabela 19 – Relação com Iéltsin. Fonte: Base de dados VTsIOM.

⁶² <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=233>. Acesso em: 28 jan. 2019.

Interessante observar que o número de pessoas que culpam diretamente Iéltsin pela crise dos anos 1990 aumentou de 36% em 2007 para 50% em 2016, o que demonstra um aumento do sentimento anti-liberal, ideologia com a qual Iéltsin é comumente associado.

Todos esses fatores nos permitem chegar à conclusão de que o fenômeno nostálgico na Rússia contemporânea é extremamente significativo, “parte constitutiva da cultura russa contemporânea” (IGNÁTOVA, 2015, p. 177). É nesse sentido que o presente trabalho analisará o fenômeno.

3.3 RAZÕES DA NOSTALGIA SOVIÉTICA: TRAUMA E CRISE DE IDENTIDADE

A maioria dos pesquisadores consultados associa a nostalgia soviética ao trauma civilizacional ocorrido na Rússia nos anos 1990 (SMÔLINA, 2009, p. 46). Nesse sentido, a nostalgia seria uma reação à destruição do modo de vida anterior e à crise de identidade coletiva ocasionada pela fim da União Soviética. Para S. N. Ignátova (2015, p. 177), “A nostalgia está relacionada a uma crise de identidade que provoca a idealização do passado”.

V. A. Sukhánov (2011, p. 19-20) acrescenta que crises de identidade coletiva são típicas de épocas de transição, em que ocorre a substituição de um modo de vida por outro:

A situação de perda da identidade (nas suas distintas formas individuais e coletivas) é característica das épocas de transição em que ocorre a desintegração da visão anterior de mundo e a perda do centro autoritário ou de autoridade que servia antes como organizador dessa visão. Os eventos das últimas décadas na Rússia deram ao problema da identidade um status universal, uma vez que exatamente essa crise de identidade permeia toda a problemática da oposição Eu-Outro, Passado-Presente.

Ou seja, a crise de identidade russa estaria ligada à dificuldade da nação em diferenciar a si mesma das outras. Isso teria ocorrido, entre outros motivos, porque os anos 1990 na Rússia tiveram o Ocidente como referência civilizacional absoluta, abalando a identidade coletiva (soviética) que fora construída até então (GOVORÚKHINA, KAMÍNSKI, SUKHÁNOV, 2011, p. 358-376).

Assim, a nostalgia seria uma reação coletiva à derrota histórica e civilizacional ocorrida nos anos 1990:

Para construir uma vida boa, obviamente, é melhor ser vencedor. Mas os vencidos têm que continuar vivendo também. Essa questão é particularmente

importante para os russos, que, desde 1991, se encontram em um estado de derrota. A substituição do marxismo pela filosofia existencialista é um produto dessa época. (MÁRKOV, 2011, p. 35)

N. A. Zaverchínskaia (2011, p. 61) vai mais longe e afirma que a nostalgia doentia é provocada pelo trauma cultural que viveu a população russa com o fim do império soviético em 1991 e pelo complexo de inferioridade e sensação de humilhação, bem como pelo desejo de revanche. Daí a saudade da grande potência, com sua missão de liderança administrativa em relação à “periferia” (Cáucaso, Ásia Central, Europa Oriental). Movida por tais sentimentos, a população da Rússia sentiria saudades do stalinismo e da mão forte do líder.

Para B. V. Márkov, a derrota civilizacional dos anos 1990 foi muito mais profunda do que se imaginava até pouco tempo atrás. Isso é assim porque a destruição não foi meramente social e econômica, mas tocou as próprias bases da cultura e, por essa via, todo o modo de vida do passado foi desqualificado: “[...] a desagregação da velha ordem não se limitou à destruição do país. Ela tocou também a cultura, que foi tachada de 'sovok' e condenada ao esquecimento. A reação espontânea à detração do passado é a nostalgia pelo soviético, que é idealizado” (MÁRKOV, 2011, p. 23).

Por um lado, o “sovok” foi oficialmente condenado. Por outro, uma parte significativa do antigo modo de vida permaneceu operante na cultura russa. A principal mudança ideológica dos anos 1990 foi a substituição da velha ideologia comunista pela liberal. No entanto, a vitória do liberalismo foi apenas parcial, dado que os comunistas conseguiram suportar o fundamental dos ataques e mantiveram importantes posições de poder (política, ideologia e moral) ao longo de toda a década. Como consequência, o sentimento anticomunista não poderia durar muito e acabou refluindo no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, junto com o fracasso das políticas neoliberais de Iéltsin e o início do primeiro mandato de Vladimir Pútín. Na época soviética, o Ocidente era o lugar mitológico. Com a invasão cultural norte-americana, o Ocidente foi desromantizado, ao passo que o passado soviético foi assumindo cada vez mais uma aura romântica e heróica. De um modo geral, mesmo no auge da ofensiva neoliberal dos anos 1990, o antissovietismo radical sempre foi considerado um exagero de mau gosto, típico de figuras caricaturais e farsescas como Vladimir Jirinovski e outros. Aos poucos, a relação negativa para com o período soviético, que imperava na imprensa e nos meios de comunicação em geral, foi abrindo espaço para uma relação mais equilibrada e até positiva.

O renascimento do soviético na cultura russa contemporânea está ligado também a uma questão temporal e geracional. Em primeiro lugar, como já foi dito, trata-se de uma época repleta de tragédias, mas também de atos heróicos que moldaram, em vários aspectos, a Rússia tal como ela é hoje. Isso diz respeito tanto à herança imaterial (costumes), quanto material (espaço urbano, monumentos, utensílios etc.). Em segundo lugar, ainda está viva uma geração que foi em parte responsável por criar essa herança e cuja juventude e infância coincidem com a época soviética. Em terceiro lugar, os fatos da época soviética aparecem para os russos a uma distância considerada culturalmente ideal para que por ela se sinta nostalgia: nem tão próxima a ponto de ser ainda doloroso lembrar, nem tão longe a ponto de ser esquecida: “Provavelmente, pode-se afirmar que a comunidade nacional superou a 'distância' temporal e histórica mínima em que a irritação é substituída pela curiosidade, pela busca, pela tentativa de definir sua própria relação com o fenômeno” (MICHÁNKINA, 2011, p. 126).

Para I. T. Vêpreva, a relação com a época soviética se reflete bastante fielmente na relação com o próprio adjetivo “soviético” (Cf. item 3.2 mais acima). Ela observa:

A falência do estado totalitário soviético provocou o deslocamento para a parte passiva do dicionário de todo o núcleo ideológico do idioma russo da época soviética. Para a lista dos arcaísmos lexicais, além das palavras e expressões que nominavam a realidade na época soviética, vai embora também o lexema *soviético*, que possuía enorme atividade, já que servia como caracterizador atributivo de todos os objetos da realidade que se relacionavam com o país dos soviets, com a URSS.

[...] Os confrontos ideológicos, linguísticos e comportamentais diretos com a experiência soviética nos anos 1990 foram substituídos, no século 21, pela reinterpretação reflexiva da cultura tradicional, da herança soviética e de uma nova experiência. Nas novas condições sócio-políticas da Rússia atual, observa-se uma tendência ao uso ambivalente da referida unidade lexical. (VÊPREVA, 2009, p. 220-221)

Svetlana Boym observa ainda que a crise civilizacional que afeta a Rússia e que provoca a nostalgia soviética diz respeito não apenas à perda de referências gerais, mas também do próprio sentido de comunidade, ou seja, trata-se de algo muito concreto para a vida das pessoas. A autora vê isso como um elemento em comum entre o Ocidente e a Rússia: “Talvez o que tanto a Rússia quanto o Ocidente tenham em comum é a percepção moderna de crise da comunalidade, uma procura pela comunidade que tem uma variedade de contornos e formas” (BOYM, 1995, p. 356). É exatamente essa ausência do sentimento de comunidade um dos

fatores que tem provocado o retorno do soviético, dado que a existência de um passado comum sempre foi e sempre será um importantíssimo elemento de identificação comunitária. Separadas pelas imposições do novo modo de vida capitalista, as pessoas sentem-se unidas unicamente (ou fundamentalmente) pelo passado soviético comum. Eis como Svetlana Aleksievitch (2016, p. 19-20) aborda essa questão:

Tenho a impressão de que conheço essa pessoa, ela me é bem conhecida, estou junto dela, vivi ao lado dela por muitos anos. Ela sou eu. São meus conhecidos, meus amigos, meus pais. Durante anos, viajei por toda a antiga União Soviética, porque o *homo sovieticus* não é apenas o russo, mas também o bielorusso, o turcomeno, o ucraniano, o cazaque... Agora vivemos em países diferentes, falamos línguas diferentes, mas somos inconfundíveis. Dá para reconhecer de cara! [...] temos nosso vocabulário, nossa noção de bem e de mal, de heróis e de mártires. Temos uma relação particular com a morte.

Assim, a nostalgia soviética, acabou se tornando uma espécie de mecanismo de resistência no contexto da atual cultura russa e da aceleração do tempo histórico. Mais uma vez Svetlana Boym (1995, p. 289) observa:

Então, depois do colapso do império soviético, não apenas as fronteiras oficiais tiveram que ser redesenhadas, mas muitas divisões e convenções democráticas precisaram ser reconstruídas também. Para fazer isso com sucesso é preciso entender o princípio estruturante central da vida russa, que consiste em encontrar e elaborar meios de sobrevivência construindo estruturas de resistência.

Para a autora, a nostalgia soviética é uma dessas “estruturas de resistência” utilizadas pelo cidadão russo médio para minimizar os efeitos da aceleração do tempo histórico: “A nostalgia se tornou um mecanismo de defesa contra o ritmo acelerado das mudanças e a terapia de choque” (BOYM, 2001, p. 64).

3.4 CARACTERÍSTICAS DA NOSTALGIA SOVIÉTICA

Estabelecidas as causas mais gerais da nostalgia soviética, é necessário que nos debrucemos sobre suas características: *como*, exatamente, esse passado é reconstruído na memória do sujeito nostálgico? Aqui é muito importante mantermos em mente a ideia trabalhada no primeiro capítulo sobre a diferença entre memória e história: o passado

reconstruído nostalgicamente não é necessariamente igual (nem busca ser) ao passado que realmente existiu.

Começamos por estabelecer que coexistem duas formas simultâneas de absorção do passado, que poderíamos chamar condicionalmente “pessoal” e “estatal”. Essas duas formas mantêm entre si uma relação de tensão, ora combinando-se, ora contradizendo-se. Nesse sentido, N. A. Michánkina, (2011, p. 138) que estudou a representação do passado soviético na internet russa, faz a seguinte observação:

Dessa forma, o material do discurso virtual permite acompanhar os processos de reflexão espontânea sobre o “soviético” na comunidade russa na internet, a passagem reflexiva da experiência histórica pessoal, desde a não aceitação do passado soviético, até a nostalgia como meio de unificação dos distintos períodos da vida de uma pessoa. Os resultados da análise mostram que o “soviético” é apreendido pelo prisma de duas categorias básicas: a vida pessoal, que está ligada com o fenômeno da nostalgia, e a relação “pessoa-Estado”, que é avaliada negativamente e recebe a marca de “idiotismo sovok”.

A outra observação necessária diz respeito ao fato de que o “soviético” não vem somente do passado. Ou seja, não é uma reprodução fiel dos fatos que existiram entre 1917 e 1991. Isso pode ser assim na história, onde, pelo menos idealmente, o passado deve ser reconstruído tal qual se deu, com suas contradições, antinomias etc⁶³. No caso da nostalgia soviética, o “soviético” é fundamentalmente uma construção atual: “a concepção sobre o que é soviético na cultura russa é muito mais uma construção do presente pós-soviético do que um reflexo passivo do passado comunista” (KALÍNINA, 2014, p. 18). Isso quer dizer que existem critérios *subjetivos* segundo os quais algo pode ser considerado soviético. Esses critérios são fruto do tempo presente, das pressões do presente, não uma transcrição exata de documentos ou de fontes históricas cientificamente precisas.

Nesse sentido, a primeira coisa importante a se observar é que o passado soviético se nos apresenta em uma forma *desideologizada*, quer dizer, os fatos aparecem despidos do conteúdo ideológico que originalmente tiveram. S. N. Ignátova (2015, p. 185), que realizou uma extensa pesquisa sobre a memória dos camponeses russos, observa:

Quando nós dizemos que na consciência de nossos respondentes estão ausentes os jargões ideológicos soviéticos, nós nos referimos à ausência, em

⁶³ Isso não significa de forma alguma que o historiador, ao fazer história, esteja livre das influências do presente. Mas ele *se propõe* à análise objetiva do passado.

seu discurso narrativo, da propaganda política e ideológica soviética. Ao conversarmos sobre a vida no campo, sobre a economia rural e seu desenvolvimento nesse território concreto, não se verificaram, de forma alguma, nenhum dos diferentes clichês e chavões discursivos ideológicos soviéticos, os assim chamados “sovietismos”. Como parte desses clichês, pode-se citar os mitologemas político-ideológicos “partido”, “komsomol”, “Estado soviético” e o papel preponderante de todos esses elementos no desenvolvimento da agricultura.

Z. I. Rezánova e I. V. Tubálova (2011, p. 10) vão no mesmo sentido ao afirmar:

[...] nas reflexões nostálgicas, o “soviético” se constrói e se reconstrói não apenas e nem tanto no aspecto social e ideológico, quanto como uma época completa em si mesma, ainda que contraditória e com muitos aspectos, que unificou o espaço multiétnico e multicultural da União Soviética, formando uma variante de cultura específica, socialmente determinada. Nas reflexões nostálgicas, os sujeitos da nostalgia se dirigem a diversos aspectos da cultura soviética, inclusive sua cultura do cotidiano.

Esse fato é particularmente interessante de ser analisado, dado que, em certo sentido, é exatamente o oposto do que ocorria realmente no período soviético. Durante o período stalinista, todo o passado russo (mesmo aquele anterior a 1917) era apresentado como uma espécie de prelúdio dos tempos atuais. Exatamente por isso estava sempre carregado de significado ideológico, sendo uma espécie de pré-história da verdadeira história, que começara apenas em 1917. Nesse sentido, a desideologização do passado, praticada por alguns historiadores soviéticos, possuía, de fato, um caráter subversivo, pois ia na contramão da orientação ideológica do PCUS para a historiografia soviética. Hoje, ao contrário, a desideologização do passado soviético retira-lhe qualquer sombra de conteúdo que possa questionar a atual ordem social, econômica e política. Para Iekaterina Kalínina (2014, p. 234), um dos fatores que contribuíram para a desideologização do passado foi exatamente a exploração comercial do “soviético” ainda no início e meados dos anos 1990: “A comercialização foi automaticamente vista como uma ação que retirou toda a atitude crítica ou significado de valor dos objetos simbólicos e que poderia levar à exploração desses símbolos por políticos”.

I. B. Pikúlieva faz uma interessante comparação entre os versos de Maiakóvski e a propaganda veiculada pela Castrol de sua linha de óleos motores. Em Maiakóvski (2012, p. 108) temos:

Dizemos Lênin –
subentendemos –
Partido,
Dizemos
Partido,
subentendemos –
Lênin.

No comercial da Castrol (apud PIKÚLIEVA, 2009, p. 151) temos:

Dizemos Castrol –
subentendemos –
Umax,
Dizemos
Michelin,
subentendemos –
Umax.

Como resultado de semelhante desideologização, as pessoas voltam-se para o soviético não como para uma determinada época da história política russa ou mundial, mas apenas como para um modo de vida específico, para uma forma, independente de qualquer conteúdo. Essa visão está bastante desenvolvida em Svetlana Aleksievitch (2016, p. 24):

A civilização soviética... Tenho pressa para gravar seus rastros. Rostos conhecidos. Não faço perguntas sobre o socialismo, mas sobre o amor, o ciúme, a infância, a velhice. Sobre música, danças, penteados. Sobre os milhares de detalhes de uma vida que vai desaparecendo. Essa é a única maneira de enquadrar a catástrofe no contorno do cotidiano e de tentar contar alguma coisa. De compreender alguma coisa.

Além disso, nas atuais representações nostálgicas, o passado soviético é apresentado não como uma sucessão necessária de períodos historicamente determinadas, mas como uma coexistência caótica e subjetiva, desprovida de qualquer causalidade. Sem nos adiantarmos muito nesse tópico, diremos que a televisão russa dos anos 1990 ajudou a moldar essa visão subjetiva do passado:

Nos programas televisivos, a complexidade do período histórico é representada através de uma narração que mistura o banal e o sublime, o político e o cotidiano: brinquedos, bens de consumo, pronunciamentos oficiais e eventos de grande importância política recebem igual atenção, estabelecendo uma interconexão das esferas individual e comunal, uma mistura das identidades pública e privada. A mensagem principal transmitida por meio dessas várias representações é a de que na União Soviética havia o

bem e o mal e que a vida era possível e até mesmo apreciável, apesar de tudo. (KALÍNINA, 2014, p. 228)

Tomemos como exemplo o programa “Velho apartamento” (“Старая квартира”). Produzido por Anatoli Máikin e apresentado no início por Grigori Gúrvitch e mais tarde por Andrei Maksímov, “Velho apartamento”, estreado em setembro de 1996, foi um dos programas de TV mais populares dos anos 1990 na Rússia, sendo inclusive vencedor do prêmio TEFI de televisão em 1998. Montado como um programa de auditório, a ideia básica consistia em relembrar os principais eventos de cada ano, desde 1947 até 1999. Cada programa relembrava um ano específico, às vezes dividido em duas partes. O palco era montado como se fosse um típico apartamento comunal do ano a ser lembrado e as lembranças eram trazidas à tona primeiro por uma vídeo-crônica de poucos minutos, exibida no início de cada episódio para a plateia presente. Para Kalínina (2014, p. 125), a decoração do palco como apartamento comunal era decisiva, pois

O Espaço é central na formação da memória. O espaço de um apartamento comunal [...] ocupa um lugar especial nas vidas de muitas gerações de cidadãos soviéticos e por isso a escolha em decorar um restaurante, um palco teatral e um estúdio de televisão como se fosse um apartamento comunal implica uma forte intenção de apresentar a vida na URSS através dos olhos dos indivíduos.

A ação em si do programa consistia em depoimentos e debates acerca do ano em tela. “Pessoas comuns” se revezavam com artistas conhecidos em uma série de depoimentos pessoais que davam vida ao relato trazido pelo documentário inicial. Falava-se tanto de coisas boas (cultura, modo de vida, eventos festivos daquele ano etc.) quanto de coisas ruins, como a repressão stalinista, catástrofes naturais e outros eventos infelizes. Eis o que diz o próprio site do Primeiro Canal sobre o programa⁶⁴:

Cada programa do ciclo era filmado em um única tomada, como em um espetáculo teatral, onde toda ação é um improviso. Exatamente assim criava-se uma atmosfera de contato intenso, pode-se dizer até mesmo familiar, na qual todos os presentes estavam ligados por um passado comum e apegos comuns.

⁶⁴ Fonte: https://russia.tv/brand/show/brand_id/20646/. Acesso em: 14 fev. 2019.

Tal descrição corresponde à realidade. No início do programa, o apresentador propunha a todos “se transferirem mentalmente” ao ano em questão, ou seja, deixar que as lembranças venham à tona livremente. Aparentemente, nenhum tópico era censurado. O público, em geral mais velho e testemunha ocular dos eventos a serem lembrados, tendia a seguir rigorosamente as orientações do apresentador, permitindo-se muitas vezes envolver-se em debates apaixonados sobre como foi ou deixou de ser o evento *x* do ano *y*. A decoração do palco ajudava em muito essa “transferência mental”. Os depoentes frequentemente sentavam-se na “cozinha” do palco (apartamento comunal), ou seja, no lugar onde, no imaginário soviético, ocorriam as conversas mais sinceras e mais significativas:

O espaço da cozinha era um lugar central desse apartamento comunal cenográfico. As discussões, querelas e celebrações que ocorriam em cada cozinha soviética eram reproduzidas no palco. A cozinha era reencenada como um “espaço público” – uma área social onde os indivíduos discutiam problemas sociais e políticos vitais. Ela se tornou um espaço discursivo onde os convidados e anfitriões se juntavam para discutir questões de interesse comum – i. e. o passado soviético – e tentavam, sempre que possível, chegar a um acordo e a um veredito comum. (KALÍNINA, 2014, p. 126)

O interessante em “Velho apartamento”, e que diz respeito ao tópico ora abordado, consiste no fato de que os grandes eventos da era soviética apareciam no programa como simples contexto da vida privada, esta sim, a estrela de cada noite. Ao final do programa, as pessoas sentiam-se realmente conectadas pelo passado comum e entendiam que, a despeito de suas diferenças, eram todos “vizinhos de memória” (ALEKSIEVITCH, 2016, p. 21) desse grande apartamento comunal chamado União Soviética.

Outro elemento importante no programa era o momento de reconciliação das posições conflitantes. Isso é particularmente significativo exatamente porque um dos sentidos da nostalgia soviética consiste na reconciliação de cada um com seu próprio passado:

As canções coletivas e as refeições compartilhadas eram momentos simbólicos no programa, durante as quais pessoas com posições conflitantes podiam se unir. Nesse momento, os apresentadores cumpriam um papel fundamental de mediadores, começando e conduzindo o processo de reconciliação e contribuindo ativamente para a criação de um quadro significativo do passado e do presente. (KALÍNINA, 2014, p. 132)

Ao estudarmos a nostalgia soviética frequentemente nos deparamos com uma tensão mais ou menos explícita entre as nostalgias reflexiva e restaurativa. O cotidiano soviético não

raro é igualado à simples ideologia totalitária e a nostalgia soviética é frequentemente vista como uma tentativa de fazer retornar a formação econômica e social soviética. Na verdade, o “soviético” é uma construção bastante complexa, na qual entram elementos da cultura tradicional, pagã, popular, da *intelligentsia*, cristã, rural, urbana, proletária e de massas. Nesse sentido, a nostalgia soviética, pelo menos no sentido e no período ora analisados, não constitui uma tentativa de revanche por parte da velha ideologia e do velho sistema político. Antes disso, é uma forma de memória, graças à qual cada pessoa se sente parte de um todo e adquire confiança em si mesma, uma vez que durante esse período foram acumulados valores importantes que se formaram no processo do longo desenvolvimento histórico da Rússia. Como assinala B. V. Márkov (2011, p. 25), “Na época da decomposição dos valores coletivos, cresce o interesse pela própria memória como forma de adquirir uma identidade pessoal. A história da vida privada fecha as rachaduras da memória coletiva. A pessoa se torna seu próprio historiador”. Ou seja, os russos entendem o “soviético” não como o passado do Estado, mas como seu próprio passado, não como história da economia ou da sociedade, mas como a história de suas próprias vidas. E por isso se apegam tanto a ele.

3.5 OBJETOS DA NOSTALGIA SOVIÉTICA

Estabelecidas as características mais gerais da nostalgia soviética, devemos precisar: em que objetos, concretamente, se manifesta essa nostalgia? Arto Mustajoki (2009, p. 209-219) fez um levantamento desses objetos e chegou a uma espécie de lista que pode ser assim sistematizada, pela ordem de importância com que os tipos de objetos aparecem nas entrevistas: 1) grandes conquistas da ciência, da técnica e da economia; 2) detalhes da vida cotidiana (“conversas na cozinha”, “piadas”); 3) preocupação do Estado pelo cidadão comum (“medicina gratuita”, “educação gratuita”); 4) caráter das relações nacionais e sociais (“coletivismo”, “unidade pacífica”, “amizade dos povos”); 5) status de superpotência (“império”, “exército”); 6) conquistas específicas da cultura (“cinema”, “balé”).

Uma rápida pesquisa em dois conhecidos sites nostálgicos russos (“Museu do séc. 20”⁶⁵ e “Enciclopédia de nossa infância”⁶⁶) acrescentam ainda os seguintes objetos nostálgicos à nossa lista: atores soviéticos, desenhos animados, manifestações em dias de festa, feriados populares, hino, limonada, embutidos de carne processada (kolbassá), Iuri Gárgarin, conquista

⁶⁵ Fonte: <http://vsssr.su/viewforum.php?f=7>

⁶⁶ Fonte: <http://e-n-d.ru/>

do Cosmos, produção industrial, vitória nas Olimpíadas, sorvete, máquinas de água gaseificada, chocolate, educação gratuita, alto nível educacional, ordem, unidade, camaradagem, moralidade, educação, igualdade, responsabilidade, patriotismo, disciplina, pioneiros, armamento, tanques de guerra, passeios, trabalho voluntário durante a universidade, brinquedos, aparelhos de som e TV, cartões postais, máquinas fotográficas, mobiliário, vestuário. Ou seja, quase todos os objetos e valores morais da vida pessoal tornam-se objetos nostálgicos.

Em particular os filmes soviéticos parecem provocar um forte sentimento nostálgico, ao mesmo tempo que são, eles próprios, objetos da nostalgia. Tornou-se costume, por exemplo, os canais russos comemorarem os aniversários dos filmes mais importantes. Foi o caso dos filmes “Dezessete momentos da primavera” (Dir. Tatiana Liôznova, 1973), “O Sol branco do deserto” (Dir. Vladimir Motil, 1970) e “Ironia do destino” (Dir. Eldar Riazánov, 1975): “Ao encontrar-se em um estado de depressão social, o público demonstra particular interesse pelo cinema soviético, no qual encontra modelos e exemplos de comportamento familiares e positivos” (NÔVIKOVA; TCHUMAKÔVA, 2014).

Além do cinema, a música tem sido também, historicamente, muito eficaz na evocação de memórias nostálgicas (Cf. Cap. 1, itens 1.1.1 e 1.1.3), o que se aplica integralmente à nostalgia soviética. Como observa Iekaterina Kalínina (2014, p. 97-98),

Vários estudiosos têm argumentado que a nostalgia como experiência emocional é frequentemente ativada pela música e conectada com memórias autobiográficas evocadas musicalmente. [...] O que ocorre é que um pedaço de uma música familiar serve como trilha sonora de um filme mental que começa a passar na nossa mente e traz memórias de uma pessoa ou um lugar em particular.

Nesse caso, cabe destacar a série de musicais televisivos “Velhas canções sobre o que mais importa” (“Старые песни о главном”). Essa série de quatro filmes foi ao ar no Canal 1 da TV russa entre 1995 e 2000. A ideia básica consistia em contar uma história simples de um determinado período histórico adicionando canções soviéticas desse mesmo período como trilha sonora. As velhas canções soviéticas eram reinterpretadas por artistas de sucesso da atualidade, facilitando assim a identificação entre presente e passado e, portanto, entre sujeito e objeto nostálgico. Os três primeiros filmes representavam histórias e canções das décadas de 1940-1950, 1960 e 1970 respectivamente. O último filme da série, chamado “Post Scriptum”, incluía canções de todos os períodos. O projeto, idealizado por Konstantin Ernst e Leonid

Parfiônov, gozou de enorme e imediato sucesso, sendo frequentemente e por vários anos retransmitido pela TV russa. Também aqui, os telespectadores sentiam nostalgia não pela ideologia soviética ou pelas fazendas coletivas, mas pelos sonhos e esperanças da época retratada, que coincidia sempre com algum período de sua infância ou juventude. Para Iekaterina Kalínina, (2014, p. 101),

Apesar do grotesco dos personagens e das emoções, da cenografia pobre e do humor ruim, os produtores passaram uma importante mensagem para os telespectadores: diferentemente da música moderna, as canções soviéticas eram sobre as coisas importantes da vida: o amor, a amizade, a sinceridade e a crença num amanhã melhor. (KALÍNINA, 2014, p. 101)

A música relaciona-se com a nostalgia soviética não apenas quando se lembram as velhas canções, mas também quando se produzem novas composições sobre o período soviético e sobre os objetos pelos quais se sente nostalgia. Nesse contexto, certas canções podem ser consideradas verdadeiros inventários do cotidiano soviético. Um exemplo é a canção “Quero muito ir para a União Soviética” (“Очень хочется в Советский Союз”), de Vladimir Tkatchenko e Maksim Kutcherenko. Diz a letra⁶⁷:

Na velha caixa de doces
Era uma vez heróis de desenhos animados,
Por exemplo, o lobo de “Espere pra ver!”⁶⁸
Gritava pra mim – Não vá embora!
Na televisão do sótão
Era uma vez paixões de adultos.
O ouriço no nevoeiro⁶⁹ às vésperas da primavera,
Dezessete momentos da ameaça espia⁷⁰.

Quero muito ir para a União Soviética,
Quero muito de novo e de novo,
Quero muito ir para a União Soviética,
Sussurrar duas palavras no ouvido de Tcheburachka
De novo e de novo, quero muito
Fugir num MIG-25⁷¹

Na velha caixa de doces

⁶⁷ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=yasMT0vZXqU>

⁶⁸ Ну, погоди! – Desenho animado muito popular na época soviética.

⁶⁹ Ёжик в тумане – Desenho animado muito popular na época soviética.

⁷⁰ Referência à clássica série televisiva de 1973 “Dezessete momentos da primavera” (Семнадцать мгновений весны)

⁷¹ Referência ao piloto soviético Viktor Bielênko, que desertou em 1976 a bordo de seu MIG-25 e fugiu para o Japão. A ironia do verso reside em que Bielênko fugiu *da* União Soviética, enquanto autor pretende retornar *para* lá.

Era uma vez meus dentes de leite
 Os dias cinzentos da Guerra Fria
 E a saia azul da menina Liuba.
 Os amigos de meu pai o visitavam
 San Sanitch⁷² e o gerente de oficina Kutsenko
 Eles fizeram um farol de bobina
 E com um pouco de vodca criavam maravilhas.

De outro lado, a canção “Quero voltar para a URSS” (“Хочу назад в СССР”), com música de Vladimir Anenberg e Serguei Chubáev e letra de Serguei Chubáev e Pavel Tchikálov, enfatiza não tanto o cotidiano da vida soviética, quanto a necessidade de reconstruir o país, podendo ser qualificada, portanto, como nostálgica restaurativa⁷³:

Eu tinha um país grande,
 Nele, muitas florestas e rios.
 E eu não conhecia outro país
 Onde uma pessoa pudesse viver tão feliz.

Pode ser que isso seja apenas nostalgia,
 Pode ser que apenas a juventude tenha ido embora.
 Mas uma tal primavera, como aquela, linda
 Nunca mais vai haver.

Eu sei, nem tudo era tão tranquilo, eu sei,
 Mas é como se eu fosse novamente pioneiro,
 E como um juramento sagrado, repito:
 Quero voltar para a URSS!

O mundo se dividiu em pobres e ricos,
 O sexo substituiu o amor sublime.
 Tudo que um dia foi caro,
 O coração pede – dê-me de novo!

O computador ocupou o lugar da nossa amizade,
 A palavra “decência” provoca risos.
 A honra e a memória foram como que encobertas,
 Apagando as cores daqueles dias alegres.

É interessante observar que, apesar do tom nostálgico restaurativo, a canção também admite que, talvez, tudo não passe de saudade da juventude ou de um tempo que passou (“Pode ser que apenas a juventude tenha ido embora”). Outro elemento digno de nota é a referência à ascensão dos computadores (“O computador ocupou o lugar da nossa amizade”),

⁷² Aleksandr Aleksandrovitch.

⁷³ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=iD0YZbIc8Mg&t=78s>

o que pode ser relacionado ao conceito de aceleração do tempo, trabalhado no Capítulo 1 da presente tese.

Com relação ao período específico pelo qual se sente nostalgia, todos os pesquisadores são unânimes em afirmar que os anos 1970 ocupam, de longe, o lugar mais importante no imaginário memorial do cidadão russo médio. Esse fato pode ser comprovado por uma série de pesquisas de opinião. Dentre as mais significativas, está a pesquisa feita pelo VTsIOM em 2008. Nessa pesquisa, foi perguntado aos russos: “Sob qual dirigente dos últimos 100 anos nosso país se desenvolveu na direção correta?” (Pergunta aberta, qualquer quantidade de respostas). O resultado obtido foi o seguinte⁷⁴:

Pergunta: “Sob qual dirigente dos últimos 100 anos nosso país se desenvolveu na direção correta?”	Total
Pútín	80%
Brêjniev	41%
Lênin	33%
Stálin	31%
Nicolau II	31%
Khruschóv	29%
Gorbachóv	17%
Iéltsin	17%

Tabela 20 – Relação com diferentes dirigentes pré-soviéticos, soviéticos e pós-soviéticos. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, embora Pútín detenha a liderança individual isolada (80%), os dirigentes do período soviético somam 151%, sendo Brêjniev o dirigente mais reivindicado (41%). Isso se explica pelo fato de que o período chamado de “estagnação” (застой), que corresponde exatamente aos anos 1970, foi também o mais estável política e socialmente em toda a história soviética. Foi na era Brêjniev, também conhecida como “os longos anos 1970” (1968-1982) (TIMOFÊIEV, 2014) que, apesar da recessão econômica, as famílias soviéticas puderam ter acesso a uma série de bens de consumo inimagináveis para as gerações anteriores e até mesmo para a maior parte da população nos anos 1980. O mesmo vale para o acesso aos bens culturais e para as conquistas do esporte e da ciência. O próprio Brêjniev permanece na memória da geração que viveu sob seu governo como um dirigente razoável e moderado,

⁷⁴ Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=2532>. Acesso em: 28 jan. 2019.

simpático à *intelligentsia*, e que reduziu a repressão política, o controle e a censura ao mínimo estritamente necessário (MEJÚIEV, 2017). Devido a isso, os anos 1970 são lembrados até hoje como os mais prósperos em toda a história da URSS (KUSTAREV, 2015). Vale salientar: não estamos aqui discutindo como as coisas efetivamente *ocorreram* nos anos 1970, mas sim como essas coisas ficaram gravadas na *memória coletiva*.

Para S. N. Ignátova (2015, p. 178):

Ao mesmo tempo, muito frequentemente os tranquilos e estáveis anos 1970 tornam-se objetos da nostalgia. Formou-se um mito de que esses foram anos de fartura, os mais prósperos para o cidadão soviético. Realmente, nesse período na URSS começou a formar-se uma sociedade de consumo, os cidadãos soviéticos começaram a se ocupar ativamente de seu cotidiano. No campo social, foi possível formar um sistema de aposentadorias estável, bem como um sistema de garantias sociais (de trabalho, moradia, saúde, educação). Também em nossa época o poder soviético é associado exatamente com a educação e saúde gratuitas, comida barata igualdade social e sentimento de coletivismo.

Também em seu sentido geopolítico, a “segurança no dia de amanhã”, parece ser uma das razões fundamentais para que os russos sintam nostalgia pela era Brêjniev. Em 2007, 2008 e 2011 o VTsIOM perguntou aos russos: “Quando, na sua opinião, o mundo foi mais seguro e a situação internacional, mais tranquila e estável?” (Pergunta fechada, uma resposta). O resultado foi⁷⁵:

Pergunta: “Quando, na sua opinião, o mundo foi mais seguro e a situação internacional, mais tranquila e estável?”	2007	2008	2011
Na época soviética, nos anos 1960-1980 do século 20	47%	50%	55%
Nos anos 1990, sob Iéltsin	5%	5%	4%
Atualmente	34%	26%	28%
Não soube responder	13%	19%	13%

Tabela 21 – Opinião sobre estabilidade mundial. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se percebe, não apenas a maioria considera a era Brêjniev como a mais estável do ponto de vista geopolítico, como esse percentual tem aumentado com o passar dos anos (47%, 50%, 55%) ao mesmo tempo que o número de pessoas que consideram o tempo presente

⁷⁵ <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=1639>. Acesso em: 28 jan. 2019.

como o mais estável também diminuiu sensivelmente de 2007 para cá (34%, 26%, 28%). Esse é mais um fator que induz os russos a sentirem nostalgia pelos anos 1970.

3.6 ONDE SE EXPRESSA A NOSTALGIA SOVIÉTICA

A definição do objeto nostálgico (“era Brêjniev”, “música soviética”, “cotidiano” etc.) não revela ainda, por si só, *como* essa nostalgia se manifesta no presente, já que um mesmo objeto pode se expressar nostálgicamente de distintas maneiras. Nesse sentido, é preciso abordar especificamente as formas através das quais os objetos descritos no ponto anterior se manifestam na cultura russa hoje.

O primeiro elemento importante a ser observado é que a cultura popular de entretenimento parece ser a principal plataforma de promoção da nostalgia soviética. Isso é assim devido ao alcance limitado da chamada “alta cultura” e, em oposição, a ampla disseminação da cultura de massas. Como observa Iekaterina Kalínina (2014, p. 20), “a cultura popular e a indústria do entretenimento parecem ser a principal plataforma para a produção e para o consumo nostálgicos”.

O amplo alcance da cultura de massas faz com que ela adquira características de uma indústria. Daí sua ligação com a nostalgia soviética, já que esta última, ao criar vínculos emocionais entre o sujeito nostálgico (consumidor) e o objeto nostálgico (produto), promove o consumo de certas mercadorias e serviços identificados com essa nostalgia.

Uma das primeiras formas de manifestação nostálgica a adquirirem importância social de massas na Rússia contemporânea foram os bares, restaurantes e cafés que, de algum forma, faziam referência ao período soviético: a lancheria “LenKom” em Veliki Novgorod, o bistrô “Silos da Pátria” em Moscou, o café-bar “URSS” nas cidades de Moscou, São Petersburgo, Nijni Novgorod e Toliatti, o vodca-bar “URSS” em Volgogrado, a pastelaria “Amizade” em Moscou e muitos outros. Desde o final dos anos 1990 e sobretudo na primeira metade dos anos 2000 esse tipo de estabelecimento ficou tão popular que praticamente todas as grandes e médias cidades russas tinham algum tipo de empreendimento comercial com o nome “Nostalgia” e suas variações, ou alguma outra denominação retirada do passado soviético:

Logo no início, tais lugares eram “museus não-oficiais” da vida cotidiana da URSS onde os proprietários tentavam recriar a atmosfera e conservar a memória da vida passada, mas com o tempo a relação dos consumidores com o passado passou a predominar e esses restaurantes [...] tornaram-se parte de

uma indústria nostálgica na qual a nostalgia era usada para criar um forte vínculo emocional com os consumidores. (KALÍNINA, 2014, p. 80)

Iekaterina Kalínina nos lembra também que os restaurantes nostálgicos são populares não apenas na Rússia, mas em toda a antiga União Soviética e sua vizinhança de “países amigáveis”. A razão pela qual eles são tão populares pode estar em sua capacidade de “evocar respostas corporais em diferentes registros sensoriais: visão, paladar, tato e audição” (KALÍNINA, 2014, p. 71).

Se, por um lado, os empreendimentos comerciais funcionavam como “museus não-oficiais”, por outro, começaram a surgir em todo o território russo, sobretudo a partir do final dos anos 1990, museus de verdade (ainda que privados), que tratavam de reunir objetos relativos ao período soviético. Algumas iniciativas merecem destaque: Museu do Cotidiano Socialista, em Kazan (2011); Museu do Cientista Soviético, junto ao Instituto Kurtchátov, em Moscou (2005); Museu da URSS, em Novosibirsk (2009); Museu da Época Soviética, em Voronej (2009); Casa-Museu “Art-Komunalka”, em Kolomna (2011); Museu da Arte Naïf Soviética, em Perm (2012); Museu da Produção Automobilística Soviética, em Ivanovo (2015); Museu da URSS, em Kamtchatka. Existem também planos para a construção de um grande museu estatal até 2022 em Ulianovsk, cidade natal de Lênin. Além disso, já funciona uma espécie de rota turística por várias cidades que foram chave para a história soviética, a chamada “Rota Vermelha” (“Красный маршрут”), através da qual os turistas podem realizar uma espécie de “peregrinação”, similar a que é feita hoje por religiosos no chamado “Anel dourado” (“Золотое кольцо”) pelas cidades ao redor de Moscou. Junto com os museus dedicados exclusivamente ao tema, tornou-se costume a realização de exposições temporárias especiais nos museus regulares em torno à temática soviética, principalmente sua cultura material.

Iuri Timofêiev (2014, p. 25) nos lembra a diferença fundamental entre as exposições (temporárias ou permanentes) surgidas nos anos 1990 e nos anos 2000:

Nos anos 1990 as exposições dedicadas ao passado comunista estavam orientadas sobretudo aos residentes e possuíam frequentemente um caráter de denúncia antisoviética e anticomunista (Na Rússia, em 1994 foi fundado o Museu Memorial da Repressão Política “Perm 36”). Nos anos 2000 a situação se modificou sensivelmente – surgiu uma tendência à comercialização da herança socialista e, junto com os museus dedicados a denunciar o passado, começaram a surgir exposições e museus privados e municipais, cujos autores, na pior das hipóteses, ironizavam maldosamente o

comunismo, mas mais frequentemente sentiam saudade dos atributos da vida passada que estavam desaparecendo.

De todos os museus nostálgicos, o mais conhecido entre os russos é, sem dúvida, o “Bunker 42”, no centro de Moscou. Como o nome diz, trata-se da transformação em museu de um objeto militar real, um bunker com uma área de 7.000 m², localizado a 65 metros de profundidade e destinado à utilização, em caso de guerra nuclear, pela máxima direção do Estado soviético e do PCUS. A profundidade de 65 metros foi especialmente escolhida em função dos testes nucleares realizados pela URSS a partir de 1949. Calculava-se então que tal profundidade deveria ser o suficiente para manter seus ocupantes livres, pelo menos por algum tempo, de todas as consequências nocivas de um ataque nuclear direto contra Moscou. A construção do bunker foi confiada à companhia de metrô da capital russa, também como forma de disfarçar o caráter bélico da iniciativa. Em 1955 o bunker foi colocado em operação e, embora nunca tenha servido como abrigo para Stálin e seu círculo, como fora pensado, ainda assim funcionou até 1986 como um ponto de comando das forças de aviação estratégica. Como aponta o site do museu⁷⁶:

Da mesma forma que a antes poderosa fortaleza do Krémim, capaz de resistir às investidas dos conquistadores, tornou-se em nossos dias um monumento histórico, também o nosso objeto abriu suas portas para seus convidados. Mas até hoje o objeto especial “Bunker 42” cumpre uma missão de extrema importância. Todos os dias as pessoas descem até a profundidade de 65 metros para entrar em contato com uma época distante em que o mundo estava à beira da guerra nuclear.

Além das instalações, réplicas de armas e bombas e outros objetos ligados à Guerra Fria, o “Bunker 42” realiza também um trabalho de “educação patriótica” com crianças, adolescentes e adultos nos marcos do Programa Nacional Presidencial “Rota da Vitória”. Em uma página de seu portal enfeitada pelo slogan “Avante rumo à URSS!” (“Вперед в СССР!”), o museu cita as palavras de N. M. Karamzín⁷⁷: “O patriota é alguém que ama sua pátria, que é devoto de seu povo, que está pronto para o sacrifício e para um ato de bravura em nome da pátria”.

De todas as mídias, a TV é a que cumpre a função mais importante na disseminação da nostalgia soviética. Mesmo quando fala-se de cinema (pelo menos o cinema soviético), a TV

⁷⁶ Fonte: <http://bunker42.com/nasha-istoriya.php>. Acesso em: 21 fev. 2019.

⁷⁷ Fonte: <http://bunker42.com/patrioticheskoe-vozpitanie.php>. Acesso em: 21 fev. 2019.

cumprir um papel fundamental, já que é através dela que os velhos filmes soviéticos são exibidos e chegam até a população, não somente a mais jovem, que passa a conhecer o antigo cinema soviético por meio da TV russa contemporânea, mas também a geração mais antiga, que acompanha com atenção as reprises de filmes já bastante conhecidos. Nesse sentido, cabe destacar o Canal Nostalgia, que é transmitido pela TV a cabo russa para uma parte significativa das ex-repúblicas soviéticas (Rússia, Ucrânia, Belarus, Moldávia, Armênia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, repúblicas do Báltico, bem como Europa e Canadá)⁷⁸. Tanto o nome quanto o slogan do canal deixam desde o início claros seus objetivos: “Nostalgia é o primeiro canal musical-publicitário da Rússia de caráter nostálgico: um canal para aqueles que têm o que lembrar”⁷⁹. A ideia fundamental do canal consiste em retransmitir velhos programas musicais, informativos e culturais soviéticos, organizados segundo a demanda do público atual⁸⁰. Além disso, o canal possui uma série de produções próprias: programas de entrevistas com grandes nomes da cultura soviética, panoramas históricos e culturais etc. Entre os programas soviéticos constantemente retransmitidos pelo Canal Nostalgia podemos citar:

- “Visão” (“Взгляд”);
- “Criançada feliz” (“Веселые ребята”);
- “Correio da Manhã” (“Утренняя почта”);
- “Canção do Ano” (“Песня года”);
- “Panorama Internacional” (“Международная панорама”);
- “Clube dos Viajantes” (“Клуб путешественников”);
- “Boa noite, pequenos!” (“Спокойной ночи, малыши!”);
- “Panorama cinematográfico” (“Кинопанорама”);
- “Campo dos Milagres” (“Поле чудес”);
- “O que? Onde? Quando?” (“Что? Где? Когда?”);
- “Tema” (“Тема”);

O objetivo da retransmissão desses programas é a criação de uma espécie de semi-ilusão de que se está assistindo a TV soviética dos anos 1970 ou 1980. No entanto, mesmo essa semi-ilusão é relativa, dado que alguns programas soviéticos são apresentados de maneira editada, com material agregado que não pertencia à transmissão original. Segundo Iekaterina

⁷⁸ Fonte: http://nostalgiatv.ru/images/nostalgia_presentation.pdf. Acesso em: 25 fev. 2019.

⁷⁹ Fonte: <http://www.nostalgiatv.ru/presentation>. Acesso em: 25 fev. 2019.

⁸⁰ Junto com a retransmissão de conteúdo, devem ser considerados parte do fenômeno nostálgico a *colorização* e a *refilmagem* (remake) de velhos clássicos da TV e do cinema soviético.

Kalínina (2014, p. 147),

Além das gravações dos congressos partidários, o canal transmite os concertos de várias bandas do Ocidente, misturando assim material que estava disponível na televisão soviética com material que não era acessível pelos meios legais durante o período do socialismo tardio. Ao fazê-lo, o canal apresenta uma versão da televisão que muitas pessoas que viveram naquele período gostariam de ter assistido. É uma versão alternativa da televisão soviética, na qual os filmes populares produzidos na URSS são seguidos por concertos de bandas que só poderiam ser acessadas na URSS por meio de gravações contrabandeadas ou reproduzidas domesticamente.

Esse recurso é deveras interessante pois, ao criar uma “retransmissão alternativa”, o Canal Nostalgia ajuda a criar também uma memória alternativa, dado que a TV soviética (e, por essa via, o cotidiano soviético) aparece como um espaço mais democrático e menos contraditório do que realmente foi.

Além das retransmissões mais ou menos diretas, há no Canal Nostalgia uma série de programas que apenas trabalham com materiais antigos, mas que são apresentados em um formato contemporâneo, como entrevistas, documentários e crônicas históricas. Entre os programas de produção própria do Canal Nostalgia estão:

- “Nascidos na URSS” (“Рождённые в СССР”);
- “Antes e depois...” (“До и после...”);
- “Tempo Passado” (“Прошедшее Время”);
- “Houve um tempo” (“Было Время”);
- “Tubo de Ensaio do Tempo” (“Колба Времени”);
- “Submarino Amarelo” (“Еловая субмарина”);
- “Beatlemania” (“Битломания”);
- “Cantemos, amigos!” (“Споёмте, друзья!”);
- “Nostalgia Musical” (“Музыкальная ностальгия”);
- “Melodias e ritmos nascidos na URSS” (“Мелодии и ритмы, рождённые в СССР”);
- “Album de Fotografia” (“Фотоальбом”);

O Canal Nostalgia funciona 24 horas por dia e tem um dos maiores acervos da TV russa. Segundo informação do site oficial, possui cerca de 1500 números musicais gravados em distintos estúdios soviéticos em distintos períodos. Foi vencedor do Prêmio Raio Dourado (Золотой Луч) da TV a cabo nas edições de 2009, 2010 e 2011, além dos prêmios TEFI 2009

e HotBird TV Awards 2009 e 2010⁸¹.

Para Iekaterina Kalínina (2014, p. 142), o Canal Nostalgia cumpriu um papel decisivo na promoção da nostalgia soviética ao disponibilizar diariamente para o público russo materiais que só se encontravam disponíveis em DVD e por isso estavam muito menos acessíveis ao público:

Muitos filmes soviéticos já estavam disponíveis em DVD, mas ainda era difícil para um espectador comum encontrar cópias dos programas de TV antigos e das peças de teatro televisionadas. É por isso que a transmissão dos materiais de arquivo da mídia soviética foi um passo enorme na popularização da mídia soviética através do vasto território da Rússia e da antiga União Soviética.

Apesar de sua importância, o Canal Nostalgia é, claro, uma exceção. Trata-se do único canal de conteúdo exclusivamente nostálgico e, além disso, a transmissão ocorre por cabo, o que inevitavelmente limita seu alcance. Por fim, trata-se de um canal relativamente recente (foi inaurugado em 2004), enquanto a nostalgia soviética é um fenômeno anterior. Nesse sentido, a TV aberta russa cumpriu um papel ainda mais importante na disseminação da nostalgia soviética do que o Canal Nostalgia. Ainda que não esteja dedicada exclusivamente a isso, a TV aberta russa frequentemente retransmite velhos programas soviéticos e cria tantos outros novos que tratam de lembrar o velho modo de vida e a velha cultura soviética. Entre os principais programas nostálgicos da TV aberta russa, temos:

“Riqueza da República” (“Достояние республики”), no Primeiro Canal;

“Os melhores anos de nossa vida” (“Лучшие годы нашей жизни”), no Canal Rússia;

“Show dos estilosos” (“Стиляги-шоу”), no Canal Rússia;

“E de novo olá!” (“И снова здравствуйте!”), na NTV;

“Cantado na URSS” (“Спето в СССР”), na NTV;

“Risonostalgia” (“Смехоностальгия”) no Canal Cultura;

“Krémlin – 9” (“Кремль – 9”), no Canal Vremia;

“Crônicas históricas” (“Исторические хроники”), no Canal Rússia;

“Julgamento do Tempo” (“Суд времени”), no Canal 5;

“Para que lembrem” (“Чтобы помнили”), no Primeiro Canal;

“Velhas canções sobre o que mais importa” (“Старые песни о главном”), no Canal ORT;

⁸¹ Fonte: <http://www.nostalgiatv.ru/about>. Acesso em: 25 fev. 2019.

“Mercado de Pulgas” (“Базахолка”), no Primeiro Canal;
 “Velho Apartamento” (“Старая квартира”), no Canal Rússia;
 “Que anos os nossos!” (“Какие наши годы!”), no Primeiro Canal;
 “História do show-business russo” (“История российского шоу-бизнеса”), no Canal STS;
 “Como os ídolos foram embora” (“Как уходили кумиры”), no Canal Vremia;
 “Em busca do que foi perdido” (“В поисках утраченного”), no Primeiro Canal;
 “Velha Televisão” (“Старый телевизор”), na NTV.

Além dos programas de auditório e crônicas históricas, surgiram também na TV aberta russa ao longo dos últimos anos vários seriados dramáticos que se referem ao passado soviético. São eles:

“Extermínio” (“Ликвидация”, Dir. S. Ursuliák, 2007);
 “Apóstolo” (“Апостол”, Dir. G. Sidorov e I. Moroz, 2008);
 “Jardim de Aleksandr” (“Александровский сад”, Dir. O. Riaskov e A. Pimanov, 2005);
 “As nove vidas de Nestor Makhno” (“Девять жизней Нестора Махно, Dir. N. Kaptan, 2007);
 “Isaiev” (“Исаев”, Dir. Serguei Ursuliák, 2009);
 “Os filhos da Rua Arbat” (“Дети Арбата”, Dir. S. Echpai, 2004);
 “O Testamento de Lênin” (“Завещание Ленина”, Dir. N. Dostal, 2007);
 “Stálin. Live” (“Сталин. Live”, Dir. D. Kuzmín, G. Liubomírov e B. Kazakôv, 2007);
 “O lado oposto da Lua” (“Обратная сторона Луны”, Dir. Aleksandr Kott, 2012),
 “O caso da Mercearia Nº 1” (“Дело гастронома № 1”, Dir. Serguei Achkenázi, 2011);
 “De volta a URSS” (“Назад в СССР”, Dir. Valeri Rojnov, 2011);
 “Ponto Fronteiriço Jilin” (“Застава Жилина”, Dir. Vassili Pitchul, 2008),
 “Caçada a Béria” (“Охота на Берия”, Dir. Aleksei Pimanov, 2008),
 “Saga Moscovita” (“Московская сага”, Dir. Dmitri Barshevski, 2004)
 “Os Oitenta” (“Восьмидесятые”, Dir. Fiodor Stukov, 2012)
 “Mau tempo”⁸² (“Ненастье”, Dir. Serguei Ursuliák, 2018)

Mesmo quando transmite conteúdo contemporâneo não-nostálgico, a TV russa frequentemente cai em nostalgia pela própria linguagem que utiliza, que se assemelha à linguagem utilizada, por exemplo, nos noticiários soviéticos. E. V. Tchêpkina (2009, p. 16-17)

⁸² Embora se passe nos anos 1990, “Mau tempo” pode ser considerada uma série nostálgica da URSS, pois seus personagens sentem uma clara nostalgia pela vida soviética.

observa com certa ironia:

A linguagem da imprensa regional permanece uma importante portadora dos esquemas ideológicos soviéticos. O que permite isso é a abundância de padrões estilísticos e idiomáticos, a maioria dos quais vem dos tempos soviéticos. Por exemplo, o título “Ativista camponesa” no texto sobre uma mulher que, por iniciativa própria, organizou em seu vilarejo uma biblioteca e depois, ao longo de várias décadas, prestou serviços em benefício da educação.

Assim como a televisão, o cinema russo produziu também uma série de filmes nostálgicos nos últimos anos. Destacam-se:

“Somos do Futuro” (“Мы из будущего”, Dir. Andrei Maliukôv, 2008);

“O Sol Enganador – Antecipação” (“Утомленные солнцем: Предстояние”, Dir. Nikita Mikhalkov, 2010);

“Rjev – A Batalha Desconhecida de Gueorgui Júkov” (“Ржев. Неизвестная битва Георгия Жукова”, Dir. S. Numaméd, 2009);

“A Estrela” (“Звезда”, Dir. N. Lêbediev, 2002);

“O Cosmos como pressentimento” (“Космос как предчувствие”, Dir. A. Utchítel, 2005);

“A lebre sobre o abismo” (“Заяц над бездной”, Dir. T. Keosaián, 2006);

“Em agosto de 44...” (“В августе 44-го...”, Dir. Mikhail Ptachúk, 2001);

“A Batalha por Sebastopol” (“Битва за Севастополь”, Dir. Serguei Mokrítski, 2015);

“Meu pai Baríchnikov” (“Мой папа Барышников”, Dir. D. Povolôtski e M. Drugói, 2011);

“Tempo de pioneiros” (“Время первых”, Dir. Dmitri Kiseliôv, 2017);

“Certa vez” (“Однажды”, Dir. Renat Davletiárov, 2013);

“Somos do Futuro 2” (“Мы из будущего 2”, Dir. Aleksandr Samokhválov e Boris Rostôv, 2010),

“O Nevoeiro” (“Туман”, Dir. Ivan Churkhovêtski e Artiom Aksiônenko, 2010);

“O Nevoeiro 2” (“Туман 2”, Dir. Ivan Churkhovêtski, 2012);

“Stalingrado” (“Сталинград”, Dir. Fiodor Bondartchúk, 2013);

“Saliut – 7” (“Салют – 7”, Dir. Klim Chipenko, 2017);

“T-34” (“Т-34”, Dir. Aleksei Sídorov, 2018);

“Movimento Ascendente” (“Движение Вверх”, Dir. Anton Megerditchev, 2017);

“Nossa Pátria” (“Наша Родина”, Dir. Vitali Mánski, 2005);

“Crônicas Particulares. Monólogo” (“Частные хроники. Монолог”, Dir. Vitali Mánski, 1999);

“Nascidos na URSS” (“Рожденные в СССР”, Dir. Serguei Mirôchnitchenko, 1991, 1998, 2005, 2012⁸³);

“Gagárin – O Primeiro no Cosmos” (“Гагарин – Первый в Космосе”, Dir. Pavel Parkhomenko, 2013”;

“Franz + Polina” (“Франц + Полина”, Dir. Mikhail Segal, 2006);

“A Fortaleza de Brest” (“Брестская Крепость”, 2010) Dir. Aleksandr Kott, 2010.

“Carga 200” (“Груз 200”, Dir. Aleksei Balabánov, 2007)

“Cidade dos Ventos”⁸⁴ (“Исчезнувшая империя”, Dir. Karen Chakhnazárov, 2008)

“Estilosos” (“Стиляги”, Dir. Valeri Todorôvski, 2008)

“Ironia do Destino. Continuação” (“Ирония судьбы. Продолжение”, Dir. Timur Bekmambetov, 2007)

Algumas dessas obras televisivas e cinematográficas exigem breves comentários. O filme “Crônicas Particulares. Monólogo” consiste em uma crônica da vida pessoal do próprio diretor, sua infância na URSS, os costumes de sua família, as festas, a escola etc. Através de sua vida privada, Mánski revela a vida de toda a sua geração. O filme é um marco importante porque mostra a história da URSS como a história de gente simples, não do povo como ente abstrato e nem como história de poder ou história econômica. Nesse sentido, se encaixa perfeitamente no fenômeno nostálgico atual, que encara a URSS apenas (ou pelo menos fundamentalmente) do ponto de vista da vida privada. É o que Serguei Uchákin (2013) chama de “objetalização” (объектализация) da história, quer dizer: a história por meio dos objetos pessoais, da crônica particular etc. A série documental “Recentemente” (“Намидни”, da NTV), que será analisada à parte, também se encaixa nessa definição. Outro programa televisivo que se encaixa no fenômeno da objetalização é “Mercado de Pulgas”, que consiste na caça a objetos raros do período soviético.

O filme “Cidade dos Ventos” (“Império desaparecido”, em uma tradução mais literal) constitui o próprio paradigma do cinema nostálgico nesses anos 2000. Nele, vale a pena deter-se ainda mais pormenorizadamente. Nesta película, Chakhnazárov busca apresentar uma visão

⁸³ Trata-se de uma série de filmes documentários que acompanham a vida de 20 meninos e meninas nascidos na URSS em 1983. Daí os vários anos de lançamento.

⁸⁴ Título comercial no Brasil.

autor al sobre o processo de desagregação da URSS e sobre a geração que o vivenciou mais intensamente: aqueles que cresceram e formaram suas personalidades nos anos 1970 e que portanto viveram a perestroika quando eram adultos jovens.

Começemos nossa análise pelo título original “Império Desaparecido”: a que *império* exatamente se refere Chakhnazárov? A resposta parece óbvia (a URSS), mas tudo nessa produção se revela um pouco mais complicado. O filme nos conta a história de Serguei Nabêkov (Aleksandr Liápin) e Stepan Molodtsôv (Igor Baranôvski), dois amigos que cursam a Faculdade de História do Instituto Pedagógico de Moscou. Serguei, que, de fato, é o personagem principal, é ousado e inconsequente, aprecia as mercadorias do Ocidente capitalista e os prazeres que sua origem familiar na *intelligentsia* lhe proporciona; Stepan é mais tímido, humilde e conservador. Ainda assim, eles convivem bem e dividem aventuras pessoais e amorosas típicas da pós-adolescência. Além disso, Serguei é neto de um renomado arqueólogo soviético, que no passado fora responsável pelas escavações do antigo reino da Corásmia (território do atual Uzbequistão). A partir desses elementos, Chakhnazárov constrói uma narrativa na qual presente e passado se entrelaçam todo o tempo em uma trama nostálgica. Vejamos.

Por mais que Serguei queira viver o presente e esteja sempre atento aos últimos acontecimentos da “modernidade” (sabe, por exemplo, de todos os LP's de rock que são lançados no Ocidente), sua vida é, em muitos aspectos, determinada pelo passado. Logo no início do filme, vemos que ele consegue dinheiro para se divertir e comprar calças jeans vendendo as coleções de arqueologia do avô no mercado clandestino de livros. Além disso, a “Cidade dos Ventos”, capital do império desaparecido, é tema constante das conversas entre o velho arqueólogo e o neto, que por sua vez sonha frequentemente com as ruínas do antigo reino. As relíquias encontradas pelo avô durante as escavações ficam jogadas pela casa do jovem, que às vezes as presenteia a alguma namorada.

Uma vez apresentado o personagem principal e seu entorno, a trama se desenvolve ao redor de um triângulo amoroso que inclui os dois amigos (Serguei e Stepan) e uma colega de classe. No início, Liuda Belêtskaia (Lidia Miliúzina) se apaixona por Serguei, mas logo se decepciona devido ao comportamento inconsequente do rapaz. Ela então se envolve com Stepan, e fica grávida dele. Quando Serguei finalmente decide levar o relacionamento a sério, fica sabendo da gravidez de Liuda. Decepcionado, decide sair de Moscou e rumar para a Ásia Central, para conhecer as ruínas de que tanto lhe falara o avô. Lá, em meio ao deserto, entre o

que restou da “Cidade dos Ventos”, Serguei encontra a paz que buscava e se reconcilia consigo mesmo.

O filme corta para o presente. No aeroporto de Moscou, um Stepan envelhecido se dirige a alguém que a câmera não mostra: “Serioja⁸⁵? Não me reconhece? Sou eu, Stiopa⁸⁶”. No diálogo que segue, Stepan conta ao velho amigo que decidiu ir embora da Rússia e que agora vive na Finlândia. “Nosso endereço é a União Soviética, Serioja. Isso aqui é o que? Onde está Moscou? Eu não a reconheço. Tudo malévolo e estranho”. Perguntado sobre um amigo em comum (Kostia), Serguei responde: “Morreu há três anos”. “De quê?”, questiona Stepan. “Bebia. Não se adaptou à nossa vida”. E Stepan contesta: “Estranho. Parecia que ele, mais do que qualquer outro, iria se adaptar”. Serguei responde: “Naquela época todos nós pensávamos assim”. Novamente, o passado remoto invade o presente: “E você? Como está?”, pergunta Stepan a Serguei. “Trabalho de tradutor de farsi”. “De quê?”. “Língua persa”. “Ah, você sabe persa?”. “Sim, eu terminei o Instituto de Idiomas Orientais”. “Muito bem”, responde Stepan. Depois de trocarem mais umas poucas palavras, os antigos amigos se despedem friamente e o filme termina sem que vejamos o rosto adulto de Serguei.

O filme de Chakhnazárov teve um forte impacto cultural. Lançado em 2008, foi relançado apenas quatro anos depois em uma nova versão e com um novo título. “Amor na URSS” contava agora a história do triângulo amoroso Serguei-Liuda-Stepan, mas sem os diálogos sobre o antigo reino da Corásmia e sem a cena final, o que tornou o filme mais leve e menos reflexivo. Na versão original, no entanto, Chaknazarov nos entrega uma visão completa sobre o que considera ser a tragédia de sua geração: na ânsia de obter um disco de rock ou uma calça Lee, os adolescentes dos anos 1970 (adultos da perestroika) perderam um país inteiro, transformaram o que era próximo e habitual em algo “malévolo e estranho”. Alguns escolheram o autoexílio (Stepan), outros morreram de tanto beber (Kostia). Além disso, Chakhnazárov nos lembra todo o tempo o destino dos impérios que não são defendidos por seus povos: transformam-se em ruínas distantes e sem valor. Sem saber como lidar com a Rússia capitalista, Serguei e Stepan, cada um a seu modo, decidiram se esconder e viver no passado: Stepan foi para a Finlândia com a segunda esposa e Serguei passou a se ocupar de textos antigos e relíquias arqueológicas, tal como fizera seu avô.

Em certo momento do filme, Serguei vende um raro exemplar de *Histórias*, do historiador grego Políbio, para comprar um disco dos Rolling Stones no mercado clandestino,

⁸⁵ Diminutivo de Serguei.

⁸⁶ Diminutivo de Stepan.

mas é enganado pelo vendedor, que lhe entrega um disco de Tchaikóvski, muito comum na URSS naquela época. Eis aqui toda a metáfora da “troca enganosa” da qual foi vítima o povo russo em meados dos anos 1980. Queriam democracia e bens de consumo. Ao invés disso, receberam instabilidade política e crise social. A pergunta implícita todo o tempo na película de Chakhnazárov é: valeu a pena? Em outra cena, Serguei e Stepan são repreendidos na faculdade por não prestarem atenção em uma aula de História do PCUS. Aqui a pergunta que Chakhnazárov nos faz é: será que assistir a algumas poucas aulas de História do PCUS ou de “marxismo-leninismo” não era um preço justo a se pagar para viver em um país grandioso e estável como a URSS? Não seria muito melhor para o povo (principalmente para a *intelligentsia*) prestar juramento à ideologia oficial, e em troca ver preservado seu modo de vida?

A característica fundamental do filme de Chakhnazárov é que o passado governa o presente. Apesar de terem se passado mais de 30 anos, Serguei não consegue perdoar o amigo. Quando ele finalmente reconhece Stepan, sua fala acelera um pouco (um sinal de entusiasmo pelo reencontro), mas logo volta a se arrastar, com frases curtas e formais, que deixam claro o desejo de encerrar a conversa o mais rapidamente possível. No fim das contas, o diálogo entre eles é frio, quase áspero, pelo menos da parte de Serguei. Eles se despedem sem trocar endereços ou telefones (“Nosso endereço é a União Soviética”). Stepan retorna à Finlândia; Serguei retorna às ruínas do império desaparecido na Ásia Central. A mensagem é clara: se não é possível viver na URSS, encontraremos um outro passado para viver. Qualquer lugar que não seja a nova Moscou, “malévola e estranha”. O passado triunfa sobre o presente; a história antiga domina a modernidade.

Ou seja, temos aqui uma situação na qual “o passado não passa”. Ele parece ter sido superado pela mera chegada do presente. Mas na verdade está sempre ali, à espreita, com suas relíquias, mágoas e histórias, lembrando permanentemente a todos da sua presença e determinando cada evento do dia de hoje. “Império desaparecido” é um filme no qual, como dizia Marx, “a tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos” (MARX, 2011, p. 25). Eis a essência do espírito nostálgico quando este extrapola seu espaço natural e inevitável na memória e passa a controlar a vida presente.

Outro espaço extremamente importante de expressão da nostalgia soviética é a internet. Vale ressaltar que esse meio distingue-se do cinema e da TV, entre outras coisas, porque aqui os próprios sujeitos nostálgicos são capazes de produzir conteúdo nostálgico, escapando assim

da relação passiva que em geral se estabelece com a TV e o cinema. Para Iekaterina Kalínina (2014, p. 13), a disseminação da internet e sua utilização para fins nostálgicos tem promovido o que se pode chamar de *mediatização da memória*, ou seja, um fenômeno em que a lembrança é profundamente influenciada pelas novas tecnologias:

Se antes as pessoas tinham que gastar tempo e dinheiro para viajar até os arquivos e esperar horas por uma informação, hoje elas podem acessar tais dados com um clique – seja uma imagem, um vídeo ou um texto. Os arquivos digitais para profissionais da mídia, fóruns para amadores, grupos de facebook e outras comunidades virtuais servem aos interesses profissionais e amadores. Esses fatores permitiram aos estudiosos da comunicação falar da *mediatização da memória*, na qual os meios de comunicação influenciam as práticas de lembrança.

Nesse sentido, os fóruns de discussão surgidos nos últimos anos cumprem um papel extremamente importante na disseminação do sentimento nostálgico. Entre as inúmeras iniciativas atualmente existente, destaca-se o site “Museu da URSS – século 20” (Музей СССР “20-й век”⁸⁷). Como o nome sugere, o site pretende-se uma espécie de museu virtual, onde as pessoas postam fotos de objetos ou cenas soviéticas juntamente com pequenos textos explicativos de caráter nostálgico. A partir daí os outros integrantes da comunidade são convidados a comentar e relatar suas próprias experiências com dado objeto ou cena. As principais rúbricas do site são:

- “Anos 1980” (“80-е года”);
- “Documentos” (“Документы”);
- “Brinquedos da URSS” (“Игрушки СССР”);
- “Como era” (“Как это было”);
- “Coleções” (“Коллекционирование”);
- “Personalidades da URSS” (“Личности СССР”);
- “Nosso cotidiano” (“Наш быт”);
- “Nostalgia” (“Ностальгия”);
- “Vários” (“Разное”)
- “Faça você mesmo” (“Сделай сам”);
- “Feito na URSS” (“Сделано в СССР”)
- “Fatos e datas” (“События и даты”)
- “Literatura soviética” (“Советская литература”).

⁸⁷ Fonte: <http://20th.su/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

No espaço virtual, além de sites especializados, encontramos também uma infinidade de iniciativas mais simples, mas com grande impacto. Uma breve busca pelas palavras-chaves “nostalgia” e “URSS” nas redes sociais VKontakte e Facebook oferece-nos os seguintes resultados:

“Nostalgia. Tempos duros” (“Ностальгия. Жёсткие времена”), Comunidade no VKontakte, 1,5 milhões de assinantes;

“URSS. O ótimo país em que vivíamos” (“СССР. Прекрасная страна, в которой мы жили”), Página de Facebook, 186 mil curtidas;

“Aconteceu. Nostalgia” (“Было дело. Ностальгия”), Comunidade no VKontakte, 157 mil assinantes;

“Nostalgia” (“Ностальгия”), Comunidade no VKontakte, 78 mil assinantes;

“Época da URSS” (“Эпоха СССР”), Página de Facebook, 68 mil curtidas;

“Nostalgia pela URSS” (“Ностальгия по СССР”), Comunidade no VKontakte, 45 mil assinantes;

“De volta à URSS” (“Назад в СССР”), Página de Facebook, 36 mil curtidas;

“Nascidos na URSS” (“Рождённые в СССР”), Página de Facebook, 30 mil curtidas;

“Somos da URSS!” (“Мы из СССР!”), Grupo de Facebook, 25 mil membros;

“Nostalgia século 20: fotografia, pessoas, acontecimentos” (“Ностальгия 20 век: фото, люди, события”), Página de Facebook, 23 mil curtidas;

“Somos da URSS. Nostalgia pelos anos 1970, 1980, 1990” (“Мы из СССР. Ностальгия по 70, 80, 90 годам”); Comunidade no VKontakte, 12 mil assinantes;

“Vida na URSS” (“Жизнь в СССР”), Página de Facebook, 8 mil curtidas;

“Nostalgia pela URSS” (“Ностальгия по СССР”), Grupo de Facebook, 3 mil membros;

“Nostalgia pela URSS com sorriso” (“Ностальгия СССР с улыбкой”), Página de Facebook, 1,4 mil curtidas;

O “soviético” se encontra tão valorizado no imaginário popular russo contemporâneo que estamos presenciando o surgimento de um fenômeno bastante contraditório, chamado “chique soviético” ou “glamour soviético” (“советский шик”/“советский гламур”). Esse fenômeno consiste em uma extravalorização, em termos diretamente monetários, da cultura material que, de uma forma ou de outra, busca reproduzir a estética soviética. Como exemplo, podemos citar a marca Gourji de joias e roupas. Para iniciar nossa análise, tomemos o texto de

apresentação da própria marca, publicado em seu site oficial⁸⁸:

Gourji é uma nova marca russa que atua no mercado de produtos de luxo. É única e não possui análogas.

A filosofia e o estilo da marca Gourji estão inseparavelmente ligadas com a história da Rússia. A marca tem um olhar fresco sobre o contexto cultural e histórico eurasiático, dentro do qual a Rússia é um caldeirão fervilhante, com centenas de culturas.

A ideia básica da Gourji é identificar as características mais marcantes da herança artística do passado e do presente e apresentá-las de uma forma contemporânea.

A missão da Gourji:

Criar uma marca eurasiática de acessórios de luxo, na qual a Eurásia é entendida como um território com grupos étnicos, uma estética e uma história, mas não com um conceito político ou ideológico determinado.

Criar um novo conceito de luxo, baseado nas conquistas culturais e estéticas dos povos da Eurásia.

Criar e distribuir acessórios que reflitam o contexto cultural, estético e histórico dos povos e culturas do continente eurasiático.

A primeira coisa a se observar é que a Gourji pretende-se mais do que uma marca russa e por isso apela ao conceito de Eurásia para sua própria definição. A segunda é que não vê nenhum “conceito político ou ideológico determinado” na história da Rússia e do espaço eurasiático em geral, reduzindo toda a herança histórica a uma herança meramente estética. Para se ter uma ideia, no site comercial, em uma subdivisão denominada “símbolos incondicionais”, podemos encontrar os seguintes itens de estética soviética para venda (preços em libras esterlinas):

Abotoaduras “Paz ao Mundo” = £1.964,35

Pingente “Sputnik de Outubro” = £456,83

Caneta com a estrela do Exército Vermelho = £1.884,41

Abotoaduras “Sempre Alerta” (Pioneiros) = £1.770,20

Abotoaduras “Especialista de 1ª Classe” = £2.158,51

Pingente “Estrela sobre o Krémim” = £6.110,05

Lenço “Alfabeto” (Vanguarda dos anos 1920) = £137,05

Abotoaduras “Anjo de Outubro” (Imagem de Lênin) = preço não informado

Moleton “Foice e Martelo” = £205,57

Esses são apenas alguns poucos exemplos da enorme variedade de produtos de alto luxo que podem ser encontrados no site da Gourji. Chama a atenção, em primeiro lugar, a completa

⁸⁸ Fonte: <https://www.gourji.com/about/>. Acesso em: 29 nov. 2018.

desideologização das mercadorias, que são apresentadas como pura estética, onde os símbolos não mantêm qualquer relação com seu contexto original. Para M. I. Gúdova, tal reconstrução capitalista e glamourosa do soviético é, na verdade, a sua desconstrução, já que uma determinante socio-cultural extremamente importante da cultura de consumo soviética era a ideologia de luta contra a herança burguesa e aristocrática do passado. Segundo a autora:

A reconstrução discursiva secundária do “soviético” – seu enquadramento em um marco glamouroso (burguês) – anula o potencial ideológico típico do “soviético” e fortalece a mensagem ideológica do glamour. Em tal reconfiguração nostálgica, a reconstrução luxuosa do “soviético” resulta em sua desconstrução. (GÚDOVA, 2009, p. 43)

Em outras palavras, o “glamour soviético” contradiz a própria essência do que é ser soviético, uma vez que o verdadeiro consumo dos bens no período que vai de 1917 até 1991 sempre foi marcado por uma relativa escassez, além da baixa qualidade, e somente o “estrangeiro” poderia ser, segundo os padrões então vigentes, enquadrado como “luxuoso”. O “glamour soviético” seria, nesse contexto, uma invenção do presente, não uma herança do passado, e uma contradição em si.

3.7 FUNÇÃO DA NOSTALGIA SOVIÉTICA

No Capítulo 1 (Cf. ponto 1.2.1) vimos que uma das funções da memória coletiva é fornecer estabilidade ao tecido social através de um sentimento de permanência na mudança (e portanto de pertencimento a um determinado coletivo). Não fosse pela memória coletiva, a sociedade se sentiria perdida em meio às suas próprias transformações. Como fenômeno memorial, a nostalgia soviética tem a função de fornecer estabilidade ao tecido social russo, principalmente depois do enorme trauma que significaram o fim da URSS e as reformas neoliberais dos anos 1990. Além do papel que cumpre na luta contra o trauma em si, a nostalgia soviética tem servido para fornecer lembranças comuns a camadas sociais que passaram por experiências de vida completamente distintas. Nesse sentido, a lembrança do passado soviético cumpre o papel de uma espécie de “linguagem comum”, compreensível a todos, independente da geração a que pertencem. Como observa Svetlana Aleksievitch (2016, p. 26), “Os que nasceram na URSS e os que não nasceram na URSS não têm experiências em comum. São seres de planetas diferentes”. Esse abismo deve necessariamente ser preenchido

para que a sociedade possa seguir adiante sem correr o risco de se decompor. Nesse sentido, a nostalgia soviética pode ser encarada como o centro de uma espécie de pacto inter-geracional fundado sobre a memória. Além disso, dentro de uma mesma geração, as pessoas se encontram divididas social, econômica, cultural e ideologicamente, sendo o passado soviético um dos poucos elementos unificadores. Como observa N. S. Smôlina (2009, p. 54),

[...] os mecanismos e as formas da nostalgia se tornam uma espécie de fator de união para a geração dos 30 anos, que está dividida na questão de classe, financeira e social. A linguagem dos símbolos da infância soviética torna-se a única linguagem comum preservada entre eles. [...] A nostalgia pós-soviética não significa a tentativa de fazer voltar a sociedade soviética. Seria mais correto dizer que isso é uma forma de experimentar as mudanças sociais.

Essa função unificadora e estabilizadora da nostalgia soviética se confirma pela seguinte pesquisa de opinião: em 2018 o VTsIOM perguntou aos russos o que os une (Pergunta aberta, até 3 respostas) . O resultado (separado por categorias) foi⁸⁹:

Filmes	Total
“Ironia do Destino” (“Ирония судьбы, или С легким паром”)	9%
“Moscou não acredita em lágrimas” (“Москва слезам не верит”)	5%
“Mão de brilhante” (“Бриллиантовая рука”)	4%
“Só os velhos vão para a batalha” (“В бой идут одни старики”)	4%
Filmes de guerra / Sobre a Segunda Guerra Mundial	4%

Tabela 22 – Filmes que unem os russos. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Canções	Total
Hino	20%
Dia da Vitória	8%
Katiucha	7%
Guerra Santa	3%
Canções populares / cossacas	3%

Tabela 23 – Canções que unem os russos. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Fatos históricos	Total
-------------------------	--------------

⁸⁹ Fonte: <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=9404>. Acesso em: 28 jan. 2019.

Vitória na Segunda Guerra Mundial (Grande Guerra Patriótica)	63%
Incorporação da Crimeia	12%
Revolução de Outubro	8%
Ano Novo	5%
Voo de Gagarin	5%

Tabela 24 – Fatos históricos que unem os russos. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Alguns comentários se fazem necessários. A primeira coisa a se observar é que os russos consideram o cinema como um fator de unidade nacional, o que por si só já é interessante. Claro que aqui não há como fugir do cinema soviético, uma vez que o próprio cinema (assim como a URSS) é um fenômeno do século 20. Mesmo assim, chama a atenção o fato de que os filmes considerados unificadores da nação são exatamente aqueles mais associados à vida cotidiana soviética, todos produzidos nos “longos anos 1970” (1968-1982), bem como os filmes de guerra. No quesito “canções”, é interessante lembrar que, além do peso das canções de guerra na pesquisa, o Hino da Federação Russa tem a mesma melodia que o Hino da URSS. Já no quesito “fatos históricos”, predominam os fatos relativos à história soviética, com exceção do Ano Novo e da Incorporação da Crimeia. Mas mesmo esta última, embora seja um fato da atualidade pós-soviética, remete diretamente aos tempos soviéticos, já que é vista como parte dos esforços por reunificar todos os povos que vivem atualmente no território da ex-URSS. Ou seja, em distintos pontos os russos são unificados por fatos, datas e referências relativos à União Soviética, o que confirma a tese do papel unificador da nostalgia soviética.

Ao servir como uma espécie de “cimento social”, a nostalgia soviética deve ser considerada como uma das bases de formação da atual cultura russa, um dos seus pilares e elementos formativos.

3.8 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O REGIMENTO IMORTAL

A nostalgia não necessariamente é a saudade de um tempo feliz. Frequentemente, ela diz respeito a um tempo traumático, porém heroico, no qual o sujeito nostálgico (indivíduo ou nação) provou sua força, sua capacidade e seu direito à existência. Nesse sentido, a Segunda Guerra Mundial (ou Grande Guerra Patriótica, como os russos chamam a guerra entre a Alemanha nazista e a URSS entre 1941 e 1945) ocupa um papel central no atual fenômeno

nostálgico soviético. Mais do que qualquer outro fato da história soviética, a memória sobre a Grande Guerra Patriótica parece unir os russos (Cf. ponto 3.7, logo acima) e uma parte significativa da produção cultural nostálgica dos últimos anos gira em torno desse tema (Cf. ponto 3.6, acima). Dentre todas as manifestações nostálgicas relacionadas à Grande Guerra Patriótica, cabe destacar o movimento “Regimento Imortal”, pois ele é sintomático da forma como os russos se relacionam com os fatos do passado soviético em geral e com a guerra em particular.

Surgido em 2012 na cidade de Tomsk, o Movimento Social Inter-regional Histórico-Patriótico “Regimento Imortal” consiste na organização de passeatas cidadãs que ocorrem nos aniversários da vitória na Grande Guerra Patriótica. A ideia foi proposta por três jornalistas, Serguei Lápenkov, Serguei Kolotôvkin e Igor Dmítriev, que perceberam que, a cada ano, o número de veteranos presente nos desfiles da vitória diminuía e deveria chegar a zero em pouco tempo. Então surgiu a ideia de um desfile diferente, no qual os descendentes dos veteranos carregariam as fotos de seus pais, avós e bisavós que lutaram na guerra. Isso permitiria manter e até mesmo ampliar a participação popular direta nas comemorações, antes restrita ao desfile dos veteranos. Segundo o Estatuto do Movimento⁹⁰:

A participação no “Regimento Imortal” pressupõe que cada um que lembra e respeita seu antepassado – veterano do Exército, da Marinha, *partisan*, clandestino, membro da Resistência, trabalhador da retaguarda, prisioneiro de campo de concentração, *blokadnik*⁹¹, criança da guerra – no dia 9 de Maio sai às ruas da cidade com a fotografia dele (dela) e, se não houver fotografia, com o seu nome para participar da passeata na coluna do “Regimento Imortal”, ou trazendo cartaz, foto ou nome do antepassado para o Fogo Eterno⁹² ou outro monumento memorial.

Para organizar a iniciativa, os jornalistas criaram um portal onde qualquer pessoa pode registrar seu antepassado, contar sua história e subir uma foto, que deverá ser impressa em um formato mais ou menos padronizado e depois carregada durante a passeata. A iniciativa teve enorme sucesso e já em sua primeira edição, cerca de 6000 pessoas desfilarão com aproximadamente 2000 cartazes com fotos de veteranos da guerra⁹³. Ao longo dos anos seguintes a iniciativa se espalhou por outras cidades russas e até mesmo por outros países. Já em 2013, ocorreram passeatas em mais de 120 cidades russas, bem como na Ucrânia,

⁹⁰ Fonte: <https://www.moypolk.ru/ustav-polka>. Acesso em: 04 mar. 2019.

⁹¹ Quem viveu em Leningrado durante o cerco.

⁹² Monumento ao soldado desconhecido, em geral na forma de uma chama que arde ininterruptamente.

⁹³ Fonte: <https://www.moypolk.ru/letopis-polka>. Acesso em: 04 mar. 2019.

Cazaquistão e Quirguistão e que mobilizaram aproximadamente 180 mil pessoas. Em 2015 as passeatas do Regimento Imortal levaram às ruas da Rússia e de mais 15 países cerca de 4 milhões de pessoas, sendo 500 mil apenas em Moscou. Em 2016, já havia representação do Regimento Imortal em 44 países e o site do movimento já contava com 290 mil biografias escritas por parentes de veteranos. Atualmente o portal oficial do movimento contabiliza 428.294 biografias⁹⁴. Além do registro da biografia, é possível fazer a busca por veteranos no site do movimento. Apesar de ser um movimento oficialmente autônomo e apartidário, o Regimento Imortal conta com forte apoio das estruturas estatais, que fornecem anualmente toda a infraestrutura necessária, bem como a divulgação adequada para a realização dos desfiles. O maior símbolo do apoio não oficial ao movimento foi a participação de Vladimir Pútín no desfile de 2015 em Moscou, quando o presidente da Federação Russa encabeçou a coluna do regimento⁹⁵.

Em geral, as passeatas do Regimento Imortal apelam não tanto aos fatos da história, quanto ao sentimento geral de pertencimento que a guerra provoca entre os russos. Cria-se assim uma situação em que a guerra não apenas é lembrada, mas inclusive revivida, dentro de certos limites. Segundo Serguei Uchákin (2015):

[...] as comemorações públicas sobre a Grande Guerra Patriótica não são, como regra, exatamente lembranças, mas sim uma espécie de *vivência* da guerra por pessoas que não tiveram com ela uma relação direta. Ou seja, é um tipo de *vivência* mediada, uma imersão num contexto superado para construir com esse passado uma certa relação emocional.

A ideia de que o sofrimento da guerra deve ser não apenas lembrado, mas inclusive *revivido* está tão profundamente enraizada na cultura russa contemporânea que o tema “viagem no tempo” aparece como recurso narrativo em várias produções cinematográficas atuais. Para ilustrar esse fato, tomemos três filmes sobre a Grande Guerra Patriótica lançados ao longo dos anos 2000 e que tiveram forte impacto cultural. Trata-se de *Somos do futuro* (Dir. Andrei Maliukôv, 2008), *Somos do futuro 2* (Dir. Aleksandr Samokhválov e Boris Rostôv, 2010) e *O Nevoeiro* (Ivan Churkhovêtski e Artiôm Aksiônenko, 2010). Uma breve análise dessas obras pode nos dar uma noção mais precisa da relação que os russos estabelecem hoje com a memória sobre a Segunda Guerra Mundial e seu esforço por fazer as gerações atuais *reviverem* constantemente a guerra.

⁹⁴ Fonte: <https://www.moypolk.ru/>. Acesso em: 04 mar. 2019.

⁹⁵ Fonte: <https://republic.ru/posts/51319>. Acesso em: 04 mar. 2019.

Em *Somos do futuro*, que começa na São Petersburgo contemporânea, quatro jovens ganham a vida desenterrando relíquias da Segunda Guerra Mundial para vendê-las no mercado clandestino de antiguidades. Liderado por Borman (Danila Kozlôvski), um rapaz autoritário, violento e ambicioso, o grupo agrega personalidades egoístas e superficiais, que desprezam totalmente o significado dos objetos que encontram e comercializam. Para eles, trata-se de um negócio, nada mais. São a tal ponto alienados e indiferentes em relação ao passado de seu próprio país, que um dos jovens é adepto do neonazismo e seu único interesse pessoal nas escavações clandestinas é encontrar objetos que tenham pertencido a soldados e oficiais nazistas.

Certa tarde, durante uma escavação na periferia da cidade, os jovens (que estavam cavando e bebendo desde o início do dia), descobrem um cofre com objetos e papéis do período da guerra. Ao analisarem o achado, percebem estarrecidos que seus nomes e fotografias estão nas identidades militares encontradas. Concluindo que aquilo era uma espécie de alucinação alcoólica coletiva, o grupo corre para um lago com o objetivo de curar a bebedeira com um banho gelado. Mergulham, e quando emergem, se veem em meio a um intenso tiroteio, do qual escapam com dificuldade. Aos poucos, percebem que o mergulho no lago os levou ao ano de 1942 e que agora eles são parte das tropas soviéticas que resistem ao cerco nazista. A partir de então, começa uma profunda transformação dos quatro. A experiência real da guerra os modifica enormemente. Eles revelam bravura, solidariedade e um grande patriotismo, passando a compreender finalmente o verdadeiro significado da resistência soviética ao nazismo. Tcherep (Vladimir Iáglitch), o membro neonazista do grupo, renega a ideologia fascista e se converte em um legítimo patriota russo, cuja bravura se torna decisiva em vários momentos. Mais tarde, depois de uma série de aventuras e transformações internas dos personagens, os quatro rapazes se veem novamente mergulhados no lago e quando saem percebem que estão de volta ao presente (água como símbolo de batismo e, portanto, de *renascimento*). Com a lição que receberam, abandonam as escavações ilegais e se tornam cidadãos de bem, passam a respeitar os veteranos e a cultivar a memória sobre a guerra.

Aproveitando o sucesso do primeiro filme, os diretores de *Somos do futuro 2* decidiram repetir várias fórmulas presentes no original, desta vez com um roteiro que explora o problema da relação entre russos e ucranianos durante a Segunda Guerra Mundial e no presente. Borman e Tcherep agora são historiadores que trabalham legalmente buscando

documentos, pesquisando e ensinando sobre a guerra. Durante a encenação de uma batalha no fronte ucraniano promovida pela Universidade de São Petersburgo, ocorre uma explosão que joga Borman e Tcherep novamente para o passado, desta vez para a Ucrânia de 1943, e em companhia de dois jovens nacionalistas ucranianos simpatizantes do nazismo.

A trama do primeiro filme se repete de maneira quase idêntica: a experiência real da guerra, a relação com os “moskali”⁹⁶ Borman e Tcherep e a convivência tanto em meio às tropas soviéticas, quanto em meio ao Exército Insurgente Ucraniano (pró-Hitler) transformam profundamente os jovens nacionalistas ucranianos. Aos poucos, Taras (Aleksei Barabách) e Seri (Dmitri Stúpka) percebem o equívoco de suas posições e passam a sentir a unidade histórica entre russos e ucranianos. A partir daí, a conclusão é evidente: todos devem se unir para derrotar e expulsar o exército nazista do território da URSS. Como no filme anterior, os jovens voltam para o presente sem maiores explicações, por meio do mesmo mecanismo que os levou ao passado: uma explosão joga os quatro de volta para o campo de treinamento onde ocorria a encenação da batalha no presente.

O Nevoeiro conta uma história parecida com a de *Somos do Futuro 1* e *2*. Também começa no presente e também narra uma viagem no tempo para o período da Segunda Guerra Mundial. Aqui a história gira em torno de um pelotão do exército russo formado por soldados indisciplinados, preguiçosos e covardes (uma negação do presente indesejado). Durante um exercício de guerra, o grupo se vê perdido em um pântano coberto por um denso nevoeiro. Não tendo outra saída a não ser seguir em frente, atravessam o nevoeiro e saem em um pequeno vilarejo no ano de 1941. Quase que imediatamente são atacados por um destacamento alemão e aos poucos percebem que se encontram fora de seu tempo. Inicialmente, todo o esforço do grupo se concentra em evitar o combate contra o exército alemão e voltar para o presente. No entanto, ao capturar um dos membros do pelotão perdido no tempo, os alemães encontram uma AK-74, uma metralhadora de assalto soviética que será desenvolvida somente nos anos 1970. Imediatamente, os alemães percebem que se trata de uma arma de avançada tecnologia, e a enviam para Berlim para ser estudada e reproduzida pelos engenheiros e construtores do Reich. Com medo de que, na posse da AK-74, os alemães mudem o curso da guerra, o grupo de soldados russos decide enfrentar o exército nazista para recuperar a metralhadora perdida. Para tanto, terão de demonstrar uma bravura que jamais tiveram em toda sua experiência de soldados. Apesar das baixas, o pelotão russo recupera a

⁹⁶ Forma pejorativa utilizada pelos ucranianos para se referir aos russos.

metralhadora e consegue retornar ao presente atravessando novamente o nevoeiro no pântano (novamente, uma renascimento por meio da água). Sua consciência e sua relação com a guerra foram totalmente transformadas no mesmo sentido do que ocorre em *Somos do futuro 1 e 2*: agora eles se emocionam diante dos veteranos e entendem o verdadeiro significado da guerra, ainda que tenham precisado vivê-la pessoalmente para chegar a esta compreensão. Na cena final, enquanto assiste a um desfile de veteranos, o personagem principal, sargento Piotr “Cartucho” Silántiev (Igor Chmakov) conta:

Na escola, quando eu era criança, eu dormia nas aulas de história. Achava entediante e não tinha nenhum interesse. Ao falar da Grande Guerra Patriótica, o professor recorria a números, esquemas e mostrava um mapa com setas desenhadas. E só hoje eu entendo que, por trás de tudo isso, estavam pessoas de verdade, meninos e meninas mais jovens do que eu, que lutaram pela Pátria e morreram por ela, pelo que somos hoje, pela nossa vida.

Todos os anos, no dia 9 de Maio, minha mãe me levava para o desfile. Eu gostava de ver como as medalhas brilhavam sob o sol. Minha mãe comprava para mim balões e bandeirinhas. Todos sorriam. Minha mãe dava flores [para os veteranos]. Eu só não entendia por que falavam desse feriado com lágrimas nos olhos. Agora eu entendi tudo. A Pátria é uma só. Uma só em todos os tempos⁹⁷.

Notemos de antemão que, apesar do roteiro pouco original, *O Nevoeiro* deve ser considerado um filme mais ambicioso do que *Somos do futuro 1 e 2*. Não estamos falando de ambição artística ou estética, mas sim da mensagem que cada obra pretende transmitir. O filme de Churkhovêtski e Aksiônenko busca transmitir mais intensamente o discurso patriótico. Em um certo momento do filme, quando o grupo de soldados russos vindos do presente está discutindo se vale a pena ou não ir em busca da AK-74, um dos combatentes diz: “*Nós não pertencemos a este tempo, esta guerra não é nossa*”, ao que um outro soldado responde: “*E esta terra? Por acaso não é nossa?*”. Daí o subtítulo do filme, que se tornou extremamente popular na Rússia: “A Pátria é uma só em todos os tempos”. De qualquer forma, *O Nevoeiro* se pretende um drama de guerra. *Somos do futuro 1 e 2* devem ser considerados, no máximo, filmes de aventura.

Em todo caso, é interessante observar que o mesmo mecanismo nostálgico-patriótico se repete nos três filmes. A mensagem é evidente e não exige qualquer reflexão por parte do espectador: só podem ignorar os horrores da guerra aqueles que não a viveram pessoalmente.

⁹⁷ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-jD2fBCIOzo>. Acesso em: 04 mar. 2019.

Nos três filmes, forças misteriosas decidem dar uma “lição” em jovens individualistas, arrogantes e que desprezam o sofrimento das gerações anteriores.

A fala do sargento Silántiev ao final de *O Nevoeiro* avança em um outro elemento que também deve ser destacado: não basta o conhecimento *racional* da guerra (“números, esquemas e mapas com setas”); para compreendê-la a fundo, é preciso vivê-la *pessoalmente*. Em um certo sentido, trata-se de um fenômeno comum nos dias de hoje, dias de “pós-verdade”: a negação do valor racional da verdade histórica em benefício exclusivo da vivência pessoal, como se somente esta pudesse ser um caminho para a compreensão dos eventos.

Todo o esforço em torno do movimento patriótico Regimento Imortal tem a ver com criar, agora para o âmbito de toda a Rússia, uma experiência de vivência da guerra, de rememoração emotiva para as gerações atuais.

O cantor popular russo Oleg Gazmánov fez uma canção em homenagem ao Regimento Imortal. Eis o que diz a letra (Бессмертный полк, 2018)⁹⁸:

Corre o rio do Regimento Imortal
Pelas ruas, pelas avenidas, pelo país.
Marcham em fila com os retratos nas mãos
Os descendentes dos vencedores na guerra.

Nas velhas fotos, os antepassados sempre jovens,
Deixando os seus postos nos céus,
Marcham conosco, como se estivessem vivos.
Corre o rio do Regimento Imortal
Corre o rio do Regimento Imortal

Corre o rio e as colunas não têm fim.
Marcham lado a lado marechal e soldado.
E das fotografias, os rostos, como se fossem de um ícone,
Sem fechar os olhos, nos fitam.

Marcham conosco, vencendo a morte com a própria morte⁹⁹,
Como em 41, protegendo o mundo com seus corpos.
E nossa vida não termina enquanto
Corre o rio do Regimento Imortal
Corre o rio do Regimento Imortal

Para que o mundo, a salvo, não se esqueça dos heróis.
Anda, rompendo o silêncio do esquecimento,
Percorre a eternidade – o Regimento Imortal em formação
Vai de novo lutar pelo país.

⁹⁸ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=hSz7KodTE3E>

⁹⁹ Referência à ressurreição de Cristo em uma canção pascoal ortodoxa.

Ao unir as almas dos mortos com as nossas próprias,
 Elas, como uma onda, fervem até as nuvens,
 Ressuscitando então em seus descendentes.
 Corre o rio do Regimento Imortal
 Corre o rio do Regimento Imortal

Interessante observar não apenas o tom heróico da canção, mas inclusive suas referências religiosas: “Deixando os seus postos nos céus”, “os rostos, como se fossem de um ícone, / Sem fechar os olhos, nos fitam”, “vencendo a morte com a própria morte”. Tudo isso contribui para criar uma atmosfera mítica em torno do Regimento Imortal. Além disso, a frase repetida constantemente pela imprensa estatal de que o Regimento Imortal, apesar de seus poucos anos de existência, “já é uma tradição” cria um ambiente em que torna-se um dever de todo o cidadão russo que se importa com seu país se emocionar e reviver a Grande Guerra Patriótica por meio do Regimento Imortal. Eis o que diz o próprio Oleg Gazmánov¹⁰⁰:

Eu escrevi essa canção sob influência do poderoso movimento popular “Regimento Imortal”. Esse regimento está dentro de mim, dentro de nós. Ele não conhece fronteiras. Agora EU sou “Regimento Imortal”. TU és “Regimento Imortal”. NÓS somos “Regimento Imortal”. E enquanto os descendentes caminharem com as fotos amareladas de seus antepassados-heróis, nós todos seremos imortais. Nós todos somos “Regimento Imortal”! Porque nós somos a geração dos vencedores. Nós não esqueceremos nossa grandiosa história! Nós a contaremos para os nossos filhos e ELES serão “Regimenno Imortal”.

Esse tipo de relato emocionado sobre o Regimento Imortal é extremamente numeroso em fóruns, sites e na imprensa. Retomaremos o tema da relação dos russos com a Grande Guerra Patriótica quando analisarmos o uso político da nostalgia soviética por parte do Estado.

3.9 COMPONENTE GERACIONAL

Segundo o pesquisador Aleksei Iurtchákov (2014, p. 84), que escreveu um brilhante livro sobre “a última geração soviética” (*Era para sempre, enquanto não terminou*)¹⁰¹, o termo “geração” não tem uma definição natural, quer dizer, não é uma realidade objetiva dada. A igualdade ou semelhança de idade, que, de acordo com o senso comum, parece definir o

¹⁰⁰ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hSz7KodTE3E>. Acesso em: 04 mar. 2019.

¹⁰¹ No original, *Это было навсегда, пока не кончилось: Последнее советское поколение*.

termo, é apenas uma das condições necessárias para o surgimento de uma geração. Na verdade, uma geração é definida *pelo contexto sociopolítico externo a ela própria*, quer dizer, é forjada pela realidade histórica. Inclusive os nomes das gerações lhes são impostos desde fora, em geral, fazendo referência aos fatos políticos e sociais que esses grandes grupos humanos viveram: “baby boomers”, “millennials” etc. Apoiando-se no sociólogo alemão Karl Mannheim, Iurtchák afirma que uma “geração” é um grupo de pessoas, cuja visão de mundo foi forjada sob um determinado contexto social, político e cultural (IURTCHÁK, 2014, p. 85). Assim, um jovem que viveu a Grande Guerra Patriótica dificilmente pode ser classificado como pertencente à geração dos “sessentistas” (ainda que tenha vivido os anos 1960), já que sua visão de mundo foi provavelmente forjada muito mais pelos fatos da guerra do que pelas tentativas de distensão de Khruschóv. De antemão, devemos acrescentar que nenhuma geração é homogênea em sua visão de mundo, uma vez que fatores como classe social, nível educacional, nacionalidade, gênero, lugar de moradia, idioma natal e outros também influenciam o modo de pensar e agir. É exatamente a pesquisa empírica que deverá determinar os elementos comuns e divergentes encontrados em uma mesma geração.

Svetlana Aleksievitch opina que distintas gerações estabelecem distintas relações com a nostalgia soviética e que, regra geral, as gerações mais velhas, principalmente aquelas que viveram a Grande Guerra Patriótica e o período stalinista, apresentam uma tendência a serem mais nostálgicas. A contrário, as gerações que viveram apenas o último período soviético (“os longos anos 1970” e os anos 1980) seriam menos inclinadas à nostalgia. Segundo a autora:

Eu dividiria os soviéticos em quatro gerações: a de Stálin, a de Khruschóv, a de Brêjniev e a de Gorbachóv. Sou dessa última. Para nós foi mais fácil aceitar o colapso do ideal comunista, já que não tínhamos vivido naquela época em que o ideal era jovem, forte, com a magia daquele romantismo funesto e daquelas esperanças utópicas ainda não dissipada. Crescemos na época dos anciãos do Krémelin. Em tempos vegetarianos, de jejum. (ALEKSIEVITCH, 2016, p. 23)

Para Aleksievitch, portanto, o fundamental é que o indivíduo tenha vivido o período de *ascensão* da sociedade soviética. Contrariamente, aqueles que viveram tempos “vegetarianos” (estagnação, perestroika) seriam menos suscetíveis à nostalgia.

Outros autores dão ênfase ao período da infância como decisivo no estabelecimento de uma relação nostálgica para com a União Soviética. Nesse sentido, todas as gerações nascidas na URSS, em maior ou menor grau, estariam vulneráveis ao fenômeno. Para T. V. Chmeliôva,

a nostalgia soviética está inclusive mais relacionada à geração dos anos 1970-1980 do que à geração de Stálin ou Khrushchóv. Segundo a autora, existe nostalgia soviética porque:

[...] chegaram à idade adulta pessoas para as quais os tempos soviéticos são apenas a sua infância, e a infância sempre é colorida com o mais quente tom de rosa. Por outro lado, o presente contém muitos fatos que lembram esperanças traídas e o *déjà vu* que vivemos não é uma invenção dos jornalistas. O presente é não tão desolado, como em Púchkin¹⁰², quanto alarmante e sem alegria. Ou nós não sabemos ver a sua alegria. Mas de uma forma ou de outra, resta o passado. Naturalmente, o soviético quase sempre é o infantil. A ausência de um mito sobre o futuro que seja formador da cultura (e “o coração no futuro jaz” – não se pode fugir de Púchkin) cria um vácuo cultural que justamente traz à tona a nostalgia, a alimenta e a cultiva. (CHMELIÔVA, 2011, p. 80)

N. A. Michánkina (2011, p. 126) parece ir no mesmo sentido quando escreve:

Chegou à vida adulta uma geração que nasceu e se formou em um meio cultural completamente diferente e que sente um interesse natural em relação às formas de organização do mundo e, em primeiro lugar, em relação ao mundo de seus pais. A sociedade russa se viu em uma situação cultural-histórica que exige reflexão, em primeiro lugar para reconstruir as ligações históricas e culturais e formar uma identidade histórico-cultural para a nova geração de russos. Por isso, o interesse pelo fenômeno soviético em seu aspecto histórico e cultural surge, em nossa opinião, de maneira totalmente natural e espontânea, como tentativa de autoidentificação cultural-histórica.

De nossa parte, opinamos que as diferenças geracionais determinam mudanças quantitativas e de foco na relação com a União Soviética. Por um lado, o sentimento nostálgico é mais forte entre as gerações mais velhas, que viveram uma maior parte de suas vidas na URSS. Por outro, os filmes soviéticos ou que reproduzem o período soviético, os objetos, a estética, a música, os desenhos animados – tudo isso é apreciado tanto por representantes das gerações mais velhas, quanto por aqueles que hoje têm 35-50 anos e que identificam a URSS principalmente com a ideia de infância e juventude, quer dizer, com os melhores e mais calorosos anos de suas vidas. Ou seja, de uma forma ou de outra, todas as gerações, exatamente por viverem em um meio nostálgico, acabam submetidas ao fenômeno e o reproduzem, em maior ou menor grau.

¹⁰² Referência ao poema de Púchkin “Se a vida te enganar” (Cf. Capítulo 2).

CAPÍTULO 4

NAMIÉDNI 1961-1991 – NACHA ERA

*Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos levares de jornada
E fundeares na ilha velho enfim.
Rico de quanto ganhaste no caminho
Sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.*

Constantino Kabvafis, *Ítaca*

O presente capítulo busca analisar a série televisiva *Namiédni 1961-1991 – Nacha era* (Trad.: “Recentemente 1961-1991 – Nossa era”, doravante denominada apenas *Namiédni*) como uma manifestação específica da nostalgia reflexiva soviética.

A base teórica para a análise será o conceito proposto por Raymond Williams de televisão como *forma cultural*. Polemizando contra o determinismo tecnológico característico dos anos 1970, o teórico inglês da comunicação argumenta que a tecnologia televisiva, a despeito de sua enorme importância, cumpre um papel secundário em comparação com as formas sociais, políticas e econômicas que cercam a TV e a impulsionam como fenômeno da nossa cultura. Isso quer dizer, entre outras coisas, que todo e qualquer programa televisivo deve ser analisado não apenas do ponto de vista técnico ou estético (as técnicas de produção empregadas, a qualidade de sua imagem, o tipo de aparelho receptor etc.), mas em conexão com o contexto social em que surge:

Dizer que a televisão é agora um fator de socialização ou que seus controladores e comunicadores estão exercendo uma função social particular é dizer muito pouco, até que as formas da sociedade que determinam qualquer socialização particular, bem como as funções de controle e comunicação, sejam especificadas. (WILLIAMS, 2016, p. 130)

Baseados nesse conceito, tentaremos demonstrar o contexto em que *Namiédni* se desenvolveu (causas), bem como os efeitos particulares que o programa teve na sociedade russa quando foi ao ar (consequências), revelando assim sua dialética específica.

A TV russa da segunda metade dos anos 1990 e início dos anos 2000 levou ao ar

inúmeros programas de caráter nostálgico. Mas dentre todos eles, *Namiédni* ocupa sem dúvida a primeira posição em importância. Ao analisarmos sua estética, seu conteúdo e o contexto social que o cercou, veremos que *Namiédni*, muito mais do que um mero reflexo passivo da nostalgia soviética existente na Rússia da segunda metade dos anos 1990, ajudou a estabelecer as próprias formas através das quais o “soviético” é lembrado hoje. Graças ao impacto cultural que teve, *Namiédni* tornou-se uma espécie de paradigma mnemônico que se disseminou amplamente pela sociedade. Daí a importância de seu estudo. *Namiédni* deve ser classificado como parte do fenômeno nostálgico *reflexivo* (BOYM, 2001), dada sua auto-ironia e ênfase no próprio processo do lembrar. No presente capítulo, veremos como o programa contribuiu com o desenvolvimento do fenômeno nostálgico reflexivo na sociedade russa do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Mais adiante, notaremos como o Estado russo, partindo dessa nostalgia reflexiva, cria nostalgia restaurativa com vistas ao fortalecimento de suas posições. Ou seja, como uma simples saudade torna-se um projeto ou sustentáculo de poder.

A estreia e a transmissão de *Namiédni* pela TV russa coincidem com o início de um fenômeno que Leonid Parfiônov (2008b), jornalista responsável pelo projeto, chamou de “renascença soviética”, que nada mais é do que a nostalgia pelo soviético:

Nós fizemos um projeto de programa televisivo considerando que o “soviético” estava indo embora e sendo substituído, expulso pelo “russo”¹⁰³. Passou o tempo e resulta que o “russo” repete e até mesmo desenvolve o “soviético”. O “soviético” não foi a lugar algum, ele permaneceu como matriz de nossa atual civilização: nós vivemos a época da renascença da antiguidade soviética!

Para Abramóv e Tchistiakôva, o sucesso de *Namiédni* e sua importância na cultura russa da segunda metade dos anos 1990 e primeira metade dos anos 2000 reside no fato de que o programa captou com maestria o sentimento nostálgico que já vinha se gestando na sociedade e soube expressá-lo na forma de um programa interessante, bem produzido e com conteúdo. Assim, o surgimento de projetos como *Namiédni* seria “[...] uma resposta natural às demandas da sociedade, que tenta refletir sobre si mesma” (ABRAMÓV; TCHISTIAKÔVA, 2012, p. 56). O próprio Parfiônov, no entanto, nem sempre viu essa relação entre o seu programa e o fenômeno nostálgico. Em uma de suas entrevistas, convidado a comentar sobre o sentimento que predominava entre os telespectadores, chegou a declarar: “Alguns sim [assistiam ao

¹⁰³ No original, “российское”.

programa tomados por um sentimento nostálgico], mas outros – principalmente os jovens – diziam: 'Que coisa, heim! Que engraçado'. Eles eram atraídos pelas animações de computador do programa”¹⁰⁴.

Para Serguei Uchákin (2013), *Namiédni* define-se como uma tentativa bem sucedida de documentar a enorme polifonia social presente na realidade soviética e que não costumava aparecer em programas históricos televisivos, mesmo após o fim da URSS. Essa polifonia se via presa no monólogo do discurso autoritário do Estado soviético. *Namiédni* tratou de libertar esse discurso, obtendo com isso uma profunda identificação com o telespectador.

A crônica de eventos organizada por ano não era um estilo novo na TV russa quando da estreia de *Namiédni*. Nesse sentido, o ciclo documental *Nossa biografia* é o mais conhecido de todos. Composto por 60 filmes documentais, ele estreou na TV soviética no final dos anos 1970 e tinha como objetivo marcar os 60 anos da Revolução de Outubro de 1917. Nesse ciclo, a narração dos fatos históricos completava-se com o testemunho de participantes dos eventos. Já no primeiro episódio, a apresentadora nos lembra que, embora o tempo não possa ser revertido, os sentimentos nos permitem reviver os momentos mais marcantes de nossas vidas, pelo menos em nossa memória¹⁰⁵. Em muitos aspectos, *Nossa biografia* antecipa elementos de *Namiédni*, embora sem o mesmo estilo, estética ou ritmo.

Mais do que um mero ciclo documental, *Namiédni* é uma tentativa de construir as memórias de toda uma geração, uma espécie de “autobiografia coletiva” (PIANZINA; TSAPIUK, 2015, p. 185). O próprio Parfionov observa que o tempo de *Namiédni* é o tempo de sua vida (Parfionov nasceu em 1960) e que todo o programa funciona como uma biografia coletiva.

4.1 SURGIMENTO E HISTÓRIA DO PROGRAMA

Começamos nossa exposição pela biografia de Parfionov, uma vez que ela nos ajuda a entender suas intenções iniciais com o programa. Leonid Guennadievitch Parfionov nasceu em 1960 na cidade de Tcherepovets, região de Vologda, norte da Rússia soviética, em uma família da *intelligentsia* (seu pai era engenheiro-chefe do Complexo Metalúrgico de

¹⁰⁴ Ver: <https://www.kp.ru/daily/24194/400635/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁰⁵ Ver: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL40OiiJw6-gcYmtuygT-7AQwTvotly-CU&fbclid=IwAR0sfNL2uZAs3jZNAvxZgGNXMgSIXbP3u9YnUyQILiwQXDVnnLfhukzaYOA>. Acesso em: 13 ago. 2019.

Tcherepovets, principal empresa metalúrgica da região)¹⁰⁶. Importante notar que o bisavô de Parfiônov (pai da avó paterna) foi julgado, condenado e fuzilado como *kulak* em 1937¹⁰⁷. A infância e a juventude de Parfiônov coincidem com o governo Brêjniev e a era da “estagnação”, mas em certa medida também com resquícios do “degelo” de Khruschóv. Desde pequeno, Parfiônov se interessou pelo jornalismo. Ainda em 1973 foi nomeado corresponde juvenil do jornal *Pionerskaia Pravda* (Пионерская Правда), ligado à organização infantil do PCUS¹⁰⁸. Em 1982 terminou a Faculdade de Jornalismo da Universidade de Leningrado e passou a colaborar com alguns jornais nacionais (*Krasnaia Svezda, Pravda, Moskovskie Novosti, Ogoniok*), bem como com algumas publicações de sua região natal (principalmente o *Vologodski Komsomolets*), e também com a TV local. Em seus artigos, Parfiônov costumava abordar temas do cotidiano, como moda, cultura juvenil e arte. Em 1986 Leonid Parfiônov tornou-se correspondente especial da Redação Juvenil da TV Central e do programa “O mundo e a juventude”. Em 1988, realizou na TV seu primeiro trabalho autoral importante, um documentário de três episódios intitulado “Os filhos do XX Congresso”, sobre a geração dos “sessentistas” (“шестидесятники”), que tiveram suas vidas marcadas pelas revelações de Khruschóv e sua tentativa de “degelo” do regime soviético no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Já neste primeiro documentário revela-se a preocupação de Parfiônov não somente com a história em si, mas sobretudo com os relatos memoriais das testemunhas vivas dos eventos. Parfiônov demonstra uma grande atenção aos objetos e lugares da memória: folheia documentos, visita pessoas, as entrevista em suas cozinhas.

Em sua carreira na TV, Leonid Parfiônov produziu, dirigiu e apresentou dezenas de programas, principalmente documentários históricos. Entre suas principais realizações estão: “Os filhos do XX Congresso” (1988 – sobre a geração dos sessentistas e o “degelo” de Khruschóv), “Namiédni” (1997-2003 – uma crônica dos últimos 30 anos da União Soviética), “Velhas canções sobre o que mais importa” (1995-2000 – projeto musical sobre antigas canções soviéticas), “Jvanêtski inteiro” (1998 – sobre a vida e a carreira do humorista Mikhail Jvanêtski), “Dezessete momentos da primavera 25 anos depois” (1998 – por ocasião do aniversário da famosa série soviética de espionagem “Dezessete momentos da primavera”), “A vida de Soljenítsin” (1998 – por ocasião dos 80 anos do escritor), “O século de Nabôkov”

¹⁰⁶ Ver: <https://www.ltv.ru/shows/moya-rodoslovnaya/vypuski/leonid-parfenov>. Acesso em: 28 ago. 2019.

¹⁰⁷ Ver: <http://stalindalprkaz.ru/parfenov>. Acesso em: 28 ago. 2019.

¹⁰⁸ Ver: <https://aif.ru/archive/1623335>. Acesso em: 28 ago. 2019.

(1999 – em comemoração aos 100 anos do escritor), “Local de encontro 20 anos depois” (1999 – por ocasião dos 20 anos do filme policial “Não se pode mudar o local de encontro”), “Púchkin vivo” (1999 – em comemoração aos 200 anos do nascimento do poeta), “Império Russo” (2000-2003 – um olhar sobre a história da Rússia de 1697 a 1917), “Dia vermelho no calendário” (2000 – sobre os feriados de 7 de Novembro e de 1º de Maio na URSS), “Oh, mundo! Tu és esporte!” (2004 – sobre os Jogos Olímpicos de Atenas de 2004), “Guerra na Crimeia: tudo encoberto por fumaça” (2005 – por ocasião dos 150 anos da Guerra da Crimeia), “E Leonid Ilitch pessoalmente” (2006 – em memória dos 100 anos do nascimento de Leonid Brêjniev), “Pássaro-Gogol”¹⁰⁹ (2009 – por ocasião dos 200 anos do nascimento de Nikolai Gogol), “Com sinal duro no final”¹¹⁰ (2009 – em comemoração aos 100 anos de fundação do jornal “Kommersant”), “Cordilheira da Rússia” (2010 – sobre os Montes Urais), “Que anos os nossos!” (2010-2011 – programa de entretenimento sobre o cotidiano soviético), “Ele veio nos dar a liberdade” (2011 – sobre a vida e o legado de Mikhail Gorbatchév), “Olho de Deus” (2012 – sobre os 100 anos do Museu Púchkin), “Judeus russos” (2016-2017 – sobre a história dos judeus na Rússia), “Georgianos russos” (2019 – sobre a história dos georgianos na Rússia).

Parfionov trabalhou no canal privado russo NTV desde sua fundação, em 1993, até 2004. De 2004 a 2014 trabalhou no Primeiro Canal (estatal). Depois disso, tem atuado de maneira independente, sendo considerado até hoje um dos mais importantes jornalistas da Rússia. Foi vencedor do Prêmio TEFI, o mais importante da TV russa, nos anos de 1995, 1999, 2002, 2004. Além disso, recebeu uma série de outros prêmios e condecorações ao longo de sua carreira.

Em termos de visão política, Parfionov é considerado um opositor liberal de Vladimir Pútín, tendo participado de vários protestos e manifestações contra o governo.

Em 2018, o jornalista decidiu criar um canal próprio no Youtube, onde tem publicado seus materiais¹¹¹.

De todos os projetos realizados por Parfionov, *Namiédni*, sem dúvida alguma, é o mais importante. O programa estreou no dia 1º de março de 1997 (sábado) às 22:45. O primeiro bloco de doze episódios abarcava o intervalo histórico de 1961 até 1972, e foi transmitido

¹⁰⁹ Uma referência ao “pássaro-trio”, a veloz charrete imaginada por Gogol em *Almas mortas* e que simbolizava a Rússia.

¹¹⁰ Até 1918, a palavra “kommersant” (comerciante) era escrita com sinal duro no final: “коммерсантъ”

¹¹¹ Ver: <https://sobesednik.ru/kultura-i-tv/20180227-leonid-parfenov-let-15-uzhe-ne-smotryu-tv>. Acesso em 28 ago. 2019.

semanalmente até 31 de maio de 1997. O segundo bloco, composto por dezenove episódios (1973-1991), foi exibido também aos sábados no mesmo horário entre os dias 07 de março e 18 de julho de 1998¹¹². Devido ao sucesso do projeto, Parfîônov decidiu expandir o período compreendido pelo programa¹¹³. Assim, em 21 de dezembro de 1999 estreou na NTV um terceiro bloco de episódios, que abarcavam o período de 1992 até 1999. Em 30 de dezembro de 2000 foi ao ar o 40º episódio, relativo ao ano 2000. A partir de então, o programa passou a ser exibido uma vez por ano, como uma espécie de retrospectiva do ano que se encerrava. Essa fase durou até 2003, quando o programa foi definitivamente encerrado na TV.

O presente trabalho analisará apenas os programas que abarcam o período 1961-1991, em primeiro lugar, por se tratar do projeto original (a expansão para outros anos foi um decisão posterior de Parfîônov e da NTV); em segundo lugar, porque se trata justamente do período chave para a formação do que se entende por “soviético” hoje na Rússia.

Antes de continuarmos, é preciso dizer algumas palavras sobre o próprio canal através do qual o programa foi veiculado, pois isso ajuda a explicar seu caráter e destino ulterior. A NTV surgiu como um canal independente e de inclinação liberal em 1993, exatamente no momento em que o liberalismo se firmava na Rússia como ideologia política e teoria econômica dominante. Fundada pelos jornalistas Oleg Dobrodêiev, Ievgueni Kiseliôv e Igor Malachenko, e contando com o apoio financeiro do magnata Vladimir Gusínski, o canal demonstrou desde o início uma inclinação liberal bastante forte. A NTV jamais se propôs, portanto, a qualquer missão de resgate nostálgico do passado soviético. Ao contrário, sempre se apresentou como uma TV conectada com o espírito da “Nova Rússia”, capitalista e liberal. A abreviatura “NTV” possui caráter aleatório e o “N”, ao contrário do que possa parecer, não tem de fato qualquer significado¹¹⁴. Ainda assim, esse “N” sempre foi informalmente decifrado como “nezavísimoie” (“независимое” – “independente”), devido ao perfil dos programas que iam ao ar pelo canal. Nesse sentido, *Namiédni* se encaixava perfeitamente no critério geral da programação: um programa meramente informativo e de divertimento, sem qualquer compromisso com governos ou ideologias.

O programa *Namiédni* possui também uma pré-história. Em sua versão de 1997, é um desenvolvimento de um programa homônimo transmitido entre 1991 e 1996, primeiro pelo canal estatal TsT e depois pela NTV. Em sua primeira versão, era qualificado como um

¹¹² Ver: <https://www.kommersant.ru/doc/194096>. Acesso em: 28 out. 2019.

¹¹³ Ver: http://www.trud.ru/article/26-04-2001/23395_leonid_parfenov_ja_ne_borolsja—ja_rabotal.html. Acesso em: 15 jul. 2019.

¹¹⁴ Ver: <http://www.aif.ru/archive/1624425>. Acesso em: 12 jul. 2019.

“programa informativo de notícias não-políticas”¹¹⁵, uma espécie de revista semanal focada em temas culturais e do cotidiano. Nessa versão primordial, *Namiédni* chegou a concorrer ao prêmio TEFI de televisão na categoria “melhor programa sobre arte”¹¹⁶. Desde o início, Leonid Parfionov foi o apresentador e responsável por sua produção. Com sua ida para a NTV, acabou levando o programa consigo e passou a transmiti-lo então pelo quinto canal. Em 1996, decidiu mudar o gênero do programa para “ciclo documental” e começou a preparar a nova versão, que foi ao ar em 1997. Presentemente, a maioria dos especialistas concorda em definir o programa como pertencendo a um gênero relativamente novo, denominado “infotainment”. Esse termo surgiu como resultado da união abreviada de duas palavras: informação (information) e diversão (entertainment) e expressa a tentativa dos produtores de transmitir as notícias na forma de programas divertidos ou com elementos de diversão (LEPIKHOVA; KONDRÁTSKAIA, 2017).

Desde que foi ar pela primeira vez, o programa já foi reprisado quatro vezes pela TV russa: em 2011-2012 pelo canal por assinatura “NTV 365 dias”, em 2012-2013 pelo canal “24 Doc”, em 2014-2016 pelo canal “Retrô” e em 2017 pela RTVI.

Em sua versão definitiva, *Namiédni* foi vencedor do prêmio TEFI de televisão em 2003¹¹⁷ na categoria “Programa informativo-analítico”, referente ao ano de 2002. Em 2004, Parfionov foi demitido da NTV, devido a conflitos com a direção do canal¹¹⁸, e o programa foi descontinuado (o último episódio a ir ao ar foi relativo ao ano de 2003). Em 2019, decidiu retomar o projeto, agora com um novo ciclo: 1946-1960, ou seja, justamente o período do pós-guerra que não entrou no projeto original¹¹⁹. Em sua nova versão, o programa será exibido pelo canal Parfenon do Youtube uma vez a cada duas semanas. Os primeiros episódios já foram ao ar¹²⁰.

O projeto televisivo deu origem também a uma versão em livro, uma espécie de “enciclopédia da vida soviética”, em oito tomos¹²¹, e que começou a ser publicado em 2008. Segundo o próprio Parfionov, “O volume do texto é cerca de cinco vezes maior. A televisão é fortemente limitada pela velha e arrastada crônica cinematográfica. Além disso, na edição em papel há uma série de temas que não estavam no projeto televisivo: da película

¹¹⁵ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=oCrLfzeaK_w. Acesso em 12 jul. 2019.

¹¹⁶ Ver: <https://web.archive.org/web/20150104230611/http://www.tefi.ru/ru/tefi/tefi-vict1995/P95-fin/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

¹¹⁷ Ver: <http://www.tefi.ru/proekty/tefi/t2002>. Acesso em: 15 jul. 2019.

¹¹⁸ Ver: <https://www.newsru.com/russia/01jun2004/parfenov.html>. Acesso em: 15 jul. 2019.

¹¹⁹ Ver: <https://www.kommersant.ru/doc/3893916> e <https://tass.ru/obschestvo/6148891>. Acesso em: 15 jul. 2019.

¹²⁰ Ver: <https://www.youtube.com/channel/UCbhMGG0ZievPtK8mzLH5jhQ>. Acesso em: 15 jul. 2019.

¹²¹ Inicialmente, o livro deveria ter quatro tomos, mas foi expandido para abarcar um período mais longo.

cinematográfica à fuga de Nureiêv”¹²². Na edição em papel, cada tomo representa, aproximadamente, uma década da história soviética. Além dos materiais recolhidos para o programa televisivo, o livro conta também com colaboradores anônimos que enviaram para Parfiônov suas histórias e fotos através de um blog especialmente criado para tal fim¹²³. Trata-se, portanto, de uma criação profundamente coletiva, ainda que assinada por Parfiônov.

4.2 FORMATO E CONTEÚDO DO PROGRAMA

Do ponto de vista de sua mecânica e conteúdo, *Namiédni* consiste em uma espécie de retrospectiva de cada ano do período analisado (1961-1991). É interessante observar que essa tentativa de recuperação da memória do período soviético tenha partido justamente de um programa jornalístico. Como observa Boris Schnaiderman (1997, p. 18), os jornais diários e revistas semanais soviéticas foram exatamente “veículos de transformação cultural e recuperação da memória” com enorme impacto no período da glasnost e perestroika. A diferença reside no fato de que esses veículos, até a perestroika, dedicavam-se a recuperar uma memória perdida ou levantar dados que jamais tinham sido revelados. *Namiédni*, ao contrário, trata de recuperar uma memória latente, mas por vários motivos semi-perdida. Outro elemento digno de nota e que se relaciona com o anterior consiste em que as próprias fontes utilizadas por Parfiônov para a redação dos episódios são essencialmente jornalísticas: programas televisivos da época, o jornal *Komsomolskaia Pravda* e o *Literaturnaia Gazeta*, muito populares nos anos 1960 e 1970.

Cada programa dura entre 45 e 60 minutos e aborda de 25 a 30 tópicos, cujas reportagens a respeito ocupam de 1 a 3 minutos. O que salta à vista, portanto, em primeiro lugar, é o dinamismo do programa, que não se aprofunda em nenhum tópico, apresentando todo seu conteúdo de maneira propositalmente superficial, apenas o tempo suficiente para que os assuntos sejam resgatados do esquecimento na memória do telespectador. Isso é assim porque *Namiédni* não busca informar seu público de coisas que este não sabe, nem fazer qualquer análise mais aprofundada dos eventos. Ao contrário, o programa dirige-se principalmente a um público que viveu *pessoalmente* os fatos narrados e que não necessita de

¹²² Ver: <http://www.fapmc.ru/rospechat/newsandevents/media/2008/11/item6301.html?print=true>. Acesso em: 15 jul. 2019.

¹²³ Ver: <https://namedni-60e-90e.livejournal.com/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

mais do que uns poucos minutos para lembrar-se. Temos aqui o conceito proposto por Maurice Halbwachs de que a memória é social não apenas em seu conteúdo, mas também na própria forma através da qual ela é resgatada¹²⁴, visto que os fatos mais significativos quase sempre nos são lembrados por terceiros em um processo de interação social. Nas palavras de Abramóv e Tchistiakôva (2012, p. 54):

Leonid Parfionov segue totalmente a concepção de Maurice Halbwachs sobre a localização das lembranças através dos marcos sociais da memória, onde as coisas que pertencem ao seu tempo e que são atravessadas pela linha da memória compõem uma espécie de “colar de pérolas”, formando um fluxo ininterrupto de nostalgia pelo passado próximo.

O lema de *Namiédni* é característico dessa abordagem apenas aparentemente “informativo-analítica”, mas na verdade memorial: “Os acontecimentos, as pessoas e fenômenos que definiram o modo de vida. Aquilo sem o quê é impossível nos imaginar e mais difícil ainda entender”¹²⁵. Analisemos um pouco mais detalhadamente o significado dessas palavras. A primeira coisa que chama a atenção é o fato de o apresentador, que vocalizava o lema no início de cada programa, colocar-se no mesmo plano que o espectador (“...é impossível *nos* imaginar...”). Isso cria de imediato uma identificação entre o espectador e o apresentador, que se coloca como mais um fruto da sociedade soviética, tanto quanto o público que lhe assiste. Podemos perceber aqui o conceito de Maurice Halbwachs e Maria Rita Khel, trabalhado no Capítulo 1¹²⁶, de que a memória coletiva cumpre um papel aglutinador da sociedade: nos definimos como coletivo por aquilo que lembramos. Nesse sentido, “os acontecimentos, as pessoas e fenômenos” da sociedade soviética transformaram os russos naquilo que eles são hoje e é impossível entendê-los sem entender esse passado comum. Porém, mais do que entender, o lema do programa é categórico: é impossível até mesmo *imaginar* o povo russo sem o passado soviético. Isso é importante porque estamos falando do ano de 1997, quando ainda predominava na Rússia a tentativa de “pular” através do passado soviético e explicar/definir a sociedade unicamente por seu passado imperial e tsarista¹²⁷. O soviético era encarado como “sovok”, uma espécie de “acidente histórico” infeliz, e portanto não essencial para a explicação do que é a Rússia. Essa negação do

¹²⁴ Cf. Cap. 1 item 1.2.2 da presente tese.

¹²⁵ “События, люди, явления, определившие образ жизни. То, без чего нас невозможно представить и еще труднее – понять.” Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=MLDYpFn3acQ>. Acesso em: 16 jul. 2019.

¹²⁶ Cf. Cap. 1 item 1.2.1 da presente tese.

¹²⁷ Cf. Cap. 3 item 3.1 da presente tese.

soviético gerou a crise de identidade que *Namiédni* começou a captar e explorar a partir de 1º de março de 1997, quando estreou na TV russa.

Ha um outro elemento que merece destaque no lema em questão. Segundo a concepção do programa, “o modo de vida” não é definido apenas pelas grandes reviravoltas políticas ou grandes fatos da economia, mas sobretudo pelo cotidiano e pelo banal: “*os acontecimentos, as pessoas e fenômenos* que definiram o modo de vida”. Inclusive não há uma hierarquia clara entre esses fatores, podendo qualquer um deles influenciar igualmente a vida do povo soviético. Essa abordagem, acusada frequentemente de pós-moderna (KALÍNINA, 2014, p. 119), acentuava a sensação de identidade com o programa, pois os espectadores lembravam que a sua vida real, tal como eles a viveram, fora marcada tanto pelas grandes decisões governamentais quanto pelos fenômenos da cultura e do cotidiano. Assim, *Namiédni* faz um interessante movimento: ao mesmo tempo em que “resgata o soviético” por meio da lembrança, se afasta da narrativa totalizante da História, que predominou exatamente no período soviético. Mais uma vez, este é um fator de identidade entre o telespectador e o programa, pois o telespectador percebia que o programa “lembrava” da URSS exatamente da mesma forma que o próprio telespectador lembrava: dos grandes fatos da economia e da política, mas também do banal e do cotidiano¹²⁸.

Notemos desde já que, quando fala de “fenômenos”, Parfiônov frequentemente refere-se não a abstrações metafísicas, mas a objetos materiais muito concretos: bambolê, rádio portátil, salto agulha, peixe escamudo do Alasca, “botas lunares” e outros. São sobretudo artefatos que cercavam o cidadão soviético em distintos anos. (ABRAMÓV; TCHISTIÁKÔVA, 2012, p. 57). Uma importante particularidade de muitas dessas coisas descritas por Parfiônov é que elas estão verdadeiramente inscritas no passado. Ou seja, não se pode encontrá-las hoje em dia. Como mínimo, elas não são parte corrente do discurso cultural contemporâneo (Exemplo: camisas de nylon, aparelho de rádio “Spídola”, motocicletas “IJ-Planeta” e “IJ-Júpiter” etc.). Isso obriga o telespectador a se transportar ao passado para encontrá-las, aumentando assim a sensação de pertencimento ao tempo referido. Como dito anteriormente, de um modo geral, Parfiônov parece ter uma forte inclinação a contar e a entender a própria história por meio de objetos. No programa televisivo *Minha árvore genealógica*, exibido pelo Primeiro Canal em 5 de fevereiro de 2011, Parfiônov foi convidado a contar a história de sua família. Ao abordar o problema do fuzilamento de seu bisavô como *kulak* em 1937, dirigiu-se ao arquivo da FSB da região de Vologda e folheou alguns documentos inclusos no processo. Em um determinado

¹²⁸ Cf. Cap. 3 item 3.6 da presente tese.

momento, se deparou com uma lista de objetos possuídos pelo acusado e fez questão de enumerá-los no programa: ferramentas, alguns animais, roupas. Tudo isso, segundo o documento da FSB (na época, NKVD) provava o pertencimento de Vassíli Podkhôdov (seu bisavô) à classe dos *kulaks*. Baseado nos mesmos documentos, Parfiônov argumentou exatamente o oposto: uma lista tão modesta de pertences provava exatamente que seu bisavô jamais fora um *kulak*. Ou seja, os objetos materiais se apresentam como critério da verdade. Nesse mesmo programa, Parfiônov fez questão de aprender a produzir pregos e tijolos, já que essa era a profissão de seu outro avô. Mais uma vez, a história era vista pelo prisma dos objetos e o próprio encontro com a história se dava por meio da reprodução dos objetos da época em uma oficina de ferreiro e em uma olaria de fundo de quintal.

Em uma outra camada semiótica, o próprio nome do programa merece alguns comentários. A palavra “*namiédni*” não é muito comum no idioma russo. Ela se relaciona sobretudo com um certo arcaísmo típico da oralidade predominantes nos rincões distantes do campo e das pequenas cidades russas. Nesse sentido, a palavra “*namiédni*” foi até certo ponto “resgatada” por Parfiônov do esquecimento, transmitindo com isso ao programa um ar de informalidade ou simplicidade (“просторечие”), que também ajudou a identificar o telespectador com o que se passava na tela. De um modo geral, a linguagem cumpre um papel muito importante em *Namiédni*. Parfiônov optou por uma linguagem propositalmente “envelhecida” (em desuso), que repete o vocabulário da velha crônica jornalística e política soviética, porém de maneira irônica, conectando assim ainda mais o telespectador com a história: “Esse procedimento autoral de 'envelhecimento' aumenta a expressividade do que é dito, mergulhando o leitor¹²⁹ ainda mais na atmosfera da história” (RISINA, 2016, p. 184).

Outra maneira de Parfiônov atuar sobre a imaginação dos telespectadores é o uso constante de metáforas e outras figuras de linguagem (MOSGOVA; KRIUKOVA, 2015). Por exemplo, referindo-se à construção da famosa Hidrelétrica Bratskaia, ocorrida no ano de 1961, Parfiônov retoma um velho dito da época: “Quanto mais se adentra a floresta, mais hidrelétricas” (“Чем дальше в лес, тем больше ГЭС”). Esse dito popular não faz qualquer sentido para o telespectador não-russo. Para o russo, no entanto, ele é cheio de significado. Trata-se de uma modificação do ditado “Quanto mais se adentra a floresta, mais lenha” (“Чем дальше в лес, тем больше дров”). Significa que quanto mais nos dedicamos a um assunto ou problema, mais produtivo se torna nosso trabalho. Em um outro momento da mesma reportagem, referindo-se à relação entre os anos 1960 e a produção de eletricidade, o

¹²⁹ A autora refere-se à versão em livro do projeto, mas suas palavras podem ser aplicadas ao projeto televisivo.

apresentador afirma que aquele era “o tempo mais poético e mais energético”. Essas imagens metafóricas e brincadeiras verbais que remetem ao passado são constantemente usadas por Parfiônov.

Antes de entrarmos na análise do programa em si, há uma outra questão a ser abordada: por que foi escolhido o intervalo 1961-1991 e quais as consequências dessa escolha? Não deve ser encarado como coincidência o fato de que outros diretores de documentários escolheram o mesmo ano para a contagem inicial de suas produções. Assim, podemos citar *Crônicas Particulares. Monólogo* (“Частные хроники. Монолог”, Dir. Vitali Mánski, 1999) e *Quarta-feira, 19.07.61* (“Среда 19.07.61”, Dir. Viktor Kosakôvski, 1997). Ambos começam suas narrativas com o ano de 1961. No caso de *Namiédni*, a primeira coisa a ser observada é que trata-se de um período vivo na memória do povo porque as pessoas que o viveram continuam, pelo menos em sua maioria, ativas socialmente. Ou seja, *Namiédni* não deseja lidar com a “história” em geral, embora se defina como uma programa também histórico. Ela lida com as *memórias de pessoas vivas e ativas*. Em segundo lugar, dito período corresponde mais ou menos ao que se costumou chamar de “longos anos 1970” (1968-1982), com uma pequena margem antes e depois. Nesse sentido, *Namiédni* tem um centro claro: o período da “estagnação”, ou “zastoi” (“застой”), que também é amplamente considerado pelos russos como o período mais estável e mais “desejável de viver” da era soviética¹³⁰. Desta forma, a “estagnação” aparece como o centro gravitacional de todo o programa, sendo o período anterior (1961-1967) uma mera pré-história, e o posterior (1983-1991), um desenlace melancólico de tudo o que se gestou durante a “estagnação” (UCHÁKIN, 2013).

Há ainda um último fator que parece ter induzido os produtores a começarem exatamente pelo ano de 1961. Como veremos mais adiante, dois fatos importantes ocorreram neste ano: a viagem de Gagárin ao espaço e o XXII Congresso do PCUS. A viagem de Gagárin é definida abertamente por Parfiônov como “o evento mais feliz de todo o pós-guerra”. Por sua vez, o XXII Congresso do PCUS adota o novo programa do partido, aponta a construção da sociedade comunista em um horizonte visível e parece deixar o stalinismo definitivamente para trás. Para Parfiônov, o palhaço Oleg Popóv, que fez muito sucesso em 1961, é quem melhor capta o espírito dessa época. Na reportagem sobre o tema, Parfiônov o chama de “o maior otimista do país”. Por tudo isso, o ano de 1961 aparece como “um novo começo” e o marco ideal para o reinício da contagem da história soviética.

Além das reportagens, cada episódio é preenchido com uma série de vinhetas que

¹³⁰ Cf. Cap. 3 item 3.5 da presente tese.

utilizam montagens para “inserir” Leonid Parfiônov em cenas importantes (e em outras nem tanto) da história soviética. Cada uma das cenas montadas era em seguida “congelada”, e transformava-se em uma manchete de jornal. Vejamos cada uma delas:

- 1) Parfiônov caçando com Khruschóv – manchete “COM TROFÉU!”
- 2) Parfiônov ajuda Khruschóv a lavar as mãos – manchete “DE MANHAZINHA”
- 3) Parfiônov com Brêjniev e com o líder búlgaro Todor Jivkov durante a entrega a este último da medalha “Estrela Dourada” – manchete “FORTALECER A AMIZADE!”
- 4) Parfiônov com o personagem fictício Forrest Gump em uma recepção na Casa Branca – manchete “ENCONTRO NA CASA BRANCA”
- 5) Parfiônov nas negociações entre Gorbachóv e Reagan – manchete “EM CLIMA DE CONFIANÇA”
- 6) Parfiônov no encontro entre Khruschóv e o líder egípcio Gamal Abdel Nasser – manchete “TIREM AS MÃOS DO EGITO!”
- 7) Parfiônov na Estação Espacial Mir – manchete “ENCONTRO NO ESPAÇO”
- 8) Fidel Castro acende o charuto de Parfiônov – manchete “É ASSIM QUE IRMÃOS SE ENCONTRAM”
- 9) Parfiônov beija Marilyn Monroe – manchete “A MORAL DELES”

Antes de entrar na análise do conteúdo dos episódios, é necessário dizer algumas palavras sobre essas vinhetas. A primeira coisa que chama a atenção é seu caráter irônico. Aqui, temos um exemplo claro de nostalgia reflexiva, que não deseja ser levada a sério e ironiza sua própria condição¹³¹. As montagens são tecnicamente bem produzidas, mas não desejam enganar o telespectador. Ao contrário, agem apenas sobre sua imaginação, sugerindo que Parfiônov (aqui uma espécie de encarnação do típico cidadão soviético) foi testemunha ocular de todos esses eventos, que são exatamente os mesmos eventos dos quais o próprio telespectador foi “testemunha”, pois ocorreram em algum lugar do seu passado. Aqui novamente temos a identificação do apresentador com o espectador: ambos cidadãos soviéticos comuns e testemunhas vivas da história.

A segunda coisa que chama a atenção é que todas as “manchetes” são tipicamente soviéticas e utilizam linguagem soviética (“tirem as mãos”, “fortalecer a amizade”, “clima de confiança” etc.). São expressões que comumente apareciam na propaganda oficial soviética. Em geral, esse palavreado é visto como um dos fatores negativos do regime soviético e tendeu

¹³¹ Cf. Cap. 1 item 1.1.6 da presente tese.

a desaparecer após o fim da URSS¹³², mas aqui ele ganha uma nova vida, pois é apresentado de maneira também irônica e até caricatural. Nesse novo contexto, sua recepção é totalmente distinta do que foi originalmente, quando era um elemento de opressão do Estado sobre o cidadão comum. Em seu novo enquadramento, essa linguagem aparece de maneira inofensiva, como que “sob o controle” do telespectador, assumindo assim um novo significado.

Para A. Nôvikova, o humor contido nas vinhetas-montagens excedia de maneira proposital o limite do aceitável: “As vídeo-piadas na forma de foto-colagens animadas no programa de Leonid Parfiônov tinham um matiz de desprezo pelo soviético. O cidadão da nova Rússia deveria sentir sua superioridade em relação à sua própria imagem de dez anos atrás” (apud PETRÔVA, 2015, p. 52). Seja como for, isso apenas comprova o caráter nostálgico reflexivo de *Namiédni*, seu desejo de não ser levado a sério.

Analisemos agora um dos episódios do programa, para entender sua mecânica. Como não é possível fazer uma análise detalhada de cada um dos 30 filmes da série¹³³, tomaremos como modelo o episódio de estreia, referente a 1961¹³⁴. Depois, analisaremos a série de conjunto, sem nos determos em um episódio específico.

No episódio de estreia foram apresentados os seguintes temas (reportagens):

1) Novo dinheiro: Como os antigos rublos foram substituídos por novos na proporção de 10/1 e as mudanças ocorridas nos preços ao consumidor. Resgata a reação das pessoas e as consequências em médio e longo prazo.

2) Strelka teve filhotes: Como a cadelinha Strelka, que havia feito uma viagem a bordo da nave espacial “Sputnik 5” um ano antes, teve 6 filhotes saudáveis e como o fato foi usado para a propaganda do programa espacial soviético.

3) Programa para o milho: Lembra a resistência aberta ou dissimulada que o plano de Khruschóv para ampliação da safra de milho encontrou na sociedade soviética. Resgata piadas e dizeres populares a respeito da campanha. Utiliza desenhos animados da época como imagens ilustrativas.

4) Filme “Homem-anfíbio”: Relembra a trilha sonora e a repercussão do filme na União Soviética, bem como os atores e as locações utilizadas.

5) Voo de Iuri Gagarin: Centrado nos fatos ocorridos depois do retorno de Gagarin do espaço, a recepção popular e os detalhes da parada realizada em sua homenagem. Lembra que

¹³² Cf. Cap. 3 item 3.3 da presente tese.

¹³³ Ver anexo à presente tese.

¹³⁴ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=MLDYpFn3acQ>. Acesso em: 18 jul. 2019.

o voo de Gagárin foi certamente “o evento mais feliz de todo o pós-guerra” e que talvez pela primeira vez na história, “o herói oficial e o herói popular são um só”. Resgata o incidente com o cadarço desamarrado de Gagárin¹³⁵ e sua famosa expressão “Poiekhali!” (“Поехали!”¹³⁶) ao ser lançado.

6) Florística: Relembra a moda que invadiu a União Soviética de fazer esculturas domésticas com galhos e raízes.

7) Sapatos de salto agulha: Lembra a moda dos anos 1960, com ênfase nos sapatos de salto agulha e os problemas de saúde que esses saltos acarretavam, bem como o inconveniente desse tipo de calçado, por exemplo, nas escadas rolantes do metrô.

8) Playa Girón: Relembra a tentativa de invasão norte-americana a Cuba e a comoção que o fato causou na URSS. Resgata os slogans “Pátria o muerte!” e “Viva Cuba!”, que se tornaram populares na União Soviética, bem como a relação romantizada estabelecida com a ilha desde então.

9) “Khrushovkas”: Resgata a campanha de obras animada pelo slogan “Uma família, um apartamento!”, ou seja, a tentativa do governo de extinguir ou pelo menos diminuir o déficit habitacional soviético com a construção de prédios baratos, as “khrushovkas”.

10) Opereta soviética e Tatiana Chmiga: Relembra a cena teatral soviética do início dos anos 1960, com suas operetas e peças leves voltadas principalmente para o público feminino.

11) Hidrelétrica Bratskaia: Centrado no simbolismo da construção como parte dos esforços pela ocupação da Sibéria.

12) Palácio dos Congressos: Relembra o gigantismo da obra, bem como as críticas que o projeto recebeu na época por desconfigurar a arquitetura da Fortaleza do Krémelin.

13) Valeri Brumel: Lembra as conquistas do atletismo soviético do início dos anos 1960.

14) XXII Congresso do PCUS: Lembra as principais discussões do congresso, entre elas, a aprovação do Programa do PCUS, segundo o qual, na década de 1970, a economia soviética deveria alcançar e superar a economia norte-americana e na década de 1980 o essencial do comunismo já estaria construído na URSS. Lembra também o chamado de Khrushchov ao final do congresso: “Nossos objetivos estão claros. As tarefas foram definidas. Ao trabalho, camaradas!”

15) Retirada do corpo de Stálin do Mausoléu: Relembra as modificações ocorridas na

¹³⁵ Quando foi recepcionado no Krémelin, Gagárin tinha um dos cadarços desamarrado, fato que foi captado pelas câmeras e divulgado amplamente.

¹³⁶ Em tradução livre, “Vamos embora!”. A expressão tem conotação bastante informal.

Praça Vermelha e no Mausoléu em função da retirada do corpo de Stálin do local.

16) Obras Escolhidas de Ilia Ilf e Ievgueni Petrôv: Centrado na edição das *Obras Escolhidas* dos dois principais escritores satíricos soviéticos, autores de obras como *O bezerro de ouro* e *12 cadeiras*. Relembra algumas frases famosas de seus livros.

17) O Caso Rokotôv: Relembra o caso de grande impacto social em torno da quadrilha de especuladores formada por Ian Rokotôv, Vladislav Faibichénko e Dmitri Iákovlev, condenados à morte em 1961 por atividade especulativa com moeda estrangeira.

18) Movimento dos não-alinhados: Lembra a fundação do movimento em 1961 em Belgrado, Iugoslávia.

19) Oleg Popóv: Centrado na imagem do palhaço soviético Oleg Popóv e sua carreira.

20) Negociações entre Khruschóv e Kennedy: Relembra os eventos sociais organizados ao redor das negociações onde participaram Kennedy, Khruschóv e suas respectivas esposas.

21) “Será que os russos querem a guerra?”: Lembra a popularidade, na época, da canção de Eduard Kolmanôvski e Ievgueni Ievtuchênko e interpretada por Mark Bernes.

22) Crise de Berlim: Relembra a construção do Muro de Berlim em função da crise de refugiados que abandonavam Berlim Oriental para viver no lado ocidental.

23) Covarde, Inútil e Simplório: Lembra o trio de comediantes formado por Gueorgui Vitsin, Iuri Nikúlin e Ievgueni Morgunôv num dos mais famosos filmes de Leonid Gaidái.

Começemos por uma breve análise quantitativa. O episódio apresenta 23 temas¹³⁷. Destes, oito podem ser enquadrados como temas políticos ou econômicos, ou seja, são parte dos “grandes temas”, que, segundo a narrativa totalizante predominante no período soviético, definem a vida das pessoas. Nove reportagens relacionam-se à cultura e ao esporte e ainda seis são de difícil definição (ex.: “Strelka teve filhotes” ou “O caso Rokotôv” etc.), mas se aproximam muito mais dos temas cotidianos do que dos “grandes eventos históricos”. Temos, portanto, logo de início, uma minoria de temas relacionados às grandes narrativas, sendo a

¹³⁷ Interessante observar que *Namiédni*, além de estar inserido no fluxo geral da programação da NTV, está ele mesmo organizado na forma de *fluxo*. O conceito de *fluxo televisivo* foi proposto em 1974 por Raymond Williams (2016) e expressa o fato de que a programação televisiva nos é apresentada não como programas em separado, isolados entre si, mas como um fluxo contínuo de informações que estão profundamente conectadas: os programas estão ligados aos intervalos comerciais, que anunciam as próximas atrações, que por sua vez anunciarão as próximas etc. Por isso, em geral, dizemos que “assistimos à televisão” e não “assistimos a esse ou aquele programa”, porque assistimos a um *fluxo* contínuo. Nas palavras do próprio Williams: “O que está sendo exibido não é, nos antigos termos, uma programação de unidades separadas com inserções específicas, mas um fluxo planejado, em que a verdadeira série não é a sequência publicada de programas, mas essa sequência transformada pela inclusão de outro tipo de sequência, de modo que essas sequências juntas compõem o fluxo real, a real ‘radiodifusão’” (WILLIAMS, 2016, p. 100). *Namiédni* está organizado exatamente assim, não como blocos isolados e nem mesmo como uma narrativa única, mas como um “fluxo dentro do fluxo”, onde cada assunto se conecta ao próximo por meio das vinhetas e comentários e todos eles compõem o *fluxo* do programa.

maioria das reportagens sobre cultura ou fatos do cotidiano. Mas mesmo quando se dedica aos chamados “grandes temas”, *Namiédni* tem uma abordagem bastante particular. Quando fala da introdução das novas notas de rublos do mercado, não faz qualquer análise econômica do fato. Ao contrário, centra sua narrativa nas consequências da mudança para o cidadão comum: a confusão com os valores nas lojas, a reação das pessoas etc. Quando fala do programa para o milho, lembra os desenhos animados que surgiram na época e que tinham o milho como “herói”, bem como as anedotas que circulavam a respeito. Quando fala de Playa Girón, se dedica principalmente a resgatar na memória coletiva o papel que Cuba cumpriu no imaginário popular russo no início dos anos 1960. Quando fala da Hidrelétrica Bratskaia, outro projeto muito importante para a economia soviética, relembra principalmente o papel da ocupação da Sibéria no imaginário popular da época, além de algumas piadas do período e reflexos da construção na cultura (por exemplo: novos ditos populares envolvendo a usina). Quando fala do voo de Gagárin, não deixa de observar que o herói soviético chegou à cerimônia de sua condecoração no Krémelin com o cadarço da bota desamarrado. A parte em que se refere ao XXII Congresso do PCUS é talvez uma das mais “políticas”, mas mesmo aí o que Parfiônov lembra são os slogans e o impacto do evento na consciência coletiva dos cidadãos, que acompanhavam os trabalhos do congresso pela TV ou jornais. Quando se refere às negociações entre Khruschóv e Kennedy ocorridas nos Estados Unidos em 1961, uma parte importante da reportagem é dedicada à análise do estilo e das roupas dos dois líderes e suas esposas. Aqui, os Estados Unidos aparecem como o que realmente foram ao longo da “estagnação”: um adversário e um inimigo, mas também um lugar mítico, onde tudo é bonito e de qualidade, inclusive o presidente e a primeira-dama¹³⁸. Quando o programa trata da crise de Berlim e do surgimento do Movimento dos não-alinhados, o centro da abordagem reside nas relações entre a URSS e a Iugoslávia e a URSS e a Alemanha Oriental, relações essas que permaneceram como um poderoso elemento da consciência social dos cidadãos soviéticos ao longo de todo o período analisado.

Outro recurso utilizado por Parfiônov ao falar dos grandes temas econômicos, políticos e militares é a visita aos locais dos fatos ocorridos. Esse recurso é muito interessante, pois os episódios históricos deixam de ser, assim, vazios de forma (apenas com conteúdo), adquirindo também uma certa materialidade e não apenas significado histórico-científico. Do ponto de vista puramente estético, Uchákin (2013) notou neste recurso o que chamou de “humanização do espaço”, que se dava via humanização da própria tela: uma grande paisagem aberta (por

¹³⁸ Cf. Cap. 3 item 3.3 da presente tese.

exemplo, Playa Girón ou o auditório do Palácio dos Congressos) era rapidamente deslocada para um ponto onde se encontrava o apresentador, invertendo abruptamente a relação de tamanho apresentador-paisagem. Assim, uma paisagem impessoal e puramente histórica tornava-se subitamente pessoal e até íntima, ao colocar Parfiônov no centro dos acontecimentos e do campo de visão do telespectador. Ou seja, mesmo quando trata de economia e política, Parfiônov descobre uma maneira de não falar de economia e política e de encontrar nesses “grandes fatos” pontos de contato com a consciência dos russos que viveram o período soviético.

Paralelo às reportagens, há também no programa o trabalho de alguns comentaristas. Ao longo dos 30 episódios, as seguintes personalidades revezam-se em comentários: as atrizes Renata Litvínova e Tatiana Drubitch comentam sobre moda e TV; o economista Iegor Gaidar sobre economia; o cientista político Serguei Karagánov sobre política e relações internacionais e o escritor Anatoli Strêliani sobre cultura. Aqui, algumas observações fazem-se necessárias.

A primeira coisa que chama a atenção é o tom profundamente liberal e anti-nostálgico dos comentários, o que parece ser uma contradição com o caráter geral do programa. Isso fica claro sobretudo nos comentários sobre economia e política, onde Gaidar e Karagánov enfatizam constantemente a irracionalidade da economia e da política interna e externa soviética, concluindo daí a inviabilidade histórica de toda aquela sociedade e a inevitabilidade de sua derrocada.

Ao que tudo indica, os telespectadores resolveram simplesmente ignorar os comentaristas em sua avaliação geral do programa. Como explicar esse fato? Na crítica geral que elaboraram, O. Davídov e I. Zôtov (1997) afirmam que o programa fez um péssimo uso dos comentaristas, o que diminuiu profundamente a importância e o peso do que eles diziam. Tal crítica não é carente de fundamento. Durante os comentários, frequentemente a câmera focava a barriga de Gaidar ou a cabeça completamente calva de Karagánov, ridicularizando até certo ponto suas imagens e consequentemente distraindo a atenção do telespectador do que estava sendo dito. Segundo os autores, a aparição dos comentaristas era pura formalidade, apenas para dar a impressão de que se queria fazer alguma generalização. Serguei Uchákin (2013), ao contrário, atribui grande importância ao momento dos comentários, quando a imagem da tela se duplicava em dois quadros invertidos (espelhados), permitindo ao telespectador escolher a “sua própria versão” de comentário, em uma espécie de “metáfora

visual da liberdade de escolha” (a visão do espectador instintivamente busca um dos quadros e tende a ignorar os outros).

De um modo geral, a vida soviética é apresentada em *Namiédni* como uma vida alegre e interessante, exatamente o oposto da imagem cinzenta predominante nos anos 1990 e também muito distinta do que é imaginado no Ocidente. Cada novidade da cultura e mesmo da política e da economia soviética aparece como um fato alegre. Parfiônov vibra diante de cada novo modelo de carro, cada vitória esportiva, cada novo filme de sucesso. Quando se abordam as tragédias (por exemplo, o acidente de Tchernobil em 1986¹³⁹ ou o terremoto na Armênia em 1988¹⁴⁰), fala-se, claro, do sofrimento da população, mas a ênfase é colocada no esforço pela liquidação das consequências, no heroísmo dos personagens e do povo em geral etc. É exatamente assim que os cidadãos soviéticos lembram desses eventos porque essa foi também a abordagem da imprensa oficial na época. Até mesmo a crise dos mísseis (um episódio histórico extremamente tenso) é narrada com um tom alegre, como que enfatizando o fato de que já sabemos de antemão seu desfecho feliz. Parfiônov evita ao máximo criar qualquer tensão em torno dos temas. As três décadas apresentadas no programa aparecem portanto como o tempo típico de uma juventude: cheio de alegrias, novidades e descobertas. Como se sabe, há uma forte tendência das pessoas a encararem a sua juventude exatamente como os anos mais felizes de suas vidas. Dessa forma, *Namiédni* cria uma associação inescapável entre o tempo abordado (1961-1991) e suas alegrias. Chamam a atenção, por exemplo o tom entusiasmado e até mesmo sentimental com que Parfiônov fala do voo de Gagarin, bem como o profundo elogio que faz do balé soviético ao abordar o Concurso Internacional de Artistas do Balé, ocorrido em 1969¹⁴¹, em Moscou, ou a reivindicação da alta qualidade da champanhe soviética (1971)¹⁴². As avaliações positivas sobre a realidade soviética aparecem todo o tempo e mesmo comentaristas claramente críticos da URSS, como Gaidar e Karagánov, são obrigados, de tempos em tempos, a reconhecer os méritos de alguns projetos econômicos soviéticos, como por exemplo os da indústria automobilística da URSS em 1971. Mesmo quando aborda alguns problemas relativos ao consumo, Parfiônov trata de enquadrá-los no marco mais geral dos sucessos da economia soviética. Assim, por exemplo, ao falar da

¹³⁹ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=8e6gCqHbOmY&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=26. Acesso em: 14 ago. 2019.

¹⁴⁰ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=ejTnbysX-ul&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=28. Acesso em: 14 ago. 2019.

¹⁴¹ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=7HWKxkZjLqk&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=9. Acesso em: 14 ago. 2019.

¹⁴² Ver: https://www.youtube.com/watch?v=uc_r9u8UKkw&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=11. Acesso em: 14 ago. 2019.

escassez de bombons em 1975¹⁴³, explica que o desaparecimento dos doces de melhor qualidade do mercado soviético tinha a ver exatamente com o aumento do consumo, já que a maior parte da população passou a rejeitar os bombons de qualidade inferior e a buscar apenas os de qualidade superior. Assim, em *Namiédni*, cada novidade (conquista) da moda, do esporte ou da cultura é como que revivida pelo telespectador, e as emoções de sua juventude retornam a ele, junto com as imagens de arquivo selecionadas por Parfîônov.

Podemos afirmar sem medo de errar que Parfîônov criou um paradigma para a documentalística pós-soviética. Após o enorme sucesso de *Namiédni*, em 2001 começaram a ir ao ar no Canal Rússia as *Crônicas históricas com Nikolai Svanidze*, outro programa de grande prestígio. Neste caso, cada ano era apresentado por meio da biografia de algum personagem histórico (por exemplo, o ano de 1902¹⁴⁴ foi apresentado por meio da biografia de Savva Morozov¹⁴⁵; 1964¹⁴⁶, por meio de Mikhail Súslov¹⁴⁷ etc.). Em qualquer dos casos, a história era apreciada através da vida privada, dos objetos pessoais, da crônica particular (no caso de Parfîônov, de cidadãos anônimos; no caso de Svanidze, de figuras públicas). Precisamente nisso consiste a contribuição de *Namiédni*. Como observa Uchákin (2013), a série *Namiédni*, antes de outras, propôs um protocolo de descrição capaz de transformar “o fluxo de ações e discursos” em elementos visuais.

Até certo ponto, *Namiédni* foi capaz, em sua narrativa, de destruir as fronteiras entre o privado e o público (político). Para D. V. Blichko (2013, p. 126), isso só foi possível porque na própria realidade da União Soviética dos anos 1970 o privado estava emergindo como fator político independente, fruto do desenvolvimento do mercado consumidor interno. Esse “privado” tinha cada vez mais impacto sobre o público ou político. O próprio Parfîônov chama isso de “atomização”, entendendo por esse termo o rápido desenvolvimento de uma dimensão até então atrofiada da sociedade soviética: a vida privada. Em um outro filme documental de sua autoria, *E Leonid Ilitch pessoalmente*¹⁴⁸ (И лично Леонид Илич), sobre a vida e a era de Brêjniev, Parfîônov relembra uma piada da época da estagnação: Leonid

¹⁴³ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=aH4aoJQiL6I&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=15. Acesso em: 14 ago. 2019.

¹⁴⁴ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=PuyQYwoW1Ws&list=PLBA9D03CB12322B0F&index=2>. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁴⁵ Savva Timofêievitch Morozov (1862-1905) foi um empresário, filantropo e mecenas russo.

¹⁴⁶ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=ooSL1DJ9vaA&list=PLBA9D03CB12322B0F&index=66>. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁴⁷ Mikhail Andréievitch Súslov (1902-1982) foi um dirigente partidário soviético. Membro do Birô Político do CC do PCUS nos anos de 1952-1953 e 1955-1982. Secretário do CC do PCUS entre 1947 e 1982.

¹⁴⁸ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=PhOFPzXMCYI>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Brêjniev viaja ao futuro e fica curioso por saber como entrou para a história. Pega uma *Enciclopédia Soviética*, procura por seu nome e encontra apenas a seguinte anotação: “Leonid Brêjniev foi um pequeno político da época de Alla Pugatchôva”. Comentando essa piada em uma entrevista, Leonid Parfiônov esclarece seu ponto de vista:

Ocorreu essa atomização da sociedade. As pessoas ficavam nos seus apartamentos encarnando os ideais daquela época: que houvesse uma estante em toda a parede, um canto macio, ou seja, um sofá, duas poltronas, uma mesa de centro. Ali fica o televisor, e pela televisão transmitem sobretudo, claro, Pugatchôva. E nesse sentido já era Pugatchôva que reinava nesse mundo atomizado. Mas para que se criasse tal situação, numa sociedade que há muito tempo já não acreditava em nada e apenas vivia das possibilidades do mercado consumidor soviético, claro que era preciso a intervenção de Brêjniev. Para isso foi necessária toda a metade dos anos 1960 e toda a década de 1970¹⁴⁹.

Ou seja, para Parfiônov, as dimensões privada e pública (política e econômica) da vida existem em permanente inter-relação e não podem ser entendidas separadas uma da outra. Em outras palavras, a nova esfera privada surgida na URSS é fruto, exatamente, de um fator político essencial: a gestão de Brêjniev.

É preciso que se diga ainda que, para Parfiônov, nem tudo se resume à questão dos objetos de consumo. Muito mais importante é o que ele chama de “civilização soviética”¹⁵⁰, uma realidade na qual todos os fatores da vida incidem sobre os indivíduos: “[...] tudo isso os influenciava ao mesmo tempo: a deposição de Khruschóv, as minissaias, a vitória de Jabotínski sobre Vlášov¹⁵¹, o primeiro disco de Okudjáva, a demissão de Mikoíán, os 20 anos da Vitória¹⁵²”.

Assim, o que se torna evidente em *Namiédni* é uma nova forma de contar a história, baseada na diversidade e unidade interna dos indivíduos e do mundo concreto que os cerca. Em mais de uma entrevista, Parfiônov chega a mencionar Iuri Lotman como fonte de inspiração para seus programas, mas infelizmente não nos dá mais detalhes sobre tal referência. O caso é que, de uma forma absolutamente original, os autores de *Namiédni* colocaram abertamente em dúvida a hierarquia de práticas e representações da história estabelecidas até então na televisão russa. É verdade que, ao mesmo tempo em que destruíam

¹⁴⁹ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/tv/48215/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

¹⁵⁰ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/personalno/552088-echo/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

¹⁵¹ Refere-se ao duelo histórico entre os halterofilistas soviéticos Leonid Jabotínski e Iuri Vlášov nas Olimpíadas de Tóquio de 1964.

¹⁵² Ver: <https://echo.msk.ru/programs/personalno/552088-echo/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

as velhas representações, não propunham outras novas em seu lugar, e por isso, até certo ponto, é justa a “acusação” de pós-modernismo que frequentemente é feita contra o programa, o que não diminui em nada o brilho e a originalidade de sua contribuição.

Outra crítica contraditória com as conclusões gerais a que chegou o telespectador ao assistir a *Namiédni* é de uma suposta “russofobia” de Parfiônov. Nesse sentido, se expressou o cientista político Aleksandr Tsipko: “O talento de Parfiônov vive do ódio a tudo que é russo. O morador da província russa para ele é um mendigo, um debilóide, um alcoólotra e até mesmo, se julgarmos por uma das reportagens, um canibal. É uma pena que pessoas talentosas frequentemente nutram-se do ódio”¹⁵³.

Acreditamos, no entanto, que tal crítica não se justifica. Ao contrário, Parfiônov fez um programa profundamente russo, embebido de um enorme respeito e admiração pelo que foi a civilização soviética, na qual a Rússia esteve inserida por 70 anos e da qual emergiu no início dos anos 1990. Ao falar constantemente de outras repúblicas da URSS e do conjunto do bloco socialista, Parfiônov aumenta ainda mais no telespectador a sensação de “perda” com o fim da URSS, pois cada reportagem enfatizava uma espécie de unidade harmônica na diversidade que representava a URSS e o bloco socialista. Interessante observar que, ao falar das comemorações dos 50 anos da URSS (1972)¹⁵⁴, Parfiônov dá tanto peso à ideia de “povo soviético” (entendido como nova formação etnográfica) que parece de fato concordar com esse conceito. De um modo geral, tomando-se principalmente o desenvolvimento da economia e da cultura descritos em *Namiédni*, pode-se ter uma ideia bastante precisa da história da União Soviética desde o início da “estagnação” até seu fim, em 1991. Parfiônov nos apresenta uma sociedade em permanente transformação, e essa transformação tem o sentido de uma constante (embora lenta) abertura política e econômica que parece destinada a desembocar na perestroika e na glasnost dos anos 1980.

Cabe notar também que Parfiônov é profundamente otimista mesmo em relação a um passado que se sabe frustrado. Por exemplo, ao falar da visita de Fidel Castro à URSS (1963)¹⁵⁵ ou da Revolução dos Cravos em Portugal (1974)¹⁵⁶, o autor de *Namiédni* enfatiza as esperanças de renovação do sistema político e econômico da URSS que cada um desses

¹⁵³ Ver: <https://www.kp.ru/daily/23289/29355/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁵⁴ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=LyPckbsOKno&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=12. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁵⁵ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=a5bn8c_SPog&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=3. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁵⁶ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=dTEvGlpnGD8&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=14. Acesso em: 28 out. 2019.

processos despertou. Hoje sabemos que essas esperanças eram infundadas, mas Parfiônov parece ignorar esse fato e reproduz em palavras e gestos o entusiasmo que havia na época com sua linguagem leve e contagiante, a tal ponto que essas esperanças renascem uma vez mais no coração do telespectador, como se não soubéssemos do melancólico desfecho de todo o processo.

Interessante observar que, sem ter acesso a pesquisas de opinião que seriam feitas apenas anos depois, Parfiônov aborda em *Namiédni* exatamente os elementos que o russo médio costuma sentir saudades em relação à União Soviética. Por exemplo, ao falar da massificação do turismo nos países do bloco socialista (1975), Parfiônov destaca o quanto o cidadão soviético sentia-se “em casa” estando na Bulgária. O mesmo quando fala do Oleoduto “Amizade” (1963). Parfiônov aproveita o gancho fornecido pelo nome do oleoduto para falar exatamente da amizade entre os povos do bloco socialista, o que atualmente é visto pelos russos como um elemento nostálgico do passado soviético.

Parfiônov fala não apenas da realidade soviética, mas também dos sonhos que existiam naquela sociedade, ou seja, de um imaginário popular que também é parte da memória coletiva. Assim, a relação dos russos com Paris e a França como “reinos encantados” está presente em muitos momentos: ao falar da Exposição “Moscou – Paris” (1981)¹⁵⁷; de Vladimir Visotski e seu casamento com a francesa de origem russa Marina Vladi e da moda dos perfumes franceses na URSS (1971) ou da visita do presidente francês Charles de Gaulle à URSS (1966)¹⁵⁸. Em um outro nível imaginário, a relação dos russos para com o Brasil como uma terra selvagem e misteriosa, cheia de romantismo e aventuras, está presente em *Namiédni* quando se aborda o filme “Olá, eu sou sua tia!” (1975, Dir. Viktor Titôv) e o fenômeno teledramatúrgico de “Escrava Isaura” na URSS (1989)¹⁵⁹.

4.3 A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA EM *NAMIÉDNI*

Pode-se afirmar que *Namiédni* desenvolveu uma concepção própria de história e, em particular, da história soviética? A tomarmos as palavras do próprio Parfiônov, ele não possui

¹⁵⁷ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=hRFKaL0Y5ic&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=21. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁵⁸ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=l4ATG90jKlc&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=6. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁵⁹ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=njXOU2HQZUQ&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=29. Acesso em: 28 out. 2019.

qualquer concepção de história pelo simples fato de que seu trabalho, segundo ele mesmo, não deve ser de forma alguma confundido com o do historiador. Em entrevista ao jornal *Trud* em 2001, o criador de *Namiédni* afirmou: “Parem de se relacionar com a televisão como com um instituto histórico de pesquisa científica!”¹⁶⁰. E em 2008, falando ao jornal *Komsomolskaia Pravda* sobre a versão em livro de *Namiédni*, observou: “Isso não é história. Aqui o importante não é a ordem dos eventos, mas os estereótipos que formam a experiência nacional”¹⁶¹.

Dessa forma, pareceria não haver qualquer sistema em sua apresentação dos fatos históricos. Mas opinamos que isso não é assim. Na verdade, em *Namiédni*, Parfîonov desenvolveu uma concepção própria de história que aplica ao exercício que faz da memória. A particularidade de sua concepção reside exatamente no fato de que ele não separa completamente história e memória. Em *Namiédni*, esses dois termos confundem-se e caminham permanentemente juntos, em eterna tensão. Ao abordar os fenômenos históricos, Parfîonov refere-se a eles não com a tradicional distância do historiador, mas simplesmente como alguém que lembra e compartilha suas memórias. Ao mesmo tempo, suas fontes são jornais, revistas e crônicas cinematográficas e televisivas, ou seja, fontes frequentemente utilizadas por historiadores. O resultado é que os fatos históricos, ao invés de aparecerem sob nova luz, fornecida pela razão e pelo passar do tempo, apresentam-se ao telespectador exatamente como se apresentaram no passado, sem a necessária reflexão crítica característica da ciência histórica. A crítica das fontes está ausente. Ao descrever os eventos referentes a 1964¹⁶², Parfîonov menciona a moda das camisas de nylon, um material que hoje não consegue competir com o algodão em termos de qualidade ou preferência popular. Sua abordagem, no entanto, ignora o veredito do tempo e sentencia:

Em 1964 disseminam-se pela URSS as camisas de nylon. Diferente do ultrapassado algodão, o forte e moderno nylon parece ser o material absoluto. A mais elegante camisa de nylon é a branca. Com o tempo, as camisas amarelavam, mas eram rapidamente tingidas de preto nas lojas especializadas. A camisa deixava de ser de passeio, mas em compensação durava quase uma eternidade¹⁶³.

¹⁶⁰ Ver: http://www.trud.ru/article/26-04-2001/23395_leonid_parfenov_ja_ne_borolsja--ja_rabotal.html. Acesso em: 30 jul. 2019.

¹⁶¹ Ver: <https://www.kp.ru/daily/24194/400635/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁶² Ver: https://www.youtube.com/watch?v=cPT1fZPovs4&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=4. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁶³ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=9hRmcpUOIHA>. Acesso em: 15 ago. 2019.

Como se vê, não há qualquer observação crítica à qualidade das camisas (“o forte e moderno nylon”, “o ultrapassado algodão”). Parfiônov limita-se a repetir exatamente o que lhe dita a memória: a sensação de brancura e frescor de uma camisa de nylon recém-comprada. É claro que o caráter acrítico da exposição de Parfiônov é intencional e carrega consigo uma conotação irônica. Ainda assim, o efeito que produz no telespectador não é o de despertar seu senso crítico em relação ao passado por meio da ironia, mas exatamente o de reavivar sua memória de maneira acrítica e ingênua. Ao assistirmos ao programa, queremos novamente ter uma camisa de nylon, como se não soubéssemos de suas desvantagens.

Um outro exemplo é a forma como Parfiônov trata os fatos da política internacional em *Namiédni*. Em geral, os eventos do exterior são apresentados não como tendo uma importância em si, mas em conexão com a política externa da URSS à época. Além disso, aparecem sob a mesma luz que apareceram em seu contexto original, sem novas reflexões ou descobertas. Ou seja, mais uma vez, não importa tanto a verdade histórica, que só pode ser obtida por uma verdadeira investigação e crítica dos fatos. Antes disso, importa a *memória sobre os fatos*. Por isso, eles são apresentados exatamente como o foram há 30 ou 40 anos: os mesmos culpados e inocentes, os mesmos heróis e vilões. Novamente, é preciso lembrar sempre que tal abordagem é proposital e não visa enganar o telespectador ou induzi-lo ao erro de interpretação. O objetivo fundamental de Parfiônov é acessar a memória do espectador. Por isso, deve-se mostrar os fatos exatamente como foram mostrados nos jornais e TV da época. No entanto, a despeito de suas intenções irônicas, não se pode dizer que tal abordagem não induz ao erro de interpretação por parte do telespectador. É exatamente essa consequência contrária à pretendida que explica o efeito nostálgico do programa, a despeito de sua intenção não-nostálgica. Ao expor os eventos do ano de 1966, por exemplo, Parfiônov faz referência às manifestações anti-americanas na cidade japonesa de Yokosuka. Nesse caso, não há uma verdadeira investigação sobre as reais dimensões dessas manifestações. Parfiônov limita-se a repetir o que disse a imprensa soviética na época: que as manifestações eram gigantescas e tiveram grande repercussão na URSS. Essa forma de expor, mesmo não coincidindo com a verdade histórica, acaba coincidindo com as lembranças dos cidadãos soviéticos, pois eles acompanharam os eventos por meio da mesma imprensa soviética que é a fonte principal de Parfiônov. O efeito sobre o telespectador é evidente: ele tenderá a concordar com a análise de Parfiônov exatamente porque ela coincide com a memória que se tem do evento. Como

resultado, os fatos parecem ainda mais verdadeiros do que se fossem apresentados de maneira crítica ou sob uma nova luz.

Um outro elemento da concepção de história de Parfiônov é que a realidade russa contemporânea seria marcada pelo que ele chama de “sovieticidade” (“советскость”), que nada mais é do que o peso da herança soviética na Rússia atual. Em 2008, em entrevista à rádio Eco de Moscou, declarou:

[...] no segundo mandato de Pútín ficou particularmente clara essa sovieticidade, com a qual havia distintas relações. Ou era o maldito “sovok” ou era algo que já havia se transformado em nosso passado glorioso. E essa é a história com a qual as pessoas se relacionam. Pois me diga quem hoje se identifica com a Rússia pré-revolucionária. Onde?¹⁶⁴

Chamamos a atenção para o fato de que Parfiônov admite a possibilidade de se estabelecer distintas relações (positivas ou negativas) para com o “soviético”. O que não se pode negar de forma alguma é a influência decisiva desse soviético na vida atual. Isso, como assinalamos mais acima, se diferencia de uma visão que busca explicar a Rússia contemporânea por meio de uma história abstrata, que atribui o mesmo peso às reformas petrinhas, à dinastia dos Riurik e à cristianização da antiga Rus, mas ignora o papel do passado soviético. Para Parfiônov, ao contrário, a especificidade do passado soviético em relação a todos os outros períodos passados está justamente em que a sociedade russa contemporânea *descende diretamente dele e a partir dele precisa ser explicada*. Nesse sentido, soam de forma crítica as palavras de Parfiônov sobre a mudança de nome de Leningrado para São Petersburgo (1991)¹⁶⁵, ignorando-se a denominação pré-revolucionária de Petrogrado: “Do socialismo, pulando o capitalismo, para o feudalismo”. Mais uma vez, em entrevista ao jornal *Komsomolskaia Pravda*, declarou:

Eu fiz um filme de 16 capítulos chamado “Império Russo”, mas isso é uma história que tem uma relação muito fraca com a Rússia pós-soviética. A tarefa de *Namiédni*, repito, é mostrar o conjunto dos fenômenos que formaram essa civilização soviética, da qual evidentemente saiu a atual. Mostrar onde tudo começou. Assim nós vendíamos hidrocarbonetos, assim nós ameaçávamos os outros países, assim nós nos orgulhávamos de nossa seleção, e assim era nossa relação com a história. Tudo isso, de uma forma ou de outra, se expressa hoje em dia¹⁶⁶.

¹⁶⁴ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/personalno/552088-echo/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

¹⁶⁵ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=nStd6JwHMo&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfDDQwZcoONM7jk_Qa&index=31. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁶⁶ Ver: <https://www.kp.ru/daily/24194/400635/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

De um modo geral, Parfiônov apresenta o passado tal como ele se apresentou no momento em que ocorreu: como um amontoado de partes sem uma necessária conexão entre si. Exatamente por isso, a única forma de entender o programa é propondo a sua interpretação do conjunto, exatamente como ocorre com a vida real. Ou seja, Parfiônov não constroi qualquer relação entre os eventos narrados, deixando essa tarefa a cargo do espectador. Davídov e Zôtov (1997), referindo-se ao episódio relativo ao ano de 1967¹⁶⁷, criticam o aparente caos na exposição dos eventos feita por Parfiônov e para tanto apresentam o seguinte argumento:

Os diferentes significados desses eventos para diferentes pessoas e diferentes grupos sociais que viveram naquela época são propositalmente ignorados. Como resultado, o prêmio recebido por Andrôniov, a viagem ao espaço, a semana laboral de cinco dias, a ruptura das relações diplomáticas com Israel e etc. aparecem como iguais entre si, como pertencendo a um mesmo nível significativo. Tal abordagem, claro, não é nova. A ciência histórica há muito tempo se ocupa da organização dos eventos, a partir de diferentes áreas da atividade humana, em uma única camada de sentidos. Mas em geral esse procedimento é utilizado para retirar dos eventos certo sentido comum, para entender os processos da história.

Ou seja, para Davídov e Zôtov, Parfiônov faz exatamente o contrário do que faz um historiador, embora em certos momentos sua atividade apareça como se fosse a atividade de um historiador: ele nivela os diferentes fenômenos dentro de uma mesma camada representativa sem no entanto fazer qualquer generalização ou tirar quaisquer conclusões gerais, como deveria fazer o historiador. Nas palavras de Abramóv e Tchistiakôva (2012, p. 55): “Leonid Parfiônov não utiliza ligações lógicas, não tira conclusões. Ele simplesmente informa sobre um dado evento e seu desenvolvimento, bem como fala um pouco sobre como esse evento foi recebido pelas pessoas”.

Nosso argumento consiste em que Parfiônov não distingue os fatos entre si porque para ele realmente não há uma hierarquia clara entre os distintos fenômenos. Dessa forma, como assinalamos mais acima, sua concepção de história pode ser classificada como pós-moderna, uma vez que rejeita as generalizações e a busca pelo sentido comum. Respondendo a críticas nesse sentido, Parfiônov sentencia:

¹⁶⁷

Ver:

https://www.youtube.com/watch?v=qzcb0XqUq34&list=PL2dnmWJp-KL6RLhfDDQwZcoONM7jk_Qa&index=7. Acesso em: 28 out. 2019.

Eu me deparo com essa crítica desde os tempos do primeiro tomo de *Namiédni*: “como você pode colocar em um mesmo patamar as minissaia e a Primavera de Praga?” Mas elas estão num mesmo patamar, independentemente do que pensa algum Instituto de História da Academia Russa de Ciências. Porque as garotas tchecas de minissaia são ao mesmo tempo um símbolo de liberdade e de fragilidade. Minissaia contra tanques: isso é um conflito evidente¹⁶⁸.

Uma outra particularidade de sua concepção reside no fato de que, para Parfîônov, a história se encontra, se não completamente, pelos menos em grande parte nos objetos materiais de uso cotidiano. Novamente em entrevista ao jornal *Komsomolskaia Pravda*, o autor de *Namiédni* descreve o gosto artístico de Brêjniev basicamente em termos de gosto pelos objetos:

[O gosto artístico de Brêjniev era] bastante tradicional para a sua geração. Abajures burgueses dos tempos pré-revolucionários, tudo que é tipo de poltrona da era stalinista e, claro, trofeus do chique: cristal tcheco, porcelana da Alemanha Oriental, móveis da Hungria. Hoje em dia tudo isso parece pobre, burocrático e sem graça, mas naquela época provocava um arrepio sagrado: “quer dizer então que isso existe!”¹⁶⁹

Interessante observar que, quando perguntado sobre suas próprias memórias dos anos 1960 e 1970, Parfîônov também refere-se a elas em termos de objetos do cotidiano. Na opinião de Abramóv e Tchistiakôva (2012, p. 57) isso ocorre porque, para Parfîônov, os objetos do cotidiano são a própria *base da cronologia*, sobre a qual se encaixam ou devem encaixar-se todos os outros fenômenos da história. Essa visão do passado baseada em objetos pessoais é o fundamento do que se costuma chamar “museificação do passado soviético” (ABRAMÓV, 2014), quer dizer, a redução do passado a uma espécie da “arqueologia da modernidade”¹⁷⁰. Nas palavras do próprio Parfîônov:

Dos anos 1960 eu lembro pouca coisa, mas em compensação de maneira muito clara. No centro regional natal de Tcherepovets nos alojamentos operários todas as janelas estão abertas e delas flui música: pontos de rádio, transistores e obrigatoriamente radiolas. A vizinha tem uma capa de chuva de “Bolonha”, ela faz um ruído que faz todos ficarem com inveja.

[...]

Já os anos 1970 me lembram da música nos gravadores e das janelas fechadas porque as canções são diferentes e não são aquelas que estão nos discos. Mas todos assistem aos mesmos filmes televisivos, ao hoquei, à

¹⁶⁸ Ver: <https://www.kp.ru/daily/25792/2774873/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁶⁹ Ver: <https://www.kp.ru/daily/23821.5/61014/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁷⁰ Cf. o papel dos museus oficiais e não-oficiais em Cap. 3 item 3.6 da presente tese.

patinação artística e todos vão atrás do “déficit”. As coisas são particularmente ruins com os calçados. (apud NELSON, 2010)

Por fim, notemos que, para Parfionov, a União Soviética está distante do lugar ou tempo mítico característico do fenômeno nostálgico: “Sim, muitos encararam *Namiédni* com nostalgia. Na época soviética eles eram mais jovens, o Sol brilhava mais forte, as moças amavam com mais paixão etc. Já eu não senti nenhuma nostalgia. Nessa época, claro, tinha de tudo, mas em geral foi uma época horrível”¹⁷¹. Parfionov chega a criticar abertamente a nostalgia como fenômeno social, por exemplo, quando se refere ao surgimento e ápice da prosa camponesa (1966).

Porque não estabelece uma relação crítica com os eventos, nem generaliza suas observações, *Namiédni* deve ser considerado muito mais um *exercício de memória* do que uma *produção de história*. Isso não significa, de forma alguma, minimizar seu papel. A importância de *Namiédni* está justamente em fazer esse exercício mnemônico conjuntamente com milhões de telespectadores e por essa via influenciá-los a lembrar dos fatos passados de uma maneira nostálgica. *Namiédni* não deseja iniciar uma nova escola historiográfica. Por se tratar de nostalgia reflexiva, o simples exercício de memória lhe basta. Se a memória é frequentemente utilizada como fonte para a história, em *Namiédni* temos o movimento inverso descrito por Traverso e Halbwachs: um exercício de memória baseado em fragmentos da história¹⁷².

4.4 A VISÃO DE PARFIÔNNOV SOBRE OS “LONGOS ANOS 1970”

O programa *Namiédni* abarca um período apenas aparentemente aleatório na história da Rússia. Na verdade, a maior parte do projeto se encaixa no que pode ser chamado de “longos anos 1970” (1968-1982) ou “estagnação” ou ainda “a era Brêjnev”, com uma pequena margem antes e depois. Ao longo dos 30 episódios do programa e nas inúmeras entrevistas que concedeu, bem como nas páginas da enciclopédia impressa *Namiédni*, Leonid Parfionov desenvolveu sua visão sobre esse período histórico específico. Para ele, os anos 1970 estão atravessados por uma contradição fundamental: por um lado, estavam presentes as mazelas políticas e econômicas do assim chamado “socialismo desenvolvido”: a repressão à Primavera

¹⁷¹ Ver: <https://www.kp.ru/daily/23821.5/61014/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁷² Cf. Capítulo 1 item 1.2.5 da presente tese.

de Praga, o déficit de bens de consumo, a perseguição ao movimento dissidente, as dificuldades da agricultura e da indústria etc.; por outro lado, havia um elemento positivo: o desenvolvimento de um esfera privada na vida do cidadão soviético, esfera na qual o Estado não conseguia intervir ou intervinha apenas muito limitada e indiretamente, permitindo assim um relativo desenvolvimento da individualidade, o que sem querer aproximava a sociedade soviética das sociedades democráticas ocidentais. Como observou Uchákin (2013), “[...] a série confirmou com convicção a conclusão de que o socialismo tardio foi um período em que a vida privada deixou de ser privilégio da *nomenklatura* soviética”. Em entrevista à rádio Eco de Moscou, Parfiônov entrega seu veredito final sobre a era Brêjniev:

Em geral, foi uma época ruim, claro. Uma enorme quantidade de pessoas perdia tempo à toa. Estragaram as suas vidas, suas possibilidades, não puderam se auto-realizar [...] Isso por um lado. Por outro lado, as pessoas viviam, eram felizes, criavam seus filhos, realizavam algo, conquistavam coisas, segundo as possibilidades que existiam. E sabe, tem uma conclusão muito importante que eu tirei e que, sinceramente, antes eu não percebia, quando estava fazendo os 40 episódios¹⁷³. É uma enorme realização do povo soviético. Eu não canso de repetir isso. Talvez essa seja a maior realização do povo soviético: como ele, de forma consequente, metódica, na esmagadora maioria dos casos – como me parece – protegeu um espaço da vida em que não havia partido nem governo, onde as pessoas tentavam viver mais dignamente do que a princípio lhes cabia¹⁷⁴.

A avaliação da era Brêjniev como sumamente contraditória é encontrada, por exemplo, em Moshe Lewin em sua consagrada obra *O fenômeno Gorbachóv*. Para o historiador polonês, o pós-guerra se caracteriza na URSS, por um lado, por um amplo e poderoso processo de urbanização e educação das camadas médias da população. Para se ter uma ideia, em 1960, apenas 49% da população vivia nas cidades, enquanto em 1985 esse percentual chegou a 65% (LEWIN, 1988, p. 50). Junto com isso, em 1941 apenas cerca de 2,4 milhões de pessoas possuíam instrução superior ou formação técnica especializada, enquanto nos anos 1980 esse índice atingiu 31,5 milhões de pessoas (LEWIN, 1988, p. 67). Por outro lado,

O estatismo excessivo e a pouquíssima autonomia social foram certamente uma das causas da crise de valores generalizada: insatisfação com os empregos, frustração e descontentamento da juventude, cinismo e interesses próprios, desvios psíquicos e criminais, embriaguez, uso de drogas e

¹⁷³ Aqui Parfiônov refere-se à versão estendida da série, que engloba até o ano de 1999. Os episódios que vão de 1992 até 1999 não são, no entanto, objeto de nosso estudo.

¹⁷⁴ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/personalno/552088-echo/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

inumeráveis problemas com os quais o Estado foi incapaz de lidar e que, muitas vezes, não eram mesmo de sua competência. (LEWIN, 1988, p. 137)

Assim, o que testemunhamos ao longo dos anos 1960-1970 é um profundo processo de *complexificação* da estrutura social da URSS, o que permitiu o surgimento de elementos de uma “sociedade civil” mais ou menos aos moldes do que encontramos nos países ocidentais (“um espaço da vida em que não havia partido nem governo”), embora menos desenvolvida. Por “sociedade civil”, entendemos o conjunto de instituições políticas, sociais e culturais que existem e atuam de maneira independente em relação ao Estado. Sem dúvida nenhuma, a importância que a “vida privada” passou a ter nos anos 1960-1970 tem a ver com a urbanização e complexificação da URSS, o que até certo ponto questiona o próprio conceito de “estagnação”, entendida como um período histórico em que “nada muda”.

Para Parfiônov, apesar de todas as suas debilidades e limites, Brêjniev foi o melhor que poderia ter acontecido para a União Soviética. Isso é assim porque Leonid Ilitch significou um descanso em relação aos cinquenta anos anteriores da história russa, que haviam sido de extremo sacrifício, privações e campanhas políticas e econômicas intensas. Nesse sentido, a constituição de um “mundo privado” foi a consequência natural, lógica e positiva da gestão de Brêjniev:

Em geral, é horrível imaginar o que aconteceria se o chefe do país se tornasse não ele, mas sim Súslov. Leonid Ilitch chegou ao poder em 1964. Cinquenta anos antes disso, começando pela Primeira Guerra Mundial, o país era constantemente abalado. Guerra, revolução, de novo guerra, coletivização, a grande virada, repressão, guerra, recuperação, denúncia do culto à personalidade... E então, sob Brêjniev, teve um “Descansem!”. Isso estava no ar e ele sentia isso instintivamente. Não cancelaremos a estrutura social, mas pode-se dar às pessoas espaço para a vida privada. Cada um dentro de seus metros quadrados construiu para si um mundinho privado de sua existência, para onde eram levados produtos alimentícios, papel de parede, louça, tapetes [...], conversas, convidados, piadas, livros raros, ingressos para o teatro, roupões – naquela época foi o boom dos roupões –, todos colecionavam selos, criavam cachorros, iam nadar em rios, subir montanhas...¹⁷⁵

Esse “Descansem!” é um conceito decisivo em *Namiédni* e aparece inúmeras vezes ao longo da série. Ao abordar o ano de 1967, Parfiônov lembra a diminuição do tempo do serviço militar obrigatório (de três para dois anos); no episódio referente ao mesmo ano, fala ainda do estabelecimento da semana laboral de cinco dias ao invés de seis; e, ao referir-se ao ano de

¹⁷⁵ Ver: <https://www.kp.ru/daily/23821.5/61014/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

1975, cita a construção em massa de prédios padronizados de 9, 12 e 16 andares, com apartamentos individuais para cada família. Todos esses fatores contribuíram para a constituição dessa “esfera privada” (tempo e espaço são seus componentes fundamentais) a que se refere Parfiônov.

Parfiônov insiste em que a diferença fundamental entre Brêjniev e seu antecessor Khruschóv consistia na relação com o que chama de “dogma socialista”. Nesse sentido, Khruschóv seria uma continuidade do “fanatismo bolchevique” que predominara desde a Revolução de Outubro, enquanto para Brêjniev o socialismo já não era muito mais do que um ritual necessário. Khruschév seria o “último romântico do socialismo”, enquanto Brêjniev possuía uma personalidade pragmática. Por um lado, isso era positivo, pois dava à sociedade a possibilidade de descansar dos intensos cataclismos da primeira metade do século. Por outro lado, certamente contribuiu com a crise da civilização soviética, ao transformar o socialismo em um mero ritual descartável:

A corrosão do socialismo ocorrida durante o governo Brêjniev aconteceu porque o próprio secretário-geral era uma pessoa comum. Nenhum fanatismo bolchevique! Como se diz, ele vivia e deixava os outros viver. Khruschóv ainda acreditava sinceramente no comunismo. Já Brêjniev encarava isso como um ritual. Ele sabia que, da tribuna, era absolutamente necessário dizer algo sobre Lênin e o partido, mas gostava das “Mercedes”, dos “Lincolns” e dos “Rolls Royces”. Brêjniev não achava que, ao ganhar de presente uma “Mercedes”, estivesse traíndo a causa do bolchevismo e – para usar a terminologia de Súslov – se tornando um “degenerado pequeno-burguês”! Sob Brêjniev, surgiu a classe média soviética, para a qual os discursos oficiais e cerimônias também eram apenas rituais. Foi isso que, em primeiro lugar, abalou as bases da União Soviética¹⁷⁶.

Apesar da clara preferência por Brêjniev em detrimento de Khruschóv, Parfiônov não deixa de notar o importante papel cumprido por Nikita Serguêievitch na história da URSS. Ao falar da destituição de Khruschóv, ocorrida em 1964, faz questão de diferenciá-lo de Stálin e reconhece o carinho de uma parte significativa da população para com sua figura: “As piadas sobre Khruschóv não se parecem em nada com as piadas sobre Stálin”.

Interessante observar que, até certo ponto, o diagnóstico de Parfiônov de que a URSS entrou em crise, entre outros fatores, devido ao desenvolvimento de uma esfera de relações privadas coincide com um alerta feito por Trótski ainda nos anos 1930 sobre os perigos da importação de “mercadorias baratas” para o socialismo. Ora, a era Brêjniev se caracteriza

¹⁷⁶ Ver: <https://www.kp.ru/daily/23821.5/61014/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

exatamente pelo surgimento de tais mercadorias, importadas sobretudo dos países socialistas, mas também de alguns países capitalistas. É sabido, por exemplo, que até mesmo o trigo consumido na URSS nos anos 1970 provinha, pelo menos em parte, dos Estados Unidos. Em seu clássico *A revolução traída*, Trótski (1991, p. 10-11) assim se refere a essa relação entre colapso do socialismo e comércio mundial:

A questão formulada por Lênin “Quem vencerá?”¹⁷⁷ diz respeito à correlação de forças entre a URSS e o proletariado revolucionário mundial, de um lado, e às forças inimigas internas e o capital mundial, de outro. Os sucessos econômicos da URSS permitem fixar-se, movimentar-se, armar-se e, quando preciso, recuar e esperar, em uma palavra, manter-se. Mas pela sua própria essência, a questão “Quem vencerá?”, não só no sentido militar, mas sobretudo no sentido econômico, se põe perante a URSS num plano mundial. A intervenção militar é perigosa, *mas a intervenção das mercadorias baratas no comboio dos exércitos capitalistas seria incomparavelmente mais perigosa.* (grifo nosso)

Apesar das contradições existentes, Parfionov não nega uma certa totalidade nos “longos anos 1970” e considera o período como essencialmente negativo. Em primeiro lugar, porque eles estão inseridos no período soviético, que teria sido de atraso político e econômico em relação ao Ocidente. Em segundo lugar, pela sua característica específica de “estagnação” mesmo em relações a outros períodos da era soviética:

Mas o pior de tudo é que foi uma época de ausência de iniciativa. E uma enorme quantidade de pessoas então se enfiou na bebida: [...] não sem fundamento, se consideravam uma geração perdida. Visotski tem uns versos ótimos: “Embora não nos fuzilassem, vivíamos sem coragem de levantar os olhos; nós também somos filhos dos anos terríveis da Rússia, a atemporalidade nos encharcava de vodka”¹⁷⁸. Pois exatamente a atemporalidade, a ausência de grandes ideias que ainda existiam sob Khrushchov, o último romântico do socialismo, revelou-se mortal para várias gerações. *E isso é o mais importante*¹⁷⁹. (grifo nosso)

Segundo Parfionov, graças a seus papéis existencialistas nos filmes “Apaixonado por vontade própria” (1983, Dir. Serguei Mikaelián) e “Trânsito” (1981, Dir. Valeri Fókin), Oleg Iankovski e Marina Neiôlova tornaram-se símbolos dessa geração com forte inclinação conformista e que “emigrou para dentro de si”.

¹⁷⁷ No original em russo, “Кто кого”.

¹⁷⁸ “И нас хотя расстрелы не косили, но жили мы, поднять не смея глаз; мы тоже дети страшных лет России, безвременье вливало водку в нас”.

¹⁷⁹ Ver: <https://www.kp.ru/daily/23821.5/61014/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Parfiônov parece ser ainda mais abertamente crítico do passado soviético quando o assunto diz respeito aos costumes. Assim, ao referir-se ao filme “E se for amor?” (1962, Dir. Iuli Raizman), ridiculariza a crítica da época, que via no filme nada mais do que uma completa ausência de preceitos morais. Da mesma forma, ao falar da moda do twist em 1963, zomba daqueles que acreditavam que a dança era parte de um plano imperialista de dominação cultural. A crítica à URSS surge ainda na forma irônica com que Parfiônov se refere às ideias do biólogo Trofim Lisênko para a agricultura nos anos 1960 ou quando afirma que o aniversário de 50 anos da Revolução de Outubro (1967) instituiu, de uma vez por todas, “o culto das datas comemorativas no lugar do culto à personalidade”.

Porém, apesar do tom crítico de várias reportagens, Parfiônov não demonstra qualquer anti-comunismo, como era comum nos anos 1990. Ao contrário, fala com respeito dos símbolos soviéticos, mesmo dos mais intimamente ligados à ideologia socialista, como as comemorações dos 100 anos de Lênin (1970).

Parfiônov considera os governos de Andrôpov (12 de novembro de 1982 – 9 de fevereiro de 1984) e Tchernênko (13 de fevereiro de 1984 – 10 de março de 1985) apenas a continuidade da era Brêjniev. Foi somente com a chegada de Gorbachóv¹⁸⁰ ao poder que os “longos anos 1970” tiveram efetivamente fim:

[...] olhando com os olhos de hoje, claro que são um posfácio da era Brêjniev. Está claro que, ainda que Andrôpov tivesse a intenção de fazer alguma coisa, Tchernênko foi a pura continuidade da continuidade. Foi um exagero claro, até mesmo para os padrões da estagnação. De novo aos 74 anos, e de novo dirigir o Estado desde o leito de morte. Sim. Me parece que, em grande medida, claro, esta não foi uma época independente. Foi uma sobrevivência, foi a inércia brejneviana¹⁸¹.

Apesar de ser fundamentalmente um fenômeno oriundo da “inércia brejneviana”, pelo menos a gestão de Andrôpov, segundo Parfiônov, representou algumas mudanças em relação a seu antecessor, como por exemplo a campanha de “luta pela disciplina do trabalho” (1983)¹⁸², quando a polícia soviética passou a procurar em restaurantes e salões de beleza pessoas que estivessem faltando ao trabalho. Segundo o criador de *Namiédni*, uma tal campanha seria inimaginável sob Brêjniev.

¹⁸⁰ Para uma visão mais detalhada das opiniões de Parfiônov sobre a era Gorbachóv, ver seu filme documentário “Он пришел дать нам волю” (“Ele veio nos dar a liberdade”), de 2011.

¹⁸¹ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/personalno/552088-echo/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

¹⁸² Ver: https://www.youtube.com/watch?v=Bhui8Do3eAc&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=23. Acesso em: 28 out. 2019.

Como vemos, para Parfiônov, os “longos anos 1970” são profundamente contraditórios: ao mesmo tempo em que representaram “a época mais estável da Rússia no século 20” (1982)¹⁸³ e um período de expansão, complexificação e enriquecimento da dimensão privada da vida do cidadão soviético médio, trouxeram também consequências daninhas, que deveriam se manifestar com força na crise terminal pela qual passou a URSS entre 1988 e 1991.

É particularmente notória a visão de Parfiônov de que os “longos anos 1970” representaram um aumento do bem-estar material da população. Tais referências surgem quando fala-se da industrialização do artesanato (1968)¹⁸⁴, do surgimento dos prédios de 9, 12 e 16 andares (1975), do aumento da produção de vinho (1976)¹⁸⁵, do surgimento de lojas especializadas em artigos dos países socialistas e também do exterior capitalista (1976), do gosto dos cidadãos soviéticos por produtos de marcas de alta qualidade (1977)¹⁸⁶ e do aumento dos valores das aposentadorias e licenças-maternidade (1981).

Parfiônov identifica também as tentativas feitas por parte da direção soviética de minimizar a crise econômica que se gestou no país a partir de meados dos anos 1970. É nesse sentido que ele nos conta sobre o envio de trabalhadores às bases de abastecimento de frutas e verduras (1977): como um esforço por diminuir as perdas do comércio e com isso o déficit de ofertas de mercadorias.

Ao abordar os inúmeros fenômenos que tiveram lugar no período dado, Parfiônov acaba também por revelar os primeiros sintomas de crise da sociedade soviética. Assim, ao falar do ano de 1976, nos lembra do famoso episódio da fuga do piloto soviético Viktor Bielênko para o Japão a bordo de seu MIG-25. Quando trata da prosa tenentista¹⁸⁷ (1980)¹⁸⁸, chama a atenção para o fato de que na sociedade soviética começam a se observar sentimentos nostálgicos, indicativo inequívoco de um certo mal-estar social.

¹⁸³ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=kheOGIsJ7bw&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=22. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁸⁴ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=UW8dEe35WyA&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=8. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁸⁵ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=2F3bSkvqX-8&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=16. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁸⁶ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=Dm99HPIN-IM&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=17. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁸⁷ À medida que o tempo passa, a Grande Guerra Patriótica torna-se um tema cada vez mais importante na vida dos russos e soviéticos em geral. No final dos anos 1970 o fenômeno penetra a literatura, dando origem à assim chamada “prosa tenentista”, que exalta os heróis e combatentes anônimos da guerra.

¹⁸⁸ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=If2FTIT7-VE&list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa&index=20. Acesso em: 28 out. 2019.

4.5 A VISÃO DE PARFIÔNNOV SOBRE A RÚSSIA ATUAL

Parece correto afirmar que, além de uma visão sobre a história russa, Parfiônnoy desenvolveu também, ao longo de seu programa *Namiédni*, uma concepção própria sobre a Rússia contemporânea. Esse fato é de extrema importância, dado que a visão sobre o passado histórico é, em grande medida, produto das concepções que temos sobre o presente¹⁸⁹. Para Parfiônnoy, a primeira e mais importante definição sobre a Rússia contemporânea é seu caráter de *país europeu*. Mas esse caráter não é absoluto e refere-se apenas ao gênero do objeto. A diferença específica da Rússia com relação a outros países europeus seria, segundo Parfiônnoy, sua *matriz soviética*. Ou seja, Parfiônnoy se coloca em um campo claramente ocidentalista, rejeitando as definições de Rússia construídas a partir de conceitos como “Eurásia”, “ortodoxia”, “alma eslava” etc. Assim, em uma mesma definição, convivem dois conceitos aparentemente contraditórios, mas na verdade complementares: “Segundo nosso destino, somos, apesar de tudo, europeus, mas com uma matriz soviética¹⁹⁰”.

Para Parfiônnoy, portanto, apesar do fim da URSS, a “sovieticidade” é justamente o que há de específico na Rússia contemporânea em comparação com outros países europeus. Em certos momentos, Parfiônnoy usa o termo “neosovieticidade”, atribuindo a ele, no entanto, o mesmo sentido de “sovieticidade”: “[...] quanto mais passa o tempo, mais sente-se em nossa vida uma certa 'neosovieticidade' (‘неосоветскость’)¹⁹¹”. O fundamental, em qualquer caso, é investigar as raízes dessa (neo)sovieticidade e principalmente entender por que ela permanece como matriz da atual sociedade: “[...] é importante investigar o desenvolvimento da União Soviética tardia até os tempos atuais para entender onde reside a atração daquela formação, por que exatamente ela é insistentemente restaurada em diferentes esferas da vida social¹⁹²”.

Parfiônnoy cumpriu ele próprio a recomendação de “investigar o desenvolvimento da União Soviética tardia”. Depois de *Namiédni*, dois de seus filmes destacam-se nesse esforço: *E Leonid Ilitch pessoalmente* (2006), onde Parfiônnoy analisa mais a fundo os “longos anos 1970” e *Ele veio nos dar a liberdade* (2011), dedicado à vida e ao governo de Mikhail Gorbachóv. Apesar do liberalismo declarado de Parfiônnoy, percebe-se em ambas as produções uma abordagem simpática ao período soviético, similar àquela que encontramos

¹⁸⁹ Cf. Cap. 3 item 3.4 da presente tese.

¹⁹⁰ Ver: <https://www.kp.ru/daily/25669/830370/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

¹⁹¹ Ver: <https://sobesednik.ru/kultura-i-tv/20180227-leonid-parfenov-let-15-uzhe-ne-smotryu-tv>. Acesso em: 30 jul. 2019.

¹⁹² Ver: <https://lenta.ru/articles/2011/11/23/parfenov/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

em *Namiédni*. Apesar de tudo, trata-se da época de sua infância e juventude e é compreensível (embora isso nem sempre ocorra) que Parfiônov aborde o período com certa nostalgia.

Ao longo dos anos, Parfiônov parece ter evoluído em sua visão sobre *Namiédni*. Se, ao produzir o filme, seu autor era fundamentalmente inconsciente do sentimento nostálgico presente na sociedade russa, a produção do livro *Namiédni* já levou em conta essa realidade. Tanto é assim que, no volume sobre os anos 2000, o autor incluiu um capítulo sobre a onda nostálgica que tomou conta do país. Ao comentar a diferença entre a série e o livro, declarou: “[...] em grande parte o ângulo de visão mudou. Provavelmente, agora o fazemos [o livro] com o entendimento de que isso [o soviético] não foi embora, de uma maneira ou outra permaneceu¹⁹³”. Essa consciência da nostalgia não parece estar presente quando da produção da série.

Talvez o mais interessante na visão de Parfiônov sobre a Rússia atual seja exatamente o paralelo que o jornalista traça entre a contemporaneidade e os “longos anos 1970”. Para ele, os dois períodos se caracterizam por um

[...] sentimento de profunda satisfação que toma conta de todos. Ao mesmo tempo, a compreensão de que algo está errado, mas que por enquanto tudo vai mais ou menos bem, então por que ficar pensando nisso... Tem uma massa de coisas. A alienação das pessoas dos assim chamados processos socio-políticos. Em geral, um certo cansaço e enjoo com a política e falta de disposição para prestar atenção, ouvir com paciência, ora, que diferença faz...¹⁹⁴

Para o autor de *Namiédni*, essas são características compartilhadas pelos dois períodos. Perante a traição do sonho da democracia e a decepção geral com a política, abre-se novamente, exatamente como foi na década de 1970, espaço para a vida privada. Nos anos 1980, todos pareciam preocupados com a política, a economia e o coletivo. Hoje, tudo é diferente. A economia do país não cresce ou cresce muito pouco, e o futuro é, em muitos aspectos, incerto. Como resultado, as mesmas pessoas que saíram às ruas em 2011 pedindo eleições justas agora se dedicam a assuntos completamente distintos: têm filhos, compram e decoram apartamentos, contraem dívidas, descobrem a cerveja artesanal e os prazeres do ciclismo. Segundo as palavras do próprio Parfiônov, “[...] a Rússia se encontra no que se pode

¹⁹³ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/personalno/552088-echo/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

¹⁹⁴ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/personalno/552088-echo/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

chamar de “estagnação putiniana”. É a melhor época para o país, para a sua política, a sua economia e o mais importante... para a vida privada¹⁹⁵”.

Em suma, apesar das diferenças de forma e estética, há uma profunda identificação entre a época atual e os anos 1970. Isso explicaria também o fenômeno nostálgico e por que as pessoas se interessam exatamente por essa época:

Pode ser que para alguns trate-se de nostalgia. Simplesmente, na plateia é grande a quantidade de pessoas idosas, para as quais esse é o tempo da sua juventude, os melhores anos, os quais se quer lembrar. Não acho que tenha sido um tempo sempre bom. Apenas é o tempo que coincide com os melhores anos deles. Isso em primeiro lugar. Em segundo, de fato, há alguns paralelos: estabilidade, preços do petróleo (que em muito sustentam a estabilidade) etc. etc. Além do mais, tudo isso foi há relativamente pouco tempo. A maioria absoluta das pessoas de meia idade e idosas vem desse período. E, depois, um governante que fica dezoito anos no poder – isso é um enorme intervalo de tempo para nossa história não muito longa¹⁹⁶.

Por fim, para Parfiônov, a sociedade russa não pode sentir nostalgia de maneira indefinida e, mais cedo ou mais tarde, terá que escolher qual parte de seu passado vale a pena resgatar e qual parte deve ser negada. Falando ao jornal *Komsomolskaia Pravda* sobre esse conflito, sentencia:

Então como explicar que agora tenha saído o filme “O Almirante”¹⁹⁷, que ganhou muito dinheiro? Também a mesa redonda que nós organizamos no jornal *Komsomolskaia Pravda* provocou uma massa enorme de reações: uma parte apoiava os vermelhos; outra parte, os brancos [...]

Veja que reviravolta. As pessoas se envolveram, se agitaram e começaram a debater, discutir. Mas acredite, a sociedade não se coloca esse tipo de questão e não sofre: a favor dos brancos ou dos vermelhos? Porque se elas realmente se importassem com Koltchákov, então talvez tivessem derrubado os monumentos a Lênin. Mas nos anos 2000 nenhum monumento a Ilitch foi derrubado de seu pedestal. [...]

Mas já é hora de nos definirmos: não conseguimos renunciar a Lênin e aos bolcheviques, mas também não conseguimos dizer com firmeza que apenas Koltchákov e Deníkin são nossos heróis. Ou isso é normal? Agora nós assistimos ao filme “O Almirante” e fomos tomados por uma sensação de respeito para com o movimento branco. Depois assistimos ao filme “Galina”¹⁹⁸ ou “Brêjniev”¹⁹⁹ e pensamos: como vivíamos bem e, ao que

¹⁹⁵ Ver: <http://www.aif.ru/archive/1708823>. Acesso em: 30 jul. 2019.

¹⁹⁶ Ver: <https://echo.msk.ru/programs/tv/48215/>. Acesso em: 01 ago. 2019.

¹⁹⁷ Refere-se ao filme “O Almirante” (2008), dirigido por Andrei Kravtchuk, e que conta a história do almirante do Exército Branco Aleksandr Koltchákov.

¹⁹⁸ Refere-se ao seriado “Galina” (2008), dirigido por Vitali Pavlov.

¹⁹⁹ Refere-se ao seriado “Brêjniev” (2005), dirigido por Serguei Snejkin.

parece, as pessoas também não eram tão ruins. Mas é impossível harmonizar tudo isso²⁰⁰.

4.6 PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Ao nos aproximarmos do final deste capítulo, algumas observações fazem-se necessárias. Trata-se das primeiras conclusões parciais, que deverão ser desenvolvidas e complementadas ao final do trabalho.

A primeira coisa que chama a atenção é o impacto cultural de *Namiédni*. Foram mais de 40 episódios exibidos ao longo de quase dois anos, vários prêmios de televisão, inúmeras retransmissões em diferentes canais, uma enciclopédia de oito tomos e uma influência sobre a forma de fazer TV que é difícil exagerar. Como afirmamos mais acima, muito mais do que apenas captar o sentimento nostálgico da sociedade, *Namiédni* imprimiu uma marca na cultura russa do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a ponto que devemos considerá-lo um fator *detonador* da maneira nostálgica como uma parcela importante dos russos passou a lembrar o passado soviético desde então.

O segundo fator que devemos observar é que a nostalgia disseminada por *Namiédni* é exatamente a do tipo *reflexiva*, e não restaurativa. Parfiônov não pretende possuir ou expressar qualquer verdade definitiva ou absoluta. Ao contrário, mostra o que acredita ser a *sua* verdade ou a verdade de sua geração, deixando basicamente ao telespectador a tarefa de generalização e conclusão final sobre o assistido. Exatamente por isso, a onda nostálgica desencadeada por *Namiédni* não se assemelha de forma alguma a qualquer tentativa de restaurar a URSS ou recuperar a grandiosidade perdida da nação. Tal discurso é posterior, da metade dos anos 2000 em diante. Ao contrário, a nostalgia de *Namiédni* é aquela que se contenta e se concentra sobre o próprio ato de lembrar. Depois de *Namiédni*, vieram os restaurantes temáticos soviéticos, os museus privados, os fóruns de internet, os filmes sobre a “ingenuidade perdida”. A tarefa histórica cumprida por *Namiédni* foi fundamentalmente a de ajudar a reabilitar o passado soviético aos olhos da população russa. A partir de sua exibição, o “soviético” deixou de ser vergonhoso, “sovok”, e passou a ser parte de um passado que se quer lembrar, embora saiba-se que é impossível revivê-lo, pois está inserido em uma “antiguidade” que não volta mais.

²⁰⁰ Ver: <https://www.kp.ru/daily/24194/400635/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Em poucos anos, essa onda nostálgica reflexiva será apropriada pelo Estado russo para disseminar a *sua* verdade: a ideia patriótica de um passado comum glorioso que a todos une e que é a base do futuro da nação russa. Essa transformação da nostalgia reflexiva em nostalgia restaurativa é justamente tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 5

NOSTALGIA RESTAURATIVA NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA: O PAPEL DO ESTADO

*Na URSS o futuro é certo!
Já o passado... Esse é imprevisível!*
Aforismo soviético

Nos capítulos anteriores acompanhamos como a nostalgia soviética surge e se desenvolve na Rússia contemporânea sobre a base do abalo provocado pela catástrofe política, econômica e social dos anos 1990. Vimos que essa nostalgia inicial é fundamentalmente reflexiva, pois trata-se da mera saudade de um tempo passado e não implica, necessariamente, a intenção de restaurá-lo. Pudemos comprovar também que a nostalgia soviética se expressa em praticamente todos os ramos da cultura e da vida nacional russa, e analisamos o programa televisivo *Namiédni* como um modelo desse tipo de nostalgia. Vimos como um programa de inclinação liberal e irônico em relação à URSS acabou despertando, pela própria força do trauma civilizacional, os sentimentos nostálgicos que vinham se gestando na sociedade russa desde meados dos anos 1990. Analisamos também as características básicas dessa nostalgia: idealização dos “longos anos 1970” (estabilidade política e econômica, acesso a algumas mercadorias oriundas do Ocidente, relações interpessoais etc.), valorização da cultura material soviética (moda, alimentação, indústria automobilística), exaltação das conquistas soviéticas (cosmos, esporte, cultura, relações internacionais). Agora, devemos nos debruçar sobre a hipótese central do presente trabalho: a de que o Estado russo atua no sentido de transformar a nostalgia reflexiva típica da segunda metade dos anos 1990 e início dos anos 2000 em nostalgia restaurativa e, por essa via, em sentimento patriótico e nacionalista com vistas a legimitimar os poderes estabelecidos e condicionar a opinião pública para sua política interna e externa. A chave para a compreensão dessa transformação reside na análise da política de memória colocada em prática pelo Estado russo, sobretudo a partir do primeiro mandato de Vladimir Pútín. Desde então, a orientação em direção ao Ocidente, característica dos governos Iéltsin e predominante nos anos 1990 (SEGRILLO, 2016), vem sendo substituída pela ideia de um caminho próprio, russo, profundamente patriótico, cristão ortodoxo e nacionalista. De acordo com essa nova visão, a cultura e a história devem ser a base para a reconstrução da grandeza russa. Nesse sentido, o culto ao passado soviético tem um papel fundamental desde o ponto de vista do Estado e das estruturas de poder, pois alimenta a

ideia de que os russos possuem uma história única, da qual devem se orgulhar. Ou seja, o passado soviético deixa de ser vergonhoso, ridículo, “sovok”, para se tornar não somente parte legítima da herança cultural da nação, mas até mesmo um ideal a ser restaurado.

Essa operação de transformação da nostalgia reflexiva em nostalgia restaurativa é possível porque a relação dos indivíduos com cada um dos termos da palavra “nostalgia” (*nóstos* + *álgos*) é dinâmica. O trânsito entre a dor do lembrar e o ímpeto pela reconstrução do passado perdido é relativamente livre e inúmeras condições subjetivas e objetivas influenciam a passagem de um a outro. Uma política de Estado precisa pode influenciar fortemente setores da sociedade a transitarem da mera saudade dos tempos idos à motivação restaurativa e vice-versa. É por isso que a nostalgia tem sido a base para o crescimento de ideologias nacionalistas, voltadas para a reconstrução de uma suposta grandeza passada, sobretudo em tempos de pessimismo em relação ao futuro. Como observa Svetlana Boym (2001, p. XV-XVI):

Algia – a dor – é o que nós compartilhamos, mas o *nóstos* – o retorno ao lar – é o que nos divide. É a promessa de reconstruir o lar ideal que se encontra no centro de muitas ideologias poderosas hoje em dia, que nos propõem desistir do pensamento crítico e trocá-lo pelos laços emocionais. O perigo da nostalgia é que ela tende a confundir o lar real e o imaginário. Em casos extremos, ela pode criar um lar fantasma, em nome do qual uma pessoa está disposta a morrer e matar. A nostalgia irrefletida alimenta os monstros. Mas o sentimento em si, o luto pelo deslocamento e pela irreversibilidade do tempo está no próprio cerne da condição moderna.

Aqui, especial importância têm as palavras “disposta a morrer e matar”. A substituição da nostalgia reflexiva pela nostalgia restaurativa é, efetivamente, um excelente meio de mobilização da vontade popular em apoio a um determinado governo, sobretudo se esse governo se apresenta como o único agente capaz de conduzir a nação rumo à restauração do passado glorioso. A ideologia nacionalista resultante da nostalgia restaurativa mobiliza as forças populares em busca da velha comunidade perdida (“antes éramos todos unidos”), fomenta as nostalgias individuais e as histórias familiares (vide “Regimento Imortal” no Capítulo 3 da presente tese) e propõe, tanto na política interna quanto externa, um plano de ação para a purificação e reconstrução do lar coletivo. Nisso reside sua força. Ainda para Svetlana Boym, não é acidental que na maioria dos países do leste europeu o nacionalismo assuma hoje o lugar da antiga ideologia stalinista. Isso ocorre porque o nacionalismo é a ideologia que mais eficazmente atenua os efeitos do individualismo capitalista, dando às

peças um senso imaginário de comunidade, “um mapa mítico da história reescrita” (BOYM, 1995, p. 287).

A nostalgia restaurativa é também uma forma de autodefinição, de recuperar a identidade perdida em meio à crise e ao caos das épocas de transição, o que é particularmente importante no caso da Rússia. Para Zoia Rezánova e Ina Tubalova (2011, p. 19-20), a perda da identidade – tanto individual quanto coletiva – é o que há de mais característico nos períodos de turbulência social. Isso é assim porque tais momentos são acompanhados pela desintegração da antiga visão de mundo predominante na sociedade e pelo desaparecimento dos seus centros de autoridade e referências culturais (PCUS, Estado soviético, KGB etc.). Nesse sentido, os eventos das últimas décadas na Rússia deram ao problema da identidade nacional um status ao mesmo tempo agudo e universal, uma vez que exatamente a crise de identidade dificulta a resolução do problema das oposições “eu / outro”, “passado / presente”, “Oriente / Ocidente”.

O pesquisador da Universidade Estatal de São Petersburgo Ilia Kalínin corrobora essa perspectiva. Para ele, o retorno ao passado em geral (não somente o soviético) implica também a retomada dos valores “tradicionais” (família, nação, comunidade, estabilidade etc.) que já foram descartados pelo Ocidente e que portanto estão disponíveis para serem utilizados na definição da nova identidade russa. De maneira irônica, observa:

A lógica do enfrentamento civilizacional que se desenvolve é simples: se nossos adversários se associam de maneira firme ao projeto moderno, nós devemos propor um projeto alternativo. E como uma série de valores já estão reservados pela contemporaneidade inimiga, não nos resta nada além de obter as próprias fontes e fortalezas espirituais. (KALÍNIN, 2015a)

Ou seja, se os valores de nossos adversários correspondem aos valores do presente, é no passado e na tradição que buscaremos aquilo que nos define. Sem isso, perderemos nossa identidade e nos dissolveremos na modernidade abstrata global ou no “liberalismo dominante”. Esse procedimento não impede um país de olhar para o futuro (é sabido, por exemplo, que a Rússia passa por um processo de modernização econômica e militar relativamente intenso), mas define *de onde se parte*: no caso russo, parte-se sempre do passado. Ao mesmo tempo, o futuro não oferece nada além da restauração do passado. Mais do que isso: é justamente por restaurar o passado que ele é ansiado.

5.1 EM BUSCA DA “IDEIA RUSSA”

A perspectiva que coloca o passado como horizonte futuro pode ser enquadrada como parte das buscas pela “ideia russa”, ou seja, a ideia nacional propriamente dita, definidora do que é “ser russo”²⁰¹. Essa busca por uma “substância estável chamada 'Rússia’” (GOMIDE, 2013, p. 9) possui uma história extremamente rica, que não pode ser abordada em detalhes nos limites do presente trabalho. Faremos aqui um breve resumo com vistas a entender o desenvolvimento da questão desde o século 19 até os nossos dias.

O primeiro a colocar o problema da “ideia russa” de maneira aguda e mais elaborada foi Piotr Tchaadáiev. Em sua famosa “Primeira carta filosófica”, de 1836, o filósofo russo afirmava que, devido à sua condição histórica e geográfica particular, “estendida entre as duas grandes divisões do mundo, entre Ocidente e Oriente, apoiando-se com um cotovelo na China e com outro na Alemanha” (TCHAADÁIEV, 2013, p. 76), a Rússia era um país sem história, privado de qualquer espírito comum e vocação final. O fator predominante na história russa seria o atraso em relação aos outros povos e o barbarismo de seu próprio passado.

A carta de Tchaadáiev provocou uma reação imediata nos meios filosóficos e literários russos, inspirando várias respostas. Dentre as mais importantes, estão aquelas elaboradas por Ivan Kiriêievski e Aleksei Khomiakov e que deram início efetivo ao famoso debate entre eslavófilos e ocidentalistas. Kiriêievski e Khomiakov argumentavam que a única verdadeira expressão do cristianismo encontrava-se nos ensinamentos da ortodoxia grega, da qual a Rússia era a herdeira direta. No Ocidente predominava o racionalismo romano, cujas raízes remontavam ao silogismo antigo, enquanto na Rússia o cristianismo carregava ainda as características místicas originais. Além disso, no Ocidente, predominava o individualismo estéril, enquanto a vida russa era marcada pela *sobornost*,²⁰² expressa principalmente por meio da vida religiosa e da *obschina*²⁰³ camponesa. Ao mesmo tempo, Kiriêievski reconhecia que a busca pela “ideia russa” vivia uma crise, mas isso se devia ao fato de que no último período ocorrera na Rússia uma certa degeneração da visão de cristianismo e de ortodoxia. Devido às reformas modernizadoras de tipo europeizante, a sociedade russa se perdera de seu

²⁰¹ Segundo o pesquisador polonês Andrzej Walicki, a “ideia russa” pode ser entendida como um termo utilizado por pensadores russos para definir “o conjunto de particularidades que caracterizam a cultura russa, os aspectos espirituais da nação russa, o significado da história russa e, regra geral (embora não sem exceções) a missão única da Rússia no marco da história universal” (WALICKI, 2012, p. 92).

²⁰² Em tradução livre, coletividade, concílio, reunião, comunhão.

²⁰³ Comuna camponesa que implica direitos e deveres individuais e coletivos aos seus membros.

caminho histórico. Mas o espírito russo seguia vivo no povo e na Igreja. A saída residia, portanto, na rejeição à ilustração estrangeira e num retorno às

[...] fontes puras da fé ortodoxa antiga de seu povo e, com coração sensível, ouvir os ecos ainda distintos da fé sagrada da Pátria na querida vida prévia da Rússia. Então, livrando-nos do jugo dos sistemas racionais, do amor pela sabedoria europeia, o homem russo educado encontrará, na profundidade da especulação dos padres da Igreja – especial, viva, completa, inacessível às concepções europeias – as respostas mais completas exatamente para aquelas questões da mente e do coração que mais inquietam a alma enganada pelos recentes resultados da autoconsciência ocidental. (KIRIÊIEVSKI, 2013, p. 233)

Ou seja, para a primeira geração de eslavófilos, a missão universal da Rússia – a “ideia russa” – seria encontrada através do apelo consciente às próprias raízes ortodoxas (o que proporcionaria a superação da cisão entre a elite ocidentalizante e as “pessoas comuns”). Com esse movimento, a Rússia se tornaria o ideal espiritual do mundo cristão e mostraria ao Ocidente o exemplo salvador da realização dos verdadeiros valores cristãos no seio da vida social.

Notemos desde já que, apesar de defenderem a ideia de um caminho russo específico, o próprio pensamento eslavófilo não é algo exclusivamente russo, mas sim uma variante das correntes românticas conservadoras europeias (WALICKI, 1999), das quais pensadores como Kiriêievski e Khomiakov se nutriam. Cabe observar também que, a despeito de suas posições conservadoras, os pensadores eslavófilos não podem ser identificados com o regime repressivo de Nicolau I, com o qual, ao contrário, tinham variados conflitos (GOMIDE, 2013, p. 17). Por fim, é preciso marcar o fato de que, em consonância com seu conteúdo conservador, o pensamento eslavófilo inspira-se no passado, ou seja, parte do passado para a construção do porvir. Isso terá enorme importância para entendermos os debates na Rússia contemporânea. Como observa Tamara Lipitch (2008, p.152):

O sonhar romântico volta-se para o futuro ou se apresenta com uma crítica do presente, que deixou tudo que há de melhor no passado. A própria situação no período de Nicolau I permitia a formação da ideia de decomposição da vida costumeira da casta da nobreza e daí a inevitabilidade do surgimento de sentimentos românticos entre os eslavófilos.

Como vimos nos capítulos anteriores, também a atual nostalgia soviética alimenta-se da “decomposição da vida costumeira” e apresenta-se como “uma crítica do presente, que deixou tudo que há de melhor no passado”.

Tal é a fisionomia geral do movimento eslavófilo surgido como reação à “Primeira carta filosófica” de Tchaadáiev. Na mesma época, forma-se o campo adversário dos eslavófilos, os ocidentalistas, que apregoavam uma maior integração da Rússia na vida europeia. Dentre eles, destaca-se Vissarion Bielínski. Ao contrário dos eslavófilos, Bielínski avaliava as reformas petrinas não como uma traição ao espírito russo, mas sim como o início de um processo que levaria potencialmente ao fortalecimento da nação russa. Ele acreditava que a Rússia estava destinada a se tornar uma grande nação histórica mundial, que seria capaz de criar uma síntese dos grandes feitos do pensamento europeu, no qual a própria Rússia se inseria:

Para o poeta que quer o seu gênio reconhecido por todos e em toda a parte, e não apenas por seus compatriotas, a nacionalidade é a primeira, mas não a única condição: é indispensável ainda que, sendo *nacional*, ele seja, ao mesmo tempo, também *universal*, isto é, que a nacionalidade de suas criações seja a forma, o corpo, a carne, a fisionomia, a personalidade do mundo incorpóreo e espiritual das ideias humanas comuns. Em outras palavras: é indispensável que o poeta nacional tenha um grande significado *histórico* não apenas para sua pátria, mas que seu aparecimento tenha um significado *histórico-universal*. (BIELÍNSKI, 2013, p. 126)

Após a derrota das revoluções europeias de 1848, o pensador socialista Aleksandr Herzen intervém no debate com novos argumentos em defesa das posições ocidentalistas. Herzen lamenta a derrota das revoluções de 1848, nas quais via um forte sintoma de crise da sociedade europeia, e abandona as previsões mais otimistas de ocidentalização imediata da Rússia. Seu novo argumento, conhecido como “socialismo russo” (WALICKI, 2012, p. 94) gira em torno dos seguintes elementos: 1) a ideia eslavófila a respeito da *obschina* camponesa; 2) a ideia de emancipação da individualidade e 3) a visão de Tchaadáiev sobre a Rússia como um país “livre do fardo do passado”. Herzen defendia que a Rússia não tinha nada a perder na futura revolução socialista e que por isso era preciso travar uma luta implacável contra o “velho mundo”, promovendo uma síntese entre as aspirações de liberdade individual, expressas pela *intelligentsia* russa, e os valores tradicionais manifestados pela *obschina* camponesa.

Depois das reformas de 1861, sobretudo a abolição da servidão camponesa, promovida pelo tsar Alexandre II, a oposição original entre o movimento eslavófilo e os ocidentalistas se

tornou menos aguda. Mas as discussões sobre a “ideia russa” ou o “caminho russo” seguiram ocorrendo, desta vez na forma de polêmica entre marxistas e populistas. Populistas como Piotr Lavróv e Nikolai Mikhailóvski adotaram com entusiasmo a ideia de um caminho especificamente russo, mas associaram isso, evidentemente, à sua visão de um socialismo camponês, baseado na *obschina*. Essa formação especificamente russa era o que permitia, contra todas as leis do desenvolvimento histórico, que o país saltasse a etapa capitalista de desenvolvimento e ingressasse diretamente na fase de construção do socialismo, porém, um socialismo russo, camponês.

Para sermos totalmente justos, é preciso dizer que essa hipótese foi levantada pelos próprios fundadores do socialismo científico. No Prefácio à segunda edição russa do *Manifesto Comunista*, de 1882, Marx e Engels afirmavam:

O *Manifesto Comunista* tinha como tarefa a proclamação do desaparecimento próximo e inevitável da moderna propriedade burguesa. Mas na Rússia vemos que, ao lado do florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa que começa a desenvolver-se, mais da metade das terras é posse coletiva dos camponeses. O problema agora é: poderia a *obschina* russa – forma já muito deteriorada da antiga posse em comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria antes passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente?

Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para uma revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista. (MARX; ENGELS, 2013, p. 125)

Essa ideia expressa no *Manifesto* nunca foi questionada por nenhum dos mais destacados marxistas russos. Assim, a despeito de todas as suas diferenças, marxistas e populistas compartilhavam, de início, essa hipótese em comum da *obschina* como caminho especificamente russo para o socialismo. Mais tarde, os bolcheviques inscreveram em seu programa a palavra de ordem de nacionalização das terras como via para o socialismo, embora tenham feito concessões táticas aos camponeses, como forma de ampliar sua base social.

Enquanto a polêmica principal se dava entre populistas e marxistas, o movimento eslavófilo tradicional sofreu transformações. Intelectuais como Nikolai Danilévski passaram aos estudos etnográficos (*Rússia e Europa*, 1871), abandonando, pelo menos parcialmente, a base ortodoxa de suas concepções e dando ênfase agora ao aspecto natural-etnográfico.

Segundo essa nova visão “pan-eslavista”, os eslavos de todas as tribos, liderados pelos russos, deveriam se abster de buscar ser um modelo para todo o mundo cristão e se preocupar com sua própria civilização eslava.

Grande destaque entre os pensadores russos do século 19 adquiriu Vladimir Solovióv e sua filosofia religiosa. Para Solovióv, a “ideia russa” consistiria na unificação das Igrejas e na construção de um império liberal-teocrático que fundamentaria a cristianização das relações políticas e sociais, abrindo assim a possibilidade de realização do ideal sagrado sobre a Terra. O “porvir espiritual da Rússia” consistiria na repulsa ao misticismo, ao humanismo e ao naturalismo e na afirmação do princípio divino na vida material,

[...] unindo à fé em Deus a fé no Deus-Homem e na Mãe de Deus (Virgem Maria). Assimilada de modo instintivo e semiconsciente pelo povo russo na época do seu batismo, essa ideia da trindade cristã deve ser a base também para o desenvolvimento espiritual consciente da Rússia, relacionado aos destinos de toda a humanidade. (SOLOVIÓV, 2013, p. 536)

Após 1917, a discussão sobre a “ideia russa” assumiu novos contornos. Evidentemente, a Revolução de Outubro não foi bem vista pelos eslavófilos, embora sua vertente mais esotérica a tenha encarado como uma prova do caminho especial russo, que ia da “morte à ressurreição e salvação” (WALICKI, 2012, p. 98). Nikolai Trubetskói, por exemplo, afirmava que a Revolução de Outubro tinha posto fim ao processo de “westernização” da Rússia, e reaberto o caminho da Eurásia, com a revalorização da influência positiva do jugo tártaro-mongol sobre a história russa. Por sua vez, Liev Karsávin (*Fontes e sentido do comunismo russo*, 1937) interpretava o bolchevismo como uma russificação do marxismo. Era crítico à formação soviética, obviamente, mas reconhecia as raízes profundamente russas da revolução. Já Nikolai Berdiáiev (*A ideia russa*, 1946), também, apesar de todas as suas diferenças com a Revolução de Outubro, reconhecia os méritos da sociedade soviética no que diz respeito à “russidade” (“русскость” – “russkost”) presente nela. De alguma forma, a Revolução de Outubro se mostrava coerente com o caráter intrinsecamente não-capitalista da sociedade russa. No polo oposto, Aleksandr Soljenítsin repudiava o bolchevismo, e dizia que a “russkost” não tinha nada a ver com o comunismo.

O fim da URSS criou uma espécie de vácuo ideológico e uma necessidade de auto-definição da nova sociedade saída da conturbada década de 1980. A discussão sobre a “ideia russa” saiu do âmbito dos debates acerca da “formação econômica e social” (capitalista ou

comunista) e passou a ser associada com a busca pela identidade nacional, pela recuperação dos valores tradicionais perdidos ou abandonados nos anos de turbulência. Especial atenção merece a obra de Arseni Gulíga (*A ideia russa e seus criadores*, 1995). Esse livro se diferencia amplamente da monografia de Berdiáiev por analisar exclusivamente pensadores religiosos, negando completamente toda a tradição laica. Ao mesmo tempo, Gulíga dedica uma parte importante de sua obra ao filósofo conservador emigrado Ivan Ilín, que sequer é citado por Berdiáiev em seu livro (WALICKI, 2012, p. 99)²⁰⁴.

Com a crise ideológica que acompanhou o colapso social e político dos anos 1990, a “ideia russa” acabou se tornando uma generalidade que passou a servir a muitos papéis e a diferentes forças políticas, muitas vezes contraditórias. Nesse sentido, são interessantes as elaborações de Guennadi Ziugánov, líder do Partido Comunista da Federação Russa, principal agremiação política saída do antigo PCUS. Para ele, o comunismo russo de tipo patriótico é uma ideia presente em toda a história do povo russo, é a “ideia russa” por excelência. Politicamente, Ziugánov é um nacionalista moderado, defensor de um caminho próprio russo, distinto tanto do capitalismo liberal, quanto do comunismo do século 20. Segundo sua concepção tipicamente eurasianista, a missão da Rússia consistiria na liderança do espaço eurasiático e na afirmação de sua soberania interna.

A versão mais extrema de um nacionalismo imperial russo pode ser encontrada em Aleksandr Dúgin, ideólogo neoeurasianista da assim chamada “quarta teoria política”, que, segundo sua concepção, deve ser constituída em alternativa ao liberalismo, socialismo e fascismo. Dúgin é considerado pela maioria dos pesquisadores um pensador de extrema direita, com uma visão política próxima do fascismo e ferrenho inimigo do que ele chama de “globalismo” ou “civilização atlântica” que ameaça permanentemente o destino da Rússia. Seu objetivo é uma “revolução conservadora” que afirme a Rússia como uma superpotência eurasiática e mundial.

5.2 O PATRIOTISMO COMO NOVA “IDEIA RUSSA”

²⁰⁴ A filosofia de Ivan Ilín vive um relativo renascimento na Rússia contemporânea desde que Vladimir Pútín passou a citar com certa frequência passagens de seus trabalhos. Entre 1993 e 2008 foram publicados 28 tomos de suas *Obras*. Em 2005, os restos mortais de Ilín e sua esposa foram transferidos da Suíça para o Monastério Donskoi, em Moscou, e enterrados junto à sepultura do general do Exército Branco Anton Deníkin. Em 2006 a biblioteca pessoal de Ilín foi incorporada ao setor de livros raros da Biblioteca da Universidade Estatal de Moscou. Ver, por exemplo: <https://svpressa.ru/politic/news/106134/> e <https://svpressa.ru/politic/news/106134/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

Os anos 2000 se caracterizam por uma virada decisiva no debate sobre a “ideia russa”. Essa reviravolta é provocada pela entrada em cena do Estado russo, que passa não somente a defender certas posições, mas sobretudo a *agir* em benefício de uma determinada visão: a retomada do patriotismo e da ideia de um caminho e um destino nacional russos.

Durante os anos 1990, a identidade russa era expressa principalmente pelo termo “rossianin” (“россиянин”), que denota o cidadão da Federação Russa, mas não indica o pertencimento étnico do indivíduo. Essa identidade estava de acordo com o espírito liberal da era Iéltsin e até certo ponto substituíra com sucesso o termo “soviético”, que também não indicava o componente étnico, sendo portanto um termo mais inclusivo e democrático (LARUELLE, 2018b). Com o passar do tempo (primeiro mandato de Vladimir Pútín) e com a revalorização dos símbolos patrióticos do passado (hino soviético e bandeira tricolor), o termo “rossianin” passou a ser cada vez mais questionado e caiu em desuso, sendo paulatinamente substituído pelo termo “ruski” (“русский”), ou russo étnico. O “Rossiiskoe Gosudarstvo” (“Estado da Federação Russa”) passou a atuar cada vez mais como “Russkoe Gosudarstvo” (“Estado Russo”), o que refletia uma mudança nos próprios objetivos do discurso público. O termo “rossianin” foi denunciado pelos nacionalistas russos, que o consideravam parte de um plano para “desrussificar” o Estado, submetendo os russos étnicos (maioria) à vontade das nacionalidades minoritárias.

Ao que tudo indica, a proposta de que o patriotismo se tornasse a nova “ideia russa” foi feita pela primeira vez por Pútín em 2003, ainda na segunda metade de seu primeiro mandato. Na época, após uma visita ao vilarejo de Stáraia Ládoga²⁰⁵, o presidente apresentou sua formulação de nova ideia nacional: “O patriotismo deve se tornar a ideologia unificadora da Rússia”. (2003 apud KALÍNIN, 2011a). Para Pútín, isso não significava qualquer ruptura com o Ocidente, mas simplesmente que a partir de agora os russos deveriam abandonar o complexo de inferioridade característico dos anos 1990 (“Что с нами не так?” – “O que há de errado conosco?” – Cf. item 2.10 da presente tese) e adotar o orgulho nacional como atitude fundamental diante de si mesmos e do mundo. Toda e qualquer relação com o Ocidente deveria se dar sobre essa base.

O patriotismo como ideologia central e unificadora da nação foi também tema da Mensagem à Assembleia Federal (Duma de Estado + Conselho da Federação), proferida por Dmitri Medvêdiev em 2008. Em um discurso de caráter estratégico e profundamente programático, o então presidente russo formulou com mais detalhes o que considerava ser o

²⁰⁵ Vilarejo próximo a São Petersburgo e considerado a primeira capital da Rus do norte.

centro do conceito de patriotismo. Referindo-se aos valores imutáveis que constituíam a essência da vida russa, disse:

Patriotismo. Junto com um olhar sóbrio e crítico sobre a nossa história e o nosso presente nem um pouco ideal. Em quaisquer condições, trata-se do amor para com a Rússia, o profundo apego à terra natal, à nossa grande cultura. Esses são os nossos valores, esses são os pilares de nossa sociedade, nossos guias morais. Mas falando mais diretamente, tais são as coisas evidentes e compreensíveis para todos, sobre as quais o entendimento comum nos torna um povo único, a Rússia. (MEDVÊDIEV, 2008)

Como se vê, o conceito aqui proposto é profundamente emocional (“amor”, “apego”). Ao mesmo tempo, Medvêdiev defende “um olhar sóbrio e crítico” sobre a história russa. Veremos mais adiante como essa visão (auto) crítica não se manteve por muito tempo e acabou sendo substituída por uma abordagem acrítica e meramente sentimental da história nacional.

O recurso ao passado cumpre um papel tanto interno quanto externo. Internamente, ele serve para coesionar a nação em torno de um líder carismático que promete o retorno aos tempos de glória. Externamente, serve para manter na órbita de influência da Rússia regiões que outrora foram parte da União Soviética, mas que hoje se encontram em certa crise econômica, social ou política e buscam uma saída. Para Protasenko (2014, p. 23), a nostalgia pelo passado soviético jogou um papel muito importante na reanexação da Crimeia pela Rússia em 2014, já que uma parte significativa da população da península lembrava “dos tempos gloriosos” da URSS e ansiava pelo retorno de um passado em que “éramos todos unidos”. O mesmo ocorre com os habitantes da bacia do Rio Don, as chamadas República Popular de Donetsk e República Popular de Lugansk, que hoje estão em luta contra o governo central ucraniano e que também sonham com a unificação com a Rússia.

Em relação à Crimeia em particular, vale a pena observar que Pútín apresentou duas explicações independentes (e em certo sentido complementares) para a sua reanexação. Diante da imprensa internacional, o presidente russo costuma oferecer uma explicação jurídica formal, baseada no direito internacional. Segundo Pútín, a reanexação da Crimeia à Rússia foi legítima porque teve como base um plebiscito realizado na península em março de 2014, no qual mais de 96% dos votantes foram favoráveis à proposta. No entanto, diante do público interno, Pútín prefere uma outra explicação, baseada no direito histórico da Rússia à região. Na Mensagem à Assembleia Federal de 2014, o presidente russo assim explicou as

razões de sua política para a Crimeia:

[...] na Crimeia vive a nossa gente, e o próprio território tem importância estratégica porque exatamente ali se encontra a fonte espiritual que formou a nação russa, multifacetada e monolítica ao mesmo tempo, bem como o Estado russo centralizado. Pois foi justamente ali, na Crimeia, na antiga Quersoneso, ou, como a chamavam os antigos cronistas russos, Korsun, que o príncipe Vladimir foi batizado e depois batizou toda a Rus. Junto com a proximidade étnica, idiomática e cultural, junto com a então nascente atividade econômica comum, ainda que em um território não totalmente definido por fronteiras sólidas, e junto com o poder do príncipe, o cristianismo foi uma enorme força espiritual unificadora, que permitiu incluir na formação da nação russa unificada e do Estado russo as mais diversas tribos e uniões tribais de todo o mundo eslavo oriental. E exatamente nesse território nossos antepassados, pela primeira vez e para sempre, se perceberam como um único povo. E isso nos permite afirmar que a Crimeia, a antiga Korsun, Quersoneso, Sebastopol possuem para a Rússia um enorme valor civilizacional e religioso, da mesma forma que o Monte do Templo em Jerusalém para aqueles que professam o islã ou o judaísmo. É exatamente assim que nós vamos encarar a questão de agora em diante e para sempre. (PÚTIN, 2014)

Notemos, portanto, que a explicação interna de Pútín para a reanexação da Crimeia é baseada em argumentos históricos (origem do Estado russo), culturais (idioma) e religiosos (batismo da Rus pelo príncipe Vladimir). Como se vê, em nenhum momento o argumento jurídico é trazido à tona, pois o direito da Rússia à região seria muito anterior a qualquer referendo e superior a qualquer “formalidade” representada pela fronteira estatal.

Da mesma forma, o apoio político e logístico dado pela Rússia às repúblicas populares de Donetsk e Lugansk é apresentado como defesa “da população irmã” do sudeste ucraniano, próxima da Rússia culturalmente. A questão é colocada em termos de defesa do idioma russo, da ortodoxia moscovita e do direito da população de preservar sua própria identidade cultural, identidade essa que faz da bacia do rio Don uma região mais russa do que ucraniana (KALÍNIN, 2015b).

Ou seja, tanto no caso da Crimeia quanto da República Popular de Donetsk e da República Popular de Lugansk, a cultura (a memória, o passado comum) justifica as ações do Estado. Se a história russa se caracteriza por uma constante ampliação das terras e por uma permanente incorporação pacífica e harmônica de outros povos, ela é a base ideal da geopolítica²⁰⁶.

²⁰⁶ Observemos que a “virada nacionalista” de Pútín é um fenômeno de meados dos anos 2000, não estando presente, portanto, em todo o período de seu governo. Ao contrário, os primeiros anos de sua gestão se caracterizam por certa tentativa de aproximação com o Ocidente. É sobretudo com seu famoso “discurso de

5.3 A POLÍTICA CULTURAL E O NOVO CONCEITO DE CULTURA

Uma vez definido que o patriotismo é a nova ideia nacional, todo o aparato de Estado russo se voltou para a implementação dessa política na prática. Aleksei Ponko, chefe da Direção Central de Organização e Inspeção do Ministério da Cultura entre 1975 e 1990, em artigo de destaque no site do Ministério da Cultura da Federação Russa, reflete sobre as tarefas centrais do ministério no novo contexto de promoção patriótica. Segundo ele, os meios e possibilidades do Estado devem ser dirigidos, em primeiro lugar, para a criação de obras patrióticas na pintura, literatura, música, teatro e arte popular. Isso é assim porque

[...] a sociedade russa se encontra dispersa, não há no país uma ideia consolidadora, capaz de unir a sociedade. É evidente a desunião da sociedade também na esfera espiritual. A cultura deve ajudar a unir a sociedade dividida, possibilitar a elaboração de uma ideia unificadora. A cultura deve ajudar na elaboração das perspectivas de desenvolvimento do próprio poder estatal. [...]

A cultura pertence um dos papéis principais na educação patriótica e cidadã do povo. Não há atualmente nada mais importante para a cultura do que direcionar todas as suas forças e meios disponíveis para a educação patriótica das pessoas, para sua mobilização rumo ao renascimento da Rússia. [...]

No presente momento, somente o patriotismo pode se tornar um fator unificador, a força principal capaz de unir a Rússia multinacional e direcioná-la para o renascimento, para o impulso rumo ao futuro. Hoje cresce como nunca na sociedade a demanda pelo patriotismo. Somente sobre a base dos valores patrióticos e de justiça social – razões da unidade e grandeza nacional – é possível o renascimento da Rússia. (PONKO, 2013)

O artigo de Ponko é extremamente interessante, pois apresenta em detalhes toda a política cultural que vem sendo aplicada na Rússia desde pelo menos meados dos anos 2000. Para ele, a produção cultural, para que possa servir aos fins patrióticos propostos, necessita de uma inteligente e ao mesmo tempo intensa regulamentação. Naturalmente, tal regulamentação não pode se dar por meio da simples proibição ou repressão, mas sim pelo aumento do nível da crítica profissional, apoio estatal, incentivo e divulgação dos melhores exemplos da “grande cultura” que correspondam a “elevados critérios espirituais, morais e profissionais da arte”. Ponko chama a atenção para o fato de que o Ministério da Cultura deve estar atento “à penetração na cultura da permissividade, do mal, da violência, da imoralidade, da falta de

Munique” (2007) que ocorre a virada nacionalista na política, provocada pelos eventos na Ucrânia (2004). Em 2008 essa virada se consolida, o que se expressa na guerra com a Geórgia.

espiritualidade, enfim, de tudo que macula a personalidade humana e a Pátria” (PONKO, 2013).

Mais adiante, Ponko reafirma a ideia de que a cultura da Rússia, entendida como “passado comum” e “tradições seculares”, determina em grandes linhas o próprio futuro do país. Consonante com essa ideia, defende que a política cultural deve trabalhar pela “junção e unificação das forças vitais interessadas na renovação espiritual do povo” (PONKO, 2013).

Por fim, Aleksei Ponko reflete sobre o novo papel da Igreja Ortodoxa na promoção do patriotismo. Para ele, a Igreja e o Ministério da Cultura devem trabalhar em estreita colaboração, já que “A religião é uma aliada da cultura, uma de suas partes constitutivas que se ocupa da educação espiritual das pessoas. É necessário um diálogo constante entre a cultura e a Igreja, que durante muitos séculos preservou e desenvolveu as tradições da espiritualidade” (PONKO, 2013).

Como se vê, estamos lidando não somente com uma nova política cultural, mas com um *novo conceito de cultura*, entendida a partir de agora como cerne da oposição “nós / eles”. A cultura deixa de ser um espaço heterogêneo, formado pelo movimento contraditório da história, e passa a representar uma mera acumulação de objetos, crenças e costumes que precisam ser transmitidos às novas gerações. O passado dramático e diverso transforma-se em um grandioso e unitário “legado” (KALÍNIN, 2011b), destituído de pensamento crítico, porém imbuído de uma profunda fé na generosidade e no heroísmo do povo e, consequentemente, no destino glorioso da nação.

A relação entre Estado e cultura reflete a relação entre Estado e sociedade civil, dado que a primeira é um âmbito particular da segunda. Para Marx, esse é exatamente o ponto em que as sociedades democráticas se diferenciam das sociedades autoritárias. Nas sociedades democráticas, a sociedade civil (e consequentemente a cultura, as artes, a literatura) é uma esfera relativamente independente do Estado, vista como uma espécie de campo alternativo e submetida a leis específicas de desenvolvimento. Nas sociedades autoritárias, ao contrário, tal independência não existe e o Estado domina a sociedade civil e, por essa via, o próprio cidadão:

Em todos os Estados que diferem da democracia o que domina é o *Estado*, a *lei*, a *constituição*, sem que ele domine realmente, quer dizer, sem que ele penetre materialmente o conteúdo das restantes esferas não políticas. Na democracia, a constituição, a lei, o próprio Estado é apenas uma autodeterminação e um conteúdo particular do povo. (MARX, 2010, p. 51)

Ilia Kalínin (2015a) faz uma interessante analogia ao afirmar que o monopólio estatal da cultura se assemelha ao monopólio estatal dos recursos naturais e que o Estado russo frequentemente utiliza a cultura exatamente como um “recurso natural”, ou seja, como uma reserva passiva que serve como arma da política externa e reguladora da política interna. Em outras palavras, a nova política cultural retira da cultura sua especificidade de espaço de criação de sentidos e a transforma em política pura, em função de Estado. O resultado é que o povo se aliena da cultura e transforma-se em mero receptáculo de valores culturais previamente estabelecidos e aprovados pelas estruturas de poder (“valores tradicionais”). Nesse contexto, qualquer tentativa de “acesso não autorizado” (KALÍNIN, 2013) à cultura é vista como “falsificação da história” e manifestação da guerra cultural em curso com o Ocidente. A liberdade artística, igualmente, é válida somente nos casos em que promova a unidade da nação.

Ainda segundo Kalínin (2015a), o objetivo fundamental do Estado russo é o controle social da população através da cultura, sobretudo em condições de agudização da crise econômica e civilizacional. Isso torna-se possível porque o pertencimento à cultura russa como nova ideia nacional permite atenuar as diferenças étnicas, sociais e religiosas existentes hoje na sociedade e colocar o Estado como árbitro supremo dos possíveis conflitos. Note-se ainda que, nesse contexto, o “russo” não diz respeito unicamente ao étnico ou cultural, mas remete ao *civilizacional*, e implica portanto que o passado deve triunfar sobre o presente:

A política cultural é uma política para os pobres, excluídos social e politicamente. Nesse sentido, ela tem algumas vantagens. Em primeiro lugar, ela custa relativamente pouco. Em segundo lugar, refere-se a valores que se posicionam como inalienáveis e de acesso universal: você não tem um apartamento amplo, mas em compensação tem valores familiares tradicionais; você não tem automóvel, mas tem a grande língua russa (que, como se sabe, “leva até Kiev”²⁰⁷); você não pode trocar Pútín por outro, mas tem Púchkin; você tem um salário pequeno, mas é herdeiro da grande cultura russa e mesmo que você não tenha trabalho, pelo menos tem o orgulho nacional e a sexualidade normativa. (KALÍNIN, 2015a)

Diante do exposto, concluímos que a política de regulamentação e promoção cultural é a principal ferramenta utilizada pelo Estado russo no fortalecimento do sentimento patriótico,

²⁰⁷ Referência ao ditado popular russo “Язык до Киева доведет” (“A língua leva até Kiev”), correspondente ao nosso “Quem tem boca vai a Roma”.

na busca e estabelecimento de uma nova “ideia russa”. Analisemos agora um aspecto específico dessa relação, qual seja, a relação do Estado russo com a história.

5.4 UMA NOVA VISÃO SOBRE A HISTÓRIA

Como vimos nos capítulos anteriores²⁰⁸, nos anos 1990, os esforços de construção de uma nova ideia nacional russa passavam pela tentativa de restabelecer os laços históricos com o passado imperial, o que se expressava na produção cultural da época (filmes e seriados que valorizavam o período tsarista, documentários históricos sobre o império russo etc.) e na transformação do espaço urbano (mudança dos nomes de ruas e praças, reconstrução da Igreja de Cristo Salvador, monumento a Pedro, o Grande etc.). Segundo essa visão, o período soviético era visto como um breve “acidente”, uma página dolorosa da história que precisava ser superada o mais rápido possível.

A valorização do “soviético” na memória popular a partir da segunda metade dos anos 1990 deveria ter significado, simetricamente, a desvalorização do “imperial”, já que esses dois períodos parecem se opor desde o ponto de vista lógico e histórico. Mas isso não ocorreu. Entra em cena aqui uma nova concepção da história russa defendida e colocada em prática pelo Estado. Segundo essa nova concepção, todos os períodos históricos vividos pela Rússia são dignos de serem lembrados e é preciso ter orgulho de todos eles, independentemente de sua natureza e características. Os russos não precisam mais escolher entre o passado soviético e o período imperial. Podem ter e exaltar ambos. A partir de agora a história do povo russo é única e indivisível, e seus diferentes períodos não significam qualquer ruptura de qualidade, visto que o fundamental – a nação e o solo russo – seguiram existindo em todos eles. Trata-se de uma concepção de história linear, não-contraditória, em que cada período histórico não é específico em relação ao anterior ou seguinte. Ao contrário, todos se alinham perfeitamente em uma narrativa de heroísmo e grandeza que desemboca aonde sempre esteve destinada a desembocar: na Rússia contemporânea e futura (que será gloriosa, pois repetirá a glória do passado).

Em dezembro de 2012, na sua Mensagem à Assembleia Federal, Pútín assim resumiu essa nova concepção de história:

²⁰⁸ Cf. ítem 3.1 da presente tese.

Para o renascimento da consciência nacional, devemos unir as épocas históricas em uma só, e voltar à compreensão da simples verdade de que a Rússia não nasceu em 1917 e nem mesmo em 1991, de que nós temos uma história milenar única, indivisível, através da qual obtemos força interior e damos sentido ao desenvolvimento nacional. (PÚTIN, 2012)

Como se vê, trata-se de uma tentativa de atingir a unidade nacional superando os debates do passado e as antigas divisões políticas e ideológicas, que passam a ter nenhuma ou quase nenhuma importância diante do principal fato: ser russo e pertencer a essa grande e heroica cultura. A história se vê, assim, neutralizada como objeto e experiência ideológica específica, existindo somente em sua faceta abstrata de “passado comum”. Da mesma forma, e como consequência do anterior, o “soviético” é valorizado, mas perde todo o seu conteúdo de sociedade alternativa ao capitalismo, tornando-se simplesmente parte da “herança histórico-cultural”, que compõe a bagagem comum e inalienável da atual cultura russa. Nesse contexto, ele (o “soviético”) não é um recurso político ou ideológico prioritário em comparação com outros períodos históricos, como aparece muitas vezes em análises superficiais, mas apenas um entre tantos outros recursos disponíveis. Ou seja, não se trata da “sovietização da sociedade russa”, mas sim, ao contrário, da *domesticação* do passado russo (inclusive o passado soviético) em benefício do *status quo* presente. O princípio fundamental dessa nova concepção de história é visível e compreensível para todos: a “cultura nacional” (passado abstrato) é mais importante do que a história das lutas políticas; a lealdade à pátria é mais importante do que quaisquer “controvérsias”. Tal proposta ideológica permite a Pútín ampliar sua base política, ao operar tanto sobre o eleitorado comunista e de esquerda, que reivindica o passado soviético, quanto sobre o eleitorado conservador ortodoxo, que considera, ao contrário, que a verdadeira Rússia se encontra no período tsarista e imperial.

Se os períodos históricos perdem a sua especificidade política e ideológica, o mesmo acontece com figuras históricas e fatos determinados, que podem a partir de agora ser agrupados em uma mesma fileira lógica sem qualquer delimitação. Em 2005 o já citado cantor popular Oleg Gazmánov lançou uma canção que faria grande sucesso na Rússia. “Feito na URSS” (“Сделан в СССР”), uma espécie de resposta tardia ao hit patriótico “Born in the USA” (1984), do cantor norte-americano Bruce Springsteen, fazia um inventário do que era ser soviético²⁰⁹:

Ucrânia e Crimeia, Belarus e Moldávia –

²⁰⁹ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=coeH02wg4IE>. Acesso em: 06 jul. 2020.

Esse é o meu país.
 Sakhalin e Kamtchatka, Montes Urais –
 Esse é o meu país.
 Krasnaiarsk, Sibéria e Vale do Volga,
 Cazaquistão e Cáucaso, e o Báltico também...
 Eu nasci na União Soviética,
 Sou feito na URSS
 Ríuriks, Románovs, Lênin e Stálin –
 Esse é o meu país.
 Púchkin, Iessiênin, Visotski, Gagárin –
 Esse é o meu país.
 Igrejas destruídas e novas catedrais,
 A Praça Vermelha e a construção da BAM²¹⁰
 Ouro olímpico, competições e vitórias –
 Esse é o meu país.
 Júkov, Suvórov, colheitadeiras e torpedos –
 Esse é o meu país.
 Oligarcas e miseráveis, poder e destruição,
 KGB, MVD²¹¹ e ciência de ponta...
 Glínka, Tolstói, Dostoiévski, Tchaikóvski,
 Vrubel, Chaliápin, Chagal, Aivazóvski.
 Petróleo e diamantes, ouro e gás,
 Marinha, VDV²¹², VVS²¹³ e tropas especiais.
 Vodca, caviar, Hermitage e foguetes,
 As mais belas mulheres do planeta,
 Xadrez, ópera, o melhor balé.
 Diga onde existe algo que nós não temos?!
 Até a Europa se uniu,
 Juntos, nossos antepassados lutaram em batalha.
 Juntos, vencemos a Segunda Guerra Mundial.
 Juntos, somos o maior país do mundo.
 As fronteiras sufocam, não se vai a lugar algum sem um visto.
 Digam, amigos, como anda a vida sem nós?

Analisemos um pouco mais detidamente o conteúdo da canção. Chama a atenção o fato de que Gazmánov agrupa em um mesmo verso figuras e fatos que pareceriam absolutamente incompatíveis do ponto de vista histórico e ideológico: “Ríuriks, Románovs, Lênin e Stálin” (duas dinastias autocráticas e dois governantes do período soviético, que exatamente pôs fim à autocracia), “igrejas destruídas e novas catedrais” (a iconoclastia típica dos primeiros anos do período soviético e o culto à religião dos anos 1990 e 2000), “Júkov, Suvórov” (um general soviético e um general tsarista), “KGB, MVD e ciência de ponta” (instituições repressivas e ciência) etc. É claro que o agrupamento de elementos contraditórios por Gazmánov é proposital, mas isso apenas fortalece nossa hipótese: todos esses elementos podem ser

²¹⁰ Estrada de Ferro Baikal-Amur (Байкало-Амурская Магистраль), na Sibéria Oriental.

²¹¹ Ministério do Interior (Министерство Внутренних Дел)

²¹² Tropas Aerotransportadas (Воздушно-Десантные Войска)

²¹³ Aeronáutica (Военно-Воздушные Силы)

agrupados porque *não possuem conteúdo específico*, são todos parte indistinta do que é “ser russo” ou “ser soviético”, independentemente das preferências ideológicas do ouvinte.

Interessante observar que essa concepção de um passado linear e não-contraditório, que agrupa em uma mesma fileira elementos de épocas históricas opostas, não surgiu com Pútín. Na verdade, trata-se da reciclagem de uma ideia levantada por Stálin no início da Grande Guerra Patriótica. Em seu famoso discurso de 7 de novembro de 1941 na Praça Vermelha, perante as tropas que se dirigiam ao fronte, Iosif Vissariónovitch disse:

A guerra que vocês estão travando é uma guerra libertadora, uma guerra justa. Que sirva de inspiração para vocês nesta guerra a imagem corajosa dos nossos grandes ancestrais – Aleksandr Névski, Dmitri Donskói, Kuzmá Mínin, Dmitri Pojárski, Aleksandr Suvórov, Mikhail Kutúzov! Que a bandeira vitoriosa do grande Lênin vos proteja! (STÁLIN, 1997, p. 85-86)

É verdade que a Grande Guerra Patriótica foi uma guerra libertadora e justa. Esse fato está fora de questão. O interessante aqui são as palavras seguintes de Stálin. Como se vê, não se trata mais da defesa da “pátria *socialista*”, como nos tempos da Guerra Civil, nem muito menos da defesa da revolução proletária ou de uma determinada formação econômico-social alternativa ao capitalismo, mas sim da defesa da pátria *em geral*, para a qual não importa o sistema político ou econômico. É por isso que a “bandeira vitoriosa do grande Lênin” pode ser agregada aos nomes dos generais tsaristas e heróis patrióticos. Se para os bolcheviques dos primeiros anos pós-revolução o passado russo era caracterizado pelo atraso, miséria e ignorância, para Stálin, esse mesmo passado se caracteriza pela glória e pelo patriotismo. Todos os personagens fazem parte de uma mesma genealogia de defensores do povo russo e seu solo²¹⁴.

Vemos, portanto, que o objetivo do Estado russo ao promover a nostalgia soviética não é o orgulho soviético em específico, mas o orgulho patriótico *em geral*, no qual o “soviético” entra como mais uma das partes componentes. Como resume Ilia Kalínin (2011a):

Nós estamos lidando não com a nostalgia pura ou com a intenção de retornar o objeto perdido, mas com uma política voltada para a recodificação positiva da nostalgia pelo passado soviético rumo a um novo patriotismo russo, para o qual o *soviético* se encontra praticamente privado de qualquer especificidade histórica, sendo parte da herança cultural geral que, de forma cômica, sequer diferencia sua própria heterogeneidade.

²¹⁴ Observemos que a agitação bolchevique dos tempos da Guerra Civil incorporou vários argumentos patrióticos, ao lado dos argumentos socialistas e revolucionários. No entanto, o discurso de Stálin parece ter levado esse procedimento a um patamar qualitativamente superior.

Assim, o objetivo do Estado é construir uma versão *nacional* da história que não anule, e sim confirme os valores positivos tanto do passado imperial quanto do passado soviético. Nesse contexto, o passado soviético possui importância porque constitui a realização dos princípios fundamentais alojados desde o início na história do povo russo: plurinacionalismo, unitarismo, monolitismo, Estado forte etc. Mas nada além disso.

Não há, portanto, qualquer razão para temer uma “sovietização” da sociedade russa (pelo menos no sentido ideológico e de formação econômica e social). Ao contrário, toda a aposta da atual direção do Estado consiste em “digerir” o passado soviético de maneira que ele se assemelhe cada vez mais à história antiga e não ofereça nenhum perigo. O objetivo não é estabelecer a verdade histórica ou promover a reflexão racional sobre um período dramático e contraditório, mas, ao contrário, transformar a *história* soviética (ruptura) em *passado* soviético (continuidade), ou seja, fazer do “soviético” um “lugar seguro” (KALÍNIN, 2011b, p. 159). Com essa operação, a história deixa de ser um espaço de discussão política para se transformar em um conjunto determinado de objetos museais herdados e organizados de acordo com a agenda política do dia. A continuidade fundamental a que se refere tal concepção de história é a continuidade do solo e da vida do povo sobre ele. Vista desde essa perspectiva profundamente conservadora, a história torna-se a reprodução permanente de um mesmo objeto (solo) e o sujeito da história (povo) está condenado ao eterno retorno ao passado (valores tradicionais, grandeza).

Em 2005, em sua Mensagem à Assembleia Nacional, Vladimir Pútín (2005) disse:

“[...] o fim da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século. Já para o povo da Rússia, foi um verdadeiro drama. Dezenas de milhões de nossos concidadãos e compatriotas se viram fora dos limites do território da Rússia. A epidemia da desagregação, além disso, atingiu a própria Rússia”.

Muitos pesquisadores citam essas palavras de maneira incompleta ou sem se deter sobre seu significado mais profundo. Não se trata de uma mera expressão de nostalgia (“catástrofe”, “drama” do fim da União Soviética), como em geral se pensa. Isso está presente, mas não é o principal. Aqui, o mais interessante é a terceira oração, onde Pútín explica *porque* o fim da URSS foi uma catástrofe: exatamente porque as pessoas se viram *fora do território da Rússia*, ou seja, o solo se viu *descontinuado*, o que não corresponde à ideia mítica do território que apenas e sempre se expande. Além disso, a própria Federação Russa se viu ameaçada de

fragmentação (Guerra da Tchetchênia). Justamente por isso o fim da União Soviética foi uma catástrofe de tipo específico: *geopolítica*, antes de mais nada. Aqui, talvez mais do que em qualquer outra citação de Pútín, se expressa sua verdadeira visão sobre os fatos ocorridos no final dos anos 1980-início dos anos 1990 na Rússia.

Essa concepção de história que vê a si mesma como continuidade e retorno permanentes tem certos inconvenientes. Isso é assim porque alguns períodos ou fatos particularmente dramáticos do passado russo são de difícil “digestão” e não se enquadram no esquema de história linear e não-contraditória formulada pelo Estado. É o que ocorre, por exemplo, com a participação russa na Primeira Guerra Mundial, em particular depois que os bolcheviques assumiram o poder em outubro de 1917. A política bolchevique de paz imediata seria “antipatriótica” e portanto incompatível com o espírito da história russa em geral. Seria um “acidente” que de forma alguma pode se repetir. Em resposta às perguntas dos membros do Conselho da Federação em 27 de junho de 2012, Pútín assim se referiu aos resultados da política leninista em relação à guerra: “Nosso país perdeu essa guerra [Primeira Guerra Mundial] para o lado perdedor. Uma situação única na história da humanidade! [...] E isso foi o resultado da traição nacional da então liderança do país”²¹⁵. Mais tarde, no discurso de inauguração do monumento aos Heróis da Primeira Guerra Mundial em Moscou, em 1º de agosto de 2014, o presidente russo foi no mesmo sentido: “A vitória foi roubada do nosso país. Roubada por aqueles que chamavam à derrota de sua pátria, do seu exército, que disseminavam o conflito dentro da Rússia, que queriam tomar o poder traindo os interesses nacionais”²¹⁶. Lênin não é citado, mas a referência é clara. O fundador do Estado soviético não se encaixa no esquema linear da história putinista porque sua atitude é “antipatriótica”, e significa uma profunda ruptura em relação à história anterior.

O mesmo problema com a Primeira Guerra Mundial é enfrentado em relação à Revolução de 1917, tanto a de Fevereiro quanto a de Outubro. Ora, se a história é linear, destituída de ruptura, isso quer dizer que as reviravoltas revolucionárias são uma aberração, em geral fruto de processos externos, intervenção, influência e até mesmo financiamento estrangeiro. Em Mensagem à Assembleia Nacional em dezembro de 2016, Pútín assim se referiu ao centenário da Revolução de Outubro, que seria comemorado ao longo de 2017:

²¹⁵ Ver: <https://iz.ru/news/528739>. Acesso em 07 jul. 2020.

²¹⁶ Ver: <http://www.kremlin.ru/events/president/news/46385>. Acesso em 07 jul. 2020.

É inadmissível promover a ruptura, o ódio, a ofensa e o acirramento do passado em nossa vida atual; especular, em nome de interesses políticos próprios e de outros tipos, com a tragédia que atingiu praticamente todas as famílias da Rússia, independente do lado das barricadas no qual se encontravam nossos ancestrais. Vamos nos lembrar: somos um povo único, somos um povo só e a Rússia é o nosso bem comum. (PÚTIN, 2016)

Observemos desde já que a Revolução Russa foi, segundo Pútín, uma “tragédia”, diferente, portanto, do conjunto da história russa, onde o que predomina são os elementos positivos. A atitude de Pútín parece contraditória porque, segundo sua concepção de história, o período soviético é tão legítimo e dotado de patriotismo quanto qualquer outro, mas o ato fundador desse mesmo regime, a Revolução de Outubro, é condenada e classificada como “tragédia”. Na verdade, a contradição é apenas aparente: ora, se o passado que nos interessa é aquele que nos une, então o passado que nos divide deve ser esquecido, é parte dos acidentes inevitáveis (e sobretudo indesejáveis) da história. Quanto mais utilitária é a relação com o passado, mais seletiva é a sua abordagem (BOYM, 2013).

Cabe observar também que o conservador Pútín foi muito além do liberal Iéltsin na luta por apagar a Revolução Russa da memória do povo. Ao longo de toda a década de 1990, o 07 de novembro foi feriado nacional, como havia sido durante o período soviético. É bem verdade que em 1996 Iéltsin editou um decreto que renomeava a data para “Dia da Concórdia e Pacificação” (“День Согласия и Примирения”), ao invés de “Dia da Revolução Outubro”, mas ainda assim mantinha o feriado. Foi uma tentativa de ressignificar a efeméride, mas que acabou não dando muito certo, já que todas as comemorações populares seguiam referindo-se à Revolução de Outubro como fato fundamental da história. Pútín, por sua vez, acabou definitivamente com o feriado em 2004 e instituiu em seu lugar o “Dia da Unidade Popular” (“День Народного Единства”) no dia 04 de novembro, data que marca a libertação de Moscou da dominação polonesa pelas tropas populares lideradas por Kuzmá Mínin e Dmitri Pojárski em 1612. A iniciativa de Pútín foi fruto de uma intensa articulação política feita nos bastidores do poder pelo Conselho Inter-religioso da Rússia, órgão que responde principalmente aos interesses da Igreja Ortodoxa. A proximidade das duas datas (04 e 07 de novembro) acentuou na população a sensação de que nada havia mudado e a proposta não encontrou grande resistência, a não ser por parte de alguns setores ligados aos diferentes partidos comunistas. Nesse contexto, permanecia o problema: o que fazer com o 07 de novembro? No calendário oficial, a data passou a marcar o aniversário da parada militar de 07 de novembro de 1941, ocorrida durante a Batalha de Moscou, e na qual Stálin fez o discurso

que citamos acima. A manobra de Pútín foi bem-sucedida, embora possuísse evidentes falhas, dado que o próprio desfile de 1941 só ocorreu no dia 07 de novembro exatamente porque esse é o aniversário da Revolução de Outubro.

Como dissemos acima, a relação do Estado russo com o período soviético é completamente distinta da relação com o ato que deu início a esse período, a Revolução de Outubro. Essa dificuldade em lidar com as rupturas do passado ficou evidente durante as comemorações dos 100 anos da Revolução Russa, em 2017. Uma vez que era impossível ignorar completamente a data, em 20 de dezembro de 2016 Pútín assinou uma ordem executiva²¹⁷ orientando a Sociedade Histórica Russa a formar um Comitê Organizador que preparasse uma série de atividades relacionadas ao centenário. Como resultado, o Comitê Organizador elaborou o seguinte quadro de atividades²¹⁸:

Atividade	Total
Exposições	17
Livros e publicações	20
Conferências, debates e projetos de pesquisas	29
Instalações de placas memoriais	3
Projetos em cinema, televisão e multimídia	10
Atividades em outros países	13
Atividades regionais da Sociedade Histórica Russa	14
Atividades extras	12
Total de atividades	118

Tabela 25 – Atividades relacionadas ao centenário da Revolução de Outubro. Fonte: Site da Sociedade Histórica Russa.

Como se vê, trata-se de um calendário de atividades bastante modesto, considerando a capacidade organizativa do Estado russo e a importância histórica da data. Ao que tudo indica, o esforço da Sociedade Histórica Russa se manteve em um mínimo indispensável para fazer marcar o aniversário, nada mais, nada menos. Segundo Boris Kolonítski e Maria Matskévitch (2017, p. 81),

²¹⁷ Ver: <http://publication.pravo.gov.ru/Document/View/0001201612200017?index=0&rangeSize=1>. Acesso em: 07 jul. 2020.

²¹⁸ Ver: <https://historyrussia.org/proekty/100-letie-revoljutsii-1917-goda.html>. Acesso em: 06 jul. 2020.

Nas altas esferas oficiais, o centenário da revolução de 1917 é praticamente ignorado, embora sejam permitidas discussões científicas e a realização de projetos expositivos e educativos. Os atores políticos quase não usam a memória da revolução, e no espaço público estão ausentes eventos relevantes ligados ao centenário. A história da revolução é considerada “passado não-utilizável”.

A situação não é melhor com a memória da Revolução de Fevereiro. O senso comum liberal frequentemente opõe a Revolução de Fevereiro à Revolução de Outubro, atribuindo à primeira um caráter “popular” e “legítimo”, enquanto a segunda teria sido um mero golpe de Estado organizado pelos bolcheviques contra a vontade o povo. Para o Estado russo, no entanto, a Revolução de Fevereiro é tão “condenável” quanto a de Outubro, ou talvez até mais, dado que é uma revolução *democrática*, contra um regime *político*, enquanto a Revolução de Outubro é uma revolução *social*. Nesse sentido, a Revolução de Fevereiro se assemelha perigosamente às “revoluções coloridas” que têm ocorrido em países próximos da Rússia, como a Ucrânia e a Geórgia, por exemplo. Tais revoluções são vistas pelo Estado russo desde o ponto de vista de concepções conspiracionistas, que atribuem todas as turbulências internas em qualquer país à influência estrangeira²¹⁹.

O resultado geral dessa política de memória é contraditório. Segundo as últimas pesquisas de opinião (2017), um número bastante expressivo de russos (45%)²²⁰ segue acreditando que a causa fundamental da Revolução de Outubro residu na “difícil situação do povo”, quer dizer, tem uma visão fundamentalmente racional sobre o evento. Por outro lado, 12% acham que a revolução se deveu à “conspiração dos inimigos do povo russo”, enquanto 7% culpam “o extremismo dos aventureiros políticos” pelo sucedido. Nessas duas últimas respostas é possível identificar claramente a influência da propaganda estatal a respeito da revolução. Interessante observar que, apesar da enorme campanha feita pelo Estado contra qualquer tipo de levante revolucionário, aumentou um pouco nos últimos anos o percentual de russos que tem uma relação positiva com a ideia de revolução. Ainda em 2017, por ocasião do centenário da Revolução de Outubro, o VTsIOM perguntou às pessoas: “Revoluções, como se sabe, ocorreram não somente na Rússia, mas também em outros países (Inglaterra, França, Alemanha etc.). Qual a sua relação com a revolução como evento histórico?” (Pergunta

²¹⁹ Ver os seriados russos “Trótski” (Dir. Aleksandr Kott, 2017) e “O demônio da revolução” (Dir. Vladimir Khotinénko, 2017), que atribuem a eclosão da Revolução Russa (tanto a de Fevereiro quanto a de Outubro) à influência dos serviços de inteligência estrangeiros, em particular o alemão.

²²⁰ Dados do VTsIOM: <https://infographics.wciom.ru/theme-archive/society/religion-lifestyle/past-future/article/oktjabrskaja-revoljucija-1917-2017.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

fechada, uma resposta). A mesma pergunta havia sido feita em 2005. Os resultados comparativos são os seguintes²²¹:

Pergunta: Revoluções, como se sabe, ocorreram não somente na Rússia, mas também em outros países (Inglaterra, França, Alemanha etc.). Qual a sua relação com a revolução como evento histórico?	2005	2017
A revolução é uma inevitabilidade histórica, que possui tanto aspectos positivos, quanto negativos	42%	57%
A revolução é uma renovação da sociedade, uma chance para muitas pessoas realizarem-se	10%	11%
Revolução significa abalos e vítimas que jamais podem ser justificados	38%	25%
Não soube responder	10%	7%

Tabela 26 – Relação com a revolução como evento histórico. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se vê, aumentou sensivelmente a relação neutra ou aberta com a revolução (42% para 57%), enquanto a relação positiva aumentou dentro da margem de erro (10% para 11%). Ao mesmo tempo, a relação negativa caiu bastante, de 38% para 25%. Esses dados devem nos fazer refletir sobre a eficácia da propaganda estatal russa e sua política de memória para o público interno. Ao que tudo indica, há uma correspondência insatisfatória, do ponto de vista do Estado, entre o esforço propagandístico em defesa da “estabilidade” e os reais efeitos dessa campanha.

Essa nova concepção de história apresentada pelo Estado russo pressupõe também a gestão do passado, ou seja, o seu controle por variados mecanismos. A diferença com relação ao período soviético é que hoje não são mais colocados em ação os mecanismos mais grosseiros de violência autoritária: proibição, prisão, exílio etc. O controle sobre o recurso ideológico do passado tornou-se mais delicado, visto que seus objetos são consumidos massivamente pela cultura popular em uma sociedade urbanizada e informatizada. Daí que a gestão do passado se insira de maneira muito mais sutil no discurso de Estado (SCHELKIN, 2015, p. 70).

Olga Plôtnikova define os conceitos de “mito” e “falsificação histórica” para diferenciar as formas de gestão predominantes na Rússia contemporânea e no passado soviético. Para ela,

²²¹ <https://infographics.wciom.ru/theme-archive/society/religion-lifestyle/past-future/article/oktjabrskaja-revoljucija-1917-2017.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

[...] é necessário distinguir os conceitos de “mito” e “falsificação histórica”. Se por mito no contexto positivo em geral entendem-se as imagens do passado tornadas heroicas e que servem como orientação moral e modelo de percepção e comportamento, bases para a formação da memória histórica, por falsificações históricas é necessário entender a distorção proposital dos fatos com um determinado objetivo. (PLÔTNIKOVA, 2014)

Segundo esse raciocínio, a situação do passado histórico na Rússia atual se caracteriza principalmente pela *mitificação*, muito mais do que pela falsificação grosseira. Os arquivos encontram-se abertos e os documentos estão disponíveis; não se apagam mais personagens históricos das fotografias, como na época stalinista. Em compensação, o Estado é extremamente ativo na propagação da *sua* interpretação dos eventos, marginalizando de fato todas as demais. A outra diferença com o período soviético reside em que a falsificação stalinista era fechada e bastante simples para o entendimento (admitia-se uma única versão do fato), enquanto a mitificação atual é muito mais complexa porque é relativamente flexível: sobre um mesmo fato podem existir distintas versões oficiais aceitas pelo Estado (florescimento econômico *versus* repressão stalinista no mesmo período etc.).

Um dos passos decisivos no controle do passado por parte do Estado foi dado com a adoção da lei contra a falsificação da memória histórica, sob a presidência de Dmitri Medvêdiev em 2014. O artigo 354.1 do Código Penal russo passou a estabelecer responsabilidade criminal pela:

Negação dos fatos estabelecidos pelo veredito do Tribunal Militar Internacional²²² para julgamento e punição dos principais criminosos de guerra dos países europeus do eixo, aprovação dos crimes estabelecidos por esse veredito, bem como propagação de informações sabidamente falsas sobre a atuação da URSS nos anos da Segunda Guerra Mundial [...]. (RÚSSIA, 2014)

Analisemos um pouco mais de perto o texto da lei. Ora, ninguém em sã consciência poderia negar a importância e a utilidade de uma lei “contra a reabilitação do nazismo”, como é conhecida a presente lei. A questão, porém, não reside no espírito geral que supostamente motivou a adoção do texto, mas sim em sua letra fria. Perceba-se que a lei estabelece responsabilidade criminal pela “propagação de informações sabidamente falsas sobre a atuação da URSS nos anos da Segunda Guerra Mundial”. O que seriam exatamente “informações sabidamente falsas”? A crítica historiográfica à assinatura do Pacto Mólotov-

²²² Refere-se aos Julgamentos de Nuremberg (1945-1946).

Ribbentrop pela URSS em 1939 e a denúncia de seus protocolos secretos, por exemplo, poderiam ser qualificadas como “propagação de informações sabidamente falsas”? O texto não deixa claro qual é o grau de liberdade de que dispõem os historiadores e o público em geral. Se até agora não temos notícias de violações grosseiras das liberdades individuais baseadas na lei, nada impede que isso venha a acontecer no futuro, caso a “guerra da memória”²²³ assuma formas mais agudas.

Ao que tudo indica, estamos diante da possibilidade do fim do pensamento crítico em história. A “luta contra a falsificação do passado” significa na prática a tentativa de retirar da sociedade civil o direito de produzir uma visão própria, alternativa, do passado russo. O Estado apresenta sua versão dos fatos e todo o resto arrisca cair sob a definição de “informações sabidamente falsas”. É uma espécie de “sequestro” do passado, tão nocivo quanto a sua falsificação grosseira.

Para Serguei Uchákin (2015), o controle da história por parte do Estado russo tem por objetivo impedir que o passado seja apreendido pelas pessoas de outra forma que não dentro dos marcos sentimentais e emotivos:

[...] por isso as tentativas de interpretação do passado são encaradas de forma tão dolorosa: elas quebram os apegos afetivos estabelecidos em relação ao passado. As interpretações veem no passado apenas um texto, um conjunto de acontecimentos e fatos que podem ser reformatados e reorganizados de maneira diferente. A luta contra a “falsificação da história” é, na verdade, não tanto a luta contra esta ou aquela interpretação dos fatos, mas sim uma luta pela preservação da apreensão do mundo estabelecida e dos apegos emocionais.

Ou seja, trata-se, na verdade, de uma luta contra a *racionalidade* em história. Segundo essa concepção, o passado é visto desde o prisma exclusivo da nostalgia, como vivência emocional, e não como conhecimento que deve ser submetido permanentemente à crítica e à revisão (IGNÁTOVA, 2015, p. 178).

Resta saber se essa forma de controle social por meio da regulamentação e manipulação do passado é realmente efetiva ou, pelo menos, se pode ser sustentada em longo prazo. Ocorre que, no final das contas, o passado nunca pode ser completamente “limpo” das controvérsias

²²³ O termo “guerra da memória” pode parecer um exagero para o leitor brasileiro, mas não o é. “Guerra pela Memória” (Война за Памяти) é o nome do documentário de Andrei Kondrachov produzido em 2020 e veiculado pelo Primeiro Canal (estatal) russo. Sobre o filme, o autor enfatiza: “Hoje cabe a nós, descendentes dos vitoriosos, lutar pela memória sobre essa grandiosa façanha do nosso povo”. Ver: <http://m.vest-news.ru/news/146030>. Acesso em: 04 ago. 2020.

políticas e ideológicas. Isso diz respeito tanto ao passado soviético quanto a outros períodos mais distantes da história russa. É impossível que figuras como Ivan, o Terrível, ou Lênin não gerem acalorados debates, ou que fatos como a Revolução de Outubro de 1917 e o Levante Dezembrista de 1825 não despertem as mais variadas e intensas paixões. Certamente, o Estado russo buscará abordar esses fatos de maneira que se garanta o equilíbrio e a estabilidade no presente, mas não se pode ignorar o fato de que a história é, por definição, exatamente o oposto: mudança, desequilíbrio e instabilidade. Mais cedo ou mais tarde, esse desequilíbrio e instabilidade do passado lançam seus tentáculos em direção ao nosso tempo, abalando assim as bases da tão sonhada “paz social”.

5.5 A GRANDE GUERRA PATRIÓTICA COMO INSTRUMENTO DE ESTADO

De todos os recursos empregados pelo Estado russo em sua atual política de memória, a vitória na Grande Guerra Patriótica é, sem qualquer sombra de dúvida, o mais poderoso e mais amplamente utilizado. Por contraditório que pareça, à medida que a guerra se afasta em direção ao passado, a memória sobre esse evento torna-se mais intensa e sobretudo mais emocional²²⁴; as paradas e desfiles militares ficam cada vez mais grandiosos, surgem “novas tradições” (inventadas), as gerações mais jovens são envolvidas nas comemorações da vitória. Tudo isso fortalece o poder de Estado, que se coloca como principal guardião da vitória e fiador do novo poderio militar e da segurança do país.

A relação com a vitória possui também sua história. A primeira comemoração do evento se deu por ordem do Presidium do Soviete Supremo da URSS de 08 de maio de 1945, que estabelecia o dia 09 de maio como “Festa da Vitória” e feriado nacional (PRESIDIUM DO SOVIETE SUPREMO DA URSS, 1945). As festividades, no entanto, não foram grandes nos primeiros anos após a vitória. Em geral, reduziam-se a encontros festivos nos locais de trabalho, passeios populares em parques e pelas ruas, artigos comemorativos em jornais e revistas e fogos de artifício no fim do dia²²⁵. Em 1947 o mesmo Presidium do Soviete Supremo, ao que tudo indica, por iniciativa direta de Stálin, cancelou o feriado nacional e a data tornou-se novamente dia de trabalho. Segundo o historiador Boris Románov (2010),

²²⁴ Cf. item 3.8 da presente tese.

²²⁵ É possível que prevalecesse aí a dificuldade narrativa à qual se refere Walter Benjamin em seu famoso artigo “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, citado no item 1.2.4 da presente tese. Segundo Benjamin, frequentemente aqueles que vivenciam uma experiência perturbadora preferem não lembrar dos fatos ocorridos, devido às dificuldades narrativas surgidas do trauma. Ao menos são muito comuns na Rússia depoimentos como “meu avô/avó/pai/mãe não gostava de lembrar da guerra”.

Stálin temia o aumento do prestígio de certos líderes militares, sobretudo Gueorgui Júkov, bem como a própria iniciativa independente das bases da sociedade soviética, que haviam estado na Europa Ocidental e visto com seus próprios olhos como vivia o proletariado nos países capitalistas. Em 1965, já sob Brêjniev, a data foi novamente declarada feriado nacional. Cabe observar também que não era costume realizar desfiles militares em comemoração da vitória. A única parada militar realizada até 1965 foi a do dia 24 de junho de 1945²²⁶, na qual os estandartes nazistas capturados durante a guerra foram jogados aos pés da *nomenklatura* dirigente, que assistia ao desfile do alto do mausoléu de Lênin. A partir de 1965, com a introdução dos desfiles militares na Praça Vermelha e solenidades no Krémelin, a festa ganhou novamente força, tornando-se de fato o segundo feriado mais importante do país, logo após o aniversário da Revolução de Outubro, no dia 07 de novembro.

De um modo geral, as festividades relativas ao Dia da Vitória foram se estabelecendo na União Soviética de maneira essencialmente espontânea, “resultado não tanto de uma estratégia única dos 'poderes', quanto de inúmeros compromissos, improvisações, resolução de problemas de caráter material e burocrático” (GABOVITCH, 2015).

Durante o período da perestroika e glasnost, as comemorações da vitória passaram por uma relativa crise. Para Mark Edele (2019, p. 786), isso tem a ver com o surgimento de um acirrado debate na sociedade sobre os aspectos negativos da participação soviética na guerra (Pacto Mólotov-Ribbentrop, invasão da Finlândia, papel de Stálin como líder militar etc.). Foi um período em que toda a história russa esteve em debate e era natural que o feriado não fosse comemorado com a mesma intensidade.

Com o fim da União Soviética, o 07 de novembro (aniversário da Revolução de Outubro) naturalmente perdeu importância e o Dia da Vitória passou a ser comemorado como principal feriado nacional. Em 1995 os desfiles militares na Praça Vermelha foram retomados e inauguraram-se o complexo memorial Parque da Vitória na colina Poklonnaia, em Moscou²²⁷, e o monumento ao marechal Gueorgui Júkov na entrada da Praça Vermelha. Logo em seguida, em 1996, Boris Iéltsin determinou que o dia 22 de junho (início da Operação Barbarossa contra a URSS) fosse comemorado em toda a Rússia como “Dia da Memória e Luto” (“День Памяти и Скорби”), o que fortaleceu ainda mais a mitologia em torno da

²²⁶ Interessante observar que o desfile militar em comemoração aos 75 anos da vitória (2020) foi adiado devido à crise sanitária provocada pelo novo coronavírus e realizado exatamente no dia 24 de junho de 2020, como forma de marcar os 75 anos do desfile de 1945. Este é mais um exemplo da particularidade da política de memória do Estado russo, que inclui em seu calendário “comemorações das comemorações”.

²²⁷ Cf. item 2.10 da presente tese.

guerra. Em geral, os anos 1990 cumpriram um papel muito importante na modificação da política de memória do Estado, já que se acelerou o desaparecimento físico da geração que havia diretamente lutado na guerra, fazendo com que a “memória viva” fosse cada vez mais substituída por uma espécie de memória “midiática” e oficial da guerra. Desde então, as comemorações do Dia da Vitória tornaram-se cada vez mais importantes, o que só aumentou com a chegada de Pútín ao poder e com a introdução de uma nova política de memória. Uma intensificação ainda maior das comemorações relativas ao Dia da Vitória pode ser observada após os eventos de 2014 na Ucrânia (deposição de Viktor Ianukôvitch pelos manifestantes pró-União Europeia na Praça Maidan, em Kiev; reanexação da Crimeia à Rússia, início do conflito armado no sudeste da Ucrânia) (GABOVITCH, 2015).

Junto com os desfiles militares, surgiram as “novas tradições”, como o Regimento Imortal²²⁸ e a Fita de São Jorge²²⁹, atual símbolo da vitória. Essas ações, associadas a uma ampla e intensa campanha propagandística do Estado russo, visam promover um clima de unidade nacional, orgulho patriótico e rememoração afetiva dos eventos da guerra. Vale notar também o esforço feito pelo Estado por atrair a juventude para as comemorações da vitória, por exemplo, através de concursos de obras artísticas em grafite que representem os distintos momentos e heróis da guerra²³⁰.

O Dia da Vitória sempre foi marcado por uma certa tensão entre a política de Estado e a relação espontânea do povo com a guerra. A festa nunca esteve totalmente sob o controle da elite dirigente, e a população manteve vivas formas próprias de rememoração e luto. Isso é assim até hoje. Em 2019, o Fundo de Opinião Pública (FOM) perguntou aos russos o que significava, do ponto de vista pessoal, o Dia da Vitória. O resultado foi o seguinte²³¹:

Pergunta: Pessoalmente, o que significa para você o Dia da Vitória em primeiro lugar?	
Festa popular	58%
Festa de Estado	31%
Festa familiar	6%
Apenas um dia de descanso	2%

²²⁸ Cf. item 3.8 da presente tese.

²²⁹ Na verdade, uma tradição *reinventada*, resgatada da história militar da Rússia imperial e cuja principal finalidade é retirar dos comunistas o monopólio da simbologia da guerra (até a reintrodução da Fita de São Jorge no imaginário popular, por volta de 2006, a vitória na guerra era lembrada por meio de uma fita vermelha).

²³⁰ Ver, por exemplo: <https://opreutov.ru/?p=287> e <http://inlubertsy.ru/novosti/konkurs-na-luchshee-graffiti-kodnyu-velikoy-pobedy-prodolzhaetsya-v-lyubercach>. Acesso em: 03 ago. 2020

²³¹ <https://fom.ru/Proshloe/14203>. Acesso em: 22 jul. 2020.

Outro	3%
Não soube responder	1%

Tabela 27 – Relação dos russos com o feriado do Dia da Vitória. Fonte: Base de Dados Fundo de Opinião Pública (FOM)

Como se vê, a esmagadora maioria das pessoas ainda considera o Dia da Vitória uma festa popular ou familiar (64%), enquanto uma minoria (31%) reconhece a festividade como tendo caráter fundamentalmente estatal. Essa relação é confirmada quando se pergunta aos russos sobre a forma de comemoração do Dia da Vitória, embora aqui já se perceba uma evolução do domínio estatal sobre o feriado. Em 2018, o VTsIOM perguntou à população: “Como você planeja passar o Dia da Vitória?” (Pergunta fechada, qualquer quantidade de respostas). O resultado obtido está transcrito na tabela abaixo²³²:

Pergunta: Como você planeja passar o Dia da Vitória?	2012	2018
Participarei das solenidades festivas (desfile militar, colocar flores nos monumentos, passeatas etc.)	37%	55%
Vou assistir à queima de fogos	28%	31%
Vou receber convidados / visitar alguém	25%	24%
Vou assistir à televisão	26%	22%
Vou passear / descansar na natureza (organizar piquenique, churrasco etc.)	28%	21%

Tabela 28 – Forma de comemoração do Dia da Vitória entre os russos. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se pode notar, em seis anos aumentou sensivelmente (de 37% para 55%) o percentual de pessoas que estão dispostas a participar de solenidades oficiais, como desfiles militares e outros. Ao mesmo tempo, diminuiu o percentual da população que prefere algum tipo de comemoração privada (TV, piqueniques etc.). Em geral, as pessoas não veem contradição entre o caráter popular e familiar da festa e a forma estatal de lembrança e comemoração.

O que está fora de qualquer dúvida é que o Dia da Vitória é a principal data do país. Em 2020 o VTsIOM perguntou à população sobre o peso do Dia da Vitória na história do país no século 20 e obteve os seguintes resultados (Pergunta fechada, uma resposta)²³³:

²³² <https://infographics.wciom.ru/theme-archive/politics/internal-policy/army-defence/article/den-pobedy-sokhranim-pamjat-o-podvige.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

²³³ <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=10339>. Acesso em: 22 jul. 2020.

Pergunta: O quanto você concorda com a afirmação de que a vitória na Grande Guerra Patriótica é o principal fato do século 20 para o nosso país?	
Concordo totalmente	83%
Concordo parcialmente	12%
Discordo parcialmente	2%
Discordo totalmente	2%
Não soube responder	1%

Tabela 29 – Importância da vitória na Grande Guerra Patriótica para o país. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Somando-se as duas primeiras respostas, temos um total de 95% de pessoas que concordam total ou parcialmente que a vitória na Grande Guerra Patriótica é o principal fato histórico do século 20 para a Rússia. Para Liev Gudkóv, analista do Instituto de Pesquisas Levada-Tsentr, a valorização da vitória na Grande Guerra Patriótica ocorre na mesma medida da decepção do povo russo com outros aspectos da vida social e política do país:

[...] na medida da erosão e enfraquecimento dos antigos elementos de orgulho dos soviéticos – revolução, construção de uma nova sociedade, estabelecimento do “novo homem”, conquistas eloquentes da industrialização soviética, poderio militar da superpotência e toda a ciência e técnica a eles relacionadas – cresce o peso simbólico da Vitória. Nesse contexto rapidamente se desvalorizam tanto a herança cultural imperial (incluindo a “santa” literatura russa), quanto os símbolos ideológicos do socialismo (que se preservam hoje em dia somente junto às gerações mais velhas na forma de nostalgia por um passado idealizado). (GUDKÓV, 2005)

Outra pesquisa muito importante é a que mede a percepção popular sobre a contribuição de cada país para a vitória na Segunda Guerra Mundial. Em 2009, 2016 e 2019 o VTsIOM perguntou às pessoas: “O quão importante é a contribuição desses países para a vitória na Segunda Guerra Mundial?” (Pergunta fechada, uma resposta)²³⁴. O resultado obtido foi o que segue:

Pergunta: O quão importante é a contribuição desses países para a vitória na Segunda Guerra Mundial?	2009		2016		2019	
	URSS	EUA	URSS	EUA	URSS	EUA
Fundamental	86%	4%	81%	3%	69%	1%
Muito importante	5%	14%	11%	7%	15%	8%

²³⁴ <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=9869>. Acesso em: 03 ago. 2020.

Relativamente importante	2%	30%	3%	22%	10%	29%
Pouco importante	1%	30%	0%	41%	1%	33%
Praticamente nenhuma importância	1%	8%	0%	14%	1%	19%
Não soube responder	5%	14%	5%	13%	4%	10%

Tabela 30 – Importância da contribuição dos países para a vitória na Segunda Guerra Mundial. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Como se percebe, de 2009 para 2016 caiu de 18% para 10% o percentual de russos que considerava a contribuição norte-americana para a vitória fundamental ou muito importante. Em 2019 esse percentual chegou ao patamar mínimo de 9%, refletindo exatamente a dinâmica de *piora das relações russo-norte-americanas*. Junto com isso, de 2009 para 2016 aumentou de 38% para 55% o percentual de russos que acreditava que a contribuição norte-americana foi pouco importante ou de praticamente nenhuma importância. Em 2019 esse percentual estabilizou-se em 52%. Trata-se de mais uma prova de que o presente tem um papel fundamental na apreensão do passado.

Interessante notar também a relação entre a memória sobre a *guerra propriamente dita* e a memória sobre a *vitória na guerra* e como elas se diferenciam entre si, revelando interessantes aspectos da mentalidade social. Em geral, a vitória ofusca a maior parte das lembranças negativas sobre a guerra: seu curso, suas vítimas, a destruição do país, os resultados para a sociedade e a economia, o acordo Mólotov-Ribbentrop etc. De alguma forma, a vitória *justifica* a guerra (junto com todos os seus erros) e encerra o debate. Para Liev Gudkóv, a mitologização da guerra transforma todos os temas a ela correlatos em um grande tabu, impedindo a racionalização de seu lado negativo (a ação da liderança política e militar, a natureza do regime político do país): “O triunfo dos vencedores mascara a dubiedade do próprio símbolo” (GUDKÓV, 2005). Segundo essa concepção, criticar elementos específicos da guerra é questionar a própria vitória e o papel progressista cumprido pela URSS. Notemos desde já que a iniciativa levada a cabo pelo centro do poder de transformar a guerra em tabu tem obtido considerável sucesso. O debate iniciado nos anos 1980 durou até cerca de meados dos anos 1990 e hoje se encontra praticamente bloqueado, sem muito espaço para o dissenso. Temas como o Pacto Mólotov-Ribbentrop, a invasão da Finlândia e dos países bálticos, a “limpeza” (“чистка” – “tchistka”) do Exército Vermelho nos anos de 1937-1938, a inépcia de Stálin como líder militar e em geral a repressão stalinista e o imediato pré-guerra simplesmente não são discutidos, devido ao caráter “sagrado” da guerra e da vitória. Todo o

debate levantado desde Khruschóv em seu informe denominado “Sobre o culto à personalidade e suas consequências” (informe secreto ao XX Congresso do PCUS) até a glasnost e a abertura política e cultural dos anos 1990 parece ter sucumbido às necessidades imediatas da “guerra da memória”. Em 2014, o VTsIOM perguntou às pessoas: “O que fazer se forem descobertos fatos indesejáveis sobre a Grande Guerra Patriótica?”. O resultado obtido foi o seguinte²³⁵:

Pergunta: O que fazer se forem descobertos fatos indesejáveis sobre a Grande Guerra Patriótica?	
É preciso publicá-los e discuti-los, essa é a verdade histórica que, sob hipótese alguma, deve ser escondida	53%
Não deve-se falar sobre eles publicamente, isso abalaria os sentimentos do nosso povo, prejudicaria o nosso patriotismo	39%

Tabela 31 – Relação com a possível descoberta de fatos indesejáveis sobre a Grande Guerra Patriótica. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Embora a maioria da população ainda defenda a discussão aberta sobre quaisquer fatos que venham a ser descobertos sobre a Grande Guerra Patriótica, chama a atenção o fato de que uma minoria nada desprezível (39%) prefere simplesmente esconder a verdade se esta não se adaptar às suas expectativas patrióticas.

Um dos resultados da presente política de memória aplicada pelo Estado russo é que o Dia da Vitória não é um dia de dor ou luto, mas fundamentalmente de comemoração, alegria e orgulho. O Regimento Imortal, por exemplo, embora tenha nascido como uma atividade de luto e memória das incontáveis tragédias familiares que se abateram sobre o povo russo, logo se transformou em uma comemoração do orgulho militar²³⁶. Em 2019, o FOM perguntou às pessoas: “Quais sentimentos, pensamentos ou associações surgem em sua cabeça em primeiro lugar quando você ouve as palavras 'Grande Guerra Patriótica'?” (Pergunta aberta, qualquer quantidade de respostas). O resultado a que se chegou foi o que segue²³⁷:

Pergunta: Quais sentimentos, pensamentos ou associações surgem em sua	Total
--	--------------

²³⁵ <https://infographics.wciom.ru/theme-archive/society/religion-lifestyle/past-future/article/neprikladnaja-pravda-o-voine-nuzhna-li-ona-sovremennomu.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

²³⁶ Alguns especialistas denunciam uma certa “carnavalização da guerra”, quer dizer, a transformação da memória sobre o conflito em um espetáculo de mau gosto (uniformes infantis de guerra, “degustação” do pão produzido durante o cerco a Leningrado, adesivos de carros com a inscrição “Rumo a Berlim!” etc.). Por exemplo, em: <https://openmedia.io/news/kak-den-pobedy-prevrashhayut-v-voenno-patrioticheskij-maskarad/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

²³⁷ <https://fom.ru/Proshloe/14203>. Acesso em: 22 jul. 2020.

cabeça em primeiro lugar quando você ouve as palavras “Grande Guerra Patriótica”?	
Orgulho pelo país, pelas pessoas, sentimento de patriotismo	26%
Amargura, luto, dor, lágrimas	24%
Alegria pela vitória	18%
Morte das pessoas	9%
Medo, terror	6%
Gratidão aos veteranos, a todos que lutaram, respeito por eles	6%
Os parentes que foram para a guerra	6%
Quero que haja paz, tenho medo de que haja guerra	6%
Essa é a nossa história, ela nunca será esquecida	4%
Guerra, os símbolos da guerra, os eventos	3%
Tempos difíceis, o sofrimento das pessoas	3%
Uma grande festa, o coração bate mais forte	3%
O heroísmo das pessoas, a coragem	2%
Associações ruins, pesadas	2%
Relação neutra, sem associações	2%
Lamento pelos veteranos	1%
Memória e culto dos mortos	1%
Outro	2%
Não soube responder	6%

Tabela 32 – Sentimentos, pensamentos e associações diante da Grande Guerra Patriótica. Fonte: Base de Dados Fundo de Opinião Pública (FOM)

Como se vê, os sentimentos de orgulho, patriotismo, alegria e gratidão somam 50% das respostas, enquanto os sentimentos claramente negativos (morte, amargura, dor, medo) somam 39%. A diferença não é grande, mas é o suficiente para fazer do Dia da Vitória um feriado infinitamente mais importante do que o Dia da Memória e Luto. Além disso, para a autodefinição nacional, os sentimentos positivos são muito mais importantes e úteis do que os negativos.

Detenhamo-nos um pouco mais no problema do papel da guerra para a autodefinição nacional. Em seu já citado livro *O fim do homem soviético*, Svetlana Aleksievitch (2016, p. 21) define o povo russo fundamentalmente em função de sua relação com a guerra: “No geral, somos um povo bélico. Ou guerreávamos ou nos preparávamos para a guerra. Nunca vivemos de outra maneira. Daí vem uma psicologia bélica. Mesmo durante a paz, tudo na vida era

próprio da guerra. O tambor batia, a bandeira esvoaçava... o coração saltava do peito...”. A definição de Aleksievitch serve não somente para o período soviético, mas é ainda mais verdade hoje em dia, depois de longos anos de uma intensa campanha patriótica implementada pelo Estado ao redor da vitória na Segunda Guerra Mundial. O fato da URSS ter sido agredida e mesmo assim ter vencido a guerra fornece aos russos um sentimento de pertencimento extremamente poderoso, quase tribal, que delimita profundamente o “nós” e o “eles”²³⁸, opondo o “russo” a todo o resto, mas fundamentalmente ao “ocidental”.

Em 1997 foi lançado o filme “Brat” (Брат – Irmão), drama criminal dirigido por Aleksei Balabánov. Em 2000, estreou sua continuação, “Brat 2”, do mesmo diretor. A franquia como um todo fez um enorme sucesso na Rússia ao promover o sentimento patriótico exatamente num momento em que o país se enfrentava com as consequências da crise econômica e social dos anos 1990. “Brat” e “Brat 2” contam a história de um jovem russo ex-combatente da Guerra da Tchetchênia que tenta se encontrar na vida civil e acaba envolvido no mundo criminal da nova Rússia. Ambos filmes foram dissecados em citações que quase todo jovem russo sabia (e sabe) de memória. Entre elas, talvez a mais interessante diga respeito a um diálogo entre o herói do filme, Danila Bagróv (Serguei Bodróv), e seu antagonista, um homem de negócios norte-americano chamado Richard Mennis (Gary Houston), que extorquia dinheiro de um amigo de Bagróv. Em um determinado momento do filme, Bagróv diz a Mennis:

Me diga, americano, onde está a força? Por acaso no dinheiro? Meu irmão também diz que é no dinheiro. Você tem muito dinheiro. E daí? Já eu acho que a força está na verdade. Aquele que tem a verdade é o mais forte. Você enganou alguém, extorquiou dinheiro... E daí? Você ficou mais forte? Não, não ficou. Porque você não tem a verdade. Mas aquele que foi enganado – ele está com a verdade. Então ele é mais forte²³⁹.

Deixemos de lado por um instante o fato de que Bagróv se dirige exatamente a um norte-americano em sua reflexão filosófica sobre a verdade. Tal fato é interessante, mas sua análise extrapolaria os objetivos da presente exposição. O mais importante nesse diálogo é que, para Bagróv, a força está na verdade, o que se aplica também à Grande Guerra Patriótica e em geral a todas as guerras das quais os russos participaram. Ora, na Segunda Guerra

²³⁸ Veja-se a força do pronome possessivo “nossos” (“наши” – “nachi”) na língua russa. Esse pronome frequentemente substitui a palavra “russos”. “Nossos” é também o nome do movimento de juventude impulsionado pelo Estado e que visa preencher o espaço político e cultural deixado pelo antigo “Komsomol” (o braço juvenil do PCUS).

²³⁹ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=K9TRaGNjEU&has_verified=1. Acesso em: 23 jul. 2020.

Mundial os russos foram covardemente agredidos pela máquina de matança nazista, sofreram as maiores perdas, tiveram uma enorme parte de seu território ocupado, suas cidades e vilarejos foram destruídos. Mas é exatamente aí que reside, segundo essa concepção, sua força moral como nação. Os alemães lutaram com a força do poderio militar, enquanto os russos lutaram unidos unicamente da *razão histórica*, quer dizer, da *verdade*. Por isso, o Dia da Vitória é comemorado com tanta ênfase e acaba cumprindo um papel de *unificador da nação*. Reside aí também uma certa visão de que o “ser russo” se expressa de forma plena sobretudo nos momentos de crise, não necessariamente em tempos “normais”. Temos assim muito mais do que um país “bélico” (apenas preparado para a guerra), como afirma Svetlana Aleksievitch. Temos um país *forjado e unido pela própria guerra*. A Guerra (com letra maiúscula, pois todos sabem de qual guerra se está falando) é o mito fundamental formador da nação, e o Estado – o eterno guardião da vitória²⁴⁰.

A Grande Guerra Patriótica unifica a nação também pelo simples motivo de que quase todas as famílias russas tiveram algum ente querido morto ou pelo menos envolvido diretamente nos combates. Nesse sentido, é interessante observar a atitude que o próprio presidente russo estabelece com a guerra. Em todas as ocasiões em que é possível, Vladimir Pútín faz questão de salientar que sua relação com a guerra é *pessoal*, já que seu pai, Vladimir Spiridonovitch Pútín (1911-1999), lutou e foi ferido na guerra, e seu irmão mais velho, Viktor Vladimirovitch Pútín (1940-1942), morreu durante o cerco a Leningrado. Como nos lembra Elizabeth Wood (2011, p. 198), “Ao transformar a guerra em um evento pessoal e também sagrado, Vladimir Pútín criou um mito e um ritual que o eleva pessoalmente, unindo a Rússia (pelo menos teoricamente) e mostrando-o como o herói-líder natural, o guerreiro que está pessoalmente associado à defesa da Pátria”. Assim como a própria guerra, o líder não deve ser questionado. Fazê-lo é sabotar a unidade da nação.

Se a vitória na Segunda Guerra Mundial é o mito fundacional da nação, pode-se e deve-se utilizar essa vitória na educação patriótica das novas gerações. É o que aponta uma

²⁴⁰ Interessante observar que, quando se abriu na sociedade russa o debate sobre as emendas constitucionais propostas por Vladimir Pútín em 2020, uma das propostas apresentadas era a de inscrever na Constituição da Rússia a condição de “potência vencedora da Segunda Guerra Mundial”. Ao final, a proposta foi descartada, mas a simples hipótese de sua inclusão no texto constitucional mostra o quanto a vitória na Grande Guerra Patriótica cumpre o papel de mito fundador da nação (considerando que é exatamente a Constituição que “funda” o país). Como observa o autor da proposta, membro do Conselho da Federação (equivalente ao Senado), Aleksei Puchkóv: “Eu marcaria, de uma ou outra forma, a nossa vitória na Segunda Guerra Mundial, o status de potência vencedora, porque *isso define a nossa existência*, tanto interna quanto internacional” (grifo nosso). Ver: https://www.znak.com/2020-01-28/senator_pushkov_predlozhit_otrazit_v_konstitucii_status_rossii_kak_strany_pobeditelnicy e também <https://www.rbc.ru/rbcfreenews/5e4551969a794753e3e42268>. Acesso em: 25 jul. 2020.

pesquisa realizada pelo VTsIOM em 2020. Nela, perguntou-se às pessoas: “Na sua opinião, a vitória na Grande Guerra Patriótica deve ser usada na educação patriótica da juventude?” (Pergunta fechada, uma resposta)²⁴¹:

Pergunta: Na sua opinião, a vitória na Grande Guerra Patriótica deve ser usada na educação patriótica da juventude?	
Com certeza, deve ser usada	73%
Provavelmente, deve ser usada	19%
Provavelmente, não deve ser usada	4%
Com certeza, não deve ser usada	2%
Não soube responder	2%

Tabela 33 – Utilização da vitória na Grande Guerra Patriótica para a educação patriótica da juventude. Fonte: Base de dados VTsIOM.

Aqui chama a atenção, em primeiro lugar, a naturalização de um conceito tão discutível quanto “educação patriótica”. Mas, para além disso, temos o fato de que nada menos do que 92% da população russa considera razoável (“com certeza deve ser usada”, “provavelmente, deve ser usada”) a utilização da vitória na Grande Guerra Patriótica na “educação patriótica” da juventude.

Como se vê, muito mais do que um fato histórico objetivo e determinado, com seus aspectos positivos e negativos, seus pontos fortes e fracos, a vitória na Segunda Guerra Mundial se apresenta para os russos como um símbolo extremamente profundo,

[...] um elemento importantíssimo de identificação coletiva, um ponto de contagem, uma régua que dá uma determinada visão sobre o passado e, em parte, uma compreensão sobre o presente e o futuro. A vitória de 1945 é não apenas o nó central que dá sentido à história soviética que começou com a Revolução de Outubro e terminou com a dissolução da URSS; de fato, ela é o único ponto de apoio positivo da consciência nacional da sociedade pós-soviética. (GUDKÓV, 2005)

Uma análise mais profunda sobre a mitificação da vitória na Segunda Guerra Mundial mostra que ela ocorre visando não apenas questões domésticas. A “unidade da nação” frente a si mesma (relação interna) parece ser o fator fundamental que determina a política de memória do governo russo, mas não é o único. Há também a influência de fatores externos, como a posição da Rússia no jogo internacional de potências. Desde pelo menos meados dos

²⁴¹ <https://wciom.ru/index.php?id=236&uid=10339>. Acesso em: 22 jul. 2020.

anos 2000, o papel da União Soviética na Segunda Guerra Mundial tem sido questionado por líderes e organizações europeias e norte-americanas, principalmente em função do Pacto Mólotov-Ribbentrop e da ocupação dos territórios do leste europeu no imediato pós-guerra. Esse processo se intensificou nos últimos anos, sobretudo depois da reanexação da Crimeia pela Rússia em 2014, o que coloca a Rússia em uma situação internacional delicada frente a outras potências europeias. Em setembro de 2019, uma resolução do Parlamento Europeu chegou a declarar que a responsabilidade pelo início da Segunda Guerra Mundial recaía igualmente tanto sobre a Alemanha nazista quanto sobre a União Soviética, e criticava ambos regimes como igualmente “totalitários”²⁴². Tal resolução é extremamente interessante, pois demonstra que a Rússia está em guerra não contra inimigos imaginários, mas que existe de fato uma dura luta pela memória sendo travada no terreno mundial em geral e europeu em particular. Diante desse quadro, a luta da Rússia pela “sua” versão dos acontecimentos tem como função legitimar o país como sujeito pleno das relações internacionais, evitando um isolamento ainda maior. O que está em jogo, enfim, é o pertencimento da Rússia à Europa e o reconhecimento desse pertencimento por parte dos outros países europeus. Como observa Marlene Laruelle (2018a, p. 132):

Visto desde a perspectiva russa, a estratégia dos países bálticos e da Ucrânia consiste em negar o papel da União Soviética como libertadora da Europa com o objetivo de deslegitimar o direito da atual Rússia de participar nos negócios do continente. Ao contrário, na Rússia, o culto à Segunda Guerra Mundial é entendido como a principal ferramenta de legitimidade que o país cultiva para se colocar como um ator legítimo na atual paisagem política europeia.

Além da relação com os países europeus em geral, tem grande importância na política de memória do Estado russo a relação com a Ucrânia em particular. Após os eventos de 2014, de fato adquiriu peso e expressão pública na sociedade ucraniana um setor neo-nazista, partidário de colaboracionistas como Stepan Bandera (1909-1959) e outras figuras do nacionalismo radical ucraniano. Nesse sentido, o culto à vitória na Segunda Guerra Mundial promovido pelo Estado russo tem por objetivo desqualificar o nacionalismo ucraniano como um todo, associando-o diretamente aos ideais nazistas derrotados pelo Exército Vermelho na Grande Guerra Patriótica²⁴³. O Estado russo contemporâneo apela à unidade obtida pelo povo soviético na luta contra o fascismo para se qualificar como única força capaz de unir os povos

²⁴² Ver: https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/B-9-2019-0098_PT.html. Acesso em: 29 jul. 2020.

²⁴³ Cf. item 3.8 da presente tese.

eslavos orientais na atualidade, quer dizer, como instrumento geopolítico no espaço pós-soviético²⁴⁴.

De um modo geral, durante o período soviético, a vitória na Grande Guerra Patriótica era apresentada como a prova da superioridade do sistema econômico e social surgido com a Revolução de Outubro. Hoje, diante da desideologização do passado soviético, essa mesma vitória é apresentada como prova do valor da *nação* e de que a Rússia é capaz de repetir, caso seja necessário, o mesmo feito: “Repetiremos!” (“Мы повторим!”)²⁴⁵.

Recentemente, houve uma mudança importante na forma de comemoração da vitória com a introdução do conceito de “cidades de valor do trabalho” (“города трудовой доблести”). Detenhamo-nos um pouco mais nessa questão. Tradicionalmente, existiam na União Soviética as “cidades-heróis” (“города-герои”), que se destacaram por elevado heroísmo na luta contra o fascismo durante os anos da Grande Guerra Patriótica. Essas cidades eram: Leningrado, Odessa, Sebastopol, Volgogrado (Stalingrado), Kiev, Fortaleza de Brest (categoria especial de “fortaleza-herói”), Moscou, Kertch, Novorossisk, Minsk, Tula, Murmansk e Smolensk. Em 2006, com o objetivo de ampliar o alcance das comemorações da vitória, Pútín introduziu o conceito de “cidades de glória militar” (“города воинской славы”), que passaram a ocupar uma posição imediatamente abaixo das “cidades-heróis” nas honrarias de Estado. Como resultado, quarenta e cinco cidades foram classificadas nessa categoria. Em 2020, uma nova ordem foi introduzida, a de “cidades de valor do trabalho”. Trata-se das cidades que permaneceram na retaguarda da luta militar direta, mas cuja contribuição econômica (produção industrial e agrícola) considera-se decisiva para a vitória. Ao total, vinte cidades foram assim categorizadas. A introdução do conceito de “cidade de valor do trabalho” tem uma importância fundamental na mecânica de comemoração da vitória. Ocorre que em muitas fábricas que foram importantes para a vitória empregava-se principalmente mão-de-obra infantil ou adolescente. Isso significa que a introdução do novo conceito representa uma ampliação ou *adiamento geracional* da “memória viva” da guerra, ou seja, mais heróis diretos permanecerão vivos por mais tempo. Isso é particularmente importante num momento em que se reduz rapidamente, ano a ano, o número de veteranos combatentes.

Por fim, comentemos um aspecto particular do recente artigo escrito e publicado por

²⁴⁴ Ver as repetidas declarações de Pútín de que ucranianos e russos são, essência, um só povo, por exemplo em: <https://ria.ru/20171214/1510927363.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

²⁴⁵ Ver, por exemplo, declarações de Pútín em: <https://www.rbc.ru/rbcfreenews/5e66ba3c9a79471e1bb1185b> e <https://www.gazeta.ru/army/2020/03/09/12997117.shtml>. Acesso em: 03 ago. 2020.

Vladimir Pútín em diversos meios da imprensa internacional em comemoração aos 75 anos da vitória na Segunda Guerra Mundial. Em um longo texto repleto de referências documentais, Pútín se esforça por apresentar ao público estrangeiro a versão russa dos acontecimentos, lembrando as perdas soviéticas na guerra (bem como o seu próprio drama familiar), as negociações entre as potências ocidentais e a Alemanha nazista e os desafios à paz que se colocam perante o mundo atual. O artigo de Pútín pode ser considerado típico das posições defendidas atualmente pelo Estado russo no debate, e nesse sentido não apresenta grandes novidades. Importante notar, no entanto, um elemento positivo presente nele: o chamado ao amplo debate histórico profissional e à abertura dos arquivos dos países ocidentais. Partindo de uma referência aos protocolos secretos anexos ao Pacto Mólotov-Ribbentrop, Pútín (2020) escreve:

Nós também não sabemos se houve “protocolos secretos” e anexos aos acordos de uma série de países com os nazistas. Resta apenas “acreditar na palavra”. Em particular, até agora não foram publicados os materiais sobre as negociações secretas anglo-alemãs. Por isso, convocamos todos os Estados a acelerar o processo de abertura de seus arquivos, a publicação de documentos antes desconhecidos do período pré-guerra e de guerra, assim como tem feito a Rússia nos últimos anos. Estamos prontos para a ampla colaboração, para projetos de pesquisa conjuntos de estudiosos e historiadores.

Não está descartado, evidentemente, que o convite de Pútín ao debate seja apenas uma jogada de marketing para agradar o público europeu e norte-americano. No entanto, na presente conjuntura de “guerra da memória”, tal chamado pode cumprir um papel importante de ponto inicial para uma discussão mais ampla.

5.6 O SENTIDO GERAL DA ATUAL POLÍTICA DE MEMÓRIA DO ESTADO RUSSO

De um modo geral, podemos resumir a atual política de memória do Estado russo como sendo composta pelos seguintes elementos principais:

1) *Continuidade histórica do solo e do povo russos*. A história russa é referida como “milenar” e tem suas raízes no batismo da Rus pelo príncipe Vladimir, em 988. O período tribal é desvalorizado, devido ao caráter incipiente do Estado e ao paganismo predominante. A história do solo é apresentada como permanente expansão e consolidação de territórios, enquanto a história do povo é vista como a integração pacífica de outras culturas e

nacionalidades ao corpo da nação russa.

2) *Em função do anterior, todo o passado é reabilitado na memória coletiva do povo.* Os governantes são avaliados em função não de suas particularidades políticas, ideológicas ou militares, mas sim em função de sua *generalidade* como governantes do Estado *russo*. Os governantes que não confirmam o esquema patriótico são descartados como “traidores” (por exemplo, Lênin, mas também, até certo ponto, Gorbatchóv e Iéltsin).

3) *Culto à estabilidade política e social*, o que resulta em uma idealização dos “longos anos 1970”, como a época de maior bem-estar da nação. A política de Estado é “desideologizada” e apresentada como uma política voltada para o cidadão privado: a família, os filhos, o conforto doméstico, a aquisição da casa própria etc. A “era Pútín” busca ser similar à “era Brêjniev”, quando o cidadão soviético superou a política (ebulição típica da geração dos “sessentistas” – “шестидесятники”) e voltou-se à quietude de seu próprio lar e lazer. Em visto disso, os atributos externos dos “longos anos 1970” também são reabilitados: a linguagem política e até mesmo cotidiana, a estética, o culto à personalidade etc. Os anos imediatamente posteriores à Revolução de Outubro são descartados como um período de “experimento revolucionário” e instabilidade. O mesmo vale para os anos 1980 (perestroika) e 1990 (era Iéltsin). Ocorre a “colonização do passado” (Budraitskis, 2019), quando, mais do que simples lembrança, o passado se torna o próprio ambiente de um “presente que se repete”.

4) *A ideia de um “mundo russo”* (“русский мир” – “ruski mir”), que consistiria em uma espécie de espaço transnacional de liderança (ou ao menos influência) russa. Esse espaço corresponderia à Eurásia e parte da Europa Oriental (devido ao passado soviético), Balcãs (irmandade entre os povos eslavos) e diáspora russa ao redor do mundo (Estados Unidos, Israel, parte da Europa Ocidental).

5) *O patriotismo como ideologia absoluta*, em oposição ao cosmopolitismo do Ocidente. A adesão ao patriotismo russo é a chave para a validação de qualquer força que se pretenda parte da luta política no país. O patriotismo implica também a adesão ou apoio à política patriótica da atual direção do Estado (reanexação da Crimeia, rearmamento e modernização das Forças Armadas, relações com a Ucrânia etc.).

6) *O caráter étnico* (“русскость” – “russidade”) *do Estado*, em oposição ao caráter aberto (multinacional e político) desse mesmo Estado nos anos 1990. Nesse âmbito, adquirem um papel de primeira magnitude a língua e a cultura russas como língua e cultura do “povo formador do Estado” (“государствообразующий народ” – “gosudarstvoobrazuiuschii

narod”).

7) *A ortodoxia cristã como religião principal*, embora se permita a existência de outras. O Estado permanece como formalmente laico, mas suas relações com a Igreja Ortodoxa são cada vez mais estreitas e colaborativas. A Igreja tem acesso às forças armadas e instituições de ensino, bem como participa ativamente na elaboração e aprovação de leis regionais e nacionais. Parte da propriedade religiosa expropriada pelos bolcheviques é devolvida (construção de novos templos e restauração de antigos). A “ofensa ao sentimento religioso” passa a ser considerada um crime cada vez mais grave (Pussy Riot). O aborto e o divórcio não são proibidos, mas são dificultados²⁴⁶. No que diz respeito à relação entre a Igreja Ortodoxa e a vitória na Grande Guerra Patriótica, observa-se um intenso processo de “dessecularização da memória”, no qual os sucessos militares da URSS durante a guerra são cada vez mais associados à fé ortodoxa²⁴⁷.

8) *Em política internacional, a luta por um mundo multipolar*, em oposição ao mundo unipolar dos anos 1990 e 2000 (domínio norte-americano). É salientado o papel da ONU como principal produto positivo oriundo da Segunda Guerra Mundial e advoga-se o seu fortalecimento, mas sem mudanças profundas na mecânica de tomada de decisões. Defende-se o reconhecimento da China como potência emergente em contrapeso à influência norte-americana.

9) *A vitória na Segunda Guerra Mundial como mito (re)fundador da nação*. A URSS foi o país agredido, o que pagou o maior preço em vidas humanas e o principal responsável pela vitória sobre o nazi-fascismo. Toda a política externa do período pré-guerra foi uma tentativa de evitar o confronto (Pacto Mólotov-Ribbentrop) frente à capitulação dos países ocidentais perante Hitler (Pacto de Munique²⁴⁸). A ocupação de territórios no imediato pré-guerra foi um ato necessário para a defesa da integridade do território soviético e o fortalecimento de suas fronteiras (Polônia, Finlândia, países bálticos). A ocupação soviética do pós-guerra foi resultado da marcha libertadora empreendida pelo Exército Vermelho (Hungria, Tchecoslováquia, Polônia, Alemanha Oriental). Na atualidade, a Rússia é invencível militarmente.

10) *O caráter coletivo e solidário da vida russa*, em oposição ao individualismo

²⁴⁶ Ver, por exemplo: https://lenta.ru/articles/2018/04/28/zaiki_luzhaiki/. Acesso em: 17 ago. 2020.

²⁴⁷ Ver, por exemplo, o Templo da Ressurreição de Cristo (Храм Воскресения Христова) ou Templo Principal das Forças Armadas da Federação Russa, inaugurado em 2020 em comemoração aos 75 anos da vitória na Grande Guerra Patriótica: <https://hram.mil.ru/>. Acesso em: 03 ago. 2020.

²⁴⁸ Referido sempre na historiografia patriótica russa como “Traição de Munique” (“Мюнхенский Сговор”).

ocidental. As diferenças entre a Rússia e o Ocidente vão muito além da cultura e da história, tornando-se diferenças verdadeiramente *civilizacionais*, em base às quais os russos aparecem como um povo solidário e voltado para um modo de vida muito mais coletivo do que individual, enquanto no Ocidente ocorre exatamente o contrário. A “sobornost” dos eslavófilos é parcialmente reabilitada²⁴⁹.

11) *O caráter social do Estado*, em oposição ao Estado neoliberal dos anos 1990. O Estado russo aparece como voltado para o bem estar do povo. A reforma constitucional de 2020 introduz no texto da Carta Magna uma série de artigos que buscam garantir o caráter social do Estado (reajuste anual das aposentadorias, seguro social obrigatório, defesa social da infância etc.).

12) *Os valores tradicionais cristãos como família e filhos e a sexualidade normativa*. A família heterossexual voltada para a procriação é a única que corresponde às tradições da cultura e do Estado russos. O casamento é definido como a união de um homem e uma mulher e esse conceito é introduzido na Constituição. Toda e qualquer manifestação de afeto homossexual (inclusive o símbolo do arco-íris) é considerada crime de “propaganda homossexual” passível de punição. A homossexualidade é um valor Ocidental que deve ser rechaçado, pois não corresponde ao modo de vida especificamente russo.

13) *Rejeição a todo e qualquer processo revolucionário*. A história e a política são vistas a partir do prisma de teorias da conspiração, onde todo e qualquer processo revolucionário em qualquer país do mundo é encarado como um fenômeno antinatural, uma operação de inteligência estrangeira com vistas à desestabilização da região. Não existem revoltas populares, mas apenas “guerras híbridas” que manipulam a população em defesa de interesses obscuros. As revoluções são danosas em especial porque interrompem a continuidade histórica e desestabilizam o Estado. Diante disso, a Rússia pode e deve cumprir um papel estabilizador no cenário internacional (Síria, Líbia).

Em que consiste, no final das contas, o conteúdo primordial da atual política de memória do Estado russo? Fundamentalmente, no fato de que, apesar das promessas, esse mesmo Estado é incapaz, na prática, de proporcionar um futuro econômica e socialmente seguro para seus cidadãos. A recuperação econômica dos anos 2000 teve como principal

²⁴⁹ Ver, por exemplo, as declarações de Vladimir Pútín sobre a necessidade dos russos demonstrarem solidariedade durante a epidemia de Covid-19: “Com os valores da ajuda mútua, do apoio e da solidariedade, a Rússia já vive mil anos. Também hoje eles são a principal base de nosso Estado. Nós os recebemos junto com a ortodoxia cristã”. Em: <https://iz.ru/1005466/izvestia/ugroza-ne-ischeznet-vezde-i-srazu>. Acesso em: 01 ago. 2020.

consequência um aumento do consumo das famílias, mas não necessariamente a “segurança no dia de amanhã” (as dificuldades econômicas de hoje já estão corroendo os ganhos obtidos àquela altura). Exatamente por isso, o Estado volta-se para o passado, que, paradoxalmente, revela-se muito mais “maleável” e “aberto” (manipulável, controlável) do que o presente ou o futuro:

Uma vez despojada do poder de modelar o futuro, a política tende a ser transferida para o espaço da memória coletiva – um espaço imensamente mais suscetível de manipulações e administração, e, por isso, promissor de uma chance de bem-aventurada onipotência, há muito perdida (e talvez irrecuperável) no presente e no futuro próximo. (BAUMAN, 2017, p. 61)

Como fica evidente por todo o exposto, o Estado russo realizou uma operação extremamente eficiente de transformação da nostalgia reflexiva típica dos anos 1990-início dos anos 2000 em nostalgia restaurativa, quer dizer, em um desejo e uma esperança de restabelecer a grandeza dos tempos passados. Tal política de memória tem como objetivo fundamental não a promoção do bem-estar geral ou a resolução da crise civilizacional dos anos 1990, mas a justificação e a promoção do nacionalismo e patriotismo russos, que por sua vez são os sustentáculos básicos não somente do atual governo russo, mas principalmente do atual estado de coisas. Pode-se dizer que a Rússia atingiu níveis impressionantes (para padrões ocidentais) de coesão social graças exatamente à política de memória implementada, combinada com os ganhos materiais (consumo das famílias) obtidos nos anos 2000. A mera saudade de um tempo que não volta mais se transformou em fator de mobilização social e apoio político ao governo. Resta saber se a união atingida possuirá permanência no tempo ou será abalada diante das inevitáveis crises econômicas, sociais e políticas que o país atravessará no contexto de um mundo cada vez mais turbulento.

5.7 CRÍTICA À POLÍTICA DE MEMÓRIA DO ESTADO RUSSO

Sem adiantarmos as conclusões gerais do presente trabalho, é necessário, no entanto, dizer algumas palavras críticas sobre a atual política de memória do Estado russo. Aparentemente, o passado está no centro da vida social, mas apenas *uma parte do passado*. A memória, que se pretende completa e absoluta, resulta altamente seletiva e exclui de si mesma tudo aquilo que não confirma a suposta “identidade russa”, o “passado glorioso” ou não

corroborar com a política atual do Krémelin²⁵⁰. A sobrecarga de memória se revela, no fundo, como *ausência de memória*. Só é possível lembrar tanto (Segunda Guerra Mundial, “longos anos 1970”, passado imperial etc.) porque uma outra parte do passado é esquecida ou *silenciada* (repressões stalinistas, Primeira Guerra Mundial, revoltas populares que desestabilizaram o Estado etc.). Ao excesso de memória afetiva corresponde uma espécie de “esclerose” da memória histórica e cultural como um todo (ZAVARCHÍNSKAIA, 2009, p. 21). A política de memória é, antes de tudo, uma política de *esquecimento*. Como observa Ilia Kalínin (2009):

A memória, regra geral, aparece no momento em que nós não conseguimos lembrar de algo. Se a consciência, como afirmava Nietzsche, nasce da promessa não cumprida, ou seja, surge como um modelo fantasmagórico e invertido de *consciência pesada*, a memória surge como medo diante da falha da memória [...]. A tentativa de lembrar surge do medo permanente de esquecer. [...] a disfuncionalidade no trabalho cotidiano da memória resulta em uma justificativa para que ela se torne um objeto agudo de nosso interesse. A memória atrai para si a atenção sobretudo quando surge uma interrupção do fluxo normal do seu trabalho ou quando ela se choca com algo, de forma que esquecer revela-se tão complicado quanto lembrar.

O resultado a que se chega é que a atual sociedade russa se apresenta como uma espécie de caricatura ou máscara de uma Rússia passada (PARFIÓNOV, 2008). Surge uma combinação bastante particular: por um lado, uma economia exportadora voltada para o mercado externo e que visa se modernizar; por outro, a compreensão da nação como uma realidade isolada, surgida de si mesma e para si mesma. É preciso se proteger da influência desagregadora das ideias liberais produzidas pela União Europeia, mas também vender-lhe gás; é preciso manter e fomentar as tradições, a cultura e o idioma russos, mas também admitir imigrantes da Ásia Central, Cáucaso, Ucrânia, Belarus e Moldávia para minimizar o problema demográfico; é preciso integrar a economia russa na economia mundial, mas também construir uma rede própria de computadores que possa ser desligada da teia global para proteção contra possíveis ataques internacionais.

Vemos, portanto, que a atual política de memória do Estado russo subordina o futuro ao passado (só é possível atingir um futuro glorioso por meio da manutenção das tradições e da preservação do *staus quo*). Tal política é nociva por não construir as mediações necessárias entre essas duas dimensões temporais e pode influenciar negativamente o desenvolvimento

²⁵⁰ Deve-se admitir, claro, que essa não é uma particularidade russa, dado que todo e qualquer Estado enfatiza sempre os pontos fortes do passado da nação.

econômico e social russo nos próximos anos. Isso é assim porque o futuro é visto cada vez mais como ameaça ao passado idealizado e sua aproximação causa o aumento do desconforto psicossocial. Nesse aspecto, a Rússia não se diferencia de outras sociedades que, fruto da aceleração do tempo e desagregação da vida moderna, olham com desconfiança ou insegurança para o futuro. Mas na Rússia, certamente, essas características são agudizadas pela política de Estado.

Motivada pelo Estado, uma parte importante da população russa parece se mover em torno das questões identitárias relacionadas ao “orgulho nacional”, tão ferido nos “selvagens 1990”, quando o país foi dilacerado e humilhado pelas potências Ocidentais vencedoras da Guerra Fria. A questão, porém, não é se o passado russo oferece ou não motivo de orgulho. A questão é *em que* reside ou deve residir exatamente o orgulho nacional russo. Como nos lembra Lênin (1969, p. 107-108, grifos do autor):

Será alheio a nós, proletários conscientes grão-russos, o sentimento de orgulho nacional? Claro que não! Nós amamos o nosso idioma e a nossa pátria, nós fazemos o máximo para que as *suas* massas trabalhadoras (ou seja, 9/10 da *sua* população) se elevem a uma vida consciente de democratas e socialistas. Para nós é mais doloroso do que qualquer coisa ver e sentir quais violências, opressão e humilhações impõem à nossa bela pátria os carrascos tsaristas, nobres e capitalistas. Nós nos orgulhamos de que essas violências provocaram a resistência do nosso meio, do meio dos grão-russos, que *desse* meio se destacaram Radischev, os dezembristas, os revolucionários-plebeus²⁵¹ dos anos 1870, que a classe operária grão-russa construiu em 1905 um poderoso partido revolucionário de massas, que o mujique grão-russo começou nessa época a se tornar democrata, começou a derrubar o padre e o latifundiário. [...] Nós estamos repletos de sentimento de orgulho nacional porque a nação grão-russa *também* construiu uma classe revolucionária, *também* mostrou que é capaz de dar à humanidade grandes exemplos de luta pela liberdade e pelo socialismo, e não somente grandes pogroms, filas de enforcamento, masmorras, grandes fomes e um grande servilismo perante os padres, tsares, latifundiários e capitalistas. Nós estamos repletos de sentimento de orgulho nacional e exatamente por isso nós odiamos *especialmente o nosso* passado de escravos [...] e o nosso presente de escravos.

Tais são os fatores que, segundo Lênin, devem constituir o “orgulho nacional grão-russo”. Eles são o exato oposto do que o Estado russo atual propõe. De nossa parte, estamos com Lênin contra a política de memória do Estado russo. Amamos a literatura russa do século 19, mas temos consciência de seu conteúdo de crítica a uma sociedade opressora e carente de liberdade. Apreciamos toda a cultura e as conquistas russas do século 20, desde o balé até o

²⁵¹ No original, “революционеры-разночинцы”.

voo de Gagárin, mas lembramos que elas foram fruto de uma poderosa revolução social, chamada desdenhosamente pelos meios de comunicação russos de “experimento social”. Lamentamos o fim da URSS como uma tragédia política, econômica e social que destruiu a obra de décadas de todo um povo, mas não nos esquecemos dos crimes de Stálin.

Há um senso comum bastante difundido de que os russos teriam uma inclinação irresistível para governos autoritários e que isso ocorreria devido às “características culturais” do país. Em geral, não se especifica que características culturais imperativas seriam essas que fariam com que os russos apreciassem ser oprimidos. Acreditamos, no entanto, que isso não é assim. Essas concepções essencialistas não têm, em geral, nada em comum com a ciência histórica. Ao contrário, em sua história verdadeiramente milenar, são inúmeros os exemplos de valorosa luta do povo russo por democracia e liberdade. A questão toda reside exatamente nisso: se o legítimo desejo de voltar o olhar para o dia de ontem, desejo esse presente na vida social desde os inícios da Modernidade, tem um sentido libertador, de construção de uma identidade dinâmica e reflexiva, voltada para os valores humanos e democráticos, ou, ao contrário, de construção de uma unidade monolítica absoluta em torno de uma nacionalidade abstrata e puramente imaginada. Com tudo que a Rússia nos presenteou no passado, mesmo assim queremos crer que o melhor da história desse país está por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*E aconteceu que, tirando-os fora, disse:
Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti,
e não pares em toda esta campina;
escapa lá para o monte, para que não pereças.
(...) E a mulher de Ló olhou para trás
e ficou convertida numa estátua de sal.
Gênesis 19:17,26*

A presente pesquisa buscou considerar o fenômeno da nostalgia soviética em seu contexto político, econômico, histórico e social, bem como suas implicações para o futuro da Rússia e sua cultura. Ao encerrarmos, cabe fazer uma breve sistematização dos principais conceitos desenvolvidos ao longo do texto, e que fundamentarão as conclusões finais.

Começamos de onde havíamos partido desde o início: a saudade do lar ou dos tempos passados é parte fundamental da experiência humana ao longo da história. A nostalgia, no entanto, entendida como um luto persistente e melancólico, surge apenas na Modernidade: com o conceito de *nação* e com as grandes guerras, que mobilizaram milhares de soldados, jogando-os para longe de seus lares por meses e até anos. No século 18 e primeira metade do século 19 a nostalgia é a triste doença daqueles condenados a morrer em uma terra estranha e vil. Os estudos sobre a nostalgia entre soldados alcançaram grande desenvolvimento com as Guerras Napoleônicas e com a Guerra Civil norte-americana, que forneceram material bruto oriundo dos campos de batalha para médicos e psiquiatras, que por sua vez tiraram daí inúmeras e decisivas conclusões clínicas.

A segunda metade do século 19 marca a perda de interesse da medicina pela nostalgia como um mal físico. Ela passa a ser analisada então como um transtorno da alma, e portanto um objeto das ciências humanas: da psicanálise e da história, da filosofia e da estética, da literatura e da sociologia. A aceleração geral do tempo histórico e o “boom da memória”, observados no século 19, dão aos seres humanas uma outra noção de seu próprio passado: agora ele é um lugar seguro e tranquilo, para o qual se quer voltar, em oposição ao presente feroz e ao futuro incerto. A dor da impossibilidade do retorno caracteriza exatamente o fenômeno nostálgico nessa etapa. A nostalgia passa a ser a saudade de um *tempo*, e não mais de um lugar. Em qualquer caso, o objeto nostálgico é *idealizado* pelos sujeitos, que passam a lembrar apenas – ou preferencialmente – dos bons momentos, enquanto os fatos desagradáveis são esquecidos ou ignorados.

O início do século 20, com suas rupturas e utopias, pareceria ter acabado de vez com o fenômeno nostálgico. O presente e o futuro ocupam todo o horizonte dos sujeitos. Não há tempo para olhar para trás. Quer-se viver o agora porque é o agora que prepara o amanhã. E esse amanhã parece ao alcance das mãos. A Primeira Guerra Mundial, a despeito da tragédia que representou, trouxe consigo também as esperanças da revolução socialista mundial e de um futuro brilhante para a humanidade. Mas essas esperanças não duraram muito e o passado novamente fez sentir seu peso. Toda vez que uma tragédia abalava o presente e ameaçava o futuro, os sujeitos voltavam seus olhares para o dia de ontem, para tentar revivê-lo ou ao menos para se permitirem sentir saudades. O século 20 acentuou ainda mais as características históricas que vinham se desenvolvendo desde o século 19: a história como tragédia e o passado como escombros. Com a derrota da utopia socialista, no final do século 20 e início do século 21, a nostalgia se torna um fato social impossível de ser ignorado, talvez o principal fenômeno existencial de nossos tempos.

Para o presente trabalho, consideramos decisiva a distinção entre *nostalgia reflexiva* e *nostalgia restaurativa*, proposta por Svetlana Boym (2001). Sofrer de saudades e revirar as caixas empoeiradas da infância não é o mesmo que mobilizar-se politicamente pelo renascimento do passado. Enquanto a nostalgia reflexiva é um mero lembrar, a nostalgia restaurativa está na base de inúmeras ideologias patrióticas e nacionalistas, supostamente portadoras da verdade e catalisadoras de uma certa força social.

Outro elemento decisivo a ser destacado é o papel da memória. De um modo geral, podemos afirmar que a cultura, no sentido que nos interessa, configura-se como um espaço de memória e portanto de autoidentificação. Ao mesmo tempo, é necessário frisar que tal memória deve ser encarada em sua dimensão de memória *coletiva*, como lembrança produzida e resgatada socialmente. Além de coletiva, a memória é também dinâmica. As ondas de lembrança e esquecimento ou “movimento senoidal da memória” (LOTMAN, 1992, p. 201) determinam a cada etapa o que deve ser lembrado e o que pode, pelo menos temporariamente, cair no esquecimento.

Do exposto anteriormente, conclui-se que a nostalgia soviética constitui um espaço comum de lembrança e autoidentificação daqueles que, por um motivo ou outro, sentem saudades da URSS e/ou anseiam por sua restauração. Pode-se afirmar que a nostalgia soviética é um dos principais fatos sociais da Rússia contemporânea, em muito determinando suas formas de sociabilidade e vetores de desenvolvimento (Cf. capítulos 4 e 5). A nostalgia

soviética é uma espécie de “idioma comum”, no qual se comunicam todos os que algum dia viveram sob a bandeira vermelha com a foice e o martelo, e mesmo aqueles que jamais experienciaram tal tempo, mas que escutam as histórias de glória e estabilidade de seus pais e avós e também desejariam ter vivido lá.

A nostalgia soviética não é, em si mesma, uma política de Estado. Ao contrário, é o resultado mais ou menos espontâneo do desenvolvimento social, cultural e econômico dos anos 1990 na Rússia, quando uma parte significativa da população se decepcionou com o capitalismo e com a democracia de tipo ocidental. A nostalgia soviética é uma reação à crise ou trauma civilizacional que marcou a vida do país ao longo de mais de uma década, mais ou menos do início dos anos 1990 até meados dos anos 2000. Em sua expressão mais comum, é a melancolia pela perda de um “grande país”.

A URSS lembrada não é exatamente a mesma que existiu. O passado é idealizado, como em todo processo nostálgico: a repressão stalinista é minimizada, o atraso econômico é justificado, o déficit de bens de consumo é esquecido. A nostalgia soviética renega a ideologia. Ela se manifesta, em primeiro lugar, como uma onda meramente comercial e cultural: programas de TV, sites de internet, filmes, museus privados, marcas soviéticas de sorvete, enlatados e vodka, quer dizer, como nostalgia *reflexiva*. As pessoas sentem saudades e lembram, trocam fotografias e consomem mercadorias de estética nostálgica, nada mais. Os russos lamentam o fim do “socialismo”, mas o que entendem por essa palavra varia bastante. Para alguns, é ser uma superpotência mundial temida e respeitada, com direitos sociais e pleno emprego; para outros, é apenas o cheiro das lojas de salame e o gosto da água gaseificada das máquinas públicas.

A expressão cultural mais significativa e influente da onda nostálgica foi o programa de TV *Namiédni*, produzido e apresentado pelo jornalista Leonid Parfionov entre 1997 e 1998 no canal russo NTV. Em primeiro lugar, o programa captou com maestria os humores nostálgicos presentes na sociedade russa e apresentou a vida na URSS como um tempo alegre, de descobertas e aventuras, típico de uma juventude. O impacto cultural de *Namiédni* foi tão grande, que ele tornou-se uma espécie de paradigma da TV documental russa e – o que é o mais importante – de uma certa forma de lembrar o passado. *Namiédni* nos apresentou os “longos anos 1970” como uma espécie de núcleo temporal do período soviético. Tem-se a impressão de que toda a civilização russa atual provém exatamente daí. Os russos seriam todos ainda “homo sovieticus”, “filhos da estagnação” e a sociedade atual – um reflexo

involuntário da era Brêjniev. Essa é, efetivamente, a posição de Parfiônov, desenvolvida ao longo dos 30 episódios do programa.

Mais tarde, a partir do início dos anos 2000, o Estado russo passa a se utilizar da nostalgia para promover uma nova ideia nacional unificadora, baseada no patriotismo e no nacionalismo. Essa nova ideia nacional parte dos sentimentos já existentes na sociedade, encontrando aí suporte e justificação. Essa nova ideia patriótica implica também uma política de memória: a revalorização de todo o passado russo na memória coletiva do povo. O passado soviético deixa de ser oficialmente encarado como “sovok”, ridículo e vergonhoso, e é reabilitado como parte da “herança cultural” russa. Ao mesmo tempo em que é reabilitada, a história soviética perde sua especificidade política e ideológica de sociedade alternativa ao capitalismo, e passa a ser apenas um componente a mais no culto ao passado característico da atual política de memória. O Estado russo propõe à população um futuro brilhante, mas que consiste fundamentalmente na restauração da glória do passado.

Revistos os conceitos principais da presente pesquisa, devemos nos perguntar: a nostalgia soviética tem um sentido positivo ou negativo? Ela ajuda ou atrapalha a sociedade na superação de seus traumas e na construção do futuro? Quais seus efeitos sobre a sociedade russa contemporânea? A resposta a essas perguntas apresenta-se mais complicada do que parece. Nas mãos do Estado russo, certamente, a nostalgia soviética se transformou em um elemento de controle e vigilância, regulamentado inclusive juridicamente (artigo 354.1 do Código Penal ou “Lei contra a reabilitação do nazismo”²⁵²). Em seu aspecto restaurativo, a nostalgia soviética acabou significando a aceitação, pela maioria dos russos, do novo capitalismo oligárquico imposto por Pútín como uma mediação possível: “Não teremos de volta a URSS, mas podemos ter um Estado forte e independente, o que é praticamente a mesma coisa”.

Por outro lado, em sua dimensão reflexiva, a nostalgia pelo passado soviético pode ser positiva ao ajudar a atravessar o luto e a construir uma nova relação libidínica (no sentido freudiano do termo) com um novo objeto, quer dizer: pode ajudar na construção de uma nova utopia. Assim, um de seus vetores, pelo menos teoricamente, aponta para o futuro. Dito de

²⁵² Cf. item 5.4 da presente tese.

outra forma, a nostalgia guarda em si um potencial até certo ponto libertador. Devemos ter em conta que a memória é, também, uma forma de resistência²⁵³.

A nostalgia compensa a sobrecarga psico-social da sociedade russa nas condições da transição civilizacional, dá a entender que não há movimento vetorial direto do passado para o futuro. O mito nostálgico fornece às pessoas apoio psicológico nas situações em que não se sabe quanto vai durar a nova transição. O mito nostálgico “funciona” enquanto o vazio vai sendo preenchido por algo. (TCHIKÍCHEVA, 2009, p. 272)

Interessante observar também que a discussão sobre a nostalgia soviética possui desdobramentos para além da sociedade russa. Em sua mais recente obra, o historiador italiano Enzo Traverso identifica um fenômeno mnemônico que denomina “melancolia de esquerda”, fato similar à nostalgia reflexiva, porém específico dos sujeitos envolvidos em movimentos de esquerda ao longo do século 20 e que foram traumatizados com a derrota do projeto socialista em 1989-1991. Segundo Traverso, a melancolia de esquerda é uma dor que pode ser útil no caminho da retomada de um novo projeto emancipatório voltado para o porvir, já que ela

[...] não significa o abandono da ideia de socialismo ou da esperança de um futuro melhor; significa repensar o socialismo numa época em que sua memória está perdida, escondida, esquecida, e precisa ser redimida. Essa melancolia não significa o luto de uma utopia perdida, mas um esforço em repensar um projeto revolucionário em uma era não revolucionária. (TRAVERSO, 2018, p. 65-66)

Assim, a melancolia que resultou da derrota histórica que foi o fim do bloco socialista talvez seja a condição necessária para agir, superar o luto e preparar um novo começo.

Traverso chama a atenção também para o fato de que, no curto prazo, a história é feita pelos vitoriosos. No longo prazo, no entanto, os derrotados têm certas vantagens. Enquanto os vitoriosos frequentemente caem em uma visão apologética e providencial de seu próprio passado e de suas capacidades (basta lembrar a arrogante hipótese do “fim da história”, levantada por Francis Fukuyama em 1992), os vencidos têm a vantagem da reflexão, do aprendizado e da autocrítica. Ao “organizarem a derrota”, os vencidos podem retomar o foco na construção do futuro. Cabe, portanto, trabalhar conscientemente para que a melancolia que sentem os adeptos do projeto socialista não seja de forma alguma paralisante, mas se

²⁵³ Em um certo sentido, a nostalgia é, também, uma forma de esquecer, dado que a romantização de certos fatos do passado implica necessariamente o esquecimento de outros. A nostalgia é seletiva sobre o que lembrar.

manifeste em uma visão plural e dinâmica de passado, que permita o interesse e a luta pelo amanhã.

Para que isso ocorra, é preciso reconhecer que o fim da União Soviética em 1991 não representou apenas a derrota de uma certa *nomenklatura* dirigente²⁵⁴. Tampouco teve implicações somente para os cidadãos daquele país, que se viram privados de sua identidade de “soviéticos”. É claro que aí o estrago foi maior, mas os efeitos da derrota do socialismo foram sentidos no mundo inteiro. A dissolução da URSS foi também a tragédia de pelo menos quatro gerações de lutadores e lutadoras de diversos países que se inspiravam na Revolução de Outubro e que dedicaram suas vidas ao projeto socialista. Essas pessoas não eram propriamente “soviéticas”, mas tinham uma identidade ideológica com aquela sociedade. Mesmo aqueles que sempre foram críticos ao regime stalinista e que nunca pisaram na URSS sofreram as consequências de sua ruína. É por isso que a reconstrução do projeto emancipatório não deve ser confundida com a mera (e obviamente impossível) restauração da União Soviética ou, muito menos, com o ressurgimento de uma “Grande Rússia” no atual cenário geopolítico internacional. Apoiando-se na experiência do passado, é necessário construir algo completamente novo.

A tarefa de revisitar e compreender o dia de ontem recai em grande parte, como não poderia deixar de ser, sobre os ombros dos historiadores. E é aí, exatamente, que reside uma das maiores dificuldades, dado que os historiadores do século 20, sobretudo aqueles de esquerda que investigam a história do comunismo e da revolução, são

[...] “exilados” e “testemunhas”, uma vez que é profundo seu envolvimento com o objeto de seus estudos. Eles não exploram um passado remoto e desconhecido, e o desafio está justo em se distanciar dos eventos recentes de seu passado, uma experiência que muitos deles viveram e que ainda lhes assombra a vida. Sua relação empática com os atores do passado corre o permanente risco de ser perturbada por inesperados momentos de “transferência” – no sentido psicanalítico do termo – que extrapolam os limites do trabalho, despertando experiências e a subjetividade do pesquisador. Em outras palavras, vivemos num tempo que os historiadores escrevem a história da memória, enquanto as sociedades civis seguem com a memória ainda viva de um passado histórico. Portanto, a exploração do multiforme planeta da cultura de esquerda leva a um exercício de crítica melancólica, num precário equilíbrio entre história e memória. (TRAVERSO, 2018, p. 47-48)

²⁵⁴ Para uma parte da *nomenklatura*, o fim da URSS significou uma vitória, dado que muitos membros da burocracia se reciclaram e passaram a ocupar postos de poder e prestígio na nova Rússia. Outros, inclusive, tornaram-se proprietários, ao invés de meros administradores. Cf. item 2.4 da presente tese.

Na presente tese, buscamos esse difícil “equilíbrio entre história e memória”. Corremos todo o tempo o risco da “transferência”, dada nossa “relação empática com os atores do passado”. O leitor dirá se fomos bem-sucedidos ou não. Por outro lado, de nossa parte, não acreditamos em pesquisas puramente objetivas ou imparciais. Junto com o pesquisador francês Pierre Broué, pensamos que

[...] o historiador não é nenhum juiz ou censor; ele apenas se encarrega de devolver um hálito de vida ao passado humano, e não de reconstruir mecanismos inumanos. Acaba mutilando a vida todo aquele que não deixe, em suas páginas, arder a paixão que consumiu outros homens, florescer a esperança ou chorar a decepção. (BROUÉ, 2014, p. 17)

Desde o início dessa pesquisa, consideramos que nossa tarefa residia em entender o paradoxo da memória, e não em separar arbitrariamente, segundo nossos próprios critérios, os “mitos” das “verdades”. É preciso não esquecer que o passado soviético, como qualquer outro passado, é fundamentalmente paradoxal e que esse paradoxo ou conjunto de paradoxos inevitavelmente se manifesta nos fenômenos mnemônicos. Sujeitos com motivações diversas encontram no passado soviético material disponível para a construção de diferentes relações: resistência, adaptação, letargia, aceitação, pacificação, protesto, reconstrução em novas bases. É exatamente por isso que o fenômeno nostálgico é tão amplo, abarcando distintas gerações, camadas sociais e grupos políticos.

O estudo da nostalgia soviética abre novas possibilidades para repensar o passado russo. Entender o poder de atração da sociedade existente entre 1917 e 1991, mesmo quase 30 anos depois de sua desapareição, é entender melhor o próprio povo russo, sua mentalidade e sua história, é compreender um pouco o “homo sovieticus”. Por que o apego aos anos 1970? Em que consiste o trauma da década de 1990? De onde provém a nova relação com Stálin? São essas e outras perguntas que, ao serem formuladas e respondidas, nos dão uma ideia do desenvolvimento da mentalidade do povo e de sua relação com a própria história.

De um modo geral, o que podemos concluir sem sombra de dúvidas é que a nostalgia soviética é parte inseparável das experiências do que é ser russo hoje. Ela é um tipo específico de cultura, amplamente difundida, e todos os cidadãos, em maior ou menor grau, estão inseridos nela. Por mais que alguém seja crítico do sistema soviético ou estabeleça uma relação racional com o passado, acaba em contato com a nostalgia ao viver as comemorações do Dia da Vitória, ao assistir de relance um velho filme soviético na TV, ao ligar o noticiário e

observar o comportamento dos líderes russos contemporâneos. Na presente tese, tentamos expor esse fato fundamental e dele tirar conclusões.

Olhar para trás é natural e inevitável em qualquer cultura, e ninguém – nem um povo, nem um indivíduo – deve ser transformado em uma estátua de sal por fazê-lo. O próprio conceito de cultura, como vimos, se dirige contra o esquecimento²⁵⁵. Mas a tentação de se deter no passado – essa sim deve ser vencida. A história não parou no colapso da URSS e a vida precisa seguir adiante. Talvez esse seja o grande desafio do povo russo e daqueles que, por uma razão ou outra, ainda hoje reivindicam a experiência soviética. Se “o presente é desolado”, como nos ensina Púchkin – e provavelmente o é –, lembremos também Maiakóvski, segundo o qual

Para o júbilo
o planeta
está imaturo.
É preciso
arrancar alegria
ao futuro²⁵⁶.

²⁵⁵ Cf. item 1.2.4 da presente tese.

²⁵⁶ “A Serguei Iessiênin”, em tradução de Haroldo de Campos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

ALEKSIEVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 598 p. Tradução Lucas Simone.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 168 p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 256 p.

BOYM, Svetlana. **The future of nostalgia**. Nova York: Basic Books, 2001. 406 p.

BROUÉ, Pierre. **O partido bolchevique**. São Paulo: Editora Sundermann, 2014. 536 p.

DEUTSCHER, Isaac. **Trótski - o profeta armado (1879-1921)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. 584 p.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 208 p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. 277 p.

FIGES, Orlando. **Uma história cultural da Rússia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. 882 p.

GORBATCHEV, Mikhail. **Perestroika: Novas ideias para o meu país e o mundo**. São Paulo: Círculo do Livro, s. d. 300 p.

HADDAD, Fernando. **O sistema soviético: Relato de uma polêmica**. São Paulo: Scritta Editorial, 1992. 270 p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006. 224 p.

_____. **Sotsialnie ramki pamiati**. Moscou: Novoe Izdatelstvo, 2007. 348 p.

HERNÁNDEZ, Martin. **O veredicto da história: Rússia, China e Cuba – da revolução socialista à restauração do capitalismo**. São Paulo: Editora Sundermann, 2008. 312 p.

IURTCHÁK, Aleksei. **Eto bilo navsegda, poka ne kontchilos: Poslednee sovietskoe pokolenie**. Moscou: Novoie Literaturnoie Obozrenie, 2014. 664 p.

KAGARLITSKI, Boris. **A desintegração do monolito**. São Paulo: Editora Unesp, 1993. 248 p.

p.

_____. **Restavratsia v Rossii.** Moscou: Editorial URSS, 2000. 376 p.

KALÍNINA, Iekaterina. **Mediated post-soviet nostalgia.** Stockholm: Södertörns Högskola, 2014. 276 p.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: A atualidade das depressões.** São Paulo: Boitempo, 2009. 304 p.

KOROTKÊVITCH, V. I. **Istoria sovremennoi Rossii 1991-2003.** São Petersburgo: Izdatelstvo Sankt-peterburgskogo Universiteta, 2004. 172 p.

LÊNIN, V. I. **Polnoe sobranie sotchinenii.** 5. ed. Moscou: Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi, 1969. 592 p. t. 26.

_____. **Últimos escritos e Diário das secretárias.** São Paulo: Editora Sundermann, 2012. 160 p.

LEÔNTIEVA, Olga Borisovna. **Istoritcheskaia pamiat i obrazi prochlogo v rossiiskoi kulture XIX - natchala XX vv.** Samara: Kniga, 2011. 448 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** [s.l.]: Paidó, 1988. 468 p. Disponível em: <<https://mega.nz/#F!gs9VxAoL!uwn4Zl6YwTTuXKjquxrbCQ>>. Acesso em: 25 set. 2018.

LEWIN, Moshe. **O fenômeno Gorbachev: Uma interpretação histórica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 212 p.

LOTMAN, I. M. **Izbrannie stati v trekh tomakh:** Stati po semiotike i topologii kulturi. Tallin: Aleksandra, 1992. t. 1, 247 p. Disponível em: <<http://www.twirpx.com/file/510044/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

_____. **Semiosfera: Kultura i vzriv. Vnutri misliaschikh mirov. Stati. Issledovania. Zametki.** (1968-1992). São Petersburgo: Iskusstvo-SPB, 2000. 702 p.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000. 240 p.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. **Vladimir Ilitch Lênin: poema.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2012. 232 p.

MARX, Karl ENGELS, Friedrich. **Lutas de classes na Rússia.** São Paulo: Boitempo, 2013. 168 p.

_____. **Manifesto Comunista.** São Paulo: Boitempo, 2005. 256 p.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010. 176 p.

_____. **Manuscrítos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. 176 p.

_____. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011. 176 p.

_____. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013. 894 p.

OLDROYD, Osbourne Hamiline. **The Good Old Songs We Used to Sing - '61 to '65**. [s.l.]: Createspace Independent Publishing Platform, 2015. 60 p. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/21566/21566-h/21566-h.htm#HOME_SWEET_HOME>. Acesso em: 04 set. 2018.

ORLÔV, A. S. et al. **Istoria Rossii**. 3. ed. Moscou: Prospekt, 2006. 528 p.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Dictionnaire de Musique**. Paris: Veuve Duchesne, 1768. 578 p. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k850406b/f1.image>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SAGAN, Carl. **Pale blue dot: A vision of the human future in space**. Nova York: Random House, 1994. 429 p.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Os escombros e o mito: A cultura e o fim da União Soviética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 310 p.

SEGRILLO, Angelo. **O fim da URSS e a nova Rússia: De Gorbachev ao pós-Yeltsin**. Petrópolis: Vozes, 2000. 152 p.

SOKOLÔV, Andrei Konstantinovitch; TIAJÊLNIKOVA, Viktoria Stanislavovna. **Kurs sovetskoi istorii: 1941-1991**. Moscou: Vischaia Chkola, 1999. 414 p.

TODOROVA, Maria; GILLE, Zsuzsa (org.). **Post-communist nostalgia**. Nova York: Berghahn Books, 2010. 300 p.

TRAVERSO, Enzo. **Melancolia de esquerda: Marxismo, história e memória**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. 492 p.

_____. **O passado, modos de usar: História, memória e política**. Lisboa: Unipop, 2012. 194 p.

TRÓTSKI, Leon. **A revolução traída: O que é e para onde vai a URSS**. São Paulo: Editora Sundermann, 2005. 288 p.

_____. **Em defesa do marxismo**. São Paulo: Editora Sundermann, 2011. 280 p.

_____. **Minha vida**. São Paulo: Usina Editorial, 2017. 664 p.

_____. **Predannaia revoliutsia**. Moscou: NII Kulturi, 1991. 256 p.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo, 2016. 192 p.

TESES E DISSERTAÇÕES

HOFER, Johannes. Medical dissertation on nostalgia. **Bulletin Of The Institute Of The History Of Medicine**, [s.l.], v. 2, n. 6, p. 376-391, ago. 1934. Tradução do latim para o inglês de Carolyn Kiser Anspach. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/44437799>>. Acesso em: 12 maio 2018.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Considerações sobre a nostalgia**. 1844. 62 f. Tese (Graduação) – Curso de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1844.

MORABITO, F. **A Rússia pelo cinema de Nikita Mikhalkov**. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Literatura e Cultura Russa, Departamento de Letras Orientais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SEGRILLO, Angelo. **Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas**. 2016. 276 f. Tese (Livre docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CAPÍTULOS DE LIVROS

BIELÍNSKI, Vissarion. Pensamentos e observações sobre a literatura russa. In: GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: Editora 34, 2013. pp. 115-146. Tradução Renata Esteves.

CHMELIÔVA, T. V. Nostalgia kak kulturoobrazuiuchi smisl sovremennoi rossiiskoi jizni. In: REZÁNOVA, Z. I. (Org.). **Nostalgia po sovietskomu**. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 72-82.

DEUTSCH, Albert. Military psychiatry: the Civil War, 1861-1865. In: AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Org.). **One hundred years of american psychiatry**. Nova York: Columbia University Press, 1944, p. 367-384.

GOMIDE, Bruno Barreto. Apresentação. In: GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 7-25.

GOVORÚKHINA, I. A.; KAMÍNSKI, P. L.; SUKHÁNOV, V. A. Nostalgia po sovietskomu v tekstovom prostranstve mediadiskursov. In: REZÁNOVA, Z. I. **Nostalgia po sovietskomu**. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 358-376.

GÚDOVA, M. I. Sovietskii chik i rossiiskii glamur: tsennosti i reprezentatsii. In: KUPINA, N.

A.; MIKHÁILOVA, O. A. (Org.). **Sovietskoe prochloe i kultura nastoischego**. Ekaterimburgo: Izdatelstvo Uralskogo Universiteta, 2009, p. 39-53. v. 2

IGNÁTOVA, S. N. “Sovetskie” tsennosti v soznanii sovremennikh krestian. In: SOTSIOLOGITCHESKIE TCHTENIIA PAMIATI V. B. GOLOFASTA, 2014, São Petersburgo. **Nache prochloe: nostalgitcheskie vospominania ili ugroza budushemu?** São Petersburgo: Eidos, 2015, p. 176-187.

KIRIÊIEVSKI, I. V. Sobre o caráter da ilustração da Europa e sua relação com a ilustração da Rússia In: GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: Editora 34, 2013. pp. 187-234. Tradução Denise Sales.

LOTMAN, I. M. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris (Org.). **Semiótica russa**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. Cap. 1, p. 31-41.

MÁRKOV, B. V. Tchelovek, istoria i pamiat. In: REZÁNOVA, Z. I. **Nostalgia po sovietskomu**. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 22-36.

MICHÁNKINA, N. A. Rodina ili sovok? Refleksia “sovietskogo” obraza jizni v virtualnom diskurse. In: REZÁNOVA, Z. I. **Nostalgia po sovietskomu**. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 126-138.

MUSTAJOKI, A. Nostalgia po sovietskomu prochlomu. In: KUPINA, N. A.; MIKHÁILOVA, O. A. (Org.). **Sovietskoe prochloe i kultura nastoischego**. Ekaterimburgo: Izdatelstvo Uralskogo Universiteta, 2009, p. 209-219.

PIKÚLIEVA, I. B. O stepeni pretседentnosti sovietskikh kulturnikh znakov v sovremennoi reklame. In: KUPINA, N. A.; MIKHÁILOVA, O. A. (Org.). **Sovietskoe prochloe i kultura nastoischego**. Ekaterimburgo: Izdatelstvo Uralskogo Universiteta, 2009, p. 148-167. v. 2

PROTASENKO, T. Z. Povsednievnaia jizn: gde priatchetsia prochloe? In: SOTSIOLOGITCHESKIE TCHTENIIA PAMIATI V. B. GOLOFASTA, 2014, São Petersburgo. **Nache prochloe: nostalgitcheskie vospominania ili ugroza budushemu?** São Petersburgo: Eidos, 2015, p. 18-28.

REZANOVA, Z. I.; TUBALOVA, I. V. **Predislovie**. In: REZANOVA, Z. I. **Nostalgia po sovietskomu**. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 9-16.

SCHELKIN, A. G. Prochloe, nastoiaschee, buduschee kak marchrut utrati i obretenia sotsialnoi podlinnosti. In: SOTSIOLOGITCHESKIE TCHTENIIA PAMIATI V. B. GOLOFASTA, 2014, São Petersburgo. **Nache prochloe: nostalgitcheskie vospominania ili ugroza budushemu?** São Petersburgo: Eidos, 2015, p. 65-72.

SMÔLINA, N. S. Sovietskaja epokha v sovremennom internet-prostranstve: problematizatsia kollektivnoi identitchnosti pokolenia tridsatiletnikh. In: KUPINA, N. A.; MIKHÁILOVA, O. A. (Org.). **Sovietskoe prochloe i kultura nastoischego**. Ekaterimburgo: Izdatelstvo Uralskogo Universiteta, 2009, p. 45-55. v. 1

SOLOVIÓV, Vladimir. Três discursos em memória de Dostoiévski. In: GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: Editora 34, 2013. pp. 511-547. Tradução Denise Sales.

SUKHÁNOV, V. A. Nostalgia i identitchnost. In: REZÁNOVA, Z. I. **Nostalgia po sovietskomu**. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 17-22.

TCHAADÁIEV, Piotr. Primeira carta filosófica. In: GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 67-85. Tradução Cecília Rosas.

TCHÊPKINA, E. V. Povtorenie proidennogo: diskursivnie praktiki sovietskoi jurnalistiki v sovremennoi regionalnoi presse. In: KUPINA, N. A.; MIKHÁILOVA, O. A. (Org.). **Sovietskoe prochlœ i kultura nastoischego**. Ekaterimburgo: Izdatelstvo Uralskogo Universiteta, 2009, p. 8-19. v. 2

TCHIKÍCHEVA, A. S. Fenomen nostalgii v postsovietskoi massovoi kulture. In: SLIVAK, D. L. (Org.). **Fundamentalnie problemi kulturologii**. Moscou: Eidos, 2009, p. 267-277. Disponível em: <<http://ec-dejavu.ru/n/Nostalgia.html>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

VÊPREVA, I. T. Refleksia sovietskogo kak baza dlia razvitiia katchestvennogo znatchenia leksemi sovietski v postsovietski period. In: KUPINA, N. A.; MIKHÁILOVA, O. A. (Org.). **Sovietskoe prochlœ i kultura nastoiaschego**. Ekaterimburgo: Izdatelstvo Uralskogo Universiteta, 2009, p. 220-230. v. 2.

ZAVERCHÍNSKAIA, N. A. Nostalgitcheskaia rekonstruktsia sovietskogo: mejdu retrivalizmom i de/remifologizatsiei. In: REZÁNOVA, Z. I. **Nostalgia po sovietskomu**. Tomsk: Izdatelstvo Tomskogo Universiteta, 2011, p. 53-72.

ARTIGOS

ABRAMÓV, R. N. **Muzeefikatsia sovietskogo: istoritcheskaia travma ili nostalgia?** 2014. Disponível em: <<http://gefter.ru/archive/11132>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

ABRAMÓV, R. N.; TCHISTIAKÔVA, A. A. Nostalgitcheskie reprezentatsii pozdnego sovetskogo perioda v mediaproektakh L. Parfionova: po volnam kollektivnoi pamiati. **Mejdunarodnii Jurnal Issledovanii Kulturi**, São Petersburgo, n. 1 (6), p. 52-58, abr. 2012. Disponível em: <[http://www.culturalresearch.ru/files/open_issues/01_2012/IJCR_01\(6\)_2012.pdf](http://www.culturalresearch.ru/files/open_issues/01_2012/IJCR_01(6)_2012.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2017.

ANDERSON, David. Dying of Nostalgia: Homesickness in the Union Army during the Civil War. **Civil War History**, [s.l.], v. 56, n. 3, p. 247-282, 2010. Johns Hopkins University Press. <http://dx.doi.org/10.1353/cwh.2010.0001>.

BLICHKO, D. V. Sotsialnaia struktura obschestva pozdnego sotsializma v rossiiskikh dokumentalnikh teleproektakh: geroi i obivateli. **Trudi Karelskogo Nauchnogo Tsentra Rossiiskoi Akademii Nauk**, Petrozavodsk, n. 4, p. 124-128, ago. 2013. Disponível em: <<https://elibrary.ru/item.asp?id=20275015>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

BOYM, Svetlana. Budushee nostalgii. In: **Neprikosnovennii zapas: Debaty o politike i kulture**. São Petersburgo: Novoe Literaturnoe Obozrenie, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nz/2013/3>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

_____. **Konets nostalgii?**: Iskusstvo i kulturnaia pamiat kontsa veka: Slutchai Ili Kabakova. 1999. Revista eletrônica “Novoe literaturnoe obozrenie”. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nlo/1999/39/boym.html>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

_____. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, n. 23, p. 153-165, abr. 2017. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236/678>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

BUDRAITSKIS, Ilia. Brêjniyev kak sovremennik? Nostalgia, retromania i kolonizatsia sovietskogo. **Neprikosnovennii zapas**, São Petersburgo, n. 2, p. 230-237, 2019. Disponível em: <https://www.nlobooks.ru/magazines/neprikosnovenny_zapas/124_nz_2_2019/article/21206/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

DAHL, Melissa. **The little-known medical history of homesickness**. 2016. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20160301021127/http://nymag.com/scienceofus/2016/02/homesickness-was-once-considered-a-medical-diagnosis.html>>. Acesso em: 04 set. 2018.

DAVÍDOV, O.; ZÔTOV, I. “Sobitia, liudi, iavlenia, opredelivchie obraz jizni” Tchei? 1997. Disponível em: <https://www.booksite.ru/parfenov/4_02.html>. Acesso em: 24 jul. 2019.

DIEGO, Filiberto Fuentenebro de; OTS, Carmen Valiente. Nostalgia: a conceptual history. **History Of Psychiatry**, Cambridge, n. 25, p. 404-411, dez. 2014. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/toc/hpya/25/4>>. Acesso em: 04 set. 2018.

EDELE, Mark. The Soviet Culture of Victory. **Journal of Contemporary History**, Melbourne, n. 54, p. 780-798, 2019.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. **Revista Usp**, São Paulo, n. 24, p. 114-120, dez./fev. 1994/1995.

FOM (Rússia). **O raspade SSSR**. Disponível em: <<https://fom.ru/Proshloe/11314>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FREIXO, André de Lemos; ABREU, Marcelo Santos de; MATA, Sérgio da. A nostalgia como problema metahistórico: uma introdução. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, n. 23, p. 138-141, abr. 2017. Disponível em:

<<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1226/676>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

GABOVITCH, Mikhail. Pamiatnik i prazdnik: etnografia Dnia Pobedi. **Neprikosnovennii zapas**, São Petersburgo, n. 3, 2015. Disponível em: https://www.nlobooks.ru/magazines/neprikosnovennyy_zapas/101_nz_3_2015/article/11512/. Acesso em: 21 jul. 2020.

GEHLEN, Arnold. A felicidade evadida: Uma interpretação da nostalgia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, n. 23, p. 142-152, abr. 2017. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1235/677>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

GUDKÓV, Liev. “Pamiat” o voine i massovaia identitchnost rossian. **Neprikosnovennii zapas**, São Petersburgo, n. 2, 2005. Disponível em: <https://magazines.gorky.media/nz/2005/2/pamyat-o-vojne-i-massovaya-identichnost-rossiyan.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

KALÍNIN, Ilia. **Kulturnaia politika kak instrument demodernizatsii**. 2015a. Revista eletrônica “Neprikosnovennii zapas”. Disponível em: <http://polit.ru/article/2015/02/15/cultural_policy/>. Acesso em: 21 fev. 2017.

_____. Nostalgic Modernization: the Soviet Past as “Historical Horizon”. **Slavonica**, Leeds, n. 2, p. 156-166, nov. 2011a. Semestral.

_____. **Nostalgitcheskaia modernizatsia: sovetskoe prochloe kak istoritcheskii gorizont**. 2011b. Disponível em: <<http://polit.ru/article/2011/02/28/nostalgirnizatsiya/>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

_____. **O pokhishenii kulturi, edinstve istorii i rasshirenii granits**. **Neprikosnovennii Zapas**: Debatí o politike i kulture, São Petersburgo, v. 1, n. 1, p. 243-249, fev. 2015b. Bimestral. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nz/2015/99/18k.html>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

_____. **Perestroika pamiati**. 2009. Revista eletrônica “Neprikosnovennii zapas”. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nz/2009/2/ka17.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

_____. **Proshloe kak ogranitchennii resurs: istoritcheskaia politika i ekonomika renti**. 2013. Revista eletrônica “Neprikosnovennii zapas”. Disponível em: <<http://polit.ru/article/2013/05/11/past/>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

KOLONITSKI, Boris; MATSKEVITCH, Maria. Passado imprevisível num tempo imprevisível: O centenário da Revolução de 1917 na Rússia contemporânea. **RUS: Revista de Literatura e Cultura Russa**, São Paulo, v. 8, ed. 10, p. 81-99, 23 dez. 2017. Tradução Henrique Canary. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rus/article/view/140519>. Acesso em: 7 jul. 2020.

KUSTAREV, Aleksandr. **Zolotie 1970-e: Nostalgia i reabilitatsia**. 2015. Disponível em: <<http://www.russ.ru/layout/set/print/pole/Zolotye-1970-e-nostal-giya-i-reabilitaciya>>. Acesso em: 16 fev. 2017)

LARUELLE, Marlene. Looking West more than East: Russia's World War II Commemorations. In: YANG, Daqing; MOCHIZUKI, Mike; IRIYE, Akira (ed.). **Memory, Identity, and Commemorations of World War II: Anniversary Politics in Asia Pacific**. Lexington: Lanham, 2018a, p. 127-140.

_____. National Identity and the Contested Nation. In: SAKWA, Richard; HALE, Henry E.; WHITE, Stephen. **Developments in Russian Politics**. Durham: Duke University Press, 2018b, p. 67-79.

LEPIKHOVA, I. I.; KONDRÁTSKAIA, V. L. Informatsionno-razvlekatelnie programmi v tvortchestve Leonida Parfionova. **Mejkulturnie Kommunikatsii**, Simferopol, n. 2, p. 179-183, abr. 2017. Disponível em: <<https://elibrary.ru/item.asp?id=30563280>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

LIPITCH, T. I. K kharakteristike slavianofilstva. **Nauchnie Vedomosti Belgorodskogo Gossudarstvennogo Universiteta**, Belgorod, n. 8, p. 151-157, nov. 2008. Disponível em: <http://elibrary.ru/download/elibrary_15240475_47199380.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

MATT, Susan. **Home, sweet home**. 2012. Disponível em: <<https://opinionator.blogs.nytimes.com/2012/04/19/home-sweet-home/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

MEJÚIEV, Boris. **Nostalgia po “ottepeli” kak pokaianie za “perestroiku”**. 2017. Disponível em: <<https://politconservatism.ru/articles/nostalgiya-po-ottepeli-kak-pokayanie-za-perestrojku>>. Acesso em: 13 fev. 2018

MEMORIAL, International (Rússia). **Poteri grajdanskogo naselenia v tchetchenskikh voynakh**. 2004. Disponível em: <<http://old.memo.ru/hr/hotpoints/caucas1/msg/2004/12/m28922.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

MENDES, Luis Antonio de Oliveira. Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d'África e o Brasil (1812). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, n. 2, p. 362-376, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v10n2/1415-4714-rlpf-10-2-0362.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2018.

MOSGOVA, E. S.; KRIUKOVA, L. B. Funktsionalnaia nagruzka metafor v istoriko-poznavatelnom diskurse na materiale teksta teleprogrammi L. Parfionova “Namiédni. Nacha era” (NTV). **Sibirski Filologitcheski Jurnal**, Tomsk, n. 1, p. 227-231, maio 2015. Disponível em: <<https://elibrary.ru/item.asp?id=23031697>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

NATALI, Marcos Piason. History and the Politics of Nostalgia. **Iowa Journal Of Cultural Studies**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 10-25, 2004. The University of Iowa. <http://dx.doi.org/10.17077/2168-569x.1113>.

NELSON, Anna. **Pozdravlenia s iubileem prinimaet odin iz samikh iarkih rossiiskikh jurnalistov – Leonid Parfionov**. 2010. Disponível em: <[https://www.1tv.ru/news/2010-01-26/152127-](https://www.1tv.ru/news/2010-01-26/152127-pozdravleniya_s_yubileem_prinimaet_odin_iz_samyh_yarkih_rossiyskih_zhurnalistov_leonid_parfenov)

[pozdravleniya_s_yubileem_prinimaet_odin_iz_samyh_yarkih_rossiyskih_zhurnalistov_leonid_parfenov](https://www.1tv.ru/news/2010-01-26/152127-pozdravleniya_s_yubileem_prinimaet_odin_iz_samyh_yarkih_rossiyskih_zhurnalistov_leonid_parfenov)>. Acesso em: 24 jul. 2019.

NÔVIKOVA, A. A.; TCHUMAKÔVA, V. P. Sovietskíe filmi v novoi mediasrede: idealizatsia ili diskreditatsia predstavlenii o proshlom. **Khudozhestvennaia Kultura**, Moscou, v. 2, n. 2, p. 61-67, mar. 2014. Trimestral. Disponível em: <<http://elibrary.ru/item.asp?id=22135116>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

PETRÔVA, M. V. Kulturnii fenomen nostalgii po SSSR na rossiiskom televidenii. **Iaroslavski Pedagogitcheski Vestnik**, Iaroslav, n. 1, p. 51-55, mar. 2015. Disponível em: <<https://elibrary.ru/item.asp?id=20275015>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

PIANZINA, I. V.; TSAPIUK, N. V. Telememuari na sovremennom rossiiskom televidenii. **Ogariov Online**, Saransk, n. 19, p. 182-185, jan. 2015. Disponível em: <journal.mrsu.ru/arts/telememuari-na-sovremennom-rossijskom-televidenii-na-primere-programm-serebryanyj-shar-i-namedni>. Acesso em: 22 jul. 2019.

PLÔTNIKOVA, O. A. **Istoritchesckoe soznanie sovremennoi rossiiskoi molodeji**. 2014. Disponível em: <http://iporadetel.ru/Apologet/Плотникова_2.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2017.

PONKO, A. D. **O roli, meste i naznatchenii Ministerstva kulturi v Rossii natchala XXI veka**: Razmichlenia veterana Ministerstva kulturi. 2013. Disponível em: <mkrf.ru/upload/mkrf/mkdocs2013/27_05_2013_6.doc>. Acesso em: 23 fev. 2017.

POPÓV, Nikolai. **“Likhie 90-e”: Kakim bilo obschestvennoe mnenie v epokhu Ieltsina**. 2015. Disponível em: <http://kapital-rus.ru/articles/article/obschestvennoe_mnenie_v_epokhu_elcina/>. Acesso em: 16 nov. 2018.

PÚTIN, Vladimir. **75 liet Velikoi Pobedi: obschaia otvetstvennost pered istoriei i buduschim**. 2020. Disponível em: <http://kremlin.ru/events/president/news/63527>. Acesso em: 04 ago. 2020.

RISINA, A. A. Iazikovaia litchnost Leonida Parfionova. **Vestnik MGUP**, Moscou, n. 2, p. 182-185, jun. 2016. Disponível em: <<https://elibrary.ru/item.asp?id=28320480>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

ROMÁNOV, Boris. Kak Stalin otmenil Den Pobedi v 1947 godu. **Proza.ru**, [s. l.], 2010. Disponível em: <https://proza.ru/2010/05/11/32>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SEDIKIDES, Constantine et al. Nostalgia: past, present and future. **Current Directions In Psychological Science**, Thousand Oaks, n. 17, p. 304-307, out. 2008. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/full/10.1111/j.1467-8721.2008.00595.x>>. Acesso em: 05 set. 2018.

TIMOFÊIEV, M. I. Muzeifikatsia SSSR: Semiotitcheskoe prostranstvo: reprezentatsii "reliktoŭ" SSSR. **Labirint: Jurnal sotsialno-gumanitarnikh issledovanii**, Ivanovo, n. 5, p. 25-33, out. 2014.

UCHÁKIN, Serguei. Razlojenie totalnosti: obiektaizatsia pozdnego sotsializma v postsovietskih biokhronikah. In: **Neprikosnovenii zapas: Debati o politike i kulture**. São Petersburgo: Novoe Literaturnoe Obozrenie, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nz/2013/3>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

VICHNIÊVSKI, A. Podem smertnosti v 90-e godi: fakt ili artefakt? **Mir Rossii**, Moscou, v. 3, n. 3, p. 153-160, dez. 2000. Disponível em: <<https://mirros.hse.ru/article/view/5380>>. Acesso em: 19 out. 2018.

WALICKI, Andrzej. Russkaia ideia. **Gumanitarnie Nauki: Vestnik finansogo universiteta**, Moscou, n. 4, out. 2012, p. 92-101. Trimestral. Disponível em: <http://elibrary.ru/download/elibrary_19027226_83962380.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

WOOD, Elizabeth A. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of WWII in Russia. **The Soviet and Post-Soviet Review**, Leiden, n. 38, p. 172-200, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233566311_Performing_Memory_Vladimir_Putin_and_the_Celebration_of_World_War_II_in_Russia. Acesso em: 29 jul. 2020.

ZDRAVOMÍSLOV, A. G. Vlast i obschestvo v Rossii: krizis 90-kh godov. **Obschestvennie Nauki i Sovremennost**, Moscou, n. 6, p. 25-34, dez. 2000.

DOCUMENTOS, DISCURSOS E DECLARAÇÕES OFICIAIS

MEDVÊDIEV, Dmitri. **Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu**. 2008. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/transcripts/messages/1968>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

PRESIDIUM DO SOVIETE SUPREMO DA URSS. Ordem. **Ob obiaŭlenii 9 maia Prazdnikom Pobedi**, Moscou, 8 maio 1945. Disponível em: <http://base.garant.ru/198106/>. Acesso em: 21 jul. 2020.

PÚTIN, Vladimir. **Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu**. 2005. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/transcripts/22931>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

_____. **Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu**. 2012. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/17118>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

_____. **Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu**. 2014. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/47173>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

_____. **Poslanie Prezidenta Federalnomu Sobraniu**. 2016. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/53379>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

RÚSSIA. Lei nº 354.1, de 05 de maio de 2014. **Reabilitatsia Natsizma**.

STÁLIN, Iosif. Retch na Krasnoi Ploschadi 7 noiabria 1941. In: STÁLIN, Iosif. **Sotchinenia**. Moscou: Pisatel, 1997. t. 15, p. 84-86.

DICIONÁRIOS

ISIDORO PEREIRA, S. J. **Dicionário grego-português e português-grego**. 6. ed. Porto: Editorial Apostolado da Imprensa, 1984. 1054 p.

VOINOVA, N. I. et al. **Dicionário russo-português**. 2. ed. Moscou: Russki Yazik, 1989. 816 p.

ENTREVISTAS

OSTRÔVSKI, Arkadi. Father to the Oligarchs (Entrevista com Anatoli Tchubais). **Financial Times** (edição eletrônica). Londres, 13 nov. 2004. Disponível em: <http://www.ft.com/cms/s/0/8fe3b5c2-3518-11d9-978c-00000e2511c8.html?ncllick_check=1>. Acesso em: 05 nov. 2018.

PARFIÔNOV, Leonid. **Kniga bez peremen (Entrevista)**. 2008. Disponível em: https://daily.afisha.ru/archive/gorod/archive/parfenov_part1/. Acesso em: 06 ago. 2020.

_____. **“Televidenie nashe iavliaetsia vlastnim piarom” (Entrevista)**. 2008. Disponível em: <<http://sobesednik.ru/publications/sobesednik/2008/12/47/parfenov-47-2008>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

UCHÁKIN, Serguei. **“Mi u prochlogo ne utchimsia, mi im jiviom” (Entrevista)**. 2015. Revista eletrônica “Neprikosnovennii zapas”. Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/nz/2015/4/11int.html>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

VELLER, Mikhail. **Kak vsio natchinalos (Entrevista)**. 2016. Disponível em: <https://tvrain.ru/lite/teleshov/kak_vse_nachinalos/veller-406239/>. Acesso em: 30 out. 2018.

WALICKI, Andrzej. **“Russkaia misl iavliaetsia tchastiu evropeiskoi misli” (Entrevista)**. Filosofskoe Obozrenie, Moscou, n. 1, jan. 1999. Semestral. p. 5. Disponível em: <http://elibrary.ru/download/elibrary_14571794_60891091.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.

BASES DE DADOS

VTsIOM (Rússia). **Baza sotsiologitcheskih dannikh VTsIOM**. [s. d.]. Disponível em: <<https://wciom.ru/database/>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

PROGRAMA NAMIÉDNI (1961-2003)

PARFIÔNOV, Leonid. **Namiédni 1961-2003 – Nacha era.** [S. l.], 25 maio 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL2dnmwJp-KL6RLhfmDDQwZcoONM7jk_Qa. Acesso em: 5 nov. 2020.

ANEXO**FICHAS DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”**

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1961	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Stréliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Novo dinheiro	Como os antigos rublos foram substituídos por novos na proporção de 10/1 e as mudanças ocorridas nos preços ao consumidor. Resgata a reação das pessoas e as consequências em médio e longo prazo.
Strelka teve filhotes	Como a cadelinha Strelka, que havia feito uma viagem a bordo da nave espacial “Sputnik 5” um ano antes teve 6 filhotes saudáveis e como o fato foi usado para a propaganda do programa espacial soviético.
Programa para o milho	Lembra a resistência aberta ou dissimulada que o plano de Khruschóv para ampliação da safra de milho encontrou na sociedade soviética. Resgata piadas e dizeres populares a respeito da campanha. Utiliza desenhos animados da época como imagens ilustrativas.
Filme “Homem-anfíbio”	Relembra a trilha sonora e a repercussão do filme na União Soviética, bem como os atores e as locações utilizadas.
Voo de Iuri Gágárin	Centrado nos fatos ocorridos depois do retorno de Gágárin do espaço, a recepção popular e os detalhes da parada realizada em sua homenagem. Lembra que o voo de Gágárin foi certamente “o evento mais feliz de todo o pós-guerra” e que talvez pela primeira vez na história, “o herói oficial e o herói popular são um só”. Resgata o incidente com o cadarço desamarrado de Gágárin e sua famosa expressão “Поехали” ao ser lançado.
Florística	Relembra a moda que invadiu a União Soviética de fazer esculturas domésticas com galhos e raízes.
Sapatos de salto agulha	Lembra a moda dos anos 1960, com ênfase nos sapatos de salto agulha e os problemas de saúde que esses saltos acarretavam, bem como o inconveniente desse tipo de calçado, por exemplo, nas escadas rolantes do metrô.
Playa Girón	Relembra a tentativa de invasão norte-americana a Cuba e a comoção que o fato causou na URSS. Resgata os slogans “Pátria o muerte!” e “Viva Cuba!”, que se tornaram populares na União Soviética, bem como a relação romantizada estabelecida com Cuba desde então.
“Khrushovkas”	Resgata a campanha de obras animada pelo slogan “Uma família, um apartamento!”, ou seja, a tentativa do governo de extinguir ou pelo menos diminuir o déficit habitacional soviético com a construção de prédios baratos, as “khrushovkas”.

Opereta soviética e Tatiana Chmiga	Relembra a cena teatral soviética do início dos anos 1960, com suas operetas e peças leves voltadas principalmente para o público feminino.
Hidrelétrica Bratskaia	Centrado no simbolismo da construção como parte dos esforços pela ocupação da Sibéria.
Palácio dos Congressos	Relembra o gigantismo da obra, bem como as críticas que o projeto recebeu na época por desconfigurar a arquitetura da Fortaleza do Krémelin.
Valeri Brumel	Lembra as conquistas do atletismo soviético do início dos anos 1960.
XXII Congresso do PCUS	Principais discussões do congresso, entre elas, a aprovação do Programa do PCUS, segundo o qual, na década de 1970, a economia soviética deveria alcançar e superar a economia norte-americana e na década de 1980 o essencial do comunismo já estaria construído na URSS. Lembra também o chamado de Khruschóv ao final do congresso: “Nossos objetivos estão claros. As tarefas foram definidas. Ao trabalho, camaradas!”
Retirada do corpo de Stálin do Mausoléu	Relembra as modificações ocorridas na Praça Vermelha e no Mausoléu em função da retirada do corpo de Stálin do local.
Obras Escolhidas de Ilia Ilf e Ievgueni Petrôv	Centrado na edição das Obras Escolhidas dos dois principais escritores satíricos soviéticos, autores de obras como <i>O bezerro de ouro</i> e <i>12 cadeiras</i> . Relembra algumas frases famosas de seus livros.
O Caso Rokotôv	Relembra o caso de grande impacto social em torno da quadrilha de especuladores formada por Ian Rokotôv, Vladislav Faibichénko e Dmitri Iákovlev, condenados à morte em 1961 por atividade especulativa com moeda estrangeira.
Movimento dos não-alinhados	Lembra a fundação do movimento em 1961 em Belgrado, Iugoslávia.
Oleg Popóv	Centrado na imagem do palhaço soviético Oleg Popóv e sua carreira.
Negociações entre Khruschóv e Kennedy	Relembra os eventos sociais organizados em torno das negociações onde participaram Kennedy, Khruschóv e suas respectivas esposas.
“Será que os russos querem a guerra?”	Lembra a popularidade, na época, da canção de Eduard Kolmanôvski e Ievgueni Ievtuchênko e interpretada por Mark Bernes.
Crise de Berlim	Relembra a construção do Muro de Berlim em função da crise de refugiados que abandonavam Berlim Oriental para viver no lado ocidental.
Covarde, Inútil e Simplório	Lembra o trio de comediantes formado por Gueorgui Vitsin, Iuri Nikúlin e Ievgueni Morgunôv num dos mais famosos filmes de Leonid Gaidái.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1962	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
“Fogo azul”	Relembra o famoso programa de auditório que costumava ir ao ar nas principais datas comemorativas da URSS.
Nona Gaprindachvili	Lembra a conquista do título mundial de xadrez feminino pela enxadrista georgiana.
Idiomas estrangeiros na escola	Relembra a introdução do inglês como principal idioma estrangeiro nas escolas soviéticas, no lugar que era antes ocupado pelo alemão. Lembra os programas de TV e os LP's destinados ao ensino da língua.
O ano da África	Centrado nas iniciativas diplomáticas da URSS no continente africano, após a libertação da maioria das ex-colônias. Abertura de rotas aéreas para o continente e a inauguração da Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba em Moscou, destinada a formar quadros de nível superior para os países independentes da África e Ásia.
Muslim Magomáiev	Retoma a trajetória do cantor de origem azerbaijano conhecido como “O rei das canções” e “O Sinatra soviético”.
Barco a motor “Cometa”	Lembra a abertura para exploração comercial do primeiro barco com asas subaquáticas soviético.
Visita de Khruschóv à exposição vanguardista	Relembra a indignação causada em Khruschóv pela exposição vanguardista de Moscou. Na época, Khruschóv qualificou a exposição como “merda” (говно) e os artistas de “pederastas” (пидорасы), afirmando que comem com o dinheiro do povo e que por isso devem fazer uma arte compreensível para o povo.
John Glenn, Gagárin norte-americano	Lembra o voo orbital de John Glenn, primeiro astronauta norte-americano a orbitar o espaço a bordo da nave Mercury.
Aumento do preço da carne, óleo e leite.	Centrado nas consequências do primeiro aumento de preços na URSS desde o fim da Segunda Guerra Mundial.
Rádio “Juventude”	Relembra a inauguração da rádio que inovou a radiotransmissão da época com a ampla utilização de participação popular e entrevistas sem texto prévio.
Massacre de Novotcherkass	Lembra a rebelião operária ocorrida na cidade de Novotcherkass em protesto contra o aumento de preços da carne, óleo e leite e que terminou com o assassinato de 20 manifestantes e a condenação a fuzilamento de mais 20. Analisa a imprensa da época, demonstrando que o caso foi mantido sob sigilo e só parcialmente vazou para a imprensa ocidental.
Turnê do Teatro Bolshoi nos EUA	Pela segunda vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o corpo de balé do Teatro Bolshoi sai em uma turnê de 3 meses

	pelos Estado Unidos. Desponta a estrela de Maia Plisêtskaia como primeira bailarina do Balé Bolshoi.
150 anos da Batalha de Borodino, Sargento Rjevski	Lembra as comemorações dos 150 anos da Batalha de Borodino, que decidiu os rumos da invasão napoleônica à Rússia, bem como o personagem fictício Sargento Rjevski, que tornou-se famoso graças ao filme “A balada do hussardo”, de Eldar Riazánov.
Premiação dos cientistas nucleares	Retoma a história da premiação de vários cientistas soviéticos da área de física atômica. Mais tarde, soube-se que a premiação tinha a ver com a construção da bomba H.
Filme “E se for amor?”	Relembra o lançamento do polêmico filme sobre o amor entre um jovem e uma jovem membros do Komsomol.
<i>Novo Mundo</i> e “Um dia na vida de Ivan Denísovitch”	Lembra o que define como “ponto alto da liberdade de expressão na URSS”, a publicação da obra de Aleksandr Soljenítsin “Um dia na vida de Ivan Denísovitch” na revista literária <i>Novo Mundo</i>
Bambolê	Relembra a resistência velada exercida pelos poderes oficiais contra o brinquedo, que tornou-se bastante popular no país.
Igor Stravínski na URSS	Relembra a visita realizada pelo compositor, que estava fora da URSS desde 1910, e seus concertos em Leningrado e Moscou.
MKAD	Retoma a inauguração do primeiro trecho da Auto-Estrada Anelar de Moscou que deveria ter 109 quilômetros e circundar totalmente a capital soviética.
Pinguins, símbolo da Antártida	Lembra o voo experimental realizado entre a União Soviética e o continente antártico e a surpreendente popularidade que os pinguins adquiriram no país a partir de então. A matéria é ilustrada com desenhos animados da época (“Os três pinguins”).
Oleg Penkôvski	Retoma o caso do espião russo que trabalhou durante muitos anos para as potências ocidentais, entregando principalmente a Estados Unidos e Inglaterra mais de 10.000 páginas de documentos soviéticos secretos, até ser finalmente descoberto. Penkôvski foi condenado à morte por fuzilamento.
Crise dos mísseis	Relembra os fatos que conduziram Estados Unidos e União Soviética à beira do conflito atômico e a repercussão da crise, principalmente nos Estados Unidos.
Edita Piekha e Maia Kristalinskaia	Lembra os sucessos de duas cantoras de origem polonesa muitos famosas na época.
Landau, ganhador do Prêmio Nobel	Relembra a premiação do físico soviético Liev Landau com o Nobel de Física por suas descobertas na área de física quântica.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1963	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Iegor Gaidar (economista), Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
KVN (“Clube dos alegres e criativos”)	Como o programa de TV que reunia o setor mais intelectualizado da juventude soviética conquistou os lares da URSS.
Martin Luther King	Repercussão da luta por direitos civis nos Estados Unidos sob a liderança de Martin Luther King, inclusive a marcha a Washington e o famoso discurso “Eu tenho um sonho”.
Voo de Valentina Terechkôva	Relembra o voo de duração de 48 órbitas (71 horas) ao redor da Terra e suas consequências na URSS.
Oleoduto “Amizade”	Junção entre as partes soviética e polonesa do oleoduto e as consequências econômicas para o bloco socialista.
Twist soviético	Considerado indecente e uma “capitulação ao Ocidente” na época, o twist ainda assim tornou-se moda na URSS, com vários artistas famosos aderindo ao estilo.
Propaganda antirreligiosa	Ligada à campanha pela conquista do Cosmos, começa na URSS um forte operativo pela substituição dos rituais religiosos de casamento e batismo por cerimônias laicas.
Liev Iáchin – vencedor da “Bola de Ouro”	Relembra a premiação do lendário goleiro soviético com o prêmio mais importante do futebol mundial e seu reconhecimento como o melhor goleiro do mundo de todos os tempos.
Novo modo de vida e novas tecnologias	Abertura de novas fábricas tecnológicas nas regiões e as mudanças que acarretaram no modo de vida soviético, como por exemplo o surgimento das lavanderias químicas de roupa.
Fidel Castro na URSS	Relembra a viagem de um mês e meio do líder cubano à URSS, a inauguração da linha aérea Moscou-Havana e a sensação de rejuvenescimento do ideal socialista provocada pela Revolução Cubana.
Polietileno	Massificação da produção de plástico na URSS, suas consequências para o consumo e a vida cotidiana.
Capa de chuva “Bolonha”	Popularização da capa de chuva feita com o tecido “Bolonha”, em substituição ao tradicional gabardine. O estilo unissex das capas feitas com esse material representaram uma revolução na moda soviética.
Tigran Petrosián – 9º campeão mundial de xadrez	Relembra o campeonato mundial de xadrez de 1963 e a campanha do armênio Tigran Petrosián ao título.
Ciclo de canções “E no nosso pátio”	Em base ao ciclo de três canções de A. Ostrôvski e L. Ochanin, relembra o cotidiano dos pátios internos soviéticos nos anos

	1960.
Piora das relações sino-soviéticas	Luta pela direção do movimento comunista internacional e conflitos fronteiriços entre a URSS e a China.
Filme 8 ^{1/2} vencedor de Cannes	Relembra o sucesso mundial do filme e sua repercussão na URSS.
Cinema “Rússia”	Construção da maior sala de cinema da URSS.
Plantio retangular ninhado	Forma de plantio desenvolvida por engenheiros agrônomos soviéticos que permitia um melhor controle de pragas.
Tingimento de cabelos	Expansão da moda do tingimento de cabelos, abarcando homens e mulheres de todas as idades e suas consequências para a cultura soviética.
Visita de Khruschóv a Iugoslávia	Normalização das relações soviético-iugoslavas, com o estabelecimento de rotas turísticas para cidadãos soviéticos que visitavam o país.
Novo uniforme escolar	Substituição do antigo uniforme escolar em todo o território da URSS. Relembra as discussões que ocorreram no país sobre a necessidade ou não de ter um uniforme escolar único.
Importação de grãos	Relembra a compra, considerada então uma medida temporária, de trigo dos Estados Unidos e Canadá, devido à queda na produção nacional.
Revista “Juventude”	Relembra o auge da revista que se tornou o símbolo da primeira geração de jovens pós-guerra.
Assassinato de John F. Kennedy	Assassinato do presidente norte-americano e sua repercussão na URSS.
Minimalismo no modo de vida	Relembra a moda minimalista na decoração de interiores: a tendência à utilização de móveis mais baratos e em pequena quantidade nos apartamentos soviéticos.
Liudmila Zíkina – artista da RSFSR por merecimento	Relembra os sucessos da cantora e sua conquista do título oficial de artista da RSFSR por merecimento.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1964	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Stréliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Lidia Skoblikova ganha 4 medalhas de ouro	Relembra as Olimpíadas de Inverno de 1964, principalmente o desempenho da patinadora soviética Lidia Skoblikova.
Liudmila Bieloúsova e Oleg Protopópov	Boom da patinação artística na URSS e o sucesso da dupla Liudmila Bieloúsova e Oleg Protopópov.
Operação “Dragão Vermelho”	Agressão belga contra o Congo e a campanha em defesa do país africano na URSS, as manifestações em Moscou e a reação dos estudantes estrangeiros.
Aposentadoria para os membros de kolkhozes	Aprovação da lei que garantia uma aposentadoria mínima para os membros da cooperativas agrícolas, desde que atingida a idade mínima de 60 anos para as mulheres e 65 anos para os homens.
Filme “Caminhando por Moscou”	O filme dirigido por Gueorgui Danélia e estrelado por Nikita Mikhalkov tornou-se um fenômeno de bilheteria e uma referência na cultura soviética.
Estação “Maiak” (O Farol)	Inauguração da estação de rádio musical-informativa que pretendia fazer frente às rádios ocidentais ouvidas na parte europeia da URSS.
Visita de Khruschóv à República Árabe Unida e inauguração da represa de Assuã	Relembra a visita feita por Khruschóv ao atual Egito por ocasião da inauguração da represa de Assuã, que tinha participação soviética na construção, e o estreitamento de relações entre a URSS e o regime nasserista.
“Antimundos” de Andrei Voznesênski	Relembra o sucesso do escritor Andrei Voznesênski e seu livro “Antimundos”, considerado um marco na literatura futurista.
Anastas Mikoíán – presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS	Relembra a ascensão de Anastas Mokoian ao posto oficial de chefe de Estado da URSS e sua longa carreira política no aparato do PCUS.
Richard Sorge	Premiação de Richard Sorgue (in memoriam) como Herói da União Soviética e o boom das histórias de espionagem no cinema e na literatura.
“Ciclo da Taiga”, de Aleksandra Pakhmutova	Relembra as canções sobre a Taiga russa, que fizeram sucesso nos anos 1960.
Teatro na Rua Taganka	Inauguração do teatro e os artistas que nele se apresentaram ao longo dos primeiros anos de sua existência.
Domesticação de animais selvagens	Relembra a moda surgida na época de domesticar animais selvagens, principalmente aqueles tipicamente siberianos como ursos, lobos, raposas e felinos médios.

Demissão de Khruschóv	Primeiro afastamento pacífico e em vida de um dirigente. Relembra também a forma simpática com que, em geral, o povo passou a lembrar de Khruschóv.
Aleksei Adjubei	Relembra a demissão do editor-chefe do <i>Pravda</i> e suas relações com Nikita Khruschóv.
“La Scala” em Moscou	Turnê da famosa casa de ópera de Milão por várias cidades soviéticas e a visita de retribuição feita pelo corpo do Balé Bolshoi à Itália.
Tratores “K-700” e “DT-75”	Sucesso dos tratores K-700 e DT-75, principalmente dadas as condições climáticas e do solo das fazendas estatais e coletivas soviéticas.
Filme “Hamlet” e Innokentii Smoktunôvski	Relembra o filme estrelado por Innokentii Smoktunôvski e o sucesso do ator, reconhecido mais tarde como “pai dos atores soviéticos”.
Fortalecimento da luta contra a vadiagem. Condenação de Iosif Brôdski	Condenação do poeta Iosif Brôdski por vadiagem e seu exílio na Sibéria.
Iuri Vlâsov e Leonid Jabotínski	Duelo histórico entre dois halterofilistas soviéticos nas Olimpíadas de Tóquio, com a quebra de vários recordes mundiais.
Casaco de pele artificial	Relembra a moda de casacos de pele artificial.
Basov e Prokhorov – ganhadores do Prêmio Nobel	Conquista por Aleksandr Prokhorov e Nikolai Basov do Prêmio Nobel de Física, com pesquisas na área da eletrônica quântica e laser.
Bulat Okudjáva	Relembra o sucesso do compositor no início de sua carreira.
“Boa noite, pequenos!”	Estreia do programa infantil, seus personagens e apresentadores.
Urho Kekkonen, “finlandização” e “letka-enka”	Relembra a premiação do presidente finlandês com a Medalha de Lênin e as boas relações mantidas então entre a URSS e a Finlândia, bem como a dança finlandesa “letka-enka”, que se tornou moda na União Soviética na época.
Camisa da nylon	Na esteira do surgimento e desenvolvimento de vários tecidos sintéticos, relembra a moda das camisas de nylon, que se tornaram populares na União Soviética naquele período.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1965	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Leônov no espaço aberto	Caminhada espacial de 20 minutos de Aleksei Leônov, ocorrida em 18 de março, junto à espaçonave Voskhod-2.
Motocicletas “IJ-Planeta” e “IJ-Júpiter”	Popularização da motocicleta como meio de transporte e em competições esportivas, como o “moto-polo” e outros.
Eduard Khil	Recebeu o Prêmio de Artista do Povo da República Socialista Federativa Soviética da Rússia após a performance na canção russa “Pora v Put Dorogu”
Mohair	Relembra a moda em torno ao tecido produzido a partir do pelo da Cabra Angorá.
Amistoso URSS-Brasil	Jogo ocorrido no Estádio Lujniki e que terminou no placar de 3-0 para a seleção brasileira.
Mi-10, Tu-134, Il-62, An-22 e Tu-144 em Le Bourget	Auge da indústria aeronáutica soviética, com vários modelos sendo aclamados no Salão Internacional da Aeronáutica de Paris-Le Bourget.
“Fortaleza de Brest”, de Andrei Smirnôv	Relembra a premiação do escritor com o Prêmio Lênin por seu livro sobre a heróica resistência da Fortaleza Brest no início da Grande Guerra Patriótica.
20 anos da Vitória na Grande Guerra Patriótica	Relembra as comemorações, desfiles e premiações por ocasião dos 20 anos da Vitória na Grande Guerra Patriótica. Reabilitação de Júkov, menções a Stálin e reconhecimento de várias cidades com o título de “cidade-herói”.
Sophia Loren	Relembra o sucesso da atriz durante sua passagem pela URSS por ocasião do Festival de Cinema de Moscou.
Reformas de Kosíguin	Plenum do CC de março decide pela introdução de alguns elementos de mercado na economia, principalmente mecanismos de estímulo material à produção, como a contabilidade feita em base às vendas e não mais à produção.
Festivais estudantis	Acompanhando as tendências existentes inclusive em países ocidentais, ocorre o auge da cultura estudantil, com a realização de concursos e festivais artísticos.
Filme “Operação 'Y'”	Dirigido por Leonid Gaidái, o filme “Operação 'Y' e Outras Aventuras de Churik” é um sucesso estrondoso de bilheteria, com mais de 69 milhões de espectadores.
EVM “Ural”	“Máquinas Contadoras Eletrônicas” (EVM, por sua sigla em russo) são os predecessores do computador e tornam-se um item presente em vários ramos da indústria soviética.
Ievgueni Ievtuchênko	Relembra o sucesso do poeta e seu épico “Hidrelétrica Bratskaia”

Panela de pressão	Lembra o surgimento e popularização da panela de pressão e a consequente diminuição do tempo gasto na cozinha pelas donas de casa soviéticas.
Natalia Kutchinskaia	Aos 16 anos, torna-se a mais jovem campeã de ginástica olímpica na história da URSS.
Televisor “Elétron”	Relembra a famosa marca de televisores, capaz de concorrer com equivalentes europeus e norte-americanos.
Beatlemania na URSS	Chamados de “besouros batedores”, os Beatles tornam-se famosos também na URSS, disseminando a moda dos cabelos compridos e dos ternos característicos. Surge o mercado ilegal de produtos da beatlemania e as pessoas estudam inglês por meio de suas canções.
Nikolai Podgorni – presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS	Ascensão de Nikolai Podgorni ao posto formal de Chefe de Estado da URSS.
Conflito indo-paquistânês	Relembra o conflito armado entre os dois países e o papel da URSS na busca de uma solução negociada.
Eduard Streltsôv de volta aos gramados	Condenado a 7 anos de prisão por estupro, o atacante, chamado de “Pelé soviético”, é libertado e volta a atuar como profissional.
Dia do Professor	O Presidium do Soviete Supremo da URSS estabelece o primeiro domingo de outubro como dia do professor, que passa a ser comemorado em toda a URSS com a distribuição de flores e homenagens aos profissionais.
Guerra do Vietnã	Relembra a participação da URSS no conflito, com o envio de equipamento militar e pessoal especializado. O Vietnã passa a ocupar, no imaginário popular, o lugar até então ocupado por Cuba.
Chôlokhov ganhador do Prêmio Nobel	Mikhail Chôlokhov é agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura por seu romance “O Don silencioso”.
Aparelho de rádio “Spídola”	Relembra a moda dos rádios a transistor, capazes de captar ondas curtas e que eram um item de exportação para vários países, inclusive para a Inglaterra.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1966	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Sondas “Luna-9” e “Luna-10”	A sonda “Luna-9” pousa na Lua e a sonda “Luna-10” torna-se o primeiro satélite artificial a orbitá-la. Ambas transmitem imagens do relevo lunar para os cientistas soviéticos.
Melhoria das terras	Elaborado um plano para que a agricultura acompanhe o desenvolvimento da indústria, com programas de secagem e adubação de terras e busca de novas culturas mais bem adaptadas a cada solo.
Declaração de Tashkent	Relativo ao conflito indo-paquistão iniciado no ano anterior. Ocorre a normalização da relação entre os dois países.
Pico do boom cinematográfico	Refletindo a mudança no perfil demográfico do mundo (rejuvenescimento), ocorre um boom cinematográfico que tem a URSS como líder mundial, com cada cidadão tendo ido ao cinema 19 vezes naquele ano. Dobra o número de cinemas na URSS.
8 de março – feriado	A URSS é o único país do mundo a tornar o 8 de março feriado. Quase imediatamente surge uma “tradição” de comemorá-lo com presentes e homenagens, tanto nas fábricas, escolas, universidades e em nível governamental. Ocorre o boom das flores (principalmente tulipas e rosas) e dos perfumes.
Voos diretos URSS-USA	Assinado o acordo que estabelece o cronograma de 2 voos por semana entre Moscou e Nova Iorque, feitos pelas empresas Aeroflot e Pan Am.
Circo no gelo	Estreia o primeiro espetáculo circense feito totalmente no gelo, inclusive com ursos patinadores. O coletivo que o realiza faz turnês por vários países.
Terremoto em Tashkent	Em 26 de abril um terremoto de 7,7 graus na Escala Richter destrói cerca de 1/3 da cidade, cuja reconstrução mobiliza a URSS.
Relógios “Raketa”	O relógio de pulso produzido pela fábrica de Leningrado torna-se um fenômeno de vendas na URSS e é exportado para 30 países.
Revolução Cultural na China	Relembra o processo de perseguições na China e as críticas formuladas na URSS daquele período.
Kiji – museu a céu aberto	A ilha na República da Carélia é reconhecida como patrimônio cultural da URSS e “museu a céu aberto”, devido à sua arquitetura e sua cultura camponesa.
O “corcunda” é substituído pelo “orelhudo”	A Planta Automobilística de Zaporóia passa a produzir um novo modelo de automóvel, o ZAZ 968 (“orelhudo”), que substitui o antigo ZAZ 965 (“corcunda”).

Processo contra Siniávski e Daniel	Os escritores Andrei Siniávski e Iuli Daniel são condenados a 7 e 5 anos de detenção por entregarem seus manuscritos a editores estrangeiros para publicação no Ocidente sob pseudônimo. Contra as previsões da direção do PCUS, o caso gera reação popular e entre a <i>intelligentsia</i> , que organiza uma campanha em defesa dos dois escritores.
Moda do âmbar	Moda das jóias, utensílios e móveis feitos ou decorados com a pedra.
Manifestações anti-americanas em Yokosuka	Manifestações contra a presença militar norte-americana no Japão, com centro na cidade de Yokosuka, têm grande repercussão na URSS.
XXIII Congresso do PCUS	O XXIII Congresso do PCUS introduz uma série de mudanças no Estatuto do partido, inclusive o fim do limite de 70 anos de idade para a ocupação de cargos de responsabilidade no aparato partidário.
Prosa rural	O fenômeno literário e social surge em oposição à narrativa grandiosa da prosa oficial e tem o centro no mujique, seus costumes e sua visão de mundo.
Iak-40	Nova sensação da aviação comercial soviética, o pequeno e confortável modelo com turbinas passou a cobrir importantes rotas domésticas.
Charles de Gaulle na URSS	Ocorrida no mesmo ano em que a França deixou a OTAN, a visita do presidente francês à URSS marca uma nova aproximação política e cultural entre os dois países. De Gaulle encanta a audiência soviética com discursos públicos que invariavelmente terminavam com alguma frase em russo.
Fortalecimento da luta contra o hooliganismo	Auge da luta contra todo o tipo de perturbação da ordem social, com modificações no Código Penal aumentando as penas para até 7 anos de prisão.
Máquinas de venda	Inaugurada a primeira loja totalmente automatizada da URSS, onde só existiam máquinas de venda. Surgimento e popularização das famosas máquinas de água gaseificada.
Abobrinha “13 cadeiras”	Programa musical-humorístico de grande sucesso em todo o território do bloco socialista.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1967	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político).
Assuntos	Resumo
<i>Jornal literário</i> (<i>Literaturnaia Gazeta</i>)	Relembra a reformulação da revista em um jornal semanal e sua popularização.
Túmulo do soldado desconhecido	Inauguração do conjunto memorial ao lado do Krémliu. A chama foi trazida de Leningrado e os restos mortais do soldado desconhecido foram retirados de uma cova comum nos arredores do Moscou.
Declamador Serguei Iúrski	Relembra o sucesso do ator em suas leituras poéticas, principalmente nos teatros de Moscou e Leningrado.
Demissões de Chelêpin, Semitchástni e Pávlov	Luta vitoriosa de Leonid Brêjniév pelo controle do aparato do PCUS e o afastamento de seus adversários políticos dos postos de responsabilidade.
Iuri Andrôpov – chefe da KGB	Ascensão de Andrôpov ao comando do Comitê de Segurança Estatal. A nomeação de Andrôpov corresponde a um novo papel dos aparatos repressivos dentro e fora do país.
Filme “A refém do Cáucaso”	Mais um sucesso de Leonid Gaidái, o último filme estrelado pelo trio Gueorgui Vitsin, Iuri Nikúlin e Ievgueni Morgunôv traz uma crítica sutil aos costumes ainda existentes no Cáucaso soviético. Contra a propaganda oficial, a película ainda promove uma espécie de reabilitação do twist.
Morre Vladimir Komarôv	Morte do cosmonauta durante o teste do foguete “Soiuz-1”.
Irakli Andrôniov	O escritor e pesquisador literário vence o Prêmio Estatal da URSS pelo livro “Lermontov: Pesquisas e achados”
Expo 67	Relembra a participação soviética na “Expo 67” em Montreal e a reutilização do pavilhão na VDNKh (Exposição das Conquistas da Economia Popular) em Moscou.
Mestre e Margarita	Publicação inédita do clássico de Bulgákov na revista “Moscou”. Devido à pequena tiragem original, o livro torna-se imediatamente objeto de cópias datilografadas e edições caseiras (samizdat). Alguns trechos ainda são censurados.
Guerra dos Seis Dias	Relembra a repercussão internacional e o envolvimento soviético no conflito entre árabes e israelenses. Entra em voga o termo “agressores israelenses”.
Filme “Os incríveis vingadores”	Sucesso do filme dirigido por Edmond Keosaián sobre heróis juvenis do tempo da Guerra Civil.
Torre Ostankino, Telecentro Ostankino e	Inauguração da (então) maior torre televisiva do mundo, com 533 metros de altura, e que incluía estúdios de TV e um

início da transmissão a cores	restaurante giratório a 507 metros do chão. Primeira transmissão a cores da história da TV soviética.
Monumento à Pátria-Mãe	Inauguração em Volgogrado da maior escultura do mundo, com 85 metros, quase o dobro da Estátua da Liberdade.
Vladimir Visotski no filme “Vertikal”	Primeiro filme de sucesso do ator do Teatro na Taganka, e que trouxe a ele fama em todo o território da URSS.
50 anos de Outubro e o “socialismo desenvolvido”	O ano é marcado por uma série de comemorações, desde os 50 anos da chegada de Lênin a Petrogrado até o aniversário da própria revolução. Aprovadas as “Teses sobre os 50 anos”, onde se recua parcialmente da ideia de construir o comunismo em curto prazo e se caracteriza o “socialismo desenvolvido” como uma etapa intermediária entre o socialismo e o comunismo.
Teatro O Contemporâneo	Inauguração do teatro, cujas peças são montadas segundo os princípios do neo-realismo socialista. Para comemorar os 50 anos de Outubro são montados três espetáculos de crônica política: “Dezembristas”, “Populistas” e “Bolcheviques”.
“Em comparação com 1913”	A estatística soviética adota oficialmente o último ano antes da Primeira Guerra Mundial como referência para todos os principais indicadores sociais e econômicos do país como forma de evidenciar as vantagens do socialismo.
“Coroneis Negros”	Relembra o golpe militar reacionário na Grécia, que resultou na perseguição de organizações e ativistas de esquerda e que se manteve no poder durante sete anos.
Semana de trabalho de cinco dias	Por decisão do Conselho Supremo da URSS, a semana de trabalho é reorganizada em cinco dias ao invés de seis, liberando assim dois dias semanais para o descanso.
Dois anos de serviço militar no Exército ao invés de três. Três na Marinha ao invés de quatro.	Diminuição do tempo de serviço militar obrigatório em todas as armas da Forças Armadas. Considera-se que a medida deu início ao sistema de opressão dos recrutas pelos veteranos.
Sinal de Qualidade	Algumas mercadorias soviéticas passam a ser marcadas com uma estrela de cinco pontas com as palavras “URSS” no interior, o que comprova a alta qualidade do produto.
Crimplene	Relembra a moda do tecido sintético que não necessitava ser passado a ferro.
Carmen-Suite e Maia Plisêtskaia	Montado em base à ópera Carmen, de Georges Bizet, o balé estrelado por Maia Plisêtskaia é inicialmente proibido, acusado de pornografia, mas logo liberado.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1968	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Serguei Karagánov (cientista político).
Assuntos	Resumo
Programa “O Tempo”	Estreia do primeiro telejornal completo e com horário fixo na TV soviética.
Artesanato popular	Industrialização do artesanato popular, com abertura de fábricas de artefatos decorativos de madeira e ferro.
Filmes de Velho Oeste do estúdios Deutsche Film AG	Os filmes que retratam a bravura e a bondade dos índios norte-americanos (em oposição à maldade dos conquistadores brancos) fazem sucesso em todo o bloco socialista. Considerados uma forma de propaganda anti-norte-americana.
Morte de Iuri Gagarín	Repercussão do acidente a bordo de um MIG-15 que vitimou o cosmonauta soviético. O relatório de 29 tomos produzido pela comissão de investigação foi basicamente inconclusivo.
Primavera de Praga	Descrição dos debates surgidos no interior do PC tchecoslovaco, bem como as iniciativas reformistas da direção do partido.
Nikolai Slitchêno	Auge do sucesso do cantor de estilo cigano, ator e diretor do Teatro Romen, de Moscou.
Avenida Kalínin	Inauguração da avenida mais larga da URSS, construída para servir de nova via de acesso ao Krémelin. Pela primeira vez, a construção de uma grande avenida é feita não em um espaço livre, como de costume, mas através da derrubada de prédios históricos.
Piadas sobre Tchapaiev	Auge das piadas em torno ao personagem do filme homônimo (Dir. Irmãos Vassíliev). Forte crítica por parte do aparato oficial do partido devido à suposta banalização da memória da Guerra Civil. Apesar disso ou exatamente por isso, as piadas caem no gosto popular.
50 anos do Komsomol	Seguindo a lógica das comemorações dos 50 anos de Outubro, comemora-se também os 50 anos da Juventude Comunista, criada em 1918. No país inteiro são criadas “cápsulas do tempo”, ou seja, cartas escritas pelos membros do Komsomol, cimentadas em monumentos, e que devem ser abertas somente em 2018 também por membros do Komsomol.
Filmes sobre Fantomas	Auge do anti-herói baseado na obra dos franceses Pascal Marie Édouard Marcel Allain e Pierre Souvestre. O filme soviético foi feito como sátira, mas compreendido como filme de aventura.
Conjunto feminino terno e calça	Moda da calça social feminina ou conjunto social casaco e calça. Considerada um símbolo da libertação da mulher, a moda foi amplamente criticada e proibida em alguns lugares da URSS.
Filme “Estação morta”	O filme eleva a cultura de espionagem na URSS (principalmente

	a produção cinematográfica) a um novo patamar.
Moskvitch-412	Lançado o Moskvitch-412, o primeiro carro 100% nacional, parte do plano de quadruplicar a produção automobilística soviética.
Assassinatos de Robert Kennedy e Martin Luther King	Os assassinatos marcam uma ofensiva das forças conservadoras nos EUA. Repercussão dos crimes na URSS e no mundo.
“No mundo dos animais”	Sucesso do programa informativo-educacional “No mundo dos animais”.
Obras reunidas de Ernest Hemingway	O auge do sucesso do escritor na URSS coincide com o lançamento de suas obras em russo. O escritor torna-se uma espécie de “ídolo pop” da intelectualidade soviética.
Tricotagem	A tricotagem deixa de ser uma ocupação tradicional de mulheres mais velhas (em geral camponesas) e torna-se uma moda urbana muito popular entre as mulheres jovens.
Olimpíadas na Cidade do México	Relembra a feroz disputa no salto triplo e no salto a distância que teve lugar durante os jogos, com a quebra de vários recordes mundiais.
Arkadi Ráikin	Relembra o sucesso e a carreira do comediante satírico soviético.
Escalada da Guerra do Vietnã, massacre de Mỹ Lai e chinelos vietnamitas	Relembra a escalada da guerra e a campanha de solidariedade ao povo vietnamita que se desenvolveu no mundo inteiro, inclusive na URSS. Marca a participação da URSS no conflito, através do treinamento de pilotos da resistência comunista. Recorda o famoso massacre no vilarejo de Mỹ Lai e a moda dos chinelos de dedo, chamados na URSS de “vietnamitas”.
Tropas soviéticas na Tchecoslováquia	Relembra os fatos que levaram à intervenção militar dos países do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia.
Manifestação do dia 25 de agosto	No dia 25 de agosto, oito pessoas se reúnem na Praça Vermelha para protestar contra a intervenção soviética na Tchecoslováquia. Cinco são presos e condenados por atividade antissoviética, o que gera uma forte reação na <i>intelligentsia</i> do país.
“Mignon da ousadia”, de David Tukhmánov	O compositor David Tukhmánov faz sucesso com seu compacto simples de três canções de estilo popular patriótico.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1969	Comentaristas: Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Stréliani (escritor).
Assuntos	Resumo
Irina Rodníná e Aleksei Ulánov	Irina Rodníná e Aleksei Ulánov tornam-se campeões europeus e depois mundiais de patinação artística ao som de “Kalinka”.
Conflito na Irlanda do Norte	Enfrentamento violento entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte.
Junção da “Soiuz-4” e “Soiuz-5”	Primeira junção de dois módulos espaciais na história. Os astronautas são recebidos como heróis.
Atentado contra Brêjniev	Durante o cortejo que levava os astronautas da “Soiuz-4” e “Soiuz-5” do aeroporto Vnukovo até o Krémelin, ocorre um atentado a mão armada contra Brêjniev, que no entanto se encontrava em outro carro. Uma pessoa morre e três saem feridas.
Baríchnikov e Sabírova – vencedores do MKAB	Mikhail Baríchnikov e Malika Sabírova se tornam a sensação do Concurso Internacional de Artistas do Balé.
Jan Palach	Repercussão do suicídio do jovem estudante tchecho em protesto contra a agressão soviética à Tchecoslováquia.
Campeonato mundial de Hóquei	Final histórica entre URSS e Tchecoslováquia, no contexto da agressão soviética contra a Tchecoslováquia. A Tchecoslováquia vence os dois jogos da final, o que provoca uma onda de manifestações antissoviéticas no país.
Boom da produção de frango	Início da massificação da produção de frango com utilização de métodos industriais.
Filme “A mão de brilhantes”	Mais um sucesso do diretor Leonid Gaidái. Glorificação dos atores Andrei Mirónov e Iuri Nikúlin.
“Lembranças e reflexões”, do Marechal Júkov	Embora não representasse nenhuma revelação historiográfica importante, o livro de memórias do Marechal Júkov goza de enorme sucesso, com sete edições sucessivas e a publicação em 17 países.
Mumijo	Também conhecido como shilajit, o bálsamo viscoso, de origem inorgânica, goza de enorme sucesso e é utilizado tanto para fins medicinais quanto estéticos.
Neil Armstrong na Lua	Relembra os fatos da viagem à Lua da Apollo 11.
Publicação de Saint-Exupéry	Relembra o sucesso da publicação das obras de Antoine de Saint-Exupéry em russo.
Canção “Ternura” de Tatiana Dorônina e o filme “Uma vez mais sobre o amor”	Relembra a carreira da atriz em seu filme de maior sucesso e sua interpretação da canção “Ternura”, parte da trilha sonora do filme.

Conflito na Ilha Damanski	Conflito armado sino-soviético pelo controle da Ilha Damanski (Zhenbao para os chineses), no leito do Rio Ussuri. O conflito tirou a vida de 54 militares soviéticos e abalou profundamente a relação entre a URSS e a China de Mao Tsé-Tung.
Viagem de Thor Heyerdahl na canoa “Rá”	Lembra a viagem do explorador norueguês a bordo da canoa “Rá”, feita de papiro e na qual Heyerdahl tentou atravessar o Oceano Atlântico. Após algumas semanas de viagem, o barco começou a se desfazer e acabou afundando, obrigando a tripulação a desistir do experimento.
Produção de sapatos	A URSS assume o primeiro lugar no mundo na produção de sapatos, com 700 milhões de pares por ano. Os calçados soviéticos, no entanto, eram de baixa qualidade.
Canção “Grandioso céu”	Relembra o sucesso da canção de Robert Rojdestvenski e Oskar Feltsman sobre a atuação da aviação soviética na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.
Agrupamento Ocidental de Forças	Relembra o cotidiano dos militares soviéticos que serviam na Alemanha Oriental após a Segunda Guerra Mundial.
Baikal	Adotada uma série de medidas com vistas à preservação e exploração racional do lago Baikal.
Novo programa escolar	Entra em vigor o novo programa escolar, cujas principais modificações em relação ao anterior são: três anos para as séries iniciais ao invés de quatro, possibilidade de ingressar na escola aos 6 anos, introdução de vários professores (por disciplina) para cada turma e suavização das exigências relativas à caligrafia.
Desenhos animados “Os músicos de Bremen”, “Ursinho Pooh” e “Crocodilo Guena e Tchiburachka”	Auge da produção de desenhos animados soviéticos.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1970	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Balé “Spartakus”	A montagem do Teatro Bolshoi recebe o Prêmio Lênin e “Spartakus” torna-se o balé mais popular da URSS.
Censo Populacional Geral	Pela quarta vez no século 20 (1913, 1939, 1959) é feita uma pesquisa demográfica completa, que conta com mais de 500 mil pesquisadores.
Mudanças no quadro pessoal da revista <i>Novo Mundo</i>	Considerada um grave ataque à liberdade de expressão, a demissão de 7 colaboradores do jornal literário <i>Novo Mundo</i> tem grande repercussão na URSS.
Conto “Troca”, de Iuri Trifonov	Publicado o conto que inaugura o que se convencionou chamar de “prosa urbana”, em oposição à “prosa rural”.
2500 anos de Samarkand	Considerada o “Cartão Postal da Ásia Central”, a cidade mais antiga da URSS comemora seu aniversário aproximado.
Oleg Efrêmov – novo diretor do Teatro Artístico de Moscou (MKhAT)	A nomeação de Efrêmov é parte do esforço por revitalizar o teatro.
Iekaterina Fúrtseva	Relembra a trajetória da ministra da URSS que mais tempo permaneceu no posto (14 anos).
100 anos de Lênin, “sábados leninistas”	Relembra a inauguração de memoriais, museus e monumentos em homenagem ao centenário de nascimento de Vladimir Lênin. Considera-se que as comemorações do centenário de seu nascimento foram maiores do que as comemorações do cinquentenário da Revolução de Outubro, em 1967. Nova vida aos “sábados comunistas”, agora chamados de “sábados leninistas”, nos quais os cidadãos trabalhavam gratuitamente para o Estado como uma espécie de ato cívico voluntário.
“Política Oriental” de Willy Brandt	O líder social-democrata da Alemanha Ocidental inicia uma política de aproximação e boa vizinhança com a Alemanha Oriental e outros países do bloco socialista.
Perucas	Trazidas em geral do Ocidente por marinheiros e viajantes, as perucas entram na moda na URSS, chegando a substituir os chapéus de inverno para muitas mulheres.
Epopeia “Libertação”	Primeira super-produção sobre a Segunda Guerra Mundial. Pela primeira vez desde a desestalinização, Stálin é representado no cinema.
Máquinas fotográficas “Smena 8M” e “Zenit E”	As máquinas fotográficas “Smena 8M” e “Zenit E” fazem grande sucesso entre os fotógrafos amadores soviéticos.

Vencedores do Concurso Tchaikóvski	Relembra os vencedores do maior concurso de música clássica da URSS.
Loteria esportiva	Primeira edição da loteria esportiva na URSS com prêmio em dinheiro.
Lunokhod 1	Pousa com sucesso na Lua a primeira sonda soviética, mais tarde imortalizada na cultura por meio de selos comemorativos, livros e apelidos de carros.
Filmes “O Sol branco do deserto” e o seriado “O ajudante de sua excelência”, reabilitação dos “brancos”.	Pela primeira vez no cinema (“O Sol branco do deserto”) e na TV (“O ajudante de sua excelência”), o movimento branco é mostrado desde um ponto de vista humano e positivo.
6 centos	Autorizados o loteamento e a posterior exploração, em regime privado, de pedaços de terra de até 0,6 hectares. Tem início a cultura das pequenas dachas, onde os habitantes das grandes cidades passam os finais de semana plantando, cultivando e colhendo.
Comitê Estatal da URSS para televisão e rádio	A televisão supera o rádio em importância cultural, econômica e social, acarretando a reorganização do ministério da comunicações.
Repoussé	Popularização da técnica que consiste em martelar um metal maleável a partir do lado oposto para criar um desenho (ornamento) em relevo.
Prêmio Nobel para Soljenítsin	Aleksandr Soljenítsin é agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, mas acaba não participando da cerimônia.
Sequestro do An-24	Mais importante incidente envolvendo sequestro de um avião na história da URSS. Os sequestradores conseguiram levar o avião para a Turquia e mais tarde emigraram para os Estados Unidos, sem que a URSS conseguisse sua extradição.
“E então, garotas!”	Sucesso do programa de entretenimento que promovia competições entre mulheres de diferentes profissões.
Mergulhadoras	Moda das camisas de tecido sintético e gola rolê apelidadas de “mergulhadoras” por sua semelhança com uma roupa de mergulho.
Prêmio Lênin para Liudmila Zíkina	Pela primeira vez na história, o Prêmio Lênin é entregue a uma cantora de música popular.
Volga GAZ 24	Relembra o sucesso do modelo considerado de luxo, produzido pela Fábrica de Automóveis da cidade de Gorki (atual Nijni Novgorod).

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1971	Comentaristas: Renata Litvínova (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Mensagem de Ano Novo de Brêjniev	Começa uma tradição seguida mais tarde por todos os dirigentes da URSS e Rússia: a mensagem de Ano Novo, lida à nação minutos antes da meia-noite.
100 anos da “Champagne Soviética”	Apesar dos problemas legais causados pelo uso do nome da região francesa, o nome “Champagne Soviética” é mantido e a fábrica comemora os seus 100 anos.
Dean Reed	O cantor romântico de visão política progressiva faz pouco sucesso nos Estados Unidos e muito sucesso na URSS.
Obras Reunidas de Serguei Iessiênin	Publicadas as obras reunidas do poeta em três tomos e com uma tiragem de 1.940.000 exemplares. Também são inaugurados museus e placas memoriais.
Lojas de autoatendimento	Popularização das lojas sem balcão de atendimento na URSS, conhecidas por “Universam” (“lojas universais”), que correspondem ao supermercado ocidental.
BelAZ-549	Lançado pela Fábrica Bielorrussa de Automóveis o modelo de caminhão BelAZ-549, capaz de levar e erguer em sua caçamba até 75 toneladas.
Revista Cinemática “Fítíl” (“Pavio”)	Grande sucesso da revista em cores apresentada em cinemas da URSS antes dos filmes. Seus editores gozam de uma surpreendente liberdade de crítica para padrões soviéticos.
Erich Honecker, instabilidade na Polônia	Na Polônia, um aumento injustificado de preços causa comoção social e desencadeia uma onda de protestos que só é minimizada com mudanças na direção do Partido Comunista. Na Alemanha, Erich Honecker substitui Willi Stoph no cargo de secretário-geral do Partido Socialista Unificado da Alemanha e Walter Ulbricht no cargo do Presidente do Conselho Nacional de Defesa.
Camisa polo	Primeiro importadas da Itália e depois produzidas em vários países do bloco socialista, as camisas polo de três botões fazem enorme sucesso entre os homens.
Emigração judia	Por pressão dos Estados Unidos, é autorizada a emigração para Israel de cidadãos soviéticos de origem judia. No primeiro ano, cerca de 15.000 pessoas deixam o país. Apesar de manter a autorização, o governo soviético inicia uma forte campanha propagandística contra a emigração.
XXIV Congresso do PCUS	O congresso confirma a construção do “socialismo desenvolvido” na URSS (uma etapa intermediária entre socialismo e comunismo) e propõe o “Programa para a Paz”, que inclui desde a proposta de desnuclearização total do mundo até a

	dissolução da OTAN e do Pacto de Varsóvia.
Preservação da Torre de Pisa	Arquitetos soviéticos se engajam no esforço mundial de encontrar uma solução para o problema da crescente inclinação da Torre de Pisa.
Kola Beldi	O cantor popular de nacionalidade nanai faz grande sucesso com sua “Canção sobre as renas”, onde canta “De avião é bom, mas de rena é melhor”.
Angela Davis	Repercussão da sua prisão na URSS e a campanha por sua libertação.
“Jiguli” VAZ-2101	Conhecido no Ocidente como “Lada”, o “Jiguli” se tornaria o modelo mais popular da história da indústria automobilística soviética.
Leonid Engibárov	Grande sucesso do palhaço Leonid Engibárov, que se apresentava em vários circos soviéticos com um espetáculo bastante crítico.
Badminton	Pelo baixo custo dos equipamentos e facilidade em sua prática, o Badminton torna-se um dos esportes mais populares da URSS.
Batalhões Estudantis de Construção	Chamado de “3º semestre laboral”, nacionaliza-se o movimento que buscava incorporar o trabalho de construção civil e agricultura na prática estudantil de alunos universitários.
Morte dos cosmonautas Dobrovôlski, Vólkov e Patsáiev	Depois de cumprirem uma missão de montagem da Estação Espacial “Saliut”, os três cosmonautas morrem devido a uma falha na porta de segurança da cápsula que os trazia de volta à Terra.
Relógio do Teatro Obraztsov	Instalado um relógio mecânico na fachada do Teatro de Bonecos Obraztsov, onde a cada hora um boneco diferente saía do relógio e vinha saudar os transeuntes.
Perfume francês, Marina Vladi e Vladimir Visotski	Comenta a moda em torno da França e de Paris na URSS, graças aos perfumes franceses, trazidos de contrabando para o país, e ao romance do ator russo Vladimir Visotski com a atriz francesa de origem russa Marina Vladi.
Vassili Aleksêiev	O halterofilista Vassili Aleksêiev torna-se um ídolo nacional ao quebrar o recorde mundial de levantamento de peso de 177,5 kg.
Código postal	Num país onde a correspondência escrita cumpre ainda um grande papel, a introdução dos códigos postais nos endereços provoca mudanças significativas no dia a dia das pessoas.
“Canção do Ano”	Primeira edição do festival musical “Canção do ano”, apresentado em 1º de janeiro e que escolhia a melhor canção do ano anterior.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1972	Comentaristas: Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
“Praporschik” e “michman”	Mudança na designação dos postos militares no Exército e Marinha. A partir de agora, o posto de sargento passa a se chamar “praporschik” no Exército e “michman” na Marinha.
Erupção do vulcão Alaid	Lembra a erupção do vulcão Alaid nas ilhas Curilas.
Bobby Fischer – 11º campeão mundial de xadrez	Lembra a carreira de Bobby Fischer e sua vitória no Campeonato Mundial de Xadrez.
UAZ-469	Lançado um novo modelo de jipe pela Fábrica Automotiva de Uliánovsk. O modelo tornou-se popular ao ser incorporado pela polícia soviética como viatura padrão.
Serguei Lemechev: 50 anos no palco	Relembra a trajetória e o aniversário de 50 anos de carreira do tenor soviético.
Campo de petróleo de Samotlor	O campo de petróleo de Samotlor, localizado na região de Tiúmen, torna-se a principal fonte de petróleo da URSS, com um custo de extração mais barato do que a média do país. Rápido desenvolvimento da região.
Descanso nas montanhas e turismo espeleológico	Moda do turismo de aventura, principalmente nas montanhas e cavernas soviéticas.
Aleksandr Godunôv e Nadejda Pávlova	Aleksandr Godunôv e Nadejda Pávlova ganham a medalha de ouro no Concurso Internacional de Artistas de Balé de Moscou.
Super-série de hóquei URSS x Canada	Primeiro encontro entre as seleções profissionais dos dois países, que até então tinham se enfrentado apenas em nível amador. A série de partidas foi vencida pelo Canadá.
Calça boca de sino e sapato plataforma	Chega à URSS a moda que marcaria os anos 1970 no mundo inteiro: calça boca de sino e sapato plataforma, junto com camisas, blusas e lenços estampados.
Visita de Richard Nixon à China e URSS	A política externa norte-americana volta-se para o Oriente, com os Estados Unidos servindo até mesmo como intermediário entre Moscou e Pequim em certas ocasiões.
Novas normas do GTO (Preparação para o Trabalho e Defesa)	Mudança nas normas de defesa civil e educação esportiva e laboral.
Aleksandr Gálitch	O compositor é expulso da União dos Escritores por publicar poemas no Exterior.
“Do fundo da alma”	O novo programa televisivo apresentado por Valentina Leôntieva promove encontros, debates, entrevistas e homenagens que apelam ao emocional do público.

Seca	A mais longa seca da história da URSS atinge quase toda a parte europeia do país, com graves consequências para a colheita daquele ano.
Jogos Olímpicos em Munique, Sequestro dos atletas israelenses e a final de basquete entre EUA e URSS	Relembra os fatos fundamentais do sequestro dos atletas israelenses durante os jogos e principalmente as vitórias soviéticas na ginástica olímpica, no atletismo e no basquete.
Mikhail Súslov completa 70 anos	Relembra a trajetória política e as características pessoais daquele que era considerado o 2º homem no PCUS e seu principal ideólogo.
O Grupo de Especialistas Militares Soviéticos deixa o Egito	No marco do afastamento gradual entre o Cairo e Moscou, a URSS e o Egito cessam a colaboração militar.
Veneno de cobra	Moda na produção caseira de cremes, loções e pomadas feitas a partir do veneno de cobra.
Fortalecimento da luta contra o alcoolismo	Diminuição da escala da produção e dos horários de comercialização dos destilados, principalmente a vodka, em benefício da produção e comercialização de fermentados, principalmente o vinho.
Crise de abastecimento	Crise na produção e distribuição de carne, kolbassá, manteiga e queijo. A preferência dada às grandes cidades (principalmente Moscou) na distribuição cria o hábito de se viajar a Moscou para comprar gêneros alimentícios.
50 anos da URSS	Na declaração de aniversário aprovada pelo Plenário do CC do PCUS fala-se pela primeira vez no surgimento do “povo soviético” como novo fato social e etnográfico. Diz-se que na URSS foram eliminadas as bases para a existência de conflitos nacionais.
Piadas sobre os tchuktchi	Popularização das piadas sobre o povo tchuktchi, habitantes da Região Autônoma da Tchukotka, no Extremo-Oriente na URSS.
Filme “Cavalheiros da sorte”	A comédia sobre um grupo de pequenos criminosos, dirigido por Aleksandr Seri, faz enorme sucesso, com mais de 65 milhões de espectadores somente no primeiro ano de exibição.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1973	Comentaristas: Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Olga Korbut	Chamada de “Milagre russo de trancinhas”, a ginasta soviética faz uma turnê pelos Estados Unidos, onde goza de enorme sucesso.
Troca das carteirinhas partidárias	A direção do PCUS determina a substituição de todas as carteirinhas partidárias. Correm boatos de que haverá uma nova “limpa” no partido, o que não se confirma. A carteirinha Nº1 é dada a Lênin (póstuma) e a Nº 2 a Brêjniev.
“Pesniari”	Relembra a carreira do grupo vocal bielorusso, que fez sucesso na onda do folk-rock soviético.
Fim da Guerra do Vietnã	Repercussão da retirada das tropas americanas do Vietnã e a consolidação do regime socialista em todo o território nacional.
Complexo esportivo “Medeo”	Inaugurado no Cazaquistão o maior complexo esportivo de inverno da URSS.
Carta dos 40 acadêmicos	A direção do PCUS intensifica as iniciativas contra o movimento dissidente. Nesse marco, 40 acadêmicos escrevem uma carta aberta endereçada a Andrei Sákharov, denunciando suas vacilações e incoerência política. Mais tarde, cartas similares serão publicadas, desta vez endereçadas a Soljenítsin e outros intelectuais de destaque.
Brigadas de contabilidade	Surgimento dos movimentos das brigadas de contabilidade, que constroem prédios residenciais para seus participantes e depois prestam contas ao Estado.
Filmes de curta metragem georgianos	Auge dos sucesso das comédias de curta metragem, principalmente georgianas, que consistiam basicamente na filmagem de piadas e histórias simples.
Produção de pianos, escolas musicais	Pico da abertura de escolas musicais na URSS. O acordeon cede espaço ao piano e violino como instrumentos nacionais.
1 bilhão de libras de grãos, visita de Brêjniev ao Cazaquistão	Colheita recorde de grãos na Ásia Central, contabilizada em 1 bilhão de libras. Apesar da libra ter caído em desuso, a direção do partido considerou que o número de “1 bilhão”, pela impacto psicológico, justificava o desvio da norma. Brêjniev visita o Cazaquistão para premiações.
Leão King	O leão King, famoso por atuar em filmes soviéticos, é morto por um policial após atacar um estudante em Moscou.
Motoneve “Buran”	Produzida pela Fábrica de Automóveis de Ribin, a Buran torna-se extremamente popular, principalmente na Sibéria e além do Círculo Polar Ártico.

Espetáculo “Solo para um relógio com gatilho”	Relembra o sucesso da peça do eslovaco Osvald Zahradník, apresentada no Teatro Artístico de Moscou (MKhAT).
Golpe militar no Chile	Repercussão do golpe de Augusto Pinochet contra Salvador Allende no Chile. Entra para o vocabulário soviético a palavra espanhola “junta” e o termo “governo fascista” é amplamente empregado.
Biblioteca da literatura fantástica contemporânea	Analisa o boom da literatura fantástica soviética, seus principais temas e autores.
“O evidente é incrível” (“Очевидное – невероятное”)	Na onda da literatura fantástica, faz sucesso também este programa televisivo sobre os mistérios do mundo.
Serviços automobilísticos	Abertura de grandes oficinas mecânicas em todo o território da URSS, com o objetivo de prolongar a vida útil dos carros produzidos no país.
Semion Budiôni faz 90 anos	Comemorações e premiações relativas aos 90 anos do marechal que dirigiu a Primeira Divisão de Cavalaria durante a Guerra Civil.
Seriado “Dezessete momentos da primavera”	Sucesso instantâneo do seriado de Iulian Semiônov sobre o espião soviético infiltrado no alto comando da Gestapo. Apesar das críticas dos militares, o seriado recebe inúmeros prêmios.
Iekaterina Maksíмова e Vladimir Vassíliev	Relembra o sucesso do casal de bailarinos que encenava “Romeo e Julieta” no Teatro Bolshoi.
Crise do petróleo	Repercussão na URSS da “crise do petróleo”.
Guerra do Yom Kippur	Relembra a repercussão e a participação soviética no conflito, também conhecido como Guerra Árabe-Israelense de 1973, Guerra de Outubro, Guerra do Ramadã ou ainda Quarta Guerra Árabe-Israelense.
Exposição dos tesouros de Tutancâmon na URSS	Cinquenta peças do tesouro recolhido por arqueólogos no Egito são expostas com enorme sucesso em Kiev, Moscou e Leningrado.
Câncer	Por meio de um esforço conjunto de vários países do campo socialista, é inaugurado em Moscou um centro de tratamento de câncer. Pela primeira vez, o diagnóstico da doença deixa de soar como uma condenação.
Igreja Batista	Intensificada a luta contra as religiões pentecostais em geral e a Igreja Batista em particular. Os batistas simplificam e popularizam os cultos e concorrem com a propaganda ateísta do Estado.
Desenho animado “Espere pra ver!” (“Ну, погоди!”)	A pedido dos fãs que se encantaram com os quatro primeiros episódios, o desenho animado de Guennadi Sokôlski torna-se multi-serial e um clássico instantâneo da animação soviética.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1974	Comentaristas: Iegor Gaidar (economista), Anatoli Strêliani (escritor).
Assuntos	Resumo
Filme “Pessoas e manequins”	Sucesso do filme dirigido por Vladimir Khrámov e interpretado por Arkadi Ráikin.
Pagamento dos papéis estatais de empréstimo	Começam os pagamentos relativos aos empréstimos compulsórios feitos pelo Estado até 1958, sem juros e sem correção monetária.
“Anel dourado da Rússia”	Estabelecimento da rota turística que inclui uma série de cidades históricas da Rússia europeia. Publicado o primeiro livro sobre o conjunto de cidades e suas principais atrações. Inauguração de hotéis e complexos turísticos.
Caso Watergate	Relembra os principais fatos do escândalo. Na URSS, a imprensa tende a minimizar o caso e proteger Nixon, devido às boas relações entre sua administração e o governo soviético.
220 volts aos invés de 127	Definido como padrão para toda a URSS, os sistema de 220 volts é mais apropriado para o uso massivo de eletrodomésticos.
“Exposição dos tratores”	É realizada uma exposição de artistas de vanguarda no campo Iasenevo, em Moscou. Os órgão de repressão enviam tratores aos local para acabar com o evento, o que acaba dando nome à exposição.
Revolução em Portugal	Repercussão da Revolução dos Cravos em Portugal, na África portuguesa e na URSS.
Exílio de Soljenítsin	Relembra os principais fatos que levaram o escritor a perder a cidadania soviética e ao exílio.
Estrada de ferro Baikal-Amur	Retomada, ainda que com atrasos e um altíssimo custo, a construção da estrada de ferro que faria a ligação entre a região do lago Baikal e o Extremo Oriente.
Recepção de altos convidados	Intensificação das visitas de líderes internacionais à URSS, com corresponde ritual que incluía sempre um desfile pela Avenida Lênin, em Moscou.
Filme “Loiro alto de botas pretas”	Sucesso da comédia francesa estrelada por Pierre Richard e dirigida por Yves Robert. O filme é criticado por excesso de erotismo e é parcialmente censurado.
Lazdynai	O bairro de Vilnius, na Lituânia, torna-se um exemplo para toda a União Soviética em termos de infraestrutura e organização urbana.
Morre o Marechal Júkov	Relembra a morte e o livro de memórias do marechal mais popular da URSS, considerado por muitos o gênio militar vencedor da Segunda Guerra Mundial.

Divisão do Chipre	Conflito armado entre Grécia e Turquia que levou à divisão do país em um setor turco e outro grego.
Navio-tanque “Crimeia”	Inauguração do maior navio-tanque da URSS, com empuxo de 180.000 toneladas.
Filme “Kalina vermelha” e morte de Vassili Chukchin	Sucesso do filme. A película foi bastante criticada por apresentar como herói um ladrão. Mais tarde, no mesmo ano, morre o diretor Vassili Chukchin.
Exposição da Mona Lisa em Moscou	Pela primeira vez o original de Leonardo da Vinci é trazido a Moscou, provocando um enorme furor.
Diminuição da produção de carne e leite, “Livro sobre a comida saborosa e saudável”.	A diminuição da produção de carne e leite provoca mudanças nos hábitos alimentares dos soviéticos, com o surgimento de “substitutos” para os produtos descontinuados. O tradicional “Livro sobre a comida saborosa e saudável” passa a ser condenado por fomentar hábitos elitistas entre os cidadãos.
Luis Corvalán, Víctor Jara	Campanha internacional pela libertação do líder comunista chileno Luis Corvalán e denúncia do assassinato do cantor Víctor Jara pelo regime de Pinochet.
Guennadi Khazánov	Sucesso do parodista e comediante Guennadi Khazánov.
Monumento a Khruschóv	Por iniciativa privada, é instalado na tumba de Khruschóv, no Cemitério Novodevitchi, um busto em sua homenagem. Apesar do desconforto do governo, o monumento é mantido.
Torneio “Disco de Ouro”	Grande sucesso do torneio destinado a descobrir novos talentos do hóquei entre os jovens soviéticos.
Estações do metrô em Moscou e Leningrado	Para possibilitar a expansão mais rápida das linhas, as companhias de metrô de Moscou e Leningrado adotam padrões simplificados para a decoração das novas estações, que já chegam à periferia das cidades.
Estúdio 9	Estreia do programa analítico de política internacional “Estúdio 9”, transmitido pela TV soviética em um formato sisudo e fechado, mas que goza de grande sucesso entre o público mais intelectualizado.
Exposição de Nadia Rucheva	Sucesso da exposição da desenhista morta aos 17 anos Nadia Rucheva.
Desenvolvimento das terras não-negras.	Intensificação da exploração das terras da parte europeia da Rússia que não pertencem à “tchernozemie” (“terras negras”) e que por isso possuem menor potencial agrícola.
Grupos Vocálico-Instrumentais “Meninos alegres”, “Auto-flores” e “Cancioneiros”	Moda nos grupos vocálico-instrumentais de inspiração ocidental.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1975	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz) e Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Musicais, filme “Chapéu de Palha”	Sucesso dos musicais em geral e do filme “Chapéu de Palha”, dirigido por Leonid Kvinikhídze, em particular.
Motoneta “Verkhovina 5”	Lançada a motoneta “Verkhovina 5”, muito popular entre os adolescentes soviéticos.
Socialismo no Laos e Cambodja	Como resultado da Guerra do Vietnã, os Estados Unidos deixam a região do sudeste asiático, o que permite a expansão do regime socialista para o Laos e Cambodja.
Desabastecimento de doces	Apesar da produção se manter basicamente a mesma, começa a ser sentido um importante desabastecimento das marcas mais refinadas de doces, principalmente bombons, cujo consumo aumentara muito nos últimos anos.
Filme “O Espelho”, de Andrei Tarkóvski	O filme recebe 22 prêmios internacionais. Na URSS, é criticado por ser excessivamente místico.
Kárpov – Fischer	Anatoli Kárpov é declarado campeão mundial de xadrez, devido à ausência de Bob Fischer na série de duelos marcados entre os dois.
Veronika Mavrikievna e Avdotia Nikítitchna	Relembra as personagens cômicas Veronika Mavrikievna e Avdotia Nikítitchna, interpretadas por Vadim Tonkov e Boris Vladímirov.
Férias na Bulgária	A Bulgária torna-se o destino turístico estrangeiro mais procurado por cidadãos soviéticos. As facilidades da língua e do deslocamento, bem como os preços e a relação positiva para com os turistas russos facilitam o fenômeno.
Dínamo de Kiev – Taça dos Clubes Vencedores de Taças	O ano foi extremamente frutífero para o futebol soviético, tendo o Dínamo de Kiev conquistado primeiro a Super Copa da Europa e depois o torneio Taça dos Clubes Vencedores de Taças .
Filme “Amor terreno”	Sucesso do drama amoroso dirigido por Ievgueni Matvêiev (65 milhões de espectadores).
Mini e Maxissaia	Depois da minissasia, começa a moda da saia longa estampada e xadrez.
Juan Carlos I no lugar de Franco	Morte de Francisco Franco e coroação de Juan Carlos I. Ocorre um rápido processo de democratização na Espanha, que a imprensa soviética demora a reconhecer, devido à forma monárquica do Estado.
Livros em troca de papel para reciclagem	Grande campanha estatal para recolher papel para reciclagem. Em troca de uma certa quantidade de papel, recebia-se um livro novo.

Alla Pugatchôva, canção “Arlequim”	Surgimento de Alla Pugatchôva na cena soviética com sua famosa canção “Arlequim”. O público ficou impressionado com a riqueza gestual da interpretação de Pugatchôva.
Encontro de Helsinque	Fundada a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa. A URSS viu na OSCE um elemento de estabilização da situação europeia, e apoiou entusiasticamente a iniciativa.
“Vozes inimigas”	Aumento da demanda de rádios portáteis, entre outras coisas, com o fim de escutar as rádios ocidentais que atuavam nas regiões fronteiriças da URSS, e cujo sinal podia ser captado em muitas regiões.
Filme “O Prêmio” e peça “Protocolo de uma reunião”	Sucesso do filme “O Prêmio”, dirigido por Serguei Mikaelián, mais tarde transformado na peça “Protocolo de uma reunião”. O enredo gira em torno do embate entre a burocracia soviética e uma brigada de trabalhadores por ocasião de um prêmio estatal oferecido à brigada.
Sauro em óleo	A produção chega a 100 milhões de latas, tornando o sauro o peixe mais popular da URSS naquele ano.
Filme “Olá, eu sou sua tia!”	Sucesso da comédia dirigida por Viktor Titôv. O filme também é responsável por tornar o Brasil um dos países mais queridos pelo público soviético.
Soiuz – Apollo	Missão espacial conjunta entre as naves Soiuz (URSS) e Apollo (EUA), que se conectaram no espaço e orbitaram conjuntamente a Terra por dois dias.
Desodorante	Popularização do desodorante na URSS. Os tipos mais procurados são o antiperspirante de bastão e o aerosol. A produção é totalmente nacional.
Prédios padronizados de 9, 12 e 16 andares	A nova política habitacional soviética passa a valorizar a qualidade das construções, além da quantidade. Os novos prédios têm suas plantas melhoradas e aperfeiçoadas.
“O quê? Onde? Quando?”	Estreia na TV soviética o programa de perguntas e respostas “O quê? Onde? Quando?”, no qual equipes se enfrentam respondendo perguntas e resolvendo desafios intelectuais.
Filme Yesenia	Sucesso do melodrama mexicano dirigido por Alfredo B. Crevenna.
Windsurf	Moda e primeiro campeonato soviético de windsurf.
Brêjniév em Paris, Giscard d'Estaing em Moscou	Segue a aproximação cultural e política entre a URSS e a França, com visitas mútuas dos respectivos chefes de Estado. Apesar disso, as trocas comerciais entre os dois países continuam aquém do desejado.
Canção “Dia da Vitória”	Apresentada em uma solenidade no Krémelin a canção de Vladimir Kharitônov e David Tukhmánov, interpretada por Liev Lêschenko.

Sequestro em Viena	Durante uma reunião da OPEP em Viena, vários ministros de países produtores de petróleo (principalmente árabes) são sequestrados. Apesar da comoção internacional, o incidente se encerra sem vítimas.
Jornal cinematográfico “Mistura”	Estreia o jornal cinematográfico de curta duração “Mistura” (“Ералаш”), com piadas e esquetes cômicas voltadas para o público infantil.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1976	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Serguei Karagánov (cientista político) e Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Filme “Ironia do destino, ou Aproveite o banho!”	No dia 1º de janeiro estreia o filme de Eldar Riazánov “Ironia do destino, ou Aproveite o banho!”, reconhecido mais tarde como melhor filme do ano e um dos mais populares da história do cinema soviético. Começa neste ano a tradição de exibi-lo na noite de Ano Novo, tradição essa que se mantém até hoje.
Novos passaportes	Introduzido na URSS um novo modelo de passaporte interno, válido para toda a vida, com espaço para três fotografias: aos 16 anos (quando o passaporte é emitido), aos 25 e aos 45 anos. O novo passaporte agora é vermelho com um grande brasão dourado da URSS na capa.
Super-série de hóquei URSS x Canadá 1975/1976	Mais um encontro entre equipes dos dois países. Dessa vez a série de partidas é vencida pelo TsSKA e a final entra para a história do hóquei como uma das mais disputadas e emocionantes.
Peça “História de um cavalo”	Comenta o sucesso do espetáculo adaptado do conto de Tolstói “Kholstomér” e dirigido por Gueorgui Tovstonôgov no Grande Teatro Dramático Gorki.
Confronto em Soweto	Com 575 mortos reconhecidos pelo governo, a revolta negra no bairro da capital sul-africana tem grande repercussão na URSS, onde a palavra “Soweto” se torna uma das mais comentadas no ano.
Vinho fortificado	Devido à mecanização da colheita da uva, ocorre a danificação das frutas, o que obriga os produtores a dedicarem uma maior parte da colheita para a produção de vinho. Ocorre o “boom do vinho” na URSS e entram na moda os “vinhos fortificados”, baratos e com alto teor alcoólico.
Filme “Seeta e Geeta”	Sucesso do musical romântico produzido em Bollywood em 1972 e dirigido por Ramesh Sippy. Entram na moda na URSS os filmes indianos.
Olimpíadas de Inverno em Innsbruck, Raísa Smetánina	Relembra as Olimpíadas de Inverno realizadas na cidade austríaca e o sucesso da esquiadora cross-country soviética Raísa Smetánina.
Monumento a Brêjniev	Inaugurado o monumento a Leonid Brêjniev em sua cidade natal, Dneprodzerjinsk (atual Kamianske, Ucrânia). O próprio Brêjniev não está presente na cerimônia.
Jiguli VAZ-2106	Começa a produção do novo carro da fábrica de automóveis Voljski. Chamado de “quatro olhos”, devido aos quatro faróis dianteiros, o modelo apresenta um significativo melhoramento

	técnico em relação às versões anteriores.
Nova carteira de motorista	Substituição das antigas carteiras de motoristas soviéticas por novos modelos, com categorias aceitas internacionalmente. Introduzida a obrigação de curso em auto-escola para obtenção do documento.
MIG-25 foge para o Japão	O piloto soviético Viktor Bielêno desertou para o Japão levando consigo um MIG-25 da frota do Pacífico. O incidente desencadeou uma série de tensões entre a URSS e o Japão, que se negou a extraditar o piloto de volta para a URSS.
Lojas dos países socialistas	Abertas nas cidades soviéticas uma série de lojas especializadas em mercadorias vindas dos países do campo socialista. Intensificação do comércio de bens de consumo entre os países do bloco. Em muitos aspectos os produtos da Europa Oriental se aproximavam da qualidade das mercadorias ocidentais.
Seriados “Chamado eterno”, “As sombras desaparecem ao meio-dia” e “Os Strogov”	Moda das séries televisivas épicas politicamente alinhadas com o regime.
Morre Mao Tsé-Tung	Repercussão na URSS da morte do líder chinês.
Exposição na Rua Malaia Gruzinskaia	Depois do incidente com a “Exposição dos tratores” (1974), em que uma exposição de artistas independentes foi desmontada por tratores, o governo autoriza uma nova exposição, desta vez na Rua Malaia Gruzinskaia. A dificuldade de acesso não permite à exposição repetir o sucesso da anterior.
Parques de diversão	Chegam à URSS os parques de diversão em estilo americano, com grandes brinquedos e diversões radicais.
Guerra civil no Líbano	Repercussão na URSS do início da guerra civil no país.
“Paredinha”	Moda dos armários-estantes que ocupam toda a parede da sala de estar. Chamados de “paredinhas” (стенки), esses móveis são até hoje bastante típicos do design de interiores na Rússia.
Corvalán libertado	Libertado no Chile o dirigente comunista Luis Corvalán, em troca da libertação do dissidente soviético Vladimir Bukovski. A Alemanha Ocidental media as negociações. Corvalán recebe asilo na URSS.
Romance estrangeiro policial	A Editora Jovem Guarda começa a publicação de uma série de romances policiais de autores estrangeiros. A série faz um enorme sucesso e vende mais de 200.000 exemplares.
Problemas na colheita do trigo	O mau tempo, o inverno prolongado e o excesso de chuvas na primavera fazem diminuir drasticamente a colheita do trigo. Cultura da economia de pão no país. Nas escolhas as crianças escrevem composições sobre o pão e lembram do cerco a Leningrado, quando a ração diária era de 125 gramas. Apesar de tudo, os preços não aumentam.

Choques entre a URSS e o Egito	Afastamento político entre os dois países e ruptura dos tratados militares em vigor. O Egito se aproxima de Israel e dos Estados Unidos.
Fábrica de caminhões KamAZ	Inaugurada a Fábrica Automobilística do Kam, que produz com sucesso caminhões e carretas para longas viagens.
Olimpíadas em Montreal	Lembra os sucessos da URSS nas Olimpíadas de Montreal.
David Tukhmánov – “Na onda da minha memória”	Relembra o sucesso do LP “Na onda da minha memória”, do compositor David Tukhmánov.
Brêjniev faz 70 anos	Nova rodada de condecorações e homenagens a Leonid Brêjniev. Fica cada vez mais visível seu profundo envelhecimento. Surge o termo “gerontocracia” e se espalham as piadas sobre o dirigente.
Óculos escurecidos	Moda dos óculos levemente escurecidos na parte superior das lentes e translúcidos na parte inferior, o que permite serem usados em locais fechados e até para leitura.
Desenho animado “Trinta e oito papagaios”	Sucesso do desenho animado educativo “Trinta e oito papagaios”, conhecido popularmente também como “Desenho animado filosófico”
XXV Congresso do PCUS, cartas dos trabalhadores	O congresso destaca os sucessos da economia soviética e estabelece regras mais duras para o ingresso no partido. Também determina que os órgãos regionais e ministérios soviéticos prestem mais atenção às cartas de reclamações enviadas pelos coletivos laborais à direção.
“Correio matutino” e “Melodias e ritmos da música popular estrangeira”	Sucesso dos programas musicais televisivos “Correio matutino”, voltado para a música popular soviética, e “Melodias e ritmos da música popular estrangeira”, onde se destacam artistas do bloco socialista.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1977	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Iegor Gaidar (economista) e Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Quebra-gelo “Ártika”	O quebra-gelo “Ártika”, considerado o maior do mundo, chega ao polo norte com grande repercussão na URSS.
Filme “Sorteio”	Grande sucesso da aventura juvenil dirigida por Vladimir Menchov. O ator Dmitri Kharatián torna-se o ídolo adolescente de toda uma geração de meninas soviéticas.
Lojas “Bétula”, cheques do Banco de Comércio Exterior	Abertura de uma nova rede de lojas soviéticas, que vendem apenas produtos importados, mas que só podem ser comprados com cheques do Banco de Comércio Exterior. Grande especulação em torno dos cheques, que são adquiridos na cotação de 1 para 2 em relação ao rublo regular.
Jeans	Febre dos jeans importados, principalmente das marcas Lee, Wrangler e Levis. As falsificações invadem o mercado clandestino.
Dissidentes	A onda de dissidência soviética adquire características de um movimento estável, com grupos regionais organizados para a defesa do Acordo de Helsinque sobre direitos humanos, assinado também pela URSS.
Atentado terrorista no metrô de Moscou	Sete mortos e 37 feridos na explosão em um vagão de metrô entre as estações Izmailovskaia e Pervomaiskaia da linha azul. Os organizadores Stepan Zatikián, Akop Stepanián e Zaven Bagdasarián são condenados à morte e executados.
Colégios Técnicos Profissionais	Os Colégios Técnicos Profissionais (PTU), que formam distintas profissões operárias, são reorganizados para aumentar seu prestígio na sociedade, mas a iniciativa fracassa.
Último voo do Tu-144	Chamado de “Concorde Soviético”, o avião supersônico de passageiros Tu-144 é aposentado, depois de ter fracassado como alternativa para voos domésticos de longa distância.
Vladimir Visotski: auge da fama	Vladimir Visotski se encontra no auge da sua carreira, com um LP sendo lançado na França. O país inteiro conhece e canta suas canções.
Trabalho nas bases de abastecimento de frutas e verduras	Devido às grandes perdas provocadas pelo armazenamento incorreto, perde-se até 60% da produção de frutas e verduras nas bases de abastecimento. Para resolver o problema, criam-se brigadas voluntárias de trabalho, que ajudam a otimizar o trabalho nas bases e recebem “in natura”.
Viagem de Thor Heyerdahl no “Tigris”	Nova viagem de Thor Heyerdahl, desta vez a bordo do “Tigris”, uma cópia dos barcos sumérios. Heyerdahl viajou do Golfo Pérsico até o Mar Vermelho, onde decidiu queimar o barco em

	protesto contra as negativas dos países da região em lhe oferecerem porto e passagem.
Botas femininas	Moda das botas femininas de cano e salto alto, preferencialmente importadas.
Primeiras discotecas	Moda dos encontros juvenis auto-organizados chamados “discotecas”, com aparelhagem de som e iluminação características.
Nova letra do Hino da URSS	Depois de quase 20 anos de execuções sem letra, é finalmente aprovada pelo Soviete Supremo a nova letra do Hino da URSS. A música continua sendo a de Aleksándrov. São retiradas as menções a Stálin e aos “inimigos”.
Nikita Mikhalkov, filme “Peça inacabada para piano mecânico”	Ascensão de Nikita Mikhalkov como diretor. O filme baseado na obra de Tchekhov faz grande sucesso e introduz a estética tchekhoviana no cinema.
“Niva” VAZ-2121	Primeiro jipe civil soviético, produzido pela Fábrica de Automóveis Voljski. Considerado extremamente caro, permenece um artigo de luxo utilizado apenas pela elite rural e por uma estreita camada de funcionários públicos.
Primeiro aumento de preços	Pela primeira vez desde 1962 ocorre um aumento de preços, desta vez em produtos considerados secundários, como tecidos, taxi, utensílios domésticos e outros.
Brêjniev é eleito presidente	Com a eleição de Brêjniev ao posto de Presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, ocorre a unificação formal das chefias do PCUS e do Estado.
Nova Constituição	Aprovado a nova Constituição, em substituição ao texto stalinista de 1936. São incorporados no texto vários conceitos que já vinham sendo discutidos nos congressos do PCUS, como “sociedade socialista desenvolvida” e “povo soviético”. Pela primeira vez, o papel dirigente do PCUS na sociedade é formalizado constitucionalmente.
Vodcas “Sibirskaja” e “Pchenitchnaia”	Massificação das marcas de vodca antes consideradas de elite.
Versos sádicos	Espalham-se no folclore popular a moda dos versinhos de humor sádico sobre violência, morte e acidentes.
Descanso no Báltico	Apesar do clima frio, a região do Báltico torna-se o novo destino de descanso dos turistas soviéticos, que viajam à região em busca da “nossa Escandinávia”.
“Atommach”	Inaugurada na cidade de Volgodonsk (Região de Rostov) a maior fábrica de equipamentos para a indústria atômica da URSS.
Grupo “ABBA”	Sucesso do grupo sueco na URSS.
Incêndio no Hotel “Rússia”	O incêndio no maior hotel da Europa deixa 42 mortos e dezenas de feridos, revelando um grande despreparo dos bombeiros e

	serviços de emergência para tragédias dessa magnitude.
I Feira-Exposição de Livros	Pela primeira vez, editoras estrangeiras expõem seus livros em uma feira exclusiva, gerando grande agiotagem e curiosidade.
Não à bomba de neutrons!	Forte campanha internacional e também na URSS contra a construção da bomba de neutrons pelos EUA. Os soviéticos ameaçam com uma nova rodada da corrida armamentista. Ao final, os norte-americanos desistem do projeto.
“Chabachniki”	Brigadas informais de trabalho (principalmente construção civil) se espalham pelos vilarejos soviéticos para a realização de obras privadas (datchas e pequenas parcelas individuais). Por serem em geral representantes de etnias não-russas, os trabalhadores dessas brigadas enfrentam grande preconceito em um ambiente etnicamente russo e moralmente conservador.
Produtos alimentícios dos países socialistas	A intensificação do comércio entre os países do bloco socialista chega à mesa soviética, com uma grande quantidade de produtos alimentícios sendo trazida dos países do bloco, principalmente Hungria e Bulgária.
Asa delta	Moda dos passeios de asa delta e surgimento de toda uma subcultura em torno do esporte.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1978	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Serguei Karagánov (cientista político) e Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Desenho “Três de Prostokvachino”	Relembra o sucesso do desenho animado dirigido por Vladimir Popóv.
Brêjniev recebe a Ordem da Vitória	Brêjniev é condecorado com a Ordem da Vitória, o que gera grande mal estar mesmo nos setores mais fieis ao regime. Dada a aproximação entre a URSS e o Peru, Brêjniev é condecorado também com a medalha do Sol Dourado do Peru.
Orquestra de Paul Mauriat em Moscou	Sucesso da apresentação da Orquestra de Paul Mauriat, especializada em “Easy Listening”, em Moscou.
Kárpov x Kortchnói, Maia Tchiburdanídze	O xadrez soviético vive um ótimo momento com as vitórias de Anatoli Kárpov sobre Viktor Kortchnói e a conquista do título mundial feminino pela georgiana Maia Tchiburdanídze.
Pele de nutria	Massificação da pele de nutria (ratão do banhado) como um opção mais barata do que a pele de vison e de melhor qualidade do que a pele de coelho.
Série “A investigação é conduzida por especialistas”	Sucesso da série policial televisiva controlada diretamente pelo Ministério do Interior.
Manifestações na Georgia	Após a Geórgia aprovar uma Constituição república que é simples cópia da Constituição da URSS, explodem manifestações para que o georgiano seja reconhecido como língua oficial. As manifestações atingem seu objetivo e não há repressão nem perseguições posteriores.
Exposição de Ilia Glazunôv	Auge da carreira daquele que é considerado por muitos como o pintor oficial do regime.
Punks	Chega à URSS a moda punk, bem mais reprimida do que as outras modas ocidentais. Ainda assim, bandas como Sex Pistols e The Clash fazem sucesso em círculos determinados.
“Intercosmos”	Início do programa que integra cosmonautas dos países do bloco socialista aos voos soviéticos. Os cosmonautas soviéticos continuam batendo recordes de permanência no espaço.
“Biblioteca da Literatura Universal”	Termina a publicação da monumental “Biblioteca da Literatura Universal”, com cerca de 200 tomos e mais de 300.000 exemplares.
Acordos de Camp David	Com mediação norte-americana, o Egito assina com Israel dois acordos de paz. O acordo é considerado uma “traição” pela URSS.
Espetáculo beneficente	Na homenagem prestada em cadeia nacional de televisão, a atriz

para Liudmila Gurtchenko	do teatro e cinema Liudmila Gurtchenko fez cerca de 20 papéis diferentes, tornando-se, a partir daí, um fenômeno da TV soviética.
Viagem de Brêjniev pela Transiberiana	Relembra a viagem de Leonid Brêjniev pela Transiberiana para fiscalizar uma série de construções e equipamentos importantes.
Viagens para a colheita da batata	Instituição do trabalho obrigatório, principalmente para estudantes, na colheita da batata. Com esse objetivo, o início do ano letivo é adiado.
Sequestro e assassinato de Aldo Moro	Relembra o sequestro e assassinato, pelas Brigadas Vermelhas, do ex-primeiro-ministro italiano e membro do Partido Democrata Cristão Aldo Moro.
Segundo aumento de preços	Pelo segundo ano consecutivo, aumentam os preços de vários produtos, incluindo o ouro. Para aqueles que desejam se casar e precisam providenciar as alianças, o Estado oferece uma compensação.
Trilogia de Brêjniev	Leonid Brêjniev recebe o Prêmio Lênin de Literatura pela série autobiográfica “Terra Pequena”, “Renascimento” e “Terras Virgens”. Massificam-se as piadas sobre líder soviético, sua velhice e suas condecorações.
Novos livros didáticos escolares	A partir de agora, os livros didáticos escolares são distribuídos gratuitamente em todas as escolas soviéticas e devolvidos ao final do ano para aproveitamento posterior por novos alunos.
Chevtchênko foge para o Ocidente	Escândalo diplomático internacional com a fuga para o Ocidente do sub-secretário da ONU para assuntos políticos e de segurança Arkadi Chevtchênko.
Banda “Boney M” em Moscou	Na onda disco do final dos anos 1970, a banda norte-americana “Boney M” faz uma apresentação na Sala de Concertos “Rússia”, o maior anfiteatro do país. Enorme agiotagem. O público, em sua maioria funcionários do aparato partidário e estatal, não sabe como se comportar diante do ritmo erótico da banda.
Muhammad Ali em Moscou	Muhammad Ali, visto com enorme simpatia na URSS por seu papel na luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos, visita Moscou, faz lutas de exibição e se reúne com Leonid Brêjniev, que expressa o desejo de que sua visita ajude a fortalecer os laços entre os dois povos.
ZIL-4104	Lançado o novo modelo de limusine soviética, mais moderno e confortável. Recebe o apelido de “tchlenovoz” (“членовоз”), algo como “carregador de membros”, em tradução livre, por ser o preferido para o transporte dos membros da alta cúpula do partido e do Estado.
Mudanças partidárias: vinda de Tchernênko e	Tchernênko e Gorbatchóv ascendem no aparato partidário. Tchernênko torna-se membro do Politburo e Gorbatchóv é

Gorbachóv	escolhido secretário do CC do PCUS.
João Paulo II escolhido Papa	Pela primeira vez em 400 anos, a Igreja Católica tem um Papa não italiano e pela primeira vez na história, um eslavo. A eleição de Karol Wojtyla é um duro golpe contra o monopólio ideológico dos partidos comunistas no interior do bloco socialista.
Frio intenso	Fixadas as temperaturas mais baixas desde o início das observações meteorológicas. Em Moscou a temperatura chega a -40°C , em Leningrado a -43°C e nos Urais a -48°C .
Filme “Mimino”	Sucesso do filme dirigido por Gueorgui Danélia sobre as aventuras de um georgiano e seu amigo armênio em Moscou.
Música popular georgiana: Kikabídze e Bregvadze	A música popular georgiana (cantada em russo) faz sucesso em toda a URSS nas vozes de Vakhtang Kikabídze e Nani Bregvadze.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1979	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Serguei Karagánov (cientista político) e Iegor Gaidar (economista)
Assuntos	Resumo
Valentina Tolkunôva	Relembra o sucesso da cantora folclórica Valentina Tolkunôva, reconhecida neste ano como Artista por Merecimento da URSS.
Queda de Pol Pot	Conflito entre o Vietnã e o Camboja, que terminou com a queda de Pol Pot.
Guerra sino-vietnamita	Principais fatos e personagens do confronto militar entre China e Vietnã (chamada de “Primeira Guerra Socialista”) e sua repercussão na URSS e no bloco socialista.
Operários vietnamitas na URSS	Devido à difícil situação em seu país, muitos vietnamitas chegam à URSS para trabalhar. Em geral, sofrem bastante preconceito e lhe são oferecidos os piores e mais pesados trabalhos.
Aleksandr Godunôv ficou nos EUA	Relembra os fatos da fuga do bailarino do Teatro Bolshoi Aleksandr Godunôv para os EUA.
Margaret Thatcher – primeira-ministra do Reino Unido	Eleição de Margaret Thatcher ao posto de primeira-ministra do Reino Unido. Apesar de sua visão conservadora, ela goza de grande popularidade na URSS.
Série “Aventuras de Sherlock Holmes e Dr. Watson”	Estreia da produção soviética em torno do famoso personagem de Arthur Conan Doyle.
Dmitri Chpáro no Pólo Norte	A expedição do explorador e esquiador Dmitri Chpáro chega ao Pólo Norte.
Jaqueta “Alasca”	Moda da jaqueta esportiva longa “Alasca”. Por ser uma peça arrojada e jovial, ela visa substituir o sobretudo masculino, considerado excessivamente formal.
Revolução Islâmica no Irã	Relembra os principais fatos da revolução que derrubou o regime do xá Mohammad Reza Pahlavi e sua repercussão na URSS.
Teatros-estúdios	Ganham espaço os teatros experimentais com peças montadas em lugares e condições incomuns. O movimento é utilizado pelo regime como propaganda a respeito da liberdade artística na URSS.
Pugatchôva – “A mulher que canta”, Boiárski – “D'Artagnan e os três mosqueteiros” e a moda das sacolas plásticas	Alla Pugatchôva faz sucesso com seu primeiro filme musical “A mulher que canta”. Mikhail Boiárski estreia o aclamado “D'Artagnan e os três mosqueteiros”. Surge a moda das sacolas plásticas com os rostos de Pugatchôva e Boiárski impressos.
Acordo sobre a Limitação de Armas Estratégicas – 2	Assinado um segundo acordo entre a URSS e os EUA sobre a redução de armamento nuclear estratégico. Pela primeira e última vez na história, os líderes da URSS e EUA beijam-se em

	uma cerimônia (Brêjniev e Carter).
Máquina de escrever “Iatran”	Lançada a primeira máquina de escrever elétrica soviética. A velocidade de digitação aumenta de cerca de 300 caracteres por minuto para até 1000.
Auge da emigração judia	A emigração judia da URSS para Israel atinge seu auge, com cerca de 50.000 pessoas deixando o país ao longo do ano.
Série “Não se pode mudar o lugar de encontro”	Sucesso da série policial estrelada por Vladimir Visotski e Vladimir Konkin e dirigida por Stanislav Govorúkhin.
Festival Gruchin	O Festival Gruchin de música amadora reúne cerca de 100.000 pessoas em Samara. Surgem clubes de música amadora por toda a URSS.
Terceiro aumento de preços	Pelo terceiro ano consecutivo aumentam os preços de produtos considerados supérfluos, como ouro, peles, móveis e alguns serviços.
Elton John e Joe Dassin na URSS	Grande agiotagem em torno dos shows de Elton John e Joe Dassin.
Hotel Cosmos	Inaugurado o Hotel Cosmos, um dos marcos da arquitetura modernista soviética.
Almanaque “Metrópole”	Considerado o mais escandaloso caso de “samizdat” da história da URSS, o almanaque “Metrópole” reunia textos de vários autores conhecidos, mas que vinham encontrando dificuldade em publicar suas obras legalmente na URSS. Apenas 12 exemplares foram produzidos, um dos quais foi levado para os EUA, onde foi publicado.
Revolução Sandinista	Relembra os fatos e a repercussão na URSS da revolução que derrubou o ditador Anastasio Somoza e levou o movimento sandinista ao poder na Nicarágua.
“Fartsovka”	Auge do comércio ilegal de importados, principalmente roupas. A atividade é conhecida pela gíria de “fartsovka”.
Acidente com o Esporte Clube Pakhtakor	Dois aviões Tu-134A se chocam sobre a cidade de Dneprodzerjinsk. Num deles estava todo o time do EC Pakhtakor, do Uzbequistão. A Federação Soviética de Futebol introduz no seu regulamento uma regra que garante ao Pakhtakor permanecer três anos na primeira liga, independente dos resultados.
Pink Floyd – Álbum “The Wall”	Em gravações domésticas e clandestinas, chegam à URSS o álbum e o filme “The Wall”, do Pink Floyd. Mais tarde, o grupo foi considerado “antissoviético”.
Grande Enciclopédia Soviética	A chegada às livrarias do 30º tomo encerra a publicação da Grande Enciclopédia Soviética. Ao total, foram publicados 630.000 exemplares. A enciclopédia continha 100.000 artigos escritos por mais de 10.000 cientistas.

Filme “Milagre comum”	Sucesso do filme dirigido por Mark Zakhárov e estrelado por Aleksandr Abdúlov, Ievguenia Símonova, Oleg Iankôvski, Ievgueni Leônov e Andrei Mirônov.
Pikul e Okudjáva	Sucesso da prosa de Valentin Pikul e Bulat Okudjáva.
Envio de tropas ao Afeganistão	Relembra os fatos e os personagens do início da guerra civil no Afeganistão, o que acabou acarretando o envio de tropas soviéticas para o país.
Moda do karatê	Depois de muitos anos de proibição, o esporte é legalizado na URSS (em sua versão sem contato). Surgem clubes e academias por todo o país.
Adriano Celentano	Sucesso na URSS dos filmes estrelados pelo ator italiano Adriano Celentano.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1980	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Stréliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Instituto de Microcirurgia Ocular	Em Moscou, inauguração do Instituto de Microcirurgia Ocular, dirigido pelo renomado cirurgião oftalmologista Sviatoslav Nikolaievitch Fiôdorov
Guerra Irã-Iraque	Fatos e repercussão da guerra entre Irã e Iraque.
Exílio de Sákharov em Gorki	Após uma entrevista em que criticava a ação da URSS no Afeganistão, o Prêmio Nobel de Física Andrei Sákharov é exilado na cidade fechada de Gorki (atual Nijni Novgorod).
Música popular da Estônia	Relembra os cantores e os sucessos da música popular estoniana em toda a URSS.
Sanções contra a URSS, obras olímpicas, Olimpíadas em Moscou.	Boicote parcial aos Jogos Olímpicos de Moscou, devido às ações da URSS no Afeganistão. São construídos 78 equipamentos especialmente para os jogos. Moscou fecha-se aos russos de outras localidades durante os jogos. Ursinho Micha e sua despedida na cerimônia de encerramento.
Pepsi-Cola e Fanta	Um acordo entre a URSS e a Pepsi-Cola permite a produção do refrigerante no país. Pepsi-Cola e Fanta tornam-se as primeiras bebidas não-alcólicas de prestígio no país.
Aeroporto Cheremêtievo 2	Inaugurado o novo terminal do aeroporto internacional de Moscou, com capacidade para 2 milhões de passageiros por ano.
Morre Vladimir Visotski	No auge da fama, morre o ator e cantor Vladimir Visotski. É condecorado postumamente, apesar de seu envolvimento no caso do samizdat Almanaque “Metrópole”.
Placas de automóveis com letras pretas sobre fundo branco	Começa em todo o país a substituição das placas pretas com letras brancas por placas brancas com letras pretas, mais visíveis em condições meteorológicas ruins.
Liquidação nas fábricas	Como forma de combater o desvio de mercadorias e a especulação, organizam-se em algumas fábricas liquidações de produtos direto ao consumidor. As liquidações são sobretudo populares no ramo de roupas.
Blockbuster “Piratas do século 20”, “Moscou não acredita em lágrimas” e “Tripulação”	Sucesso dos três principais filmes do ano. “Piratas do século 20” revelou-se um sucesso passageiro, enquanto “Moscou não acredita em lágrimas” e “Tripulação” adquiriram o status de “clássicos”.
Prosa tenentista	A Grande Guerra Patriótica torna-se um tema cada vez mais importante na vida dos soviéticos. O fenômeno penetra a literatura, dando origem à assim chamada “prosa tenentista”, que exalta os heróis e combatentes anônimos da guerra.

Atentado terrorista em Bolonha	Cerca de 85 pessoas morrem e mais de 200 ficam feridas naquele que é considerado o maior atentado terrorista da Itália no pós-guerra.
Moda dos casacos de couro virado	Chamadas de “Afegãs” por seu aspecto rústico, entram na moda os casacos de couro virado (pelos para dentro e couro para fora).
Festival “Tbilisi 80” e grupo “Máquina do Tempo”	Primeiro festival de rock da URSS, ocorrido na capital georgiana. Sucesso do grupo “Máquina do tempo”.
Centro Hammer	O empresário norte-americano Armand Hammer inaugura em Moscou um centro comercial bastante parecido com os shoppings centers atuais.
Djuna	Conhecida como “Djuna”, a curandeira Ievguenia Iuvachevna Davintachvíli faz sucesso na URSS, o que provoca uma contraofensiva propagandística do Estado sobre ciência, medicina e charlatanismo.
Morre Mácherov. Demissão de Kosíguin e ascensão de Tíkhonov	Morre em um acidente de carro o primeiro-secretário do PC bielorusso Piotr Mácherov. Mudanças na alta cúpula do Estado. Aleksei Kosíguin é demitido do cargo de presidente do Conselho de Ministros (chefe de governo) e substituído por Nikolai Tíkhonov.
Ações militares de grande envergadura no Afeganistão	O que se previa como um mero envio de tropas em ajuda a um governo amigo se revela uma verdadeira operação de guerra. Cresce no imaginário popular a percepção de que a URSS permanecerá no Afeganistão por muito tempo.
Tchinghiz Aitmatov	Sucesso do escritor quirguiz Tchinghiz Aitmatov e sua prosa de inclinação orientalista.
Restauração da Catedral de São Basílio	Depois de vários anos de trabalho, termina a restauração da Catedral de São Basílio na Praça Vermelha.
Ronald Reagan presidente dos Estados Unidos	Aos 69 anos, Ronald Reagan é eleito 40º presidente dos Estados Unidos. A escolha desagrade Moscou, devido ao acentuado antissovietismo de Reagan.
Problemas com encanamento e reformas	As “khrushovkas” estão completando 20 anos e começam a apresentar importantes problemas hidráulicos. Aumento da demanda e déficit de materiais de construção e reforma nas lojas soviéticas.
Moda dos anéis e correntes	Moda masculina e feminina de anéis e correntes.
Assassinato de John Lennon	Relembra os fatos e a repercussão na URSS do assassinato do ex-beatle. Os fãs adaptam Maiakóvski: “Lennon viveu. Lennon vive. Lennon viverá”.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1981	Comentaristas: Iegor Gaidar (economista) e Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Airbus Il-86	Entrada em operação do novo modelo de avião soviético Il-86, conhecido como “Airbus Il-86”. O avião foi amplamente utilizado tanto em linhas internacionais quanto em voos domésticos de maiores distâncias.
Valeri Leôntiev	Relembra os sucesso do cantor no início dos anos 1980.
Carpete	Como opção ao tapete tradicional, populariza-se o carpete, em geral sintético e quase sempre mais barato.
“Solidariedade” da Polônia	Surgimento e crescimento do “Solidariedade”, sua relação com a Igreja Católica, estudantes e classe operária. Ao contrário do que acontecia tradicionalmente com movimentos de oposição nos países do bloco socialista, os eventos em torno ao “Solidariedade” são amplamente noticiados na URSS.
Estúdios de gravação	Popularizam-se as gravações domésticas em fita cassete a partir de discos de vinil.
XXVI Congresso do PCUS: “A economia deve ser econômica”	O congresso identifica um momento de inflexão na história do país e tem como centro as questões econômicas: evitar o desperdício e a irracionalidade. Ênfase na qualidade ao invés de quantidade.
Jean-Paul Belmondo	Sucesso do ator frances e seus filmes de aventura.
Aumento do preço da gasolina e vodka	Mais um aumento de preços, desta vez abarcando produtos de amplo consumo, como gasolina e vodka.
“Levadores” (“Несуны”)	O furto de objetos, produção e ferramentas das fábricas atinge proporções alarmantes. Tudo é passível de ser levado para casa para ser utilizado em reparos ou mesmo vendido no mercado clandestino.
Atentados contra Reagan e o Papa. Sadat assassinado.	Fatos e repercussão mundial dos atentados contra os três líderes.
Samovar elétrico	Moda do “samovar elétrico” ao invés da chaleira elétrica. Frequentemente, o objeto é apenas decorativo.
Mikhail Jvanêtski	Relembra o sucesso do comediante satírico e seus monólogos. Gravações clandestinas de suas apresentações circulam pela URSS.
Greve de fome em Belfast	Relembra a greve de fome dos ativistas do IRA que exigiam o reconhecimento de seu status de presos políticos. Dez presos morrem em consequência da greve.
Volga GAZ-3102	Depois de muitos anos sem modificações importantes, é lançado

	um novo modelo de sedan pela Fábrica de Automóveis de Gorki. Devido a dificuldades na produção, durante algum tempo são produzidos ao mesmo tempo o antigo e o novo modelo.
Aumento das aposentadorias, auxílios e licença-maternidade	Aumento generalizado de aposentadorias e auxílios. A licença-maternidade, além do valor, tem também seu prazo aumentado (1 ano pago e um ano sem salário, mas com garantia de emprego).
Pershing na Europa	Os Estados Unidos instalam mísseis balísticos Pershing em bases europeias próximas à URSS. Começa no continente uma importante mobilização contra a medida, em defesa da paz e do desarmamento.
Caso da empresa “Okean”	Escândalo da “mafia da pesca”, envolvendo altos funcionários do governo soviético.
François Mitterrand – presidente da França	Fatos e repercussão mundial da vitória do socialista François Mitterrand nas eleições presidenciais francesas. Pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, um partido comunista compõe um governo da Europa Ocidental. Mitterrand ocupa uma dura posição em relação ao Afeganistão e à questão dos direitos humanos na URSS, o que não facilita a relação entre os dois países.
Exposição “Moscou – Paris”	O Museu Púchkin inaugura uma nova exposição de arte do século 20. Estão representados abstracionistas, cubistas e outros estilos de vanguarda. Brêjniev visita a exposição. A imprensa oficial não ataca a iniciativa.
Horário de verão	Com o objetivo de poupar energia, é introduzido o horário de verão no país.
Cigarros norte-americanos	Começa a importação oficial de cigarros norte-americanos para o país. Uma parte dos cigarros é produzida sob licença na própria URSS.
Dínamo de Tbilisi vencedor do torneio Taça dos Clubes Vencedores de Taças.	Relembra os fatos e a repercussão na URSS do sucesso do clube georgiano no futebol europeu.
Lotes pessoais de terras, motoblocos	O governo decide aumentar o apoio aos lotes pessoais de terras que os membros dos kolkhozes ocupam junto às produções coletivas. Uma das novidades é a produção de mini-tratores (motoblocos) para a aragem em pequena escala.
Espectáculo “Juno e Avos”	Sucesso da ópera-rock escrita por Aleksei Rubnikov e dirigida por Mark Zakhárov.
Ônibus espacial	Estreia do ônibus espacial norte-americano Columbia. Pelas características técnicas da espaçonave, a URSS expressou a preocupação de que o projeto pudesse ser utilizado para fins militares.
Estado de sítio na Polônia	Jaruzelski decreta estado de sítio no país, devido ao crescimento

	do movimento oposicionista. O Solidariedade é reprimido.
Pintor Aleksandr Chílov	Primeira exposição pessoal do pintor, que se tornaria o pintor oficial do regime.
Brêjniev faz 75 anos	Nova rodada de condecorações em função dos 75 anos de Leonid Brêjniev. Multiplicam-se as piadas envolvendo a idade e o estado de saúde do líder.
Música popular italiana	Sucesso da música popular italiana na URSS.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1982	Comentaristas: sem comentários
Assuntos	Resumo
Adidas soviético	O convênio entre a Adidas e o governo soviético para o fornecimento de material esportivo para os atletas olímpicos se estende, e a Adidas passa a fabricar tênis e roupas esportivas na URSS para o grande público.
Segundo canal pan-soviético	Inaugurado o Canal 2, considerado o segundo canal de TV realmente pan-soviético.
Morre Mikhail Súslov	Aos 80 anos, morre a segunda figura do CC do PCUS, Mikhail Súslov, responsável pelas questões ideológicas. Considerado um stalinista ortodoxo, recebe inúmeras honras durante o velório e o enterro.
Cubo de Rubik	A moda do cubo de Rubik chega à URSS, com campeonatos, clubes e revistas especializadas.
Eventos na Ilhas Falklands	Relembra os fatos e consequências da Guerra das Malvinas. Aumento do prestígio de Margareth Thatcher e da Inglaterra no mundo.
Gasoduto “Urengoi – Pomari – Ujgorod”	Inaugurado o primeiro trecho do gasoduto que servirá para exportação do gás soviético para a Europa Central e Ocidental. A URSS se torna líder mundial na exportação de gás. Os Estados Unidos reagem criticamente à construção do gasoduto, alegando aumento da dependência da Europa do gás soviético.
Cosmonautas Chrétien e Savítskaia	Viagem do astronauta francês Jean-Loup Jacques Marie Chrétien e da cosmonauta soviética Svetlana Savítskaia no marco do programa “Intercosmos”. Chrétien bate o recorde de permanência no espaço entre os cosmonautas não-soviéticos e Savítskaia torna-se a primeira mulher a caminhar na espaço.
Chavarch Karapetián	Publicada pela primeira vez a história do salvamento de 20 pessoas, feito pelo nadador armênio Chavarch Karapetián, durante um acidente em 1976. Karapetián torna-se famoso. Mais tarde, o nadador participaria também de um salvamento durante um incêndio, cujas consequências o obrigaram a abandonar o esporte.
Chapéus de cachorro	Moda polêmica dos chapéus feitos com pele de cachorro. Surgem denúncias de abate ilegal de animais pela indústria.
Raimond Pauls	Sucesso do compositor letão na URSS. Vários artistas passam a gravar suas músicas, entre eles Alla Pugatchôva e Valeri Leôntiev.
“Literatura Estrangeira”	A consagrada revista especializada em literatura estrangeira começa a publicar sua coletânea de livros. Agora, não é mais necessário destacar da revista as obras de interesse e encaderná-

	las.
Anglicismos	A rápida penetração da cultura norte-americana e inglesa na URSS faz com que os anglicismos na linguagem se multipliquem. Poucos são reconhecidos pelos linguistas e incorporados oficialmente ao idioma.
Programa de Abastecimento, Andrôpov – segundo homem do PCUS.	O CC do PCUS lança o Programa de Abastecimento, um reconhecimento tácito de que no país há crise de abastecimento. Planeja-se aumentar principalmente a produção de proteínas e verduras. Andrôpov ascende ao cargo de secretário-geral do PCUS. Brêjniev permanece presidente do Presidium do Soviete Supremo (chefe de Estado).
Intervenção israelense no Líbano	Israel decide intervir na guerra civil libanesa, devido ao aumento da influência palestina da região (Operação “Paz na Galileia”). Massacre de Sabra e Chatila.
Visitas de Brêjniev ao Azerbaijão e ao Uzbequistão	Brêjniev visita as duas repúblicas, onde é recebido com enorme pompa e condecorado. Também distribui condecorações.
Sofia Rotaru	Relembra o sucesso da cantora ucraniana de origem romena.
Chanceler Helmut Kohl	Coerente com a onda à direita na política mundial, Helmut Kohl, membro do Partido Democrata Cristão, é eleito chanceler da Alemanha. Surge o eixo “Reagan – Thatcher – Kohl” em oposição a François Mitterrand.
Alpinistas soviéticos no Everest	Sem nunca terem subido mais de 8.000 metros, os alpinistas soviéticos obtêm um êxito enorme ao atingirem o topo do Everest através de uma rota inédita.
Os Likov: “Beco sem saída da taiga”	O jornalista Vassili Peskôv publica sua famosa reportagem sobre os Likov, uma família de velhos crentes que viveu durante 40 anos sem contato com a civilização na taiga siberiana.
Brêjniev morre	São decretados quatro dias de luto e feitas várias homenagens póstumas. O período é reconhecido como o mais estável do século 20. Repercussão no Ocidente.
Gretzky, Maradona, Kaspárov	Despontam as estrelas do jogador de hóquei canadense Wayne Gretzky, do futebolista argentino Diego Maradona e do enxadrista soviético Kaspárov.
“Rapaziada alegre”	Sucesso do programa musical televisivo onde eram exibidos o que se pode considerar como os primeiros cliques soviéticos.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1983	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Iegor Gaidar (economista) e Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Iankôvski e Neiôlova – imagem dos contemporâneos	Graças a seus papéis existencialistas em “Apaixonado por vontade própria” e “Trânsito”, Oleg Iankôvski e Marina Neiôlova tornam-se o símbolo de uma geração com forte inclinação conformista e que “emigrou para dentro de si”.
Supermercado “Moskovski”	Inaugurado o maior supermercado de Moscou, voltado para moradores de outras cidades, para que estes não tenham que recorrer às lojas e aos mercados da capital.
Luta pela disciplina, Vodca “Andropovka”	O governo anuncia a luta pela disciplina do trabalho, com batidas policiais em saunas e salões de beleza durante o horário de trabalho, para buscar faltosos. Lançada uma nova vodca, mais barata e sem nome. Imediatamente, recebe o apelido de “Andropovka”.
Intervenção dos EUA em Granada	Relembra os fatos e a repercussão da intervenção norte-americana na ilha. Na URSS, começa uma campanha de solidariedade com o povo de Granada. A intervenção é utilizada pela propaganda soviética para denunciar a hipocrisia norte-americana.
Clube de Rock de Leningrado	Desponta o fenômeno do rock de Leningrado. O Estado aceita parcialmente e legaliza alguns clubes de rock. Relembra os ídolos e as canções da época.
Caso do Armazém Ielisei	Escândalo de corrupção envolvendo altos funcionários do famoso Armazém Ielisei, de Moscou. Alguns acusados são condenados à morte. Em geral, o povo simples, cansado de ser humilhado nos balcões desse tipo de loja, olha com indiferença o caso.
Catástrofe da embarcação “Aleksandr Suvôrov”	Um erro de navegação faz o Suvôrov se chocar contra o ponte sobre o rio Volga. Morrem 176 pessoas.
Palácio de Pedro	O Palácio de Verão dos Románov, também conhecido como “capital dos chafarizes” é elevado à categoria de parque cultural nacional.
Escamudo-do-Alasca é o principal peixe	O escamudo-do-Alasca torna-se o principal peixe da URSS, com produção em larga escala e ampliação do seu uso. É considerado um peixe de segunda categoria e difícil de preparar.
Samantha Smith	A menina norte-americana de 11 anos Samantha Smith escreve uma carta a Andrôpov perguntando se os russos são a favor da guerra e por que querem conquistar outros países. A direção soviética decide não apenas responder a carta, mas trazer Samantha a URSS. Ela visita o país e torna-se um poderoso

	símbolo da propaganda soviética.
Sessões de vídeo	As fitas clandestinas de VHS invadem o país e tornam-se uma espécie de “cinema paralelo”. Organizam-se sessões de vídeo domésticas, com os amigos e também pagas, como forma de negócio clandestino. O fenômeno sai do controle do governo. Várias pessoas são presas e condenadas.
Stakhanovistas Tchikh e Drozdêtski	Os mineiros Mikhail Tchikh e Iegor Drozdêtski tornam-se os símbolos de uma nova tentativa de fazer reviver o movimento stakhanovista. Cada uma de suas brigadas extrai 1 milhão de toneladas de carvão em um ano. Forte campanha por parte do Estado.
Catástrofe com o Boeing 474 coreano	A Força Aérea soviética confunde um avião de passageiros da Korean Air com um avião espião e o derruba em pleno voo. Todas as 269 pessoas a bordo morrem.
Pães longos, mini-fornos	Chegam à URSS os pães de tipo francês, de massa branca, mais leves e com formato mais comprido. Algumas padarias passam a assar seu próprio pão, ao invés de comprá-lo das fábricas.
Caso de Medunov, Scholokov e Rachidov	Vários escândalos de corrupção atingem as repúblicas do Cáucaso e Ásia Central. Em geral, as punições são brandas e se limitam ao deslocamento de quadros de suas funções.
Grupo “Terráqueos”	Surge o rock bem comportado e autorizado pelo Estado, uma tentativa de minar a influência do rock independente, principalmente o de Leningrado.
Filmes stop motion de Aleksandr Tatárski	Relembra os filmes de maior sucesso do animador soviético Aleksandr Tatárski.
Filmes “Garotos” e “Espantalho”	Relembra os filmes de Dinara Asanova e Rolan Bíkov, ambos dramas juvenis. Nos dois casos, a reação do público soviético não foi unânime, visto que alguns consideraram as películas excessivamente pesadas para o público juvenil.
Energia atômica	Novas usinas atômicas entram em funcionamento. Considera-se que o carvão deve ser objeto de exportação, enquanto a energia doméstica deve ser produzida por fissão nuclear.
Comitê Antissionista da Sociedade Soviética	Tentativa por parte do Estado de se opor à crescente influência de Israel na sociedade soviética e diminuir o ritmo da emigração judia. Formado unicamente por judeus, de fato, é um comitê antissemita.
Enfrentamento com os EUA, “império do mal”	Aumento das tensões entre os dois países. Ruptura de uma série de protocolos e acordos. Ronald Reagan pronuncia seu famoso discurso sobre o “império do mal” representado pela URSS.
200 anos do Tratado de Georgievsk	Comemoram-se 200 anos da assinatura do Tratado de Georgievsk, que estabeleceu o protetorado russo sobre a Geórgia. O escultor georgiano Zurab Tseretéli é encarregado de fazer um obelisco comemorativo e desponta no cenário nacional.

MJK	“Complexo Residencial Juvenil” (MJK, pela sigla em russo) é um novo tipo de consórcio para a construção de prédios residenciais. Nele, os associados (em geral, casais jovens) constroem os prédios nos horários livres do trabalho. Vários prédios são construídos segundo esse esquema.
Iuri Antônov	Relembra a trajetória do cantor, cuja música tem forte componente eletrônico e faz sucessos nos clubes musicais da URSS.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1984	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Iegor Gaidar (economista) e Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
“Litsedei”	Sucesso do grupo de teatro de palhaços de Leningrado. A popularização deve-se à transmissão pela TV dos shows do grupo.
Videocassete “Eletrônika BM-12”	Primeiro aparelho de videocassete soviético. Apenas 4.000 unidades foram produzidas. Custa 1200 rublos e a fila de espera para a compra é de aproximadamente 6 meses. Apesar dos variados defeitos de projeto, é muito popular, pois representa a legalização das sessões de vídeo, antes reprimidas.
Greve dos mineiros ingleses	Relembra os fatos e a repercussão da histórica greve dos mineiros ingleses contra as medidas do governo Thatcher. Campanha de solidariedade na URSS. A TV soviética denuncia quase diariamente a repressão contra a greve por parte da polícia inglesa.
Morte de Andrôpov, Tchernênko é nomeado secretário-geral	Andrôpov morre 15 meses após sua nomeação para o cargo de secretário-geral do PCUS. Konstantin Tchernênko, já bastante doente, assume o posto. Espalham-se as piadas sobre o estado de saúde de Tchernênko.
Break dance	Apesar da campanha propagandística contrária, a dança chega a URSS.
Reforma escolar	Mais uma reforma escolar. A partir de agora, as crianças ingressam na escola aos 6 anos de idade. Ocorre a redistribuição do peso de várias disciplinas. Ao total, a educação escolar passa a ser de 11 anos.
Restos mortais de Fiodor Chaliápin são transferidos para a URSS	Por “iniciativa da sociedade”, os restos mortais do cantor lírico Fiodor Chaliápin são trazidos da França para a URSS. O operativo, apesar de não-oficial, conta com o apoio tácito do Estado, que começa a mudar sua relação com os assim chamados “emigrados da primeira onda”.
Kárpov versus Kaspárov	A disputa do título mundial de xadrez assume contornos dramáticos, quando a série de jogos entre Kárpov e Kaspárov é anulada e uma nova rodada é anunciada.
Tornado em Ivanovo	O mais poderoso tornado já registrado no território da URSS atinge a cidade de Ivanovo, a 302 quilômetros de Moscou. Milhares ficam desabrigados. O número de mortos até hoje permanece desconhecido.
Vietnamitas na URSS	Continua o fluxo migratório de vietnamitas em direção à URSS. Agora, eles ocupam não apenas postos na indústria e construção, mas também se ocupam do comércio, trazendo do Vietnã

	principalmente roupas e levando para lá eletro-eletrônicos.
Diminuição no preço da sardinha	A sardinha, principalmente enlatada, trazida do Extremo Oriente, se populariza, graças à redução de preço determinada pelo governo.
Boicote às Olimpíadas de Los Angeles	A União Soviética decide boicotar os Jogos Olímpicos de Los Angeles. Com exceção da Romênia, todos os países do bloco socialista seguem a decisão do Comitê Olímpico da URSS.
Moda estilo esportivo – “tubos”, “inflados” e “lunar”	Entram na moda as linhas retas e as cores vivas. As roupas da estação lembram uniformes esportivos, com ombros largos, muito enchimento e tecidos sintéticos.
Transposição dos rios	Continua o curso denominado “Melhoria das terras”, agora com a previsão de transposição de vários rios que desaguam no Mar do Norte, para que desaguem nas terras do sul, onde há déficit hídrico. Abre-se uma polêmica na sociedade sobre as razões e consequências dos projeto.
Jenia Kisin	Sucesso internacional do pianista soviético de apenas 12 anos.
VAZ-2108	Novo modelo da Fábrica de Automóveis do Volga. O “Jiguli 8” é inteiramente nacional e representa uma revolução no design, muito mais aerodinâmico.
Assassinato de Indira Gandhi	Fatos e repercussão do assassinato da primeira-ministra indiana. A TV soviética acompanhou e mostrou todos os detalhes do funeral, inclusive a cerimônia de cremação e recolhimento das cinzas.
Restauração da Catedral de Riga	O Estado soviético demonstra um cuidado inédito com a restauração de um monumento religioso.
Michel Platini	Auge da carreira do jogador francês. Relembra suas conquistas e sua contribuição ao esporte.
Perdas no Afeganistão	Aumentam as perdas do Exército Soviético no Afeganistão. O contingente deslocado chega a 100.000 homens e cerca de 2.400 morrem em combate apenas no ano de 1984. O impacto social das mortes é potencializado porque os corpos são trazidos para serem enterrados em território russo (“Carga 200” no jargão militar). O termo “afegão” passa a se referir não apenas à população local do Afeganistão, mas também àqueles soldados soviéticos que lutaram na guerra.
Viatcheslav Mólotov restituído no PCUS	Aos 96 anos, os sucessivos pedidos de Mólotov finalmente são atendidos e ele é restituído nas fileiras do PCUS. Correm piadas de que “Tchernênko prepara seu sucessor”.
Filme “Amor e pombas”	Sucesso da comédia romântica estrelada por Aleksandr Mikháilov e Nina Dorôchina, e dirigida por Vladimir Menchov.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1985	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Serguei Karagánov (cientista político) e Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
An-124 “Ruslan”	Lançado no Salão Internacional de Aeronáutica de Le Bourget (Paris) o maior avião do mundo, produzido na URSS. O An-124 é a sensação da feira.
Morte de Tchernênko, Gorbachóv nomeado secretário-geral	Depois de apenas 13 meses na função, Konstantin Tchernênko morre. Já no dia seguinte o Politburo do PCUS nomeia Mikhail Gorbachóv secretário-geral.
“Cinema de prateleira”: “Elem Klimov – “Agonia” e “Vá e veja”, Aleksei German – “Meu amigo Ivan Lapchin” e “Inspeção na estrada”	Filmes que foram proibidos durante vários anos começam a ser autorizados. Esses filmes recebem o apelido genérico de “cinema de prateleira”, por terem ficado muito tempo nas prateleiras dos censores. O cinema soviético passa por uma intensa transformação estética.
“Reconstrução”, “ida ao povo”	Gorbachóv começa uma série de viagens pelas principais cidades do país. Sua popularidade cresce rapidamente. Começa a falar da necessidade de reconstrução (“perestroika”) nacional, embora ainda sem um programa concreto.
Cassetetes de borracha na URSS	Seguindo a tendência das polícias mundiais, os cassetetes de borracha chegam à URSS. O Ministério do Interior recomenda moderação no seu uso. Recebem o apelido de “democratizadores”.
Mudanças de quadros	Gorbachóv começa uma série de importantes mudanças na configuração de ministérios e outros órgãos estatais. Além de colocar pessoas de sua confiança em postos-chaves, as mudanças vão no sentido de um rejuvenescimento da máquina administrativa.
Jalguiris	Sucesso do time lituano de basquete Jalguiris, que vence o CSKA na luta pelo título soviético. O basquete se populariza e torna-se um esporte verdadeiramente nacional.
Programa “Guerra nas Estrelas”	Apelidado do “Guerra nas Estrelas”, a Iniciativa Estratégica de Defesa promete colocar em órbita um sistema defensivo capaz de neutralizar qualquer ataque estratégico soviético. A direção soviética não encontra resposta imediata para o desafio e se acirram no interior do PCUS os debates sobre a necessidade de um distencionamento político entre os dois países.
Festival da Juventude e dos Estudantes	Apesar da ampla propaganda soviética em torno do evento, o festival permanece pouco mais do que uma sombra do grande festival de 1957 e das Olimpíadas de 1980. Novamente ocorre a “limpeza” de Moscou dos elementos indesejáveis vindos de outras cidades.

Fuga de Oleg Gordiêvski	Durante o Festival da Juventude e dos Estudantes, o Serviço Secreto Britânico promove a fuga para o Ocidente de Oleg Gordiêvski, espião soviético desertor. Começa uma crise diplomática entre os dois países, com sucessivas expulsões de pessoal de ambas embaixadas.
Serguei Búbka	Serguei Búbka bate pela quinta vez o recorde mundial de salto com vara, superando pela primeira vez na história a marca dos 6 metros.
Luta contra o alcoolismo	Lançado um novo programa governamental de luta contra o alcoolismo. Havia ocorrido um importante aumento do consumo de álcool nos anos anteriores. O novo programa diminui os pontos de venda, aumenta os preços e institui multas e punições. Além disso, ocorre uma ampla campanha educativa. A campanha obtém sucesso parcial, mas há aumento do consumo de bebidas feitas em casa. Gorbachóv é apelidado de “secretário-mineral” (referência à água mineral).
Ataque contra o quadro “Dânae”, de Rembrandt	O lituano Bronius Maiguis joga ácido no quadro “Dânae”, de Rembrandt, durante uma excursão no Museu Hermitage. Na investigação, disse ter agido assim em protesto contra a ocupação soviética da Lituânia. Foi reconhecido como esquizofrênico.
Prorrogação do Pacto de Varsóvia	Nova reunião entre os líderes do bloco socialista decide prorrogar o Pacto de Varsóvia por mais 20 anos. Na declaração, admite-se a possibilidade de suspensão do tratado, desde que a OTAN seja dissolvida.
Filme “Cereja de Inverno”	Sucesso do drama romântico estrelado por Elena Safônova e Vitali Solômin e dirigido por Igor Mâslennikov.
“Aceleração”	Numa espécie de prenúncio da perestroika, Gorbachóv começa uma campanha em defesa da necessidade de aceleração do ritmo da atividade econômica do país.
Garri Kaspárov 13º campeão mundial de xadrez	O duelo entre Kaspárov e Kárpov, suspenso no ano anterior, finalmente é retomado e termina com a vitória de Kaspárov, que se torna o mais jovem campeão de xadrez da história (22 anos).
Encontro de Genebra entre Gorbachóv e Reagan	Estreia de Gorbachóv na arena internacional. O encontro com Reagan é bastante difícil e não chega a nenhum acordo importante. A URSS decreta moratória unilateral dos testes nucleares. Gorbachóv fala abertamente à imprensa internacional sobre os dissidentes soviéticos.
Velha Arbat	A Rua Arbat (hoje conhecida como Velha Arbat) é transformada em um calçadão exclusivo para pedestres. A mudança torna a rua um centro cultural e comercial.
Encontrados os restos do Titanic	Uma expedição franco-americana encontra no Atlântico Norte, a mais de 5.000 metros de profundidade, os restos do Titanic. A retirada de objetos do navio provoca uma discussão ética

	internacional.
Aeróbica	A aeróbica faz sucesso entre as mulheres soviéticas. Fitas VHS com programas de aeróbica são considerados um ótimo presente no 8 de março. Surgem programas de TV dedicados à aeróbica. Os setores mais conservadores criticam o excesso de erotismo da atividade.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1986	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz) e Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Mensagem de Ano Novo de Reagan e Gorbachóv ao povo soviético e norte-americano.	Acordo de troca de mensagens de Ano Novo entre os dois líderes. Apesar do gesto, inédito na relação entre os dois países, EUA e URSS continuam sem atingir acordos estratégicos importantes.
Cometa Halley	O mundo se prepara para a passagem do cometa. Surgem crenças e superstições em torno do evento.
Minissérie “O retorno de Budulai”	Sucesso da minissérie dirigida por Aleksandr Blank e estrelada por Mikhail Volontir e Klara Lutchko.
XXVII Congresso do PCUS: glasnost e democratização	Trinta anos depois do XX Congresso do PCUS, a direção soviética novamente coloca no centro do debate a abertura política e o aperfeiçoamento do sistema. O termo “glasnost” chega ao exterior sem tradução.
Assassinato de Olof Palme	Fatos e repercussão do atentado contra o líder social-democrata e primeiro-ministro sueco. O assassinato choca o mundo. Um minuto de silêncio no XXVII Congresso do PCUS.
“Moskvitch-2141”	Nova versão do “Moskvitch” da AZLK. O novo modelo vem com uma série de problemas técnicos e de engenharia. É pequeno demais e a fábrica se demonstra de fato incapaz de produzi-lo em série.
Viagens de Gorbachóv pelo país, Raísa Gorbachóva.	Novo giro de Gorbachóv pelo país, desta vez priorizando as médias e pequenas cidades para angariar apoio à glasnost e à perestroika. Raísa Gorbachóva desponta como um fenômeno cultural e social. Inspirada nos modelos ocidentais de primeiras damas, a esposa de Gorbachóv provoca reações distintas na população soviética. Em geral, é bastante admirada pelas mulheres e criticadas pelo público masculino conservador.
Acidente com o ônibus espacial Challenger	Fatos e repercussão do acidente. Maior luto nacional desde o assassinato de John Kennedy. Mais tarde, a comissão de investigação descobriu erros durante o lançamento e uma superexploração da capacidade do ônibus.
Publicam-se livros proibidos	A Revista Moscou publica uma série de obras antes proibidas na URSS. Desta vez a ênfase é dada aos escritores mortos e exilados, como Boris Pasternak, Osip Mandelstam e Anna Akhmátova.
Brighton Beach	Popularização na URSS do bairro novaiorquino que acolhe os chamados “emigrados da terceira onda”, que deixam a URSS em busca de uma vida melhor nos Estados Unidos.
Estação Espacial “Mir”	Inaugurada a Estação Espacial “Mir”, em substituição à antiga

	Estação “Saliut”. A nova estação é maior e possui maior autonomia de voo.
Jogos da Boa Vontade	Em mais uma tentativa de distensionar as relações entre URSS e EUA, realizam-se em Moscou os “Jogos da Boa Vontade”, para os quais são convidados também outros países.
Dmitri Likhatchôv Herói do Trabalho Socialista	O linguista e medievalista Dmitri Likhatchôv, figura frequente em vários programas educativos soviéticos, recebe o prêmio de Herói do Trabalho Socialista, pelos serviços prestados ao país.
Colheitadeira “Don-1500”	Lançado um novo modelo de colheitadeira de grande porte, a “Don-1500”. A produção de colheitadeiras na URSS, apesar de ser a maior do mundo, deixa muito a desejar em termos de qualidade e durabilidade.
Dínamo de Kiev pela segunda vez vencedor da Taça dos Clubes Vencedores de Taças, Seleção de Futebol da URSS na Copa do Mundo, Argentina Campeã do Mundo	Relembra os principais eventos futebolísticos do ano e as principais conquistas do futebol soviético.
Acidente de Tchernobil	Fatos e repercussão do acidente. Vinte e oito pessoas morrem diretamente no controle do incêndio. Calcula-se que 125.000 morreriam nos próximos 10 anos. Em Kiev começa uma evacuação espontânea da população, sem organização governamental. Diz-se que o acidente de Tchernobil foi o primeiro teste sério da glasnost, e no qual ela falhou.
V Congresso da União dos Cinematografistas	O congresso se mostra extremamente crítico ao regime e suas medidas. Os cinematografistas são considerados o setor mais radicalizado da cultura soviética.
Luta contra os ingressos não oriundos do trabalho	O mercado clandestino é oficialmente reconhecido como um problema social e econômico e adotam-se medidas para combatê-lo.
Concurso de música popular “Jurmala 86”	A pequena cidade da Letônia onde ocorre o concurso se torna por um tempo o centro da música popular soviética. Vários novos artistas são revelados.
Acidente com o navio Almirante Nakhímov	Mais de 400 pessoas morrem no acidente. O transporte marítimo e fluvial soviético é considerado de alto risco.
Fundo Soviético de Cultura	O Estado reconhece oficialmente o sucateamento dos aparelhos culturais soviéticos e da cultura em geral. Financiada em parte pelo Estado e em parte pela sociedade civil, o Fundo Soviético de Cultura torna-se uma das organizações sociais de maior prestígio na URSS.
Ataques dos Estados	Com a justificativa de combate ao terrorismo internacional, os

Unidos contra a Líbia	Estados Unidos bombardeiam a Líbia. A URSS reage com moderação, para não prejudicar as relações com os EUA.
Conflitos em Alma-Ata	A nomeação de um russo para a chefia do PC do Cazaquistão gera revolta entre os estudantes da república, que saem às ruas. O governo critica o protesto como uma “manifestação preocupante de nacionalismo”, mas reage com cuidado, limitando-se a uma campanha educativa nas universidades.
Seriado “O Polvo”	Sucesso do seriado policial italiano estrelado por Michele Placido. Chama a atenção a personalidade contraditória do personagem de Placido.
XXVII Congresso do PCUS: “No ano 2000, cada família terá um apartamento”	Calcula-se que a fila por um apartamento na URSS seja de 27.000 famílias. Cerca de 15% da população vive em “komunalkas”. O congresso promete resolver o problema até o ano 2000.
Retorno de Sákharov do exílio	Por decisão direta do governo, o exílio de Andrei Sákharov na cidade de Gorki é cancelado e ele pode voltar a Moscou. Gorbachóv lhe telefona pessoalmente para informar da decisão.
Banda “Modern Talking”	Sucesso da banda alemã. A canção “You are my heart, you are my soul” é cantada como se fosse “Ты мой хлеб, ты моя соль”

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1987	Comentaristas: Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Filme “Arrependimento”	Filmado 3 anos antes e mantido nas prateleiras dos censores, o filme dirigido por Tengiz Abuládze torna-se um símbolo da perestroika, devido ao seu tom crítico e democrático.
Automóveis “Oka” e “Táuria”	Os automóveis de micro-litragem não fazem muito sucesso devido ao tamanho e à potência reduzidos. Na melhor das hipóteses, servem às famílias jovens com filhos pequenos.
Margaret Thatcher em Moscou	Extremamente popular na URSS, a primeira-ministra britânica faz sua primeira viagem ao país. Apesar do clima ameno das atividades realizadas, as negociações são duras e não resultam em nenhum acordo estratégico significativo.
Renomeação das cidades	Primeira onda de renomeações das cidades, onde os nomes tipicamente soviéticos são substituídos pelos antigos nomes históricos.
SP, ITD, cooperação	No marco da perestroika, surgem as Empresas Conjuntas (SP, pela sigla em russo), Atividade Laboral Individual (ITD, na sigla em russo) e as cooperativas. A princípio, não há grande interesse e esses mecanismos capitalistas penetram principalmente a área de alimentação e vestuário, que demandam investimentos menores.
Doutor Hyder em greve de fome	Charles Latif Hyder, astrofísico de certa projeção nos Estados Unidos inicia uma greve de fome em protesto contra a ameaça nuclear representada pelos EUA. A imprensa soviética realiza uma grande cobertura do fato.
Prostituição	Reconhecimento formal da existência da prostituição na URSS e adoção de uma série de medidas para o combate a esse mal.
Revista <i>Ogoniok</i> e jornal <i>Notícias Moscovitas</i>	Sucesso da revista semanal e do jornal diário que se tornaram uma espécie de “tribuna da perestroika”. Ambas publicações possuem inclinação democrática.
Ligatchôv e Iákovlev	O enfrentamento entre os dois membros do Politburo do PCUS Iegor Ligatchôv e Aleksandr Iákovlev torna-se o símbolo do enfrentamento entre as linhas conservadora e democrática no interior do partido. Gorbachôv tenta mediar o conflito e é acusado por ambas as partes de centrismo.
Divisão do MKhAT	Diferenças artísticas e ideológicas levam à divisão do Teatro Artístico de Moscou (MKhAT) em dois teatros diferentes e concorrentes. A relação com a perestroika e a abertura política parece ser um motivador importante da divisão.
Caso do algodão,	Um grande escândalo de corrupção provoca mudanças

Julgamento de Iuri Tchurbánov	importantes na alta cúpula do ramo do algodão no Uzbequistão e o afastamento do genro de Brêjniev, Iuri Tchurbánov, do posto de ministro do Interior.
Eleições dos diretores, autofinanciamento	Nos marcos da glasnost e da perestroika, permite-se a eleição direta dos diretores de uma série de empresas soviéticas. Também passa a ser permitido o autofinanciamento, ou seja, a utilização do lucro das empresas em seu próprio crescimento, independentemente do planejamento estatal.
Morrem Anatoli Papanov e Andrei Mirônov	Com 11 dias de intervalo, a URSS perde dois de seus maiores artistas. Anatoli Papanov morre em decorrência de um infarto e Andrei Mirônov tem um derrame.
Revista “Burda Fashion” em russo	A revista feminina alemã de costura, moda e beleza faz enorme sucesso entre as mulheres soviéticas ao publicar moldes de peças fáceis de costurar em casa.
Procedimento Estatal	Nos marcos da perestroika, cria-se uma nova estrutura estatal responsável pelo controle de qualidade da produção industrial, o “Procedimento Estatal” (Госприёмка). Calcula-se que apenas 9% da produção soviética corresponda aos padrões internacionais de qualidade.
Filmes “O mujique de Arkhangelsk” e “Será que é fácil ser jovem?”	Auge do cinema documental de inclinação democrática. “O mujique de Arkhangelsk” retrata a vida de produtor rural individual rural no norte do país e “Será que é fácil ser jovem?” faz um retrato detalhado da juventude soviética, suas tendências e perspectivas.
“Informais”, “liuberá”	Duas tendências juvenis se enfretam nas ruas: os “informais” (punks, metaleiros etc.) e um movimento juvenil conservador, patriótico e violento surgido na cidade de Liubertsí, na Região Metropolitana de Moscou. Em geral, os “liuberá” perseguiam e espancavam a juventude informal.
“Limittchiki”	Cresce em Moscou o número de trabalhadores oriundos de outras cidades e que são trazidos até a capital pelas empresas para trabalharem. O termo “limittchik” refere-se ao fato de que cada empresa tinha um limite de trabalhadores desse tipo que podia contratar.
“Projeto da Perestroika”, “Antes e depois da meia-noite”, “Visão”	A televisão soviética se renova e surgem programas de debates de tom crítico e democrático.
Sociedade “Pamiat” (“Memória”)	A sociedade “Pamiat” (“Memória”), surgida com o objetivo de preservar monumentos históricos, torna-se um verdadeiro movimento social, de caráter conservador, antisemita, monárquico e cristão ortodoxo. O governo e a imprensa progressista preocupam-se com o seu crescimento.
Aleksandr Rozenbaum	Sucesso do cantor que definia sua música como “cossaca-patriótica”.

Prosa da perestroika	Entra na moda a prosa de denúncia antitotalitária em geral e antistalinista em particular. <i>Os filhos da rua Arbat</i> , de Anatoli Ribakôv torna-se o livro-símbolo do gênero.
Perestroika em moda no Ocidente	Auge da popularidade de Gorbachôv e da perestroika no Ocidente. Algumas expressões do jargão político soviético não são sequer traduzidas, como “novoe michlenie” e outras.
Mathias Rust aterrisou	O avião alemão de 19 anos Mathias Rust atravessa a fronteira soviética em um pequeno avião monomotor e pousa na Colina de Vassíliev, atrás da Praça Vermelha. Por medo de um incidente internacional com Alemanha Ocidental, as autoridades soviéticas decidem liberar o jovem. A Colina de Vassíliev é apelidada de “Cheremêtievo 3” (nome do aeroporto de Moscou).
Telepontes	O avanço da comunicação via satélite e a crescente aproximação com os Estados Unidos permitem à TV soviética utilizar em larga escala as pontes televisivas com emissoras norte-americanas. Os programas que utilizam esse formato gozam de grande popularidade.
Dia de Moscou	Moscou passa a comemorar não apenas as datas redondas, mas os aniversários anuais. O aniversário da cidade é fixado como sendo o primeiro ou segundo sábado de setembro.
Expulsão de Iéltsin do Politburo	Em outubro, durante uma sessão plenária do CC do PCUS, Iéltsin criticou fortemente uma série de dirigentes soviéticos e denunciou o surgimento do culto à personalidade em torno a Gorbachôv. Em função disso, foi expulso do Politburo e nomeado chefe do Comitê Soviético de Construção e Investimento, um cargo menor em comparação com o que ocupava antes.
Brodski vencedor do Prêmio Nobel	Novamente, o Prêmio Nobel de Literatura é dado a um exilado soviético.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1988	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz) e Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Filme “Assa”	Sucesso do drama juvenil dirigido por Serguei Soloviov. Primeiro filme desde “Criançada feliz” (1934) a ter uma trilha sonora completa, que podia ser comercializada independentemente do filme.
Ciências humanas em moda	As ciências humanas, principalmente a história e a economia, tornam-se populares e objeto de intensa discussão social, com artigos em revistas, programas de TV etc.
Conflito em Nagorno-Karabakh	Explosão do conflito, inclusive armado, em Karabakh das Montanhas, no Azerbaijão. A maioria da população, etnicamente armênios, exigem que a pequena zona autônoma passe a ser parte da Armênia. Torna-se o primeiro conflito armado inter-étnico da história da URSS.
Incêndio na Biblioteca da Academia de Ciências	300.000 livros e dezenas de milhares de jornais perdem-se no incêndio. Os bombeiros de Leningrado demonstram total despreparo e apagam o incêndio com espuma comum, o que danifica milhares de outras obras.
Reabilitação de Nikolai Bukhárin	A Comissão de Reabilitação, montada no XXVII Congresso do PCUS, reabilita Bukhárin. Com menor publicidade, Khrushchov também é reabilitado. A figura de Trótski volta a fazer parte dos livros de história.
Nina Andréieva – “Não posso passar por cima dos meus princípios”	Primeira tentativa de contra-ataque ideológico contra a perestroika e a glasnost. Nina Andréieva publica no <i>Rússia Soviética</i> uma longa carta com críticas à política de Gorbachov e da maioria do partido. O jornal assumirá, a partir daí, uma postura conservadora. Gorbachov responde a carta com um artigo no <i>Pravda</i> .
XIX Conferência do PCUS	A conferência é marcada pelo enfrentamento entre Iéltsin e Iegor Ligatchov. Iéltsin pede por sua reabilitação. Ligatchov pronuncia sua famosa frase “Boris, tu estás errado!” (“Борис, ты не прав!”). A população comenta em resposta: “Boris, tu estás certo!” (“Борис, ты прав!”)
Filmes “Pequena Vera” e “Intermenininha”	“Pequena Vera” gera polêmica ao ser o primeiro filme soviético a retratar um ato sexual. “Intermenininha” torna-se um marco ao retratar a vida de uma prostituta.
AIDS na URSS	Morre o primeiro paciente soviético vítima da doença. O Estado começa uma intensa campanha profilática, mas faltam materiais descartáveis em postos de saúde e hospitais. A homossexualidade passa a ser abertamente discutida, mas ainda é cercada de preconceito.

Primeiro concurso de beleza	Promovido pelo Komsomol, o primeiro concurso de beleza da URSS gera grande polêmica e é criticado por fomentar “uma relação burguesa com a mulher”.
Tártaros da Crimeia	Protestos na Ásia Central protagonizados pelos descendentes de tártaros transferidos da Crimeia em 1944. O Estado os reconhece como perseguidos políticos do stalinismo. Alguns começam a retornar para a península.
Olimpíadas de Seul, Seleção Soviética de Futebol é vice no Campeonato Europeu	Relembra a última atuação da URSS em olimpíadas e os ótimos resultados obtidos pelo futebol naquele ano.
Extorção	Início do crime organizado na URSS. Formam-se bandos criminosos que extorquem as cooperativas e empresas mistas. Em várias ocasiões os criminosos são inocentados porque o Código Penal soviético não prevê vários crimes característicos de uma economia mista.
Aniversário de 1000 anos de batismo da Rus	Pela primeira vez na história da URSS, uma efeméride religiosa é comemorada não apenas abertamente, mas em nível oficial. Artistas e personalidades importantes se assumem crentes. Templos são restaurados e devolvidos à Igreja Ortodoxa. Fala-se de um “segundo batismo da Rus”.
Permissão do xerox	Enfraquecimento do controle estatal sobre as fotocópias. A empresa norte-americana Xerox já atuava há algum tempo na URSS, mas qualquer cópia requeria autorização prévia.
Opressão dos recrutas no Exército, Ivan Tchônkin	Sucesso do personagem Ivan Tchônkin, do escritor Vladimir Voinovitch, uma espécie de “Recruta Zero” soviético. O interesse pelo personagem vem paralelo a uma série de denúncias sobre opressão dos recrutas por parte dos veteranos do Exército.
Movimentos nacionais nas repúblicas bálticas	Surgem fortes organizações nacionalistas nas três repúblicas do Báltico, principalmente na Lituânia, onde a ampla maioria da população é lituana. Os movimentos surgem formalmente como de apoio à perestroika, mas adquirem rapidamente traços separatistas.
<i>Nomenklatura</i>	O termo <i>nomenklatura</i> torna-se parte cotidiana do vocabulário soviético. O próprio Estado denuncia a existência de uma camada de funcionários privilegiados e declara sua intenção de diminuir o tamanho e os privilégios do aparato.
Grupo “Maio carinhoso”	Sucesso da banda de adolescentes formada exclusivamente por jovens oriundos de orfanatos soviéticos.
Aposentadoria de Andrei Gromíko	Aposentadoria de um dos mais bem sucedidos funcionários soviéticos. Gromíko dirigiu o Ministério das Relações Exteriores por quase 30 anos e ficou conhecido no meio diplomático internacional como “Mister Niet”. Desde 1985 era presidente do

	Presidium do Soviete Supremo da URSS, ou seja, formalmente, era o chefe de Estado.
A família Ovêchkin sequestra o Tu-154, sequestro do ônibus escolar em Ordjonikídze	Fatos e repercussão de dois dos maiores atos terroristas na história da URSS. O sequestro do Tu-154 pela família Ovêchkin termina com todos os sequestradores e vários reféns mortos. O sequestro do ônibus escolar em Ordjonikídze termina com uma operação policial bem sucedida.
Sotheby's	A famosa casa de leilões francesa passa a atuar na URSS, comprando e vendendo obras de arte, em geral de artistas de vanguarda, exilados e perseguidos pelo regime.
Denúncia do stalinismo	A denúncia dos crimes do stalinismo adquire proporções de massas. Publicam-se livros e artigos, recupera-se a história dos Gulags, produzem-se filmes e documentários. Até mesmo programas infantis aderem à onda de denúncias.
Visita de Reagan a URSS, visita de Gorbachóv aos EUA	A visita de Reagan a URSS é marcada por uma intensa programação cultural e poucas negociações efetivas. A visita de Gorbachóv aos EUA é encerrada antes do previsto devido ao terremoto na Armênia.
Terremoto na Armênia	Um terremoto de 9 pontos na Escala Richter mata instantaneamente cerca de 126.000 pessoas na Armênia. Mais de 20 cidades e vilarejos são afetados. Não há caixões para todos os mortos. A URSS simplifica os procedimentos para que aviões militares de outros países entrem em seu território trazendo ajuda.
Ônibus espacial soviético “Buran” (Nevasca)	O ônibus espacial soviético “Buran” faz sua primeira e última viagem ao Cosmos. Apesar do voo ter sido um sucesso, o projeto nunca foi retomado, devido a questões econômicas.
Rock russo nos estádios	Surgimento e auge das bandas de rock DDT, Nautilus Pompilius, Kino, Akvarium.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1989	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político)
Assuntos	Resumo
Artiom Tarásov	Surge o primeiro milionário da URSS. Fundador de uma cooperativa de venda de aparelhos eletrônicos, Tarásov enfrenta um processo na justiça por enriquecimento, que no entanto termina em absolvição.
Telenovela “Escrava Isaura”	Incrível sucesso da telenovela brasileira. “A escrava Isaura” provoca uma mudança de paradigma na TV soviética: passa-se a mostrar aquilo que faz sucesso entre o público, e não necessariamente entre a crítica especializada.
Sociedade “Memorial”	Tendo enfrentado uma grande resistência no início de sua atuação, a sociedade “Memorial”, voltada para a recuperação da memória dos perseguidos políticos, agora conta com o apoio de Gorbatchóv e a benevolência do Estado. A sociedade promove ações e inaugura monumentos em todo o território soviético.
Acidente com o submarino atômico “Komsomolets”	O submarino atômico “Komsomolets” sofre um incêndio e afunda. Os botes salva-vidas não funcionam bem, e a maioria dos marinheiros morre congelada nas águas do Mar da Noruega.
Retirada das tropas do Afeganistão	Diante de uma derrota de fato, as tropas soviéticas deixam o Afeganistão em fevereiro. Ao retornarem às suas cidades, os veteranos encaram uma espécie de “Síndrome do Afeganistão”, muito similar à “Síndrome do Vietnã”.
Jeans fervidos	Os jeans com aparência de novos saem de moda. Torna-se hábito fervê-los com água sanitária, para que adquiram a aparência de velhos e surrados.
Arquipélago Gulag	A revista literária “Novo Mundo” publica o primeiro capítulo do romance de Aleksandr Soljenítsin <i>Arquipélago Gulag</i> .
Tchumák e Kachpirôvski	Allan Tchumák e Anatoli Kachpirôvski fazem sucesso na TV como telepatas profissionais. Em seu programa, curam, hipnotizam pessoas e realizam cirurgias telepáticas. A comunidade científica se opõe à sua ação, mas nada pode fazer.
Eventos na Praça da Paz Celestial, Gorbatchóv na China	O início das manifestações que levaram ao massacre da Praça da Paz Celestial coincide com a visita de Gorbatchóv à China. Do ponto de vista político e diplomático, a visita é bem sucedida. Após a visita, as manifestações se intensificam e desembocam no famoso massacre.
<i>Versos Satânicos</i>	O escritor indiano naturalizado inglês Salman Rushdie publica seu famoso romance, onde satiriza o profeta Maomé. O Irã o condena à morte à revelia. A comunidade internacional se solidariza com Rushdie. A URSS se mantém afastada da

	controvérsia.
Eventos em Tbilisi, “pás de engenharia”	Manifestação de caráter nacionalista na Geórgia. A polícia se recusa a atuar e o Exército é convocado, reprimindo os manifestantes com golpes de pás de engenharia. Há mortos e feridos. Começa uma onda de demissões nas estruturas estatais e partidárias georgianas.
Talões para o açúcar	O déficit crônico de bens de consumo é reconhecido pelo governo, que começa a talonizar a economia. Mesmo em Moscou, a venda de açúcar e outros artigos básicos é limitada.
Retorno de Chemiákin e Neizvêstni à URSS	Os escultores Mikhail Chemiákin e Ernst Neizvêstni retornam à URSS de seu exílio nos Estados Unidos, com grande agiotagem no mundo das artes em torno de suas figuras. Organizam-se várias exposições de ambos pelo país.
I Congresso de Deputados do Povo da URSS	Mudança radical na estrutura política do país, com o surgimento do Congresso de Deputados do Povo da URSS, um órgão nominalmente superior ao Soviete Supremo. Grande interesse popular pelas eleições e debates do Congresso. A maioria do congresso ainda é fiel a Gorbachóv. Ascensão de Iéltsin.
Greves de mineiros na URSS	Primeira greve do “socialismo desenvolvido”. Cerca de 500 mil operários aderem. Mescla de reivindicações econômicas e políticas no sentido da liberalização da economia.
Conflito no hóquei do TsSKA	Crise entre jogadores e o técnico do TsSKA se transforma em escândalo nacional.
Acidente ferroviário perto de Ufá	Mais de 500 mortos no choque entre dois trens próximo à cidade de Ufá.
Manifestações de rua na URSS	Primeiras manifestações massivas de rua na URSS, principalmente relacionadas a conflitos nacionais nas repúblicas.
Televisão de Leningrado – “600 minutos”, “Quinta roda” e comerciais	Sucesso dos programas “600 minutos”, voltado para o público de massas, e “Quinta roda”, dirigido ao público intelectual. Surge a indústria dos comerciais de TV, praticamente inexistente antes na URSS.
Conceito de “pontos quentes”	Anteriormente, o conceito de “pontos quentes” (regiões de conflito) se aplicava somente a outras regiões do mundo. Agora surgem inúmeros “pontos quentes” na URSS, principalmente relacionados a conflitos nacionais.
Fim do socialismo na Europa Oriental	Rápido colapso dos regimes socialistas na Europa Oriental. Na maioria dos casos são processos pacíficos e ganham o apelido de “revoluções de veludo”. O ponto mais violento ocorre na Romênia, onde o ditador Nicolae Ceaușescu e sua esposa são fuzilados.
Queda do Muro de Berlim	Desde maio ocorre a fuga de alemães orientais para o Ocidente via Bulgária e Tchecoslováquia. No dia 9 de novembro começa a derrubada efetiva do muro. No dia 10 a fronteira é oficialmente

	aberta.
Morte do Acadêmico Sákharov	Choque nacional pela morte do acadêmico Andrei Sákharov de infarto aos 68 anos. O funeral adquire características de manifestação oposicionista.
Encontro entre Gorbachóv e João Paulo II	Primeira encontro entre um líder russo e o chefe da Igreja Católica da história. As relações entre Moscou e o Vaticano são consideradas normalizadas.
Filme “Guardas marinhos, avante!”	Sucesso do filme de aventuras dirigido por Svetlana Drujínina e estrelado por Serguei Jigunov, Dmitri Kharatián e Vladimir Chevelkov. O filme é uma espécie de paródia de “Os três mosqueteiros”.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1990	Comentaristas: Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Stréliani (escritor)
Assuntos	Resumo
McDonald's em Moscou	Inaugurado o 1º fast-food da URSS. É também o maior do mundo, com 900 lugares. Enormes filas formam-se e o restaurante serve entre 30 e 40 mil pessoas por dia.
“Acumulação primitiva de capital”	Aumento do número de ricos no país, principalmente comerciantes ligados ao movimento cooperativista. Ocorre a semi-liberalização da cotação do rublo. Surgem as casas de câmbio.
Nelson Mandela libertado	Depois de passar mais de 27 anos na prisão, Nelson Mandela é libertado. O regime do apartheid começa a desmoronar e cairá antes do final do ano. Mandela é eleito presidente e os candidatos negros recebem a maioria dos votos.
Estações de rádio “Europa Plus” e “Eco de Moscou”	Abertura das primeiras rádios não-estatais, sem qualquer propaganda ideológica e que tocam principalmente música estrangeira. Na maioria dos casos, ainda utilizam a velha infraestrutura soviética de rádios estatais fechadas.
Caso da cooperativa “ANT”	Escândalo em torno à tentativa de venda de tanques de guerra pela cooperativa “ANT”, sob a denominação genérica de “armamento”. O caso chamou a atenção da sociedade para o sucateamento das forças armadas e para a “venda do país em pedaços”.
Patriarca Aleixo II	Primeira escolha de um patriarca em um processo independente do Estado. O liberal progressista Aleksei Ridiger é eleito, tornando-se Aleixo II.
Eventos em Baku	Decretado estado de sítio em Baku, devido a uma série de conflitos nacionais. Manifestações de massas queimam carteirinhas partidárias na rua.
Filme “Não se deve viver assim”	Estreia do documentário abertamente antissoviético “Não se deve viver assim”. Se dissemina o termo pejorativo “sovok” (literalmente, “pá de lixo”) para se referir à União Soviética.
Programa dos 500 dias	Acordado um plano para a transição da Rússia e de toda a URSS para a economia de mercado. Em breve, Gorbatchóv cancelaria o plano, esvaziando seu conteúdo.
Prefeitos Sobtchák e Popóv	Primeira grande vitória das forças oposicionistas. Os democratas Anatoli Sobtchák e Gavril Popóv são eleitos prefeitos de Leningrado e Moscou, respectivamente. Começam mudanças importantes na estrutura da administração pública de ambas cidades.
Movimento “Mitki”	Movimento artístico de Leningrado, de caráter crítico e

	debochado.
Partido Comunista da RSFSR	Fundado o Partido Comunista da República Socialista Federativa Soviética da Rússia, a exemplo do que já ocorria com outras repúblicas nacionais. O PCR, como fica conhecido, é basicamente conservador e antiperestroika.
Reunificação alemã	Ao contrário do que previam vários especialistas, a reunificação se acelera e a Alemanha Oriental é rapidamente incorporada à Alemanha Ocidental. Os democratas cristãos vencem nas primeiras eleições de toda a Alemanha. Ascensão de Helmut Kohl.
Chá turco	O déficit de produtos atinge o chá nacional, que passa a ser vendido somente por talões. A solução encontrada é a importação de chá turco, que logo adquire fama por sua má qualidade.
Gorbachóv – presidente da URSS	Gorbachóv é eleito para o posto recém-criado de “presidente da URSS”. Cada vez mais, evitará o título de “secretário-geral do PCUS”. Apesar da pompa do cargo, segue seu processo de enfraquecimento político interno.
Calça legging	Moda da calça legging, de algodão ou elastano, com ou sem alça nos pés.
Iéltsin – presidente do Soviete Supremo da RSFSR, soberania da RSFSR	Equilíbrio de forças no Soviete Supremo. Por 4 votos de diferença, Iéltsin é eleito seu presidente, contra o candidato de Gorbachóv. Sob sua influência, o Soviete Supremo adota em 12 de julho da Declaração de Soberania da RSFSR.
Morre Viktor Tsoi	No auge de sua fama, o cantor morre em um acidente automobilístico quando voltava de uma pescaria. Sua figura é imediatamente mitificada.
XXVIII Congresso do PCUS: revogação do artigo 6º, abandono em massas do PCUS, pluripartidarismo	O congresso revela a profunda crise do partido. Iéltsin oficializa sua desfiliação durante um de seus discursos. Vários líderes importantes seguem o seu exemplo. Surgem novas plataformas políticas que na prática funcionam como partidos.
Fim da censura, jornal <i>Argumentos e Fatos</i>	Adotada a Nova Lei de Imprensa que põe fim à censura. O jornal <i>Argumentos e Fatos</i> atinge a tiragem de 33 milhões de exemplares, e vai parar no livro Guinness como a publicação periódica mais massivo do mundo.
“Desfile de soberanias”, soberania da Ucrânia	Várias repúblicas começam a discutir suas declarações de soberania. A Ucrânia, até então vista como um centro conservador, adota até mesmo uma moeda paralela ao rublo, o “cupom”.
Assassinato de Aleksandr Men	Repercute fortemente o assassinato do padre ortodoxo Aleksandr Men, considerado o primeiro assassinato encomendado da URSS.

Zviad Gamsakhúrdia	As forças oposicionistas vencem as eleições do Soviete da Geórgia. Comemoração popular em todo o território da república.
Lambada	Moda da dança brasileira “lambada”, em torno da qual transmitem-se programas de TV e organizam-se concursos.
Rebeliões do tabaco	O déficit de bens de consumo chega ao cigarro. Tumultos no interior e em Moscou junto às tabacarias. O problema é parcialmente resolvido com uma importação de emergência.
Gorbachóv ganha o Nobel da Paz	Gorbachóv reforça seu prestígio internacional ao ser agraciado com o Nobel da Paz. Na URSS, a notícia é recebida com frieza e ceticismo. Gorbachóv decide não ir a Oslo e manda um representante receber o prêmio.
Quarta onda emigratória	Cerca de 500 mil pessoas pedem vistos de permanência em distintas embaixadas. A nova onda emigratória adquire características de uma “fuga de cérebros”.
Prisão de Andrei Tchikatílo	Preso o mais famoso e mais sangrento serial killer da URSS, Andrei Tchikatílo. Condenado à morte.
“Sacoleiros”	Dezenas de milhares de sacoleiros trazem mercadorias da Europa Oriental, principalmente roupas da Polônia. Mais tarde a Turquia se consolida como o principal destino dos sacoleiros.
Demissão de Eduard Chevarnádze, ascensão de Ianáiev	Durante o IV Congresso de Deputados do Povo, Eduard Chevarnádze pede demissão do posto de ministro das Relações Exteriores, em protesto contra o que chamou de “preparação da ditadura”. Guennadi Ianáiev, representante da “linha dura”, é eleito vice-presidente da URSS.
“Serviço Televisivo de Notícias” e “Campo das Maravilhas”	Sucesso dos programas “Serviço Televisivo de Notícias” e “Campo das Maravilhas”. O “Serviço Televisivo de Notícias” (TSN) se diferencia por ser o primeiro telejornal puramente informativo, sem qualquer propaganda ideológica. “Campo das Maravilhas” se destaca por seu caráter exclusivamente de entretenimento.

FICHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA “NAMIÉDNI”

Ano: 1991	Comentaristas: Tatiana Drubitch (atriz), Iegor Gaidar (economista), Serguei Karagánov (cientista político), Anatoli Strêliani (escritor)
Assuntos	Resumo
Eventos no Báltico	Dois fins de semana seguidos de violência na Lituânia e Letônia, depois de uma tentativa de golpe de Estado contra o poder central. 14 mortos. Moscou nega que tenha orientado as forças de defesa no caso.
Endurecimento da glasnost – fechamento de “Visão” e “Serviço Televisivo de Notícias”	O regime político começa a dar sinais de que pode endurecer. Surgem patrulhas armadas em Moscou. Uma série de rádios e TV's sofrem pressão política e ideológica para apoiar o poder central.
Primeiro-ministro Pávlov, troca das notas antigas	Valetin Pávlov assume o cargo de primeiro-ministro e anuncia a troca imediata das notas bancárias em circulação. Filas desesperadas junto aos bancos. Ao mesmo tempo, ocorre o aumento dos preços e são impostos limites aos saques bancários.
Barbie	Chegada da boneca norte-americana à URSS. Impressionam suas proporções inumanas. Apesar disso, a boneca é muito apreciada entre as meninas soviéticas.
Operação “Tempestade no Deserto”	Repercussão da invasão do Kuwait pelo Iraque. A Guerra do Golfo torna-se a primeira guerra transmitida ao vivo pela televisão. Destaque para o trabalho da CNN ao longo da operação.
Mercedes S-600	O modelo faz enorme sucesso entre os ricos da URSS, sendo um importante indicador de prestígio.
Fim da distribuição dos formados no ensino superior	Fim da obrigatoriedade do trabalho e do sistema de distribuição dos formados no ensino superior. A partir de agora “não mais o trabalho procura a pessoa, e sim a pessoa procura o trabalho”. A estatística oficial já contabiliza 10 milhões de pessoas não ocupadas. Apenas uma parte é reconhecida oficialmente como desempregados. Surgimento de vagas pagas em institutos e universidades.
Ajuda humanitária à URSS	A Alemanha envia ajuda humanitária à URSS, principalmente conservas. O fato é encarado com vergonha e desilusão, e aproveitado como peça de propaganda antissoviética no exterior.
Encontrados os restos mortais de Serafim de Sarov	Encontrados os restos mortais de São Serafim, o segundo santo mais popular da Rússia, em um mosteiro em Leningrado. O caso gera ainda mais comoção porque uma profecia previra o acontecimento.
Assassinato de Rajiv	Comoção pelo assassinato do primeiro-ministro da Índia Rajiv

Gandhi	Gandhi, filho mais velho de Indira Gandhi. Raísa e Mikhail Gorbatchóv enviam telegrama de condolências.
Referendo sobre preservação da URSS	a O governo realiza um referendo em toda a URSS para decidir o futuro da União. A votação é boicotada por uma parte significativa das repúblicas. Ao final, cerca de 76% dos votantes responde “sim” à pergunta: “Você considera necessária a manutenção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na forma de uma federação renovada de repúblicas soberanas e igualitárias, onde serão garantidas integralmente as liberdades e os direitos dos cidadãos de qualquer nacionalidade?”
Espetáculos de Roman Viktiuk	Sucesso do dramaturgo Roman Viktiuk e sua montagem de “Madame Butterfly”.
Divisão da Iugoslávia	Divisão do país e início dos conflitos étnicos entre as antigas repúblicas.
Televisão Russa	Novo canal de TV voltado não para toda a União Soviética, e sim apenas para a Rússia. Enorme sucesso. A Televisão Russa é abertamente pró-Iéltsin e ocupa o vácuo deixado pelo fechamento do “Serviço Televisivo de Notícias”.
Visita de Gorbatchóv ao Japão	Primeira visita de um líder russo ao Japão. As tentativas de se chegar a um acordo sobre as ilhas da Sacalina do Sul, em disputa entre Rússia e Japão, fracassam.
Dissolução do Pacto de Varsóvia e do Conselho para Assistência Econômica Mútua	Dissolvidos o Pacto de Varsóvia e o Conselho para Assistência Econômica Mútua, que estabelecia as condições de cooperação econômica entre os países do bloco socialista. A URSS nutre esperanças de que a OTAN não se expanda.
Iéltsin – presidente da RSFSR	Iéltsin vence em primeiro turno as eleições para presidente da República Socialista Federativa Soviética da Rússia, com 57,3% dos votos válidos. Aumenta a tensão entre o governo central e o governo russo.
Caminhões “KamAZ” no rali Paris-Dacar	Caminhões especialmente produzidos para a ocasião pela Fábrica Automobilística do Kam (KamAZ) obtêm ótimo resultado no rali Paris-Dacar.
Golpe de Agosto	Tentativa fracassada de golpe. Gorbatchóv isolado na Crimeia. A maior parte das tropas se demonstra fiel a Iéltsin e se recusa a realizar qualquer ação. Após o fracasso do golpe, a estátua de Dzerjinski na Praça Lubianka é derrubada pela multidão. Gorbatchóv encerra sua entrevista coletiva com uma frase inesperada: “De qualquer forma, eu não lhes disse tudo e não lhes direi tudo”.
São Petersburgo ao invés de Leningrado	Começa um amplo processo de restabelecimento de nomes históricos de cidades, ruas e praças.
Escuta na Embaixada dos EUA em Moscou	Com a aprovação de Gorbatchóv, o diretor da KGB Vadim Bakatin entrega aos norte-americanos o esquema de grampos

	soviéticos colocados na Embaixada dos EUA em Moscou. O gesto é considerado por muitos como alta traição, mas não resulta em nenhuma perseguição legal contra Bakatin.
Assassinato de Igor Talkov	Repercussão do assassinato do cantor Igor Talkov durante um show em São Petersburgo.
Djokhar Dudáiev – dirigente da Tchetchênia	Primeiro conflito nacional dentro do território russo. O chefe da República da Tchetchênia Djokhar Dudáiev dissolve o Soviete Republicano e decreta a soberania da república em relação à Rússia.
Spray de pimenta	Legalização das armas não-letais destinadas à defesa pessoal. Entre elas, os sprays químicos de distintas fórmulas gozam de ampla popularidade, principalmente entre as mulheres. Apesar da propaganda, na maioria dos casos, o spray se revela inócuo.
Proibição do PCUS	Iéltsin proíbe a atividade do PCUS em território russo. Começa a expropriação dos bens do partido e a busca por seus fundos.
Gaidar e seu time	O economista Iegor Gaidar assume o comando da economia russa. Começa a “terapia de choque”, uma série de reformas liberalizantes radicais, cujo objetivo é uma rápida transição à economia de mercado.
Acordo de Bielovieja, criação da CEI	Os presidentes da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia se reúnem na floresta de Bielovieja, na Bielorrússia, para acordar suas ações relativas ao Novo Acordo da União, proposto por Gorbachóv. Como resultado do encontro, as três repúblicas deixam a URSS e formam a Comunidade de Estados Independentes.
Derrubada de Zviad Gamsakhúrdia	Crise política na Geórgia termina com a deposição do presidente opositor Zviad Gamsakhúrdia.
Dissolução da URSS, saída de Gorbachóv	No dia 25 de dezembro Gorbachóv assina um decreto em que extingue a URSS. Iéltsin, que já possui todo o poder no país, passa a ocupar o Krémelin.
Restabelecimento das relações diplomáticas com Israel	Mudança na política externa da nova Rússia. São restabelecidas as relações diplomáticas com Israel e as correspondentes embaixadas são abertas em Moscou e Tel Aviv.
Pugatchôva e Iankôvski – últimos Artistas Populares da URSS	Em um de seus últimos decretos como presidente, Gorbachóv concede à cantora Alla Pugatchôva e ao ator Oleg Iankôvski o título de Artistas Populares da URSS, a condecoração mais importante da cultura.